ARTUR VASCONCELLOS ARAUJO

*Weblog e jornalismo:
os casos de No Mínimo Weblog e
Observatório da Imprensa (Bloi)*

Dissertação de mestrado

São Paulo

2006

ARTUR VASCONCELLOS ARAUJO

*Weblog e jornalismo:
os casos de No Mínimo Weblog e
Observatório da Imprensa (Bloi)*

*Dissertação apresentada à
Escola de Comunicações e Artes
da Universidade de São Paulo
para obter o título de Mestre,
em Ciências da Comunicação.
Área de concentração: Jornalismo.
Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Nobrega.*

São Paulo

2006

Autorizo

☐ divulgação do texto completo em bases de dados especializadas

☐ reprodução total ou parcial, por processos fotocopiadores,

exclusivamente para fins

acadêmicos e científicos.

Assinatura:

Data:

TERMOS DE APROVAÇÃO

Nome do Autor: Artur Vasconcellos Araujo

Título da Dissertação: “*Weblog e jornalismo: os casos de No Mínimo Weblog e Observatório da Imprensa (Bloi)*”

Presidente da Banca: Profa. Dra. Maria do Socorro Nobrega

Banca Examinadora:

Prof(a). Dr (a). _____ Instituição: _____

Prof(a). Dr (a). _____ Instituição: _____

Aprovada em:

_____/_____/_____

*Poema**O grilo procura**no escuro**o mais puro diamante perdido.**O grilo**com as suas frágeis britadeiras de vidro**perfura**as implacáveis solidões noturnas.**E se o que tanto buscas só existe**em tua límpida loucura**—que importa?—**isso**exatamente isso**É o teu diamante mais puro!**Mário Quintana*

Dedico este trabalho:

*a minha mãe, Ilka Alves de Vasconcellos; a meu pai, Nansen Araujo (in
memorian); a minha esposa, Maria das Graças Vicente de Freitas Araujo e
a meus filhos: Anita de Freitas Araujo e Heitor de Freitas Araujo.*

Agradecimentos

Bertold Brecht no poema, *Perguntas de um trabalhador que lê*, enfatiza o valor social das proezas históricas. Alexandre, César e Frederico II: a magnitude desses homens foi, como nos lembra o literato alemão, fruto do esforço, do envolvimento e do desvelo de muitos. Nenhuma obra humana é, sob qualquer aspecto, singular: nela escondem-se o suor, a solidariedade e o afeto de uma legião de nomes que, em maior ou menor intensidade, ajudaram a tornar possível tal ou qual empreitada. Esse trabalho é, do mesmo modo, resultado de uma soma de apoios sem os quais nada disso teria sido possível. Esta seção é, portanto, uma singela homenagem a todos aqueles que me ajudaram nessa jornada acadêmica. Gostaria, portanto, de agradecer...

A minha orientadora, Maria do Socorro Nóbrega, pelo rigor que me ensinaste e pelo estímulo que me deste para desenvolver essa dissertação.

A Nelson Homem de Mello, Marcelo Pereira e a Luis Cesar de Souza Pinto, meus chefes na Rede Anhangüera de Comunicação (RAC), pelo incentivo que me deram nos estudos.

A Rui Motta, colega de redação, por sua preciosa compreensão e apoio durante o processo seletivo do mestrado, que levou-me de volta ao ambiente acadêmico.

A Ilka, Anita, Heitor e Graça, pelo amor e infinita paciência durante os dias e noites de dedicação a essa pesquisa.

A Beatriz Marchesini, Mônica Martins, Márcia Marcon e Ademar Lopes Júnior, pela preciosa ajuda no árduo trabalho de revisão.

A Elisabeta Santoro, pelo inestimável apoio com o idioma alemão.

Aos professores doutores Gilberto Martins, Norma Discini, Beth Saad, Jeanne Marie e Rosana de Lima, pelo carinho e compreensão que tiveram com esse simples aprendiz de pesquisador.

A Paulo Henrique Ferreira, Jorge Arbach, Sergio Correa Vaz e Regina Azevedo, colegas de pós-graduação, pela troca de idéias e de experiências.

A Orlando Nazari Júnior, amigo e cunhado, e Ricardo Meireles pela atenção que dispensaram lendo e discutindo comigo o trabalho.

A Paulo Cesar Bontempi, pelas preciosas informações e dicas que mais de uma vez me auxiliaram na ECA/USP.

A Denise Schittine, Rosa Meire Carvalho de Oliveira, Fabiana Komesu e Jan Aline Barbosa, pelo pioneirismo na pesquisa do weblog no Brasil.

Aos colegas do *Cosmo On Line*, Adauto Molck, Carla Martella, Marcelo Andriotti, Eduardo Gregori, Paula Vialto e todos os demais da equipe, pela ajuda durante todos esses meses.

A todos parentes, alunos, amigos e colegas da Rede Anhangüera de Comunicação e da PUC-Campinas, pelo incentivo, direto ou indireto, que proporcionaram durante esses longos meses de estudo e reflexão.

ARAUJO, Artur Vasconcellos. “*Weblog e jornalismo: os casos de No Mínimo Weblog e Observatório da Imprensa (Bloi)*”. São Paulo, 2006. 900 p. 2v. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

RESUMO:

Esta dissertação de mestrado é uma pesquisa sobre o *weblog* e a forma com que empresas jornalísticas utilizam-no. Empreendemos um exame histórico e etimológico para conhecer esse conceito de página de hipertexto, assim como procuramos encontrar convergências entre as duas formas. Nesse sentido buscamos, no teor polissêmico do *blog*, as acepções confluentes, constatando o uso mais freqüente como coluna, principalmente na forma de digesto. Em seguida observamos, nos exemplos disponíveis da imprensa brasileira, aqueles títulos que avaliassem, por meio da crítica de mídia, o sentido e a ação do fazer jornalístico, optando pelo exame detalhado dos enunciados de duas publicações: o *Blog do Observatório da Imprensa (Bloi)* e o *No Mínimo Weblog*, empreendendo tanto uma avaliação quantitativa da produção, disponível no Anexo A, quanto uma investigação hermenêutica por meio da Análise do Discurso. Para familiarizar aqueles que desconhecem os conceitos dessa disciplina, foi incluído um glossário. Na apuração dos resultados concluímos que as publicações, ao escolher o jornalismo como protagonista de suas narrativas, valorizam a atividade e remetem, na tessitura argumentativa, à tradição do fazer jornalístico.

Palavras-chave: *Weblog*; jornalismo *on-line*; mediação; análise do discurso e Crítica de mídia.

ARAUJO, Artur Vasconcellos. “*Weblog* and journalism: the cases of *No Mínimo Weblog* and *Observatório da Imprensa (Bloi)*”. São Paulo, 2006. 164 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

ABSTRACT:

The Master's degree dissertation is a research about weblog and the way the journalistic firms use it. In the first part, we did an historical and etymological examination to understand this concept of hypertext page, as well as we look for convergences between the two forms. For that purpose we search, in the blog's lexical ambiguity meanings, the confluent definitions, discovering the most usual way as a column, particularly in the form of digest. After that we watch, in the Brazilian' press available samples, those that evaluate, as a kind of media criticism, the meaning and the action of journalistic procedures, choosing by the detailed examination of two cases: the *Blog do Observatório da Imprensa (Bloi)* and the *No Mínimo Weblog*, examining quantitatively the production, available in the Annex A, as well as qualitatively, by hermeneutics and the Discourse Analysis. To make familiar those that are unaware of the concepts of this methodology, was enclosed a glossary. In the verification of the results, we conclude that the publications, choosing the journalism as protagonist of its narratives, value the activity and sends, by the argumentative texture, to the tradition of journalistic praxis.

Keywords: *Weblog*; on-line journalism; mediation; discourse analysis and *media criticism*.

Sumário

	Página
Introdução	18
1. Jornalismo e ciberespaço: o <i>blog</i>	27
1.1 Uma forma trivial	27
1.2 Jornalismo	28
1.3 O termo <i>blog</i>	31
1.4 O <i>weblog</i> e seus avatares	32
1.5 O <i>blog</i> jornalístico	44
1.6 Jornalismo, <i>blog</i> e mediação	58
1.7 Uma relação paradoxal	73
2. Fundamentos teóricos	79
2.1 As coerções ordenadoras da linguagem	79
2.2 A Análise do Discurso	80
2.3 A enunciação	82
2.4 Identificação de padrões	90
3. <i>No Mínimo Weblog</i> : “a verdade está na Internet”	92
3.1. Apresentação, descrição e interpretação da seção	92
3.2 Principais observações sobre o <i>No Mínimo Weblog</i>	153
4. <i>Blog do Observatório da Imprensa (Bloi)</i> : “a imprensa não sabe e não quer saber”	162
4.1. Apresentação, descrição e interpretação da seção	162
4.2 Principais observações sobre o <i>Bloi</i>	221
5. Conclusões	225
6. Bibliografia	234
7. Glossário	242
8. Apêndice A: dados quantitativos do material	252
9. Anexo A: textos de <i>No Mínimo Weblog</i>	259
10. Anexo B: textos do <i>Blog do Observatório da Imprensa (Bloi)</i>	527

Lista de figuras

	Página
1. Página do CERN de 1992 (circa)	35
2. Página do <i>site links from the underground</i> , em 21 de dezembro de 1996	37
3. Página do <i>site Blue Bus</i> de julho de 1997	38
4. O <i>site Robot Wisdom Weblog</i>	40
5. Página de <i>blogs</i> de <i>O Globo on-line</i>	53
6. A seção <i>Latest News in Brief</i> , do <i>Christian Science Monitor</i>	55
7. A coluna <i>No Mínimo Weblog</i>	95
8. O <i>Blog do Observatório da Imprensa</i>	164

Lista de tabelas

	Página
1. Quadrado semiótico do enunciatário proposto por Courtés	88
2. Produção mensal dos dois <i>blogs</i> por número de caracteres em 2003	253
3. Produção mensal dos dois <i>blogs</i> por número de notícias em 2003	254
4. Produção de notícias dos <i>blogs</i> por número de caracteres em 2003	255
5. Volume de notícias publicadas pelos dois <i>blogs</i> em 2003	256
6. Média de caracteres por notícia dos dois <i>blogs</i> em 2003	257
7. Gráfico da média de caracteres por notícia do <i>No Mínimo Weblog</i> em 2003	257
8. Gráfico da média de caracteres por notícia do <i>Bloi</i> em 2003	258

Introdução

Esta pesquisa, iniciada formalmente em março de 2003, é fruto de uma perplexidade. Duas palavras surgiam entre os anos de 1997 e 1998 e, com os neologismos, uma controvérsia ganhou corpo. Os termos eram *weblog* e *blog*, que ocuparam pouco a pouco espaço nas discussões acadêmicas e jornalísticas, além de conquistar popularidade entre os internautas. São vocábulos que se equivalem, mas que remetem a múltiplos sentidos e suscitam interpretações díspares sobre o impacto desse conceito de página de hipertexto no ambiente digital e, mesmo, no microcosmo midiático.

Adotando uma postura bem sucinta, poder-se-ia dizer que a inovação desencadeou de ojeriza a entusiasmo. Para críticos como John C. Dvorak¹, o *weblog* nada mais é do que uma câmara de eco de banalidades, um frêmito cacofônico na contramão daquele rumor da língua que Barthes identificou numa abafada sinfonia de vozes chinesas em um filme de Antonioni. Já para entusiastas como Brad L. Graham (BLOOD, 2002a, p. 34-40), estamos diante de um cavalo-de-tróia, capaz de invadir a cidadela do poder e subvertê-la, tornando-a mais justa. Entre essas duas extremidades, um conjunto de opiniões menos exaltadas ajuda a abrandar o debate e moderar o tom das interpretações.

¹ Uma lista de artigos desse autor pode ser acessada no *site* da revista norte-americana *PC Magazine*, disponível em [<http://www.pcmag.com/dvorak>], acessado em 16 de janeiro de 2006.

A discussão sobre o potencial dos *blogs* terminou por chegar à seara da imprensa e, embalada nas aporias e singularidades da profissão, adquiriu novos matizes, apesar de não perder de todo o tom e a direção do debate original. Sob esse enfoque, a polêmica seguiu dois caminhos distintos. O primeiro, alimentado pelos céticos, discute se o *weblog* tem condição ou não de ser jornalístico. Dentre eles, inclui-se a pesquisadora Rebecca Blood (2002a, 2002b), que rejeita a possibilidade de essa manifestação na Internet poder, sob alguma hipótese, ser uma atividade de imprensa. Como contraponto, há Dan Gillmor (in: BOWMAN e WILLIS, 2004), que produz um *blog*² na versão *on-line* do *The San Jose Mercury News*.

A segunda celeuma nessa área pressupõe a aceitação de que é possível usar o blog nas redações, mas especula se ocorre alguma modificação quando se adota esse conceito de página de hipertexto, como cogita J. D. Lasica (BLOOD, 2002a, p. 163-170). Em outros termos, a pergunta é se estamos ou não diante de um cavalo-de-tróia.

Acompanhando as discussões, instigado pela originalidade do tema, animado pela perplexidade diante de visões tão díspares, a querela *ateou* em mim a curiosidade. Forneceu também o ânimo e a inspiração para toda a jornada que se seguiu e que chega a outro patamar com o término desta dissertação. Foram meses de trabalho intelectual árduo, que trouxeram hesitações, alegrias, reflexões e alguns achados.

² Disponível em <http://weblog.siliconvalley.com/column/dangillmor/>.

Estamos ainda diante de um mundo de dados a desbravar. Pouquíssimos livros e estudos foram produzidos sobre os *weblogs*. A discussão está apenas começando, e até por isso há ainda um número de obras bastante modesto a respeito.

A florescente relevância do *blog*, que pode ser presumida tanto pelo crescimento contínuo do número de páginas no Brasil e no mundo, quanto pela progressiva importância que os meios de comunicação têm lhe dedicado, torna o objeto de estudo mais vivo e atraente.

Delimitação do corpus

Um grande desafio para esta pesquisa girou em torno da definição do *corpus*. A idéia foi buscar experiências com *blogs* feitas por profissionais no Brasil e que, de um modo ou de outro, se aproximassem do estilo das redações ou, mesmo, que pudessem ser definidas como de imprensa. Sob esses parâmetros, sete hipóteses estavam disponíveis na ocasião. Havia o *Blue Bus*³, o *InternETC*⁴, o *Gazeta sem notícias*⁵, o *Blig do US*⁶, a seção *Código Fonte* do UOL⁷, a seção *No Mínimo Weblog*⁸ e, por fim o *Blog do Observatório da Imprensa (Bloi)*⁹.

³ Disponível em [<http://www.bluebus.com.br/>]. C.f. p. 38 (n. 30) e p. 56.

⁴ Disponível em [<http://cora.blogspot.com/>].

⁵ Disponível em [<http://gazeta.blogspot.com/>].

⁶ Disponível em [<http://bligus.blig.ig.com.br/>].

⁷ Disponível em [http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/codigo_fonte.shtml].

⁸ Disponível em [<http://nominimo.ibest.com.br/notitia2/newstorm.notitia.presentation.NavigationServlet?publicationCode=1&pageCode=33>].

⁹ Disponível em [<http://observatoriodaimprensa.blig.ig.com.br/>].

A qualidade da produção de *No Mínimo Weblog* e do *Bloi* e o fato de ambas refletirem sobre o fazer jornalístico atraíram o foco da pesquisa. Essas características, aliadas à freqüente atualização das páginas e pela correspondência com a definição mais usual da palavra *blog*, influenciaram fortemente a escolha como objeto de reflexão. Ambas não só contemplam o estilo da imprensa mas adotam a crítica de mídia: esses traços pertinentes terminaram por suscitar, no decorrer deste trabalho, a investigação, no *corpus*, da idéia de *práxis* que esses títulos tinham. A escolha também recaiu sobre ambos por causa da receptividade que conquistaram no meio jornalístico.

A preferência pelos dois títulos foi reforçada por outra peculiaridade, que consiste no fato de que eles estão entre os precursores do emprego da forma no Brasil. Tal pioneirismo ajuda a compreender como foram estabelecidas as conexões iniciais entre a atividade e esse conceito de página de hipertexto.

Objetivos

Esta investigação procurou, a seguir, fixar objetivos. Nesse contexto, buscou-se definir primeiro os significados das palavras *weblog* e *blog*, algo aparentemente fácil, mas que não se mostrou tão simples ao consultar a bibliografia.

A controvérsia sobre a publicação na Internet motivou a seguinte questão desta pesquisa: o *blog* pode ser jornalístico? A investigação partiu do

pressuposto afirmativo. O problema fulcral era compreender como um ofício, que remonta ao século XVI, assimilou uma das mais recentes manifestações midiáticas. Como toda uma herança de procedimentos e de costumes centenários metamorfoseou-se diante do *blog*? Haveria aí uma perda de identidade? O blog seria um “corpo estranho”? Essas foram outras questões desta dissertação. O que procuramos identificar nesse material foi primeiro as características em comum do *weblog* com o jornalismo.

A segunda etapa desse trabalho refere-se propriamente aos enunciados: qual o sentido desses discursos? Que idéias eles projetam para a atividade? De que modo a atividade jornalística era pensada neles?

Metodologia

Observou-se, nesta dissertação, o compromisso heideggeriano do *wiederholung*¹⁰, do diálogo com as aporias históricas da atividade da imprensa e a revisão de achados. Assim, a pesquisa fundamentou seu *constructo* na obra do teórico alemão Otto Groth (1928), em seu denso e clássico tratado *Die Zeitung*¹¹. As contribuições do norte-americano Hebert Gans (2004), que refletiu sobre o *modus operandi* da profissão e, por extensão, sobre o *modus essendi*, foram também assimiladas para compreender melhor a natureza do fazer jornalístico. A pesquisa também recorreu às definições de Roger Fowler (1994) sobre a mercantilização do

¹⁰ *Wiederholung* significa tanto repetição quanto resgate em alemão. Na obra heideggeriana, significa retomar uma questão e retrabalhá-la em face de contingências contemporâneas.

¹¹ “O jornal”, em alemão.

público, à análise de Louis Quéré (1982) sobre o poder mediador exercido pelos jornais na sociedade contemporânea, assim como a perspectiva de Eliseo Veron (1991) sobre a reformulação desse papel no âmbito da pós-modernidade.

Da produção teórica sobre blog disponível no mundo, foram utilizados nesta investigação os dois livros de Rebecca Blood (2002a e 2002b), a obra de Elisabete Barbosa e António Granado (2004), o livro de Bausch, Haughey e Hourihan (2002), além dos *papers* de Jörg Kantel (2003), Dave Winer (2003), Francis Pisani (2003) e Fernando Zamith (2004), e da dissertação de mestrado de Denise Schittine (2002). As duas obras de Rebecca Blood (2002a e 2002b), ao reunir as reflexões da autora e o depoimento de entusiastas do *weblog*, ajudou a consolidar o conhecimento sobre o assunto. Já o livro de Elisabete Barbosa e António Granado foi interessante por também abordar o problema da imprensa e desse conceito de página de hipertexto. O livro de Bausch, Haughey e Hourihan (2002) foi útil por fornecer dados tecnológicos e históricos sobre o objeto. Já o texto de Jörg Kantel (2003) ajudou a entender o princípio da usabilidade e da participatividade do *weblog*. O texto de Dave Winer (2003), por sua vez, elucidou particularidades das primeiras manifestações do formato. A obra de Francis Pisani (2003) serviu principalmente para entender um pouco mais alguns dos sentidos dessas duas palavras. Já o artigo de Fernando Zamith (2004) explicou as interseções entre *weblog* e jornalismo. Por fim, a pesquisa de Denise Schittine (2002), que primeiro trabalhou a relação entre jornalismo e *blog*, mas sobre outro viés, como *hobby*, contribuiu para as

primeiras reflexões sobre o uso do *blog* por profissionais de imprensa brasileiros.

Com base nesses fundamentos, a investigação deparou-se com o desafio metodológico e, nesse sentido, encontrou na Análise do Discurso (AD) o instrumento mais adequado para examinar o material. Como a pesquisa priorizou identificar, na crítica de mídia feita pelos dois títulos, que princípios eram invocados para avaliar os procedimentos da profissão, a hermenêutica mostrou-se o caminho mais apropriado para lidar com o objeto e a problematização.

Uma extensa relação de obras, com destaque para Greimas, Courtés, Maingueneau, Bakhtin, Todorov e Propp, ajudou a pavimentar o caminho para compreender semanticamente o *corpus* e enfrentar os desafios com os quais a pesquisa se deparou. De todos os teóricos, Greimas e Courtés foram as referências mais constantes da pesquisa, com as preciosas contribuições do quadrado semiótico, a teoria sobre o processo de adoção de crenças, a emoção como efeito de sentido e o programa narrativo. De Maingueneau, a dissertação aproveitou tópicos da Teoria da Enunciação, o *ethos*, os conectores argumentativos, as faces negativa e positiva e a aspectualização. De Bakhtin, a pesquisa lançou mão do dialogismo, da idéia de dessacralização e do papel da ironia no texto. De Todorov, usou-se a teoria da narrativa de encaixe, uma interessante conexão com o princípio remissivo do *link* e, na obra conjunta com Ducrot, fundamentos da AD, com destaque para o da situação do discurso e o dos atos de linguagem. Por fim, em Propp, a pesquisa privilegiou os estudos sobre o humor, que

ajudaram a compreender efeitos de sentido importantes no material pesquisado.

Estrutura da obra

No primeiro capítulo, apresenta-se um *constructo* de *jornal*. A seguir são traçadas as várias definições de *weblog*, assim como uma análise etimológica e um breve histórico do termo. Mostra-se, como desdobramento da popularização desse conceito de página de hipertexto, quais os principais pontos de vista sobre o potencial de uso na imprensa. Por fim, reflete-se sobre o papel mediador do jornalismo e a crise dessa função no contexto pós-moderno.

No segundo capítulo, são apresentados os principais conceitos da escola francesa da Análise do Discurso, que privilegia a hermenêutica e adota como fundamento a Teoria da Enunciação. Em seguida são expostos os principais conceitos empregados na pesquisa.

No terceiro capítulo, a seção de Pedro Doria é estudada com base em notícias produzidas no decorrer de 2003, priorizando aquelas que discutem o jornalismo.

No quarto capítulo, investiga-se o *Blog do Observatório da Imprensa* e o mesmo recorte de tempo é adotado.

A conclusão no quinto capítulo consolida os achados da investigação.

O esforço investigativo visou saciar dúvidas. As questões exploradas sensibilizam todos aqueles que estão envolvidos na pesquisa e no exercício do jornalismo, especialmente na Internet.

1. Jornalismo e ciberespaço: o *blog*

Apresentamos neste capítulo um *constructo* de *jornal*. A seguir, traçamos as várias definições de *weblog*, assim como uma análise etimológica e um breve histórico do termo. Mostramos, como desdobramento da popularização desse conceito de página de hipertexto, quais os principais pontos de vista sobre o potencial de uso na imprensa e exemplificamos com casos. Por fim, refletimos sobre o papel mediador do jornalismo e a crise dessa função no contexto pós-moderno, destacando a relação paradoxal entre as duas atividades.

1.1. Uma forma trivial

Surgidos com a criação da *World Wide Web*¹², em 1992, e disseminados intensivamente na Internet, os *weblogs*, ou *blogs*, são hoje triviais no ciberespaço. Trata-se de um conceito de página de hipertexto¹³ na internet que tem atraído profissionais de imprensa que o utilizam basicamente de dois modos: diário público – uma forma de exercitar o estilo fora do

¹² *World Wide Web*, que significa “teia de alcance mundial”, é um sistema de troca de informações na internet por meio de uma interface gráfica fundamentada na codificação HTML (Hypertext Markup Language / Linguagem de Marcação de Hipertexto) (RABAÇA e BARBOSA, 2002, p. 770; e CASTELLS, 2003, p. 88).

¹³ Hipertexto significa, nesta dissertação, um método eletrônico de apresentação de documentos em que textos, imagens, sons e comandos no ambiente digital estão unidos mediante uma rede remissiva de associações. É o caso das páginas produzidas na codificação HTML na internet. O Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2001) considera também hipertexto a “apresentação de informações escritas, organizada de tal maneira que o leitor tem liberdade de escolher vários caminhos, a partir de seqüências associativas possíveis entre blocos vinculados por remissões, sem estar preso a um encadeamento linear único”.

ambiente de trabalho – e um tipo de coluna produzida profissionalmente nas empresas jornalísticas.

Quanto ao primeiro tipo¹⁴, trata-se de profissionais que fazem desse conceito de página de hipertexto um espaço no qual são relatados cronologicamente fatos ou acontecimentos do dia-a-dia no qual se registram opiniões, impressões, confissões, meditações, esboços de textos e/ou comentam-se os mais variados assuntos, ou ainda onde se transcrevem textos alheios.

Há também as empresas do meio que, aproveitando o ciberespaço, apropriam-se do conceito geralmente à maneira de uma coluna *on-line*, ou seja, uma seção de ciberjornal¹⁵, muitas vezes assinada por um jornalista, produzida sob um estilo caracterizado freqüentemente como mais informal que o do restante da publicação.

1.2. Jornalismo

As definições de jornalismo caracterizam-se pela polissemia e a dissertação optou por uma seleção de conceitos para traçar um próprio, a ser explorado. O que seria jornalismo? Trata-se de um discurso cuja principal característica é o ato de “fazer-saber” e, por extensão, o de apresentar-se sob o modo de verdade¹⁶. Tal definição, porém, é tão elementar que abrange um grupo

¹⁴ O objeto já foi analisado em uma dissertação de mestrado na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (SCHITTINE, 2002).

¹⁵ Ciberjornal, no contexto dessa pesquisa, significa um jornal produzido na Internet.

¹⁶ C.f. glossário, p. 251.

extremamente extenso de discursos e não contribui para esclarecer a questão.

A pesquisa optou, neste contexto, pelas definições de jornalismo cunhadas pelo teórico alemão Otto Groth (1928). O autor de *Die Zeitung* definia como jornal um produto caracterizado por seis traços pertinentes: a periodicidade (*Periodisches Erscheinen*), a aparição pública (*öffentliche Erscheinen*) – ou seja, o produto precisa estar acessível a todos ou ao maior número possível de pessoas de uma determinada comunidade –, a diversidade de conteúdo (*Mannigfaltigkeit*) – ou seja, trata-se de um *corpus* discursivo que apresenta o maior número possível de assuntos –, o interesse geral (*Allgemeinheit des Interesses*) – requer, portanto, ser um discurso que interesse à coletividade –, a atualidade (*Aktualität*) – o que implica dizer que essa categoria de enunciados precisa, conseqüentemente, estar calcada na contemporaneidade – e, por fim, esse tipo de discurso se caracteriza por ser uma produção profissional (*Gewerbsmässige Erzeugung*) ou seja, é um empreendimento econômico (*Wirtschaftliches Unternehmen*), o que exclui, nesse caso, projetos amadores.

Jornal seria, por conseguinte, um determinado tipo de discurso cujas principais propriedades são o ato de “fazer-saber”, expresso no modo de verdade, e que contempla as seis características enumeradas por Groth. Em relação à periodicidade, contudo, cabe um reparo. O princípio grothiano foi proposto em função de algumas características históricas do produto jornalístico, como o autor deixa claro (*Id.*, p. 26-27):

“Der Verzicht auf das periodische Erscheinen als ein Wesensmoment der Zeitung, der schon den Begriff der Zeitschrift aufzulösen droht, bedeutet die Gleichstellung der Zeitung mit jeder gelegentlichen Neuigkeitsübermittlung. Er verkennt den starken inneren Zusammenhang zwischen der Erscheinungsweise und den beiden wichtigsten Eigenschaften der Zeitung, der Publizität und Aktualität. Denn das Publikum der Zeitung würde auseinanderfließen ohne die Periodizität ihres Erscheinens, mit der sie den sichersten Eindruck erzielt. Und die häufige Wiederkehr der 'Blätter' ist ebenso Voraussetzung wie Mittel und Folge der Aktualität, deren Anforderungen die Zeitung durch rasches Erscheinen der einzelnen Ausgaben folgen kann”¹⁷.

Groth, portanto, considera a periodicidade uma característica importante, mas a vê também como meio para duas finalidades: a publicidade – entendida aqui como propriedade daquilo que é público, e não na acepção mais cotidiana encontrada na língua portuguesa, de propaganda – e a atualidade, propriedades compreendidas pelo autor como essenciais à natureza do jornal. A aparição periódica, conforme avalia Groth, viabilizaria a relação continuada entre o público leitor e o título, além de possibilitar a apresentação de um conteúdo atual.

Considerando-se a periodicidade como meio mais do que um fim, poder-se-ia pensar se a proposta de projetos jornalísticos em rádio, televisão e

¹⁷ “A renúncia à aparição periódica como característica essencial do jornal, que já ameaça dissolver o conceito de revista, implica a equalização deste com qualquer transmissão de notícia. Tal postura desconhece a forte conexão interna entre o modo de publicação e as duas mais importantes características do jornal, que são a publicidade [*observação: a palavra 'publicidade', no contexto do enunciado, remete ao sentido de 'espaço público', e não à acepção mais corriqueira, de propaganda*] e a atualidade. Isto porque o público leitor do jornal se perderia sem a periodicidade da aparição, graças a qual obtém uma sensação de segurança. E a freqüente reaparição das 'folhas' é, da mesma maneira, pressuposto, meio e consequência da atualidade, cujas exigências só podem ser satisfeitas pelo jornal por meio da rápida aparição das edições”. [Tradução do autor, sob a supervisão de Elisabeta Santoro].

internet de apresentar continuamente notícias não estaria de acordo com os princípios grothianos. Tais iniciativas, mediante a troca da periodicidade pela contínua atualização dos conteúdos, não estariam, de modo diverso, mantendo uma relação continuada com o público e viabilizando, igualmente, a apresentação de um material atualizado e disponível à audiência? Partimos do pressuposto afirmativo. Ou seja, se um *blog* contemplar as características supracitadas, ele poderá ser considerado jornalístico. O que é, contudo, *blog*? Como definir a palavra?

1.3. O termo *blog*

O emprego do termo é objeto de controvérsias. Há, do mesmo modo que no jornalismo, uma autêntica logomaquia em torno da questão, decorrente tanto do teor polissêmico da palavra quanto do princípio anárquico que orienta boa parte de sua *práxis* discursiva.

Para entender essa polêmica é preciso, antes, decifrar os significados do termo, como Wittgenstein (1979, p. 114) recomenda: “não podemos adivinhar como uma palavra funciona. Temos de ver seu emprego e aprender com isso”. A pesquisa identificou quatro acepções fortemente associadas ao termo e uma quinta, cujo sentido é menos freqüente. A primeira acepção é de coleção de *links*¹⁸ com comentários (BLOOD, 2002a,

¹⁸ *Link*: recurso da codificação de hipertexto que aparece nos documentos e se manifesta ora como palavras, ora como imagens grafadas em destaque. Por meio deste recurso, são estabelecidas

p. 7 e 48; RABAÇA e BARBOSA, 2001, p. 74); a segunda é de diário *on-line* (SCHITTINE, 2002, p. 37); a terceira é de *home page* pessoal na Internet (BARBOSA e GRANADO, 2004, p. 22-23) e a quarta, a mais difundida atualmente, é de página na Internet com textos ou arquivos dispostos em ordem cronológica – ou, mais especificamente, ordem cronológica reversa, na qual o mais recente fica em cima e o mais antigo, no fim da página (BAUSCH, HAUGHEY e HOURIHAN, 2002, p. 7) –, geralmente produzida por meio de *software* de edição *on-line*. Uma quinta acepção vincula a palavra ao conceito de espaço de discussão. A associação decorre da existência, em alguns dos citados programas, de uma ferramenta de edição que permite aos internautas deixar mensagens. Essa última definição tem sido cada vez mais associada ao conceito (BAUSCH; HAUGHEY, e HOURIHAN, 2002, P. 9; e BLOOD, 2002, p 174.) apesar de programas de edição em outros formatos oferecerem o mesmo recurso. Todos os cinco sentidos da expressão terminam por se amalgamarem, criando híbridos de dois, de três, de quatro ou de todas as possibilidades semânticas do termo. A partir de cada um dos sentidos que se atribui à palavra *weblog*, uma genealogia distinta se revela do objeto.

A pesquisa apresentar no próximo segmento a etimologia, as adaptações da palavra nos idiomas português, espanhol e francês e, por fim, traça um breve histórico do *blog*.

1.4. O *weblog* e seus avatares

ligações para arquivos de um mesmo site ou de diferentes sites. O *link* também pode ser um dispositivo da codificação *HTML* que aciona um sistema de comunicação, geralmente um *e-mail* (correio eletrônico).

O conceito de *weblog*, ou *blog*, como tem sido mais comumente chamado, antecedeu as ferramentas tecnológicas que hoje em dia estabelecem o sentido mais corriqueiro da palavra. Para começar a entender o sentido do termo e sua história, propomos, inicialmente, uma análise etimológica. A palavra, de origem inglesa, é a contração dos termos *web* (teia, rede) e *log*, expressão de grande teor de polissemia, que pode denotar, entre outras coisas, lenha, logaritmo, diário de bordo e agenda, mas cujo significado, no caso do *weblog*, é de registro cotidiano de atividades.

A expressão *log*, que é o radical que estrutura a palavra e que constitui a palavra *blog*, apresenta duas vertentes etimológicas. Ela deriva tanto do termo escandinavo *låg* (GOVE, 1993, p. 1330), cujo significado é árvore caída (*fallen tree*) – um objeto usado, entre outras finalidades, para medir distâncias e registrar o tempo–, quanto do grego *logos*, λόγος (*Id.*, *Ibid.*), cujos sentidos são palavra, razão e/ou discurso, conotando, na junção dos dois significados, a idéia de palavra ou discurso registrado.

Com a internacionalização do conceito, a expressão tem sido adaptada ou recriada em outros idiomas. Em português, a palavra foi incorporada e já sofreu algumas adaptações. Por exemplo, a expressão inglesa *blogger*, que significa publicador e/ou editor de *blog*, foi modificada para *blogueiro* nos países lusófonos.

Em espanhol, a expressão tem sido usada de dois modos: como estrangeirismo *blog* ou *weblog* (PISANI, 2003) e, de forma mais criativa, como *bitácora* (*Id.*, *Ibid.*), palavra que designa a caixa que abriga a bússola

em navios (ALMOYNA, 1988, p. 178) e que, por metonímia, significa também *cuaderno de bitácora*, que é diário de bordo (*Ibid.*, p. 338). Em francês, há também três formas de uso: como estrangeirismo *blog* ou *weblog*, como adaptação, *blogue* (GOOGLE RACHÈTE L'ÉDITEUR DE BLOGGER, 2003), e com a designação *joueb* (PEYRET, 2002), que é a contração da expressão *journal* (diário ou jornal) com *web* (rede, palavra inglesa).

A popularização da palavra *blog* teve como desdobramento também um esforço em definir a expressão e uma genealogia das formas. Para Dave Winer (2003), fundador e diretor-executivo da empresa norte-americana *UserLand Software*, e Bausch, Haughey e Hourihan (2002, p. 8-9), a primeira manifestação de *blog* surgiu com a primeira página produzida sob o formato *html*, em 1992, produzida pelo criador da *World Wide Web*, Tim Berners-Lee, no *Centre Européen de Recherche Nucléaire*¹⁹ (CERN). Se seguirmos a conceituação proposta nesta pesquisa, o documento de hipertexto se enquadraria como um *blog* no sentido de página com *links* e comentários – os *links* são no caso as palavras grifadas em azul no texto, como pode ser visto a seguir.

¹⁹ Centro Europeu de Pesquisa Nuclear.

What's new in '92

Here's the latest (that we know) about W3. The High-Energy Physics world got its first official announcement of W3 in the CERN [computer newsletter](#) released at Christmas, with an introductory article. However, there are already many users of W3 outside HEP!

New browser

The new year starts with a release (version 1.1 - our first official "version1" release) of the line mode browser. This has protocol code in for a wealth of new information, with:

- Direct access to internet news groups
- Direct access to "[gopher](#)" campus-wide information systems etc. (Gopher is system similar to W3 but using a web of menus and plain text files rather than hypertext. It is all readable as hypertext using W3)
- Browsing of remote directories using FTP. Before, files could be read - now you can browse around as well! Any FTP site becomes a W3 information source.
- Follow links directly to telnet (and rlogin) sites. This allows hypertexts to point to online communications facilities which don't have servers.
- Extensibility using gateways - you can configure www to use specific gateways for any access protocol which might turn up in the future which it can't handle directly.

The user interface is slightly improved, and you can save a document to a file or pipe, or print it (under unix).

The browser version can be picked up by anonymous FTP in the [usual way](#) including source binaries for several platforms.

Those who have built other hypertext systems (such as Hyperbole and Viola) on top of the www browser will immediately gain access to the all this newly accessible information.

W3 at SLAC

Hot on the heels of the announcement of the W3 server for the "SPIRES" High-Energy Physics [preprint database](#) at the Stanford Linear ACcelerator lab comes news from Paul Kunz that the line mode browser is installed on all unix systems at SLAC. Happy browsing, folks.

Browsing on VM/CMS

The IBM mainframe at CERN now has a copy of the w3 browser (v0.14) running in line mode. We are considering ways to make it more full-screen in the VM style.

Figura 1: Página do CERN de 1992 (circa) ²⁰

Entre junho de 1993 e junho de 1996, o *National Center for Supercomputer Applications*²¹ (NCSA), da Universidade de Illinois, nos EUA, onde foi desenvolvido o primeiro *browser*²² para a Internet, o *Mosaic*, criou uma

²⁰ Disponível em [http://www.w3.org/History/19921103-hypertext/hypertext/WWW/News/9201.html]. Acessada em 27 de fevereiro de 2003.

²¹ Centro Nacional para Aplicações de Supercomputadores.

²² *Browser*, no contexto dessa pesquisa, significa os programas que permitem ao usuário da internet consultar páginas de hipertexto e navegar, passando de um ponto a outro da mesma página ou de página diferente, usando os *links* de hipertexto, além de desfrutar de outros recursos dessa rede de computadores.

página intitulada “*What’s New*” (O que há de novo)²³, semelhante ao modelo concebido por Tim Berners-Lee.

Uma outra manifestação pioneira, segundo Bausch, Haughey e Hourihan (2002, p. 9) foi o *site*²⁴ *Links from the Underground*²⁵, de Justin Allyn Hall, criado em janeiro de 1994. Apesar de a associação ao conceito de *blog* ter sido estabelecida pelos autores, a página pouco lembra o que hoje é convencionado como tal, mas está relacionada a três referentes²⁶ que consubstanciam a palavra: *home page* pessoal, coleção de *links* e diário público.

²³ A coleção completa dos informativos está disponível no arquivo da instituição, disponível em [http://archive.ncsa.uiuc.edu/SDG/Software/Mosaic/Docs/whats-new.html]. Acessado em 28 de fevereiro de 2003.

²⁴ Site, no contexto desta dissertação, significa um “local na Internet identificado por um nome de domínio, constituído por uma ou mais páginas de hipertexto, que podem conter textos, gráficos e informações em multimídia” (DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2001).

²⁵ Disponível em <http://www.links.net/>.

²⁶ Referente, no contexto do enunciado, significa o elemento do mundo extralingüístico, real ou imaginário, ao qual remete o signo lingüístico.

Figura 2: O site *Links from the Underground*, em 21 de dezembro de 1996²⁷

Em janeiro de 1997²⁸, surgiu no Brasil aquele que é apontado como o primeiro *blog* brasileiro, o *Blue Bus* [<http://www.bluebus.com.br>], cujo nome evoca o de um projeto editorial *on-line* norte-americano de mesmo nome [<http://www.bluebus.com>], esse último atualmente desativado²⁹. A página de hipertexto está vinculada à idéia de *blog* por apresentar arquivos (no caso, textos), em ordem cronológica reversa, que é um dos referentes do termo.

²⁷ Disponível no site Internet Archive [<http://www.archive.org/>], no endereço [<http://web.archive.org/web/19961221005458/http://www.links.net/>]. Acessado em 5 de fevereiro de 2003.

²⁸ A informação consta no próprio site, está disponível em [<http://www.bluebus.com.br/colunistas.htm>]. Acessada em 1 de março de 2003.

²⁹ As páginas ainda podem ser consultadas em [http://web.archive.org/web/*/http://www.bluebus.com]. Acessado em 1 de março de 2003.

Figura 3: O site *Blue Bus* em julho de 1997³⁰

Esse mesmo ano de 1997 foi marcado também pelo surgimento da palavra *weblog*, pois até então essas páginas de hipertexto não tinham tal denominação e só foram assim classificadas por estudiosos do objeto posteriormente.

³⁰ Disponível no site Internet Archive [http://www.archive.org/], no endereço [http://web.archive.org/web/19970713170413/www.bluebus.com.br/index2.htm]. Acessado em 1 de março de 2003. O site abandonou o formato *blog* a partir de 1999, assumindo uma estética diversa.

O neologismo foi criado pelo norte-americano Jorn Barger em dezembro daquele ano para designar seu *site*, *Robot Wisdom Weblog* [<http://www.robotwisdom.com/home>], uma *home page* pessoal caracterizada por uma coleção de comentários com *links* para outras páginas da Internet (BLOOD, 2002a, p. 70 e BAUSCH, HAUGHEY, e HOURIHAN, 2002, p. 9-10). A expressão surgiu como derivação de um termo anterior: “*web log*” (BLOOD, 2002a, p. 19-20 e BAUSCH, HAUGHEY, e HOURIHAN, 2002, p. 294). A locução substantiva, no jargão da Tecnologia da Informação, é o nome que se dá ao arquivo digital que contém o registro da quantidade e do tipo de acessos feitos a um determinado servidor³¹. Com o tempo, a palavra *weblog* foi abreviada, por aférese³², para *blog* (BLOOD 2002a, p. 7). Atualmente, as duas expressões – *blog* e *weblog* – são consideradas equivalentes.

³¹ Servidor: Máquina com função de gerência dos recursos disponíveis dentro de uma rede. Algumas redes têm um servidor dedicado a cada serviço.

³² Aférese, no contexto dessa pesquisa, deve ser entendida como o processo de mudança lingüística que consiste na supressão de fonema(s) no princípio do vocábulo.

Figura 4 O site Robot Wisdom Weblog³³

O site *Robot Wisdom Weblog* tornou-se, em apenas um ano e sete meses que antecederam a criação das ferramentas de edição de hipertexto que redefiniram a palavra *blog*, um importante agente de disseminação do conceito. Esteticamente, a página de Jorn Barger é uma extensa relação de *links* para outras páginas de hipertexto. É, para ser mais específico, uma compilação idiossincrática de notícias publicadas em *sites*. O autor (BLOOD, 2002a, p. 71) é um especialista em *software* que trabalhou em

³³ Disponível em [http://www.robotwisdom.com/], acessado em 20 de maio de 2004.

projetos de inteligência artificial e, enquanto esteve ativo no desenvolvimento da página, morava em Chicago (EUA).

A aparência do *site* pouco ou nada lembra aquilo que atualmente é denominado como *blog*. Uma explicação para a contradição entre a forma pela qual o referente é convencionado hoje em dia e o *site* que disseminou o termo está no fato de que a oferta de ferramentas tecnológicas por parte de empresas que disponibilizaram a criação de páginas neste formato –na maioria dos casos gratuitamente– terminou por moldar o termo.

Em julho de 1999, a empresa Pitas [<http://www.pitas.com>], de Andrew Smales, iniciou um serviço gratuito de criação de páginas, designadas *weblog* (BLOOD, 2002a, p. 8). A empresa foi a pioneira na rede a oferecer ferramentas na Internet para criação de páginas nesse formato. Em agosto do mesmo ano, a *Pyra* [<http://www.pyra.com>] e a *Groksoup* [<http://www.groksoup.com>] lançaram serviços semelhantes (*Id.*, *Ibid.*) e a partir de então as páginas *on-line* no formato *blog* ganharam um atrativo extra, que incentivou a disseminação do conceito.

O que todo esse material produzido por tais ferramentas de html tem em comum? São páginas de conteúdo dinâmico – ou seja, páginas pré-moldadas que permitem a inserção de novos arquivos rapidamente –, geradas por programas como *Active Server Pages (asp)* ou *PHP Hypertext Preprocessor (php)*, que contêm vários arquivos – geralmente de texto, mas também de fotografias e outras formas gráficas, animadas ou não, e de áudio – dispostos em ordem cronológica reversa, em que o mais recente

fica no início e o mais antigo no fim. Quando predominam textos, ela é chamada de *blog*; quando predominam as imagens fotográficas, ela é denominada de *fotoblog* ou *flog*; quando predominam os arquivos de áudio, é designada de *audioblog*, e quando predominam os arquivos de vídeo, é qualificada de *vlog* ou *videoblog*. Esses *sites* costumam ter ainda dispositivos de auto-arquivamento e um recurso para que internautas visitantes insiram textos.

A ferramenta de edição tornou a proposta atraente para os internautas interessados em publicar na *World Wide Web*. A grande receptividade dos programas de edição conhecidos como *blogs*, acrescente-se, surgiu também em decorrência de alguns fatores: os baixos custos de produção, pois o serviço é oferecido em muitos casos gratuitamente, o que limita as despesas relativas à manutenção da página aos gastos de tempo no ciberespaço; a grande acessibilidade, pois o internauta encontra poucas restrições para conseguir permissão para montar uma página desse tipo; a rapidez de publicação, que permite modificações e acréscimos com agilidade, por meio de poucos comandos e a facilidade de manuseio, pois o interessado não mais precisa conhecer a codificação HTML para publicar, como destaca Jörg Kantel (2003):

“Im Gegensatz zu der schon vor 1999 existierenden Tagebuchszene (die ihre Webseiten noch liebevoll mit ‘handgestricktem’ HTML pflegte), sind Weblogs ohne die dazugehörige Software, wie z.B. Blogger (www.blogger.com), Radio UserLand (radio.uslerland.com) oder Movable Type (www.movabletype.org) nicht zu denken. Erst diese Software ermöglichte es, ständig aktualisierte Webseiten zu erstellen

und zu pflegen, ohne allzutief in die Abgründe der HTML-Codierung eintauchen zu müssen”³⁴.

A gratuidade e acessibilidade do serviço e a facilidade do uso terminaram por fazer do *blog* uma metáfora, no ciberespaço, do *Hyde Park* londrino, jardim público especialmente famoso por seu *speaker's corner*, tribuna onde anônimos e famosos, dos mais diferentes credos, tomam a palavra e expõem suas idéias. Pierre Lévy (2001b, p. 48) vê nessa potencialidade da Internet, que não se limita aos *blogs*, um convite à produção de enunciados no ciberespaço:

“Cada indivíduo, cada organização são incitados não apenas a aumentar o estoque, mas também a propor aos outros cibernautas um ponto de vista sobre o conjunto, uma estrutura subjetiva. Esses pontos de vista subjetivos se manifestam em particular nas ligações para o exterior associada às *home pages* afixadas por um indivíduo ou grupo”.

Esse propósito de participatividade também foi observado por Castells (2003, p. 441):

“A arquitetura da rede é, e continuará sendo, aberta sob o ponto de vista tecnológico, possibilitando amplo acesso público e limitando seriamente restrições governamentais a esse acesso, embora a desigualdade social se manifeste de maneira poderosa no domínio eletrônico (...) O que permanece das origens contraculturais da rede é a informalidade e a capacidade auto-reguladora de comunicação, a

³⁴ “Ao contrário do cenário dos diários que existiam já antes de 1999 (que cuidavam de suas *home pages* ainda carinhosamente com um HTML ‘feito à mão’), os *weblogs* são impensáveis sem os relativos *software*, como por exemplo o Blogger (www.blogger.com), o Radio Userland (radio.uslerland.com [*sic*]) ou o Movable type (www.movabletype.org). Somente esses programas tornaram possível prover e manter constantemente atualizadas as web pages sem que se mergulhe nos abismos da codificação HTML.” [Tradução do autor, sob a supervisão de Elisabeta Santoro].

idéia de que muitos contribuem para muitos, mas cada um tem a sua própria voz e espera uma resposta individualizada”.

A disseminação desse tipo de página de hipertexto obedece a um pressuposto de simplificação de uso, como também expõe Pierre Lévy (2001a, p. 57-58):

“Os críticos da informática acreditaram, ingenuamente, nos informatas que sustentavam, até cerca de 1975, que a ‘máquina’ era binária, rígida, restritiva, centralizadora, que não poderia ser de outra forma. Através de suas críticas, subscreveram a idéia errônea de uma essência da informática. Na realidade, desde o começo dos anos sessenta, engenheiros como Douglas Engelbart conduziam pesquisas na direção de uma informática da comunicação, do trabalho cooperativo e da interação amigável (...). Em 1979, quando Daniel Bricklin e Robert Frankston lançaram a primeira planilha, o Visicalc, eles usaram o Apple 2. Ao mesmo tempo, eles reinventaram a microinformática ao permitir aos executivos e aos pequenos empresários que fizessem previsões contábeis e financeiras sem que precisassem programar”.

1.5. O *blog* jornalístico

Um dos desdobramentos da difusão do *blog* no ciberespaço foi sua utilização para fins jornalísticos. Contudo, conforme já observamos, tal aplicação tem gerado muita polêmica entre profissionais da área. De um lado, há instituições e indivíduos que criaram *blogs* e os qualificam como uma forma de jornalismo; de outro, há quem resista à idéia.

Parte da celeuma em torno do assunto deve-se à polissemia tanto do termo “jornalismo” quanto do termo *weblog*. Afinal, do que está se falando quando

se discute o *weblog* como uma forma de imprensa? Qual é, propriamente, o foco do debate? A qual referente de jornalismo estamos usando quando discutimos a questão? O mesmo vale para o *blog*. Em que sentido empregamos a palavra? A uma família de programas de edição de hipertexto? Ou a páginas criadas nos domínios das empresas que oferecem espaço para a criação de *blogs*? São os diários *on-line* ou as *home pages* pessoais? São as coleções de *links* com comentários? Ou é a hibridização desses conceitos no ciberespaço?

Os críticos do uso jornalístico de *weblogs* salientam a informalidade e a pouca seletividade do formato, apontando-o como uma forma de expressão pessoal que não guarda nenhuma relação com jornalismo. Os jornalistas António Granado e Elisabete Barbosa (2004, p. 51), por exemplo, descartam a possibilidade de a atividade de publicação de *blogs* ser jornalística. Para eles, o conceito não se enquadra porque seus usuários não utilizam muitas fontes, costumam não editar seus textos e não adotam a imparcialidade. Nota-se, pela construção argumentativa do livro, que esses autores se referem a *blogs* como coleção de *links* e comentários, diários e *home page* pessoais e que, por extensão, associam a palavra a projetos amadorísticos, cuja finalidade não é apurar notícias, mas sim servir de diário público e/ou de caderno de anotações.

Um ponto de vista semelhante ao de António Granado e Elisabete Barbosa é defendido pesquisadora Rebecca Blood (2001b, p. 19):

“While I consider weblogs a vital component of a healthy media diet, in the end, weblogs and journalism are simply different things. What

weblogs do is impossible for traditional journalism to reproduce, and what journalism does is impractical to do with a weblog. To my mind, news reporting consists of interviewing eyewitnesses and experts, checking facts, writing an original representation of the subject, and editorial review: The reporter researches and writes a story, and his editor ensures that it meets her requirements. Each step is designed to produce a consistent product that is informed by the news agency's standards. Weblogs do none of these things.

Weblogs have no gatekeepers. They are generally produced in the maintainer's spare time. Webloggers do not employ fact checkers, and they answer to no one but themselves. Neither do webloggers generally produce their own articles about the events in their community, at least not the kind of articles that newspapers and magazines produce”³⁵.

A autora, portanto, associa o conceito de *blog* a um empreendimento amadorístico, ou, pelo menos, não-jornalístico.

Entretanto, ciberjornais têm produzido páginas nesse formato em seus domínios na Internet. O fato de um *weblog* ser feito profissionalmente em uma empresa jornalística torna-o outra coisa distinta do termo? Seria então o não-profissionalismo uma sexta característica implícita da palavra, e, ao contrário das demais – que algumas vezes não são identificadas no objeto –,

³⁵ “Apesar de considerar os *weblogs* como um componente vital de uma rica dieta de mídia, no fim das contas, *weblogs* e jornalismo são simplesmente coisas diferentes. O que os *weblogs* fazem é impossível para o jornalismo tradicional de reproduzir, e o que o jornalismo faz é impraticável de ser feito em um *weblog*. Para mim, reportar notícias consiste em entrevistar testemunhas e especialistas, checar fatos, escrever uma perspectiva original sobre um assunto, e supervisão editorial: o repórter pesquisa e escreve a história, e seu editor assegura-se de que ela está de acordo com suas expectativas. Cada passo é desenvolvido para se alcançar um produto consistente que é divulgado de acordo com os padrões da agência de notícias. *Weblogs* não fazem nada disso.

Weblogs não têm supervisores [*gatekeepers*], eles são geralmente produzidos nas horas vagas dos seus donos. Blogueiros não adotam a checagem de fatos, e eles não têm de responder a ninguém, exceto a si mesmos. Nem mesmo os blogueiros produzem seus próprios artigos a respeito dos eventos em sua comunidade, ao menos não o tipo de artigos que os jornais e revistas produzem”. [Tradução do autor].

um referente essencial para atribuir-lhe o nome? Ou ainda, inversamente, seriam não-jornalísticos – porque nem tudo que existe em um jornal é propriamente jornalístico, como a propaganda, por exemplo – os *blogs* produzidos nos ciberjornais?

Na opinião do jornalista norte-americano Dan Gillmor, o *blog* deve ser visto como um espaço de discussão com os leitores (BOWMAN e WILLIS, 2004). Na edição *on-line* do jornal *The San Jose Mercury News*, ele mantém uma seção intitulada *Dan Gillmor's eJournal*³⁶, composta por uma página no formato gerado por um *software* de edição do tipo *blog*, na qual o jornalista discute com internautas questões referentes aos temas que cobre, aproveitando profissionalmente as críticas, observações e sugestões de seus leitores, que acessam o autor por *e-mail* ou pela inserção de comentários na página. Portanto, neste caso, o *blog* seria meio pelo qual o jornalista pode aperfeiçoar suas habilidades (*Id.*, *Ibid.*):

“Writing about technology in Silicon Valley, I used the blog to generate even more feedback from my audience. That audience, never shy to let me know when I get something wrong, made me realize something: My readers know more than I do. This has become almost a mantra in my work. It is by definition the reality for every journalist, no matter what his or her beat. And it's a great opportunity, not a threat, because when we ask our readers for their help and knowledge, they are willing to share it – and we can all benefit”³⁷.

³⁶ Disponível em [<http://weblog.siliconvalley.com/column/dangillmor/>].

³⁷ “Escrevendo sobre tecnologia no Vale do Silício, usei o *blog* para gerar ainda mais retorno do meu público. Este público nunca se intimida em avisar-me quando nota um erro e faz-me entender algo: meus leitores sabem mais do que eu. Isso se tornou quase um mantra em meu trabalho. Esta é, por definição, a realidade para todos os jornalistas, não importa o que cubram, e é uma grande oportunidade, não uma ameaça, porque quando pedimos ajuda a nossos leitores ou buscamos conhecimento, eles se mostram dispostos a compartilhá-lo e todos nós podemos nos beneficiar.” [Tradução do autor].

Para Gillmor, por extensão, o propósito do *blog* é o de estreitar a relação com o público e, desse modo, contemplar a proposta grothiana de interesse geral, a qual o autor de *Die Zeitung* considerava tanto prioritária quanto difícil de se alcançar (GROTH, 1928, p. 45):

“Kein Leser hat für alles, was die zeitung gibt, Teilnahme, und sein Leben lang ringt der Journalist tagtäglich, auch bei der kleinsten Notiz, bewußt oder unbewußt, mit der Aufgabe, gerade das festzuhalten, was in der Fülle der Erscheinungen seine Leser am meisten zu fesseln vermag. Die Lösung dieser Aufgabe wird immer unvollkommen sein, das Ideal einer allgemein Interessierenden Zeitung ist unerreichbar. Daher sucht der Journalist wenigstens jedem Leser etwas zu bringen, wählt er das für sein Blatt, von dem er nach Erfahrung und Kenntnis seines Publikums annimmt, daß es den grössten Kreis interessiert.

Heute ist es dem Journalisten viel schwieriger geworden, das allgemeine Interesse zu erforschen, als in früherer Zeit. Die ungeheure Steigerung der Publizität hat auch die Beziehungsmöglichkeiten zwischen Zeitung und Abnehmer gelockert und verringert”.³⁸

Aproveitando a discussão a respeito do caráter jornalístico do *blog*, seria possível considerar jornalística a seção *Dan Gillmor's eJournal* do *The San Jose Mercury News*, ou seria um produto não-jornalístico inserido no jornal?

³⁸ “Nenhum leitor participa de tudo que o jornal fornece, e, durante toda a sua vida, o jornalista esforça-se diariamente, inclusive com as ínfimas notas, consciente ou inconscientemente, na tarefa de manter firme aquilo que, na plenitude das manifestações, consegue cativar mais seus leitores. A solução para essa tarefa sempre será imperfeita, o ideal do jornal de interesse geral é inatingível. Portanto, o jornalista procura trazer a cada leitor ao menos alguma coisa; ele escolhe para o seu jornal aquilo que ele, pela experiência e pelo conhecimento de seu público, considera que possa interessar o maior número de pessoas.

Hoje em dia tornou-se para o jornalista mais difícil investigar o interesse geral do que antigamente. O tremendo incremento da publicidade [observação: a palavra ‘publicidade’, no contexto do enunciado, remete ao sentido de ‘espaço público’, e não à acepção mais corriqueira, de propaganda] fez perder e reduzir também as possíveis relações entre o jornal e o consumidor”. [Tradução do autor, sob a supervisão de Elisabeta Santoro].

A resposta é complexa. Trata-se de um conteúdo que contempla os seguintes requisitos estabelecidos aqui nesta dissertação: é produzido no modo de verdade, modalizado no propósito de “fazer-saber”, é produzido intensivamente, o que definimos como uma alternativa à periodicidade, contempla o requisito da aparição pública, está calcado na atualidade e é produzido profissionalmente. Duas propriedades distintivas, porém, ficam a desejar, que é a diversidade de conteúdo – trata-se de uma seção especializada – e o princípio do interesse geral. Sobre essa última, inclusive, o autor de *Die Zeitung* considerava-a um traço essencial do jornal. Por isso, para ele, revistas especializadas não podem ser incluídas no conceito de jornal por suas próprias características editoriais (GROTH, 1928, p. 49):

“Die Universalität und die Allgemeinheit des Interesses unterscheiden die Zeitung von der grossen Gruppe jener Zeitschriften, deren Inhalt, wenn sie auch einmal oder öfter in der Woche, ja täglich erscheinen, genau begrenzt ist durch ein bestimmtes fachliches, berufliches, behördliches, kirchliches oder örtliches Interesse - Fachzeitschriften im weitesten Sinn des Wortes”.³⁹

O teórico alemão pensava o jornal como totalidade. E, nesse sentido, o *The San Jose Mercury News* é um produto jornalístico. A peculiaridade da especialização é, no contexto, um esforço da publicação de atender à demanda da diversidade de conteúdo. Pode-se, portanto, concluir que a proposta é jornalística, mas ela só faz sentido como jornalística se encarada

³⁹ “Universalidade e interesse público diferenciam o jornal do grande grupo de revistas cujo conteúdo, mesmo que apareça com mais frequência que semanalmente, ou até diariamente, é limitado por uma determinada especialização técnica, ocupacional, doutrinal, clerical ou de interesse setorial – falamos de revistas especializadas, no sentido mais amplo da palavra”. [Tradução do autor, sob a supervisão de Elisabeta Santoro].

como parte de um conjunto de ofertas de conteúdo ao público, mais especificamente como coluna jornalística.

Dan Gillmor também compreende o *blog* como uma espécie de jornalismo amador. Nesse caso, ele associa o conceito ao puro e simples ato de “fazer-saber”, e aí a dissertação, por adotar os pressupostos grothianos, diverge da idéia. Esse efeito de sentido no discurso de Gillmor pode ser observado quando o autor apresenta o blogueiro como um novo tipo de panfletista (BLOOD, 2002a, p. 175):

“No question, this is another kind of journalism. Technology has been leading us toward new ways of looking at things, and the idea of talented amateurs becoming part of the conversation is just the next logical step. It’s the model of the pamphleteer journalist. Will the pamphleteer journalist become Gannett⁴⁰? No, but I don’t think the pamphleteer wants to be Gannett”⁴¹.

O jornalismo panfletário a que Gillmor se refere, contudo, não implica necessariamente uma iniciativa amadorística, pode ser também uma atividade profissional, fruto de um empreendimento econômico, como ressalta Otto Groth (1928, p. 79):

“Gegen die Aufnahme der 'wirtschaftlichen Unternehmung' (oder 'gewerbsmäßigen Herstellung') unter die Begriffsmerkmale der Zeitung ist eingewandt worden, daß dieses Merkmal fehle bei jenen

⁴⁰ Frank Ernest Gannett (1876-1957) foi um dos maiores proprietários de jornais dos EUA. Criou uma rede de comunicação em cidades norte-americanas. Ao morrer, tinha 22 jornais e sete estações de rádio.

⁴¹ “Sem dúvida, [o *blog*] é um novo tipo de jornalismo. A tecnologia tem nos levado para novas formas de olhar as coisas, e a idéia de talentosos amadores tornarem-se parte da conversa é somente o próximo passo lógico. É o modelo do jornalista panfletário. Será que um jornalista panfletário vai se tornar Gannett? Não, mas eu não acho que o panfletário queira ser Gannett.” [Tradução do autor].

Zeitungen, die von politischen Parteien zur Beeinflussung von Wählern oder von einzelnen Privaten zur Vertretung politischer, wirtschaftlicher, künstlerischer oder anderer Interessen oder von Regierungen zu offiziellen und offiziösen Verlautbarungen oder zur Leitung der öffentlichen Meinung gegründet worden seien. Diese Zeitungen mögen zwar nicht in erster Linie des Gewinnes wegen arbeiten, aber gewerblich-wirtschaftlich arbeiten auch sie, und auch sie wollen die höchstmöglichen Einnahmen erzielen, die bei Verfolgung und Wahrung ihrer sonstigen Zwecke zu gewinnen sind. Darin gibt es unter den Zeitungen keinen begrifflichen Gegensatz”⁴².

Ainda sobre a proposta jornalística de criar um espaço de discussão na forma de *weblog*, pode-se citar o *Slashdot*⁴³, que é apontado como um exemplo de um novo tipo de jornalismo, esse nomeado de *open source*⁴⁴. Cada notícia é comentada por vários internautas, que inserem comentários na mensagem (MOURA, 2002):

“O seu funcionamento, embora se assemelhe ao do fórum normal, apresenta algumas peculiaridades que estabelecem a diferença. O utilizador envia, através de uma ‘submissions bin’, a informação que deseja pôr online e que pode assumir os mais diversos formatos: um

⁴² “Contra o reconhecimento do ‘empreendimento econômico’ (ou ‘produção profissional’) entre as características conceituais do jornal, argumenta-se que tal traço se perderia naquelas publicações que são concebidas por partidos políticos para influenciar eleitores, ou por particulares para defender interesses políticos, econômicos, artísticos, ou ainda pelos governos para anúncios oficiais ou oficiosos, ou para dirigir a opinião pública. Essas publicações podem não buscar primeiramente o lucro, mas também funcionam sob uma lógica econômico-comercial, e elas também visam obter o mais elevado rendimento possível, que será conquistado perseguindo e mantendo seus propósitos. Neste ponto não há, entre os jornais, contraste conceitual”. [Tradução do autor, sob a supervisão de Elisabeta Santoro].

⁴³ Disponível em [<http://slashdot.org/>].

⁴⁴ *Open source* significa “fonte aberta”, e refere-se originalmente a um grupo de *software* cujo código-fonte, ou seja, a linguagem de programação, pode ser acessada livremente. A maioria dos códigos-fontes comerciais, como os programas da Microsoft, por exemplo, são fechados, ou seja, eles são protegidos por sistemas de criptografia e o conteúdo encontra-se garantido pela lei dos direitos autorais. A locução *open source* adquiriu, por extensão, o sentido de produtos desenvolvidos com base na cooperação espontânea de especialistas e não-especialistas. O jornalismo *open source* seria um jornalismo produzido dessa maneira.

texto, um link, um fragmento de uma página Web, (...) [sic]. Se o assunto for considerado relevante, actual ou apelativo, será escolhido e publicado por um dos editores do Slashdot que, diariamente, seleccionam entre os artigos submetidos aqueles que preencherão o site, escolhendo os melhores ou mais actuais para a primeira página e dividindo os restantes pelas diversas secções listadas à esquerda da página. Sob cada secção listada surge a data do último artigo ali colocado e o número de artigos publicados no próprio dia. Aos artigos é atribuído um ícone, que imediatamente elucida o leitor sobre o assunto ('topic') a que se refere. O artigo publicado é, muitas vezes, apenas o início de uma longa lista de comentários que, como em qualquer fórum, acabam por ser não só reacções ao artigo inicial mas também reacções a reacções. Como muitos dos utilizadores do Slashdot são especialistas, ler os comentários pode muitas vezes ser mais produtivo que ler o próprio artigo".

O Slashdot seria, contudo um produto jornalístico ou algum tipo novo de jornalismo? Trata-se de um discurso que se apresenta no modo de verdade e cujo propósito é "fazer-saber". Não se caracteriza pela periodicidade, contudo, mantém uma atualização constante das páginas, contempla o princípio da aparição pública, tem um discurso fundamentado na atualidade e caracteriza-se por ser um empreendimento comercial, fruto de uma atividade profissional. O *site*, porém, apresenta um conteúdo especializado e, por extensão, pouco diversificado, o que o distancia do *constructo* de jornal aplicado aqui nesta investigação.

Já o jornal *O Globo* mantém, na seção *Blogs*⁴⁵, páginas de hipertexto de 14 jornalistas da empresa nesse formato. Nelas, os autores publicam notícias, dialogam com os usuários, comentam aspectos do noticiário e discutem questões profissionais e pessoais. A acepção do conceito de *blog* aparece na

⁴⁵ Disponível em [<http://oglobo.globo.com/online/blogs/>]. Acessada em 22 de maio de 2004.

forma do produto um de *software* de edição de hipertexto com espaço para comentários. A personalização do espaço, a delegação de uma área do jornal *on-line* para esses profissionais, evoca igualmente o conceito de coluna do jornalismo impresso. Seria esse projeto jornalístico? Se o pensarmos do mesmo modo que a coluna de Dan Gillmor, sim, pois ele integra um conjunto de ofertas de conteúdo ao público.

Figura 5: Página de *blogs* de *O Globo on-line*⁴⁶

⁴⁶ Disponível em [http://oglobo.globo.com/online/blogs/Default.asp], acessado em 29 de agosto de 2004.

Outro exemplo de aplicação do *blog* em produtos jornalísticos é o do *site Christian Science Monitor*⁴⁷, que qualifica de *weblog* uma página com chamadas para notícias da própria publicação na Internet (BLOOD, 2002a, p. 21). A proximidade do conceito, nesse caso, decorre da idéia de *blog* como página com comentários e *links* e também do fato de ser uma página com textos dispostos em ordem cronológica. Jornalisticamente, a proposta também se encaixa no *constructo*, pois se expressa no modo de verdade, trata-se de um discurso cuja proposta é “fazer-saber”, mantém uma atualização pública, está acessível a todos, oferece diversidade de conteúdo, visa ao interesse geral, está calcado na atualidade e trata-se de uma produção profissional.

⁴⁷ Trata-se da seção Latest News in Brief. Disponível em [http://www.csmonitor.com/newsinbrief/brieflies.html]. Acessada em 8 de março de 2003.

THE CHRISTIAN SCIENCE MONITOR csmonitor.com

WORLD USA COMMENTARY WORK & MONEY LEARNING LIVING SCI / TECH ARTS & LEISURE BOOKS THE HOME FORUM

Home About Us/Help | Archive | Subscribe | Feedback | Text Edition | MonitorTalk | Search: Go

Do the brands you buy manufacture nuclear weapons? Find out now!

News in Brief

World Stories:
for 02/07/2003
[Europe's past colors its view](#)
[Is war now inevitable?](#)
[How Ethiopia has held famine at bay](#)
[A war's likely toll on Iraqis](#)
[Refugee camp fears new tide](#)
[Mexico's death-penalty juncture](#)
[Reporters on the Job](#)
[China builds slopes, hopes for skiers](#)
[Powell balances secrecy, evidence](#)

USA Stories:
for 02/07/2003
[Is war now inevitable?](#)
[NASA's 'budgeteer' now called to a bigger role](#)
[This time, everyone gets to](#)

Latest News in Brief
Compiled from wire service reports by staff.

WORLD

Hamas: Ready to take over for Arafat
Posted: Thursday, February 6, 4:54pm EST

Hamas is prepared to assume leadership of the Palestinian people, a senior Hamas official said Thursday in a rare expression of the goal of the violent Islamic movement.

Hamas has avoided direct conflicts with Yasser Arafat's leadership, although from time to time, clashes between the groups have erupted.

Mahmoud Zahar, a leader of the Hamas political wing, told The Associated Press in an interview Thursday that his group is "absolutely" prepared to lead the Palestinian people now.

He said Hamas has the infrastructure to take over leadership "politically, financially (and) socially."

[back to top](#)

WORLD

Security Council views remain unchanged
Posted: Thursday, February 6, 2:50pm EST

No new UN resolution on using force against Iraq is needed "right now"

SUPPORT THE MONITOR
→ [Make a donation](#)

MONITOR ARCHIVE
New! Purchase articles from the [Monitor Archive](#) for as little as 15 cents each.

TREELESS EDITION™
New! [Subscribe](#) to the Treeless Edition!

SUBSCRIBE
Print editions:
→ [Free sample issue](#)
→ [PDA edition](#)
→ [Treeless Edition](#)

Figura 6: A seção *Latest News in Brief*, do *Christian Science Monitor*⁴⁸

A discussão sobre o potencial jornalístico do *blog* é também objeto da análise de Fernando Zamith (2004), pesquisador da Universidade do Porto. O autor vê no conceito um suporte para a produção de hipertextos. Para ele, a potencialidade do *weblog* como recurso jornalístico está nas características do *software* de publicação, que oferece espaço para título e

⁴⁸ Disponível em [http://www.csmonitor.com/newsinbrief/brieflies.html]. Acessado em 6 de fevereiro de 2003.

um lugar para o texto – em que a notícia é inserida–, permite atualização rápida e hierarquiza o conteúdo cronologicamente. O referido autor, portanto, encara o *blog* como um molde de página, que *pode* ser utilizado jornalisticamente. Tal perspectiva converge com a visão grothiana, que considerava a forma pela qual se apresenta o discurso jornalístico pouco relevante (GROTH, 1928, p. 28):

“Es ist möglich, daß Publikationen, die alle Merkmale der Zeitung besitzen, nicht auf dem Wege des Druckes vervielfältigt werden, und dafür haben wir Beispiele in der Vergangenheit und Gegenwart, wie auch in der Zukunft noch unbekannte Möglichkeiten der Vervielfältigungsverfahren liegen”.⁴⁹

O próprio caso do *site Blue Bus*, apontado como um dos pioneiros do formato na Internet brasileira nesta dissertação poderia ser considerado jornalístico? Entendemos que sim, isso porque ele contempla as características citadas nessa dissertação de um discurso produzido no modo de verdade com o intuito de “fazer-saber” e de atender às características definidas por Groth de aparição pública, diversidade de conteúdo, de produzir notícias de interesse geral (apesar de o foco principal ser o de informações da área de mídia⁵⁰), estar calcada na contemporaneidade e caracterizar-se pela produção profissional.

⁴⁹ “É possível que publicações que tenham todas as características do jornal sejam reproduzidas por meios outros que a impressão. Temos exemplos disso no passado e no presente, assim como também no futuro, onde residem possibilidades de reprodução ainda desconhecidas”. [Tradução do autor, sob a supervisão de Elisabeta Santoro].

⁵⁰ O sentido da palavra *mídia* neste parágrafo é “todo suporte de difusão da informação que constitui um meio intermediário de expressão capaz de transmitir mensagens” (DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2001).

Outros exemplos também se destacam no mundo jornalístico. A versão *on-line* do *The New York Times*, por exemplo, tem duas seções às quais qualifica de *blogs*: a *newsletter Dealbook*⁵¹, um boletim com *links* para notícias do mercado financeiro publicadas na imprensa anglófona, e a seção *Times On Trial*⁵², na qual o internauta encontra a relação completa das matérias publicadas no jornal sobre o pleito norte-americano. No caso da *Dealbook*, trata-se de uma página em que se comentam notícias publicadas em vários *sites*, inclusive no do próprio *The New York Times*, o que aproxima a proposta do sentido de *blog* como coleção de *links* e comentários. Já na seção *Times On Trial*, a definição de *blog* deriva dos programas de edição, que dispõem cronologicamente blocos de texto em uma mesma página.

Retomando a problematização exposta no tópico que discute se o *weblog* tem como pré-requisito a produção amadorística, entendemos que não, pois o objeto pode ser empregado como um suporte e, nesse sentido, nada impede que ele seja utilizado profissionalmente.

A proposição exposta legitima-se no fato de que um dos referentes do conceito é de molde de página, o que restringe a palavra a uma forma que pode ser usada de modos distintos. O mesmo vale para o referente de página de *links* com comentários, cujo formato evoca o conceito de digesto jornalístico, que é uma compilação de resumos de artigos e reportagens.

⁵¹ A publicação abriga o *blog Dealbook*, que é enviado gratuitamente por *e-mail* para os interessados. Disponível em [<http://www.nytimes.com/info/help/email/DealBook.html>]. Acessada em 8 de março de 2003.

⁵² Disponível em [<http://www.nytimes.com/pages/politics/trail/>]. Acessada em 17 de maio de 2004.

Pensando nessa função, Rebecca Blood (2002b, p. 23) chega a afirmar que “weblogs can function as superb digests of online material”⁵³.

A querela sobre a natureza jornalística do *blog* sinaliza uma mudança. A propriedade participativa da rede, da qual é um dos seus expoentes, apresenta-se como uma nova forma de espaço público, no qual o jornalismo busca um novo papel.

1.6. Jornalismo, *blog* e mediação

O jornalismo não é só uma atividade empresarial. Ele exerce uma função política e econômica específica no espaço público da sociedade burguesa. Qual seria então esse papel? Para compreendê-lo é preciso entender a relação entre a produção jornalística e o regime político, social e econômico contemporâneo. A origem dessa profissão ajuda a entender o papel que ela exerce no contexto político atual. Segundo Otto Groth, a imprensa é produto da democracia e do capitalismo (1928, p. 82):

“Kapital und Masse sind die beiden Säulen der Zeitung, demokratisch-kapitalistisch ist ihr Wesen. So entsteht der Dualismus in der Zeitung, so trägt sie einen 'Januskopf', dessen eines Gesicht nach wirtschaftlichem Gewinn, dessen anderes nach geistigem Erfolg bei der Masse ausblickt”⁵⁴.

⁵³ “Os *weblogs* podem funcionar como um maravilhoso digesto de material *on-line*”. [Tradução do autor].

⁵⁴ “Capital e massa são os dois pilares do jornal, sua essência é democrático-capitalista. Assim surge o dualismo no jornal; assim ele carrega uma 'cabeça de Janos': uma face voltada ao lucro econômico e outra em busca do sucesso junto à massa”. [Tradução do autor, sob a supervisão de Elisabeta Santoro].

Essa origem e dualidade implicaram uma relação de influência mútua com o Estado. Para Groth, o jornalismo exerce um papel de instrumento do poder público para gerir a sociedade (1928, p. 57-58):

“Dem moderner Staat, der von einem Zentralpunkt aus das Schicksal aller seiner auf weitem Raum wohnenden Angehörigen bestimmt, ist die Zeitung unentbehrlich geworden zur Verbreitung seiner Anordnungen, zur Mitteilung seiner Absichten. Die Oeffentlichkeit der Zeitung vernichtet das heimlich wirkende Gift der Gerüchte, erwürgt die Unwahrheit, die, ans Licht getreten, greifbar und deshalb angreifbar wird. In den Tagen, in denen die Zeitungen nicht berichtend und berichtend sprechen können, tritt die übertreibende, lügnerische Fama ihre Herrschaft an und erzeugt Ratlosigkeit und Unsicherheit, Unruhe und Verwirrung, Panik und Aufruhr. So ermöglicht die Zeitung erst das Wirken der modernen Verwaltung, sichert die Ordnung und bewahrt den Staat vor Erschütterungen”⁵⁵.

Nesse contexto, o jornalismo deve ser entendido também, por consequência de seu papel no sistema sociopolítico e por ser um discurso modalizado no “fazer-saber”, como uma ação persuasiva, modalizada no “fazer-crer”, conforme Otto Groth (1928, p. 1016-1017) observa:

“Die Journalistik soll und will überzeugen, im Notfall überreden, auch dann, wenn der Leser durchaus nicht bereit ist, zuzuhören; sie muß

⁵⁵ “O Estado moderno, que determina o destino de tudo, administrando uma área ampla com uma população dispersa a partir de um ponto central, fez do jornal um elemento indispensável para disseminar suas disposições, apresentar suas intenções. O público de um jornal destrói o secreto trabalho nocivo dos boatos, estrangula as inverdades que, ao serem levadas à luz, tornam-se perceptíveis e vulneráveis. Nas ocasiões em que o jornalismo não pode reportar e corrigir, o exagero, a falsa fama, reinam e produzem dificuldades e incertezas, intranquilidade e confusão, pânico e tumulto. Portanto, o jornal torna o trabalho do moderno administrador possível, assegura a ordem e protege o Estado de convulsões”. [Tradução do autor, sob a supervisão de Elisabeta Santoro].

ihn festhalten, auch dann, wenn er flüchtig den Inhalt der Zeitung durchheilen will; sie lebt vom Tage und muß den Augenblick nützen”.⁵⁶

Como o discurso da imprensa se faz crer, ou seja, como o jornal obtém credibilidade? Para entender isso, é preciso antes entender de que modo o jornalismo trabalha. Segundo Hebert Gans, o discurso do jornal fundamenta-se nas fontes (2004, p. 80):

“I view news as information which is transmitted from sources to audiences, with journalists – who are both employees of bureaucratic commercial organizations and members of a profession – summarizing, refining, and altering what becomes available to them from sources in order to make the information suitable for their audiences (...) By ‘sources,’ I mean the actors whom journalists observe or interview, including interviewees who appear on the air or who are quoted in magazine articles, and those who only supply background information or story suggestions. For my purpose, however, the most salient characteristic of sources is that they provide information as members or representatives of organized and unorganized interest groups, and yet larger sectors of nation and society”.⁵⁷

⁵⁶ “O jornalismo deve e quer persuadir, convencer, se for necessário, mesmo quando o leitor não está de maneira alguma disposto a prestar atenção, a imprensa deve segurá-lo, mesmo quando ele quer passar apressadamente pelo conteúdo do jornal; a imprensa vive do dia e deve usar o instante”. [Tradução do autor, sob a supervisão de Elisabeta Santoro].

⁵⁷ “Eu vejo as notícias como informação que é transmitida de fontes para audiências, com jornalistas – que são tanto empregados de uma organização comercial-burocrática quanto membros de uma profissão – que resumem, refinam e mudam o que é disponibilizado a eles pelas fontes, tornando a informação disponível para suas audiências (...) Por ‘fontes’, eu quero dizer os atores observados ou entrevistados por jornalistas, incluindo aí tanto os entrevistados que aparecem no ar e aqueles que são citados em artigos de revistas, quanto aqueles que somente fornecem informações de suporte ou sugestão de histórias (matérias). Para minha finalidade, no entanto, a principal característica das fontes é que elas fornecem informações como membros ou representantes de grupos, organizados e desorganizados, e ainda largos setores da nação e da sociedade”. [Tradução do autor].

Esse discurso, por sua vez, utiliza-se basicamente de duas táticas para persuadir: a primeira é de que haja indícios convincentes do que é dito na reportagem – o que situa o discurso no princípio da verossimilhança – e a outra consiste em fundamentar-se no poder, na autoridade, da fonte: “authoritative sources are believed simply because their authoritative”⁵⁸ (*Id.*, p 274).

O papel do jornalismo na sociedade democrático-burguesa, contudo, não se limita à tarefa política. Há também um fator econômico que não se restringe à característica de empreendimento empresarial. Groth, igualmente, via o jornalismo como alicerce do sistema capitalista no século XX (*Id.*, p. 66):

“Die Presse ist sodann eines der wichtigsten Stützorgane der heutigen Volkswirtschaft. Auch hier trägt sie mit nie rastender Raschheit und höchstmöglicher Vollständigkeit aus allen Fernen die Tatsachen des Wirtschaftslebens zusammen, und indem sie die Früchte ihrer Arbeit allen zugute kommen läßt, hat sie das einstige Nachrichtenmonopol einzelner Mächtiger gebrochen oder doch stark eingeschränkt. Sie gibt jedem die Möglichkeit, die Tendenzen und Schwankungen der Märkte zu verfolgen, und sie wirkt so an der Ordnung, Stetigkeit, und Sicherheit der Produktion und des Handels mit. Zahllose Impulse empfängt tagtäglich das Wirtschaftsleben in allen seinen Zweigen von dem Nachrichtendienst der Zeitungen. Ein Ausgleich der Vorräte und eine Preisbildung auf dem Weltmarkt sind überhaupt erst dadurch möglich geworden, daß die Notierungen der Börsen, denen auch das Nachrichtenmaterial der Presse zugrunde liegt, wieder von dieser durch die ganze Welt verbreitet werden”⁵⁹.

⁵⁸ “Fontes oficiais são cridas simplesmente porque são autoridades”. [Tradução do autor].

⁵⁹ “A imprensa é portanto um dos mais importantes órgãos de apoio da economia nacional contemporânea. Ela reúne de todo lugar os fatos da vida econômica com uma incansável rapidez e a maior completude possível e, permitindo que todos se beneficiem dos frutos do seu trabalho, destruiu o antigo poder monopolístico de informação ou limitou-o fortemente. Ela dá a qualquer um a possibilidade de acompanhar as tendências e flutuações dos mercados e ajuda assim na ordem,

O caráter econômico do jornalismo, contudo, não se limita a tornar mais transparente o sistema de formação de preços ou orientar os investidores do mercado de capitais. Segundo Roger Fowler, o próprio público torna-se, no processo, uma mercadoria. Ele justifica esse ponto de vista alegando que o apelo comercial de um jornal está em sua difusão (1994, p. 20):

“(...) the product, in a commercial sense, is not news or newspapers (thought both are clearly made), but rather readers – the profit, if any, coming from advertising revenue – or even votes, if the aim of the owners of newspapers is to maintain a government which will favour their other commercial ventures”⁶⁰.

No contexto de produção desse tipo específico de mercadoria, o papel do discurso, segundo Fowler (*Id.*, p. 232), é de construir a audiência (“jornais constroem leitores”), ou seja, sua mercadoria:

“The fact is that readers are implicated in the discursive articulation of values and beliefs (...) The individual, processing the discourse by scanning and understanding it, has to take on board the paradigms and stereotypes that are implied: if s/he does not, the discourse will not signify. In this sense, that newspapers construct readers”⁶¹.

estabilidade e segurança da produção e do comércio. Diariamente, a vida econômica como um todo recebe incontáveis impulsos de suas ramificações pelo serviço de apuração dos jornais. Um equilíbrio da oferta com uma formação de preços no mercado mundial tornou-se, enfim, possível somente pelo fato de que as cotações de vendas de ações, nas quais o serviço de apuração da imprensa se baseia, é divulgada por ela no mundo inteiro”. [Tradução do autor, sob a supervisão de Elisabeta Santoro].

⁶⁰ “ (...) o produto, no sentido comercial, não são jornais ou notícias (apesar de ambos serem claramente produzidos), mas sim leitores – o lucro, se vier, virá das vendas de anúncios – ou ainda votos, se o objetivo dos donos dos jornais forem manter um governo o qual o favorecerá em outros empreendimentos comerciais”. [Tradução do autor].

⁶¹ “O fato é que os leitores estão comprometidos na articulação discursiva de valores e crenças (...) O indivíduo, processando o discurso ao lê-lo e compreendê-lo, tem de incorporar os paradigmas e estereótipos que ele embute: se ele/ela não o fizer, o discurso não terá significado. Nesse sentido, esses jornais constroem leitores.” [Tradução do autor].

Tal processo de mediação e de mercantilização do público também implica uma determinada maneira de elaborar o discurso jornalístico. O processo de produção e seleção de notícias, por extensão, é influenciado, segundo Hebert Gans (2004., p. 81), pelo ordenamento hierárquico da sociedade, como ressalta o autor:

“(...) story selection is essentially composed of two processes: one determines the availability of news and relates journalists to sources; the other determines the suitability of news, which ties journalists to audiences (...) The economically and politically powerful can obtain easy access to, and are sought out by, journalists; those who lack power are harder to reach by journalist and are generally not sought out until their activities produce social or moral disorder news. In short, access reflects the social structure outside the newsroom”.⁶²

O jornalismo portanto, segundo Gans, tem seu discurso calcado no discurso de um outro, que orienta o foco narrativo. O referido autor acrescenta que, na maioria das vezes, a fonte conduz o jornalista mais que o contrário (*Id.*, p. 116):

“The relationship between sources and journalists resembles a dance, for sources to seek access to journalists, and journalists seek access to sources. Although it takes two to tango, either sources or journalists can lead, but more often than not, sources do the leading”⁶³.

⁶² “(...) a seleção de notícias é essencialmente composta de dois processos: um determina a disponibilidade/utilidade da notícia e tem a ver com a relação entre jornalistas e fontes; a outra determina a adequação das notícias, que cria laços dos jornalistas com suas audiências (...) Os poderosos, econômica e politicamente, podem obter fácil acesso e são procurados por jornalistas; aqueles que são desprovidos de poder têm dificuldade de chegar aos jornalistas e não são procurados, até suas ações gerarem desordens morais ou sociais. Em resumo, o acesso reflete a estrutura social do lado de fora das redações dos jornais”. [Tradução do autor].

⁶³ “A relação entre fontes e jornalistas é parecida com uma dança, em que as fontes buscam acesso aos jornalistas e os jornalistas às fontes. Apesar de a relação ocorrer sob mútuo consentimento, em que tanto as fontes quanto os jornalistas podem comandar a relação, o mais comum é a fonte comandar”. [Tradução do autor].

Quando um jornal afirma, por exemplo, que a inflação caiu, a equipe de profissionais de imprensa da publicação não foi às ruas e mediu, após semanas ou meses de investigação, o avanço ou recuo dos preços; procurou-se uma instituição que afere tal indicador e colheu dela os dados: a verificação não foi direta.

Portanto, esse discurso é um instrumento do Estado democrático-burguês para gerir a sociedade, obedecendo aos princípios hierárquicos e axiológicos que a regem. Tal assujeitamento, por sua vez, é assegurado pelo *modus operandi* da atividade, que é a produção de enunciados mediante fontes, situadas nos estratos superiores da pirâmide social.

Qual seria, nesse contexto, o sentido dessa *práxis*? Para Louis Quéré, a ação jornalística é determinada, em última instância, por um modo histórico de expressão social correspondente à socialidade burguesa. O jornalista participaria como ator-espectador, como o coro do teatro grego (QUÉRÉ, 1982, p. 162):

“Historiquement, le journalisme apparaît dans le cadre de ce gigantesque effort des sociétés modernes pour se définir sans la voix de Dieu, c’est-à-dire à partir d’elles-mêmes. En ce sens il est corrélatif du déclin de la fonction religieuse du clerc. Dans sa figure initiale, le journaliste est préposé à la fabrication d’un discours social strictement immanent, destiné à prendre la place du langage religieux dans sa fonction de fondation de l’espace social”⁶⁴.

⁶⁴ “Historicamente, o jornalismo aparece no contexto de um gigantesco esforço das sociedades modernas para se definir sem a voz de Deus, ou seja, a partir delas mesmas. Nesse sentido, é correlativo ao declínio da função religiosa do clero. Sob essa figura inicial, o jornalismo é empregado para a fabricação de um discurso social estritamente imanente, destinado a substituir o lugar da linguagem religiosa na função de fundador do espaço social”. [Tradução do autor].

O jornalismo seria, portanto, um agente mediador entre o público e o *establishment*. O campo da prática jornalística é composto, segundo o autor, de três pólos: o poder – essencialmente o poder político –, o público e o jornalista-narrador. Quéré afirma que, ao estabelecer uma relação com o poder político, ele participa de um jogo que não o identifica nem como poder nem como público, investindo-se de um papel de porta-voz de uma opinião pública crítica e legislativa.

Ao narrar o jogo do poder, o jornalista constrói um discurso coerente destinado a contar, em suas derrotas, as estratégias, tergiversações e golpes. Dependendo da ocasião, faz-se crítico ou normativo. Ele dá “lições de governo” sem padecer das responsabilidades e riscos. Em relação ao público, o jornalismo se faz de porta-voz de suas interrogações e reações, evocando uma relação de proximidade que na verdade mascara uma grande distância, pois o discurso jornalístico torna o público um espectador. Sua ação torna-se também uma relação pedagógica e a ação de porta-voz torna-se um ato de autoridade. A narrativa generalizada que corresponde à informação produz um espaço perspectivo do social por uma cascata de simulações que narram a história de modo que permitam realizá-la. Quéré define a relação entre o poder e o jornalismo sob o estatuto simbólico de uma “comédia”, empregada aqui no sentido menos corriqueiro da palavra, de simulação, no que acrescenta (*Id.*, p. 165):

“Dans la société moderne, le Pouvoir a ‘besoin’ d’être représenté et, plus précisément, raconté. Le système d’action journalistique en découle. L’identification fictive du journalisme-narrateur au Pouvoir-acteur de l’histoire et au Pouvoir-maître de l’organisation sociale exprime cette réciprocité nécessaire entre la position de toute-

puissance recherchée par le Pouvoir et la représentation narrative des gestes, des paroles et des actes où se manifeste cette toute-puissance. Un récit simule la capacité d'auto-engendrement de l'histoire et de la société. Or ce récit doit être énoncé par un narrateur formellement distinct du Pouvoir, pour qu'il soit producteur de vérité et d'universalité”⁶⁵.

O autor acrescenta que o poder e o jornalismo estabelecem uma relação de cumplicidade. O primeiro precisa do segundo porque o discurso da imprensa figurativiza⁶⁶ o poder sob a égide da onipotência ao simplesmente narrar-lhe as ações. O segundo, por sua vez, precisa do poder porque, mediante a produção de informações focadas nas ações dele, a imprensa se legitima, no que acrescenta que, ao representar os acontecimentos, ele dá à anterioridade um estatuto de causa. Quéré afirma que o discurso jornalístico incorpora em sua narração esquemas de interpretação e de ação pré-definidos na opinião comum (mitos, imagens, julgamentos, valores etc).

Algo, contudo, mudou. Esse papel da imprensa, de mediadora para o poder público, esse papel de alicerce econômico da sociedade democrático-capitalista, vive um momento de crise, de transformação.

⁶⁵ “Na sociedade moderna, o poder precisa ser representado e, mais precisamente, recontado. O sistema de ação jornalística o exprime. A identificação fictícia do jornalista-narrador no poder-ator da história e do poder-gestor da organização social exprime essa reciprocidade necessária entre a posição de onipotência buscada pelo poder a representação narrativa dos gestos, das palavras e dos atos pelos quais se manifestam essa onipotência. Uma narrativa simula a capacidade de auto-engendramento da história e da sociedade. Pois essa narrativa deixa ser enunciada por um narrador formalmente distinto do poder, para que ele seja produtor de verdade e universalidade”. [Tradução do autor].

⁶⁶ C.f. glossário, p. 248.

Gans (2004., p. xii), no prefácio da reimpressão de sua obra⁶⁷, destaca que o cenário atual da grande imprensa é marcado pela perda de público e de verbas publicitárias. Como interpretar esse momento? A que atribuir essa mudança?

O grande discurso organizador da imprensa, identificado por Otto Groth e que pode ser observado na mídia em um sentido mais amplo, vive, portanto, uma crise. Esse discurso unificador, que levou o autor de *Die Zeitung* a excluir de seu *constructo* de jornal as publicações especializadas, vem sofrendo uma mutação. Essa instabilidade, segundo Eliseo Veron (1991, p. 170), ocorre em um momento de crise de identidade na sociedade contemporânea e acrescenta que “la parole politique n’en a pas grand-chose à dire”⁶⁸.

Veron destaca que o discurso midiático se caracteriza atualmente por uma multiplicidade de estratégias enunciativas. Pelo texto, é possível inferir que o princípio da diversidade de conteúdo, citado por Groth como uma das propriedades constitutivas do discurso jornalístico, cresceu e, de certo modo, abalou o princípio da universalidade de interesses, que tem no âmbito político-institucional um de seus principais catalisadores. O esboroamento do discurso político, por sua vez, não foi sucedido por algum tipo de silêncio, mas sim o contrário. Tal característica, segundo Louis Quéré (1982, p. 101), deu lugar a um real “tagarela”, que vem se instaurando como um novo regime de representação simbólica:

⁶⁷ A obra de Gans teve sua primeira edição em 1979. O livro utilizado nesta dissertação é de 2004.

⁶⁸ “a palavra política não é mais a grande coisa a ser dita”. [Tradução do autor].

“L’idéologie de la consommation et le fonctionnement des media nous en livrent la formule: ‘Le réel désormais bavarde’. Alors que le régime précédent se fondait sur son silence, celui de la société technologique n’a cessé de le pro-duire. Ce changement radical dans la division instituée du réel et de la représentation signale l’émergence d’un mode inédit de gestion de l’extériorité symbolique qui traverse la société pour la fonder. Il indique du même coup que l’espace public est désormais investi par une logique étrangère à celle qui le régissait auparavant. Il reste cependant que ce changement ne se traduit pas par une pure et simple substitution. Ou du moins préserve-t-il un temps les formes antérieures tout en les évidant et en les réemployant selon un principe d’ordre qu’elles ne déterminent plus. Car telle est, semble-t-il, la modalité générale du changement social: les anciens cadres de référence ne sont pas immédiatement détruits mais investis par une nouvelle logique qui y infiltre ses critères et les ordonne à ses objectifs”⁶⁹.

Essa propriedade “tagarela” do regime de representação pós-moderno apresenta traços convergentes com a vocação participativa do ciberespaço, de produção intensificada de discursos, citada por Pierre Lévy (2001b, p. 48). Tal estado sinaliza uma tendência do mundo contemporâneo que se acentuou com a Internet, mas que já tomava forma no início do século XX. Em um ensaio de 1936, Walter Benjamin já afirmava (1980, p. 18):

⁶⁹ “A ideologia do consumo e o funcionamento da mídia nos traz a fórmula: ‘O real doravante tagarela’. Enquanto o regime precedente se fundava sobre o som do silêncio, o da sociedade tecnológica não cessa de *pro-duzir* som. A mudança radical sobre a divisão instituída do real e da representação assinala a emergência de um modo inédito de gestão da exterioridade simbólica, que cinde a sociedade para fundá-la. Ela indica simultaneamente que o espaço público é, de agora em diante, investido de uma lógica distinta daquela que lhe regia anteriormente. Contudo, tal mudança não se traduz mais por uma pura e simples substituição. Ou, ao menos, que essa substituição conserva, a um tempo, as formas anteriores, extraindo-lhes tudo porém, e reintroduzindo um princípio de ordem que não lhe determina mais. Pois tal é, ao que parece, a modalidade da mudança social: os antigos quadros de referência não são mais imediatamente destruídos, mas investidos de uma nova lógica que se infiltra em seus critérios e determina seus objetivos”. [Tradução do autor].

“Durante séculos, um pequeno número de escritores encontrava-se em confronto com vários milhares de leitores. No fim do século passado, a situação mudou. Mediante a ampliação da imprensa, que colocava sempre à disposição do público novos órgãos políticos, religiosos, científicos, profissionais e regionais, viu-se um número crescente de leitores – de início, ocasionalmente – desinteressar-se dos escritores. A coisa começou quando os jornais abriram suas colunas a um ‘correio de leitores’ e, daí em diante, inexistiu hoje em dia qualquer europeu, seja qual for a sua ocupação, que, em princípio, não tenha a garantia de uma tribuna para narrar a sua experiência profissional, expor suas queixas, publicar uma reportagem ou algum estudo do mesmo gênero. Entre o autor e o público, a diferença, portanto, está em vias de se tornar cada vez menos fundamental”.

Observação semelhante foi feita por McLuhan e Fiore na década de 1960 ao refletirem sobre o impacto das máquinas fotocopadoras (1967, p. 122-123):

“The invention of printing did away with anonymity, fostering ideas of literary fame and the habit of considering intellectual effort as private property. Mechanical multiples of the same text created a public – a reading public. The rising consumer-oriented culture became concerned with labels of authenticity and protection against theft and piracy. The idea of copyright – ‘the exclusive right to reproduce, publish, and sell the matter and form of a literary or artistic work’ – was born.

Xerography – every man’s brain-picker – heralds the times of instant publishing. Anybody can now become both author and publisher”⁷⁰.

⁷⁰ “A invenção da imprensa jogou para longe o anonimato, estimulando sonhos de fama literária e o costume de considerar o esforço intelectual como propriedade privada. Os meios mecânicos de multiplicar o mesmo texto criaram um público - um público leitor. O crescimento de uma cultura orientada para o consumidor gerou a preocupação com marcas de autenticidade e gerou a preocupação de proteger contra o roubo e a pirataria. A idéia dos direitos autorais - o direito exclusivo de reproduzir, publicar ou vender uma forma de trabalho artístico ou literário - nasceu. A fotocópia [xerografia] - a coletânea das idéias de cada homem - anuncia a era da publicação instantânea. Qualquer um agora pode ser tanto autor quanto publicador”. [Tradução do autor].

Essa propriedade participativa e simultaneamente “tagarela” tem no *blog* uma de suas traduções, como destaca Brigitte F. Eaton, publicadora do *weblog Eatonweb* [<http://www.eatonweb.com>] (BLOOD, 2002a, p. 103):

“I think self-publishing is a huge trend which will certainly be growing over the next few years. The Web has enabled people to express themselves to the world in a whole new way. As more tools develop and are improved upon, people with no technical background or interest will have the opportunity to discover this self-expression and at the same time others can take advantage of the relevancy these people create. That's what makes weblogs so wonderful. They're nothing new, they're not changing the world with their content, they're not going to make anyone huge amounts of money, but they are a form of self-expression and community which others enjoy reading”⁷¹.

Qual seria o sentido da autopublicação, qual seria o sentido dessa realidade tagarela? Segundo Douglas Rushkoff, jornalista e professor da universidade de Nova Iorque, a questão gira em torno da busca de identidade (BLOOD, 2002a, p. 118):

“Sure, the Internet allows people to post their own content or make their own websites.

But what do most people really do with this opportunity? They share the social currency they have collected through their lives, in the form of Britney Spears fan sites or collections of illegally gathered MP3s of popular songs. The myth of the Internet – and one I believed for a long

⁷¹ “Vejo a autopublicação como um grande tendência que certamente crescerá a curto prazo. A web tem habilitado pessoas a se expressar no mundo inteiro de um novo modo. Assim que mais ferramentas se desenvolvam e se aperfeiçoem, pessoas com nenhuma formação tecnológica ou interesse pela tecnologia terão a oportunidade de descobrir essa autoexpressão e, simultaneamente, outras pessoas poderão obter vantagens das coisas relevantes que essas pessoas criarem. É isso que faz os *weblogs* tão maravilhosos. Eles não são nada de novo, eles não estão mudando o mundo com seu conteúdo, eles não estão proporcionando grandes quantidades de dinheiro, mas eles são uma forma de autoexpressão e de ligação com outros que apreciem a leitura”. [Tradução do autor].

time is that most people really want to share the stories of their own lives.

The fact that 'content is king' proves that they don't. They need images, stories, ideas, and sounds through which they can relate to one another. The only difference between the Internet and its media predecessors is that the user can collect and share social currency in the same environment. Those of you who think you are creating online content take note: your success will be directly dependent on your ability to create excuses for people to talk to one another. For the real measure of contents quality is its ability to serve as a medium"⁷².

O teórico argentino Eliseo Veron (1991., p 172) interpreta essa diversificação de discurso, igualmente, como uma expressão de busca das identidades sociais:

“D’une part, l’évolution des systèmes économiques industriels comporte une diversification croissante des savoirs techniques, e une spécificité croissante de chacun de ces savoirs. Cete multiplication-complexification des savoirs techniques se traduit par l’éclatement du social en microcultures particulières, qui structurent des quotidiens de plus en plus diversifiés. D’autre part, comme résultat des phénomènes migratoires accentués depuis de la fin de la Deuxième Guerre mondiale, nous savons que les sociétés industrielles d’Occident sont en train de devenir des sociétés multiculturelles et multiraciales. Ce

⁷² “Certamente, a Internet permite às pessoas divulgarem seu próprio conteúdo ou fazer seus próprios sites.

Mas como a maioria das pessoas realmente aproveita essa oportunidade? Eles compartilham moedas sociais que coletaram em suas vidas, na forma de sites de fãs de Britney Spears ou de coleções ilegais de músicas populares em MP3. O mito da Internet – o qual acreditei por um longo tempo, é que a maioria das pessoas quer mesmo compartilhar as histórias de suas vidas.

O fato de que ‘o conteúdo reina’ prova que não. Elas precisam de imagens, histórias, idéias e sons por meio dos quais elas se relacionam. A única diferença entre a Internet e as mídias antecessoras é que o usuário pode coletar e compartilhar as moedas sociais no mesmo ambiente. Aqueles que pensam que você está criando conteúdo *on-line* prestem atenção: seu sucesso será diretamente proporcional à sua habilidade de criar motivos para as pessoas conversarem entre si. Pois a verdadeira medida da qualidade do conteúdo é sua habilidade de servir como meio”. [Tradução do autor].

phénomène, d'une portée considérable, contient un autre espoir de préservation de la complexité"⁷³.

Nesse contexto de mudança, Louis Quéré (1982, p. 149-150) afirma que a contemporaneidade é marcada pela perda de *status* da mídia tradicional, decorrente da falência das metanarrativas:

“Il est incontestable en effet que les media traditionnels perdent le monopole de l'information post-moderne au fur et à mesure qu'apparaissent de nouvelles technologies et de nouvelles institutions (banques de données, nouveaux media, informatique). Perdant ce monopole, ils tendent aussi à perdre leur spécificité, c'est-à-dire à devenir des entreprises industrielles et commerciales communes. En fait cette pert de spécificité met essentiellement en jeu une compétence narrative. En effet les media traditionnels se sont distingués jusqu'à présent d'entreprises fabriquant du savon ou des chaussettes par leur participation spécifique au champ de la communication instituante et par la subordination de leur dimension économique à des principes transcendants formulés dans les termes du discours politico-institutionnel. Leurs compétence narrative était intimement liée à cette dépendance. Non pas seulement leur capacité et leur habilitation à rapporter les événements et à les commenter, mais surtout leur mise au service des 'grands récits de légitimation' de la modernité (...) Il en va de même pour la pratique journalistique. La thèse du 'journalisme indésirable' ne peut être défendue que si l'on postule que la transmission du savoir peut se faire sans la médiation du récit.”⁷⁴.

⁷³ “Por um lado, a evolução dos sistemas econômicos industriais abrangem uma diversificação crescente de saberes técnicos e uma especialização crescente de cada um desses saberes. Tal multiplicação-complexidade de saberes técnicos se traduz na disseminação do social em microculturas particulares, que estruturam cada vez mais os cotidianos diversificados. Por outro lado, como resultado dos fenômenos migratórios acentuados depois do fim da II Guerra Mundial, nós sabemos que as sociedades industriais do ocidente estão a caminho de se tornar sociedades multiculturais e multiraciais. Tal fenômeno, de uma dimensão considerável, traz consigo uma outra esperança de preservação da complexidade”. [Tradução do autor].

⁷⁴ “É incontestável de fato que a mídia tradicional perdeu o monopólio da informação pós-moderna à medida que aparecem novas tecnologias e novas instituições (bancos de dados, novas mídias, informática). Perdendo seu monopólio, as empresas de mídia tendem assim a perder sua

Quéré vê, nesse contexto, o surgimento de um novo tipo de jornalismo, que põe de lado o efeito de objetividade no relato. Isto é, o discurso da imprensa se afasta cada vez mais daquele estilo de enunciado que elimina as marcas do sujeito. O autor acrescenta que as metanarrativas legitimavam o discurso jornalístico. No contexto da pós-modernidade elas foram substituídas por uma multiplicidade de vozes, no que complementa (*Id.*, p. 155-156):

“Les récits médiatiques ne racontent plus que des histoires particulières: ‘histoires de famille’, récits de vie’, ‘autobiographies’, témoignages correspondant au ‘nouveau journalisme’, etc. Ces ‘micro-récits’ mettent en scène des subjectivités faute de pouvoir continuer à pro-duire le Sujet fictif de la société bourgeoise (Public éclairé, Nation, Peuple...). Quant à leur polyvalence, elle résulte de l’éclatement de leur fonction. Ils démultiplient l’espace social en articulant à leur insu une infinité de champs d’action particulier où se meuvent individus et groupes”⁷⁵.

1.7. Uma relação paradoxal

A partir desses pressupostos teóricos, poder-se-ia inferir que o conceito de *blog* surge como uma expressão da difusão dos microdiscursos que marca

especificidade e tornarem-se empresas industriais e comerciais comuns. A perda de tal especificidade põe em jogo uma competência essencialmente narrativa. De fato, a mídia tradicional se distingue das empresas que fabricam sabão e meias por sua participação específica no campo da comunicação institucional e pela subordinação de sua dimensão econômica aos princípios transcendentais formulados sob os termos do discurso político-institucional. Sua competência narrativa está intimamente ligada a tal dependência. Não mais apenas a sua capacidade e habilidade de relatar os fatos e os comentar, mas sobretudo de colocá-los a serviço das ‘grandes narrativas de legitimação’ da modernidade (...) O mesmo vale para a prática jornalística. A teoria do ‘jornalismo indesejável’ não pode ser defendida senão ao postular que a transmissão do saber pode ser feita sem a mediação da narrativa”. [Tradução do autor].

⁷⁵ “As narrativas midiáticas não recontam mais que histórias particulares: ‘histórias de família’, ‘histórias de vida’, ‘autobiografias’, testemunhos correspondentes ao ‘novo jornalismo’ etc. Essas ‘micronarrativas’ que põem em cena as subjetividades perdem o poder de continuar a produzir o Sujeito fictício da sociedade burguesa (público esclarecido, Nação, Povo...). Quanto à polivalência, ela resulta de um esfacelamento de sua função. Elas pulverizam o espaço social ao articular ao desconhecimento uma infinidade de campos de ação particulares onde se movem indivíduos e grupos”. [Tradução do autor].

a condição pós-moderna. O jornalismo, um dos mediadores privilegiados da sociedade democrático-burguesa, vive uma crise justamente pela falência dos metadiscursos que o legitimava. A assimilação dos *blogs* surge, portanto, no contexto de estratégias que visam adaptar a *práxis* da imprensa ao momento. Para isso, buscou-se no conceito de *blog* aproximações com práticas já estabelecidas na profissão e a coluna jornalística, principalmente sob a forma de digesto, vem sendo o modo mais corriqueiro dessa adaptação.

O jornalismo surgiu com a criação dos estados nacionais e a progressiva perda do poder político pela igreja na Europa nos séculos XVI e XVII. É um fenômeno portanto associado à “agonia de Deus”, cuja “morte” foi proclamada solenemente por Nietzsche em seu Zaratustra. Como Quéré⁷⁶ destaca, o jornalismo ganhou corpo e importância com o declínio da função religiosa do clero. O ideal dessa atividade ou, para ser mais preciso, seu fundamento ideológico, foi e ainda é a intransitividade do sentido, que pode ser expresso no famoso adágio de Gertrude Stein: “Rose is a rose is a rose is a rose”⁷⁷: nada além de uma rosa, nenhuma anagoria⁷⁸ sob a pele das palavras, na contramão dos versos de Carlos Drumond de Andrade⁷⁹.

Negar a transcendência tornou-se, com a consolidação da atividade da imprensa, a razão de ser da profissão, expressa na famosa metáfora do espelho, que propaga a idéia do jornalismo como reflexo elementar da

⁷⁶ C.f. p. 64-65.

⁷⁷ “A rosa é uma rosa, é uma rosa é uma rosa”.

⁷⁸ Anagoria deve ser compreendida, no âmbito dessa dissertação, como a passagem do sentido literal ao místico.

⁷⁹ Emprego aqui uma paráfrase do poema “A flor e a náusea”, de Carlos Drumond de Andrade.

realidade. Uma idéia força⁸⁰ que inspirou inclusive Otto Groth (1928, p. 43) em sua obra:

“Politische, religiöse, wissenschaftliche, pädagogische, ästhetische, technische, hygienische, juristische, steuerliche, wirtschaftliche, unterhaltende, gesellige, familiäre Dinge, alles, alles erscheint in dem ‘spiegel’ der Tagespresse”.⁸¹

Fundou-se portanto um mundo calcado nos sentidos, nas percepções, cuja tradução mais precisa é uma certa idéia de empirismo, do *Veritas est adaequatio rei et intellectus*⁸² (AQUINO, 1979, p. 26), um axioma tomista que assumiu um novo significado no mundo secular que surgia. Por extensão, a verossimilhança é o fundamento que dá sentido a essa ordem de discursos.

E qual o papel do jornalismo nesse novo mundo profano? Com base no fundamento daquilo que parece real, seja por se fundamentar na modalização⁸³ veridictória do parecer e ser, seja baseando-se na modalização alética do “dever ser” verdade, esse discurso associou-se a um determinado tipo de saber fundamentado na denotação (LYOTARD, 2002,

⁸⁰ Idéia força deve ser compreendida, no contexto dessa dissertação como conceito no qual que se unem inseparavelmente um caráter intelectual e um caráter ativo; peça fundamental de um raciocínio deflagrador de ação.

⁸¹ “Política, religião, ciência, educação, estética, tecnologia, higiene, legislação, tributação, economia, entretenimento, sociedade, assuntos familiares, tudo, tudo aparece no ‘espelho’ da imprensa diária”. [Tradução do autor, sob a supervisão de Elisabeta Santoro].

⁸² “A verdade consiste na conformidade entre a coisa e o intelecto”.

⁸³ C.f. glossário, p. 250.

p. 44-50), que ordena a *weltanschauung*⁸⁴, a “visão de mundo” contemporânea, como Barthes (1987b, p. 132-133) ressalta:

“A ‘representação’ pura e simples do ‘real’, o relato nu ‘daquilo que é’ (ou que foi) aparece assim como uma resistência ao sentido; esta resistência confirma a grande oposição mítica entre o vivido (o vivo) e o inteligível; basta lembrarmo-nos de que, na ideologia de nosso tempo, a referência obsessiva ao ‘concreto’ (naquilo que se pede retoricamente às ciências humanas, à literatura, aos comportamentos) está sempre armada, como uma máquina de guerra, contra o sentido, como se, por uma exclusão aquilo que vive não pudesse significar – e reciprocamente”.

Nesse contexto, como o discurso da imprensa se estruturou? A obra de Otto Groth (1928) forneceu pistas certas para a compreensão da atividade por meio de seis traços pertinentes: a periodicidade (*Periodisches Erscheinen*), a aparição pública (*öffentliche Erscheinen*), a diversidade de conteúdo (*Mannigfaltigkeit*), o interesse geral (*Allgemeinheit des Interesses*), a atualidade (*Aktualität*) e a produção profissional (*Gewerbsmässige Erzeugung*), fruto de um empreendimento econômico (*Wirtschaftliches Unternehmen*).

A periodicidade e a aparição pública legitimam a ocupação do espaço coletivo pela imprensa; já a diversidade, o interesse geral e a atualidade são os elementos que atraem a audiência, além de sustentar e autenticar o estatuto de “clero leigo” dessa categoria de produtores simbólicos. Por fim, a produção profissional e o empreendimento econômico remetem tanto à

⁸⁴ *Weltanschauung* deve ser compreendida, no âmbito dessa dissertação, como o conjunto ordenado de valores, impressões, sentimentos e concepções de natureza intuitiva, anteriores à reflexão, a respeito da época ou do mundo em que se vive.

laicidade da cultura burguesa quanto ao próprio estatuto capitalista do regime político-econômico.

O jornalismo, portanto, é um agente mediador entre o público, figurativizado como “opinião pública”, e os gestores políticos, econômicos, sociais, culturais e científicos dessa sociedade. O vínculo dessa atividade à idéia de Estado Nacional, tão bem exposto por Groth em sua obra, sofreu uma fissura na contemporaneidade, com a falência do metarrelato marxista (LYOTARD, 2002, p. 69), tido como o grande discurso legitimador da emancipação humana e a fragilização do sistema democrático-representativo (VERON, 1991, p. 168-170), assim como do estatuto da imprensa nesse ambiente (GANS, 2004, p. xii). Simultaneamente a isso, a Internet surgiu e vem conquistando espaço e audiência.

Essa rede mundial de computadores, principalmente sob a forma da *World Wide Web*, desenvolvida a partir de 1992, caracteriza-se entre outras coisas por uma grande participatividade, já observada por Lévy (2001b, p. 48). Se a rede criou um *speaker's corner*⁸⁵ em escala global, com acessibilidade ampla, tanto por parte daquele que pretende se manifestar quanto por parte dos que se candidatam a audiência desses discursos, a Internet apresenta-se como um avatar de um processo que lhe antecede e que pode ser definido como a dessacralização da palavra, conforme Bakhtin (1997a, p. 371) assinala:

⁸⁵ C.f. p. 43.

“O homem moderno já não proclama nem declama, fala e fala com restrições (...) Os sujeitos falantes dos gêneros declamatórios nobres – sacerdotes, profetas, pregadores, juízes, chefes, patriarcas etc. – desapareceram da vida (...) Realizou-se uma secularização completa da literatura.”

Tal processo decorre de uma instrumentalização tecnológica observada por Walter Benjamin⁸⁶ e McLuhan e Fiore⁸⁷, supracitados nessa dissertação, e que ilustram a máxima de Deleuze e Guatarri (1995, p. 31): “uma sociedade se define por seus amálgamas e não por suas ferramentas”. A cada inovação tecnológica, desde a invenção da imprensa, passando pelas máquinas fotocopadoras, as condições para qualquer um falar o que quiser para quem quiser tornaram-se cada vez mais propícias, e foi nesse sentido que os inventos se disseminaram.

Por isso, o *weblog*, compreendido principalmente como página de hipertexto pré-moldada, é o produto por excelência dessa palavra dessacralizada do ambiente *on-line*. Mais até que pura e simplesmente profana, é também a palavra banalizada. Sob esse aspecto, é interessante observar o papel do *blog* jornalístico. Qual seria, nesse contexto, a idéia de imprensa que esses projetos expressam? Para tentar responder a essa pergunta, a pesquisa apóia-se nos fundamentos da Análise do Discurso.

⁸⁶ C.f. p. 68-69.

⁸⁷ C.f. p. 69.

2. Fundamentos teóricos

Neste capítulo apresentamos os principais conceitos da escola francesa da Análise do Discurso, que privilegia a hermenêutica e adota como fundamento a Teoria da Enunciação. Em seguida, expomos os principais conceitos empregados na pesquisa.

2.1. As coerções ordenadoras da linguagem

Este estudo tem por pressuposto que a linguagem não é neutra. O sujeito está imerso em uma tessitura semiológica na qual articula seu discurso e que o leva a expor uma determinada visão de mundo (*weltanschauung*), ou seja, um conjunto ordenado de valores, impressões, sentimentos e concepções a respeito da época e do mundo em que vive. Essa perspectiva, por sua vez, é tecida em um jogo de ordenações delimitadas pela língua, conforme pontificou Barthes (1987a, p. 12-13):

“A linguagem é uma legislação, a língua é seu código. Não vemos o poder que existe na língua porque esquecemos que toda língua é uma classificação, e que toda classificação é opressiva: ordo quer dizer, ao mesmo tempo, repartição e cominação. Jákobson [*sic*] mostrou que um idioma se define menos pelo que ele permite dizer, do que por aquilo que ele obriga a dizer”.

Não se trata aqui, porém, de endossar uma visão determinista – nem Barthes propõe isso –, mas de expor os estereótipos categóricos da linguagem e como o sujeito lida com essas coerções impostas, como destaca Benveniste (1995, p. 79-80):

“Faz parte da natureza da linguagem o prestar-se a duas ilusões em sentido oposto. Por ser assimilável, por consistir-se de um número sempre limitado de elementos, a língua dá a impressão de ser apenas um dos intermediários possíveis do pensamento que, livre, auto-suficiente, individual, emprega a linguagem como instrumento seu. De fato, se tentamos atingir os quadros próprios do pensamento, só nos apoderamos das categorias da língua. A outra ilusão é o inverso. O fato de que a língua seja um conjunto ordenado, de que revele um plano, incita a procurar no sistema formal da língua o decalque de uma ‘lógica’ que seria inerente ao espírito e, pois, exterior e anterior à língua (...). É inegável que, submetido às exigências dos métodos científicos, o pensamento adota em toda parte os mesmos meios em qualquer língua que escolha para descrever a experiência. Neste sentido, torna-se independente, não da língua, mas das estruturas lingüísticas particulares. O pensamento chinês pode muito bem haver inventado categorias tão específicas como o tao, o yin e o yan: nem por isso é menos capaz de assimilar os conceitos da dialética materialista ou da mecânica quântica sem que a estrutura da língua chinesa a isso se oponha. Nenhum tipo de língua pode por si mesmo e por si só favorecer ou impedir a atividade do espírito”.

Compreender essas coerções ordenadoras é fundamental para desvendar as visões de mundo que elas comportam. Da mesma forma, entender os meios pelos quais um determinado discurso supera essa força coibidora é parte importante do processo de ver como os valores contestatários se manifestam, e a Análise do Discurso é um eficiente instrumento para atingir esse objetivo.

2.2. A Análise do Discurso (AD)

Trata-se de um campo teórico que apresenta alto teor polissêmico, como destacam Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 43):

“À análise do discurso podem-se atribuir definições as mais variadas: muito amplas, quando é considerada como um equivalente de ‘estudo do discurso’ ou restritivas quando, distinguindo diversas disciplinas que tomam o discurso como objeto, reserva-se essa etiqueta para uma delas”.

A investigação optou pela escola francesa de Análise do Discurso (AD), que é vinculada ao estudo do sentido do texto. Uma proposta, portanto, hermenêutica, como destaca Maingueneau (1997, p. 10-11):

“O analista do discurso vem (...) trazer sua contribuição às hermenêuticas contemporâneas. Como todo hermeneuta, ele supõe que um sentido oculto deve ser captado, o qual, sem uma técnica apropriada, permanece inacessível”.

É uma metodologia que tem a palavra escrita como foco e a lingüística como fundamento, embora a relação com essa disciplina ocorra de um modo particular (*Id.*, p. 17-18):

“Uma vez afirmada a inscrição da AD no espaço lingüístico, é conveniente se questionar de que forma ela deve pensar sua relação com a lingüística. 5Sobre este aspecto, a posição da AD parece delicada, já que, para retomar uma fórmula de J. J. Courtine, em AD ‘é preciso ser lingüista e deixar de sê-lo ao mesmo tempo’. De fato, por um lado, a discursividade define ‘uma ordem própria, diversa da materialidade da língua’ e, por outro, esta ordem ‘se realiza na língua’. Situação de desequilíbrio perpétuo que tanto impede a AD de deixar o campo lingüístico, quanto de enclausurar-se nesta ou naquela de suas escolas ou de ramos. A AD não é, pois, parte da lingüística que estudaria os textos, da mesma forma que a fonética estuda os sons, mas ela atravessa o conjunto de ramos da lingüística.”

Tal situação de instabilidade leva o cientista envolvido na AD a eleger quais aspectos e categorias ele considera importantes para estudar seu *corpus* (*Id.*, p. 18-19):

“Frente a um corpus, o pesquisador a priori não tem nenhuma razão determinante para estudar um fenômeno em detrimento de outro, da mesma forma que nada o obriga a um determinado procedimento ao invés de a qualquer outro. Se, para atingir seu propósito, ele se interessa, por exemplo, pelos adjetivos avaliativos, por metáforas ou algumas estruturas sintáticas, isto ocorre unicamente em virtude de hipóteses, as quais repousam a um só tempo:

- sobre um certo conhecimento de seu corpus;
- sobre um conhecimento das possibilidades oferecidas ao analista pelo estudo de semelhantes fatos de linguagem”.

Desse modo, definir os conceitos de lingüística a serem empregados na pesquisa é de suma importância para construir uma pesquisa consistente, e a Teoria da Enunciação é um recurso decisivo.

2.3. A enunciação

A Teoria da Enunciação, segundo Kebrat-Orecchioni (apud CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2004, p. 194), é aquela que investiga:

“(...) os procedimentos lingüísticos (shifters, modalizadores, termos avaliativos etc.) por meio dos quais o locutor imprime sua marca no enunciado, inscreve-se na mensagem (implícita ou explicitamente) e se situa em relação a ele (problema da ‘distância enunciativa’).”

Em virtude desse foco temático, tal saber tornou-se um pré-requisito para o emprego da metodologia da Análise do Discurso (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2004, p. 195):

“Na perspectiva da análise do discurso, a consideração da enunciação é, evidentemente, central (...) Mais precisamente, as problemáticas ligadas à enunciação são mobilizadas em dois níveis que interagem constantemente:

- O nível local das marcações do discurso citado, de reformulações, de modalidades etc. que permite confrontar diversos posicionamentos ou caracterizar gêneros de discurso.
- O nível global em que se define o contexto no interior do qual se desenvolve o discurso.

(...) Além disto, do ponto de vista da análise do discurso, a enunciação é fundamentalmente tomada no interdiscurso”.

A pesquisa selecionou os seguintes conceitos da Teoria da Enunciação para examinar o *corpus*: debreagem e embreagem; tematização e figurativização; actorialização; temporalização; espacialização, modalização, aspectualização, conectores argumentativos, atos de linguagem e *ethos*. A definição dessa terminologia está disponível no glossário desta dissertação⁸⁸.

Em relação aos conceitos de debreagem e embreagem, mecanismos discursivos que disjungem ou instauram o enunciador no enunciado, a pesquisa quis demarcar efeitos de objetividade e subjetividade.

Já no que se refere à tematização e à figurativização, o estudo procurou identificar os assuntos abordados, os tropos e as escolhas lexicais dos enunciados. Nos dois objetos, a seleção dos temas, as figuras de retórica e o uso de palavras influenciaram significativamente o processo de decodificação semântica.

⁸⁸ C.f. p. 243-252.

No caso dos conceitos de actorialização, temporalização e espacialização, a pesquisa buscou efeitos de sentido para compreender o *modus operandi* (o modo de fazer) e o *modus essendi* (o modo de ser) dos sujeitos do discurso e da enunciação, e os efeitos de sentido temporais e espaciais nos enunciados. Por extensão, lançou mão do conceito de dêixis⁸⁹. O foco da pesquisa foi o modo pelo qual os *blogs* descreviam as ações dos meios de comunicação e como as semantizaram na narrativa.

Quanto às categorias de modalização e aspectualização, a pesquisa procura analisar os elementos patêmicos discursivizados. Como o *corpus* caracteriza-se pela primazia nos efeitos de subjetivização nos discursos, o trabalho enfatizou a identificação de processos emocionais e a forma como os tempos verbais constroem efeitos de sentido em relação aos fatos narrados.

Com relação aos conectores argumentativos, o estudo procura identificar recursos lógicos empregados nos enunciados para a construção de sentidos e valores.

Quanto aos atos de linguagem, exploram-se os conceitos de ato ilocutório e perlocutório. Ambos foram examinados para identificar o modo pelo qual as publicações constroem suas tessituras argumentativas e como os verbos performativos são associados aos personagens narrados.

⁸⁹ C.f. glossário, p. 246.

Há, por fim, o conceito de *ethos*, que exige uma explanação mais extensa. Toda manifestação de linguagem é uma construção que reflete uma ideologia. A esse processo chamaremos de *ethos* (ἔθος), palavra que vem do grego e, conforme Aristóteles (1979, p. 67) na obra *Ética a Nicômaco* tem sua origem etimológica no termo “hábito”. Na *Retórica*, o termo é empregado no sentido de “caráter” (ARISTOTLE, 1994, p. 12).

Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 220) definem o *ethos* como a “imagem de si que o orador produz em seu discurso, e não de uma pessoa real”. O enunciador, contudo, se apresenta como fiador dos valores expressos no enunciado. Tal tarefa envolve, contudo, um estilo de enunciar. Para este vocábulo, a pesquisa adota a conceituação de Greimas e Courtés (1986, p. 213):

“Le style se situe, dans le processus de reconnaissance et d’identification qu’est la lecture, au terme d’une chaîne interprétative complexe, par où les récurrences formelles, que l’analyse peut séparer comme autant de sédimentations, produisent un effet d’individuation. Dire le style d’un objet sémiotique quelconque, c’est donc intégrer dans le seul mouvement d’un énoncé la totalité des éléments signifiants par lesquels on définit cet objet, et à travers lesquels on designe um sujet (...). Celui-ci, stipulant le parcours d’un Destinateur engagé dans une sanction cognitive articule, semble-t-il, un process constitué de trois composantes: topologique, axiologique et aspectuelle”⁹⁰.

⁹⁰ “O estilo se situa, no processo de reconhecimento e de identificação que é a leitura, ao fim de uma cadeia interpretativa complexa, por meio das recorrências formais que a análise pode separar como sedimentos e que produz um efeito de individuação. Diz-se que o estilo de um objeto semiótico qualquer é portanto incorporado, ao fim de um enunciado, à totalidade dos elementos significantes pelos quais se define tal objeto, e por meio dos quais se designa um sujeito (...) Este, ao estipular o percurso de um destinatário comprometido em uma sanção cognitiva articulada, ao que parece, constitui um processo de três componentes: topológico, axiológico e aspectual.” [Tradução do autor].

Portanto, podemos afirmar que o enunciador se constrói no enunciado, como afirma Roger Fowler (1994, p. 42) ao refletir sobre a ideologia na produção jornalística:

“Ideology is already imprinted in the available discourse (all discourse). It is obligatory to select a style of discourse which is communicatively appropriate in the particular setting (...) and the accompanying ideas follow automatically (...). The fundamental principle is that, to repeat, the writer is constituted by the discourse”⁹¹.

A enunciação, entretanto, é um processo interativo e não uma relação intransitiva. O escritor é constituído pelo discurso, mas a enunciação pressupõe a alteridade, como ressalta Mikhail Bakhtin (1977, p. 123):

“En effet, l'énonciation est le produit de l'interaction de deux individus socialement organisés (...) Le mot s'adresse à un interlocuteur (...) Il ne peut y avoir d'interlocuteur abstrait; nous n'aurions pas de langage commun avec un tel interlocuteur, ni au sens propre ni au sens figuré”⁹².

A assertiva de Bakhtin expõe o fundamento dialógico da enunciação. A alteridade é, portanto, parte constitutiva do discurso. Contudo, como se dá essa relação? Segundo as conclusões de Berelson e Steiner (1964, p. 529) sobre a transitividade da enunciação, o discurso depende da sanção cognitiva dos enunciatários:

⁹¹ “A ideologia já está marcada no discurso disponível (em todo discurso). É obrigatório selecionar um estilo de discurso que seja comunicativamente apropriado ao ambiente específico (...) e as idéias seguem automaticamente (...) O princípio fundamental é o de que, repetimos, o escritor é constituído pelo discurso”. [Tradução do autor].

⁹² “De fato, a enunciação é produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados (...). A palavra dirige-se a um interlocutor (...). Não pode nem há um interlocutor abstrato; não haveria linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no figurado”. [Tradução do autor].

“People tend to see and hear communications that are favorable or congenial to their predispositions; they are more likely to see and hear congenial communications than neutral and hostile ones. And the more interested they are in the subject, the more likely is such selective attention”⁹³.

Conseqüentemente, o *ethos* do enunciador gera um efeito reflexivo, que é a construção do *ethos* do enunciatário. O discurso do enunciador encontra sua afinidade com uma determinada audiência, em uma relação de empatia/consonância com o sentido do enunciado. Esse *ethos* reflexivo não se manifesta, necessariamente, como sanção cognitiva. Ele pode também ser antagônico, como expressa Courtés (1998, p. 38-39):

“Face à un roman ou à un film, le lecteur ou le spectateur s’identifieront au héros, par exemple partageant alors sans reserve le point de vue de l’énonciateur (position de l’adherent), ou au contraire, se distancieront, se montreront plus ou moins rétifs (tel est le role du ‘méfiant’), voire rejettent totalement la manière de voir que leur este proposée (position de l’opposant), tout en comprenant ce qu’ils lisent ou ce qu’ils voient. De son temps, Picasso, par exemple, n’a guère été apprécié de la plupart de ses contemporains que contemplaient ses œuvres...! Naturellement, un parcours inverse est prévisible: celui qui, au départ, eu égard par exemple aux préjugés qui le prédéterminent, est ‘opposant’, devient progressivement um ‘sympathisant’ (grâce par exemple au recours à des éléments convaincants, aux clés de lecture qui peuvent lui être fournies pour la lecture d’un tableau, etc.) avant que d’adhérer réellement à la ‘croyance’ qui lui est proposée. Entre ces deux pôles – ‘adhérent’ et ‘opposant’ – beaucoup de positions intermédiaires sont prévisibles pour le lecteur ou le spectateur, avec tout un jeu de va-et-vient entre les deux extremes, selon les moments de l’ouvrage ou du film: on sera plus ou moins ‘adhérent’ ou

⁹³ “As pessoas tendem a ver e ouvir mensagens que são favoráveis às suas predisposições; elas são mais propensas a ver e ouvir informações afins que as neutras ou hostis. E quanto mais interessadas estiverem em um assunto, maior será essa atenção seletiva.” [Tradução do autor].

‘opposant’, ‘sympathisant’ ou ‘méfiant’ au fil du temps, selon les séquences”⁹⁴.

Para Joseph Courtés, o *ethos* do enunciatário se constrói a partir da adesão ou da oposição ao *ethos* do enunciador. Para ilustrar essas relações, o autor estabelece, com base no conceito do quadrado semiótico greimasiano, quatro categorias para a relação entre o enunciador e o enunciatário (*Id.*, p. 38):

Tabela 1: Quadrado semiótico do enunciatário proposto por Courtés

Observa-se, portanto, que cada grupo dirige sua atenção àqueles discursos cujo teor está em sintonia com suas próprias crenças e valores. Tal relação

⁹⁴ “Diante de um romance ou um filme, o leitor ou espectador se identificará com o herói, por exemplo compartilhando sem reservas o ponto de vista do enunciador (posição de adesão) ou, ao contrário, se distanciará, mostrando-se mais ou menos reticente (posição de desconfiança), até mesmo rejeitando totalmente a maneira de ver que lhe é proposta (posição de oposição), ainda que compreenda o que lê ou vê. Em seu tempo, Picasso, por exemplo, não foi muito apreciado pela maioria dos contemporâneos que contemplaram suas obras...! Naturalmente, um percurso inverso é previsível: aquele que, no início, em razão dos preconceitos, se opõe, torna-se progressivamente antes um ‘simpatizante’ (graças, por exemplo, aos elementos persuasivos das ‘chaves de leitura’ que lhe são fornecidas para a compreensão de um quadro etc.) do que alguém que realmente aderiu à ‘crença’ que lhe é proposta. Entre esses dois pólos, ‘adesão’ e ‘oposição’ – muitas posições intermediárias são possíveis para o leitor ou espectador, com todo um jogo de vaivém entre os dois extremos, de acordo com os momentos da obra ou do filme: ele será mais ou menos ‘adesista’ ou ‘oposicionista’, simpatizante ou desconfiado no decorrer do tempo, conforme as seqüências.” [Tradução do autor].

implica também uma afinidade de ordem afetiva, como observa o Grupo μ (mi):

“O *ethos* é assimilável ao que Aristóteles chama de $\pi\alpha\tau\omicron\varsigma$ [pathos] em sua Poética e aos Rasas⁹⁵ da Índia clássica. Nós o definimos como um estado afetivo provocado no receptor e por uma mensagem particular e cuja qualidade específica varia em função de um certo número de parâmetros” (DUBOIS, 1974, p. 204).

Esse estado afetivo chega ao enunciatário, ao co-enunciador, por meio do que Maingueneau (1999, p. 78-79) denomina de “tom”, que seria o modo como a cenografia construída na enunciação evoca uma forma de dizer.

Tal relação de fiança do enunciador com o seu enunciado tem, por sua vez, um “caráter” e uma “corporalidade”, estabelecidos por meio de coerções estereotipizadoras. Maingueneau (2001, p. 139) assim define os conceitos de caráter e corporalidade:

“O caráter corresponde a um feixe de traços psicológicos. É claro que são apenas estereótipos específicos de uma época, de um lugar, que a literatura contribui para validar e nos quais se apóia. Quanto à corporalidade, é associada a uma compleição do corpo do fiador, inseparável de sua maneira de se vestir e se movimentar no espaço social. O *etos* [*sic*] implica portanto um policiamento tácito do corpo, uma maneira de habitar o espaço social. Longe de surgir todo armado

⁹⁵ Rasa: Na literatura sânscrita, o conceito de aroma estético, ou de qualquer elemento essencial de qualquer obra de arte que pode ser apenas sugerido, mas não descrito. É um tipo de contemplação abstrata na qual a interioridade dos sentimentos humanos expande-se para o mundo em volta das formas corpóreas. (in: Britannica.com, disponível em [http://www.britannica.com/eb/article?eu=137834&tocid=0&query=rasa&ct=], acessado em 6 de julho de 2004. No original: “In Sanskrit literature, the concept of aesthetic flavour, or an essential element of any work of art that can only be suggested, not described. It is a kind of contemplative abstraction in which the inwardness of human feelings suffuses the surrounding world of embodied forms.”

do imaginário pessoal de um autor, constitui-se através de um conjunto de representações sociais do corpo ativo em múltiplos domínios”.

Para a Análise do Discurso, conforme a entende Dominique Maingueneau (1999, p. 78), toda enunciação, de uma lista telefônica a um discurso político, contém um *ethos*:

“Ma première déformation (d’aucuns diraient trahison) de l’*ethos* a consisté à le reformuler dans un cadre d’analyse du discours que, loin de le réserver à l’éloquence judiciaire ou même à l’oralité, pose que tout discours écrit, même s’il la dénie, possède une vocalité spécifique qui permet de le rapporter à une source énonciative, à travers d’un ton qui atteste ce qui est dit”⁹⁶.

A identificação dessa propriedade discursiva ajudou no reconhecimento dos princípios ideológicos de cada discurso.

2.4. Identificação de padrões

Na fase inicial da investigação, procurou-se detectar o volume de material produzido, a frequência mensal do noticiário, o tamanho médio de cada notícia e a tematização⁹⁷. Com base nesse mapeamento, passamos a identificar convergências de temas nas publicações, principalmente no que se refere à idéia de imprensa que cada uma constrói em seus enunciados. Dessa forma, as matérias que expressaram conexão com o tema

⁹⁶ “Minha primeira deformação (alguns diriam traição) do *ethos* consistiu em reformulá-lo em um marco da análise do discurso que, longe de ficar reservado à eloquência judiciária ou mesmo à oralidade, sustenta que todo discurso escrito, mesmo quando a nega, possui uma vocalidade específica que permite vinculá-lo a uma fonte enunciativa, através de um tom que atesta o que é dito.” [Tradução do autor].

⁹⁷ A análise quantitativa do material foi disponibilizada no apêndice A desta dissertação (c.f. p. 253-259).

“jornalismo” foram consideradas adequadas ao objetivo desta investigação. Diversamente, as matérias com outros temas foram abordadas com mais raridade⁹⁸.

⁹⁸ A totalidade dos textos de *No Mínimo Weblog* pode ser consultada no anexo A desta dissertação (C.f. p. 260-527). Já o anexo B traz a totalidade dos textos do Blog do Observatório da Imprensa (C.f. p. 528-583).

3. *No Mínimo Weblog*: “a verdade está na Internet”

Neste capítulo analisamos a seção de Pedro Doria. Para isso, selecionamos enunciados produzidos no decorrer de 2003, priorizando aqueles que discutem a imprensa. O principal achado da investigação hermenêutica é que o discurso atribui às empresas jornalísticas, principalmente as grandes, o costume de esconder informações do grande público e que a Internet tem o poder de suplantar esses “filtros” e mostrar a verdade. A coluna dirige sua atenção principalmente aos *sites* de fala inglesa e praticamente ignora os ciberjornais brasileiros.

3.1. Apresentação, descrição e interpretação da seção

O *site No Mínimo* é um ciberjornal de acordo com os pressupostos teóricos grothianos, pois contempla as características citadas propostas nessa dissertação⁹⁹. O registro desse domínio, segundo dados disponíveis no *site Registro.br*¹⁰⁰, data de 27 de maio de 2002 e pertenceu inicialmente à empresa Hipermídia Produções e Comunicação Ltda., sediada no Rio de Janeiro e que tinha como responsáveis pelo conteúdo Organização Não-Governamental Viva Rio e uma pessoa identificada Carla Rodrigues. Desde 12 de março de 2004, o domínio pertence à empresa Nominimo Comunicacoes, também sediada na capital fluminense e, na ocasião da

⁹⁹ C.f. p. 29-33.

¹⁰⁰ Disponível em [<http://registro.br/>], acessado em 5 de novembro de 2005.

consulta, efetuada em 5 de novembro de 2005, tinha como responsáveis Anita Carnavale e Elisangela de Moraes Prado.

O *site No Mínimo* valoriza reportagens investigativas e caracteriza-se por ser exclusivamente um jornal de Internet, pois não apresenta versão impressa, televisiva ou radiofônica. A coluna de Pedro Doria¹⁰¹, intitulada *No Mínimo Weblog*, acompanha notícias sobre temas variados, que podem variar da Guerra do Golfo a curiosidades sobre *sites* e funciona geralmente como um digesto.

No Mínimo Weblog teve início em março de 2001, quando o *site* se chamava *No*. Originalmente a coluna, atribuída a Pedro Doria, com a colaboração de Thaís Aguiar, era intitulada *O que há*. A página, nos seus primórdios, compunha-se de pequenos textos e não denotava hierarquização cronológica. A seção continha *links* comentados pelos autores. Em abril de 2002, o *No*. teve suas atividades interrompidas por problemas econômicos.

O projeto editorial do *No*. foi recriado em junho de 2002, com o título de *No Mínimo*. Em agosto de 2002, surgiu a seção *No Mínimo Weblog*, assinada por Pedro Doria, que se apresentava como uma retomada da proposta editorial de *O que há*. Nessa segunda fase, o *blog* assumiu as características de página organizada cronologicamente. A página de

¹⁰¹ O jornalista Pedro Doria é autor de três livros sobre o ciberespaço: *Manual para a Internet* (Rio de Janeiro : Revan, 1995, 126 p.); *Utopia eletrônica* (Rio de Janeiro : Mauad, 1996, 140 p.) e, com Francisco Antonio Doria, o livro *Comunicação: dos fundamentos à Internet* (Rio de Janeiro : Revan, 1999, 312 p.).

hipertexto ressurgiu com o espaço para mensagens de leitores, o que reforçou o vínculo semântico da proposta com o conceito de *weblog*, um efeito obviamente já sublinhado no próprio título da página.

Esta análise vai abordar o discurso da seção a partir do momento em que ressurgiu, em agosto de 2002, com o nome de *No Mínimo Weblog*.

Além dessas características formais, vale observar que a coluna também abre discussão para notícias sobre jornalismo e sobre a rede. Geralmente, os títulos das notícias têm poucas palavras – muitas vezes apenas uma –, e, na maioria dos casos, não há verbo. Um fac-símile da coluna pode ser visto a seguir:

[DISCADOR](#) | [EMAIL](#) | [SHOPPING](#) | [BUSCA](#) | [PRÊMIO IBEST](#) | [WEBMAIL](#) | [CONTROLE REMOTO](#) | [CENTRAL DO ASSINANTE](#) | [ASSINE JÁ](#)

[clique aqui](#)

Domingo, 04 de julho de 2004

no mínimo Weblog

[enviar](#) | [imprimir](#)

Arthur Dapieve
 Augusto Nunes
 Carla Rodrigues
 Flávio Pinheiro
 Guilherme Fiuza
 João Moreira Salles
 José Paulo Kupfer
 Leo Martins
 Marcos Sá Corrêa
 Mario Sergio Conti
 Paulo Roberto Pires
 Pedro Doria
 Ricardo A. Setti
 Ricardo Calil
 Roberto Benevides
 Sergio Bermudes
 Sérgio Rodrigues
 Tutty Vasques
 Villas-Bôas Corrêa
 Xico Vargas
 Zuenir Ventura
 +
 A Playboy do Dapieve
 +
 Blogs favoritos

por Pedro Doria

Na mosca 2

04.07.2004 | Enquanto isso, Matt Drudge aposta que [a vice de Kerry](#) é Hillary Clinton.

Drudge erra dois terços do que prediz. Mas é uma teoria interessante. Segundo seu raciocínio, Kerry traz consigo a imagem de bom em relações externas.

Hillary trás consigo outros trunfos: por conta de seu empenho nos projetos de saúde pública durante o governo do marido, Hillary tem salvo conduto na questão interna que mais aflige os norte-americanos. E tem o sobrenome Clinton que quer dizer economia saudável.

E, bem, nela não recai o caso Monica Lewinski – afinal, era vítima. Todos os outros escândalos são ladainha velha, tudo discutido e rediscutido, difícil de trazer à tona novamente.

Inclua-se aí uma ousadia: seria a primeira mulher vice-presidente, abrindo caminho para a primeira mulher presidente. [\[Comente\]](#)

Mundo

[The New York Times](#)
[The Guardian](#)
[The Economist](#)
[El País](#)
[Ha'aretz](#)
[Arabic News](#)
[Eurasianet](#)
[Far Eastern Economic Review](#)

Mídia

[Blue Bus](#)
[Ponto Media](#)
[Media News](#)

Ciência

[Archaeologica News](#)
[New Scientist](#)

Tecnologia

Figura 7: A coluna *No Mínimo Weblog*

Como podemos ver, no topo da página do *No Mínimo Weblog*, há uma barra de *links* para serviços oferecidos pelo provedor iBest, que abriga o *site*. Imediatamente abaixo, há um *banner*¹⁰² e, logo após, a data escrita em

¹⁰² *Banner*: Pequena mensagem publicitária inserida em uma página da web, com *link* para a página do anunciante.

cinza, seguida da logomarca da seção: *no mínimo* (em caracteres minúsculos, escritos em cinza; o acento da palavra é marcado em vermelho e está perpendicular em relação à letra “i”, em vez de inclinado). Em vermelho, vê-se a palavra *Weblog*, com o “w” em maiúscula no mesmo tipo e corpo da expressão “*no mínimo*”. Imediatamente à direita, há dois textos com *links* com as mensagens “enviar” e “imprimir”. Por fim, em cinza, à esquerda, há a expressão (assinatura) “por Pedro Doria”.

Os textos são inseridos na parte central. A notícia é constituída de um título, seguido de uma marca gráfica que indica o dia da publicação e precede o texto. Os enunciados terminam, em alguns casos, com uma remissão, por meio de *link*, a um determinado *site*. Nessas situações, o discurso utiliza a expressão “via” e o nome do *site*. No corpo de cada enunciado, as citações são colocadas em itálico e as remissões de *links* aparecem em vermelho e sublinhadas.

A coluna estabelece convergência entre quatro aplicações do *blog* na imprensa:

1. A página apresenta-se em ordem cronológica reversa – o sinal mais facilmente identificável do conceito –;
2. A seção busca, na ferramenta de comentários, a criação de um espaço de discussão;
3. A coluna, igualmente, usa em quase todas as notícias recurso de *links* com glosas, o que a torna um digesto, e, por fim,

4. A fato de o discurso ser personalizado, pela atribuição da autoria a Pedro Doria, também estabelece um vínculo com o conceito de coluna jornalística e remete à idéia de *home page* pessoal.

A página é balizada por duas colunas. À esquerda há uma relação de autores e seções do jornal *on-line No Mínimo*, que termina com *links* de busca (“Busca avançada”) e uma apresentação institucional (“Quem somos”).

A coluna direita é encimada por um dispositivo de busca. A seguir, há uma relação de *links* para publicações jornalísticas nacionais e internacionais e de *blogs*, classificados sob os títulos “Mundo”, “Mídia”, “Ciência”, “Tecnologia”, “Sexo”, “Humor” e “*Blogs*”.

A coluna esquerda, inserida na página a partir de 24 de junho de 2003, é marcada pela exposição de *links* para o próprio jornal *on-line*; já a coluna da direita caracteriza-se como parte do *ethos*¹⁰³ da seção *Weblog*, o que pode ser observado também no vínculo entre o vermelho do título e o vermelho dos *links*.

Nesses *links*, predomina o noticiário internacional, principalmente o anglófono. O enunciado é repleto de expressões em outros idiomas. O preponderância é do inglês, mas há também um caso de espanhol. Há, portanto, um “tom”, um *ethos* – no sentido que Maingueneau aplica ao

¹⁰³ O conceito de *ethos* será aplicado nesta pesquisa do modo que Maingueneau o definiu: um “tom”, que seria o modo como a cenografia construída na enunciação evoca uma forma de dizer (MAINGUENEAU, 1999).

termo –, atópico no discurso, que evoca a recomendação de Aristóteles no livro III, capítulo II, de sua Retórica: “On which account you should give a foreign air; for men, are admires of things out of the way, and what is an object of admiration is pleasant”¹⁰⁴ (ARISTOTLE, 1994, p. 207-208).

Ainda em relação à coluna direita, entre os *links* de “Mundo”, há remissão para três publicações norte-americanas, o *The New York Times*, o *ArabianNews* – apesar do nome e do foco nos países árabes, o *site* é sediado em Ohio (EUA) e escrito em inglês – e o *Eurasianet* – apesar do nome e do foco na Ásia Central e no Cáucaso, o *site* é sediado em Nova Iorque e escrito em inglês –; duas britânicas, *The Guardian* e *The Economist*; uma publicação espanhola, o *El Pais*; uma israelense, *Ha’aretz* – cuja remissão é para a edição em inglês do jornal –; uma chinesa, *Far Eastern Economic Review* – também redigida em inglês. De todas as nove remissões, apenas uma é escrita em um idioma que não o inglês *El Pais*.

Em “Mídia”, há três indicações: o *site* noticioso brasileiro *Blue Bus*, o *blog* português *Ponto Media* e o *blog* norte-americano *Media News*.

Em “Ciência”, mais dois *links* para *sites* em inglês: *Archaeologica News* – que agrega notícias publicadas na imprensa anglófona sobre o tema – e a publicação britânica *New Scientist*.

Em “Tecnologia”, mais duas publicações anglófonas: *Wired* e *Economist Technology Quarterly*.

¹⁰⁴ “À audiência, deve-se dar um ar estrangeiro, porque os homens admiram as coisas que vêm de fora, e o que é objeto de admiração é agradável”. [Tradução do autor].

Em “Sexo”, dois *links* anglófonos: *Daze Reader* e *Eros Blog* – que abordam o tema com humor.

Em “Humor”, um *blog* brasileiro, *Eu Hein!*, e um norte-americano, *The Onion*.

Por fim, sob o título “*Blogs*”, há sete *links*. Destes, cinco são em inglês, *Metafilter*, *Guardian* (o jornal é citado tanto na seção “Mundo” quanto na seção “*Blogs*”), *A&L Daily*, *Boing-Boing* e *Scripting News*, e dois em português, *InternetETC.* e *Filtro*.

Vemos, portanto, 21 *links* para *sites* noticiosos ou *blogs* em inglês, um para um *site* em espanhol e cinco para *sites* ou *blogs* em português. Nesse arranjo, predomina o noticiário internacional, focado nas grandes manchetes (como em “Mundo”), na mídia, na ciência, na tecnologia, no *fait divers*¹⁰⁵ (tanto na seção “*Blogs*” como na seção “Sexo”) e no humor, o que pressupõe, no caso dos dois últimos itens, uma disposição carnavalizadora no discurso¹⁰⁶. A tematização do noticiário de *No Mínimo Weblog* reproduz o foco da seção de *links* e prioriza a pauta internacional, em detrimento da nacional.

Em relação à credibilidade, o discurso situa-se em um *site* jornalístico e desse *status* busca estabelecer a relação de confiança com o público. A

¹⁰⁵ *Fait divers* deve ser compreendido neste contexto como notícia que desperta interesse do leitor por implicar rompimento insólito ou extraordinário no curso dos acontecimentos.

¹⁰⁶ O conceito de carnavalização aqui empregado remete-se à conceituação de Bakhtin (1999), ou seja, como “princípio do riso”, como relativização de valores e como euforização do grotesco.

página, do mesmo modo, faz da propriedade remissiva do *link* um recurso de verossimilhança que evoca um efeito de real.

Podemos deduzir, nesse contexto, uma dêixis espacial articulada em um *hic* disfórico¹⁰⁷, o Brasil, pois o foco de atenção, tanto do enunciador quanto dos co-enunciadores está no noticiário internacional. Essa percepção se acentua quando pesquisamos mais atentamente os enunciados. Observemos como o sujeito da enunciação projeta o *ethos* jornalístico. É o que veremos na análise de excertos da seção.

¹⁰⁷ C.f. glossário, p. 246.

Oh, Calcutá! ¹⁰⁸

04.Jan.2003 | "Descobri que ela tinha recebido dinheiro de ditadores ricos como a gangue Duvalier no Haiti, tinha sido amiga da pobreza e não dos pobres, nunca prestou conta alguma das enormes quantias de dinheiro que recebeu em doação, fez campanha contra o controle de natalidade na cidade mais populosa do planeta e serviu de porta-voz para os dogmas mais extremos do fundamentalismo religioso."

O jornalista Christopher Hitchens, colunista da revista *Vanity Fair*, está em campanha contra a transformação de Madre Teresa em santa. Para ele, a freira estimulou a miséria, desviou dinheiro e lutou contra todas as vitórias femininas do último século.

Hitchens depôs no Vaticano por conta do processo da madre – segundo ele, feito nas coxas. Antes, a igreja esperava dois milagres e sete anos para beatificar; à madre, bastaram quatro anos e um milagre. Sempre é convocado um "advogado do diabo" – o jargão é litúrgico – especialista neste tipo de processo. Desta vez, chamaram ele *[sic]* como que para minar a oposição. []

via Guardian Weblog

<http://www.guardian.co.uk/weblog/>

Why Mother Teresa should not be a saint

<http://www.mirror.co.uk/.../full&siteid=50143>

O tema da notícia é o processo de canonização de Madre Teresa de Calcutá (1910-1997). Trata-se de um personagem, acrescente-se, preeminente, pois recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1979. O segundo antropônimo é o jornalista Christopher Hitchens, figurativizado como “colunista da revista *Vanity Fair*”, uma destacada publicação nova-iorquina. O estatuto dos actantes reforça a tese de Gans (2004, p. 15) de que a posição social, econômica e cultural dos personagens do noticiário¹⁰⁹ é um fator decisivo para a noticiabilidade:

¹⁰⁸ O enunciado tem 1.164 caracteres, 179 palavras e 3 parágrafos.

¹⁰⁹ A preeminência do actante Christopher Hitchens decorre da associação ao título da publicação em que ele trabalha.

“The Unknowns who appear in the news are, by most criteria, an unrepresentative lot; and most ordinary people never come into the news, except as statistics. How ordinary people work, what they do outside working hours, in their families, churches, clubs, and other organizations, and how they relate to government and public agencies hardly ever make the news.

The point is obvious, for it is built into the definition of news. Perhaps the place of ordinary people in the news is most dramatically illustrated by the day in 1974 when Congress approved a change in the pension law that affected millions of workers, and all news media, daily and weekly, gave far more space or time, as well as headlines, to the appointment of Nelson Rockefeller to the second-highest office in the land”.¹¹⁰

As fontes do noticiário, nas quais o texto se fundamenta e com as quais estabelece uma relação de interdiscursividade são duas: o *blog* em inglês do jornal britânico *The Guardian* e uma notícia publicada no jornal *The Mirror*, do Reino Unido, o que torna o discurso uma paráfrase e situa-o como digesto. Trata-se de uma narrativa que ser qualificada como “de encaixe”, como Todorov (1969, p. 126) a definiu:

“O encaixe é uma explicitação da propriedade mais profunda de toda a narrativa. Pois a narrativa encaixante é a narrativa de uma narrativa (...) ser a narrativa de uma narrativa é o destino de toda narrativa que se realiza através de encaixe”.

¹¹⁰ “Os desconhecidos que aparecem nas notícias são, pela maior parte dos critérios, um punhado não-representativo; e muitas pessoas comuns nunca aparecem no noticiário, exceto como estatística. Como as pessoas comuns comem, o que eles fazem depois do trabalho, em família, nas igrejas, clubes e outras organizações, e como eles se relacionam com o governo e as agências públicas raramente se tornam notícia.

O ponto é óbvio, para ser levado em conta na definição de notícia. Talvez o lugar das pessoas comuns nas notícias tenha sido mais dramaticamente ilustrado pelo dia, em 1974, quando o Congresso aprovou uma mudança na lei de pensão que afetou milhões de trabalhadores, e todos os órgãos jornalísticos, diários e semanais, deram mais espaço ou tempo, assim como as manchetes, à indicação de Nelson Rockefeller para o segundo maior cargo na terra”. [Tradução do autor]. Gans se refere no texto à indicação, em agosto de 1974, de Rockefeller para o cargo de vice-presidente dos EUA pelo então presidente norte-americano Gerald Ford.

O potencial remissivo dos *links* existentes, inclusive, reforça esse efeito “encaixante” do discurso. A citação, por sua vez, também conota um esforço de outorgar autoridade ao que é dito, como Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 201) ressaltam.

O enunciado, portanto, funda-se em duas narrativas anteriores, ambas em inglês. As fontes, acrescenta-se, são notícias: o jornalista foi informado por meio da imprensa e não por meio de fontes, por exemplo, do Vaticano ou mediante entrevista com o segundo protagonista da narrativa, Cristopher Hitchens, o que seria mais usual segundo a *práxis*.

A notícia apresenta um título que evoca um duplo sentido. Remete tanto à peça teatral “Oh Calcutá”, que remonta à década de 1960 e que ficou famosa por colocar no palco atores nus, quanto ao topônimo que compõe o epíteto da líder religiosa macedônia, cujo nome real era Agnes Gonxha Bojaxhiu. O efeito irônico surge do contraste da associação entre a lubricidade que a lembrança da peça teatral evoca e a imagem de castidade associada à freira.

O título, acrescenta-se, dirige-se a um enunciatário culto, cuja competência lingüística não só inclui o domínio do idioma inglês – o que o habilita a conferir, pelos *links* as informações –, como também está informado a respeito da história do teatro e, desse modo, do segundo sentido implícito na palavra. O uso da exclamação, que conota grito no discurso, cria um efeito de sentido de escândalo, que remete a um tipo de imoralidade não mais dirigido à questão do comportamento sexual – que seria o sentido da

troça com a peça –, mas sim de conduta venal e repressora, porque expõe um comportamento simultaneamente mesquinho, apegado a bens materiais, e opressivo, pois o antropônimo, no contexto do enunciado, “serviu de porta-voz para os dogmas mais extremos do fundamentalismo religioso” e “lutou contra todas as vitórias femininas do último século”.

O enunciado elabora uma etopéia¹¹¹ do antropônimo da religiosa, que é introduzida no enunciado por meio de uma catáfora – o pronome pessoal na terceira pessoa do singular “ela”. A primeira frase do texto, que é também o primeiro parágrafo, é composta de uma oração principal – “Descobri” – e cinco orações subordinadas adjetivas cuja função (CUNHA, 1975, p. 559) é servir de adjuntos adnominais do actante Madre Teresa de Calcutá. Essas cinco orações, igualmente, funcionam como perífrases cujo propósito é caracterizar o antropônimo negativamente, o que é enfatizado na paronomásia “tinha sido amiga da pobreza e não dos pobres”.

Já as catáforas, que se observam tanto na oração principal – pois há um “eu” no discurso demarcado pelas aspas– quanto nas subordinadas – o “ela” –, criam uma tensão no enunciado que visa prender a atenção do internauta por meio da expectativa de revelação, de onomastização, dos actantes da narrativa.

O segundo antropônimo do enunciado, Christopher Hitchens, caracterizado como “jornalista” e “colunista da revista *Vanity Fair*”, é também objeto de uma etopéia no discurso. Ele é apresentado como alguém comprometido

¹¹¹ C.f. glossário, p. 248.

com a verdade, pois “descobre” as ações da religiosa e as revela, apesar de sua denúncia não surtir efeito, pois o julgamento teria sido realizado de modo inapropriado ou, como o enunciado apresenta disforicamente e disfemisticamente, “nas coxas”, conotando tanto descuido quanto também uma espacialização na qual o baixo é associado à desaprovação. Tal atitude cria um efeito de sentido irônico também, pois subverte a conotação de superioridade da entidade religiosa, associando a atitude das autoridades eclesiásticas à baixeza.

Como ilustração da precariedade do processo, o enunciado expõe que “chamaram ele como que para minar a oposição”, no sentido que a testemunha Cristopher Hitchens, por ser laica e criticar os dogmas católicos, serviria para desqualificar as críticas contra a religiosa no processo canônico. Ou seja, se fosse escolhido por exemplo um depoente que fizesse parte do clero ou tivesse ligações amistosas com o Vaticano, as críticas teriam peso maior. Ao escolher um leigo que esgrime argumentos contrários à doutrina oficial, os pontos negativos foram minimizados e valorizaram-se os argumentos a favor dela.

O discurso, implicitamente, rejeita o princípio da imparcialidade na ação jornalística, pois Cristopher Hitchens coloca-se contra a religiosa e se propõe a depor contra ela no processo canônico. O enunciado estabelece, nesse contexto, uma antinomia entre verdade e inverdade.

O discurso, acrescente-se, sanciona cognitivamente a ação do jornalista, e, ao onomastizá-lo, emprega-o como exemplo de atitude na profissão. Com

isso, portanto, defende a tarefa de investigar, descobrir e denunciar mazelas relativas a autoridades.

No enunciado a seguir, a situação se inverte, e o colunista repreende o encobrimento de informações:

Quando jornalistas não contam o que sabem¹¹²

27.02.2003 | Repórter de ciência do diário novaiorquino (*sic*) Newsday, premiada com o conceituado Prêmio Pulitzer, Laurie Garrett foi para Davos cobrir o Fórum Econômico Mundial. Leitores freqüentes deste Weblog conhecem a história. Da Suíça, disparou um longo email para os amigos contando o que viu e o que ouviu: uma carta pessoal rica em informação e observações. Entre outras coisas, ouviu dos chefes das polícias federais da Alemanha e da Arábia Saudita que quem tinha know-how de terror na Al Qaeda estava morto ou preso.

Aí a Internet fez sua mágica. Um dos amigos considerou o relato interessante e repassou-o para outros. O vírus espalhou-se, foi dar numa lista de mensagens cujos arquivos estão na web. Das caixas de email, virou página, de página link, caiu nos blogs. A trupe do Metafilter - os melhores caçadores e desbravadores de informação no mundo blogueiro - levantaram se a história era verídica ou não. Encontraram Laurie. Ela ficou danada da vida: sim, tinha mandado o email. Aquilo, reclamou, era uma invasão de privacidade.

Põe-se na conta dos causos da grande rede, levanta duas questões: primeiro, é uma invasão de privacidade? E, segundo, por que as informações não foram publicadas no jornal?

Quem é esperto sabe que, lá no Conselho de Segurança da ONU, rola um grande teatro. Os líderes do mundo sabem muito mais do que contam e o que contam é hipócrita. Uns conhecem as razões dos outros e elas não são trazidas a público. Das várias coisas que a repórter Laurie Garrett ouviu em Davos, esta do desmantelamento da Al Qaeda pesa qual chumbo na discussão que corre a respeito do Iraque. Mas ela ou seus editores julgaram que não cabia às páginas

¹¹² O enunciado tem 3.713 caracteres, 620 palavras e 11 parágrafos.

impressas. Mais grave: ela ouviu numa pequena reunião a informação ao mesmo tempo em que outros jornalistas a ouviram. Eles, e seus editores, também julgaram que não cabia à publicação.

Um email pessoal, por uma questão de cortesia do remetente, não deve ser tornado público. É uma norma de etiqueta que vale desde os tempos em que moleques entregavam bilhetes no outro lado da cidade e ficavam aguardando a resposta. Com a facilidade da tecla Forward/Encaminhar, caiu na falta de elegância (ou grosseria, mesmo) vigente. Mas uma vez publicada na web e não se tratando de questão pessoal, como ignorar? É o caso dos grampos ilegais de autoridades aprontando. Não se corrobora o crime do grampo ao tornar público seu conteúdo - se este é do interesse público. (Longa discussão: que é interesse público e que não é?)

A GloboNews vem reprisando a entrevista que o repórter Marcos Uchôa fez com o correspondente do diário britânico Independent no Oriente Médio, Robert Fisk. Há 27 anos residente no Líbano, Fisk é daqueles que faz entrevista em árabe e hebraico. Osama bin Laden, entrevistou-o três vezes, como nenhum outro repórter fez. Para Uchôa, ele reclama da imprensa vigente. Diz que o jornalismo anda confundindo suas prioridades, principalmente nos EUA. Como se questionar o governo fosse antipatriótico em momentos de crise ou guerra, quando é justamente o papel da imprensa questionar o governo sempre - principalmente nos momentos de crise.

Como são as agências de notícia norte-americanas e seus jornais que dissipam informação para grande parte da imprensa mundial, é o caso do Brasil, somos todos mal informados por consequência.

Ao ler o noticiário, o público tem toda a razão de ler desconfiado. Mais que uma questão de quebra de privacidade, é isto que a mensagem de Laurie Garrett para os amigos demonstra. Em seu Weblog, o editor-chefe da Salon.com, Scott Rosenberg, faz uma análise neste sentido.

O email de Garrett está publicado na web para quem quiser lê-lo.

Laurie Garrett and Davos: What do journalists really think?¹¹³

O email: Swiss view¹¹⁴

¹¹³ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [<http://blogs.salon.com/0000014/>]. Trata-se da notícia do *site Salon* que o enunciado menciona.

O tema gira em torno da maneira como a imprensa trabalha com as notícias. As fontes do noticiário são o *blog* em inglês do jornalista norte-americano Scott Rosenberg e uma página com a reprodução de um *e-mail*. Há também a menção a uma entrevista televisiva realizada por uma emissora brasileira. O enunciado, portanto, funda-se em três narrativas anteriores, duas em inglês e a terceira, periférica ao tema, em português. O discurso, portanto, reformula enunciados prévios, interpretando-os, conjurando-lhes o acaso por meio de coerções semantizadoras.

O texto figurativiza a tecnologia como meio de verdade e, por extensão, como uma expressão autêntica de jornalismo. Isso pode ser visto no excerto que informa que Laurie Garrett descreveu “o que viu e o que ouviu” no *e-mail* e não na reportagem. Mais adiante, chega a fazer uma pergunta perlocutória: “por que as informações não foram publicadas no jornal?”. Doria reforça esse efeito de sentido ao acrescentar a frase “mas ela ou seus editores julgaram que não cabia às páginas impressas”¹¹⁵.

¹¹⁴ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [http://www.topica.com/lists/psychohistory/read/message.html?mid=1711891071&sort=d&start=4389]. Trata-se do *e-mail* mencionado.

¹¹⁵ As categorias de face positiva e face negativa, desenvolvidas por Brown, Levinson e Goffman (apud MAINGUENEAU, 2002, p. 38) ajudam a entender que o sujeito da enunciação encara a face negativa como valor associado à autenticidade, o que é sancionado no discurso:

“(...) considera-se que todo indivíduo possui duas faces; o termo ‘face’ deve aqui ser tomado no sentido que este termo possui numa expressão como ‘perder a face’:

- Uma face negativa, que corresponde ao ‘território’ de cada um (seu corpo, sua intimidade etc);
- Uma face positiva, que corresponde à ‘fachada’ social, à nossa própria imagem valorizante que tentamos apresentar aos outros.

Como a comunicação verbal pressupõe no mínimo dois participantes, existem, no mínimo, quatro faces envolvidas na comunicação: a face positiva e a face negativa de cada um dos interlocutores. Todo ato de enunciação pode constituir uma ameaça para uma ou várias dessas faces... Pode-se então distinguir:

Observa-se que o enunciado vê, na face negativa, o valor jornalístico da autenticidade, sancionada cognitivamente. Nesse sentido, o discurso define como “grave” o gesto de omitir as informações e generaliza o procedimento para a imprensa ao acrescentar que “ela ouviu numa pequena reunião a informação ao mesmo tempo em que outros jornalistas a ouviram” e adotaram a mesma postura. Por meio da trama discursiva, o enunciador valoriza a “autenticidade” do meio digital e desaprova a imprensa por manter notícias no modo de segredo.

Enquanto o jornal, no discurso, esconde a notícia, a Internet é figurativizada como “mágica”. Os autores do *blog* Metafilter, por sua vez, são descritos como “trupe”, reforçando o efeito de sentido de “coisa fantástica”. A notícia ainda predica o fazer dos blogueiros como jornalístico, pois eles se deram ao trabalho de checar a informação antes de publicá-la, um dos princípios deontológicos da atividade. A rede, consubstanciada nas figuras do *e-mail* e dos *blogs* do Metafilter e do editor do *Salon.com*, trouxe a “verdade” à tona. Observe-se que a antinomia entre jornalismo e Internet mantém-se até no caso do profissional de imprensa, Scott Rosenberg. O sujeito do enunciado não é mencionado em artigo do jornal *on-line* que edita, mas sim em mensagem de seu *weblog*, colocando-o, nesse caso, à parte do universo da imprensa *on-line*.

-
- As falas ameaçadoras para a face positiva do locutor: admitir um erro, desculpar-se etc, que representam atos humilhantes
 - As falas ameaçadoras para a face negativa do locutor: a promessa, por exemplo, compromete o sujeito a realizar atos que demandarão tempo e energia etc.;
 - As falas ameaçadoras para a face positiva do destinatário: a crítica, o insulto etc.
 - As falas ameaçadoras para a face negativa do destinatário: perguntas indiscretas, conselhos não solicitados, ordens etc.”

Desenvolve-se, portanto, o esquema argumentativo de que a imprensa serve aos interesses dos líderes políticos internacionais que planejavam atacar militarmente o Iraque – a notícia é de 27 de fevereiro de 2003, anterior, portanto, à ocupação do país, que começou no dia 19 de março daquele ano. Para reforçar o efeito de sentido, acrescenta-se que a informação “pesa qual chumbo na discussão que corre a respeito do Iraque”, referência intertextual às notícias sobre a votação, no Conselho de Segurança da ONU, de uma resolução recomendando o uso da força naquele país. A trama discursiva realça esse viés de conluio ao mencionar a crítica do jornalista Robert Fisk de que “o jornalismo anda confundindo suas prioridades”.

A tessitura argumentativa estabelece um jogo de particularização e generalização que torna as várias alusões da idéia de “imprensa” no discurso em sinédoque de grande imprensa, como a definiu o Grupo μ (DUBOIS, 1974, p. 146-151). Podemos ver o processo na particularização do antropônimo “Laurie Garrett”, apresentada como expoente profissional, porque foi “premiada com o conceituado Prêmio [sic] Pulitzer”, o que deixa implícito que trabalha em uma grande empresa. Ela, conforme pode se observar, não divulgou a notícia importante, o que particulariza a informação, mas o enunciado também acrescenta, generalizando, que os correspondentes enviados para cobrir o evento de Davos – o que conota a idéia de uma imprensa economicamente forte, que envia à Suíça seu pessoal – também adotaram a mesma postura. O discurso reforça esse efeito de sentido ao afirmar que são “as agências de notícia [sic] norte-americanas e seus jornais que dissipam informação para grande parte da

imprensa mundial, é o caso do Brasil”. Ao falar de imprensa, exclui-se o País, situando-o como agente passivo do processo, disforizando o *hic* da enunciação.

O efeito de sentido de que a imprensa se mantém no modo de segredo é reforçado no título “Quando jornalistas não contam o que sabem” e acrescenta: “Ao ler o noticiário, o público tem toda a razão de ler desconfiado”. Mostra-se, portanto, crítico quanto ao controle na divulgação de informações.

Na coluna *Weblog*, a Internet seria um antídoto para esse “problema”. Observa-se, no discurso, um engajamento no sentido de desmistificar o fazer jornalístico, que tem nos EUA seu centro produtor principal e no Brasil sua periferia.

A idéia de imprensa agindo no modo de segredo pode ser vista também no enunciado seguinte:

Como funcionará a censura na CNN ¹¹⁶

28.Fev.2003 | Robert Fisk conta, no diário britânico Independent, como funcionará a censura na CNN, durante a Segunda Guerra do Golfo.

Todo o *[sic]* texto escrito pelos repórteres no local da notícia deverá passar, antes, pela aprovação de executivos na sede em Atlanta. A equipe foi informada das novas regras num memorando e da instalação dum novo sistema computadorizado de aprovação do material.

Reportagens já vem *[sic]* sendo censuradas. Uma, do repórter Michael Holmes, mostrava o hábito da Força de Defesa de Israel de

¹¹⁶ O enunciado tem 1.218 caracteres, 184 palavras e sete parágrafos.

atirar contra ambulâncias do Crescente Vermelho (Cruz Vermelha palestina). Ninguém em Israel quis dar entrevista – por conta da falta de uma versão oficial, os fatos foram arquivados. E dias depois, quando veio a entrevista, o texto foi mudado. De soldados israelenses atirando contra ambulâncias, ficou ambulâncias pegas no tiroteio cruzado.

Na Primeira Guerra do Golfo, a CNN aceitou ‘trainees’ – as aspas são de Fisk – do Pentágono na Redação. O jornalista britânico aposta que será gente assim que dará a aprovação final das reportagens da emissora. []

How the news will be censored in this war¹¹⁷

<http://argument.independent.co.uk/commentators/story.jsp?story=381438>

O tema da notícia é o modo como a rede de televisão norte-americana *CNN* iria tratar as informações na guerra no Iraque. O enunciado fundamenta-se em uma notícia publicada em inglês no jornal britânico *The Independent*.

O texto desenvolve uma antinomia entre os elementos actanciais *CNN* e *The Independent*. Dessa vez, trabalha apenas com efeitos de particularização. A rede de televisão norte-americana, conforme o enunciado, pratica a censura e se mantém sob a modalização veridictória de mentira (GREIMAS e COURTÉS, 1989, p. 488), pois parece independente, mas não é. Tal efeito de sentido pode ser observado na citação: “todo o texto escrito pelos repórteres no local da notícia deverá passar, antes, pela aprovação de executivos na sede em Atlanta”; a referida instituição na primeira guerra do Golfo, também de acordo com o enunciado, já havia aceito *trainees* do Pentágono na redação, um

¹¹⁷

O trecho sublinhado apresenta um *link* para [http://argument.independent.co.uk/commentators/story.jsp?story=381438].

eufemismo que evoca a imagem de agentes, de censores. Já o jornal britânico apresenta as informações no modo de verdade, pois a publicação, no contexto, parece e é independente, o que pode ser inferido do fato de que a instituição revela a sonegação de informações.

Em relação à aspectualização, o verbo “funcionar” no futuro do presente simples do indicativo na primeira frase indica a ação no sentido de fato provável, tal e qual o definiu Celso Cunha (1975, p. 438). É nesse mesmo sentido que o verbo “dever” é empregado na frase seguinte, reforçando o efeito de sentido que Wittgenstein (1979, p. 134) já observara em suas *Investigações Filosóficas*: “Na linguagem, expectativa e realização tocam-se”. Entretanto, no terceiro parágrafo, a locução verbal “vem sendo” constrói um efeito de sentido de simultaneidade em vez de expectativa (CUNHA, 1975, p. 462). Com esse jogo verbal, o actante *CNN* é mostrado como censurador ou predisposto a censurar.

Novamente observa-se uma sanção cognitiva do valor “verdade”, revelada pela fala ameaçadora à face positiva¹¹⁸ da instituição jornalística *CNN*. A apresentação da face negativa – isto é, a intimidade da referida empresa –, por sua vez, aflora o que o enunciado considera real.

Na notícia selecionada a seguir, a visão da Internet como meio de verdade e a visão pejorativa da rede de televisão norte-americana são reforçadas:

¹¹⁸ C.f. p. 108, n. 115.

Pós-CNN ¹¹⁹

11.Mar.2003 | Está de volta a Bagdá um iraquiano que reside em Barcelona. Anônimo. Na bagagem, carregou consigo um kit de antena, webcam, meia dúzia de cabos e instruções completas.

Se tudo der certo, até a guerra, o olho eletrônico estará online *[sic]* definitivamente, filmando momento-a-momento *[sic]* uma ruazinha à toa de Bagdá.

A turma que promove o evento alega que há filtros demais entre o que acontece no Iraque e o que o resto do mundo ouve e vê. É um gesto simbólico, afinal.

Se der certo, algo de sutil terá mudado nas coberturas de guerra. []

Proyecto webcam in Iraq

<http://www.webcaminiraq.org/>

O tema da notícia é a intenção de um iraquiano de cobrir a guerra no Iraque. A fonte do enunciado é uma página na Internet [<http://www.webcaminiraq.org/>]. Há no discurso dois personagens, um é o “iraquiano”, identificado por meio de um efeito de generalização do gentílico, que situa o ator do enunciado pelo topônimo. O segundo personagem, implícito no discurso, mas explícito no título, é a rede de televisão *CNN* que no contexto evoca uma sinédoque de grande imprensa e que é citada por antonomásia como “filtros”, o que conota, no discurso, uma idéia de censura. Mais uma vez, a imprensa é caracterizada como algo que atua no modo de segredo.

No enunciado, estabelece-se uma dicotomia entre o gigantismo, disforizado, e a pequenez, euforizada, estabelecendo assim uma isotopia actancial com o mito de Davi e Golias. Valoriza-se o ato de “fazer-saber” e questiona-se a excelência do trabalho jornalístico. A tecnologia é valorizada no discurso,

¹¹⁹ O enunciado tem 601 caracteres, 102 palavras e quatro parágrafos.

porque é associada à capacidade de mostrar o “real”. Esse efeito de sentido é reforçado por meio de um ato proxêmico, que é o deslocamento de um iraquiano anônimo da Espanha para seu país natal.

O efeito de sentido da generalização do elemento actancial – um iraquiano anônimo – enfatiza simbolicamente a idéia de democratização dos recursos do ciberespaço e, por meio da espacialização no enunciado – da Espanha para o Iraque –, reforça-se uma modalização deôntica: o “fazer-saber” é também, no discurso, um “dever-fazer”. O Iraque é o lugar aonde se deve ir para “fazer-saber” a todos o que está de fato acontecendo. Como o contexto do discurso é um momento de pré-guerra, o gesto é marcado por uma forte carga patêmica, pois o ator do enunciado corre, implicitamente, riscos ao tomar essa decisão. O enunciado constrói também uma dicotomia entre duas dêixis espaciais: a Espanha, local onde não há guerra, e o Iraque, onde há combates e para onde se deve ir.

O ato de “fazer-saber”, acrescente-se, realiza-se por meio do olhar e a escolha lexical revela isso: o “olho eletrônico” traz a verdade, o que conota no enunciado que o real é aquilo que se vê. Esse efeito de sentido é reforçado pela aspectualização do discurso pela incoatividade, pois a câmera filmará “momento-a-momento uma ruazinha à toa de Bagdá”.

O título “Pós-*CNN*”, do mesmo modo, aspectualiza o enunciado para um processo marcado pela incoatividade, pois o texto fixa que o gesto do antropônimo “iraquiano” cria uma nova maneira de se cobrir a guerra e de se chegar à verdade, superior ao que antes existia, mas que ainda está a se

desenvolver, criando assim uma dêixis temporal em que o futuro próximo é euforizado e o presente, disforizado.

Esses efeitos de sentido também podem ser observados no enunciado a seguir:

A primeira vítima da guerra¹²⁰

19.Mar.2003 | O Pentágono ameaça abrir fogo contra as antenas de satélite da imprensa independente, no Iraque e redondezas. A informação quem dá é a veterana correspondente da BBC, Kate Adie. "A primeira vítima da guerra" serve de título para o livro referencial do jornalista Phillip Knightley. A primeira vítima, no caso, é sempre a verdade. []

Pentagon threatens to kill independent reporters in Iraq
http://www.gulufuture.com/news/kate_adie030310.htm

O tema é a intenção do governo norte-americano de atacar equipamentos da imprensa. A fonte da notícia é uma página na Internet. Há quatro personagens na notícia: o Pentágono, que no discurso se mostra uma sinédoque do governo norte-americano; Kate Adie, figurativizada como “veterana jornalista da *BBC*”; Phillip Knightley, figurativizado como jornalista e autor do livro *A primeira vítima da guerra*, e um antropônimo coletivizado: a “imprensa independente”.

No discurso, o ator Pentágono desenvolve uma ação de intimidação àqueles que cobrem a guerra do Iraque de modo definido como “independente”. O enunciado conota também um certo descompasso entre o título da notícia em inglês: “Pentagon threatens to kill independent

¹²⁰ O enunciado tem 480 caracteres, 71 palavras e dois parágrafos.

reporters in Iraq”¹²¹ e a ação propriamente descrita no enunciado: a ameaça não é tirar a vida dos jornalistas, mas sim destruir as “antenas de satélite da imprensa independente”. O texto original em inglês, contudo, estabelece um nexos ao informar que a destruição dos equipamentos pode causar morte ou ferimentos nesses jornalistas.

Novamente observa-se uma modalização deôntica: o “fazer-saber” é também no discurso um “dever-fazer”, e por isso o antropônimo Kate Adie denuncia a situação para trazer a verdade, expressa por antonomásia como “a primeira vítima da guerra”, ao público.

Há no enunciado uma dicotomia espacializada implícita: de um lado, representado de modo depreciativo, o governo dos EUA, caracterizado pela truculência e pela mentira, e de outro a imprensa britânica, sancionada positivamente, e que é representada tanto pela jornalista Kate Adie, associada à empresa *BBC*, quanto pelo jornalista australiano, portanto ligado à Commonwealth, a comunidade britânica de nações. O próprio título, um epíteto para a verdade, apresenta o governo dos EUA sob a modalização veridictória da mentira, que vitima, que mata a verdade.

A dicotomia Reino Unido–EUA, observada nesse enunciado, pode ser vista também no discurso a seguir:

Problema vizinho¹²²

¹²¹ “Pentágono ameaça matar repórteres independentes no Iraque”. [Tradução do autor].

¹²² O enunciado tem 943 caracteres, 141 palavras e sete parágrafos.

31.Mar.2003 | A edição online *[sic]* da revista britânica *The Economist* traz uma boa análise das pressões sobre os governos de países vizinhos ao Iraque. Destaque:

Depois de Saddam, quem vem? Se vier uma democracia pró-América, os governos, serão pressionados internamente por mais liberdade; por outro lado, podem emergir correntes de fundamentalismo islâmico, igualmente ameaçadoras.

E se as minorias não forem contidas? Mais liberdades para curdos e xiitas, no Iraque, podem levar povos destes grupos em outros países a cobrar liberdades equivalentes. Os curdos ameaçam Síria, Turquia e Irã; os xiitas, Arábia Saudita, Bahrain e Kuwait.

De resto, enquanto o fim da guerra não vem, há sempre a hipótese de Saddam atacar seus vizinhos. Aconteceu apenas em escala insignificante e no Kuwait; não quer dizer que tenha terminado.

Postado às 15h, hora de Brasília. []

Trouble on the doorstep

http://www.Economist.com/.../story_id=1678842

O tema da notícia é uma análise da revista britânica *The Economist* sobre o pós-guerra no Iraque. A fonte da notícia é o artigo da publicação citada. O discurso mais uma vez estabelece uma dicotomia entre o governo norte-americano, caracterizado como irresponsável por não levar em conta as conseqüências da guerra e a publicação *The Economist*, que traz uma “boa análise” da situação. A Casa Branca é caracterizada por atitudes temerárias, que ameaçam a estabilidade internacional. O equilíbrio, acrescente-se, é o valor cognitivo euforizado no discurso. A perda dessa qualidade, decorrente da Guerra do Iraque, gera, no contexto do enunciado, um sentimento de perda, uma situação de instabilidade, conforme o algoritmo patêmico de Greimas (1983, p. 234) expõe em *Du Sens II*:

Frustração →	Descontentamento →	Agressividade
--------------	--------------------	---------------

(pela perda da estabilidade)		(manifestada por meio das perguntas à face negativa ¹²³ do destinatário, o governo dos EUA)
------------------------------	--	--

O órgão de imprensa inglês, aliás, é citado 19 vezes no decorrer de 2003 de modo positivo na coluna jornalística. No conjunto da obra, a publicação é vista como exemplar na atividade jornalística.

A dicotomia entre a imprensa britânica e a norte-americana é também o tema da notícia que se segue:

Em confiança¹²⁴

24.Mar.2003 | Metade dos 1,3 milhões *[sic]* de visitantes diários do site do jornal britânico The Guardian vem dos EUA.

Isso deve dizer algo a respeito da imprensa norte-americana.

Postado às 16h30, hora de Brasília. []

O tema da notícia é a suposta popularidade de uma publicação britânica nos EUA. O texto não revela a fonte da informação, o que destoa do estilo de a seção apresentar as notícias.

Apesar de sua brevidade, o discurso reforça o efeito de sentido que o enunciador apresenta, em sua obra, uma dicotomia entre norte-americanos e britânicos. O enunciado estabelece uma espacialização na qual o topônimo Estados Unidos é disforizado, por não ser confiável, enquanto que seu par antinômico é a imprensa britânica, euforizada. O discurso, apesar de produzido em português, ignora o *hic*, o aqui, da enunciação, o Brasil.

¹²³ C.f. p. 108, n. 115.

¹²⁴ O enunciado tem 231 caracteres, 38 palavras e três parágrafos.

Trata-se de um não-ser no enunciado (BENVENISTE, 1995, p. 251), que só se revela por inferência.

A parataxe, ao selecionar a informação, estabelece uma relação causal entre o fato de metade da audiência do *site* do jornal britânico ser norte-americana e a qualidade da informação fornecida pelos jornais dos EUA. Esse efeito de sentido é reforçado pelo título da nota: “Em confiança”.

O recurso da parataxe é também empregado na notícia que observamos a seguir:

Guerra: Al Jazeera em inglês¹²⁵

25.Mar.2003 | O canal de tevê Al Jazeera, do Catar, colocou na Internet uma versão em inglês de seu site. Chegou a número três do índice Blogodex, que lista os sites mais citados por weblogs no mundo.

Então a Al Jazeera caiu.

Está incomunicável. Sua rota é interrompida num endereço da France Telecom. Após, silêncio. Indício de filtro, talvez. Ou então de acessos demais. (A tática de bloquear acesso a sites é usada em países como a China ou o próprio Iraque.)

Mas, como nas ditaduras, é possível burlar os filtros usando sites de navegação anônima como The Cloak ou Anonymizer.

Ou, então, ao invés de usar o endereço textual, apelar para o numérico: 64.106.198.16.

Postado às 13h30, hora de Brasília. []

Al Jazeera in English

<http://english.aljazeera.net/>

Al Jazeera via Anonymizer

<http://anon.free.anonymizer.com/http://english.aljazeera.net>

Al Jazeera via The Cloak

<http://www.the-cloak.com/Cloaked/.../aljazeera.net/>

¹²⁵ O enunciado tem 981 caracteres, 147 palavras e 15 parágrafos.

Al Jazeera, IP
<http://64.106.198.16/>

O tema é a rede de televisão catariana *Al Jazira* e a dificuldade em acessar o domínio na Internet. O texto não revela a fonte da informação mas, pelo contexto, pode ter sido resultado de uma observação direta do jornalista.

Há um esquema argumentativo também fundamentado na parataxe. Mediante a justaposição de frases, o discurso cria uma lógica que pode ser expressa na máxima latina: *post hoc ergo propter hoc*¹²⁶. Primeiro o enunciado afirma que a versão em inglês do *site* da *Al Jazira* vinha obtendo grande popularidade, pois “chegou a número três do índice *Blogodex*, que lista os *sites* mais citados por *weblogs* no mundo”. Em seguida, ele afirma que o sistema saiu do ar e, apesar de não sancionar plenamente a hipótese de censura, acrescenta a informação de que regimes autoritários como a China e o Iraque costumam proibir acessos a determinados domínios no ciberespaço. Mesmo sem mencionar o governo norte-americano, o discurso, pelo contexto global da obra, dá margem à insinuação de que há censura também em âmbito global e reforça esse efeito de sentido ao incitar os leitores a acessar as páginas apontando caminhos que permitiriam superar a interdição, o que caracteriza o ato como perlocutório. O enunciado, mesmo sem afirmar explicitamente, equipara o governo dos EUA ao que o texto define como “regimes autoritários como a China e o Iraque”.

¹²⁶ “depois disso, logo por causa disso”.

Com isso, novamente, observa-se um efeito de sentido de modalização deôntica: o “fazer-saber” é também no discurso um “dever-fazer”. O discurso igualmente reforça o efeito de sentido de fazer do ciberespaço um espaço de “autenticidade”, de verdade, que, mesmo quando cerceado, oferece possibilidades de superar barreiras.

No enunciado que se segue, a modalização do “fazer-saber” também é euforizada:

Supermercado: foram os EUA ¹²⁷

01.Abr.2003 | Norte-americanos e britânicos levantaram várias hipóteses para o bombardeio do primeiro supermercado, em Bagdá. Míssil anti-aéreo iraquiano que errou o alvo; uma explosão plantada por Saddam para culpar as forças de invasão; um carro-bomba com o mesmo objetivo.

Não era nada disso.

O veterano correspondente do diário inglês *The Independent*, Robert Fisk, encontrou nos escombros do supermercado um pedaço do míssil fabricado pela Raytheon, do Texas. Provavelmente uma ogiva Harm disparada por um caça.

Em sua primeira reportagem após o incidente, Fisk já havia escrito que caças haviam sido escutados no local. []

Proved: Deaths in Iraqi marketplace were caused by American missile
http://news.independent.co.uk/world/middle_east/story.jsp?story=3930

66

A notícia trata da descoberta de que foi um míssil norte-americano atingiu um supermercado em Bagdá. A fonte é uma notícia publicada em um *site* do jornal britânico *The Independent*. O enunciado estabelece uma dicotomia

¹²⁷ O enunciado tem 793 caracteres, 110 palavras e seis parágrafos.

entre a imprensa britânica e o governo norte-americano, sancionando cognitivamente o primeiro.

No discurso, os actantes representados pelos governos dos EUA e do Reino Unido são apresentados sob a modalização veridictória de mentira, pois pareciam ignorar a origem da explosão, mas de fato sabiam: “norte-americanos e britânicos levantaram várias hipóteses para o bombardeio do primeiro supermercado, em Bagdá”. A citação da descoberta de “um pedaço do míssil fabricado pela Raytheon, do Texas. Provavelmente uma ogiva Harm disparada por um caça” torna o actante Robert Fisk, figurativizado euforicamente como “veterano” e citado elogiosamente 15 vezes no decorrer do ano de 2003, como exemplo do que deve ser o “fazer-saber” jornalístico: descobrir uma *verdade* que está oculta.

Esse mesmo efeito de sentido pode ser aqui observado:

A primeira vítima ¹²⁸

07.Abr.2003 | Por que ajudamos a espalhar as mentiras de propaganda desta guerra imunda? Que houve, por exemplo, para que virasse "estilo" da BBC descrever os invasores anglo-americanos como "coalizão". Isto é uma mentira. A "coalizão" que deveríamos obviamente lembrar é aquela forjada para tirar as tropas de ocupação iraquianas do Kuwait, em 1991, uma aliança que envolvia dúzias de países - e quase todos condenam a aventura do presidente Bush Junior no Iraque. Existe uma meia dúzia de soldados de elite australianos passeando pelo deserto, cortesia do excêntrico primeiro-ministro John Howard, mas termina aí.

Então, por que a BBC decretou esta palavra desonesta, "coalizão"? É verdade, existe uma "coalizão dos dispostos", para usar a estranha

¹²⁸ O enunciado tem 1.240 caracteres, 190 palavras e sete parágrafos.

frase que Bush usa para referir-se àqueles países que permitiram aos EUA o uso de seu espaço aéreo ou algum apoio político, mas que não participam militarmente. Então, a frase "forças da coalizão" continua uma mentira.

Robert Fisk, de Bagdá, continua em seu comentário de hoje, no diário britânico *The Independent*.

Postado às 8h35, hora da Brasília. []

The twisted language of war that is used to justify the unjustifiable
<http://argument.independent.co.uk/.../story=394704>

O assunto é uma crítica à maneira pela qual a *BBC* vinha cobrindo a Guerra do Iraque. A fonte do noticiário é uma notícia publicada no jornal *The Independent*. Robert Fisk mais uma vez é identificado como parâmetro para a atividade jornalística e condena o uso da palavra “coalizão”, definida como “mentirosa” no enunciado. A ação militar contra o país árabe é definida disfemisticamente como “invasão”. O epíteto “A primeira vítima”, já utilizado em notícia de 19 de março de 2003, reforça o efeito de sentido de que o governo dos EUA como mentiroso.

O enunciado, igualmente, estabelece duas dêixis temporais, o passado, quando houve uma guerra “justa” contra o Iraque, e o presente, quando isso não ocorre.

A notícia, contudo, modifica parcialmente a dicotomia governo norte-americano e imprensa britânica: dessa vez a *BBC* é associada a Washington e condenada por mentir.

Na notícia a seguir, o jornal *The Independent* é mais uma vez apontado como parâmetro para a atividade jornalística:

Perguntas demais ¹²⁹

16.Abr.2003 | O diário britânico Independent – que melhor cobriu esta guerra na ilha de Sua Majestade e, é provável, no mundo – traz hoje uma capa crua. "A guerra acabou", em letras capitulares, "agora as perguntas que devem ser respondidas."

A seqüência são 29 perguntas empilhadas e, nas páginas de dentro, as melhores respostas que o jornal encontra.

"Onde estão as armas de destruição em massa? Onde está Saddam? E suas ligações com a Al Qaeda? Os iraquianos sentem-se livres? A ONU continua relevante? Por que tantos jornalistas morreram? Quanto tempo os soldados ficarão lá? Isto é o início de uma reorganização do Oriente Médio?"

A última: "O mundo ficou mais seguro?"

O Independent sai desta guerra um bocado pessimista.

E cá o weblog volta a sua programação normal, ainda de olho no Oriente Médio, mas já a busca dum noticiário mais variado. Será difícil manter o bom humor nas próximas semanas: o mundo é outro após estas três intensas semanas, as regras mudaram – só não está claro quais são. []

The war is over. Now the questions that must be answered

<http://argument.independent.co.uk/.../story=397647>

O foco do discurso é o pós-guerra iraquiano. A fonte é uma notícia do jornal *The Independent*.

O conjunto de perguntas do enunciado remete à face negativa¹³⁰ do destinatário, no caso, os governos norte-americano e britânico: trata-se de perguntas indiscretas o que, no caso, deve ser entendido como aqueles questionamentos que revelam o que os destinatários, supostamente, desejariam ver mantido em segredo. As perguntas apontam também um sentimento de descontentamento, pois foram escritas “em letras

¹²⁹ O enunciado tem 1.229 caracteres, 184 palavras e oito parágrafos.

¹³⁰ C.f. p. 108, n. 115.

capitulares”, conotando grito no contexto discursivo. Tal sentimento gera uma situação de instabilidade, conforme o algoritmo patêmico de Greimas (1983, p. 234) expõe em *Du Sens II*.

O texto dirige-se, como já foi mencionado, a um auditório restrito, que tem acesso à Internet e que domina o idioma inglês. Trata-se, portanto, de uma elite, mas que é pensada à maneira de um auditório universal, conforme os pressupostos teóricos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 30-38) ¹³¹.

A dúvida desestabilizadora das asserções sinaliza um esforço de conquistar, em seu discurso, não só aqueles que desaprovam a guerra, que são os enunciatários do discurso, pois a estes um discurso assertivo, veemente, bastaria, mas também não-antienunciatários (COURTÉS, 1998, p. 38-39), que cultivam uma relação de simpatia, mas não plena adesão, em relação às posturas antibelicistas, e mesmo os não-enunciatários, ou seja, aqueles que, mesmo sem concordar totalmente com a guerra, mantêm uma relação de desconfiança em relação ao antibelicismo.

O discurso, do mesmo modo, sanciona cognitivamente o tipo de jornalismo praticado pela publicação britânica *The Independent*, predicada no enunciado como aquela “que melhor cobriu esta guerra na ilha de Sua Majestade e, é provável, no mundo”.

¹³¹ “Certos auditórios especializados costumam ser assimilados ao auditório universal, tal como o auditório do cientista dirigindo-se aos seus pares (...) esse auditório tão limitado é geralmente considerado pelo cientista não como um auditório particular, mas como sendo realmente o auditório universal: ele pressupõe que todos os homens, com o mesmo treinamento, a mesma competência e a mesma informação, adotariam as mesmas conclusões”.

A atitude que o texto enfatiza remete à modalidade deôntica de “dever-fazer” – no caso, a ação de interrogar, uma atitude já euforizada na notícia “Quando os jornalistas não contam o que sabem”¹³². Está implícito nesse “dever-fazer” um compromisso de descobrir a verdade, o que conota uma ação prescritiva. O discurso, igualmente, pressupõe que essas alteridades precisam ser coagidas a responder às perguntas, o que as caracteriza como atores ou em modo de segredo ou em modo de mentira. O discurso explicita isso ao realçar que as perguntas da publicação “devem ser respondidas”.

O discurso a seguir, utilizando o mesmo critério do enunciado supracitado, critica-se a imprensa e, mais uma vez, apresenta a Internet como lugar de verdade, sob uma modalização veridictória: ela parece ser verdadeira e é verdadeira.

Síria ao alvo ¹³³

06.Mai.2003 | Houve pressão, nos momentos finais da guerra, para que os EUA virassem em direção à Síria. A vontade dos falcões no Departamento de Defesa, no entanto, foi bloqueada pela assessora de segurança nacional, Condoleezza Rice. Segundo ela, não haverá mais “aventuras militares” no “primeiro mandato” de George W. Bush. O foco, agora, está depositado na reeleição.

A notícia foi divulgada pela agência UPI no fim da tarde de sexta-feira passada e, imediatamente, tirada do ar – substituída por uma versão mais light.

A história segue contada no site The memory hole – buraco da memória – que reúne, principalmente, reportagens que são publicadas e, posteriormente, apagadas dos arquivos de sites noticiosos diversos. []

The Memory Hole

¹³² C.f. p. 108-111.

¹³³ O enunciado tem 799 caracteres, 119 palavras e sete parágrafos.

<http://www.thememoryhole.org/memoryblog.htm>

O tema da notícia é risco de a Síria ser invadida pelos EUA. A fonte do noticiário é o *site* The Memory Hole.

O título da notícia é uma prosonomásia, um calembur, entre as palavras “tiro”, proveniente da locução “tiro ao alvo”, e o topônimo “Síria”. O jogo de palavras denota uma alogia e conota uma suposta intenção norte-americana de invadir o país árabe, que é vizinho do Iraque. O tom é irônico e, como Propp destaca (1992, p. 125): “A ironia revela assim alegoricamente os defeitos daquele (ou daquilo) de que se fala”. Trata-se também de uma alogia que, no contexto do enunciado, constrói um efeito de sentido cômico de desmascaramento, como também destaca Propp (Id., p. 107). Tal intenção bélica por parte dos EUA, contudo, teria sido omitida por uma empresa jornalística, a Agência *UPI*, que “divulgou” – um verbo sinônimo de noticiar mas que, no jargão jornalístico, conota propaganda (RABAÇA e BARBOSA, 2001, p. 237) ¹³⁴ – o fato.

A verdade, no contexto do enunciado, vem pela Internet: é mediante o *site* *The Memory Hole* – Buraco da Memória – que arquiva notícias “manipuladas”, modificadas, em *sites* jornalísticos, que a informação se torna disponível. O discurso, ao apontar o *link*, desenvolve um ato perlocutório, incitando o leitor – um público – a constatar ele mesmo a notícia. O uso do *hiperlink*, no contexto, é utilizado para dar um efeito de

¹³⁴ Esse efeito de sentido também é observado em uma nota do dia 15 de abril da mesma seção: “Ao menos, é o que *divulga* a imprensa iraniana e o britânico *Guardian publica*”, estabelecendo assim uma distinção entre o que uma imprensa dita “livre” faz, no caso a britânica, que é “publicar”, e uma imprensa “controlada” age, no caso a do país árabe, que é “divulgar”.

verdade ao que é dito (TODOROV, 1972, p. 124), pois a “palavra do outro” legitima a autenticidade do que é afirmado.

Nas duas notas a seguir, podemos ver como a seção lida com desmentidos:

Era petróleo ¹³⁵

04.Jun.2003 | Um grupo de diplomatas asiáticos perguntou ao vice secretário (*sic*) de Defesa dos EUA, Paul Wolfowitz, porque (*sic*) a diferença entre o tratamento dedicado pelos EUA a um país com poder nuclear como a Coreia do Norte e o dedicado ao Iraque. Sua resposta:

"Sejamos francos. A mais importante diferença entre a Coreia do Norte e o Iraque é que, economicamente, não tínhamos escolha no caso do Iraque. O país nada em petróleo."

A notícia está no Guardian de hoje. Wolfowitz, não custa lembrar, é um dos principais ideólogos da Doutrina Bush. []

Wolfowitz: Iraq war was about oil

<http://www.guardian.co.uk/Iraq/Story/0,2763,970331,00.html>

(Não) era o petróleo ¹³⁶

06.Jun.2003 | Ou não, ao menos, segundo as palavras do vice secretário de defesa dos EUA, Paul Wolfowitz. A notícia publicada por aqui, repetindo o britânico The Guardian, estava incorreta. A frase correta do ideólogo de Bush:

A [...] diferença entre a Coreia do Norte e o Iraque é que não tínhamos virtualmente nenhuma opção econômica no caso do Iraque porque o país flutua num mar de petróleo. No caso da Coreia do Norte, o país está tateando próximo ao precipício do colapso econômico e é isto que faz da situação da Coreia do Norte tão diferente da do Iraque.

Essencialmente, com a Coreia do Norte dá para fazer pressão econômica; com o Iraque, não. O Guardian comeu mosca e cá o Weblog, por conta, também. []

Corrections and clarifications

¹³⁵ O enunciado tem 674 caracteres, 102 palavras e seis parágrafos.

¹³⁶ O segundo enunciado tem 829 caracteres, 135 palavras e seis parágrafos.

<http://www.guardian.co.uk/corrections/story/0,3604,971436,00.html>

O tema da primeira notícia é a motivação dos EUA em relação à Guerra do Iraque. A fonte do noticiário é o jornal britânico *The Guardian* e, no outro, o assunto é o desmentido da notícia anterior. A fonte é também o jornal *The Guardian*.

O discurso representa uma fala ameaçadora para a face positiva do locutor¹³⁷, pois o ator da enunciação admite um erro, decorrente de uma retificação da fonte original, o que tanto atenua a admissão quanto apresenta uma modalidade veridictória no enunciado, pois, ao contrário do que a *UPI* teria feito na notícia publicada em 6 de maio de 2003, ele retifica o enunciado e mantém à mostra o erro.

Na notícia a seguir, o discurso mais uma vez enfatiza uma modalização deôntica: o “fazer-saber” é também no discurso um “dever-fazer”.

Riocentro ¹³⁸

07.Ago.2003 | Com a recomendável suavidade e o melhor dos sorrisos, expliquei que infelizmente eu não era comandante, era apenas também um coronel, que obedecia ordens de dois generais: Roberto Marinho e Evandro, diretor. Infelizmente, Evandro estava viajando e dr. Roberto também já tinha ido embora. Ele me pediu o telefone do dr. Roberto e eu saí do aquário para ir buscá-lo.

Liguei para Roberto Marinho e falei rapidamente sobre o material que tínhamos e a edição planejada, supersensacional, com fotos exclusivas etc. *[sic]* e tal. Expliquei que o coronel estava na redação e sugeri um planinho para mostrar a máxima boa vontade do jornal. Eu daria aquele número de telefone ao coronel mas, a partir daquele

¹³⁷ C.f. p. 108, n. 115.

¹³⁸ O enunciado tem 1.180 caracteres, 181 palavras e nove parágrafos.

instante, o dr. Roberto não mais atenderia. A sugestão foi aceita sem vacilação e Job Lorena ainda ficou um bom tempo grudado a um telefone até desistir.

No dia seguinte, doutor Roberto gastaria a manhã numa "conversinha" nada agradável com um general, na sede do 1o Exército.

No Comunique-se, Milton Coelho da Graça conta a história. []

Vai tranquilo, Roberto Marinho

<http://www.comunique-se.com.br/.../301&op2=1&op3=2>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../6925>

O assunto da notícia é a atitude do jornal O Globo e, especialmente, do dono da publicação, Roberto Marinho, diante do caso Riocentro. O texto constrói uma intriga narrativa na qual opõe duas classes de actantes: de um lado, os jornalistas Milton Coelho da Graça e Roberto Marinho; de outro, um militar, identificado no enunciado como Job Lorena. A situação do discurso¹³⁹ foi a morte do então dono das organizações Globo, ocorrida no dia 6 de agosto de 2003.

O enunciado, do mesmo modo, narra uma ação farsesca, que visa ludibriar uma autoridade para divulgar a verdade, no caso, o frustrado atentado militar ao Riocentro. A estrutura da narrativa converge com a definição propiana de *одурачивать*, que se translitera do alfabeto cirílico como *odurátchivanie* e que quer dizer fazer alguém de bobo (PROPP, 1992, p. 99-116). Nesse tipo de enunciado analisado pelo semioticista russo, os moralmente absolvidos são os enganadores, no caso Milton Coelho da Graça e Roberto Marinho, e o enganado o é porque se trata de um valor

¹³⁹ C.f. glossário, p. 251.

disforizado na narrativa que é, no caso específico do enunciado, a censura. A ação de ludibriar, por sua vez, é legitimada como forma de impedir aquilo que pode ser definido como “mandonismo castrense” no enunciado, cuja actorialização se manifesta na figura do coronel¹⁴⁰ Job Lorena.

O discurso apresenta um jogo referencial tensivo: trata-se a princípio de uma embreagem actancial enunciativa, pois parece haver coincidência entre o sujeito da enunciação e do enunciado – e não há sinais gráficos identificadores de um discurso citado, como aspas ou travessão –, mas revela-se, no desfecho, como uma debreagem actancial enunciativa. O jogo de referências, nesse mesmo contexto, mostra-se ambíguo: trata-se de um discurso indireto livre, pois o enunciado se apresenta, inicialmente, como um discurso indireto, pois comenta diálogos de terceiros, mas no final revela-se um discurso relatado, transcrito pelo sujeito da enunciação a partir de um segundo enunciado, atribuído a Milton Coelho da Graça¹⁴¹.

Esse efeito de sentido, obtido mediante o discurso indireto livre, pode também ser observado neste excerto:

Repercussão nas ruas ¹⁴²

¹⁴⁰ A patente de Lorena é revelada indiretamente por meio do discurso citado de Milton Coelho da Graça: “eu não era comandante, era apenas também um coronel”. O advérbio comparativo estabelece no enunciado uma isotopia entre a função do jornalista de subordinado graduado e a função do militar, citada como equivalente no contexto.

¹⁴¹ Isso remete às indicações de Bakhtin (1977, p. 175) sobre a inexistência de marcas sintáticas claras no discurso indireto livre. Ainda sobre os achados do teórico russo, a notícia, ao ser narrada dessa forma, busca o efeito de expressar uma representação viva da ação (*Id.*, p. 203) e, igualmente, de construir ora um efeito de repulsa, ora de afinidade, em um enunciado (*Id.*, p. 209). No caso específico do objeto estudado, o efeito é de afinidade, reforçado pelo efeito farsesco do *odurátchivanie*.

¹⁴² O enunciado tem 1.026 caracteres, 162 palavras e nove parágrafos.

20.Ago.2003 | A morte de Sérgio de Mello é catastrófica. Estamos todos meio atordoados. Ele era, nestes últimos meses, a melhor coisa que parecia ter acontecido no Iraque. Apesar de a ONU ter sido inútil para impedir a guerra, ver alguém como Mello dava ao povo algum tipo de esperança. Dava uma sensação de que, não, os norte-americanos não podiam correr soltos por Bagdá sem os olhos vigilantes da comunidade internacional. [...]

Estou apavorado. Se alguém como Mello não pode, ou simplesmente não foi, protegido – o que acontecerá com as milhões de pessoas que precisam de proteção no Iraque? Como permitiram que isto acontecesse?

Um canal de notícias estava dizendo há pouco que quando Bremer recebeu a notícia, ele chorou... Não sei por quê. Por certo não foi sua perda... foi do Iraque.

Novo blog iraquiano na praça: Baghdad Burning de uma moça que se assina River. Faz a vigília da ocupação. []

Baghdad Burning: Dazed

<http://riverbendblog.blogspot.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7115>

O assunto é a morte do diplomata brasileiro Sérgio Vieira de Mello, ocorrida em 19 de agosto de 2003. A fonte da informação é o *blog Baghdad Burning: Dazed*.

Trata-se de um discurso direto que se revela, apesar da inexistência de aspas ou de travessões, por meio do sinal da reticência entre colchetes, o que sinaliza um abreviamento de uma citação. Há contudo uma instabilidade referencial no enunciado, que pode ser observada no terceiro parágrafo. A frase “estou apavorado” conota uma debreagem actancial enunciativa de um actante do gênero masculino, porém, mais adiante, aponta-se uma “moça” como autora do texto, o que gera uma ruptura de coerência, que poderia ser definida como paralipse, que corre quando

“deixa-se de dar uma informação logicamente exigida pelo tipo de focalização adotada” (FIORIN, 2001, p. 111). O efeito de sentido, aparentemente, decorre de uma inabilidade no manejo da narrativa, mas conota também um sinal de identificação entre o agente da enunciação e o ator do enunciado, à maneira de um discurso indireto livre. Por fim, ao empregar um *blog* como referência, a coluna dá a esse tipo de discurso o mesmo estatuto do discurso jornalístico.

No discurso seguinte, porém, observa-se uma contraposição – e ao mesmo tempo convergência – entre *blog* e jornalismo:

De blogs & fatos ¹⁴³

25.Set.2003 | Brendan O'Neil, colunista da revista eletrônica Sp!ked, escreve sobre a cena dos blogs na Grã Bretanha – e no mundo – e apresenta o vocabulário dos blogueiros políticos no Reino Unido.

Um termo chama atenção: *fisking*. Robert Fisk, o correspondente do diário Independent no Oriente Médio, virou verbo. Fisk não é dos jornalistas mais queridos pela turma conservadora pró-guerra. *Fisking*, pois, é o ato de pegar uma coluna sua e destrinchar, argumento por argumento, até desmontar. O termo virou genérico: leva o nome de Fisk mas serve a qualquer autor ou artigo.

O'Neil é jornalista e blogueiro. Sua análise foi motivo de um evento patrocinado pela Sp!ked – espécie de Slate britânica – sobre blogs. Para ele, é um exagero completo dizer que blogs são uma revolução na imprensa. Blogueiros, diz O'Neil, alimentam-se da imprensa tradicional e muito raramente trazem coisa nova à tona, geram conteúdo único.

Não dá para concordar com tudo que ele escreve – mas tem lá suas razões. []

BrendanO'Neill.net

<http://www.brendanoneill.net/>

Gone to the blogs

¹⁴³ O enunciado tem 1.177 caracteres, 173 palavras e 11 parágrafos.

<http://www.spiked-online.com/articles/00000006DBDD.htm>
 [Permalink]
<http://nominimo.ibest.com.br/.../7690>

O tema da notícia é o surgimento de um neologismo no inglês. A fonte da informação é tanto uma *home page* pessoal quanto um artigo na revista Spiked.

Brendan O'Neil é figurativizado como “jornalista e blogueiro” a conjunção aditiva “e” torna o primeiro predicado distinto do segundo. Conota, portanto, atividades diferentes, mas não adversativas.

Já Robert Fisk é identificado como “o correspondente do diário Independent no Oriente Médio”. O sobrenome do antropônimo torna-se um referente, um verbo, definido como a ação de “pegar uma coluna sua e destrinchar, argumento por argumento, até desmontar”, o que conota, no contexto, uma atitude que visa desestabilizar o discurso do ator do enunciado.

O motivo desse empenho em desvalorizar o que é dito pelo jornalista, segundo o texto, é revelado mediante uma lítotes: “Fisk não é dos jornalistas mais queridos pela turma conservadora pró-guerra”. Por extensão de sentido, a notícia associa os “blogueiros políticos do Reino Unido”, que criaram o neologismo, ao grupo da “turma conservadora pró-guerra”, que está interessada em desestabilizar os discursos de Fisk: trata-se, no contexto, do mesmo conjunto (“blogueiros políticos do Reino Unido” = “turma conservadora pró-guerra”), mas isso está dissimulado pela elipse. A razão dessa estratégia tem como hipótese plausível o fato de que a seção é um *weblog* e que um actante com efeito de generalização “turma

conservadora pró-guerra” é disforizado pelo sujeito da enunciação: tornar explícita, enfática, essa conexão implicaria ou a disforização dos *blogs* ou, inversamente, a disforização de Fisk, freqüentemente citado como paradigma da atividade jornalística na seção.

A seguir, o mesmo texto apresenta uma crítica de Brendan O'Neil aos *blogs*, apresentada por meio de duas lítotes: “é um exagero completo dizer que *blogs* são uma revolução na imprensa”, o que disforiza o objeto, mas atenua a condenação ao sugerir a idéia pela negação do seu contrário. Imediatamente a seguir os *blogs* novamente são disforizados por uma segunda lítotes: eles “alimentam-se da imprensa tradicional e muito raramente trazem coisa nova à tona”, o que conota falta de originalidade nos enunciados. O comentário final do enunciado apresenta-se como uma lítotes também: “Não dá para concordar com tudo que ele escreve – mas tem lá suas razões”. A conjunção adversativa “mas”, no contexto, funciona como um conector argumentativo, retificando a lítotes que desabona o julgamento: “Não dá para concordar com tudo que ele escreve”. Trata-se daquilo que Maingueneau (1997, p. 166) define como “mas argumentativo”, pois “possibilita a oposição à interpretação argumentativa que um destinatário atribui ou poderia atribuir à proposição”.

O discurso reportado e o discurso dito apresentam aqui uma tensão axiológica: dois valores sancionados cognitivamente pelo sujeito da enunciação estão contrapostos. De um lado, há os *weblogs*, euforizados no conjunto dos enunciados mas, nesse caso específico, associados à “turma conservadora pró-guerra”, um tipo de atitude disforizada no conjunto dos

discursos. De outro lado, Robert Fisk, igualmente euforizado, é alvo justamente dos produtores de *blog*. O uso de eufemismos e elipses sinaliza uma estratégia discursiva que visa amenizar o confronto axiológico presente na notícia.

O texto a seguir retoma uma abordagem crítica a determinados procedimentos da imprensa e euforiza a tradição do fazer jornalístico.

Entre Saddam e George W. ¹⁴⁴

21.Out.2003 | Em todas as pesquisas recentes *[sic]* uns 30% da população norte-americana mostram a convicção de que Saddam Hussein esteve envolvido no 11 de setembro e que armas de destruição em massa foram encontradas no Iraque.

A primeira informação está muito longe de ser confirmada – a segunda é falsa de todo.

Editora sênior da revista *American Journalism Review*, Lori Robertson escreve um longo artigo questionando a responsabilidade da imprensa local. Se o povo está mal informado, quanta culpa cabe à mídia. Ela lista muito dado, mostra indícios e não chega a qualquer conclusão. (Como nem poderia em questão assim sutil.) Faz pensar.

Por um lado, a imprensa norte-americana é responsável. É vício do reportariado esquentar cada novidade dedicando pouca atenção às informações passadas, ao pano de fundo da história. Então coisa nova como um caminhão encontrado que pode ter sido usado como laboratório móvel de químicos acaba tendo muito destaque, o condicionante pode vai para o espaço, a informação (velha) de que arma de fato não há nenhuma fica discreto demais.

(Dizia-se, noutros tempos, que se é "pode", não é notícia, é incerto. Mas isso é regra de jornalismo das antigas.)

Por outro lado, a opinião popular não é baseada em fatos – é emocional. Tomada a decisão de confiar num líder, parte-se do princípio que o que ele fala é vero e assim deve ser. Contra este tipo de postura, apenas uma quantidade pesada de informação

¹⁴⁴ O enunciado tem 1.915 caracteres, 304 palavras e 12 parágrafos.

derrubando a credibilidade do tal líder vira a tendência. E esta não é apenas informação que se recebe via imprensa – é também dos arredores, do dia-a-dia, dos conhecidos.

Em ambos os casos, os norte-americanos não são melhores ou piores que os brasileiros – ou que quaisquer outros. Tanto nos pecados da imprensa quanto nos dos humores populares. []

Baghdad Urban Legends

<http://www.ajr.org/Article.asp?id=3408>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8097>

O tema da notícia é a desinformação do público médio norte-americano em relação à guerra do Iraque. A fonte da informação é um artigo na publicação *on-line* norte-americana *American Journalism Review*.

O discurso estabelece uma dêixis temporal que euforiza o passado e disforiza o presente em relação às práticas jornalísticas. Tais efeitos de sentido podem ser observados na figurativização do antropônimo Lori Robertson (“editora sênior”) e nas duas frases entre parênteses da notícia: “Dizia-se, noutros tempos, que se é ‘pode’, não é notícia, é incerto. Mas isso é regra de jornalismo das antigas”. O sujeito da enunciação emprega, nesse segundo caso, o recurso da ironia, assim definida por Propp (1992, p. 125): “expressa-se com as palavras um conceito mas se subentende (sem expressá-lo por palavras) um outro, contrário”.

Já o presente do indicativo do verbo ser, utilizado para condenar a prática do reportariado, um antropônimo com grande efeito de generalização, empregado na frase: “é vício do reportariado esquentar cada novidade dedicando pouca atenção às informações passadas”, é utilizado para expressar tanto um “presente atual” (CUNHA, 1975, p. 429), quanto como

efeito de sentido de “presente habitual” (Id., p. 430)¹⁴⁵. Quando o texto indica que n’outros tempos essa prática não era tolerada, reforça o sentido de ação que se desenvolve na contemporaneidade, mas não de prática tradicional. Trata-se, portanto, de uma propriedade actancial do “reportariado” atual. O actante “reportariado”, que remete à palavra repórter, acrescente-se, conota aos estratos de base da atividade jornalística –os editores representam as camadas superiores desse corpo profissional e, aparentemente, não compartilham a responsabilidade por esse “vício”.

Há ainda no enunciado uma dêixis medianeira, da justa medida, o que pode ser visto tanto na definição de que a imprensa é “parcialmente” responsável, assim como a “opinião popular”; quanto na conclusão: “os norte-americanos não são melhores ou piores que os brasileiros – ou que quaisquer outros. Tanto nos pecados da imprensa quanto nos dos humores populares”, evocando uma isotopia actancial entre imprensa e “opinião popular” norte-americanas e imprensa e “opinião popular” brasileiras. No conjunto dos enunciados, contudo, o topônimo EUA é disforizado e a isotopia, neste caso, por contaminação, estaria disforizando o *hic* da enunciação.

Por fim, o enunciado estabelece também uma dêixis que dicotomiza razão e emoção, euforizando a primeira em detrimento da segunda. Há, de um lado, o actante “opinião popular”, figurativizado como “emocional” e, de outro, o actante imprensa, figurativizado na modalidade alética do “dever-ser” como

¹⁴⁵ Segundo a taxonomia de Maingueneau (1981, p. 25) para a aspectualização verbal, o presente no caso conota iteratividade e esse efeito de sentido é reforçado pela figurativização da atitude como “vício”, cujo sentido, no contexto, remete a “qualquer costume supérfluo, prejudicial ou censurável” e “hábito ou costume persistente de fazer algo” (DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2001).

instituição racional, e isso pode ser captado na definição de que a *práxis* jornalística deve ser, por oposição à “opinião popular”, “baseada em fatos”, ou seja, racional, demonstrando bom senso ou juízo ponderado.

No texto que se segue é possível observar o modo pelo qual o sujeito da enunciação concebe a héxis¹⁴⁶ da imprensa.

Seu Frias ¹⁴⁷

22.Out.2003 | Eu tenho receio [do socorro especial para a mídia por meio de empréstimos concedidos pelo BNDES]. Eu tenho um receio muito grande. Isso tende a interferir. Para falar claramente... [Pausa, olhar perdido] nem sei se deveria dizer isso...[Olha no olho no repórter e fala firme] em todo caso vou arriscar: o que interessa ao governo é a mídia de joelhos. Não uma mídia morta. Uma mídia independente não interessa a governo nenhum. Dentro desse princípio é difícil ver essa questão do BNDES. Por que criar um sistema assistencial, preferencial para os jornais, para mídia? Por quê? Se todo o empresariado está endividado, nunca vi uma situação tão difícil em toda a minha vida e estou apenas com 91 anos. Nunca vi uma situação igual. Mas nós vamos sair dela.

Octavio Frias, dono do Grupo Folha, fala à AOL sobre seu jornal, crise econômica, Roberto Marinho. []

"O governo quer a mídia de joelhos"

<http://noticias.aol.com.br/.../2003/10/21/0004.adp>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8124>

O assunto é a possibilidade de o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) conceder empréstimos em condições privilegiadas aos empresários do ramo jornalístico e as resistências do dono

¹⁴⁶ C.f. glossário, p. 248

¹⁴⁷ O enunciado tem 1.013 caracteres, 160 palavras e sete parágrafos.

do Grupo *Folha* à oferta. A fonte da informação é uma notícia no *site* da AOL.

A héxis discursivizada “de joelhos” cria um efeito de sentido de uma expectativa, por parte do governo, de submissão da imprensa, e uma reação patêmica contrária por parte de Octavio Frias¹⁴⁸.

Então, pelo esquema algorítmico implícito no discurso, o governo espera da imprensa submissão e pretende obtê-la mediante a concessão de empréstimos, que tornariam as empresas reféns do credor¹⁴⁹.

O discurso apresenta, portanto, dois programas narrativos antagônicos, um que visa a submissão por meio da dependência e outro que visa a interdição desse programa. Isso pressupõe dois actantes em oposição socioeconômica. O discurso, por extensão, leva a crer que, de um lado, há um governo próspero, com abundância de recursos, e, de outro, que há uma imprensa em estado de penúria econômica ou próxima disso.

¹⁴⁸ Poder-se-ia, com base no logaritmo proposto por Greimas (1983, p. 230), assim projetar o percurso narrativo atribuído ao governo:

$$S_1 \text{ querer } (S_2 \cap Ov)$$

Tal esquema pode ser expresso do seguinte modo:

S_1 é o governo, o sujeito da espera, da expectativa de uma determinada atitude.

S_2 é a imprensa, o sujeito do fazer, do qual se deseja uma ação.

Ov é o objeto de valor, no caso a submissão da imprensa, obtida mediante a concessão de empréstimos.

O símbolo $\cap$ representa o estado conjuntivo do programa narrativo almejado pelo actante governo.

¹⁴⁹ O programa narrativo do segundo actante apresenta uma inversão de papéis no algoritmo:

$$S_2 \text{ querer } (S_2 \cup Ov)$$

A inversão do símbolo representa a disjunção da imprensa com o governo, pretendido pelo actante Octavio Frias.

O enunciado descreve também duas pantomimas: [Pausa, olhar perdido] e [Olha no olho no repórter e fala firme]. Os detalhes, aparentemente supérfluos na narrativa, criam uma enargia¹⁵⁰, um efeito de real e de dramaticidade à narrativa, conforme Jakobson (In: TOLEDO, 1976, p. 125) e Barthes (1987b, p. 131) destacam em seus ensaios sobre o problema da verossimilhança nos discursos. No contexto da notícia analisada, as duas pantomimas conotam um percurso narrativo determinado. Em um primeiro momento temor pelo desnível entre os dois adversários, um opulento, e o outro em estado de pobreza. No momento seguinte, expresso no “Olha no olho no repórter e fala firme”, uma atitude de determinação, que conota uma modalização deôntica de “dever-ser” independente que leva o actante a desafiar o oponente mais forte. Há aqui, mais uma vez, uma isotopia discursiva com o mito bíblico de Davi e Golias, do mesmo modo que na nota “Pós-*CNN*”¹⁵¹.

O actante Octavio Frias é figurativizado sob um enfoque patêmico de obstinação, de apego forte e excessivo às próprias idéias, resoluções e empreendimentos – “nunca vi uma situação tão difícil em toda a minha vida e estou apenas com 91 anos. Nunca vi uma situação igual. Mas nós vamos sair dela.” –, o que é euforizado no contexto e assume uma modalização deôntica do “dever-fazer” (GREIMAS e COURTÉS, 1989, p. 107). Há também no enunciado, por extensão, uma dicotomização temporal. O

¹⁵⁰ Enargia deve ser compreendida, no contexto dessa obra como o efeito retórico de representação extremamente realística em um discurso.

¹⁵¹ C.f. p 114-116.

presente é um tempo de crise, e o futuro, um momento no qual essa crise será superada.

A mesma dicotomia pode ser vista nesta notícia:

Filho do Napster ¹⁵²

13.Nov.2003 | Depois de provocar estragos à indústria do disco, o mp3 (arquivos de áudio com qualidade próxima à do CD) parece estar fazendo uma nova vítima: o jornalismo musical. Pelo menos este é o diagnóstico de nove entre 10 especialistas no assunto, entre os quais se destaca Ana Maria Bahiana, competente colunista do sítio Comunique-se. Para ela, a facilidade de se compartilhar músicas pela internet está criando uma nova geração de ouvintes que não está acostumada a pagar (e nem vai querer), e os novos hábitos dessa "geração Mp3" vão causar reflexos diretos no mercado editorial. O raciocínio é simples: quem não compra CD dificilmente comprará revistas que falam de música. A saída sugerida por vários teóricos da comunicação é que as publicações se dediquem a focalizar um público-alvo mais adulto, acima dos 30 anos.

Assim abre o artigo do jornalista Rodney Brocanelli, publicado esta semana pelo Observatório da Imprensa. A princípio a relação entre o hábito de comprar CDs e o de comprar revistas não parece fazer qualquer sentido.

Por alguns motivos. Primeiramente, não há sequer provas de que a queda de venda de CDs tenha qualquer coisa a ver com a circulação livre de arquivos mp3. O mundo está em crise, o consumo anda em baixa em todos os mercados, não só no da música.

Mas botando fé na palavra da indústria fonográfica de que a queda existe e é por conta dos Napsters da vida, por que alguém deixaria de comprar uma revista de música? Não há uma geração por aí que possa ser chamada de geração mp3 e que esteja perdendo o hábito de comprar porque música ficou de graça.

O que os mp3 terminarão por enterrar, isto sim é provável, é aquela música que as gravadoras inventam para durar um punhado de meses e vender milhões de discos. Não fará falta.

¹⁵² O enunciado tem 1.823 caracteres, 364 palavras e 12 parágrafos.

A crise na mídia existe, é concreta e tem três culpados: a situação econômica mundial; a inépcia dos patrões; a inépcia de nós, jornalistas. Não necessariamente nesta ordem.

O leitor – ou mesmo a nova geração de leitores – não têm *[sic]* culpa no cartório. []

Crise à vista com a geração mp3

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/jd111120036.htm>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8491>

O tema da notícia é o Napster, programa de troca de músicas na Internet, e uma potencial crise do mercado do jornalismo cultural. A fonte da informação é uma notícia publicada no *site* do *Observatório da Imprensa*.

O discurso cria uma antinomia calcada no eixo temporal, criando duas dêixis. Há de um lado um presente disforizado, no qual existe uma “crise na mídia” e grassa a música “que as gravadoras inventam para durar um punhado de meses e vender milhões de discos.” De outro, há um futuro, uma expectativa que se almeja o cumprimento, no qual não haverá mais engodo e que a crise, compreendida mais como desequilíbrio do que penúria – pois no presente as gravadoras “inventam” músicas “para durar um punhado de meses e vender milhões de discos” será superada por uma relação de equilíbrio econômico, e não mais de abundância proporcionada por ardis, ciladas, para o consumidor¹⁵³.

¹⁵³ O diagrama temporal pode ser expresso do seguinte modo:

A Internet, que também encarna o futuro no enunciado, é apresentada como um espaço de verdade, e isso também cria duas dêixis espaciais. De um lado, há o ciberespaço, no qual os internautas, por meio do uso do programa Napster, têm acesso ao mundo musical sem a mediação da indústria fonográfica, que visa enganar o consumidor e “vender milhões de discos”¹⁵⁴.

Na mesma notícia, observa-se uma apodioxé, pois o sujeito da enunciação nega a hipótese de que o uso de programas como o Napster influenciam no consumo de revistas de música, e esse efeito de sentido pode ser observado no ato perlocutório, na forma de pergunta, que consta no enunciado: “mas botando fé na palavra da indústria fonográfica de que a queda existe e é por conta dos Napsters da vida, por que alguém deixaria de comprar uma revista de música?” A resposta, proporcionada pelo próprio discurso, refuta a relação causal: “Não há uma geração por aí que possa

¹⁵⁴ O diagrama espacial pode ser expresso do seguinte modo:

ser chamada de geração mp3 e que esteja perdendo o hábito de comprar porque música ficou de graça”. Por meio da argumentação, o sujeito da enunciação refuta qualquer risco de que o jornalismo esteja ameaçado por causa da Internet.

Já no discurso a seguir, a idéia da Internet como lugar de prosperidade é explorada pelo sujeito da enunciação.

Blogs e dinheiro ¹⁵⁵

21.Nov.2003 | Nick Denton tem um projeto interessante: fazer dinheiro com blogs. Na origem, ele era jornalista, escrevia para o prestigioso Financial Times de Londres. Aí teve uma idéia e começou a organizar festas para reunir gente que queria fazer um site com gente que queria investir em sites. Eram as First Tuesdays, que fizeram Denton um milionário antes do estouro da bolha.

Seu projeto atual é pequenino. No momento resume-se a três *blogs* – Gawker, Gizmodo e Fleshbot – cada um nas mãos de um editor escolhido a dedo que recebe, segundo Denton, “não muito”. Gawker é sobre fofocas de celebridades em Nova Iorque, Gizmodo é sobre gadgets, maquininhas divertidas, e Fleshbot é sobre sexo.

No seu lançamento há uma semana, Fleshbot tirou a sorte grande: surgiu para a rede justamente no momento em que todos estavam falando do vídeo de Paris Hilton. As visitas foram lá em cima.

O empresário tem planos de lançar mais uns três *blogs* ano que vem, assim temáticos, com texto bem burilado e pontadas de humor. Um deles sobre política, para aproveitar as eleições norte-americanas.

Seus temas, escolhe-os pelo índice Google de popularidade. Tem nada a ver com o que ele, Denton, gosta ou não. Sua publicidade é parca, via o próprio Google, com pequenos anúncios de texto pagos para quem faz buscas sobre aqueles temas específicos. E o dinheiro que ganha é vendendo publicidade.

“Não é um negócio muito maior que uma banca de limonada”, conta ao New York Times. Em lucros, “vários milhares de dólares por mês”,

¹⁵⁵ O enunciado tem 2.053 caracteres, 322 palavras e 18 parágrafos.

cada blog, sem especificar quanto. Quanto aos editores, a primeira moça que assinava o Gawker foi contratada pela revista New York. A atual acaba de ganhar uma coluna no tablóide New York Observer. Denton está transformando-se, também, em ponta de lança de jornalistas. []

Building a web media empire on a daily dose of fresh links

<http://www.nytimes.com/2003/11/17/technology/17blog.html>

Fleshbot

<http://www.fleshbot.com/>

Gawker

<http://www.gawker.com/>

Gizmodo

<http://www.gizmodo.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8635>

O assunto é o potencial econômico do *weblog*. A fonte da informação é uma notícia do jornal *The New York Times*, além dos *sites* *Fleshbot*, *Gawker* e *weblog*.

No título da nota, “*Blogs* e dinheiro”, a conjunção coordenativa “e” é empregada no sentido de causa-conseqüência, uma das possibilidades semânticas do termo (NEVES, 1999, p. 740).

No discurso, observa-se mais uma vez uma diferenciação entre ser jornalista e fazer *blogs*, pois o antropônimo Nick Denton “na origem”, “era jornalista, escrevia para o prestigioso *Financial Times* de Londres”. Ao empregar o verbo “ser” flexionado na terceira pessoa do singular no pretérito imperfeito do indicativo, o discurso aspectualiza o estado de ser jornalista com um fato passado habitual (CUNHA, 1975, p. 436), que não é verificado mais. O ator do enunciado, conforme a notícia, tornou-se, ao

deixar de ser jornalista, empresário que agencia *blogs*, o que é euforizado no discurso.

O sujeito da enunciação cria, no enunciado, um efeito de sentido de que as atividades de produzir *blogs* e de trabalhar na imprensa, apesar de distintas, são áreas afins, pois “a primeira moça que assinava o *Gawker* foi contratada pela revista New York. A atual acaba de ganhar uma coluna no tablóide *New York Observer*”. O enunciado, para reforçar esse efeito de sentido, conclui, como desfecho da notícia, a frase: “Denton está transformando-se, também, em ponta de lança de jornalistas”, no sentido de preparar blogueiros para a imprensa, o que novamente sinaliza a ênfase da atividade jornalística e da atividade de produzir *blogs* como um ato de “fazer-saber”.

A atividade empresarial do actante projeta a imagem de uma Internet que já foi próspera e que fez de Denton “um milionário antes do estouro da bolha”. O *nunc* do enunciado figurativiza o negócio como modesto pois ele não seria “muito maior que uma banca de limonada”. No contexto, aliás, o emprego da lítotes conota ironia, conforme o grupo μ aponta (DUBOIS, 1974, p. 195-196), o que é depreendido pela oração: “Em lucros, ‘vários milhares de dólares por mês’, cada *blog*, sem especificar quanto”. A ironia repousa no contraste metaforizado pela figura da “banca de limonada”, o que seria um negócio que rende pouco dinheiro, e o fato de que o empreendimento proporciona “vários milhares de dólares”, o que conota abundância, levando a crer que o empresário é rico e mantém isso sob o

modo de segredo, pois não parece, mas é próspero, o que leva a crer que o ciberespaço continua sendo um lugar de fartura.

O efeito de sentido hiperbólico atribuído ao actante Internet pode ser também observado no enunciado que segue.

Reinvenção da campanha ¹⁵⁶

22.12.2003 | Espécie de crítico de mídia do New York Times e eventual autor de editoriais, Frank Rich apresentou uma (nova e) curiosa leitura ¹⁵⁷ de o que representa a campanha política de Howard Dean. Trechos:

Isto, eu sei: o crescimento de Howard Dean não é sua típica história de Cinderela na política. As constantes comparações feitas entre ele e George McGovern e Barry Goldwater são fáceis.

Tanto McGovern quanto Goldwater foram candidatos democratas *[sic]* à presidência que perderam suas eleições de forma humilhante porque representavam trechos mais à esquerda de seu partido. Foram escolhidos internamente como candidatos, mas assustaram o grosso da população, mais ponderada na hora do pleito de fato.

A peça que escapa a quase todos no fenômeno [Dean] é cultural: a Internet. Ao invés de comparar Dean com McGovern ou Goldwater, talvez faça mais sentido lembrar Franklin Roosevelt e John Kennedy. Não foi até as conversas ao pé da lareira irradiadas por Roosevelt no rádio em 1933 que esta mídia de massa usada há anos virou força política. Kennedy fez o mesmo pela TV.

É o tipo de ligação de pontos óbvia que qualquer analista adoraria ter feito. Rich fez primeiro. De fato, Howard Dean está usando a Internet como Roosevelt e Kennedy haviam feito, coisa que os transformou em surpreendentes fenômenos políticos em seu tempo. Fenômenos, não por terem vencido (ou mantido popularidade alta). Fenômenos, sim, porque no tempo as regras do jogo político pareciam ser contraditas pela realidade. Nada do carteadado vigente parecia explicar aquilo.

¹⁵⁶ O enunciado tem 1.904 caracteres, 377 palavras e oito parágrafos.

¹⁵⁷ O trecho sublinhado estabelece um *link* para [http://www.iht.com/cgi-bin/generic.cgi?template=articleprint.tmplh&ArticleId=122221/]

De certa forma, Dean é o nome perfeito para a mídia. Apesar de a dependência de sua campanha na Internet ter sido ditada pela necessidade quando não tinha organização ou dinheiro, ela lhe serve à personalidade agressiva. Dean faz a campanha menos pessoal; sua mulher não aparece. Isto é uma estratégia que cabe a uma personalidade online, não a uma de tevê. Seu tom irascível e polêmico também cabe à web. Jonah Peretti, especialista em Nova Mídia, observa que agressividade está para a Internet como a voz de Roosevelt estava para o rádio e a imagem de Kennedy para a televisão: "uma mensagem moderada não é o tipo de coisa que você enviará para os amigos num email dizendo 'você precisa ver isto!'" []
 Permalink)

O tema da notícia é o uso do *weblog* na campanha eleitoral norte-americana para presidente. A fonte da informação é uma notícia no *site* do *Herald Tribune*.

O sujeito da enunciação atribui à Internet um *ethos* hiperbólico, caracterizada pela agressividade e pela impessoalidade. No enunciado, Dean é considerado uma “personalidade agressiva” e que faz “campanha menos pessoal”, o que “cabe a uma personalidade online”, que tem um tom, um *ethos*, “irascível e polêmico”. O discurso aponta que isso seria apropriado ao ambiente, pois a moderação não seria chamativa: “uma mensagem moderada não é o tipo de coisa que você enviará para os amigos num email dizendo ‘você precisa ver isto!’”. Há aqui também uma contradição entre o *ethos* dito e o *ethos* mostrado, pois a Internet é figurativizada como ambiente agressivo, mas o discurso do sujeito da enunciação não se mostra assim.

A notícia, igualmente, atribui ao actante Howard Dean a competência actancial para conquistar a presidência dos EUA, pois, fazendo uso do discurso de Frank Rich, figurativizado como “crítico de mídia do New York Times e eventual autor de editoriais”, estabelece uma isotopia com os personagens Franklin Roosevelt e John Kennedy, enquanto descarta a associação com McGovern¹⁵⁸ e Goldwater¹⁵⁹. No discurso, euforiza-se o fato de que Roosevelt dominou a competência discursiva no rádio e Kennedy na televisão, enquanto Dean a dominaria na Internet. O enunciado, conforme o contexto, nega ao actante principal o atributo do radicalismo, associado aos dois malogrados candidatos à Casa Branca: McGovern e Goldwater. Destacam-se no discurso a habilidade e sensibilidade do actante onomastizado Howard Dean em relação às demandas e características da contemporaneidade do enunciado, o *nunc* do discurso. O enunciado, acrescente-se, apresenta uma contradição conceitual: Barry M. Goldwater era republicano e não democrata. O que o aproxima de McGovern é que os dois eram figurativizados como “radicais” em suas épocas. O primeiro de direita e o segundo, de esquerda.

As declarações de Rich seguem a estratégia discursiva de invocar o argumento de autoridade (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 349). O discurso é marcado pela incoatividade e comporta uma expectativa

¹⁵⁸ George Stanley McGovern (1922) foi o candidato a presidente do Partido Democrata derrotado por Richard Nixon na eleição de 1972 nos EUA. Era considerado um radical à esquerda para a opinião pública da época.

¹⁵⁹ Barry M. Goldwater (1909 - 1998) foi candidato a presidente do Partido Republicano derrotado por Lyndon B. Johnson na eleição de 1964 nos EUA. Era considerado um radical à direita para a opinião pública da época.

que, no contexto da notícia, tende a se cumprir, como Wittgenstein (1979, p. 134) também destaca.

O enunciado, do mesmo modo, pressupõe um leitor culto, cuja competência discursiva implica conhecimento da história política contemporânea norte-americana, apesar de o discurso conotar uma familiaridade apenas relativa em relação aos fatos históricos.

No enunciado a seguir, um *fait divers*, poderemos observar como o sujeito da enunciação trata o ato de “fazer-saber” da imprensa:

Questão de pele ¹⁶⁰

31.12.2003 | É hora de fazer as contas do ano. Em 2003, por exemplo, o mundo gastou 8 bilhões de dólares em gilete. (Só nos EUA, 90% dos homens fazem a barba em média cinco dias por semana.)

O hábito de tirar a barba (ou quaisquer outros pêlos) só deslanchou em 1903, quando a Gillette lançou sua lâmina descartável. Apesar do centenário, é hábito velho à beça: os egípcios já tiravam tudo – ou, bem, quase tudo.

Aliás, das mais de 5.000 espécies de mamíferos, poucos são quase sem pêlos: elefantes, rinocerontes, hipopótamos, golfinhos, baleias, leões marinhos, ratos pelados e, bem, nós. (Listar os humanos aí pode ser discutível: os pêlos do macho da espécie são curtos e finos, portanto muito da pele está exposta; porém, em número, é compatível com diversos dos primos símios.)

Aprende-se o diabo¹⁶¹ lendo a Economist. via Metafilter¹⁶² []

¹⁶⁰ O enunciado tem 853 caracteres, 146 palavras e cinco parágrafos.

¹⁶¹ A palavra sublinhada estabelece um *link* para [http://economist.com/science/displayStory.c.f.m?story_id=2281888]

¹⁶² A palavra sublinhada estabelece um *link* para [http://www.metafilter.com/]

O tema da notícia é o consumo de lâminas de barbear. A fonte da informação tanto o *site* da revista britânica *The Economist* quanto o *weblog* *Metafilter*.

Trata-se de um *fait divers*, pois atrai interesse do leitor por implicar rompimento insólito ou extraordinário no curso dos acontecimentos. No caso, um ato trivial, o ato de escanhoar-se, torna-se um ato hiperbólico, que movimentou bilhões de dólares em 2003. Na conclusão do enunciado “aprende-se o diabo lendo a Economist”, o termo “diabo” é empregado no sentido intensificador e hiperbolizante de quantidade excessiva (DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2001), euforizando-se assim o ato de “fazer-saber”.

3.2. Principais observações sobre o *No Mínimo Weblog*

O *No Mínimo Weblog* utiliza como fontes para produzir seus enunciados notícias em ciberjornais. Trata-se de uma característica que destoa do *modus operandi* usual da atividade. Seria, portanto, o discurso da coluna não jornalístico? Afinal nem tudo que há em um jornal é necessariamente pertinente ao ofício específico da imprensa, como a seção de classificados, por exemplo.

Em relação à pergunta acima, a pesquisa mostra que a seção é jornalística, pois nenhuma das peculiaridades da atividade aqui definidas, ou seja, de

um discurso produzido no modo de verdade com o intuito de “fazer-saber” e de atender às características definidas por Groth¹⁶³.

Poder-se-ia eventualmente objetar que resenhar notícias de ciberjornais seja uma atividade menor na profissão mas, de modo algum, sob os parâmetros aqui estabelecidos, é possível afirmar que tais procedimentos deixam de ser jornalísticos. A seção, por suas características, evoca o conceito de digesto, pois resume e comenta notícias, e de coluna, pois cria uma identidade actancial particularizante no espaço discursivo do *site* jornalístico *No Mínimo*.

O conjunto dos enunciados da seção de Pedro Doria apresenta-se como produto de um órgão de imprensa o que leva, por contaminação, à proposta de firmar uma relação de credibilidade por meio de um discurso em modo de verdade, realizando-se principalmente mediante um processo performativo sobre o saber¹⁶⁴.

No caso específico do *weblog*, o discurso cria, a priori, um efeito de real por meio do *hiperlink*, por meio da narrativa encaixante, que legitima-se, que

¹⁶³ C.f. p. 28-31.

¹⁶⁴ Greimas (1983, p. 116-133) afirma que o fazer persuasivo, o fazer que leva à crença, efetua-se mediante o querer, o poder e o saber. Nenhum desses três recursos, acrescente-se, atua de modo exclusivo e isolado na adesão a um determinado credo: o processo cognitivo é resultado de um amálgama. O poder faz crer pela ameaça e/ou pela provocação. O querer incita por meio da tentação e/ou da sedução. Já com o saber a tática é mais complexa: a argumentação é construída por meio de uma razão alética e/ou veridictória. Quanto à razão alética, trata-se de uma relação que se estabelece por meio de quatro variáveis do quadrado semiótico: dever ser (necessidade); não dever e não ser (possibilidade), dever não ser (impossibilidade) e não dever ser (contingência). Já no caso da razão veridictória, o jogo semântico é estabelecido por quatro variáveis: parecer e ser (verdade), não parecer e não ser (falsidade); não parecer e ser (segredo), não ser e parecer (mentira).

conquista um “efeito de real”, pela remissão ao texto citado na notícia. A “prova” de verdade contudo é, ela mesma, um enunciado. Trata-se, portanto, de um discurso que fundamenta sua credibilidade na modalização veridictória do parecer e do ser.

Esse discurso da seção *No Mínimo Weblog*, contudo, não se fundamenta única e exclusivamente na modalização veridictória. Ele também se modaliza pela razão alética e é sob esse aspecto que o foco narrativo e as fontes de *No Mínimo Weblog* estão calcadas no princípio da preeminência social, política, econômica e cultural.

Tal modalização alética alicerçada na necessidade¹⁶⁵, no “dever-ser” verdade, explica-se de modo mais concreto no que Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 347-353) observam em relação ao argumento de autoridade, de prestígio. Não é o caso, ressalve-se aqui, da argumentação pura e simples de poder, que se fundamenta na ameaça e/ou na provocação. A argumentação calcada no “dever-ser” estabelece seus alicerces no prestígio da fonte, que conota ora a competência modal¹⁶⁶ do “saber-fazer”, ora a do “poder-fazer”.

É graças ao acesso a actantes preeminentes do jogo político-social-econômico-cultural que os jornalistas obtêm acesso às informações, tornando-se assim interlocutores privilegiados que intermedeiam a relação

¹⁶⁵ O conceito de necessidade deve ser compreendido aqui não em sua acepção mais corriqueira, daquilo que é necessário, mas sim no sentido daquilo que é útil, daquilo que convém.

¹⁶⁶ Competência modal remete, no contexto a uma “organização hierárquica de modalidades (ela será fundamentada, por exemplo, num querer-fazer ou num dever-fazer que rege um ‘poder-fazer’ ou um saber fazer)” (GREIMAS e COURTÉS, 1989, p. 63).

entre os estratos superiores e o restante da sociedade civil. Tal procedimento, inclusive, foi o gérmen do fazer jornalístico e o sentido do surgimento das publicações, segundo Otto Groth (1928, p. 29-30), autor de *Die Zeitung*, nos séculos XVI e XVII: “Die ‘geschriebenen Zeitungen’ (...) breiteten sich wegen des Mangels eines ausgebildeten Gesandten- und Agentenwesens” ¹⁶⁷. A perda desses “enviados treinados” e “agentes” e o crescimento do número de interessados nas informações relativas a fontes preeminentes foram dois importantes fatores que propiciaram o surgimento dos jornais.

Quando o sujeito da enunciação, por exemplo, evoca a autoridade da revista *The Economist* ou a do antropônimo Robert Fisk, está implícita na argumentação a atribuição de uma competência modal do “saber-fazer” e do “poder-fazer” aos actantes: eles sabem o que fazem ao falar isso ou aquilo, logo, deve ser verdade. Esses actantes, do mesmo modo, podem fazer isso ou aquilo porque lhes são atribuídas discursivamente, contextualmente, as devidas competências modais.

Em relação aos actantes da narrativa de *No Mínimo Weblog*, apesar de muitas vezes serem órgãos de imprensa –o que difere da ortodoxia do *modus operandi* da profissão– é possível observar uma proximidade com aquilo que Gans (2004, p. 116) ressalta em sua obra: o foco da narrativa jornalística é o *status quo*, os estratos superiores da pirâmide social, pois os títulos destacados são preeminentes na cena jornalística contemporânea.

¹⁶⁷ “Os ‘jornais escritos’ (...) difundiram-se por causa da perda de enviados treinados e de agentes”. [Tradução do autor, sob a supervisão de Elisabeta Santoro].

Como já foi enfatizado, o jornalismo tipifica-se pela modalização do “fazer-saber”. Porém, a atividade não se baseia única e exclusivamente no contato direto e privilegiado com personagens. É nesse sentido, por exemplo, que as publicações reproduzem os noticiários de agências de notícias. Trata-se de enunciados, aliás, que não são averiguados diretamente pelas publicações que adquirem o serviço. É também nesse sentido que a atividade busca informações em comunicados oficiais e mesmo em outros jornais: quando a *Folha de S. Paulo* e outros grandes títulos nacionais, por exemplo, noticiaram, em maio de 2004, que o jornal norte-americano *The New York Times* publicou reportagem na qual o presidente Lula é apresentado como alguém que consome bebidas alcoólicas demasiadamente, usaram uma notícia como fonte.

Os critérios jornalísticos que o discurso de *No Mínimo Weblog* revela remetem a conceitos tidos como ortodoxos da *práxis* jornalística: a priorização do ato de “fazer-saber”, o que implica a disforização da censura, a importância do aprofundamento na investigação jornalística, a importância de analisar os fatos, o cuidado na exposição da diversidade de pontos de vista durante a apuração, a importância de manter distanciamento crítico em relação ao poder público e a importância de assumir erros. Poder-se-ia argumentar, eventualmente uma crítica ao conceito de imparcialidade na notícia “Oh, Calcutá!”¹⁶⁸. O conceito de imparcialidade, contudo, vem sendo contestado com consistência em obras de teóricos da enunciação, como Bakhtin (1997a, p. 308): “um enunciado absolutamente neutro é impossível”.

¹⁶⁸ C.f. p. 101-106.

Acrescente-se também que o sujeito da enunciação sobrepõe a esse valor um jogo antinômico entre verdade e mentira, o que legitima a postura sob os parâmetros da profissão.

Em relação ao *ethos* de *No Mínimo Weblog*, o discurso mostra um tom irônico e marcado por uma disforização do *hic* e do *nunc* do enunciado, e uma euforização de uma alteridade cronotópica. Há, igualmente, uma antilogia entre o *ethos* dito e o *ethos* mostrado no discurso.

A ironia é um recurso estilístico recorrente em *No Mínimo Weblog*. Se pensarmos o efeito de sentido por sua antítese, o histrionismo, o humor grotesco, o humor hiperbólico, podemos identificar uma postura que euforiza o princípio da justa medida, naquilo que Bakhtin (1997b, p. 103) denominava como “riso menor”. Como recurso, insere-se geralmente nas estratégias discursivas para disforizar atitudes e actantes. Trata-se, portanto, de um método de crítica, que revela critérios. E o que essa ironia condena? Nos excertos selecionados – mas há muitos outros no enunciado –, observa-se uma crítica à avareza e ao ascetismo da religiosa Madre Teresa de Calcutá¹⁶⁹, ao belicismo norte-americano¹⁷⁰, à falta de esmero na produção jornalística¹⁷¹ e, mediante uma lítotes, à inviabilidade econômica da Internet¹⁷².

¹⁶⁹ C.f. p. 101-106.

¹⁷⁰ C.f. p. 127-129.

¹⁷¹ C.f. p. 137-140.

¹⁷² C.f. p. 143-149.

No caso da condenação à avareza, ao ascetismo e ao belicismo, o discurso privilegia o conceito de justa medida, como antítese da hipérbole. Em relação à crítica à falta de esmero e à inviabilidade econômica da rede, o que se euforiza, no primeiro caso, é um valor tido, no âmbito do discurso de *No Mínimo Weblog*, como retrógado e inversamente, no segundo, um espaço aspectualizado pela incoatividade, ou seja, por um futuro ainda a se constituir plenamente, que é a Internet. Em ambos os casos, o que se valoriza é uma alteridade temporal. Disforiza-se o *nunc* do enunciado, valorizando-se ora o passado, ora o futuro.

O discurso da coluna, portanto, sanciona cognitivamente procedimentos jornalísticos tradicionais na atividade, e isso pode ser observado nos momentos em que o enunciador enumera entre as qualidades jornalísticas de personagens que ele elogia o adjetivo “veteranos”, como nos casos de Kate Adie¹⁷³ e de Robert Fisk¹⁷⁴; ou, de modo implícito, na actorialização do antropônimo Roberto Marinho¹⁷⁵, tido, na situação do discurso¹⁷⁶, como tradicional empresário do ramo.

O discurso, acrescente-se, disforiza do mesmo modo o *hic*, o aqui do enunciado, valorizando-se o tipo de jornalismo praticado no mundo anglófono, com ênfase na imprensa britânica, em detrimento da norte-americana. Valoriza-se, portanto, uma alteridade cronotópica: euforiza-se o jornalismo fora da lusofonia, assim como fora do presente do enunciado,

¹⁷³ C.f. p. 116-117.

¹⁷⁴ C.f. p. 122-123.

¹⁷⁵ C.f. p. 130-133.

¹⁷⁶ C.f. glossário, p. 251.

seja em um determinado pretérito, seja em um futuro associado ao ciberespaço.

Quando contudo focaliza o tipo de jornalismo praticado no *hic* da enunciação, observa-se uma contradição entre o *ethos* dito e o *ethos* mostrado. Há, no conjunto dos enunciados, uma trama narrativa que disforiza o actante grande imprensa. As críticas contudo são empregadas de modo generalizado ou, dirigidas a instituições em disjunção com o “aqui” do discurso. Mas quando o sujeito da enunciação particulariza um personagem ligado à grande imprensa brasileira, ele euforiza-o.

Em relação à disforização do actante “grande imprensa”, isso pode ser observado tanto na notícia “Quando jornalistas não contam o que sabem”¹⁷⁷, quanto em “Pós-CNN”¹⁷⁸. Há nos dois casos uma repreensão pelo fato de as empresas do segmento se manterem em modo de segredo. Entretanto, em situações nas quais actantes da grande imprensa brasileira são particularizados no enunciado, como em “Riocentro”¹⁷⁹, sobre Roberto Marinho, e em “Seu Frias”¹⁸⁰, sobre Octavio Frias, os atores do enunciado são figurativizados euforicamente e apresentam-se em modo de verdade, pois, no primeiro caso, por meio do recurso da *odurátchivanie*, o actante ludibria um censor para levar a verdade ao público e, no segundo, o protagonista supera o temor e enfrenta, falando a verdade, um adversário tido como superior a ele, o que conota coragem e orgulho.

¹⁷⁷ C.f. p. 106-111.

¹⁷⁸ C.f. p. 114-116.

¹⁷⁹ C.f. p. 130-132.

¹⁸⁰ C.f. p. 140-143.

O descompasso entre o *ethos* dito e o *ethos* mostrado no enunciado pode também ser visto na notícia “Reinvenção da campanha”¹⁸¹. Nesse texto, a Internet é figurativizada como um local de agressividade. Contudo, o discurso da seção *No Mínimo Weblog*, uma publicação *on-line*, não se caracteriza pela propriedade actancial atribuída ao meio.

¹⁸¹ C.f. p. 149-152.

4. O *Blog do Observatório da Imprensa (Bloi)*: “a imprensa não sabe e não quer saber”

Neste capítulo analisamos a seção do *Observatório da Imprensa*. Para isso, selecionamos enunciados produzidos no decorrer de 2003. O principal achado da investigação hermenêutica é que, no discurso, as empresas jornalísticas não tem competência para saber e a explicação para isso está no fato de que elas não se interessam em conquistar essa habilidade. A coluna dirige sua atenção para jornais impressos brasileiros e praticamente ignora a Internet, a televisão e o rádio.

4.1. Apresentação, descrição e interpretação da seção

O *Blog do Observatório da Imprensa (Bloi)* teve início em novembro de 2002. Foi criado como um desdobramento do *site Observatório da Imprensa*, que começou suas atividades em abril de 1996. A publicação está abrigada no portal *iG* (<http://www.ig.com.br>). Lá são inseridos textos de diversos colaboradores do *site*. O objetivo é avaliar a postura de vários meios de comunicação, sobretudo das grandes empresas jornalísticas.

O *Observatório da Imprensa* tem sido um foro privilegiado para refletir sobre a prática do jornalismo brasileiro. Trata-se de um título que tem, inclusive, uma versão produzida para a televisão aberta.

O registro do domínio www.observatoriodaimprensa.com.br, segundo dados disponíveis no *site Registro.br*, data de 6 de outubro de 1999 e pertenceu inicialmente à empresa Automolas Pampulha Ltda, sediada em Belo

Horizonte (MG) e cujos responsáveis eram Maria Rosa Campos Magalhães e Victor Fernando Ribeiro. Desde 6 de janeiro de 2002, o domínio pertence à empresa Jornalistas Associados AYZ S/C Ltda, sediada em São Paulo e, na ocasião da consulta, efetuada em 5 de novembro de 2005, tinha como responsáveis Alberto Dines e Luiz Egypto de Cerqueira.

A página de hipertexto estabelece convergência entre duas aplicações do formato *blog* na imprensa: apresenta-se em ordem cronológica reversa e busca, na ferramenta de comentários, a criação de um espaço de discussão. O *Bloi* mantém o estilo discursivo do *site* do *Observatório da Imprensa*, marcado pela circunspecção, pelo senso crítico e modalizado pelo “saber-fazer”. A seguir, a reprodução fac-símile do *site*:

Figura 8: O Blog do Observatório da Imprensa

Como é possível observar na figura, no topo da página há uma caixa de cabeçalho com as cores amarela e branca em gradiente, em que o amarelo predomina à esquerda e o branco, à direita. À esquerda da caixa, em tipologia manuscrita e sobre um fundo amarelo, está, em azul, a palavra “Bloi”. À direita, sobre fundo branco, as palavras “Blog do Observatório da

Imprensa”. A frase é entrecortada pela imagem de um olho aberto. As palavras “*Blog do*” estão à esquerda, em letras menores; a seguir, vem a imagem do olho; e, por fim, a logomarca do Observatório. Embaixo da representação visual da publicação, e ainda no cabeçalho, o slogan: “Você nunca mais vai ler jornal do mesmo jeito”. A caixa de texto não contém *links*.

Com base no bordão supracitado e na escolha lexical, é possível traçar algumas considerações. O que se nota primeiro é o slogan: “Você nunca mais vai ler jornal do mesmo jeito”. A frase exprime uma convicção – a locução verbal “vai ler” substitui a forma menos coloquial “lerá” e, no caso, o emprego do tempo no futuro do presente cria um efeito de sentido de certeza (CUNHA, 1975, p. 438). Pelo sentido do discurso, a publicação vai instaurar no enunciatário um marco divisório: antes, a pessoa lia jornal de um jeito, depois, passa a ler de outro. Cria também, por extensão, a idéia de que, ao conhecer a publicação, o leitor não mais a deixará. Por meio desses procedimentos, o enunciado semantiza o tempo e euforiza-se.

O discurso também sinaliza uma propensão a privilegiar a imprensa escrita, pelo uso do verbo “ler”, em vez de “assistir”, “ouvir” ou “navegar”, e de seu complemento verbal, o “jornal”, em vez de “telejornal” ou “radiojornal”, por exemplo.

O nome da publicação – “Observatório da Imprensa” – constrói uma cena enunciativa modalizada no “saber-fazer”. O vocábulo “observatório” dá a idéia de uma instituição científica – isto é, detentora do conhecimento – habilitada a observar, a dirigir um olhar de conhecedor ao objeto de estudo.

O olho que aparece na logomarca evoca esse saber (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1993, p. 653-656). O discurso invoca também a idéia hermenêutica de que o jornal tem significados ocultos, que serão revelados na publicação. A dêixis actancial, portanto, é de alguém que conhece o assunto, o que pressupõe, igualmente, um enunciador que se projeta em uma posição superior.

Logo abaixo do cabeçalho há uma barra branca e, a seguir, uma barra azul com um *link* para o *site* do *Observatório da Imprensa* (<http://www.observatoriodaimprensa.com.br>).

À esquerda da página há uma coluna com os dizeres: “Sobre o observatório”. Abaixo, lê-se:

“O Observatório da Imprensa é uma entidade civil, não-governamental, não-corporativa e não-partidária que acompanha desde 1996, primeiro pela internet e depois pela TV, o desempenho da mídia brasileira. O BLOI (Blog do Observatório da Imprensa) pretende funcionar como um fórum complementar, para que os usuários comentem o dia-a-dia da nossa imprensa. Sejam bem-vindos!”.

A instituição apresenta-se como atópica, pois rejeita o estatuto de entidade governamental, de entidade corporativa – ou seja, de entidade que defende os jornalistas – e de entidade partidária. O texto usa o verbo “acompanhar” no sentido de “compreender ou assimilar através dos sentidos e/ou da inteligência o que é dito, pensado etc. por outrem” (DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2001). Ou seja, a

instituição se apresenta como alguém que sabe como a mídia brasileira se comporta.

A seguir, há o ícone de uma carta aberta, com o sinal de arroba (@) em vermelho. Logo abaixo, vêm os dizeres “*Blog do Observatório*”. Tanto a imagem quanto a frase estão vinculadas a um *link* para o *e-mail* *obsimp@ig.com.br*. Segue-se uma logomarca com a palavra *BliG* e, abaixo, a expressão “*Powered by*” (provido por).

A coluna termina com uma lista de *links* intitulada “Semanas Anteriores”, que é organização cronológica da página pelos meses mais recentes; “Página Principal”, cujo *link* remete à página de abertura do *site*, e a seção “Arquivos antigos”.

Cada notícia é demarcada na página por uma data em vermelho, seguida de um texto em azul escuro, que é o título da notícia.

No enunciado a seguir, poderemos observar como o título trata encara a qualidade da cobertura da imprensa na posse do presidente Lula:

08/01/2003 15:34

Posse e abobrinhas¹⁸²

No OI¹⁸³ desta semana, Alberto Dines lamenta, em ‘Pernas da senadora, tênis do comandante’¹⁸⁴, ver confirmada sua previsão de

¹⁸² O enunciado tem 534 caracteres, 85 palavras e cinco parágrafos.

¹⁸³ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/], o *site* do *Observatório da Imprensa*.

¹⁸⁴ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/bal080120031.htm]. Trata-se do artigo referido na nota.

que a mídia entra na Era das Irrelevâncias. Na cobertura da posse, dois exemplos: o ‘provinciano deslumbramento com o vestido curto da senadora Heloísa Helena (PT-AL)’ e a ‘perversa’ fixação nos tênis de Fidel Castro. ‘Nos dois casos, o desbunde é evidentemente pequeno-burguês’, diz o editor do OI.

Qual sua opinião sobre esse apego da mídia às abobrinhas?

enviada por Moderador

O tema da nota é a forma como a imprensa destaca os assuntos em seu noticiário. A referência do enunciado, o fundamento da informação, é um artigo de Alberto Dines publicado no *site* do *Observatório da Imprensa*. Trata-se, portanto, de um discurso metafrástico, ou seja, é um esforço de condensação de um artigo em uma nota. É, igualmente, uma narrativa de encaixe.

O texto reproduz, na forma de discurso indireto, o enunciado de Dines, que repreende a imprensa por destacar o vestido da senadora Heloísa Helena e o tênis de Fidel Castro. Trata-se de uma narrativa, pois o ator do enunciado – a “mídia” – desenvolve a ação – ilocutória – de “entrar” na Era das Irrelevâncias. O discurso é, igualmente, parafrástico, pois reformula o artigo de Dines, e configura-se como comentário, porque estabelece coerções semânticas para as atitudes do actante “mídia”, o que o torna também um digesto. O tom do discurso, compreendido aqui como forma de construção da cena enunciativa, como *ethos*, é de crítica, no sentido de alguém que julga atitudes e, no caso, condena-as.

Já no título da nota, “Posse e abobrinhas”, a conjunção coordenativa “e” é aplicada no sentido de contraste entre os dois elementos, uma das possibilidades semânticas do termo (NEVES, 1999, p. 739). De um lado, há

algo que se pressupõe grandioso – a “posse” referida é uma elipse¹⁸⁵ que remete à investidura do presidente Luiz Inácio Lula da Silva –, de outro, algo que remete à pequenez¹⁸⁶, a “abobrinha”, cujo significado no contexto é de “conversa superficial” (DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2001).

O mesmo excerto constrói um efeito cômico para qualificar a atitude de valorização das irrelevâncias: “Nos dois casos, o desbunde é evidentemente pequeno-burguês”. O efeito cômico surge do contraste da escolha lexical: o termo “desbunde” é um disfemismo e pressupõe um socioleto informal e vulgar, que contrasta com o termo “pequeno-burguês”, que conota familiaridade com um vocabulário mais sofisticado. O discurso repudia a tematização do noticiário em torno daquilo que poderia ser chamado de face negativa de sujeitos¹⁸⁷ do enunciado onomastizados como Heloísa Helena e Fidel Castro (MAINGUENEAU, 2002, p. 38).

O enunciatário do discurso, por sua vez, é aquele que acompanha o noticiário e desaprova o procedimento. O antienunciatário é o que o sujeito da enunciação chama de “mídia”, que seria a imprensa em geral.

¹⁸⁵ A elipse, como podemos ver em Chareaudeau e Maingueneau (2004, p. 181), é um recurso associado ou ao laconismo ou à emoção.

¹⁸⁶ Aliás, no enunciado, o verbo “lamentar” reforça a tessitura argumentativa de uma imprensa preocupada com o que não é importante. De Heloísa Helena e Fidel Castro, portanto, a imprensa só teria se atido à forma, e não ao conteúdo. Esse efeito de sentido é reforçado por meio de uma espacialização do enunciado: o actante “mídia” olha para baixo, pois se preocupa com as “pernas da senadora” e com o “tênis do comandante”. O actante é também disforizado na espacialização pela pequenez, pela baixa, pois pratica um “desbunde”, um calembur com a palavra deslumbre, mas que também aponta para o sentido de “perder a bunda”, o que reforça a disforização do baixo no enunciado. Tal “desbunde”, por sua vez, é figurativizado como “pequeno-burguês”, o que também enfatiza a projeção do actante mídia na baixa e disforiza-o.

¹⁸⁷ C.f. p. 108, n. 115.

No discurso, além disso, o actante “mídia” – um termo com forte efeito de generalização – é figurativizado pejorativamente como provinciano, o que pode ser interpretado no contexto como desprovido de sofisticação, ao se deslumbrar com o vestido da senadora, e dotado de uma “fixação ‘perversa’”, ou seja, o enunciado emula um diagnóstico psicológico de um actante com desvio de comportamento. Tais procedimentos conotam um sujeito da enunciação que se outorga a competência do “saber-fazer” e, por meio dela, desautoriza os dois procedimentos citados. Acrescente-se que as referidas atitudes, no discurso, são apresentadas como modelo do comportamento do actante “mídia”.

A escolha lexical, do mesmo modo, indica um “processo”. Pela construção semântica, pressupõe-se que antes a mídia não estava na “Era das Irrelevâncias”. Pode-se inferir no discurso uma proxemia que evoca deslocamento em direção a algo, um gesto, acrescente-se, volitivo. O actante “mídia”, nesse contexto, tem a intenção de ser irrelevante, o que é denunciado, depreciado, pelo sujeito da enunciação.

Há, portanto, um *nunc*, um agora, disfórico, o que constrói também uma idéia de anterioridade que se contrapõe à idéia de irrelevância, uma “Era das Relevâncias”. Pela construção semântica, é possível inferir uma lógica no discurso da imprensa: ou ela se dirige a assuntos relevantes ou a assuntos irrelevantes. Pela aspectualização temporal, depreende-se que, no governo anterior, a imprensa estava na “Era das Relevâncias” e que, no atual, entrou na “Era das Irrelevâncias”.

O discurso emprega um estilo axiomático para construir a argumentação. O enunciador figurativiza o ator do enunciado, Alberto Dines, como alguém que prevê e acerta a previsão ao dizer: “Alberto Dines lamenta (...) ver confirmada sua previsão de que a mídia entra na Era das Irrelevâncias”. Isso constrói uma isotopia actancial com a *personæ* de Cassandra, referência ao mito da profetiza que prediz com insistência desgraças ou situações indesejáveis e que não é acreditada. Os casos são apresentados como exemplos, amostras do cenário criado no discurso.

O texto constrói da mesma forma, na tessitura argumentativa, uma associação entre a posse do presidente da República e o início de uma “Era de Irrelevâncias”, que acontecem concomitantemente, construindo no discurso um cruzamento semântico entre os dois acontecimentos: entra-se na “Era das Irrelevâncias” quando o presidente toma posse. A “Era das Irrelevâncias” poderia, portanto, ser vista no discurso como uma extensão metonímica da “Era Lula”.

Ao definir como “pequeno-burguesas” as ações da imprensa, ele qualifica ambos, a “mídia” e o novo presidente, como acanhados, mesquinhos, preconceituosos e reacionários, as acepções da locução adjetiva citada. O sujeito da enunciação exclui-se da cena enunciativa: ele não é a mídia que entrou na Era das Irrelevâncias, mas alguém que denuncia a atitude.

O texto, da mesma forma, elabora em seu desfecho uma pergunta perlocutória: “Qual sua opinião sobre esse apego da mídia às abobrinhas?” O enunciado já qualifica a “mídia” – entendida aí como “imprensa” – como

apegada a superficialidades. O que parece uma oração calcada na função fática, de uso de um marcador conversacional, é, de fato, uma função conativa, que quer agir sobre o enunciatário, levando-o a sancionar cognitivamente que as publicações jornalísticas são “apegadas às abobrinhas”.

O enunciado, por fim, pressupõe um leitor que acompanha o noticiário político principalmente no jornalismo impresso e que quer compreender as questões deontológicas que envolvem a cobertura desses eventos.

É possível observar como a coluna avalia a cobertura do noticiário científico no texto seguinte:

08/01/2003 15:43

Clone em mingau perigoso ¹⁸⁸

No artigo ‘Religião e ciência, mingau perigoso’¹⁸⁹, o escritor Deonísio da Silva acha que a imprensa brasileira está levando muito a sério os experimentos genéticos da seita que alega, sem provas, ter clonado os primeiros seres humanos. Para ele, as editorias brasileiras de ciência dirigem-se a chefes de departamento, diretores, autoridades, e não aos pesquisadores. ‘Seria como cobrir a Renascença, por exemplo, sem ouvir Leonardo Da Vinci, e pautar apenas o chefe dele.’ A nossa cobertura de ciência pode ser considerada satisfatória?
enviada por Moderador

O tema é a forma como a imprensa cobre a ciência. A referência do enunciado, o fundamento da informação, é um artigo de Deonísio da Silva

¹⁸⁸ O enunciado tem 582 caracteres, 90 palavras e quatro parágrafos..

¹⁸⁹ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/jd080120031.htm]. Trata-se do artigo referido na nota.

publicado no *site* do *Observatório da Imprensa*. É, portanto, um discurso metafrástico. O texto reproduz, do mesmo modo que o primeiro, de forma reduzida e por meio de discurso indireto, um artigo e, por extensão, um comentário, um digesto.

O actante “imprensa brasileira” – ou seja, um ator com grande efeito de generalização – desenvolve uma ação – ilocutória – que é “levar a sério os experimentos genéticos” de uma seita, isto é, atribuir-lhes valor de verdade, uma atitude reprovada no enunciado.

O discurso defende o valor do conhecimento, construindo uma dicotomia e uma generalização. De um lado, há aqueles que produzem o saber, os “pesquisadores”, genericamente assim figurativizados, e de outro, os burocratas que os comandam, os chefes de departamento, diretores e autoridades, de tal modo generalizados. O enunciado articula uma categoria tímica eufórica para a primeira classe, os cientistas, e coloca sob uma articulação tímica disfórica os segundos. O enunciado embute uma prótase e uma apódose, que poderiam ser expressas do seguinte modo: “para se conhecer a ciência (prótase), é preciso ouvir os cientistas (apódose)”.

Para elaborar esse jogo, é criada, sob a forma alegórica, uma isotopia actancial entre o antropônimo onomastizado Leonardo da Vinci, apresentado no contexto como expoente da arte e da ciência renascentista, e os pesquisadores.

Já os burocratas passam por uma actorialização desfavorável. No caso, a seita é associada semanticamente à posição de burocrata da ciência.

Observa-se o fato na seqüência frasal, que estabelece uma relação semântica na sintaxe narrativa (GREIMAS e COURTÉS, 1989, p. 434). Primeiro, o sujeito da enunciação afirma que a referida seita anunciou uma clonagem e, no aposto “sem provas”, desqualifica o ato, situando a atitude no modo de mentira para, em seguida, por justaposição na frase consecutiva, igualar os burocratas da ciência aos primeiros actantes do enunciado. Ou seja, por meio da parataxe, o sujeito da enunciação cria uma solidariedade actancial entre os membros da seita e os burocratas da ciência.

A ação, no discurso, é aspectualizada para o actante imprensa como iterativa, o que pode ser observado pelo uso do verbo “dirigir” no presente do indicativo, o que, no contexto, conota hábito (CUNHA, 1975, p. 430). O título “Clone em mingau perigoso” cria uma associação entre o vocábulo “mingau” e o procedimento de não procurar os cientistas, mas sim os burocratas, para acompanhar a produção científica. O termo “mingau”, no sentido figurado, significa “coisa mole, mexida ou aguada” (HOLANDA FERREIRA, s/d, p. 926), isto é, o procedimento é qualificado de pouco consistente e, simultaneamente, perigoso. Pelo contexto argumentativo, a atitude da imprensa é sistematicamente incorreta e, por isso, inconsistente e viciosa, porque repetitiva. Simultaneamente, o procedimento é figurativizado como “perigoso”.

O discurso, por sua vez, constrói na trama argumentativa uma modalização de “saber-fazer”. A competência modal cobre a produção científica e “ensina” no discurso como fazê-lo. Há, portanto, relação antagônica de

valores: de um lado, o valor “certo”, associado ao procedimento de contatar os cientistas para a cobertura do noticiário, e, de outro, há o valor “errado”, figurativizado pelo ato de entrevistar os chefes dos pesquisadores.

Pela forma como o texto desenvolve a cena enunciativa, o *ethos* do discurso é professoral, o que, por extensão, leva à dedução de que o estilo é axiomático. O enunciatário, por extensão, pode ser identificado tanto como o jornalista que “incorre no erro” de procedimento quanto como o leitor.

A pergunta, ao final da notícia, torna-se perlocutória, pois o sujeito da enunciação denuncia o procedimento da imprensa e, depois, pede a opinião do enunciatário, o que implica uma coerção para o leitor sancionar cognitivamente a repreensão proposta na notícia.

Há no discurso uma crítica à face positiva da imprensa¹⁹⁰. Ele valoriza o contato com o que seria a face negativa dos actantes “instituições de pesquisa”, ou seja, a intimidade das referidas organizações, figurativizadas como “os pesquisadores”, que são, no contexto, as fontes produtoras do conhecimento.

14/01/2003 19:11

Mídia sem indignação ¹⁹¹

A ausência de indignação da imprensa ao noticiar o assassinato do índio caingangue Leopoldo Crespo, de 77 anos, em Miraguaí, RS, chocou o jornalista e professor Muniz Sodré, da UFRJ. Em seu artigo

¹⁹⁰ C.f. p. 108, n. 115.

¹⁹¹ O enunciado tem 711 caracteres, 110 palavras e cinco parágrafos.

“A morte do índio Leopoldo Crespo”¹⁹² ele diz: “O noticiário jornalístico deveria ter sido também (...) politicamente indignado. Alguma coisa de vigoroso deveria ser feito para que nenhum magistrado pudesse mais repetir a frase da autoridade gaúcha que liberou os assassinos para responder em liberdade pelo crime, segundo a qual eles estavam ‘brincando’, queriam apenas acordar o índio a pontapés. [sic]”¹⁹³

Você considera a imprensa fria ao noticiar tais atrocidades?
enviada por Moderador

O assunto é a cobertura do noticiário sobre um crime contra um índio no Rio Grande do Sul. A referência do enunciado é, *a priori*, um artigo publicado no *site* do *Observatório da Imprensa*, mas também o conjunto de notícias a respeito do assunto no Brasil. Sob esse aspecto, inclusive, a notícia dá a entender um enunciador e um enunciatário que acompanham com atenção a cobertura jornalística, especialmente a citada na nota. Pressupõe também um enunciatário que se interessa pelo modo pelo qual a notícia é tratada pelas empresas jornalísticas. É uma resenha de um artigo anteriormente publicado no *Observatório da Imprensa*.

O discurso figurativiza o antropônimo Muniz Sodré como “jornalista e professor”, o que presume um actante duplamente habilitado com a competência modal do “saber-fazer” jornalístico. O segundo ator do enunciado é figurativizado como “índio caingangue”, vítima de um assassinato. Há ainda três outros, os assassinos do índio, a imprensa e o juiz, este figurativizado como “autoridade gaúcha” e “magistrado”.

¹⁹² O trecho sublinhado apresenta um *link* para [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/iq150120032.htm], o *site* do *Observatório da Imprensa*.

¹⁹³ O final da frase deveria ser marcado por uma aspa, mas ela não foi inserida.

No enunciado, à imprensa é atribuída a modalidade deôntica do “dever-ser” indignado, uma sensibilidade definida como “sentimento de cólera ou de desprezo experimentado diante de indignidade, injustiça, afronta; repulsa, revolta” (DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2001). Trata-se, portanto, de uma modalização com forte carga patêmica e pressupõe também uma modalização volitiva: a imprensa deve ser indignada, mas não é, logo, não quer ser indignada, o que conota pusilanimidade¹⁹⁴.

O enunciado é marcado também por uma ironia, revelada por meio de recursos antifrásticos na oração: “eles estavam ‘brincando’, queriam apenas acordar o índio a pontapés”. O primeiro contraste semântico surge do fato de um assassinato ter sido figurativizado como “brincadeira”, o que entra em contradição com a violência do gesto. Da mesma forma, o advérbio de exclusão “apenas”, empregado como delimitador (NEVES, 1999, p. 237),

¹⁹⁴ Por extensão, o actante imprensa, segundo a expectativa do antropônimo Muniz Sodré, situa a dêixis da imprensa em uma determinada idéia de justiça e desenvolve-se no enunciado o seguinte programa narrativo (GREIMAS, 1983, p. 230).

S_1 querer ($S_2 \cap Ov$)

Tal algoritmo pode ser expresso do seguinte modo:

S_1 é o actante Muniz Sodré, o sujeito da espera, da expectativa de uma determinada atitude.

S_2 é a imprensa, o sujeito do fazer, do qual se deseja uma ação.

Ov é o objeto de valor, no caso a justiça, compreendida aqui não como o conjunto de órgãos que formam o poder judiciário, mas sim como caráter, qualidade do que está em conformidade com o que é direito, com o que é justo.

O símbolo $\cap$ representa o estado conjuntivo do programa narrativo almejado pelo actante Muniz Sodré. A disjunção com o objeto de valor leva o actante a ficar “chocado”. O discurso dirige-se, portanto, à face positiva do destinatário “imprensa” (C.f. p. 108, n. 115), ou seja, trata-se de uma condenação ao *modus essendi* do actante. Pressupõe, igualmente, duas dêixis dicotômicas: de um lado a justiça e, de outro, a injustiça. No jogo antinômico, o actante imprensa deve estar situado no espaço de justiça: a ruptura dessa expectativa causa repulsa no actante Muniz Sodré.

tem conotação eufemística no contexto, pois é usado para atenuar o crime invocando uma intenção adversa ao resultado¹⁹⁵.

O discurso tem como desfecho uma pergunta perlocutória, porque induz a audiência a concordar com o que está sendo afirmado. Trata-se inclusive de uma marca estilística do discurso da seção. Trata-se portanto de um discurso que busca no enunciatário a sanção cognitiva para o ato de indignar-se.

Por fim, o actante “imprensa”, figurativizado também como “mídia” no título da notícia, cria um grande efeito de generalização no discurso, atribuindo assim a mesma propriedade actancial de indiferença a todos. Há no enunciado, contudo, uma dissimetria entre o *ethos* dito e o *ethos* mostrado. Se a imprensa é indiferente, o actante Muniz Sodré, figurativizado como “jornalista e professor”, teria de sê-lo também, mas não é. Infere-se, pelo contexto do enunciado, que os vocábulos “imprensa” e “mídia” são usados no discurso como sinédoque de empresas jornalísticas.

Há também aqui um dado que vale destacar: enquanto a imprensa recebe um tratamento com grande efeito de generalização, o mesmo não ocorre com a justiça e os assassinos: foi um magistrado que prevaricou, foi um grupo restrito de pessoas que assassinou, mas foi a imprensa toda que não se indignou. Apesar de os três actantes terem sido citados de modo

¹⁹⁵ Segundo Maria Helena de Moura Neves (1999, p. 250), o emprego de advérbios modalizadores delimitadores “não garantem nem negam propriamente o valor de verdade do que se diz, mas fixam condições de verdade”, determinando assim o limite da interpretação do gesto dos assassinos: o propósito não teria sido matar, mas sim acordar.

generalizante, o primeiro pressupõe a existência de um número pequeno de atores, o segundo, de um ator, e, no terceiro, a um conjunto extenso de empresas e funcionários do ramo. Portanto, o assassinato é um crime de poucos, não de todos os gaúchos, ou sulistas, ou brasileiros, o erro do juiz é um erro de um ator, não é do Judiciário, já o erro da imprensa é coletivo: abrange tudo e todos nessa categoria. Nota-se, portanto, mais uma vez a disforização do actante imprensa, que tende a ser condenado de modo generalizado, sem exceções.

A notícia a seguir particulariza uma empresa jornalística.

21/01/2003 18:59

Jornalismo de verão ¹⁹⁶

Em “Fonoaudiologia invasiva”¹⁹⁷, Alberto Dines critica nesta edição do Observatório da Imprensa¹⁹⁸ a matéria de página inteira da Folha sobre as deficiências de dicção do presidente. Escreve Dines: “Se uma autoridade sofre de gagueira, miopia, insônia, ejaculação precoce, prisão de ventre, tem o lábio leporino, nariz operado, implante dentário, seios de silicone, língua presa ou qualquer outro diferencial físico ou médico é problema da sua esfera privada.” Para o editor do OI, se a personalidade pública não corre risco de vida nem tem suas faculdades mentais prejudicadas a questão não é de interesse público. “Sua exploração fere o decoro jornalístico.”

Você vê pertinência nas matérias sobre tais assuntos?

enviada por Moderador

O tema é uma notícia publicada pelo jornal *Folha de S. Paulo* a respeito de desvios das normas cultas de ortolexia pelo presidente Lula. A referência do

¹⁹⁶ O enunciado tem 767 caracteres, 117 palavras e cinco parágrafos.

¹⁹⁷ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/>], o *site* do *Observatório da Imprensa*.

¹⁹⁸ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/>], o *site* do *Observatório da Imprensa*.

enunciado é um artigo publicado no próprio *site* do *Observatório da Imprensa* e, secundariamente, a notícia publicada na versão impressa da *Folha de S. Paulo*. Não há *links* para alguma versão *on-line* da notícia no jornal paulista.

No enunciado, o actante onomastizado Alberto Dines afirma que uma notícia publicada na Folha, uma sinédoque de Folha de S. Paulo, ocupou página inteira do jornal, e o foco da narrativa é a forma impressa do título – apesar de haver também uma manifestação *on-line* do mesmo conteúdo – e sua ação de noticiar o fato. Ao afirmar que o assunto ocupou uma “página inteira”, o actante conota que a notícia obteve grande espaço no jornal e que tal iniciativa é imoral, pois “fere o decoro jornalístico”. Trata-se, portanto, de uma ação disforizada no discurso.

O título “Jornalismo de verão” reforça um efeito de sentido de fugacidade e de sensualidade, pois parafraseia a locução “amor de verão”. Trata-se, no contexto argumentativo, de um sentido cujos pares antitéticos são um jornalismo marcado pela permanência, pela prática de valores estáveis, eternos, e a castidade, associada à idéia de pureza. Pela trama argumentativa do enunciado, o crítico estabelece a imprensa em uma dêixis de espaço público e cujo par antitético é o espaço privado. O actante Dines estabelece um determinado percurso narrativo no texto¹⁹⁹.

¹⁹⁹ Tal conceito pode ser assim expresso (GREIMAS, 1983, p. 230):

$S_1 \text{ querer } (S_2 \cap Ov)$

Tal esquema pode ser expresso do seguinte modo:

S_1 é o actante Alberto Dines, o sujeito da espera, da expectativa de uma determinada atitude.

S_2 é a imprensa, o sujeito do fazer, do qual se deseja uma ação.

É possível observar uma crítica à visão política que Alberto Dines atribui ao Partido dos Trabalhadores e como ele encara o papel da imprensa.

21/01/2003 19:02

Cartilha e preconceito ²⁰⁰

O Manual do deputado petista 2003, que reúne recomendações de caráter “profissional” aos parlamentares estreantes do PT, tem um capítulo destinado às lides com a imprensa. “Aqui a cartilha deixa de ser um inocente bê-á-bá (...) para converter-se num compêndio destinado a explorar as deficiências intrínsecas da mídia. Significa que o partido que controla o Poder Executivo está preparando seu pessoal da linha de frente para colocar o Quarto Poder sob suspeição”, diz Alberto Dines. “A imprensa não aparece como peça democrática, elo entre governo e sociedade, mas como perigosa instituição que precisa ser driblada e ludibriada.”

Leia algumas recomendações aos parlamentares petistas aqui²⁰¹ e depois dê sua opinião.

enviada por Moderador

O tema da notícia é o lançamento de um documento para orientar parlamentares do Partido dos Trabalhadores a lidar com a imprensa. A fonte do enunciado é o próprio *site* do *Observatório da Imprensa*. Trata-se, novamente, de uma resenha sobre texto da mesma publicação que mantém o *blog*.

Ov é o objeto de valor, no caso o espaço público.

O símbolo $\cap$ representa o estado conjuntivo do programa narrativo almejado pelo actante Dines. A disjunção com o objeto de valor leva o actante a condenar o *modus essendi* da imprensa, que pode ser expresso no seguinte algoritmo (GREIMAS, 1983, p. 234).

Frustração →	Descontentamento →	Agressividade
(pela violação do <i>modus</i>		(manifestada por meio da
<i>essendi</i> prescrito para a		denúncia do “decoro
imprensa)		jornalístico”)

²⁰⁰ O enunciado tem 775 caracteres, 117 palavras e cinco parágrafos.

²⁰¹ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/>], o *site* do *Observatório da Imprensa*.

O título apresenta-se como uma paráfrase da obra literária “*Pride and Prejudice*”, de Jane Austen. O propósito do título em inglês estabelece o segundo elemento da oração como consequência do primeiro. No caso do título, infere-se um efeito de sentido de que a cartilha é resultado de um sentimento de arrogância, que é o sentido pejorativo de orgulho, e que o preconceito é seu par binômico. No caso, portanto, a conjunção “e” tem função aditiva (NEVES, 1999, p. 739).

No discurso, Alberto Dines figurativiza o Partido dos Trabalhadores sob a modalização veridictória da mentira, pois parece democrático, mas não é. O discurso estabelece uma modalização alética (GREIMAS e COURTÉS, 1989, p. 17) de dever ser democrático, e uma ruptura nessa expectativa atribuída, no discurso, ao Partido dos Trabalhadores. O texto estabelece uma isotopia do PT com o lago shakespeariano, cuja propriedade actancial é de armar intrigas (DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2001). Há aqui uma relação dicotômica entre duas dêixis, uma euforizada, a democracia, e outra disforizada, que seria o autoritarismo.

O actante imprensa é figurativizado como portador de “deficiências intrínsecas” e que serão exploradas pelo Partido dos Trabalhadores. Trata-se, portanto, de um ser com dificuldades para se proteger e que precisa de amparo para subsistir. Nesse enunciado, a imprensa é figurativizada como frágil.

É possível ver mais uma caracterização do *modus essendi* da imprensa no texto seguinte:

21/01/2003 19:06

Eu apuro, você copia ²⁰²

Amaury Ribeiro Jr., repórter da IstoÉ, denuncia no artigo “Os bastidores de uma cobertura”²⁰³ a antiética prática da cópia, cada vez mais corriqueira entre os profissionais de mídia: certos veículos publicam como suas matérias alheias, sem os devidos créditos, como ocorreu na reportagem sobre fraudes fiscais. O Globo, Correio Braziliense e Estado de Minas corretamente deram crédito à IstoÉ, assim como a Folha de S.Paulo, as rádios e a maioria das emissoras de TV. Já O Dia, Época (...) e Rede Globo usaram o material sem atribuir a investigação dos fatos à revista paulista.

Você, leitor, considera importante conhecer a fonte original das informações que seu veículo favorito publica ou acha justa a apropriação pura e simples de matérias?

enviada por Moderador

O tema da notícia é o plágio de reportagens na imprensa brasileira. A fonte do enunciado é o próprio *site* do *Observatório da Imprensa*. Portanto, mais uma vez, trata-se de uma resenha de notícia publicada no mesmo título que mantém o *blog*.

O discurso apresenta duas dêixis. Há um espaço de autenticidade, ao qual o jornalismo pertence, e um espaço de imitação, que não é pertinente à atividade. O enunciado também situa sete instituições em espaços distintos dessa dêixis.

²⁰² O enunciado tem 799 caracteres, 128 palavras e cinco parágrafos.

²⁰³ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/iq220120031.htm], o *site* do *Observatório da Imprensa*.

No enunciado, é possível observar uma modalização alética: a imprensa deve ser original e, ao desviar-se desse *modus essendi*, revela uma modalização volitiva: os actantes disforizados não querem ser originais. Presume-se daí uma idéia de indolência, de apatia e falta de disposição moral, pois adotam a postura menos trabalhosa para agir, apropriando-se do trabalho alheio.

A ação disforizada de plagiar é aspectualizada pela incoatividade, pois a prática é “cada vez mais corriqueira entre os profissionais de mídia”. Tal atitude cria também uma dêixis temporal no enunciado, pois houve um tempo em que o plágio ou não era praticado ou era praticado por poucos e há um presente em que ocorre uma expansão naquilo que pode ser figurativizado como vício. Há, portanto, no texto, uma euforização do passado e uma disforização do presente.

12/02/2003 13:16

Um juiz na redação ²⁰⁴

“(…) A nova incursão da censura não foi contra os leitores da revista Você S/A, não foi contra a Editora Abril e seus jornalistas, foi contra você, nós, todos os cidadãos que imaginam viver num Estado de

²⁰⁴ O enunciado tem 700 caracteres, 113 palavras e cinco parágrafos.

Direito, republicano, democrático e justo.” A frase contundente de Alberto Dines, expressa em “Mordança em você”²⁰⁵, vem sendo por ele repisada – e quase que solitariamente – há três anos, período em que assistimos “inermes e apáticos” a uma escalada da violência judiciária, pseudamente legal. Breve, diz o autor, teremos nas redações, no lugar de redatores e editores, advogados e juízes. Você considera legítima a chamada censura togada?²⁰⁶
 enviada por Moderador

O tema da notícia é a censura exercida pelo Judiciário na imprensa. A fonte do enunciado é o próprio *site* do *Observatório da Imprensa*.

O discurso estabelece um jogo antinômico de quatro variáveis: de um lado há o par antitético justiça e injustiça; de outro, os conceitos de liberdade e autoritarismo. Nessas quatro categorias, o discurso cria duas modalizações veridictórias: há uma justiça em modo de mentira, pois parece justa mas não é – e esse é o sentido da expressão “pseudamente legal” no enunciado – e há um regime autoritário em modo de segredo, pois não parece como tal, mas é, e isso pode ser depreendido quando o actante Alberto Dines denuncia a ilusão de um “Estado de Direito, republicano, democrático e justo”, pois o verbo “imaginar” no contexto tem o feito de sentido de “fantasiar”. Observa-se, por extensão, uma modalização volitiva no actante Judiciário: se ele deve ser justo e não é, ou ele é impedido por algum motivo – e o texto não descreve obstáculo algum nesse sentido – ou ele não quer

²⁰⁵ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/ipub120220031.htm], o *site* do *Observatório da Imprensa*.

²⁰⁶ A situação do discurso é a censura judicial de uma reportagem a respeito de empresas de recolocação profissional. A Dow Right Consultoria em Recursos Humanos, uma das referências da notícia, conseguiu impedir a publicação, que seria, na avaliação da companhia, desfavorável a ela. Em março de 2003, o Tribunal de Justiça de São Paulo cassou a decisão e a matéria foi publicada.

ser justo, o que, no âmbito da notícia, significa que o actante deseja ser injusto e, por extensão, autoritário.

O discurso, acrescente-se, dá aos argumentos jurídicos para cercear o direito da imprensa o estatuto de sofisma, ou seja, de raciocínio concebido com o objetivo de produzir a ilusão da verdade. O enunciado, portanto, denuncia a supremacia de direitos individuais em relação ao direito coletivo à informação. Pela trama argumentativa do enunciado, observa-se que o título tem um efeito de sentido antifrástico, pois a existência de um juiz na redação conota de fato a presença de alguém injusto no local de trabalho dos jornalistas.

No enunciado há dois actantes, um é a imprensa, ora particularizada na revista *Você S/A*, ora generalizada. De outro, há o Judiciário, com grande efeito de generalização, que, no contexto do discurso, estaria violando o contrato fiduciário presumido com a sociedade, que é zelar pela justiça.

O discurso evoca também uma isotopia actancial do antropônimo Alberto Dines com a *personæ* de Cassandra, pois antevê situações desagradáveis e não conquista atenção, pois os cidadãos estão sendo iludidos e ele alerta “quase que solitariamente” para a ameaça. O personagem, inclusive, apresenta a mesma propriedade na notícia “Posse e abobrinhas”²⁰⁷. Ainda nesse sentido, o enunciado também evoca uma isotopia actancial com os pregadores solitários e proféticos, como São João Batista e Santo Antônio de Pádua. O mesmo ator é investido de duas qualidades singulares no

²⁰⁷ C.f. p 167-172.

discurso, enquanto todos assistem “inermes e apáticos” o processo de crescimento do autoritarismo, o actante mostra-se o oposto dessas qualidades, ou seja, desconfiado e alerta em relação à situação. No texto a seguir é possível observar como a publicação encara o princípio da imparcialidade.

26/02/2003 02:28

Cotas: mídia toma partido ²⁰⁸

“Se há um tema em que toda a imprensa é unânime é no combate ao sistema de cotas implantado este ano pela primeira vez na Uerj. O tema é polêmico, claro, gera paixões, acirra posições. E o pior: ameaça parcela significativa da classe média branca com o risco real de perda de direitos.”

Assim começa o artigo de Victor Gentilli, editor da área acadêmica do *OI*²⁰⁹. Em “Política de cotas e democracia racial”²¹⁰, Gentilli lamenta que a imprensa recorra à Constituição para condenar o sistema de cotas para negros e pardos. “É triste ver um importante passo na redução das desigualdades correr o risco de se perder por culpa de uma imprensa conservadora, atrasada e facciosa.”

Você se considera bem-informado sobre a questão das cotas raciais?
enviada por Moderador

O tema da notícia é o modo pelo qual a imprensa cobre o sistema que garante vagas universitárias para afrodescendentes. A fonte do enunciado é, como de costume, o próprio *site* do *Observatório da Imprensa*. O texto, portanto, é uma resenha de uma notícia publicada no *site* da publicação detentora do *blog*.

²⁰⁸ O enunciado tem 797 caracteres, 135 palavras e seis parágrafos.

²⁰⁹ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [http://observatoriodaimprensa.blig.ig.com.br/“http://www.observatoriodaimprensa.com.br”], o *site* do *Observatório da Imprensa*.

²¹⁰ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [http://observatoriodaimprensa.blig.ig.com.br/“http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da260220031.htm”], o *site* do *Observatório da Imprensa*.

No discurso, a imprensa é acusada de “tomar partido”. Trata-se, portanto, de uma postura, um ato ilocutório, não sancionado no enunciado e que cria duas dêixis. De um lado, há um estado de imparcialidade, em que a imprensa deveria estar. De outro, há um par antitético, que é a parcialidade, no qual os jornais se situam. O discurso configura-se portanto como uma fala ameaçadora para a face positiva do actante²¹¹.

A tessitura argumentativa do discurso constrói também duas dêixis temporais. Há um passado disforizado e um futuro euforizado, e isso pode ser observado quando a imprensa é figurativizada como “conservadora”, ou seja, um actante que demonstra hostilidade a inovações na moral e nas instituições, e “atrasada”, ou seja um ator que não acompanhou o *progresso da civilização*. Há, portanto, um presente e duas posturas temporais. De um lado, os que estão ligados ao passado, que no caso é a imprensa, e os que estão ligados ao futuro – os que defendem o sistema de cotas.

A parcialidade, conforme o enunciado, decorre de um “risco”, que foi assim descrito no texto: o sistema de cotas “ameaça parcela significativa da classe média branca com o risco real de perda de direitos”. Pelo esquema argumentativo, o discurso defende a perda de direitos desse segmento social e a conquista de direitos por parte do grupo dos “negros e pardos”. A imprensa, portanto, é figurativizada ou como defensora da “classe média branca” ou, adversamente, como representante desse segmento. Trata-se de um actante com grande efeito de generalização, como pode ser observado na maioria das vezes no discurso do *blog*.

²¹¹ C.f. p. 108, n. 115.

Há uma dissimetria entre o *ethos* dito e o *ethos* mostrado no enunciado. Enquanto o enunciado defende a postura “imparcial” para a imprensa na questão das cotas, o actante mostra-se partidário à proposta, pois considera a iniciativa “um importante passo na redução das desigualdades”, o que é euforizado no contexto. Há também uma dissimetria da expectativa da propriedade actancial do jornalismo em relação à notícia “Mídia sem indignação”²¹², em que o discurso urge uma tomada de posição em relação ao processo contra os assassinos do índio caingangue Leopoldo Crespo.

Na notícia seguinte, é possível observar como o *Bloi* diferencia o jornalismo nos meios televisivo e impresso.

18/03/2003 21:25

A cegueira da mídia²¹³

“A humanidade nunca foi tão informada e nunca esteve tão desinformada.” A frase está em “Nada de novo no front da mídia”²¹⁴, texto em que Alberto Dines afirma que a mídia impressa – aquela que explica, baliza, relaciona e interpreta – está mimetizando a mídia eletrônica, fascinada pelos impactos, sínteses, imagens, espetáculo. A mídia não conseguiu explicar aos pacifistas o que é o pacifismo, não conseguiu mostrar que ser contra a guerra não significa ser a favor de Saddam Hussein e ainda por cima perdeu a magnífica oportunidade de contextualizar a Cúpula dos Açores, no domingo (16/3): a Espanha de José Maria Aznar dominou o mundo do fim do século 16 ao 17. A Inglaterra de Tony Blair dominou o mundo no século 18 e 19 (até o começo do 20). E os EUA de Bush dominam o mundo ao longo do século 20 até o 21. Portugal, o anfitrião, foi sombra da Espanha e da Inglaterra.

²¹² C.f. p. 175-179.

²¹³ O enunciado tem 1.401 caracteres, 234 palavras e seis parágrafos.

²¹⁴ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/iq190320031.htm], o site do Observatório da Imprensa.

“Aula viva de cinco séculos de história, cúpula das hegemonias passadas, clube exclusivo de fantasmas, objeto de desejo dos tiranos autônomos (Bonaparte, Hitler e Stalin). Se o noticiário internacional da grande mídia impressa não consegue descortinar panoramas com tais perspectivas não precisamos perder tempo com a mídia impressa – um talk-show será mais eficaz”, lamenta Dines.

Você concorda em que nossa mídia não sabe enxergar a dimensão dos fenômenos que cobre?

enviada por Moderador

O tema da notícia é a cobertura do noticiário internacional pela imprensa brasileira. A fonte do enunciado é o próprio *site* do *Observatório da Imprensa*. Trata-se, portanto, de uma resenha sobre notícia da publicação detentora do *blog*.

O discurso apresenta um oxímoro: “A humanidade nunca foi tão informada e nunca esteve tão desinformada”, que reforça sensivelmente o efeito de sentido de que a imprensa deve fazer interpretações e não consegue, o que conota incompetência por parte do actante.

O ator do enunciado Alberto Dines estabelece duas dêixis. Há de um lado um espaço de reflexão, euforizado no contexto, que deve ser ocupado pelo jornalismo impresso, e, de outro, o de irreflexão, que pertence ao que é figurativizado no enunciado como “mídia eletrônica”, que poderia ser tanto Internet quanto televisão ou ainda rádio, mas que o enunciado associa à tevê, pois cita ironicamente o *talk-show*, um tipo de programa televisivo, como alternativa à cobertura feita pelos jornais impressos. O diagrama a seguir ilustra essa dicotomização:

O enunciado igualmente exclui de sua exposição duas variantes notórias do jornalismo: aquele que é praticado na Internet e o que é produzido em rádio. A exclusão é ainda mais interessante no primeiro caso, pois foi no ambiente *on-line* que a crítica foi publicada. São, portanto, manifestações subtraídas à esfera do discurso e, por conseguinte, do foco reflexivo do ator da enunciação.

É interessante ainda notar uma dissimetria entre o *ethos* dito e o *ethos* mostrado, pois o meio disforizado, o televisivo, é aquele utilizado pelo título para “acompanhar” o desempenho da mídia brasileira, assim como a Internet, que sequer é mencionada no texto.

O título do artigo mencionado no enunciado: “Nada de novo no front da mídia” é uma paráfrase do romance “Im Westen nichts Neues”²¹⁵, o libelo pacifista do escritor alemão Erich Maria Remarque. Pressupõe portanto um leitor culto, familiarizado com a história da literatura. A associação à essa doutrina pode ser observada na frase: “A mídia não conseguiu explicar aos pacifistas o que é o pacifismo, não conseguiu mostrar que ser contra a guerra não significa ser a favor de Saddam Hussein”.

²¹⁵ “Nada de novo no *front* ocidental”.

O discurso, igualmente, revela por inferência o questionamento do princípio da imparcialidade pois, pela trama argumentativa do enunciado, a imprensa “poderia” mostrar-se antibelicista, deixando de lado a neutralidade. O actante “mídia impressa”, a propósito, é figurativizado como incompetente na tarefa que o ator do enunciado lhe atribui que é explicar, balizar, relacionar e interpretar. Trata-se também de uma ação performativa, pois tal empreitada inclui até “explicar aos pacifistas o que é o pacifismo”.

A cegueira citada no título – “A cegueira da mídia” –, no caso, evoca desconhecimento, pois o olhar conota esse saber (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1993, p. 653-656). O substantivo feminino, acrescente-se, é utilizado no sentido figurado de “falta de lucidez”. É possível inferir, por extensão, que aquele que denuncia tal situação, o actante Alberto Dines, é capaz de realizar tal proeza. O discurso também revela uma modalização volitiva e, por extensão, uma caracterização do *modus essendi* do actante: se a mídia impressa deve ser reflexiva e não é, duas possibilidades se apresentam, ou ela está impossibilitada disso, o que é refutado pelo oximoro da primeira frase do texto, ou ela não é reflexiva porque não quer ser reflexiva, que é o efeito de sentido que o discurso constrói. Deduz-se, portanto, que uma propriedade actantial da mídia impressa é a indolência, que pode decorrer seja de indiferença, seja de apatia seja ainda de preguiça ou, eventualmente, da soma dos três vícios.

Enquanto na crítica de Doria “Quando jornalistas não contam o que sabem”²¹⁶ a imprensa é figurativizada sob a modalização veridictória do segredo, pois não parece saber o que acontece às vésperas da guerra, mas sabe. No *Bloi* a imprensa é figurativizada sob a modalização volitiva do “não querer-ser” informada, o que conota aversão à modalização alética da necessidade, pois ela deve ser informada. Tal efeito de sentido pode ser notado na assertiva de que “a mídia impressa – aquela que explica, baliza, relaciona e interpreta – está mimetizando a mídia eletrônica”. Há também um jogo antifrástico que é figurativizar como “cego” um meio acusado pelo ator do enunciado de priorizar a aparência em detrimento da essência. Já no segundo caso, o processo de mimetização é apresentado na forma ativa. Trata-se, portanto, de algo que se quer, e não uma ação que se sofre.

É possível notar que tanto o *No Mínimo Weblog* quanto o *Bloi* dirigem críticas à face positiva da imprensa²¹⁷, mas o primeiro atribui ao actante, particularizado sob a forma de imprensa norte-americana, a competência modal do “saber-fazer”, mas o faz em modo de segredo, e o segundo considera o actante, particularizado sob a forma de imprensa escrita brasileira, incompetente e sem vontade de sê-lo. Enquanto na crítica de *No Mínimo Weblog* discurso apresenta-se na modalização veridictória de verdade, o discurso do *Bloi* apresenta-se sob a modalização alética da necessidade, do “dever-ser” informado, dotado da competência de saber.

²¹⁶ C.f. p. 106-111.

²¹⁷ C.f. p. 108, n. 115.

No enunciado a seguir, o texto aborda a questão da qualidade do texto da imprensa.

02/04/2003 03:06

Olha a língua!²¹⁸

No bem-humorado artigo “Tratos à língua e pauladas na mãe”²¹⁹, Deonísio da Silva retoma um de seus mais caros – e necessários – temas: a implacável perversidade de que é vítima a língua em nossos jornais. “Não vou assinar este artigo como Simão Bacamarte, mas O Alienista e Machado de Assis, entre outros, precisam ser lidos constantemente”, diz ele. “É freqüente que nossa imprensa apresente textos escritos por indivíduos quase ágrafos. Indivíduos ou elementos? A polícia diz sempre elementos. Eles costumam evadir-se, em vez de fugir.”

Para Deonísio, se a língua é também instrumento de cidadania, que seja protegida e defendida. “E, principalmente, estudada.”

O texto jornalístico em nossa mídia, de modo geral, tem sido de seu agrado?

enviada por Moderador

O tema gira em torno dos desvios à norma culta da língua por parte de jornalistas do meio impresso. Como costumeiramente é possível notar no *Bloi*, trata-se de uma resenha sobre notícia da própria publicação.

O discurso disforiza os desvios à norma culta da língua. Tal ação é atribuída a “indivíduos quase ágrafos”, que são figurativizados como criminosos, já que o ator do enunciado os denomina de “elementos”, termo que, no jargão policial, é utilizado para designar delinqüentes, o que cria uma isotopia actancial entre infratores da lei e aqueles que praticam desvios na norma

²¹⁸ O enunciado tem 788 caracteres, 124 palavras e seis parágrafos.

²¹⁹ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/fd020420031.htm], o site do *Observatório da Imprensa*.

culta, aos que violam a “pureza” da língua, figurativizada pela obra de Machado de Assis, o que pode ser observado no excerto: “se a língua é também instrumento de cidadania, que seja protegida e defendida”. Há também, portanto, uma criminalização da ignorância: o não-saber implica violação da cidadania e deve ser punido com rigor. Sendo o desconhecimento uma propriedade actancial geralmente atribuída aos estratos desfavorecidos da pirâmide social, infere-se daí uma visão classista no actante e a figurativização desse coletivo como “ágrafo”, ou seja, de povo que não tem escrita, reforça esse efeito de sentido.

O enunciado, acrescente-se, não condena os donos dos órgãos de imprensa, que são aqueles que contratam tais profissionais ágrafos, mas sim os “elementos” que, sob a conivência ou a transigência dos empresários do ramo, praticam os “ataques” ao idioma. Pela tessitura argumentativa, todo o problema dos desvios à norma culta deve ser atribuído aos jornalistas “ágrafos” e não aos donos de empresas que contratam e mantêm tais profissionais sob seu comando. O discurso, igualmente, focaliza sua análise apenas na imprensa escrita, e o termo “ágrafo” revela isso.

O título também aponta para o efeito de sentido de disforização severa dos actantes “ágrafos”, pois evoca, por meio de paráfrase, uma repreensão que lembra o diálogo familiar – inclusive na exclamação, que conota grito – àqueles que não seguem os padrões da norma culta do idioma. Observa-se, igualmente, uma referência à obra machadiana por meio do antropônimo onomastizado Simão Bacamarte, protagonista de “O alienista”.

No enunciado a seguir, será possível observar de que maneira a publicação encara a relação entre os *blogs* e a imprensa.

30/04/2003 00:39

Jornalista deve ter blog? ²²⁰

O correspondente Joshua Kucera, free-lancer da Time, parou de atualizar seu blog, The Other Side²²¹, desde 28 de março, a pedido da revista. Antes, em 21/3, a CNN.com emudeceu o blog de Kevin Sites²²², também correspondente na invasão do Iraque. Agora foi a vez de Denis Horgan²²³, editor de turismo do Hartford Courant, de Connecticut, conta Beatriz Singer no artigo “Temporada de caça aos blogs”²²⁴. O jornal obrigou-o a abandonar seu hobby, que exercia em casa.

Você considera que há conflito de interesse entre *blogs* pessoais de jornalistas e os veículos em que trabalham?
enviada por Moderador

O tema é o uso de *blogs* por parte de jornalistas. As fontes do enunciado são três *blogs* e o próprio *site* do *Observatório da Imprensa*. Trata-se, contudo, de uma resenha sobre um artigo publicado no *site* detentor da publicação.

O discurso aborda a questão *blog* e jornalismo. Diversamente da perspectiva de *No Mínimo Weblog*, que considerava o ato uma iniciativa calcada na modalização do “fazer-saber”, o uso é figurativizado no enunciado como um “*hobby*”, o que apequena a dimensão da atividade, em

²²⁰ O enunciado tem 627 caracteres, 103 palavras e cinco parágrafos.

²²¹ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [http://www.serendipit-e.com/otherside].

²²² O trecho sublinhado apresenta um *link* para [http://www.kevinsites.net/].

²²³ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [http://www.denishorgan.com/].

²²⁴ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/cadernos/cid300420031.htm], o *site* do *Observatório da Imprensa*.

contraste com o modo euforizante com que o *No Mínimo Weblog* tratou a questão. A proibição, no caso do enunciado do *Bloi*, é figurativizada mais como um capricho autoritário de vetar um passatempo do que um ato de cerceamento à liberdade ou a direitos tidos como importantes pelo ator da enunciação. No enunciado seguinte, é possível observar a defesa de uma dêixis medianeira no discurso do *Bloi*.

27/05/2003 19:37

A grita contra os juros altos ²²⁵

O jornalista Noenio Spinola, atualmente diretor de Imprensa da BM&F, relutou, mas escreveu o artigo “Os juros que a imprensa não viu” ²²⁶ para a edição de 27/5/03 do Observatório da Imprensa ²²⁷. No texto ele diz que a mídia, na grita contra a manutenção da taxa Selic pelo Copom, não atentou para os juros futuros. Spinola lembra que em novembro do ano passado, quando ainda era incerta a face final que tomaria o governo Lula, os juros futuros para janeiro de 2004 bateram no pico de 33,6% ao ano. “De lá para cá, à medida que o governo ia sinalizando sua intenção de controlar a inflação e manter os gastos públicos sob controle, essas taxas literalmente despencaram”, diz. “No dia 26 de maio estavam cotadas em torno de 23%. Abaixo, portanto, da taxa de 26,5% sinalizada pelo Banco Central através da Selic.”

Para Spinola, a mídia esquece que os banqueiros aplicam em títulos públicos que vão esbarrar nos fundos de investimento, que por sua vez pertencem a milhares de poupadores. “Portanto, a face diabólica do mercado tem rosto, e o rosto é o de cada um de nós que tenha ou administre uma pequena ou grande poupança”, diz. “O que fazer?”, pergunta. “Há quem defenda que a solução para acabar com baratas

²²⁵ O enunciado tem 1.452 caracteres, 253 palavras e seis parágrafos.

²²⁶ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/jd270520031.htm], o *site* do *Observatório da Imprensa*.

²²⁷ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/], o *site* do *Observatório da Imprensa*.

é tocar fogo na casa. Talvez seja melhor fazer antes um exercício de racionalidade.”

Leia a íntegra do artigo de Noenio Spinola e opine: a mídia se mostrou preparada nessa cobertura?

enviada por Moderador

O tema é a cobertura da imprensa sobre a taxa Selic. A fonte do enunciado é o próprio *site* do *Observatório da Imprensa*. É, portanto, um resumo do noticiário da própria publicação.

O discurso é modalizado no “saber-fazer” e adota o pressuposto que a imprensa não sabe avaliar as tendências de juros do mercado. O actante Noemio Spinola, figurativizado como jornalista, é apresentado como alguém que tem a competência modal que falta à imprensa, compreendida aqui como sinédoque de empresas de jornalismo. Condena também, sob a pecha de extremismo, a defesa por uma redução sensível nos juros, pois afetaria mais pessoas do que o segmento pode imaginar. O enunciado contrapõe o princípio do equilíbrio, da justa medida, euforizado no contexto, a uma postura hiperbólica e irracional, caracterizada pela “grita” contra os juros e pela postura ilógica, que pode ser ilustrada no excerto: “Há quem defenda que a solução para acabar com baratas é tocar fogo na casa”. Estabelece-se, por conseguinte, uma analogia entre defender a redução dos juros e um ato absurdo, que é destruir uma casa para desinsetizá-la. Firma-se assim um fundamento, na tessitura argumentativa do discurso, para a existência de uma política de juros altos, e a ridicularização dos críticos da alta do juros é um recurso para reforçar a legitimidade do argumento esgrimido pelo actante.

Há, portanto, duas dêixis dicotomizadas na notícia. De um lado há um espaço racional, fleumático e calcado na justa medida, que é euforizado e no qual a imprensa deve ajustar-se na modalização alética do “dever-ser” – ou seja, o jornalismo deve ser racional, fleumático e equilibrado. De outro, há a antítese de tal postura, que é um espaço irracional, emocional e calcado na hipérbole, o qual a imprensa não deve estar, mas está, o que conota uma violação do *modus essendi* do actante. O discurso observado, aliás, mostra-se antitético ao defendido na notícia “Mídia sem indignação”²²⁸, no qual o actante Muniz Sodré critica a imprensa justamente por sua apatia, sua fleuma, diante do assassinato do índio.

O “dever-ser” preconizado na notícia “A grita contra os juroz altos” nesse caso não tem, contudo, uma causa nítida ao qual se poderia atribuir o desvio: não fica claro no discurso se a imprensa está impedida de ser racional ou se ela não quer ser racional. A tática argumentativa, no contexto, conota um esforço em atrair essa imprensa crítica dos juroz altos à visão oposta pois, se o actante for figurativizado pela má-fé, a possibilidade de mudança de posição torna-se mais difícil.

No enunciado a seguir, é possível observar mais uma caracterização do *modus essendi* da imprensa no *Bloi*.

19/06/2003 14:48

Jornais fora de foco²²⁹

Alberto Dines, no artigo “Lula faz gols, mídia engole frangos”²³⁰, em que comenta a crise financeira que a mídia atravessa, escreve:

²²⁸ C.f. p. 175-179.

²²⁹ O enunciado tem 696 caracteres, 109 palavras e seis parágrafos.

“Truques publicitários e promocionais tornaram-se evidentes demais. A IBM está jogando pesado na sua campanha para vender a idéia on demand (iniciada na segunda, 16/6). Desfigurou jornais e cadernos econômicos, acabou definitivamente com a fronteira entre informação e publicidade. A empresa e sua agência pensam nos seus interesses; jornais e empresas jornalísticas, de olho no caixa, esqueceram os seus.”

Foi mesmo um choque para o leitor ver a capa do caderno de Economia do Globo totalmente fora de foco.
enviada por Moderador

O tema é uma campanha desenvolvida pela empresa IBM. A fonte do enunciado é o próprio *site* do *Observatório da Imprensa*.

O discurso figurativiza a mídia em estado de penúria financeira, o que estaria levando a imprensa a derrubar a fronteira entre informação e publicidade. Para o actante Alberto Dines, há portanto duas dêixis antitéticas. De um lado há o jornalismo, espaço da informação, e, de outro, os anúncios, que são o espaço da publicidade. A mistura entre esses espaços estanques, que no contexto do discurso é mais a invasão da publicidade no espaço da informação que propriamente uma mistura, é disforizada no enunciado. Nesse discurso, o actante mídia é mais uma vez caracterizado por uma incompetência modal. Dessa vez, a incapacidade é de ordem empresarial, pois a situação que levou a imprensa a renegar seu *modus essendi* foi, a “crise financeira”. Ou seja, por não saber fazer lucros, a imprensa deixou de ser “informativa” e tornou-se parte da “publicidade”. O enunciado não questiona a legitimidade da pretensão da IBM e de sua

230 O trecho sublinhado apresenta um link para [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/iq170620031.htm], o *site* do *Observatório da Imprensa*.

agência de publicidade, pois “a empresa e sua agência pensam nos seus interesses”. O actante disforizado, portanto, são os jornais que, “de olho no caixa, esqueceram os seus”.

Observa-se também no enunciado, mais uma vez, a focalização das empresas jornalísticas do segmento impresso, ignorando-se outras manifestações como Internet, rádio e televisão. O enunciado, igualmente, apresenta uma alogia: o título não apresenta nexos aparentes com o tema abordado no discurso. Ao verificar-se a fonte da resenha, é possível identificar o sentido do título e conota, no contexto, falta de apuro do redator em estabelecer o nexo original.

No discurso seguinte, o foco narrativo retoma a questão da observância da norma culta nos textos da imprensa.

09/07/2003 21:05

O leitor em crise ²³¹

Na carta "O hébrio e a arpa"²³², a leitora do Observatório Sonia Sant'Anna diz: "Há poucos dias eu comentava com um amigo que cada vez se leva menos tempo para ler um jornal. Lembro-me de quando só conseguia começar o meu dia depois de ler o jornal, sem isso o dia pareceria incompleto. E o jornal de domingo, então! Quanto tempo, quanta coisa para ler. É chato ler todo dia os 'factóides' do presidente e sua equipe, que ainda por cima já vimos na véspera na TV."

Para ela, é duro ver ébrio escrito com "h" e harpa sem "h". "Além do conhecimento elementar da ortografia, que deveria ser obrigatório para quem se propõe a escrever para o público, falta cultura geral aos

²³¹ O enunciado tem 962 caracteres, 166 palavras e cinco parágrafos.

²³² O trecho sublinhado apresenta um *link* para [\[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/caixa/cp080720031.htm\]](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/caixa/cp080720031.htm), o *site* do *Observatório da Imprensa*.

recém-saídos das nossas desmoralizadas escolas e faculdades, e são justamente esses recém-formados os contratados, por serem mais baratos." Outros leitores do Observatório falam, nesta edição, sobre a crise da mídia e... do próprio leitor.
 enviada por Moderador

O tema é os desvios da norma culta encontrado nos textos dos jornais impressos. A fonte do enunciado é o próprio *site* do *Observatório da Imprensa*.

O assunto assemelha-se ao de outra notícia publicada no mesmo *blog* ("Olha a língua!"²³³). O foco, inclusive, é o mesmo, pois a discussão gira em torno da imprensa escrita. A abordagem, contudo, mudou. O actante onomastizado Sonia Sant'Anna, figurativizada como "leitora do Observatório", observa o mesmo problema antes constatado, mas a abordagem dessa vez abrange também as instituições de ensino, pois "falta cultura geral aos recém-saídos das nossas desmoralizadas escolas e faculdades", e os donos de jornais, porque contratam recém-formados "por serem mais baratos". O despreparo desses profissionais de imprensa é visto, no caso, como um ingrediente a mais na responsabilização da crise. O discurso é aspectualizado pela incoatividade, pois "cada vez se leva menos tempo para ler um jornal". A diminuição no tempo de leitura, segundo os elementos apresentados no texto, ocorreu porque "É chato ler todo dia os 'factóides' do presidente e sua equipe, que ainda por cima já vimos na véspera na TV". Houve, portanto, um tempo em que a imprensa escrita produzia, segundo o enunciado, textos melhores e mais interessantes e

²³³ C.f. p. 194-196.

agora, o mesmo não ocorre. Trata-se de um processo ainda inconcluso, segundo o texto, ou seja, que tende a piorar.

No texto a seguir, o *Bloi* altera seu procedimento mais usual e sai em defesa da imprensa.

29/07/2003 23:00

A nova Geni ²³⁴

No artigo “A culpa é sempre da mídia” ²³⁵, que abre esta nova edição do Observatório da Imprensa ²³⁶, Alberto Dines condena o mais novo esporte nacional: culpar a imprensa por todos os males que assolam o Brasil.

enviada por Moderador

O assunto da nota é a crítica à imprensa. A fonte do enunciado é o próprio *site* do *Observatório da Imprensa*.

O discurso questiona uma excessiva atribuição de culpa aos jornalistas por parte de outros setores. O enunciado atribuído ao actante Alberto Dines reforça alguns efeitos de sentido anteriores, pois o ator do enunciado freqüentemente condena a imprensa por não saber fazer. Tal crítica figurativiza disforicamente o actante por conta de *ethos* apático, passivo, fruto de indolência, ao contrário do que poderia ser definido como um *ethos* ardiloso, resultado da execução de um programa narrativo que visa

²³⁴ O enunciado tem 253 caracteres, 44 palavras e quatro parágrafos.

²³⁵ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/iq290720031.htm], o *site* do *Observatório da Imprensa*.

²³⁶ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/], o *site* do *Observatório da Imprensa*.

instaurar o autoritarismo, como no caso do Judiciário (“Um juiz na redação”²³⁷) e do PT (“Cartilha e preconceito”²³⁸) no discurso de Dines.

A isotopia actancial com o personagem Geni, da música Geni e o Zepelin, conota o actante mídia como injustamente responsabilizado por mazelas cujas responsabilidades devem ser atribuídas a outros que não o actante.

No enunciado seguinte, a questão dos *blogs* na imprensa é retomada na publicação, agora sob um novo enfoque.

06/08/2003 15:27

Blogs e democracia ²³⁹

O mau humor das empresas jornalísticas em relação aos blogs começa a ceder. Luciano Martins Costa comenta, em “Uma imprensa mais democrática na rede”²⁴⁰, o crescente interesse de jornais por blogs e blogueiros. “Um novo modelo de negócio de comunicação começa a se configurar à sombra dos grandes jornais e pode vir a provocar uma verdadeira revolução na imprensa brasileira”, diz ele. “(...) Jornalistas profissionais com muita estrada têm sido procurados para organizar redações virtuais com editorias e seções, o que pode levar ao surgimento de uma mídia completamente diferente da que temos hoje”.

Para Luciano, esse movimento, ainda embrionário, pode resultar num conceito novo de trabalho cooperativo, integrado ao ambiente criado pela web.

enviada por Moderador

²³⁷ C.f. p. 184-187.

²³⁸ C.f. p. 181-183.

²³⁹ O enunciado tem 799 caracteres, 122 palavras e cinco parágrafos.

²⁴⁰ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/sai050820031.htm], o *site* do *Observatório da Imprensa*.

O tema é a relação entre *blogs* e órgãos de imprensa. A fonte do enunciado é o próprio *site* do *Observatório da Imprensa*.

O *Bloi* retoma aqui a discussão sobre a imprensa e os *blogs*. A resistência é figurativizada como “mau humor”, o que conota ranzinze, implicância em relação ao tema. Não se trata, portanto, de sentimento de ameaça em relação ao objeto. Para reforçar esse efeito de sentido, é o próprio actante imprensa que mostra um “crescente interesse” por *blogs* e blogueiros. Tais propostas, segundo o texto, estão se configurando “à sombra dos grandes jornais”, e a locução significa que tais iniciativas têm sido protegidas pelas empresas do ramo.

Observa-se aqui uma dissimetria nos discursos do *Bloi* e do *corpus* analisado anteriormente. Enquanto em *No Mínimo Weblog* o conceito é figurativizado como algo que faz saber, algo sob a modalização veridictória da verdade, a imprensa é figurativizada como uma instituição que mantém informações em modo de segredo, o que lhe ameaçaria a face positiva²⁴¹.

O ator do enunciado, Luciano Martins Costa, define o potencial jornalístico dos *blogs* como um “conceito novo de trabalho cooperativo, integrado ao ambiente criado pela *web*”. Há uma euforização do futuro, porque, pelo título do artigo é possível inferir, os *blogs* poderiam proporcionar “uma imprensa mais democrática na rede”, valor nitidamente sancionado na notícia. O discurso, curiosamente, também euforiza o passado, o que pode ser observado no excerto: “Jornalistas profissionais com muita estrada têm

²⁴¹ C.f. p. 108, n. 115.

sido procurados para organizar redações virtuais com editorias e seções”. Já o presente não chega a ser condenado explicitamente, mas a ênfase de que jornalistas experientes podem “levar ao surgimento de uma mídia completamente diferente da que temos hoje”, o que é euforizado no texto, leva a crer que “o que temos hoje” é insatisfatório e, se jornalistas antigos (pois “experientes”) assumirem o comando a rede, ela será melhor do que é hoje.

12/08/2003 20:10

Roberto Marinho morreu. E agora? ²⁴²

Como não poderia deixar de ser, a morte de Roberto Marinho abre esta edição do Observatório ²⁴³. Alberto Dines comenta os textos publicados sobre o mais poderoso magnata da mídia brasileira, e faz perguntas cruciais – das quais ninguém lembrou nos longos obituários que apareceram na imprensa.

“Pranteada a figura, rendidas as justas homenagens e os merecidos tributos, o que interessa neste momento é o futuro”, diz, no artigo “Globo e globalização, eis a questão” ²⁴⁴.

As perguntas:

** Como criar no país outras grandes corporações jornalísticas num momento em que as atuais empresas, além de quase falidas, estão sendo comandadas por administradores, financistas, engenheiros, empresários e fazendeiros?

** Onde estão os jornalistas que vão criar e comandar as empresas de comunicação dos próximos 10 anos?

** Quem vai disputar com as Organizações Globo a hegemonia da mídia brasileira?

** Qual o conglomerado jornalístico brasileiro capaz de abiscoitar uma fatia do mercado internacional?

²⁴² O enunciado tem 1.164 caracteres, 181 palavras e 12 parágrafos.

²⁴³ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/>], o *site* do *Observatório da Imprensa*.

²⁴⁴ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/mem120820031.htm>], o *site* do *Observatório da Imprensa*.

** Em outras palavras, vamos ficar de fora da globalização da informação?

Respostas para a redação do OI²⁴⁵.
enviada por Moderador

O tema é a morte do empresário Roberto Marinho e o potencial da imprensa brasileira de conquistar espaços no exterior. A fonte do enunciado é o próprio *site* do *Observatório da Imprensa*.

O discurso caracteriza-se por dirigir perguntas à face negativa²⁴⁶ de um enunciatário que pode ser definido como o conjunto dos empresários que dominam jornais. O recurso do questionamento é aplicado como um estenderete²⁴⁷, pois, de fato, o ator disforiza os fatos apresentados como desfavoráveis ao programa narrativo do sujeito do enunciado. Na primeira pergunta, afirma-se que “as atuais empresas, além de quase falidas, estão sendo comandadas por administradores, financistas, engenheiros, empresários e fazendeiros”. A locução adverbial de inclusão “além de” torna as duas condições expostas como agravantes do risco econômico que correm. Isto é, o fato de serem comandadas por pessoas que não são jornalistas torna-se mais grave para a sua estabilidade econômica porque estão “quase falidas”. Na segunda pergunta, por meio do advérbio de lugar “onde”, o actante mostra-se cético em relação ao potencial de liderança dos jornalistas que, no *nunc* do discurso, criaram e comandam as empresas de comunicação. O mesmo pode ser observado nas duas perguntas seguintes.

²⁴⁵ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/>], o *site* do *Observatório da Imprensa*.

²⁴⁶ C.f. p. 108, n. 115.

²⁴⁷ Estenderete, no contexto dessa investigação, significa pergunta insidiosa para confundir ou embarçar o perguntado.

Os pronomes interrogativos conotam ceticismo em relação aos actantes conhecidos pelo sujeito do enunciado. A pergunta final reforça o efeito de sentido de incredulidade, sinalizando uma provocação aos empresários do ramo, pois questiona a partir de uma negação: “Em outras palavras, vamos ficar de fora da globalização da informação?”²⁴⁸

No enunciado seguinte, é possível ver mais uma vez uma relação de tensividade do actante Alberto Dines em relação ao Judiciário.

24/09/2003 00:51

Gugu e a censura prévia ²⁴⁹

O caso Gugu continua repercutindo. Hoje, 23/8, chegou a ser editorial da Folha de S. Paulo. “Não há como querer transformar o apresentador Gugu Liberato em vítima de um episódio em que sua responsabilidade é evidente. Mesmo na atmosfera farsesca e degradada da guerra pela audiência, na qual se esvanecem as fronteiras entre verdade e falsificação, jornalismo e entretenimento, espetáculo e informação, há limites a respeitar.”

O meio, logicamente, não justifica o fim, mas todo esse imbróglio acabou por reavivar o sempre bem vindo *[sic]* debate sobre qualidade da TV no País.

Alberto Dines, no artigo “Tesoura togada ataca outra vez”²⁵⁰, afirma que “as aberrações do Caso Gugu não se limitam às decisões das

²⁴⁸ O discurso também apresenta um programa narrativo que poderia ser expresso pelo seguinte algoritmo:

$$S_1 \text{ querer } (S_2 \cap Ov)$$

Tal esquema pode ser expresso do seguinte modo:

S_1 é Alberto Dines, o sujeito da espera, da expectativa de uma determinada atitude.

S_2 é a imprensa brasileira, o sujeito do fazer, do qual se deseja uma ação.

Ov é o objeto de valor, no caso a globalização da imprensa brasileira.

O símbolo $\cap$ representa o estado conjuntivo do programa narrativo almejado pelo actante Alberto Dines. O antropônimo inclusive e enforizado no discurso por fazer “perguntas cruciais – das quais ninguém lembrou”, o que conota o actante com uma competência discursiva superior aos demais.

²⁴⁹ O enunciado tem 1.644 caracteres, 336 palavras e nove parágrafos.

preclaras juízas. Um gigantesco encadeamento de erros mostra que Gugu Liberato não é o único vilão desta história”. Dines diz também que “a emenda saiu pior do que o soneto” e que “as duas decisões da Justiça paulista proibindo a exibição do programa Domingo Legal no último domingo (21/9) revelam o furor censório e a comichão autoritária que domina grande parte da magistratura brasileira.”

Nelson Hoineff concorda. Em “Censura ao que há e ao que virá”²⁵¹, afirma que “a punição de um programa de TV pode incluir sua suspensão”, e que, no entanto, “é evidente também que impedir a transmissão da qual nem se conhece o conteúdo configura censura”. “O que mostra que há um forte erro de conceituação nisso tudo: quem fraudou o público não foi o Domingo Legal, foi uma de suas ‘reportagens’.”

Deonísio da Silva²⁵² também mostra indignação em seu artigo: “O que é que há com o Brasil? Vai voltar a censura de novo? Vai voltar o neonazismo? O MST está lembrando as Ligas Camponesas de Francisco Julião que podem levar a repetir nos tempos do presidente Lula o que houve outrora no governo de João Goulart?”

O leitor acredita que a censura ronda os meios de comunicação e encontrou no caso Gugu uma oportunidade de “dar o bote”?
enviada por Beatriz

O tema é a proibição, pela Justiça, da exibição do programa televisivo Domingo Legal, comandado pelo apresentador Gugu Liberato²⁵³. A fonte do enunciado é o próprio *site* do *Observatório da Imprensa*.

²⁵⁰ O trecho sublinhado apresenta um link para [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/jd230920031.htm], o site do *Observatório da Imprensa*.

²⁵¹ O trecho sublinhado apresenta um link para [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/jd230920032.htm], o site do *Observatório da Imprensa*.

²⁵² O trecho sublinhado apresenta um link para [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/jd230920033.htm], o site do *Observatório da Imprensa*.

²⁵³ O programa Domingo Legal exibido na rede de televisão SBT no dia 7 de setembro de 2003 levou ao ar uma entrevista com dois supostos membros da organização criminosa Primeiro Comando da Capital (PCC), identificados como “Alfa” e “Beta”, que ameaçaram o político Hélio

No discurso, a proibição da veiculação do programa no dia 21 de setembro é disforizada pelos actantes Alberto Dines, Nelson Hoineff e Deonísio da Silva, que consideraram a medida um sinal de uma vocação autoritária da justiça.

O antropônimo Dines associa a posição de “vilão” tanto a Gugu Liberato quanto às juízas que proibiram o programa. O actante mais uma vez invoca uma “comichão” autoritária para explicar o modo pelo qual o Judiciário lida com a questão. Já Hoineff segue uma linha aproximada ao condenar a proibição prévia e particularizou o caso com o argumento: “quem fraudou o público não foi o Domingo Legal, foi uma de suas ‘reportagens’”. Por fim, Deonísio da Silva comparou a sanção contra o apresentador à “volta” do neonazismo.

No excerto a seguir, o mesmo tom é adotado pelo *Bloi*.

24/09/2003 01:02

Outros desdobramentos do caso Gugu²⁵⁴

Esta edição do OI conta, ainda, com artigos de Muniz Sodré²⁵⁵, para quem “a tevê ficcionaliza ou imaginariza o real”, de João Ubaldo Ribeiro²⁵⁶ que afirmou que “não há desculpa para o que foi feito no programa do Gugu Liberato e a lei tem de ser aplicada. Mas a

Bicudo e os jornalistas Marcelo Rezende e José Luís Datena. A produção do programa, posteriormente, admitiu que tudo não passou de uma fraude: eram dois atores.

²⁵⁴ O enunciado tem 623 caracteres, 103 palavras e cinco parágrafos.

²⁵⁵ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/jd230920034.htm], o site do *Observatório da Imprensa*.

²⁵⁶ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/jd230920035.htm], o site do *Observatório da Imprensa*.

suspensão do programa me parece, sim, censura prévia", entre outros.

Confira ainda a entrevista²⁵⁷ da jornalista Letícia Nunes com Orlando Fantazzini (PT-SP), presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados e coordenador da campanha "Quem financia a baixaria é contra a cidadania".

enviada por Beatriz

O assunto, novamente, é a proibição, pela Justiça, da exibição do programa televisivo Domingo Legal, comandado pelo apresentador Gugu Liberato. A fonte do enunciado é o próprio *site* do *Observatório da Imprensa*.

Há nesse caso uma diferença nas duas avaliações. Enquanto a primeira concentra sua reflexão no que é considerado uma propriedade actancial da televisão, que seria diluir a realidade – o que aliás de algum modo atenua o ato fraudulento –, a segunda reafirma a figurativização de "censura prévia" para a sanção restritiva da justiça.

No enunciado seguinte, é possível observar como a questão da crise financeira das empresas de jornalismo é encarada pela publicação.

22/10/2003 11:34

Redações de mercenários²⁵⁸

Quem não teme a terceirização, o processo que atropelou trabalhadores em todo o mundo e chegou ao Brasil nos vagalhões da globalização? Pois ela está firmemente plantada nas redações

²⁵⁷ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/jd230920036.htm], o site do *Observatório da Imprensa*.

²⁵⁸ O enunciado tem 2.932 caracteres, 456 palavras e 12 parágrafos.

brasileiras, e é desse tema que trata “Para não falar de suicídio”²⁵⁹, artigo de Luciano Martins Costa. Diz ele:

Toma corpo no meio jornalístico, tendendo a ser considerada como fato consumado, a prática de transformar as redações em verdadeiros exércitos mercenários, com um número crescente de jornalistas sem vínculo empregatício. A angústia pela falta de novas ofertas de trabalho formal, produzida pelo encolhimento da mídia nacional nos últimos três anos, aliada à crise que tem causado o corte de empregos, conduz muitos jornalistas a considerar esse um fato definitivo, um “determinismo” do mercado. E as dificuldades inerentes ao negócio convencem muitos gestores, convenientemente, a tomar essa tendência como boa prática administrativa, ou, no mínimo, como contingência dos novos tempos, da globalização e outras circunstâncias que tudo explicam.

Aquilo que chamamos de “vestir a camisa”, no ambiente jornalístico, tem a ver com a existência de um projeto editorial claro, de um compromisso explícito com um modo de fazer jornalismo, afirma Luciano. “A equação que induz à formação de uma força de trabalho arregimentada à base de notas fiscais não fecha com essa característica mandatária do fazer jornalismo.”

Para determinado profissional, a interrupção do vínculo empregatício também pode significar a exclusão de uma “tribo” à qual se habituou, e que representa não apenas seu modo de ver a profissão, como tudo que disso resulta – até mesmo suas expectativas de futuro. Para alguns, o afastamento desse ninho emocional pode representar a quebra de significados importantes, o fim do sentido que ele dá à existência, analisa Luciano.

O autor avalia que “os jornalistas vêm há muitos anos pagando pela incúria e incompetência de administradores e proprietários da mídia, que fazem da atual crise um buraco sem fim”. E lembra que o respeito aos profissionais deve estar entre os critérios de socorro do BNDES às empresas de mídia:

“Alguém há de defender que também deverá haver distinção entre aquelas que respeitam seu maior patrimônio – os jornalistas – e

259

O trecho sublinhado apresenta um link para [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/sai211020031.htm], o site do *Observatório da Imprensa*.

aquelas que usam a crise para propor escandalosamente a supressão de direitos e a redução de vencimentos.”

Mais reflexões sobre as angustiantes mudanças no mundo do trabalho em “A destruição do homem”²⁶⁰, de Ulisses Capozzoli, em análise de matéria publicada na CartaCapital.

A propósito da ajuda estatal solicitada pelas empresas de comunicação leia também “O BNDES e a crise da mídia”²⁶¹, entrevista concedida a Leticia Nunes pelo senador Roberto Saturnino (PT-RJ), presidente da Subcomissão de Cinema, Comunicação e Informática do Senado Federal, para quem “o setor de mídia é estratégico e não pode entrar em colapso”.
enviada por Moderador

O tema é a crise econômica das empresas de mídia e sua consequência para a categoria dos jornalistas, que é o desemprego. A fonte do enunciado é o próprio *site* do *Observatório da Imprensa*.

No discurso, o actante Luciano Martins Costa disforiza o presente, apontando as dificuldades de manter empregos na profissão. A responsabilidade da situação aos donos de jornais e os gestores das empresas do ramo, pois “os jornalistas vêm há muitos anos pagando pela incúria e incompetência de administradores e proprietários da mídia, que fazem da atual crise um buraco sem fim”. Ao contrário do observado no actante Alberto Dines, (“Jornais fora de foco”²⁶²), que generaliza a

²⁶⁰ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [<http://www.cnn.com/>], o *site* da rede de notícias norte-americana *CNN*, o que parece ter sido uma falha de edição. O endereço correto para o artigo é [<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/ofjor/ofc211020031.htm>].

²⁶¹ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/>], o *site* do *Observatório da Imprensa*.

²⁶² C.f. p. 199-201.

disforização da habilidade empresarial do setor, a notícia em destaque distingue o setor gerencial da redação.

O articulista defende o empréstimo às empresas jornalísticas, mas vincula a concessão à empregabilidade como pré-requisito. O processo de crise é aspectualizado como incoativo, pois ocorre “há anos” e ainda não foi concluído, o que sinaliza um futuro disforizado. O questionamento do enunciado prioriza a relação com os profissionais de imprensa com as companhias do segmento, pois pede diferenciação “entre aquelas que respeitam seu maior patrimônio – os jornalistas – e aquelas que usam a crise para propor escandalosamente a supressão de direitos e a redução de vencimentos”.

O enunciado também cita, de modo ligeiro, um artigo sobre o estresse provocado pelo trabalho e a defesa do empréstimo às empresas de mídia pelo então senador Roberto Saturnino. O foco principal da notícia é a relação das companhias do ramo e como utilizar tal concessão como forma de melhorar as condições de trabalho nas redações. A mesma questão é retomada no enunciado seguinte.

29/10/2003 01:58

O velho Frias abre o jogo ²⁶³

“Está quebrado o pacto de silêncio que envolve a mídia brasileira.”

Assim resume Alberto Dines, no artigo “Frias abriu o jogo e o jogo vai mudar”²⁶⁴, a importância da entrevista do último barão da mídia

²⁶³ O enunciado tem 1.699 caracteres, 276 palavras e 13 parágrafos.

²⁶⁴ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/sai281020031.htm], o site do *Observatório da Imprensa*.

brasileira, Octavio Frias de Oliveira, da Folha de S. Paulo. Aos 91 anos, descontraído, ele falou sobre tudo e sobre todos ao repórter Jorge Félix, do AOL Notícias, quebrando antigos tabus nacionais, de que dono de jornal não fala e mídia não cobre mídia. Pois ele falou, até mesmo sobre um eventual plano de socorro do BNDES às empresas de comunicação.

As conclusões de Dines a partir das declarações do velho Frias:

*** O governo precisará refrear seus ímpetos salvacionistas.

*** A mídia precisará adotar um comportamento mais transparente...

*** ...e abdicar de favores especiais.

*** O eventual programa de socorro não deverá ser linear e extensivo.

Pelo menos a Folha será voz diferenciada.

*** Em outras palavras: agora, além deste Observatório, a sociedade brasileira conta com um veículo pesado para exercer o olhar fiscalizador sobre o governo e seu namorico com os meios de comunicação.

*** Significa que, além da pretendida linha de financiamento, outras alternativas precisarão ser engendradas e avaliadas para livrar a mídia da penosa situação em que se encontra. Inclusive o aporte de recursos através do mercado de capitais.

“A mídia é um setor de interesse nacional. Nisso todos concordam”, diz Dines. “Mas Octavio Frias de Oliveira demonstrou com sua entrevista que dentro da mídia existe um segmento vital – a imprensa – por meio do qual legitima-se o debate e, através dele, encontram-se soluções decentes e justas.”

enviada por Moderador

O tema é a entrevista de Octavio Frias de Oliveira ao ciberjornal *AOL Notícias*. A fonte do enunciado é o próprio *site* do *Observatório da Imprensa*.

O discurso mostra a imprensa em modo de segredo ao afirmar que “está quebrado o pacto de silêncio que envolve a mídia brasileira”, o que é reforçado ainda mais pela afirmação de que “a mídia precisará adotar um comportamento mais transparente”.

Do mesmo modo que em *No Mínimo Weblog*, a postura do actante Octavio Frias de Oliveira é euforizada no discurso. A atividade do empresário é apresentada como solidária à postura da publicação pois, a partir de então, “além deste Observatório, a sociedade brasileira conta com um veículo pesado para exercer o olhar fiscalizador sobre o governo e seu namorico com os meios de comunicação”.

O discurso de Dines, mais uma vez, apresenta o setor, agora com a ressalva do Grupo Folha, como portador de uma propriedade actancial que poderia ser definida como apática, pois o segmento preferiria uma solução “fácil” como o empréstimo, a estudar outras alternativas “para livrar a mídia da penosa situação em que se encontra. Inclusive o aporte de recursos através do mercado de capitais”, o que, pela separação existente por meio do ponto, sinaliza uma medida considerada extrema pelo segmento.

20/11/2003 00:10

Muita calma nessa hora²⁶⁵

É o que se espera de gente armada de canetas, microfones e câmeras na cobertura de casos como o do assassinato de Liana e Felipe. É o que não se vê nos jornais, no rádio, na TV. É portanto o que pedem quatro articulistas nesta nova edição do Observatório: Luiz Weis, Túlio Lima Vianna, Victor Gentili e Sérgio Luís Domingues. A eles:

Lincha! Mata! Esfola!²⁶⁶ é de Luiz Weis:

"O clima de forte transbordamento emocional desencadeado pelo crime monstruoso de que foram vítimas dois adolescentes de famílias paulistanas de classe média exige dos jornalistas sérios – o que

²⁶⁵ O enunciado tem 3.667 caracteres, 726 palavras e 19 parágrafos.

²⁶⁶ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/iq181120031.htm], o site do *Observatório da Imprensa*.

exclui desde logo todos quantos, especialmente no rádio e na TV, vivem de fomentar e explorar as paixões da massa – uma conduta profissional e ética nem sempre fácil de ser adotada.

Não é fácil porque ela deve ser ao mesmo tempo quente e fria.

Quente na cobertura a mais completa, independente e fidedigna da tragédia, para não se reduzir a mera correia de transmissão ou câmara de eco das informações dadas pela polícia – que podem ser verdadeiras ou, como tantas vezes acontece, apenas convenientes para quem as transmite.

E fria na abordagem das questões mais amplas que sempre entram imediatamente em cena nessas ocasiões – como devem ser tratados os assassinos menores de idade e como deve ser avaliada a filosofia de direitos humanos que embasa a legislação brasileira sobre o assunto."

E se fossem Maria e João?²⁶⁷, de Túlio Lima Vianna:

"O homicídio dos adolescentes Liana e Felipe, tão alardeado pela mídia na última semana, não passaria de uma tragédia particular como tantas outras registradas cotidianamente em nossas delegacias de polícia não fossem as circunstâncias nas quais ocorreu. Não me refiro ao grau de crueldade na execução do crime, pois dezenas de Marias e Joões são mortos todo dia em situações tão ou mais bárbaras, e não são objeto sequer de uma nota nos jornais de primeiro escalão. O que difere este homicídio daqueles que já não vendem mais jornais é a posição ocupada pelas vítimas na sociedade. Na balança da mídia e de seus consumidores de tragédias pessoais, a vida de um adolescente de classe média vale muito mais do que a de João e Maria...

O que choca nas mortes de Liana e Felipe não são as circunstâncias da execução, mas a transferência que o leitor-telespectador-consumidor faz, colocando seus próprios filhos na situação das vítimas de fato. As mortes das Marias e dos Joões não chocam, pois se dão nas favelas, na periferia, em suma, em lugares demasiadamente distantes e 'perigosos' – as aspas aqui são imprescindíveis – para a maioria dos filhos da classe média."

A oportunidade de um debate²⁶⁸, de Victor Gentili:

²⁶⁷ O trecho sublinhado apresenta um link para [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/iq181120032.htm], o site do *Observatório da Imprensa*.

"Há muita coisa estranha na maneira como esse crime brutal está sendo tratado pela mídia. O crime é bárbaro, chocou a sociedade, que não pode deixar de tomar conhecimento dos fatos que lhe dizem respeito.

Mas a Rede Globo, jornais e TVs entrando no debate da maioria penal, num momento em que a sociedade está impactada pelo crime, não parece boa solução. O tema da violência e da segurança é recorrente. As críticas ao Estatuto da Criança e do Adolescente não são de hoje. Mas isso justifica forçar o ministro da Justiça a dar uma declaração? Procurar Dom Aloísio Lorscheider e estimular um debate neste momento?"

A narcotização silenciosa²⁶⁹, de Sérgio Luís Domingues:

"Ao ouvir recidivas vezes o argumento de espanto com episódios de gravidez na adolescência, jovens que se embrenham em sítio abandonado mentindo aos pais, de como tais fatos poderiam estar ocorrendo em meio a tantas informações na mídia sobre sexo e violência, senti-me quase que na obrigação de desenvolver esta breve reflexão sobre o tema.

O fato de estarmos vivendo na 'era da informação' não nos torna bem-informados, assim como a avalanche de exposição à sensualidade e à violência não faz com que sejamos mais cuidadosos e nem experts no assunto e nem mais ligados aos perigos que a prática irresponsável do sexo pode causar.

Ao contrário disso, o acúmulo de informação serve para 'narcotizar' o cidadão em vez de estimulá-lo. A esta teoria os sociólogos americanos Merton e Lazarsfeld chamaram de 'disfunção narcotizante'. Condescendentes, preferiram disfunção, e não função, partindo da premissa de que a narcotização não seria interessante à complexa sociedade moderna com grande parte da população politicamente apática e inerte."

enviada por Moderador

²⁶⁸ O trecho sublinhado apresenta um link para [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/iq181120033.htm], o site do *Observatório da Imprensa*.

²⁶⁹ O trecho sublinhado apresenta um link para [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/iq181120034.htm], o site do *Observatório da Imprensa*.

O tema é o assassinato dos jovens Liana Friedenbach e Felipe Silva Caffé ocorrido em Embu-Guaçu, na região metropolitana de São Paulo, em novembro de 2003. A fonte do enunciado é o próprio *site* do *Observatório da Imprensa*.

O discurso resume quatro artigos da publicação. Do mesmo modo que em “A grita contra os juroos altos”²⁷⁰, o jornalismo é figurativizado como um espaço racional, fleumático e calcado na justa medida e evocando de certo modo o princípio da imparcialidade. Neste sentido, a notícia “Muita calma nessa hora” mostra-se antitética ao defendido em “Mídia sem indignação”²⁷¹, no qual o actante Muniz Sodré critica a imprensa justamente por sua apatia, sua fleuma, diante do assassinato de um índio. No caso do assassinato dos jovens de classe média, a a publicação reivindica serenidade ao actante imprensa, mas rogou um sentimento de cólera, uma emoção hiperbólica, para lidar com o extermínio do índio gaúcho.

O enunciado apresenta também nuances no tratamento do assunto entre os vários articulistas citados. O primeiro, de Luis Weis evoca um oximoro ao recomendar uma cobertura “quente e fria” do assunto. A figura de linguagem é empregada, no contexto, para nuanciar a natureza do noticiário. De um lado, para as questões mais factuais do caso, ou seja, o andamento das investigações, a cobertura precisa ser dinâmica. Já para os temas que o crime inseriu na agenda da imprensa, o acompanhamento deve ser feito com mais frieza. O ator do enunciado, portanto, evoca uma dêixis

²⁷⁰ C.f. p. 197-199.

²⁷¹ C.f. p. 175-179.

especializada na fleuma e na razão para as questões políticas que decorrem dos casos de grande comoção pública. Portanto, trata-se de um discurso que deve se caracterizar pela razão, apresentada como antítese da emoção.

O segundo artigo, de Túlio Lima Vianna, gira em torno da dissimetria entre o tratamento dado ao crime e o tratamento usualmente proporcionado a vítimas de estratos sociais menos favorecidos. Reivindica-se, no contexto, um tratamento semelhante a todas as vítimas de crimes.

O terceiro artigo, atribuído a Victor Gentili, retoma a questão da dêixis racional, atribuída à imprensa. Nesse caso, a postura de dar início a um debate sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente em um momento de comoção popular. O texto questiona a evocação do tema em um momento no qual a opinião pública está transtornada com o fato.

Um segundo oxímoro da notícia pode ser observado no enunciado atribuído ao último actante mencionado na notícia, Sérgio Luís Domingues: “O fato de estarmos vivendo na 'era da informação' não nos torna bem-informados”. O ator do enunciado cria um efeito de sentido de que o paradoxo excesso de informação/desinformação não é uma “disfunção” da sociedade contemporânea, mas sim um produto lógico dela, destinado a criar apatia e inércia.

4.2. Principais observações sobre o *Bloi*

O *Bloi* fundamenta-se nos enunciados da publicação *on-line Observatório da Imprensa*. É, portanto, um discurso metafrástico calcado em um referente único. A seção assemelha-se ao *No Mínimo Weblog* no sentido de ser um digesto. Difere, contudo na natureza do noticiário analisado. Enquanto a finalidade do primeiro é de resenhar notícias publicadas na imprensa *on-line* anglófona principalmente, no segundo observa-se que a finalidade principal é de atrair audiência para o *site* do Observatório da Imprensa por meio do *blog*, uma forma também empregada pelo ciberjornal norte-americano *Christian Science Monitor* (BLOOD, 2002a, p. 21).

Seria o discurso do *Bloi* contudo, do mesmo modo que o de *No Mínimo Weblog*, uma manifestação jornalística? Os dados mostram que não, pois difere do *constructo* aqui explorado. Apesar de concebida e executada por jornalistas, o objeto é uma publicação especializada e não um jornal.

Apesar de a publicação apresentar uma variedade de informações a respeito de assuntos os mais diversos nos 11 meses em que esteve ativa em 2003, observou-se também que o foco no questionamento do *modus essendi* e do *modus operandi* do jornalismo restringiram discursivamente o público interessado no assunto.

O discurso do *Bloi* apresenta algumas variações em relação a determinados conceitos, pois resume artigos assinados por uma variedade de autores. Há, contudo, traços comuns à maioria dos enunciados. As notas remetem

constantemente à dimensão modal do “saber-fazer” e estabelecem uma antinomia: a publicação apresenta-se como detentora dessa capacidade e o actante “mídia”, vocábulo com forte poder de generalização, é apresentado como “não-capaz”. Há, portanto, um *ethos* professoral no discurso da publicação. Reforçando esse efeito de sentido, há também uma caracterização do *modus essendi* da imprensa, figurativizada como indolente e frágil, pois precisa, por exemplo, ser defendida pelos actantes associados à publicação, que publicam artigos no *site* do *Observatório da Imprensa*.

Em relação à credibilidade da publicação, o *Bloi* faz crer de dois modos distintos que, todavia, se mesclam. O discurso apela tanto para o princípio do poder quanto do saber para “fazer-crer” (GREIMAS, 1981, p. 116-133).

Da parte do princípio do poder, o *blog* e, por conseguinte, o *Observatório da Imprensa*, invocam a posse de um determinado conhecimento sobre o fazer jornalístico. É por meio dessa autoridade, é por meio da égide do saber, que a publicação invoca-se o direito de julgar a imprensa nacional e tudo que, de um modo ou de outro, estabelece uma relação com ela, como o PT²⁷² e o Judiciário²⁷³ nos excertos analisados. Sobre esse saber que fundamenta um poder²⁷⁴.

²⁷² C.f. p. 181-183.

²⁷³ C.f. p. 184-187 e 208-210.

²⁷⁴ Sobre esse poder outorgado pelo conhecimento, Wittgenstein (1979, p. 65) observa:

“A gramática da palavra ‘saber’, está claro, é extremamente aparentada com a de ‘poder’, ‘ser capaz de’. Mas também estreitamente aparentada com a da palavra ‘compreender’. (‘Dominar’ uma técnica).”

É a esse poder, a essa capacidade, a esse domínio da técnica jornalística, que a publicação remete em primeiro lugar quando pensa a atividade da imprensa.

Há todavia, um segundo recurso utilizado pela publicação que é o do saber, decorrente de modalizações aléticas e veridictórias. No caso do *Bloi*, é interessante notar que o *link* não é o principal recurso de verossimilhança do discurso. As remissões hipertextuais configuram-se muito mais como recursos perlocutórios que visam atrair o internauta para acessar o *Observatório da Imprensa* do que para provar a autenticidade do que é dito. O efeito de real no discurso se dá pelo contexto dos destaques da imprensa escrita, constantemente invocado nas notícias do *Bloi*. Já a modalização alética fundamenta-se no mesmo princípio de autoridade invocado pela publicação para julgar a imprensa, anteriormente mencionado no caso de *No Mínimo Weblog*: eles –que no caso específico são os articulistas do *Observatório da Imprensa* – sabem o que fazem ao falar isso ou aquilo, logo, deve ser verdade.

O *Bloi* é um discurso calcado na tradição jornalística, pois tende a tratar as questões a partir dessa faceta da imprensa, que foi a primeira manifestação do jornalismo. Portanto, os conceitos esgrimidos pelos articulistas em nada diferem da *práxis* da profissão. Mesmo a polêmica em torno da imparcialidade é uma querela antiga no meio, e as ciências da linguagem têm mostrado cada vez mais que é um conceito pouco consistente. A imparcialidade foi, aliás, um conceito instável no *Bloi*. Em determinadas

ocasiões ela foi valorizada, como em “Cotas: mídia toma partido”²⁷⁵, “A grita contra os juroz altos”²⁷⁶ e “Muita calma nessa hora”²⁷⁷; em outras, o princípio foi ignorado, como em “Mídia sem indignação”²⁷⁸, no caso do assassinato do índio caingangue e “A cegueira da mídia”²⁷⁹, no caso do pacifismo contra a II Guerra do Golfo.

²⁷⁵ C.f. p. 187-189.

²⁷⁶ C.f. p. 197-199.

²⁷⁷ C.f. p. 216-220.

²⁷⁸ C.f. p. 175-179.

²⁷⁹ C.f. p. 189-193.

5. Conclusões

Neste segmento final, a pesquisa reúne as descobertas mais importantes e apresenta-as. O primeiro achado, que confirma a hipótese inicial desta pesquisa²⁸⁰, é que o *weblog* pode ser jornalístico²⁸¹. Isso significa que o objeto não é intrinsecamente um recurso de redação, mas nada impede seu uso profissional. Tal constatação fundamenta-se no fato de que um dos referentes legítimos das palavras *weblog* e *blog* é de um suporte de hipertexto. Sendo portanto tal página de html uma base para os mais variados usos, tal e qual uma folha de papel, nada a princípio é um obstáculo para sua adoção pelas empresas do setor.

A legitimidade do *weblog* como recurso de imprensa não se reduz, entretanto, à constatação supracitada. A potencialidade do *blog* está também nas características do *software* de publicação, que oferece espaço para título e uma área de texto, permitindo atualização rápida e hierarquizando o conteúdo do noticiário cronologicamente. Esses traços explicam a maneira pela qual o suporte se torna, por meio da forma, congruente com o discurso jornalístico.

Outra evidência que legitima a conclusão do potencial do uso do *weblog* nas redações está no fato de que ciberjornais têm adotado esse tipo de página de hipertexto e apresentado essas experiências em áreas pertinentes ao

²⁸⁰ C.f. p. 21-22.

²⁸¹ C.f. p. 55-56.

conteúdo editorial. Ou seja, versões digitais de títulos como *O Globo* apresentam como *jornalísticos* os *blogs* produzidos por seus jornalistas²⁸².

A legitimação do *weblog* como recurso de imprensa fundamenta-se, por fim, no *constructo* apresentado nesta dissertação: um *blog* é jornalístico se for um discurso modalizado em “fazer-saber”, expresso no modo de verdade, e se estiver de acordo com as características da periodicidade, da aparição pública, da diversidade de conteúdo, do interesse geral, da atualidade e do profissionalismo.

De que maneira o *weblog* se insere como discurso da profissão? Os dois casos pesquisados evidenciaram duas formas de empregá-lo: como seção de ciberjornal²⁸³ – a situação de *No Mínimo Weblog* – e como parte de publicações especializadas – que é o caso do *Bloi*. Nesse sentido, a página de Pedro Doria está contida em uma publicação cujas características estão de acordo com o *constructo* e portanto é jornalística. Já o *Blog do Observatório da Imprensa* não se enquadra nos parâmetros apenas por um detalhe, que é sua natureza de publicação especializada.

Nos dois casos estudados, a referência dos discursos continua sendo a imprensa. Nesse sentido, há também outras coisas nítidas nesses dois enunciados: o uso de estilos ortodoxos da *práxis*, como a coluna e o digesto; a ênfase nos valores tradicionais do jornalismo; e a própria

²⁸² C.f. p. 53.

²⁸³ A pesquisa, observando os pressupostos grothianos, considerou como não-jornalísticas as publicações especializadas (c.f. p. 49).

importância implícita que essas publicações atribuem ao discurso da imprensa.

Ao valorizar a tradição, ao recortar, da miríade de *topos*, de momentos e de atores do mundo, aqueles que estão relacionados ao jornalismo, os narradores tornam esse o grande objeto de seu discurso. É para a imprensa que eles dirigem o olhar e é para lá que querem captar a atenção daqueles que navegam em seus domínios digitais. Diante dessas características, é possível constatar, pelo menos em relação ao *corpus* da pesquisa, que o *weblog* não pode ser visto como um “corpo estranho” ao jornalismo.

Se a palavra segue um devir dessacralizante, como Bakhtin observa²⁸⁴, o tipo de atividade jornalística desenvolvida nos dois *blogs* estudados sinaliza como que uma contracorrente. O *No Mínimo Weblog* e o *Bloi*, ao manterem a profissão como referência de sua atividade, sinalizam um esforço em projetar a importância da enunciação jornalística.

Uma pergunta mais complexa é qual a idéia de imprensa que essas publicações exploram, e aí a resposta exige aprofundamento. Tanto o *No Mínimo Weblog* quanto o *Bloi* caracterizam-se como discursos produzidos por profissionais de imprensa que têm o *jornalismo* como foco narrativo, como ponto organizador dos relatos. Observou-se contudo que as duas publicações diferem de perspectiva em seus enunciados.

²⁸⁴ C.f. p. 77-78.

Enquanto o *No Mínimo Weblog* dedica atenção à imprensa *on-line* anglófona, o *Bloi* volta-se para a mídia impressa brasileira.

Os dois discursos criticam o *hic*, o “aqui”, e o *nunc*, o “agora”, da enunciação, mas com efeitos de sentido diferentes. Em relação à espacialização, o Brasil é praticamente ignorado no noticiário de *No Mínimo Weblog*, enquanto no *Bloi*, a imprensa brasileira é continuamente destacada, mas de modo na maioria das vezes depreciado, seja porque não sabe fazer, seja porque é fraca e precisa de amparo.

Em relação ao tempo, os enunciados de *No Mínimo Weblog* prestigiam ora o passado como uma época figurativizada pela competência modal do “fazer-saber”, ora o futuro, projetado como uma expectativa de que a “verdade” triunfará por meio da Internet. Essa imagem positiva da tradição pode ser identificada em Pedro Doria, por exemplo, nos momentos em que os personagens do discurso são apresentados e elogiados por serem “veteranos”, ou quando ele, depreciando a superficialidade da cobertura da Guerra do Golfo, destaca ironicamente que noticiar fatos insuficientemente checados ou mal-avaliados é coisa do presente e que no “jornalismo das antigas” isso não acontecia²⁸⁵. Já no *Blog do Observatório da Imprensa*, os enunciados mostram o presente como um momento com melhores condições para a produção midiática impressa, mas essa vantagem não é assimilada pelas publicações, pois as empresas do setor não sabem fazer e não querem saber. Em vários momentos do discurso isso pode ser notado, mas a frase mais emblemática que ilustra o conceito foi o oxímoro cunhado

²⁸⁵ C.f. p. 137-140.

por Dines: “A humanidade nunca foi tão informada e nunca esteve tão desinformada”²⁸⁶.

O uso do *link* teve propósitos distintos. O *No Mínimo Weblog* utiliza-o para remissões a outros domínios na rede, o que conota valorização de uma alteridade jornalística e cria uma “prova de verdade”, um “efeito de real”, do que é afirmado. Essa estratégia é empregada, portanto, como um recurso para “fazer-crer”, que também se escora no prestígio dos títulos citados. Já no *Bloi*, ele é usado para se acessar o *site* do *Observatório da Imprensa*. O *link* tem, portanto, um papel auto-referencial, que ignora a alteridade, parafraseando a si mesmo. Em relação às táticas do “fazer-crer”, o título reporta-se à mídia impressa, utilizando-a como referente do discurso, exigindo do co-enunciador o hábito de ler jornais. A publicação utiliza também a auto-invocada competência modal do “saber-fazer” como tática complementar para se “fazer-crer”, construindo um *ethos*, um tom, de autoridade, de eminência hierárquica, no ato da enunciação.

Apesar de ambos expressarem uma insatisfação em relação à imprensa, em *No Mínimo Weblog* as empresas jornalísticas sabem fazer, mas querem também esconder esse saber do público, o que conota um actante competente, mas mal-intencionado. No *Bloi*, a imprensa não sabe e não quer saber, o que pressupõe uma idéia de ator incompetente, abúlico e preguiçoso, incapaz de tomar decisões. Essas percepções tornam-se mais nítidas, no caso da seção de Pedro Doria, quando a coluna *denuncia* a omissão de informações de jornais como o *Newsday*, sobre o suposto

²⁸⁶ C.f. p. 189.

desmantelamento da Al Qaeda²⁸⁷, ao *informar* que a CNN seria submetida à censura²⁸⁸, ou ao *relatar* que a Agência de Notícias UPI teria suprimido uma nota avisando das intenções de Washington de invadir a Síria²⁸⁹. Já no caso da coluna do *Observatório da Imprensa*, a crença na inaptidão e na falta de vontade dos jornais de cumprir sua missão pode ser notada nas críticas às coberturas da posse do presidente Lula²⁹⁰, da Cúpula dos Açores²⁹¹ e da taxa Selic²⁹², na repreensão ao modo pelo qual a mídia impressa tratou a suposta clonagem humana anunciada por uma seita²⁹³; à forma como lidou com a campanha publicitária da IBM²⁹⁴ e ao analisar o suposto vazio deixado pela morte de Roberto Marinho²⁹⁵.

A solução imaginada por cada uma das publicações é, conseqüentemente, distinta: em *No Mínimo Weblog* atribui-se à Internet um papel de compromisso com a verdade, impondo a modalidade alética (“dever-ser” verdadeiro) à imprensa, obrigando-a a exercer sua competência no espaço público. A rede mundial de computadores, na seção de Pedro Doria, *revelou* o desmantelamento da rede terrorista de Osama Bin Laden²⁹⁶; iria contar a Guerra do Golfo como ela é, graças a uma *webcam*²⁹⁷; permite que norteamericanos sejam informados da *verdade* por meio do jornal britânico *The*

²⁸⁷ C.f. p. 106-111.

²⁸⁸ C.f. p. 114-116.

²⁸⁹ C.f. p. 127-129.

²⁹⁰ C.f. p. 167-172.

²⁹¹ C.f. p. 189-194.

²⁹² C.f. p. 197-199.

²⁹³ C.f. p. 172-175.

²⁹⁴ C.f. p. 199-201.

²⁹⁵ C.f. p. 130-132.

²⁹⁶ C.f. p. 106-111.

²⁹⁷ C.f. p. 114-116.

*Guardian*²⁹⁸ e da Al Jazira²⁹⁹ e desbarata o *esquema de engodo* das grandes gravadoras por meio do Napster³⁰⁰. Já no *Bloi*, a própria instituição seria o agente que impõe a modalidade alética, pois ela se atribui o papel de fiscalizar a imprensa, impedindo-a de ser abúlica, obrigando-a a ser douda. Quem revela verdades, no caso do *blog do Observatório da Imprensa*, é a própria instituição, ao se atribuir o papel de julgar os jornais, condenando as supracitadas coberturas, clamando indignação ou, inversamente, pedindo serenidade no tratamento dos assuntos acompanhados pelos jornais.

Ainda sobre as críticas à imprensa, *No Mínimo Weblog* tende a privilegiar, na maioria das vezes, efeitos de particularização, mas dirige-se assiduamente à grande imprensa anglófona. Nas duas únicas vezes em que mencionou empresas brasileiras de peso, louvou-as, o que revela uma contradição³⁰¹. Já o *Bloi* opta, preliminarmente por uma escolha lexical que cria efeitos de sentido de forte generalização, articulando uma trama argumentativa que não abre exceções para apontar os defeitos do actante.

No decorrer desta investigação, foi possível identificar modalidades diversificadas do emprego do *blog* por ciberjornais. Em janeiro de 2003, por exemplo, o *Florida Today*³⁰² decidiu fazer a cobertura da missão da nave espacial Columbia no formato *blog*³⁰³. Foi, até onde pudemos apurar, a

²⁹⁸ C.f. p. 119-120.

²⁹⁹ C.f. p. 120-122.

³⁰⁰ C.f. p. 143-146.

³⁰¹ C.f. p. 160.

³⁰² [<http://www.floridatoday.com>].

³⁰³ [<http://www.floridatoday.com/journal/020103landing.htm>].

primeira vez que um órgão de imprensa adotou esse formato para acompanhar eventos.

Outros exemplos são os já citados *blogs* de *O Globo*, que, apesar de também serem, do mesmo modo que o *No Mínimo Weblog* e o *Bloi*, colunas jornalísticas, costumam privilegiar a apuração de informações de um modo mais usual na atividade. Ou seja, as seções não se apresentam, na maioria dos casos, como digesto, mas sim como as colunas jornalísticas do ambiente *off-line*. São profissionais cujo discurso se fundamenta não apenas em outras publicações, mas sim em fontes governamentais, empresariais e de instituições sociais e acadêmicas preeminentes, como centrais sindicais e instituições de pesquisa universitária.

Tanto a primeira quanto a segunda manifestação poderiam ser devidamente investigadas em novos trabalhos acadêmicos. A apropriação pela imprensa do conceito sinaliza um esforço de assegurar, nessa nova era, a manutenção do espaço privilegiado da atividade em um contexto de banalização da palavra. O próprio cerne do fazer *blogueiro*, que consiste na indexação por meio de *links*, muitas vezes remetendo à imprensa, e a natureza amadorística da ação, que pressupõe exercê-la de modo assistemático, sem meios nem metodologia para produzir informações, tendem a tornar o vozerio dos *blogs* uma quimera, uma ilusão de poder, quando praticados amadoristicamente. Sobre a discussão a respeito do potencial libertário dos *weblogs*, apresentada nesta introdução³⁰⁴, a pesquisa não permite conclusões categóricas, mas esses quase três anos

³⁰⁴ C.f. p. 18.

de pesquisa apontam para o descrédito da hipótese dos entusiastas, de que estamos diante de um cavalo-de-tróia. Se a miríade de discursos no mundo *off-line* for reproduzida no ciberespaço, de modo algum isso, por si, mudará as relações de poder, pois o fato de um discurso estar ao alcance de poucos cliques não abala o *status quo*. Nas sociedades democráticas, como Tocqueville já alertava no século XIX, o poder da maioria não se exerce por meio da censura, mas sim pelo isolamento daqueles que dele divergem³⁰⁵.

Se contudo o acesso aos enunciados é uma tática irrelevante para a subversão do sistema de poder, a hipótese contrária, de que os *weblogs* são apenas alarido³⁰⁶ também peca pela ingenuidade: cada novo suporte é um desafio para o engenho humano, e o livro de Salam Pax³⁰⁷ aponta que o potencial criativo desse recurso de página de hipertexto será ainda mais explorado no futuro.

Esta dissertação chega, nestes primeiros dias de fevereiro de 2006, a seu desfecho. Foram pouco mais de 1.050 dias de trabalho intenso que proporcionaram o sabor do saber. Se “*Paris vaut bien une messe*”³⁰⁸, conforme o adágio de Henrique IV da França, a satisfação obtida pelos conhecimentos acumulados trouxe também um sentimento de missão cumprida: foi uma conquista do intelecto, alcançada mediante a aventura de desbravar o novo e deixar uma modesta, mas legítima marca de pioneirismo na reflexão acadêmica.

³⁰⁵ C.f. TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América*. 2 ed. São Paulo : USP, 1977, p196-198.

³⁰⁶ C.f. p. 18.

³⁰⁷ C.f. PAX, Salam. *O Blog de Bagdá*. São Paulo : Companhia das Letras, 2003.

³⁰⁸ “Paris vale bem uma missa”.

6. Bibliografia

ALMOYNA, Julio Martinez. Dicionário de Espanhol-Português. 2 ed. Porto : Porto Editora, 1988.

AQUINO, Santo Tomás de. *Questões discutidas sobre a verdade*. In: Santo Tomás de Aquino, Dante Alighieri, John Duns Scot, William of Ockham. 2 ed. Os Pensadores. São Paulo : Abril Cultural, 1979.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. In: Aristóteles (II). Os Pensadores. São Paulo : Abril Cultural, 1979.

ARISTOTLE. *Treatise on rhetoric*. New York : Prometheus Book, 1995.

AUSTIN, John Langshaw. Outras mentes. In: Gilbert Ryle, John Langshaw Austin, Willard Van Orman Quine e Peter Frederick Strawson. Os Pensadores. São Paulo : Abril Cultural, 1980.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo : Hucitec; Brasília : Edunb, 1999.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo : Martins Fontes, 1997a.

_____. *Le Marxisme et la philosophie du langage*. Paris : Minuit, 1977.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévsky*. 2 ed. rev. Rio de Janeiro : Forense, 1997b.

BARBOSA, Elisabete e GRANADO, António. *Weblogs: diário de bordo*. Porto : Porto Editora, 2004.

BARTHES, Roland. *A aula*. São Paulo : Cultrix, 1987a.

_____. *Rumor da língua*. Lisboa : Edições 70, 1987b.

BAUSCH, Paul; HAUGHEY, Matthew e HOURIHAN, Meg. *We Blog: publishing online with weblogs*. Indianapolis (USA) : Wiley Publishing, 2002.

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução*. In: Benjamin Adorno Horkheimer Habermas. *Os Pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, 1980.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas : Pontes, 1995.

BERELSON, Bernard e STEINER, Gary A. *Human behavior: an inventory of scientific findings*. New York-Chicago : Harcourt-Brace, 1964.

BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru : Edusc, 2003.

BLOOD, Rebecca (org.). *We've got blog: how weblogs are changing our culture*. Cambridge (USA) : Perseus, 2002a.

_____. *The weblog handbook*. Cambridge (USA) : Perseus, 2002b.

BOURDIEU, Pierre. *Outline of a Theory of Practice*. Cambridge : Cambridge University Press, 1977.

BOWMAN, Shayne e WILLIS, Chris. *We media: how audiences are shaping the future of news and information*. 2004. Disponível em [<http://www.americanpressinstitute.org/mediacenter/research/wemedia/>]. Acessado em 9 de janeiro de 2004.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*, v. 1. 7 ed. rev. e ampl. São Paulo : Paz e Terra, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo : Contexto, 2004.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alan. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro : José Olympio. 1993.

COURTÉS, Joseph. *L'énonciation comme acte sémiotique*. Limoges : Presses Universitaires de Limoges (Pulim), 1998.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro : Fundação Nacional de Material Escolar (Fename), 1975.

DELEUZE, Gilles e GUATARRI, Félix. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*, v. 2. Rio de Janeiro : 34, 1995.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Instituto Antonio Houaiss. Versão 1.0. Rio de Janeiro, 2001. (1 CD-ROM)

DUBOIS, J. *et al. Retórica geral*. São Paulo : Cultrix-Edusp, 1974.

DUCROT, Oswald e TODOROV, Tzvetan. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. 3 ed. São Paulo : Perspectiva, 2001.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação*. 2 ed. São Paulo : Ática, 2001.

FOWLER, Roger. *Language in the news: discourse and ideology in the press*. 3 ed. London-New York : Routledge, 1994.

GANS, Hebert J. *Deciding what's news: a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek, and Time*. 2 ed. Evanston : Northwestern University Press, 2004.

GOVE, Philip Babcock. *Webster's Third New International Dictionary*. Springfield (Mass.) : Merrian-Webster, 1993.

GOOGLE RACHÈTE L'ÉDITEUR DE BLOGGER. YAHOO.FR. Disponível em [<http://fr.news.yahoo.com/030218/85/321nb.html>]. Acessado em 26 de fevereiro de 2003.

GREIMAS, Algirdas Julien e COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo : Cultrix, 1989.

_____. *Du sens II: essais sémiotiques*. Paris : Seuil, 1983.

GROTH, Otto. *Die Zeitung*. V. I. Berlin : J. Bensheimer, 1928.

HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, s/d.

KANTEL, Jörg. *Vom Weblog lernen*. In: BlogTalk - A European Conference On Weblogs: web-based publishing, communication and collaboration tools for professional and private use. Vienna, May 23-24, 2003. Disponível em [<http://blogtalk.net/presentations/blogtalktext.pdf>]. Acessado em 14 de julho de 2003.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. 10 ed. São Paulo : Ed. 34, 2001a.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 2 ed. São Paulo : Cortez, 2002.

_____. *Approche de l'énonciation en linguistique française*. Paris : Hachette, 1981.

_____. *Ethos, scénographie, incorporation*. In: *Images de soi dans le discours: la construction de l'ethos*. Lausanne : Delachaux et Niestlé, 1999.

_____. *Genèses du discours*. Bruxelles : Pierre Mardaga, Editeur, 1984.

_____. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas : Pontes, 1997.

_____. *O contexto da obra literária*. 2 ed. São Paulo : Martins Fontes, 2001.

_____. *Termos-chave da análise do discurso*. 2 ed. Belo Horizonte : UFMG, 2000.

MCLUHAN, Marshall e FIORE, Quentin. *The medium is the message: an inventory of effects*. New York : Bantam Books, 1967.

MOURA, Catarina. *O jornalismo da era Slashdot*. Janeiro de 2002. Disponível em [<http://www.bocc.ubi.pt/pag/moura-catarina-jornalismo-slashdot.pdf>]. Acessado em 1º de março de 2003.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo : Unesp, 1999.

PERELMAN, Chaïm e OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado de argumentação*. São Paulo : Martins Fontes, 2005.

PEYRET, Emmanuelle. Les “jouebs”, stars editoriales du web. *Libération*, 25/9/2002. Disponível em [<http://www.libe.fr/page.php?Article=55024>]. Acessado em 22 de dezembro de 2002.

PISANI, Francis. *¿Y ahora qué?* Sala de prensa. Prólogo do livro *Explorando el ciberperiodismo iberoamericano*. Disponível em [http://www.saladeprensa.org/art368.htm]. Acessado em 23 de fevereiro de 2003.

PROPP, Vladímir. *Comicidad e riso*. São Paulo : Ática, 1992.

QUÉRÉ, Louis. *Des miroirs équivoques*. Paris : Aubier Montaigne, 1982.

RABAÇA, Carlos Alberto e BARBOSA, Gustavo Guimarães. Dicionário de Comunicação. 2 ed rev. e atualiz. Rio de Janeiro : Campus, 2001.

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na Internet*. Cópia xerográfica. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. São Paulo : Perspectiva. 1972.

TOLEDO, Dionísio de Oliveira (org). *Teoria da literatura: formalistas russos*. Porto Alegre : Globo. 1976.

VERON, Eliseo. *Les médias en réception: les enjeux de la complexité. Médiaspouvoirs*, janvier-février-mars, 1991, n° 21, Paris : Bayard Presse.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. In: Wittgenstein. 2 ed. Os Pensadores. São Paulo : Abril Cultural, 1979.

WINER, Dave. *The history of weblogs*. Disponível em [http://newhome.weblogs.com/historyOfWeblogs]. Acessado em 27 de fevereiro de 2003.

ZAMITH, Fernando. *Blog-jornais: as experiências da Universidade do Porto*. I Encontro Nacional sobre Weblogs, Universidade do Minho (Portugal), 19/9/2003. Disponível em [http://bocc.ubi.pt/pag/zamith-fernando-blog-jornais.pdf]. Acessado em 7 de janeiro de 2004.

7. Glossário

Actante – “O actante pode ser concebido como aquele que realiza ou que sofre o ato, independente de qualquer outra determinação (...) O conceito de actante substitui com vantagem, mormente na semiótica literária, o termo personagem, e também ‘*dramatis persona*’, visto que não cobre só seres humanos, mas também animais, objetos e conceitos” (GREIMAS e COURTÉS, 1989, p. p. 12-13).

Actorialização – “Actorialização é um dos componentes da discursivização que está fundada (...) sobre a ativação das operações de debreagem e embreagem. O que caracteriza o procedimento da actorialização é o fato de visar instituir os atores do discurso pela reunião dos diferentes elementos dos componentes semântico e sintático” (GREIMAS e COURTÉS, 1989, p. p. 14).

Antienunciatário – No sentido adotado nesta pesquisa, significa aquele contra quem o discurso estabelece uma oposição (COURTÉS, 1998, p. 30).

Antropônimo – O termo é usado para definir atores com nomes próprios (GREIMAS e COURTÉS, 1989, p. p. 23).

Apodioxe – O vocábulo, no contexto desta dissertação, significa figura de retórica pela qual um argumento é rejeitado, por ser absurdo, sem que se recorra à discussão.

Aspectualização – Aspectualização é, neste estudo, “a disposição, no momento da discursivização, de um dispositivo de categorias (...) mediante as quais se revela a presença implícita de um actante observador” (GREIMAS e COURTÉS, 1989, p. 28-29).

Ato de linguagem – É aqui entendido como “a menor unidade que realiza, pela linguagem, uma ação (ordem, solicitação, asserção, promessa...) destinada a modificar a situação dos interlocutores. O co-enunciador só poderá interpretá-la se reconhecer o caráter intencional do ato do enunciador” (MAINGUENEAU, 2000, p. 16). V. [“ato ilocutório” e “ato perlocutório”].

Ato ilocutório – Ato ilocutório é aquele cuja “enunciação da frase constitui em si mesma um certo ato (uma certa transformação das relações entre os interlocutores): realizo o ato de prometer ao dizer ‘prometo...’, o de interrogar, dizendo ‘Será que...?’ (...) o ato ilocutório não é a conseqüência, lógica ou psicológica, do conteúdo intelectual expresso na frase pronunciada e que ele se realiza pela existência de uma espécie de cerimonia social, que atribui a tal fórmula, empregada por uma pessoa, em tais circunstâncias, um valor particular” (DUCROT e TODOROV, 2001, p. 304) (ver também “ato de linguagem” e “ato perlocutório”).

Ato perlocutório – A locução é, no contexto desta pesquisa, aquele que “produz um efeito sobre o interlocutor” (GREIMAS e COURTÉS, 1989, p. 331), seja para ajudar o enunciatário, seja para prejudicá-lo, seja ainda para

levá-lo a fazer alguma coisa. (ver também “ato de linguagem” e “ato ilocutório”).

Catáfora – O vocábulo é usado no sentido de um termo condensado que antecede uma expansão sintagmática (GREIMAS e COURTÉS, 1989, p. 331). É, por exemplo, um pronome que antecede um nome, como no exemplo: “Pois, quem melhor do que **ele** poderia compreendê-la no seu penar e, portanto, amá-la – quem senão **ele**, **Sílvio Iberê**, que trazia da longínqua infância a marca da predestinação ao sofrimento?” (NEVES, 1999, p. 449).

Co-enunciador – A palavra remete, nesta obra, ao mesmo sentido de enunciatário.

Conectores argumentativos – São “os morfemas que têm por função ligar dois enunciados” (MAINGUENEAU, 1997, p. 160) e como eles são empregados para criar efeitos de sentido persuasivos.

Cronotopia – Aplicou-se o termo do modo que Bakhtin (1997a, p. 373) o define: como algo histórica e geograficamente determinado.

Debreagem – Nesta pesquisa, o vocábulo é empregado do seguinte modo: “A debreagem consiste (...) em disjuntir do sujeito, do espaço e do tempo da enunciação e projetar na enunciação um não-eu, um não-aqui e um não-agora. Como nenhum eu, aqui ou agora inscritos no enunciado são realmente a pessoa, o espaço e o tempo da enunciação, uma vez que estes são sempre pressupostos, a projeção da pessoa, do espaço e do tempo da

enunciação no enunciado é também uma debreagem” (FIORIN, 2001, p. 43).

Debreagem actancial enunciativa – A locução é usada nesta pesquisa como o discurso em que o “não-eu” é enunciado como um “eu” (FIORIN, 2001, p. 43-44). Por exemplo: “– **Eu** já disse que não vou ao casamento –, afirmou **Joaquim** para Custódio” (Ver também “embreagem actancial enunciativa”).

Dêixis – No contexto dessa pesquisa, o vocábulo é empregado no sentido de “a localização e a identificação de pessoas, objetos, processos, eventos e atividades (...) em relação ao contexto espaciotemporal, criado e mantido no ato de enunciação” (LYONS, apud CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2004, p. 148). O foco da pesquisa foi o modo pelo qual os *blogs* descreviam as ações dos meios de comunicação e como as semantizaram na narrativa.

Disforização – “Disforia é o termo negativo da categoria tímica, que serve para valorizar os microuniversos semânticos – instituindo valores negativos – e para transformá-los em axiologias. A categoria tímica articula-se em euforia/disforia e comporta, como termo neutro, a aforia” (GREIMAS e COURTÉS, 1989, p. 130) (veja também “euforização”).

Embreagem – Embreagem deve ser compreendida nesta investigação como a “operação enunciativa pela qual o sujeito da fala retorna à enunciação, a partir da debreagem, e identifica o sujeito do enunciado com a instância da enunciação: ele instala, nesse caso, as categorias pessoais da primeira e da segunda pessoa (eu/tu) e os dêiticos espaciais (aqui, lá) e

temporais (agora, ontem...). Essa operação é correlativa à debreagem, anterior e pressuposta” (BERTRAND, 2003, p. 418).

Embreagem actancial enunciativa – A locução é usada nesta pesquisa como o discurso em quem um elemento do sistema enunciativo (o actante “eu” ou “tu”) apresenta-se no discurso como um “eu” ou “tu”(FIORIN, 2001, p. 51) (Ver também “debreagem actancial enunciativa”).

Enunciador – O termo obteve sentidos diversos na história da Análise do Discurso, como pode ser visto em Maingueneau e Charaudeau (2004, p. 196-201), mas esta pesquisa adota a acepção mais corriqueira, proposta por Greimas e Courtés (1989, p. 150): trata-se do “destinador implícito da enunciação”.

Enunciatário – A dissertação emprega o termo no sentido proposto por Greimas e Courtés (1989, p. 150): “o enunciatário correponderá ao destinatário implícito da enunciação”.

Espacialização – “Espacialização aparece como um dos componentes da discursivização (...) Comporta, em primeiro lugar, procedimentos de localização espacial, interpretáveis como operações de debreagem e de embreagem efetuadas pelo enunciador para projetar para fora de si e aplicar no discurso enunciado uma organização espacial mais ou menos autônoma, que serve de quadro para a inscrição dos programas narrativos e de seus encadeamentos. A espacialização inclui, por outro lado, procedimentos de programação espacial, graças aos quais se realiza uma disposição linear dos espaços parciais (obtidos pela localização), conforme

a programação temporal dos programas narrativos” (GREIMAS e COURTÉS, 1989, p. 130).

Ethos – O conceito de ethos é apresentado no capítulo dois desta dissertação (c.f. p. 85-91).

Etopéia – Descrição em um discurso, do temperamento, do caráter e das paixões de uma ou mais actantes.

Euforização – A expressão é utilizada neste estudo no sentido de valorização axiológica de um determinado elemento do discurso (veja também “disforização”) (BERTRAND, 2003, p. 420).

Figurativização – Figurativização é, nesta pesquisa, o conjunto de procedimentos mobilizados em um determinado discurso para estabelecer valores e funções a determinados personagens em um enunciado (GREIMAS e COURTÉS, 1989, p. 185-186).

Héxis – A palavra ἕξις tem origem no grego e significa “estado”, “característica” e “hábito”. O termo é empregado aqui do modo como Pierre Bourdieu o emprega: “Body hexis speaks directly to the motor function, in the form of a pattern of postures that is both individual and systematic, because linked to a whole system of techniques involving the body and tools, and charged with a host of social meaning and values”³⁰⁹ (BOURDIEU, 1977, p.

³⁰⁹ “A héxis corporal volta-se diretamente à função motora, sob o modo de um padrão de posturas que é tanto individual quanto sistemático, porque é vinculado a um conjunto de sistemas e técnicas

87). Na análise do discurso, por extensão, o termo é aplicado para identificar o efeito de sentido dessas posturas do corpo no enunciado.

Isotopia – Trata-se de uma expressão com mais de um sentido na Análise do Discurso. No contexto desta pesquisa, a palavra foi empregada como a recorrência de categorias de sentido, temáticas ou figurativas. Quando se afirma, por exemplo, “esse homem é um leão”, cria-se uma isotopia actancial entre duas classes de actantes (GREIMAS e COURTÉS, 1989, p. 246-247).

Modalização – Modalização designa aqui “a atitude do sujeito falante em relação ao seu próprio enunciado, atitude que deixa marcas de diversos tipos (morfemas, prosódias, mímicas...). Muitas dessas marcas são unidades discretas, ao passo que a modalização é um processo contínuo” (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2004, p. 336). Algumas das modalizações mais usadas na Análise do discurso, segundo Greimas e Courtés (1989, p. 283), podem ser agrupadas na seguinte tabela:

Modalidades	Virtualizantes	Atualizantes	Realizantes
Exotáticas	Dever	Poder	Fazer
Endotáticas	Querer	Saber	Ser

Modalização alética – Trata-se de um jogo semântico estabelecido por quatro variáveis: dever ser (necessidade); não dever e não ser

que envolvem o corpo e as ferramentas, e é carregada de uma gama de sentidos sociais e de valores”. [Tradução do autor].

(possibilidade), dever não ser (impossibilidade) e não dever ser (contingência) (GREIMAS e COURTÉS, 1989, p. 17).

Modalização deôntica – Trata-se de um jogo semântico estabelecido por quatro variáveis: dever fazer (prescrição), dever não fazer (interdição), não dever não fazer (permissividade) e não dever fazer (facultatividade) (GREIMAS e COURTÉS, 1989, p. 107-108).

Modalizações endotáxica – São aquelas “que ligam sujeitos idênticos ou em sincretismo” (GREIMAS e COURTÉS, 1989, p. 283): o querer, o saber e o ser.

Modalizações exotáxica – São aquelas “capazes de entrar em relações translativas (de ligar enunciados que têm sujeitos distintos)” (GREIMAS e COURTÉS, 1989, p. 283): o dever, o poder e o fazer.

Modalização veridictória – Trata-se de um jogo semântico estabelecido por quatro variáveis: parecer e ser (verdade), não parecer e não ser (falsidade); não parecer e ser (segredo), não ser e parecer (mentira).

Modalização volitiva – Trata-se de um jogo semântico estabelecido por dois jogos combinatórios: um entre o querer e o fazer e outro entre o querer e o ser. No primeiro caso, as variações são: querer fazer, não querer fazer, querer não fazer e não querer não fazer. O segundo é: querer ser, não querer ser, querer não ser e não querer não ser (GREIMAS e COURTÉS, 1989, p. 369-370).

Modo de verdade – No contexto desta investigação, a locução remete ao conceito de modalização veridictória de Greimas e Courtés (1989, p. 488), daquilo que “é” e que “parece ser”. Trata-se de um princípio que se fundamenta na verossimilhança.

Onomastização – O termo é usado no sentido de recurso discursivo incluso no processo de figurativização (GREIMAS e COURTÉS, 1989, p. p. 316).

Patêmico – “Neologismo formado com a raiz pathos e o sufixo -ema, -êmico. Tal sufixo que se encontra na lingüística em ‘fonema’, ‘sema’, ‘semema’, etc. (e por extensão, na antropologia, em ‘mitema’) designa a unidade mínima de descrição de um fenômeno no campo de pertinência das ciências da linguagem. O ‘patema’ é assim uma unidade semântica do domínio passional. Seu emprego evita qualquer confusão com uma abordagem psicológica do universo afetivo no âmbito do discurso” (BERTRAND, 2003, p. 426).

Perífrase – Frase ou recurso verbal que exprime aquilo que poderia ser expresso por menor número de palavras.

Situação do discurso – O vocábulo significa, no contexto desta dissertação, “o conjunto das circunstâncias no meio das quais se desenrola um ato de enunciação” (DUCROT e TODOROV, 2001, p. 297).

Tematização – O termo “tematização” é empregado aqui no sentido de “procedimento (...) que, tomando valores (da semântica fundamental) já atualizados (em junção com os sujeitos) pela semântica narrativa, os

dissemina, de maneira mais ou menos difusa ou concentrada, sob a forma de temas, pelos programas e percursos narrativos” (GREIMAS e COURTÉS, 1989, p. 454).

Temporalização - “A temporalização consiste, como seu nome indica, em produzir o efeito de sentido ‘temporalidade’ e em transformar, assim, uma organização narrativa em ‘história” (GREIMAS e COURTÉS, 1989, p. 455).

Verbo performativo – “Na terminologia de J. L. Austin, e em oposição aos verbos constativos (que, segundo ele, têm por função somente descrever uma situação, uma ação, etc), os verbos performativos seriam aqueles que não apenas descreveriam a ação de quem os utiliza, mas que também e, ao mesmo tempo, implicariam a própria ação” (GREIMAS e COURTÉS, 1989, p. 330).

8. Apêndice A: Dados quantitativos do material

A pesquisa investiga a totalidade dos enunciados dos dois *blogs* no decorrer do ano de 2003. O recorte foi escolhido por representar uma segmentação representativa das publicações. A coleta de material foi feita do seguinte modo:

1. Em relação ao *Blog do Observatório da Imprensa (Bloi)*, a pesquisa coletou o material que se encontra arquivado no *site*, na coluna esquerda da página, sob o título “Semanas anteriores”.
2. Em relação ao *No Mínimo Weblog*, foram arquivadas as *newsletters* do período, que reproduziam a referida página. Para isso, foi feita uma assinatura do conteúdo ainda em 2002. No decorrer de 2003, o material foi sistematicamente arquivado em e-mail para consultas.

A pesquisa identificou, no período de 2003, 830 notícias que continham 764.188 caracteres³¹⁰.

Para se chegar ao número de notícias, a pesquisa considerou como notícia cada um dos blocos de textos encimados por um título. Em relação à contagem dos caracteres, os enunciados foram convertidos de HTML para texto por meio do programa “Bloco de Notas”, existente no Windows, e depois colocados em um arquivo de Word 2000. Mediante o recurso “contar

³¹⁰ Caractere deve ser compreendido aqui como letra do alfabeto, algarismo, sinal de pontuação ou símbolo de qualquer natureza que pode ser introduzido em um computador pelo teclado ou por outro dispositivo de entrada, assim como exibido na tela ou em outro dispositivo de saída.

palavras”, obtinha-se o volume de texto existente. Para efeito de cálculo, registrou-se a opção “Caracteres com espaço” do *software*. O número de caracteres tornou-se um critério importante para a medição porque traduz com maior fidelidade a dimensão dos textos apreciados. Nos dois gráficos de linhas a seguir, o volume da produção mensal dos dois *blogs* pode ser observado com detalhes.

Tabela 2: Produção mensal dos dois *blogs* por número de caracteres em 2003

Tabela 3: Produção mensal dos dois *blogs* por número de notícias em 2003

O que ressalta na observação do material coletado é a inconstância de ritmo de produção.

Em relação ao número de caracteres, o *No Mínimo Weblog* predomina com 79,95% do material (610.943 caracteres) e o *Bloi* tem 20,05% (153.245 caracteres). O mesmo conceito de gráfico de torta foi aplicado a seguir para ilustrar esses achados.

Tabela 4: Produção de notícias dos *blogs* por número de caracteres em 2003

Quanto ao número de notícias, a pesquisa constatou que o *No Mínimo Weblog*, teve 681 (82,05%) e o *Blog do Observatório da Imprensa* apresentou 149 notícias (17,95%). O gráfico a seguir ilustra essas proporções.

Tabela 5: Volume de notícias publicadas pelos dois *blogs* em 2003

A pesquisa buscou também identificar uma média de caracteres por notícia de cada uma das publicações. Para isso, usou o conceito de média aritmética: calculou a totalidade dos caracteres dos enunciados e dividiu pelo número de notícias, o que levou à conclusão de que as notas do *No Mínimo Weblog* têm 897 caracteres e as do *Bloi*, 1.028, como pode ser visto no gráfico de barras a seguir. O achado é representativo pois ajuda na compreensão dos estilos discursivos e nas variações estilísticas observadas entre eles.

Tabela 6: Média de caracteres por notícia dos dois *blogs* em 2003

Tabela 7: Gráfico da média de caracteres por notícia do *No Mínimo Weblog* em 2003

Tabela 8: Gráfico da média de caracteres por notícia do *Bloi* em 2003

9. Anexo A: textos de *No Mínimo Weblog*

Questão de pele

31.12.2003 | É hora de fazer as contas do ano. Em 2003, por exemplo, o mundo gastou 8 bilhões de dólares em gilete. (Só nos EUA, 90% dos homens fazem a barba em média cinco dias por semana.)

O hábito de tirar a barba (ou quaisquer outros pêlos) só deslanchou em 1903, quando a Gillette lançou sua lâmina descartável. Apesar do centenário, é hábito velho à beça: os egípcios já tiravam tudo – ou, bem, quase tudo.

Aliás, das mais de 5.000 espécies de mamíferos, poucos são quase sem pêlos: elefantes, rinocerontes, hipopótamos, golfinhos, baleias, leões marinhos, ratos pelados e, bem, nós. (Listar os humanos aí pode ser discutível: os pêlos do macho da espécie são curtos e finos, portanto muito da pele está exposta; porém, em número, é compatível com diversos dos primos símios.)

Aprende-se o diabo lendo a Economist. via Metafilter []

Votos

31.12.2003 | Feliz ano novo, gente boa. []

Hora de novidade

30.12.2003 | A guerra das buscas prometida para 2004 pode vir a ser mais complexa (ou mais simples) do que antevisto: o Google não é mais o mesmo.

Desde seu lançamento, o dito melhor site de busca de todos os tempos conta com um sistema chamado Page Rank. Trocando em miúdos, quanto mais sites punham um link para determinada página, mais valiosa ela era. Quanto mais recentes os links, maior o ranking

Assim era: é cada vez maior a impressão da trupe experiente da rede de que o Page Rank foi enterrado e sua morte esqueceram de anunciá-la. E os culpados são, provavelmente, os blogs.

Blogs são um bocado viciados: muitos repetem o que os outros já disseram, amigos trocam links a torto e a direito, repercutindo um o que o outro diz. Isto distorce o ranking do Google.

Mas o fim do sistema inovador de destaque das páginas tem outra característica: o prezado leitor tem passado pelo bom e velho Altavista ultimamente? A qualidade das buscas está cada vez mais parecida. via Robot Wisdom []

Permalink)

Lenda urbana

30.12.2003 | Os esquimós têm uma penca de nomes para neve, todo mundo sabe. Pois é, acontece: todo mundo sabe errado. São quinze nomes.

Em inglês, são vinte. via Guardian Weblog []

Permalink)

Com a boca na botija

29.12.2003 | Não é apenas no Brasil: este policial novaiorquino, por exemplo, tinha um blog. (Já saiu do ar.) Assinava com pseudônimo mas pertencia à NYPD. Falava horrores: que não atendia ligações; dava multas de trânsito para quem o irritava; descia o cacete em gente.

Por conta das pistas que ele deixou no blog, o Departamento de Polícia foi capaz de localizá-lo. A demissão o espera. via [Obscure Store](#) []

[Permalink](#))

Questão de atraso

29.12.2003 | Esta que segue não é recomendada a consumidores compulsivos. Para aqueles, porém, que procuram presentes esquecidos, a loja virtual indiana Exotic India está com uma promoção bacana: a taxa de entrega, via FedEx, é por conta da casa até o dia 31.

De saris a pashminas, bijuterias e jóias, estatuetas – dependendo do gosto da moça, pode ser um presente e tanto. Tem coisa um bocado em conta.

(Custa, no entanto, um cuidado aos desatentos: suásticas são também símbolos rituais hindus. Podem, deste lado de Greenwich, ser profundamente ofensivas.) []

[Permalink](#))

Auxílio à Pérsia

29.12.2003 | As doações para vítimas do terremoto no Irã podem ser feitas online, com cartão de crédito, no site da Relief International. via [Iranian truth](#) []

[Permalink](#))

Quem diria

27.12.2003 | K-Y serve para muitas coisas. Lubrificante de rodinhas em patins, remoção de etiquetas coladas na capa de livros, gel de cabelo... via [La di da](#) []

Sem censura

26.12.2003 | A Playboy lista as 10 cenas de nudez feminina mais memoráveis dos tempos recentes.

Em número um, Phoebe Cates, em *Picardias estudantis* – filme teen de 1982 que lançou uma penca de atores, entre eles Sean Penn e Nicolas Cage.

Em segundo, *A senha: Swordfish*, com Hale Barry. Sharon Stone segue em terceiro no *Instinto Selvagem*, e daí vai.

A lista completa (e as imagens), lá. []

Coisa carioca

26.12.2003 | E os gringos encantados com os cartazes pintados a mão pelo Paulinho. via [Plep](#) []

Aquele ho-ho-ho

25.12.2003 | Papai Noel tem suas origens na Europa do norte em tempos anteriores ao cristianismo. É um ícone pagão.

Nas tradições deste povo, que ia da Lapônia (Finlândia) à Rússia, consumia-se um cogumelo muito bonito chamado *Amanita muscaria*, seu caule branco, o topo vermelho marcado com pontinhos brancos. Muito comum em qualquer livro de contos de fadas e duendes e quetais.

É venenoso e seu consumo precisa ser cercado de técnica: se tomado corretamente, é também barbaramente alucinógeno. Preparado pelos xamãs dos norte-europeus, era consumido ritualmente para ativar experiências transcendentais.

Quem o consome fica com o rosto ruborizado, as bochechas bastante vermelhas. E alegre. Os tons da roupa de Papai Noel são os do cogumelo, e assim os coletores de cogumelo se vestiam: manto de lã vermelha e botas negras. O sorriso cheio de rubores e as risadas à toa são sintoma típico.

No Século 4, a Igreja Católica fez de um certo Nicolau santo. Era, na verdade, um combinado do Poseidon grego e de deuses pagãos. As primeiras igrejas de São Nicolau foram justamente erguidas onde tais eram celebrados.

Assim surgiu Papai Noel, pois, e por isso ele vive próximo ao Polo Norte. Os veados, diga-se de passagem, eram animais sagrados deste povo. via Metafilter []

Jesus, afinal, era judeu

24.12.2003 | Bem, o natal está aí, chanuka já passou. Mas não há problema que ano que vem tem mais. E, quem sabe, com uma menorá USB? via Guardian Weblog []

Abaixo os EUA

24.12.2003 | Um pouco de humor não há de fazer mal a ninguém, ora pois. Então estes sírios, que não sabiam inglês, pediram ajuda para traduzir seus slogans anti-EUA para a passeata. via Attu sees all

Só pode ser piada.

[]

Jogos de guerra

23.12.2003 | Há algo de curioso na capa da Time desta semana. Como sempre nesta época, escolhem a Pessoa do ano (era Homem do ano, mas em tempos de correição política, pessoa ficou).

Desta vez, é o "soldado norte-americano".

Na foto, dois caucasianos, um negro. Mas quem rala mais no campo de batalha são os hispânicos. []

Permalink)

2004 (2)

23.12.2003 | Steve Jobs tinha 28 anos em janeiro de 1984, quando apresentou ao mundo o Apple Macintosh ao som de The times they are-a changin (Bob Dylan).

Foi o primeiro computador de sucesso com janelas, pastas, menus – e mouse. Desde então, tudo foi diferente. Computadores tomaram de assalto os escritórios, as casas, aí veio o Mosaic e a Internet gráfica e, bem, janeiro de 2004 bate à porta. São vinte anos.

Em sua edição de 50 anos, a Playboy norte-americana fez a lista das 50 novidades que mudaram o mundo desde que a revista veio às bancas. Sente-se que, em número um, os editores queriam listar a Playboy.

Como não podiam, escolheram o Mac. []

Permalink)

Reinvenção da campanha

22.12.2003 | Espécie de crítico de mídia do New York Times e eventual autor de editoriais, Frank Rich apresentou uma (nova e) curiosa leitura de o que representa a campanha política de Howard Dean. Trechos:

Isto, eu sei: o crescimento de Howard Dean não é sua típica história de Cinderela na política. As constantes comparações feitas entre ele e George McGovern e Barry Goldwater são fáceis.

Tanto McGovern quanto Goldwater foram candidatos democratas à presidência que perderam suas eleições de forma humilhante porque representavam trechos mais à esquerda de seu partido. Foram escolhidos internamente como candidatos, mas assustaram o grosso da população, mais ponderada na hora do pleito de fato.

A peça que escapa a quase todos no fenômeno [Dean] é cultural: a Internet. Ao invés de comparar Dean com McGovern ou Goldwater, talvez faça mais sentido lembrar Franklin Roosevelt e John Kennedy. Não foi até as conversas ao pé da lareira irradiadas por Roosevelt no rádio em 1933 que esta mídia de massa usada há anos virou força política. Kennedy fez o mesmo pela TV.

É o tipo de ligação de pontos óbvia que qualquer analista adoraria ter feito. Rich fez primeiro. De fato, Howard Dean está usando a Internet como Roosevelt e Kennedy haviam feito, coisa que os transformou em surpreendentes fenômenos políticos em seu tempo. Fenômenos, não por terem vencido (ou mantido popularidade alta). Fenômenos, sim, porque no tempo as regras do jogo político pareciam ser contraditas pela realidade. Nada do carteadado vigente parecia explicar aquilo.

De certa forma, Dean é o nome perfeito para a mídia. Apesar de a dependência de sua campanha na Internet ter sido ditada pela necessidade quando não tinha organização ou dinheiro, ela lhe serve à personalidade agressiva. Dean faz a campanha menos pessoal; sua mulher não aparece. Isto é uma estratégia que cabe a uma personalidade online, não a uma de tevê. Seu tom irascível e polêmico também cabe à web. Jonah Peretti, especialista em Nova Mídia, observa que agressividade está para a Internet como a voz de Roosevelt estava para o rádio e a imagem de Kennedy para a televisão: "uma mensagem moderada não é o tipo de coisa que você enviará para os amigos num email dizendo 'você precisa ver isto!'" []

Permalink)

De Itabira para o mundo

22.12.2003 | Et quid nunc, Ioseph?

Festum est finitum,

lumen est extinctum,

cuncta evanuit turba,

nox est frigeffecta,

et quid nunc, Ioseph?

et quid nunc, et tu?

Qui nomen non habes,

qui alios derides,

qui versus componis,

qui amas, reclamationes?

et quid nunc, Ioseph?

via Zenn-la []

Permalink)

Dando bandeira

22.12.2003 | Sexta-feira à noite, Al Gore III – o filho, tem 21 anos – foi preso enquanto dirigia com dois amigos próximo a Washington, capital.

As luzes do carro estavam todas desligadas apesar do breu, as janelas do carro todas abertas, apesar do frio de inverno puxado.

É claro que despertou a suspeita dos policiais. O carro cheirava a maconha. []

Permalink)

Na ponta da língua

19.12.2003 | Quando lançou um calzone especial chamado P'Zone, a rede de pizzarias norte-americana Pizza Hut teve um problema no México: pezón quer dizer mamilo em espanhol.

Pior foi a Coca-Cola, ao lançar-se na China. Descolaram os ideogramas que leriam Coca-Cola – mas ke-kou-ke-la queria dizer água estufada com cera.

Ao menos não era ofensivo: o videogame Sega, na Itália, teve que conviver com o fato de que sega, em italiano, é masturbação masculina.

Para não dizer do tênis Nike, modelo flaming air, em que a palavra air era escrita de forma a lembrar chamas. Calhou de ficar igualzinho à escrita árabe de Alá – logo quem.

Problemas de tradução aos montes, pois. via b3ta []

Permalink)

Perdões diversos

19.12.2003 | Para quem não viu: o filme Pecado é não usar (em QuickTime), do Grupo Gay da Bahia, martelando a Igreja Católica por conta da proibição de uso da camisinha.

Por enquanto, a exibição pública do vídeo está proibida. via Filtro []

Permalink)

Prêmio

19.12.2003 | The big smoker – O grande fumante –, eleito pelo Guardian melhor design em blog de 2003. via MemeFirst []

Permalink)

Ele em pessoa

19.12.2003 | Em negrito, seguem as perguntas que a veterana (e dura) repórter de tevê Diane Sawyer fez com o presidente George W. Bush. Em itálico, suas respostas. Trecho, ligeiramente editado:

O vice-presidente Cheney disse que não havia dúvida de que Saddam Hussein tinha armas de destruição em massa. O secretário Powell disse [que o Iraque] tinha 500 toneladas de armas químicas. E agora os inspetores dizem não há evidência de que estas armas existam neste momento. O secretário Powell falou sobre laboratórios móveis e os inspetores dizem que não podem confirmar isto, não podem corroborar.

Ainda, ainda.

É isto, "ainda"?

Mas o que [o inspetor] David Kay descobriu era que tinham um programa de armas. E tinham idéia—

Eram mísseis.

Deixe que eu termine um segundo. Não, era mais que mísseis. Se esta informação tivesse sido, huh, examinada pelas Nações Unidas, em outras palavras, se o relatório de David Kay tivesse sido apresentado às Nações Unidas, ele, Saddam Hussein, haveria rompido com a [resolução] 1441, que quer dizer um casus belli. E, huh, veja [sua voz sobe de tom] não há dúvidas de que Saddam Hussein eram uma pessoa perigosa. E não há dúvida que tínhamos um conjunto de evidências provando isto. E não há dúvidas que o presidente deve agir, após o 11 de setembro, para fazer da América um país mais seguro.

Huh, novamente, o que estou tentando perguntar – estas são pessoas que o apóiam, pessoas que acreditam na guerra—

Heh-heh-heh.

—e que fazem uma pergunta.

Bem, você pode continuar fazendo a pergunta e minha resposta continuará a mesma. Saddam era um perigo e o mundo está melhor porque nos livramos dele.

Mas a afirmação como se fosse fato de que havia armas de destruição em massa e não a possibilidade de que ele poderia um dia comprar—

E qual a diferença?

Bem...

Bush não fez lá boa audiência, apesar de a entrevista ter ido ao ar dois dias após a prisão de Saddam Hussein. Sua conversa foi assistida por 11 milhões de pessoas. A série Navy NCIS levou 12 milhões de pessoas à tevê, o reality show The simple life, 11,9 milhões, ambos no mesmo horário.

The simple life – A vida simples –, aliás, é estrelado por Paris "vídeo secreto na Internet" Hilton. via Metafilter []

Permalink)

2004 (1)

18.12.2003 | Será o ano da briga dos sites de busca:

Google passará a vender suas ações em Wall Street; a Microsoft deve lançar o MSN Search, se bobear integrado à nova versão do Windows; a Amazon deve partir de seu sistema de busca total em livros (isto, aqueles em papel) e partir para um projeto secreto e inteiramente novo; o Yahoo! é capaz de se relançar no mercado com um novo sistema.

Façam suas apostas. []

Permalink)

Números

18.12.2003 | Saddam Hussein esteve 14 vezes na capa da Time – incluindo a da edição corrente.

O Google encontra por volta de 1,96 milhão de páginas com o nome do tirano na web. []

Permalink)

Da cama pro divã

18.12.2003 | Fetiche há de todos os tipos, cada qual com o seu. Uma trupe de designers, por exemplo, decidiu reunir ícones da boa mobília moderna com mulheres nuas.

Não é de surpreender que na primeira edição tenham escolhido uma moça incrivelmente bonita. via Fleshbot []

Permalink)

Na área

18.12.2003 | Salam Pax, em português. Aqui. Ali. Alhures. []

Permalink)

+ Vida em HQ

17.12.2003 | São no mínimo perturbadores os quadrinhos e filmes de animação Book of sick – numa tradução nada literal, Livro de doenças. via RTFM []

Permalink)

Iconoclasta

17.12.2003 | O presidente internacional da locadora Blockbuster, Nigel Travis, está fazendo pressão para que termine o código de área dos DVDs. Sua lógica é simples: muitas vezes, um DVD é lançado num país e, meses depois, noutro. Foi o caso de Procurando Nemo, primeiro nos EUA, meses depois no Reino Unido.

Estímulo à pirataria, pois.

A lógica das áreas, diga-se de passagem, é para contornar outro problema. DVDs têm preço adequado a cada país. Mais baratos no Brasil do que nos EUA. Com loja online, ia ser uma festa de norte-americano (por exemplo) comprando por cá, ou na China, seja lá onde for.

Sabe-se lá o motivo de não haver DVD multi-área nesses cantos. via /. []

Permalink)

Alento

16.12.2003 | Está nas ruas (estrangeiras) um álbum de quadrinhos precioso. São quatro volumes em francês, o primeiro já traduzido para o inglês. Chama-se Persepolis, sua autora é uma jovem iraniana chamada Marjane Satrabi.

O álbum é autobiográfico. Conta a história de uma jovem desde a queda do Xá em finais dos anos 70, a ascensão fundamentalista, a guerra Irã Iraque – seu exílio forçado para a França, separando-a dos pais que permaneceram.

Satrabi não é qualquer moça. Filha de intelectuais comunistas, é também bisneta do melancólico Ahmed Shah, último imperador persa da Dinastia Qajar. Shah assumiu o trono em 1909, tinha 11 anos, e viu ainda adolescente o país invadido, durante a Primeira Guerra, pelos exércitos russo, otomano e britânico.

Perdeu o poder em 1921 quando um militar de média patente, Reza Khan, assumiu o comando político do país com Shah de fantoche. Em 25 viu-se deposto, Khan assumindo o trono mudando o nome para Reza Shah Pahlavi. O filho deste é quem foi deposto pelo Aiatolá Khomeini quando Marjane Satrabi era ainda menina.

Foi, pois, uma boa notícia, notícia de alívio, muito rapidamente transformada em pesadelo fundamentalista.

Persepolis está sendo comparado (talvez exageradamente) com Maus. Há um trecho que pode ser lido gratuitamente na rede. via Where is Raed? []

Permalink)

Teoria conspiratória (1)

16.12.2003 | E se Saddam Hussein já estava preso há tempos? E se os norte-americanos estivessem apenas esperando o momento certo para apresentá-lo?

E se Osama bin Laden for preso a dias das eleições de novembro, nos EUA? []

Permalink)

Teoria conspiratória (2)

16.12.2003 | Ora, pois, dizem os israelenses do Debka:

1. Do jeito que estava Saddam, ele não se cuidava há vários dias.
2. O buraco onde estava era de conforto quase zero, uma distância atroz daquilo ao que o ex-ditador estava acostumado.
3. Detidos tentando fugir estavam também dois homens não identificados.
4. O buraco tinha apenas uma entrada – não apenas camuflada. Fechada com tijolos.

5. Seu dinheiro era muito pouco, não usou as armas que tinha.

Portanto, Saddam não estava escondido. Estava prisioneiro. Segundo os analistas do Debka, após sua última fita, divulgada a 16 de novembro, ele foi preso, provavelmente com ajuda de seus próprios homens. E estes negociaram com os norte-americanos os 25 milhões de resgate/prêmio. []

[Permalink](#))

Quem diria

15.12.2003 | Dentre os vários itens apontados pelo relatório final da NASA a respeito das falhas no ônibus espacial Columbia, este chama atenção: um dos culpados é o PowerPoint.

Em resumo, os técnicos da Agência viciaram-se no programa de apresentação da Microsoft. Um relatório que listava os riscos de acidente foi enviado a quem cabia tomar a decisão de suspender o voo – mas ninguém entendeu a gravidade.

Por quê? O título da reportagem do New York Times a respeito do assunto explica: PowerPoint emburrece.

Basicamente, o software exige que as coisas sejam simplificadas ao máximo, resultando em perda de complexidade. Conforme empresas em todo o mundo adquirem o vício dos programas de apresentação, perdem profundidade de informação.via Metafilter []

[Permalink](#))

B-menos

15.12.2003 | A indústria de cinema turca tem o curioso hábito de produzir remakes dos sucessos norte-americanos.

De Jornada nas Estrelas a Guerra nas Estrelas, passando pelo Mágico de Oz e terminando no Exorcista, não há como evitar a conclusão: muito estranho.

A turma de cinema trash vai amar.

(Alguém imaginou um ET turco aí?) []

[Permalink](#))

De política e voyeurs

15.12.2003 | É o tipo de coisa que havia de acontecer um dia nesses tempos de fotos digitais, Internet e reality shows vários.

A prefeita Sharon Smith, da pequena cidade de Houston, no Canadá, posou para o marido nua vestindo o colar que serve de emblema à cidade.

Aí as fotos circularam. A prefeita diz que alguém entrou em sua casa e as tirou do computador. via World Sex News []

[Permalink](#))

Nos melhores hotéis

12.12.2003 | Que não se negue à jovem Paris Hilton, estrela de vídeos indiscretos que circulam na rede, seus méritos: senso de humor. Por exemplo, a entrevista que deu ao programa humorístico Saturday Night Live.

Obrigado por ter vindo. Conforme concordamos, não discutiremos o escândalo que tem aparecido nos jornais estas últimas semanas. Queremos apenas saber sobre você, Paris Hilton. Então... sua família, os Hiltons, vocês têm hotéis ao redor de todo o mundo, certo?

Isto, em Nova York, Londres, Paris.

Espere, então existe um Paris Hilton?

Sim, existe.

E é difícil entrar no Paris Hilton?

Bem, na verdade, é um hotel muito exclusivo, não importa o que você ouviu.

Me disseram que o Paris Hilton é muito bonito.

Fico feliz que tenha ouvido isso.

E é permitido dois ocupantes no Paris Hilton?

Não.

O Paris Hilton é espaçoso?

Talvez para você, mas a maioria das pessoas o consideram confortável.

Eu sou VIP, é possível ir pela entrada dos fundos?

Não importa quem você é, não vai acontecer.

Por aí vai. via Daze Reader []

Permalink)

Santa Terra

12.12.2003 | Hoje, dizem que vivemos numa sociedade secular na qual muitas pessoas – as melhores pessoas, as iluminadas – não acreditam em qualquer religião. Mas eu acredito que não se pode eliminar a religião da psiquê humana. Se você a suprime de uma forma, ela simplesmente reaparece doutra. Você pode não acreditar em Deus, mas ainda acreditará em alguma coisa que dê sentido a sua vida e forme sua idéia de mundo. Tal crença é religiosa.

Hoje, uma das religiões mais poderosas do mundo ocidental é o ambientalismo. Ambientalismo parece ser a religião de escolha dos ateus urbanos. Por que digo que é uma religião? Bem, basta ver suas crenças. Se você olhar com cuidado, vê que o ambientalismo é uma releitura perfeita ao século 21 das crenças e mitos judaico-cristãos.

Há um Éden inicial, um paraíso, um estado de graça e unidade com a natureza que caiu na desgraça da poluição como resultado de se ter comido da árvore do conhecimento e, por causa de tais ações, há um dia do julgamento final que nos espera a todos. Somos todos pecadores no consumo de energia, fadados a morrer a não ser que busquemos a salvação que agora atende pelo nome sustentabilidade. Sustentabilidade é a salvação na Igreja Ambientalista. Assim como comida orgânica é sua comunhão.

Michael Crichton, do Enigma de Andrômeda ao Parque dos dinossauros, sobre como seqüestraram a ciência para transformá-la em religião. via Arts & Letters Daily []

Permalink)

Nippon

12.12.2003 | O Japão é um país estranhíssimo. Nos escritórios, as pessoas não andam – correm. Melhor, fingem correr devagarinho. É para dar a impressão de urgência.

Outra: como a lei estabelece que em casas com aparelho de tevê uma taxa deve ser paga à rede pública NHK, os coletores saem batendo, agressivamente, de apartamento em apartamento. Mas eles não podem entrar onde não são convidados, portanto não têm como provar quem tem ou não televisão. Resultado: a tática é intimidar. São loucos soltos na rua.

O sinal verde, na terra do Sol nascente, é chamado azul – embora seja verde.

Diz-se que a gravidez humana (embora também lá dure 9 meses!) tem dez meses e dez dias.

A lista de perguntas e respostas sobre o Japão traça um retrato bizarro. []

Permalink)

Intolerância à francesa

11.12.2003 | Estará em todas as folhas amanhã, mas não custa o comentário. Uma comissão governamental francesa sugere que símbolos religiosos pouco discretos sejam banidos das escolas. Isto inclui lenços muçulmanos, kippot judaicos e cruzeiros grandes. Pendentes discretos seriam permitidos.

Há problemas graves nesta solução. Principalmente, católicos não costumam usar cruzeiros grandes penduradas ao pescoço – elas são discretas. E, para cristãos em geral, carregar um crucifixo é uma mera confirmação de sua crença.

Um kippa, para o judeu mais conservador, não é redundância. É mandamento. Ele precisa ter a cabeça coberta perante Deus que está em todo lado. Assim como o hijab que cobre o rosto duma menina muçulmana – é a atitude de discrição, de não exhibir-se, não seduzir – coisa que o Islã mais conservador considera obrigatório.

No fim, se o presidente Jacques Chirac decidir bancar o projeto, ele estará ilegalizando a religião.

O relatório é discriminatório, embora bem intencionado. Sugere que o Festival Eid al-Kabir (Islã) e o Yom Kippur (Judaísmo) sejam feriados escolares. Mas não vai dar certo. []

Permalink)

Em baixa

11.12.2003 | A musa sueca da matemática, Elin Oxenhielm, está sob fogo cerrado. Há pouco tempo, ela anunciou a resolução parcial do problema 16 de Hilbert – um daqueles problemas abertos que faz a fama de quem lhes dá tratos.

No momento, o site da britânica Nature já enterrou sua reputação desqualificando a resposta que ela sugeriu. A renomada Nonlinear Analysis, revista que publicaria seu artigo, mandou suspender a edição enquanto mais dois especialistas analisavam os detalhes. E a orientadora de mestrado de Elin, professora Yishao Zhou, aproveitou para dar uma descascada na moça tirando o corpo fora. Neste caso, covardia pura.

Tudo indica que Elin chutou alto e não acertou o gol. Matemáticos veteranos estão armados e virulentos. Mas quando este tipo de coisa acontece em ciência, é sempre assim. Veteranos armam-se raivosos porque soluções, não raro, dependem apenas de uma sacada simples. Inveja é coisa que corrói ciência – mas ciência também não teria heróis tipo Galileu, Newton ou Einstein não tivessem sido vozes solitárias antes de unânimes.

Não que a moça Oxenhielm se compare à trinca. É só que o momento de dispensá-la não chegou ainda. via A base do o(p)timismo []

Permalink)

Feliniano

11.12.2003 | O diretor sueco Ingmar Bergman atirou uma garrafa em sua atriz preferida e ex-mulher Liv Ullmann, que se negou a ficar nua numa cena que devia interpretar.

O incidente aconteceu durante a filmagem de Sarabande, o telefilme que uniu novamente Bergman, atrás das câmeras, e Ullman, como protagonista.

Bergman está com 85 anos, Liv Ullmann é um par de décadas mais jovem. Sarabande é continuação de Cenas de um casamento. via Sub Rosa []

Permalink)

Cara de terrorista

10.12.2003 | Há um par de anos já, circulam mundo afora mensagens indignadas de quem sofreu constrangimentos perante a imigração norte-americana.

Desta vez foi Sue Smethurst, editora de uma revista feminina da Austrália. via Boing boing []

Permalink)

Síntese do traço

10.12.2003 | Procuro sempre a beleza da solução gráfica. Como caricaturista a serviço da imprensa, busco mostrar um sutil elemento de opinião. Sem querer depreciar o aspecto visual e ilustrativo do desenho, creio que é importante incluir, sempre que possível, uma informação complementar sobre o personagem, aquele algo a mais que nem as lentes dos fotógrafos captam nem o texto do repórter percebe.

Leo Martins, artista NoMínimo, em entrevista a um site espanhol. []

Permalink)

Pois é

10.12.2003 | Nos EUA, o cerco à urna eletrônica se fecha: sem impressora, não dá. É caminho para fraude.

Enquanto isso, no Brasil, nem dúvidas novas sobre a eleição do ano passado em Brasília fazem marola. []

Permalink)

Prezado senhor

10.12.2003 | Quando um cara talentoso precisa escrever uma carta dessas pra Papai Noel, é porque a crise anda braba. []

Permalink)

E por falar em Natal

09.12.2003 | A árvore, se natural, deve ser ligeiramente maior que a sala onde ficará. Quando estiver dentro de casa, basta cortar-lhe a ponta. Misture a maior quantidade de cores possível nos ornamentos – dá graça. Inclua ao pisca-pisca um dimmer, para que não atrapalhe demais o jantar a luz de velas.

(Se o prezado leitor for ídiche, talvez caiba incluir no arbusto de chanukah um ornamento como este.) []

Permalink)

Na farmácia

09.12.2003 | Remédios para o Mal de Alzheimer funcionam em menos de um em três pacientes, enquanto aqueles para câncer servem a um quarto dos pacientes. Remédios para enxaqueca, osteoporose e artrite têm efeito em mais ou menos metade dos doentes, disse o dr. Roses. A maioria dos remédios funcionam em menos de metade dos casos principalmente porque os pacientes têm genes que interferem na maneira como funcionam os medicamentos, ele disse.

"A grande maioria dos remédios – mais de 90% -- funcionam em 30 a 50% das pessoas", disse o dr. Roses. "Eu não diria que a maior parte não funciona. Eu diria que eles funcionam para de 30 a 50% das pessoas. Os remédios à venda funcionam, só não funcionam para a maioria."

O dr. Roses é Allen Roses, vice-presidente do setor de Genética da GlaxoSmithKline, uma das maiores farmacêuticas do mundo. O trecho em itálico é citação duma reportagem do diário britânico Independent. via La di da []

Permalink)

Colecionáveis

09.12.2003 | Que tal um fio de cabelo de Napoleão Bonaparte? 1.350 dólares. Marilyn Monroe? Um cadinho mais barato: 1.300. Elvis Presley anda em baixa, apenas 1.250. via Memepool []

Permalink)

Hermetismo

09.12.2003 | O registro.br, responsável pelo cadastramento dos endereços .br, enviou mensagem a seus usuários hoje à tarde. Assunto: "Ataque de engenharia social." Faltou explicar à turma de lá que engenharia social é jargão, gíria de hacker e que gente normal não entende do que se trata.

É, pois, o tipo mais eficaz de ataque: aquele em que se ataca as pessoas, não os bits. É convencer alguém a fornecer um dado qualquer, driblar a segurança e entrar numa sala secreta. Especialidade de Kevin Mitnick.

Tem gaiato distribuindo aos usuários um email de recadastramento em que o enganado preenche senhas numa página que parece, mas não é – e põe seu endereço na rede em risco. []

Permalink)

Sacras palavras

08.12.2003 | Durante muito tempo, acreditou-se que não seria possível traduzir os hieroglifos maias. O povo tinha mais de uma língua – escrevia-se, no entanto, apenas a sagrada. E desta não havia pista.

(Os hieroglifos egípcios, por exemplo, foram traduzidos após a descoberta da Pedra Roseta, onde o texto na língua desconhecida aparecia acima duma tradução para o grego e egípcio cursivo. Só que apenas os maias desenvolveram escrita nas Américas. Portanto, um texto qualquer escrito em maia e traduzido nunca poderá ser encontrado.)

Até que os arqueólogos descobriram, no interior da Guatemala, que alguns curandeiros ainda usam um dialeto descendente direto da língua sacra. Chama-se ch'orti. Uma Pedra da Roseta viva. E o processo de tradução mal começou – trata-se, ao que parece, de escrita um bocado poética.

Os maias foram um povo peculiar. Não tiveram contato com os europeus. Engatinharam desde 2.600aC até atingir seu ápice por volta de 250dC. Envolveram uma região que cobria o sul do México, Guatemala e Belize. Tiveram nobres, reis, estados independentes, calendário melhor que o europeu, até antibiótico. Mas nunca tiveram roda ou metal. A decadência veio por volta do ano 900 e quando os espanhóis chegaram sobrava apenas arqueologia. via Archaeologica News []

Permalink)

A fundo

08.12.2003 | Brian Grazer é um dos mais badalados produtores de Hollywood – de Uma mente brilhante, entre outros. Seu novo projeto, que banca do próprio bolso junto à HBO, é um documentário sobre Deep throat – Garganta profunda, o filme.

Grazer percebeu que algo estava mudando no mundo quando sua avozinha iídiche comunicou-lhe, nos idos anos 70, que tinha visto no cinema aquele filme sobre o qual todos comentavam. Então, a principal fonte secreta de dois jovens repórteres do Washington Post ganhou por apelido o título da coisa. Estourou. No Brasil, virou nome de grupo vocal.

Sexo explícito já havia chegado aos cinemas fazia vários anos e Garganta profunda não era melhor ou pior que outros filmes. A protagonista, Linda Lovelace, tampouco era particularmente bonita. No máximo tinha alguma habilidade de relaxar maxilar e, bem, abrir a garganta.

Mas de alguma forma sua carreira nas telas foi estonteante. Custou à máfia novaiorquina 22.000 dólares. Entre 1972 e 73, foi o filme mais lucrativo do mundo. Ficou em sexto na temporada seguinte. Esteve em cartaz por uma década e arrecadou algo, estima-se, por volta de 16 milhões de dólares que não param de aumentar: ainda é possível comprá-lo em DVD. Garganta profunda não é apenas o filme de mais sucesso no gênero pornográfico; também frequenta listas de cinema genéricas em se comparando custo e retorno.

Ao embrenhar-se pela cultura popular, Garganta profunda foi também o abre-alas do cinema pornô. De obscuro, fez-se cult. A indústria que era mambembe a sua volta profissionalizou-se. Hoje, na Times Square, centro pleno de Nova York, uma atriz pornô faz caras e bocas num mega pôster entre o luminoso da Coca-Cola e as últimas da Broadway.

O documentário, pois, se chamará Inside Deep throat – Por dentro de Garganta profunda – e tentará, ao contar a história do filme, dedicar-se às mudanças culturais que ocorreram após. Difícil explicar o que Garganta profunda tinha que seus antecessores tiveram. Provavelmente, nada. Só estava no lugar certo, na hora certa. via World Sex News []

Permalink)

Sem burca

08.12.2003 | Tarsian & Blinkley é uma pequena empresa cujo objetivo é levar roupa afegã ao resto do mundo enquanto dá uma aquecida na vida econômica de algumas famílias. As moças e senhoras costuram em Kabul trajes típicos patanes – não confundir com burcas – que são revendidos pela Internet. via Meme First []

Permalink)

Jazigo

05.12.2003 | Tem uma hora que o blog acaba. E tem gente que sabe explicar o porquê com graça. []

Permalink)

Quer pagar quanto?

05.12.2003 | Agora, vem cá, um LP vale isso tudo?

E qual o limite entre coleção e mau gosto? via Salón comedor []

Permalink)

Teste

05.12.2003 | Você é geek? []

Permalink)

Apple-Disney Co.

05.12.2003 | Um dos mais cotados para assumir a cadeira deixada por Roy Elias Disney na empresa que o tio fundou é Steven P. Jobs. Aquele – o da Apple.

Segundo o tablóide especializado em fofocas New York Post, é a dor de cabeça da vez do presidente da Walt Disney Co., Michael Eisner. Eisner não gostava de Disney – o sobrinho – conseguiu se livrar dele; também não gosta de Jobs.

Acontece que a Disney é uma empresa em profunda crise criativa, uma sombra do que foi. Seus lucros dependem fundamentalmente das animações produzidas pela Pixar, empresa que sub-contrata – a de Nemo, Toy Story etc.

O contrato da Pixar está para espirar. Toda Hollywood quer tirá-la da Disney, é sucesso certo. A Pixar pertence a Jobs. E Jobs tem a faca e o queijo na mão.

Há quem cogite que ele é candidato à presidência da Disney Co.

Quem diria. []

Permalink)

Contemporaneidade (2)

04.12.2003 | Academias de ginástica nos EUA estão começando a proibir o uso de celulares ao menos nos vestiários.

Não dá para distinguir quais têm câmeras. via Fleshbot []

Permalink)

Passados anos

04.12.2003 | Estréia dia 8 Galactica, a refilmagem.

Starbuck é mulher.

Os cilônios também. []

Permalink)

Contemporaneidade

04.12.2003 | Amigo meu descobriu que a mãe tem blog.

No blog descobriu que ela fez uma tatuagem. []

Permalink)

Ermitão

03.12.2003 | Ele acabou se transformando numa espécie de J. D. Salinger, que depois do sucesso artístico isolou-se repentinamente.

Bill Waterson vive numa cidadezinha em Ohio chamada Chagrin Falls, onde é protegido e respeitado com o silêncio pela comunidade. Dizem os boatos que se dedica a pintar paisagens a óleo e que, após terminá-las, atá-lhes fogo.

Em 1995, Waterson surpreendeu milhares de jornais em todo o mundo ao anunciar que não enviaria mais quadrinhos para suas páginas. Na última tira, Calvin se vira para Hobbes (inacreditavelmente traduzido por Haroldo) e diz: It's a magical world, Hobbes, ol' buddy. Let's go exploring! – É um mundo mágico lá fora, Haroldo. Vamos explorar!

Isto: Waterson, autor de Calvin e Hobbes.

E Bill Waterson passou sufocos. Com uma das tiras de maior sucesso no mundo, a pressão para que licenciasse foi violenta. Todos queriam colocar o tigre de pelúcia nas lojas. Todos, menos ele.

Não é certo o porquê da aposentadoria. Talvez estivesse cansado. Uma esperança: há uma vaga possibilidade de retorno eventual. Não se sabe com o quê. via Metafilter []

Terceiro mundo

03.12.2003 | A palavra Lula aparece em 1,29 milhão de páginas da Internet.

Bush em 17,1 milhões. []

Permalink)

Traição da imagem

03.12.2003 | Aos 50, a Playboy entra no ramo da tevê de alta definição. O Spice TV HD entra no ar amanhã, dia 4 – nos EUA. Não virá sem problemas, reconhecidos inclusive por executivos da empresa. Tevê de alta definição é um pesadelo.

Porque a qualidade é boa demais. A pele de uma atriz como Cameron Diaz, por exemplo, vez por outra encravada de espinhas, não dá para disfarçar. E como a definição é de fato alta, também não é possível fazer o que as televisões fazem em geral: carregar na maquiagem. O tipo de maquiagem que mulher nenhuma usa nas ruas, de tão afetada, no vídeo comum deixa a pele lisa, os tons uniformes. Na tevê de alta parece como fica nas ruas.

Não quer dizer que Cameron Diaz fique feia – de forma alguma. Só desce à terra como a mulher bonita e no entanto comum que é.

No caso de nudez, o problema aguça. Não é só o rosto que precisa ser trabalhado – mas a virilha, cheia de marcas da depilação constante de modelos que estão nuas – e sempre. Sexo explícito, nem se fale. Primeiro porque a maioria das atrizes (ou atores) não são esta beleza toda. Segundo por conta das feridas e marquinhos e manchinhas que deixam o ato quando praticado várias horas por dia, sete dias na semana. Trabalho duro.

Literalmente.

É o tipo de problema que as tevês brasileiras ainda nem começaram a estudar. Mas de telejornal a telenovela, todo mundo precisará reaprender maquiagem. Técnicas de maquiagem, aliás, que ainda estão no início do processo de serem inventadas.

O âncora de talk show Jay Leno é quem está servindo de cobaia.

(Em tempo: Cameron Diaz terá problemas; Catherine Zeta-Jones e Halle Berry, não.) via World Sex News []

Permalink)

Ninho da serpente

02.12.2003 | Ron Jones era jovem em 1968, não tinha ainda 30 anos. Dava aulas de história contemporânea no secundário de uma das cidades mais liberadas pelo Verão do Amor. E o currículo estava adiantado, tinham tempo para um experimento.

Explicou aos alunos que careciam disciplina. Para os garotos era um conceito novo – Força vem da disciplina. Jones os fez andar pela sala em silêncio, manter a postura ereta, sentar-se em silêncio. Sempre atentos, sempre os pés no chão. Perguntas curtas e respostas curtas clareiam a mente.

No dia seguinte ao experimento, Jones chegou à sala para encontrar a garotada em silêncio, organizada. Não imaginou que durasse mais que um dia. Escreveu no quadro: Força vem da comunidade. Alunos antes em silêncio agora falavam, estavam todos inclusos.

Em três dias havia mais alunos matriculados no curso e toda a escola falava do assunto. Força vem da ação. Cumpria agora mostrar a importância de disciplina e comunidade para uma melhor vida. Organizados todos. Combinaram um gesto de braço que fazia os membros reconhecerem-se.

Começou na segunda. Na sexta-feira, o primeiro comício do movimento que fundaram – chamavam-no Terceira Onda – tinha por objetivo seu lançamento nacional. Ron Jones fez um pequeno discurso, fizeram todos o gesto de braço. Mais uma vez, mais intenso, mais alto.

Jones ligou o filme que veriam: o discurso de Nuremberg, Adolf Hitler ao centro. Mesmíssima coisa. Ron Jones, ditador por uma semana, mostrou como se faz o nazismo – e que pode acontecer de novo, mesmo entre hippies nascentes.

Escreveu um artigo, inspirou peça, romance – publicou um livro – a história fez-se filme. Continua fascinante 35 anos depois. []

Permalink)

Alea jacta est

02.12.2003 | O dado tem 20 faces – coisa que qualquer jogador de RPG já viu uma penca de vezes. Mas este tem 1800 anos. À venda na Christie's por 6.000 dólares. via /. []

Permalink)

Bate-boca

01.12.2003 | Diálogo entre o fotógrafo e seu leitor. via InternETC []

Permalink)

Do Nobel às livrarias

01.12.2003 | Chama-se O ninho dos marimbondos, mas cumpre não confundir com Marimbondos de fogo. O autor é um ex-presidente – o primeiro romance jamais escrito por alguém que ocupou a cabeceira da mesa na Casa Branca. No caso, Jimmy Carter.

A crítica não gostou muito. Achou a descrição histórica bacana mas as personagens, frágeis. Carter abraça a Revolução norte-americana que levou à independência dos EUA. Mas ao invés de concentrar-se nos estados do norte, lá entre Boston e Nova York que é onde os principais líderes estavam, ele faz do sul seu cenário.

Há quem diga que o romance é só chato, mesmo. []

Permalink)

O lado feminino de Deus

01.12.2003 | Ela é conhecida como a prostituta penitente que lavou os pés de Cristo usando os próprios cabelos – mas em nenhum momento na Bíblia isto é afirmado. Há de fato a prostituta, assim como também está lá a cena do apedrejamento que o messias cristão interrompe. Só que nunca se afirma que estas mulheres e Maria Madalena são a mesma. A ligação entre as personagens é interpretação teológica.

Em tempos de revisão, toques mais vibrantes de feminismo estão sendo dados à Bíblia – tanto ao Novo quanto ao Velho Testamento. E Maria Madalena é o símbolo deste movimento. Há quem desconfie que foi ela a autora do Evangelho segundo São João. Diz-se que Madalena disputou o poder da Igreja com São Pedro no iníciozinho – e que o fato de ter sido a pessoa para quem o Jesus ressurreto apareceu seria indício de favoritismo.

Aliás, de Madalena diz-se muito. Até que esta Míriam, original da cidadezinha Magdala, tinha por marido Jesus, original de Nazaré. []

Permalink)

Há muito tempo...

28.11.2003 | ... num canto perdido da rede, ele virou lenda.

[]

Permalink)

Louras

28.11.2003 | E essa matemática sueca, hein? Provou o problema 16 de Hilbert.

Como diria o Dapieve, che personale. via O velho []

Permalink)

E mais!

28.11.2003 | À procura de um presente de Natal para aquela pessoa especial? Que tal um clássico? Romeu e Julieta apela ao coração há cinco séculos.

Mas não ligue agora: e se ao invés dos nomes Romeu e Julieta estivessem os seus nomes, seu e da pessoa amada?

E mais: se você comprar agora terá direito ainda a uma edição extraordinária com final feliz. Ou você acreditou que o veneno era real ou que a adaga tinha fio?

(Também em versões de Drácula, Alice no país das maravilhas, Médico e o monstro, Cão de Baskervilles...) via Things magazine []

Permalink)

Em termos

28.11.2003 | Nigger é uma palavra profundamente ofensiva. Por vezes, há quem tenha coceira para traduzí-la "negro". Nem de perto. Mas mesmo que optássemos por "preto", no sentido étnico, ainda assim não seria possível atingir a força que o termo tem no inglês dos EUA.

Em tempos de correição política, a imprensa costuma referir-se a ela por the n-- word – a palavra n--.

Huckleberry Finn é, talvez, a obra prima de Mark Twain. Diferentemente do Tom Sawyer, belissimamente construído, Huck Finn aproveita as mesmas personagens ousando na linguagem. É coisa para quem tem bom inglês: tudo escrito em sotaque de ex-escravo e pobre às margens do Mississippi no século 19. Não muito diferente de estrangeiro ler Guimarães Rosa.

E a palavra nigger aparece mais de 200 vezes.

Huck Finn não é racista. Os brancos não têm um pinga de caráter. O preto velho, ex-escravo, é o sábio, o melhor amigo do Huck menino. A palavra tampouco era vista, no tempo, como é hoje.

Há uns anos, considerado dos clássicos da literatura norte-americana, era livro que as crianças liam lá pela oitava série. Hoje, é dos livros mais contestados pelo movimento negro. Consideram-no ofensivo. Nigger era como a KKK se referia a eles nos linchamentos, nas ofensivas incendiárias, ao pé da forca. Não deviam precisar enfrentar a palavra novamente. Não mais.

Não é proibir a venda de Huck Finn que querem – é exigir que não seja ensinado no colégio. Um movimento assim está acontecendo em Renton, estado de Washington. via Obscure Store []

Permalink)

Teoria conspiratória

28.11.2003 | Das coisas que aprendemos na Internet: o homem não foi à Lua.

Tudo farsa. via Hyperspace Gate []

Permalink)

Com Lego & bits

28.11.2003 | O bacana queria uma maneira simples de resolver um Cubo Mágico. Então comprou um pacote de Lego robô, incluiu um câmera digital, baixou da rede um softwarezinho de reconhecimento de cor ao qual incluiu umas linhas de código de sua lavra.

Aí, pronto. via Bifurcated Rivets []

Permalink)

De cor

27.11.2003 | Há três tipos de memória: mineral, vegetal e orgânica. Só alguém como Umberto Eco pode safar-se duma afirmação tão inusitada como esta.

Temos três tipos de memória. A primeira é orgânica, que é a memória feita de carne e sangue e é administrada pelo nosso cérebro. A segunda é mineral, e neste sentido a humanidade conheceu dois tipos de memória mineral: há um milênio, esta era a memória representada por tabletes de argila e obeliscos, muito conhecidos neste país, nos quais as pessoas inscreviam seus textos. No entanto, esta memória mineral também é a memória eletrônica dos computadores, baseada em silício. Nós tempos também um outro tipo de memória, a vegetal, aquela representada pelos primeiros papiros, também bem conhecidas neste país, e então por livros, feitos com papel.

O país em que ele está – e ao qual se refere – é o Egito. Eco participava da reabertura da Biblioteca de Alexandria. Em sua longa palestra, é capaz ainda de afirmações maravilhosas como: "Se McLuhan estivesse entre nós hoje ele seria o primeiro a escrever algo como Gutenberg contra-ataca".

Marshall McLuhan é o primeiro gênio-pop da mídia, autor nos anos 1960 de A Galáxia de Gutenberg – em que condenava os livros. via /. []

[Permalink]

Fiel à forma

27.11.2003 | E agora links cá no Weblog onde links são devidos. []

[Permalink]

Pra variar

27.11.2003 | Foi um golpe de mestre. Tudo estava programado para que o presidente dos EUA, George W. Bush, aproveitasse o Dia de Ação de Graças com a família em seu rancho, no Texas. Não há feriado mais norte-americano que o Thanksgiving – é a alma do país lá na celebração da mesa que os pioneiros dividiam com os índios às vésperas dos primeiros invernos no Novo Mundo.

Aí, às escondidas, deixou o rancho, entrou no Força Aérea 1 e tomou o caminho do Iraque. Pousou em Bagdá no fim da madrugada. Mostrou que não tem medo de botar os pés naquela terra trituradora de soldado ocidental e por certo fez a felicidade de muito recruta. Um tento simbólico que, se não dá para prever a repercussão no Oriente Médio, na América do Norte fará belíssimas imagens para a eleição.

O gesto ousado e surpreendentemente esperto tem razão de ser. No mesmo dia, o secretário de Defesa Donald Rumsfeld anunciou que vão ser mobilizados mais de 7.800 reservistas das três forças para o rodízio. É o tipo de coisa que desgasta. Enquanto isso, o gesto de Bush não foi solitário – a senadora Hilary Clinton passou o dia no Afeganistão e, lá, será dela as lembranças que os soldados terão. Clinton, não custa lembrar, será provavelmente candidata à presidência em 2008. E, se o Partido Democrata rachar nas primárias, pode aparecer como surpreendente candidata da união ainda neste pleito.

Mas, desta vez, a trupe de George W. conseguiu fazer um gesto político que não terminou em desastre. via Talk Left []

[Permalink]

Invasões bárbaras

25.Nov.2003 | Ao que parece, a trupe que acompanhou o presidente George W. ao Palácio de Buckingham detonou com os jardins reais. Teve arbusto do tempo da rainha Vitória (isto é mais de século) que periga não sobreviver. Não bastassem os enormes Hs pintados no gramado para pouso de helicópteros. O jardineiro ficou em prantos.

De quebra, por conta dos equipamentos de segurança, a família real não pode ter um sinal decente de tevê durante a estada de sua excelência o presidente. []

Queen's fury as Bush goons wreck garden

http://www.sundaymirror.co.uk/news/.../GROUND-FARCE-1-name_page.html

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8692>

Interpretação literária

25.Nov.2003 | Para quem leu o Budapeste do Chico, ou mesmo para quem só sabe assim vagamente do que trata:

Foi lá pela página 63 que me deu o estalo: Zsose Costa é Paulo Rónai!

No blog da Cora, filha de Zsose Costa, o resto.

Insight divertidíssimo e, digamos, curioso – Sérgio Rodrigues já havia checado à mesma conclusão cá em Nominimo. E bem antes. (No link abaixo, Uma outra Budapeste.) []

Que viagem...

<http://cora.blogspot.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8690>

Uma outra Budapeste

+ Comentários

25.Nov.2003 | Comentários provisórios no ar – até o fim da semana voltam os antigos. []

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8689>

Em tempos de sem tempo

25.Nov.2003 | Está na capa da última revista dominical do New York Times uma daquelas reportagens que dão gosto ao jornalismo. Apuração requintada que não enche o leitor de fatos demais mas tem todas as informações que contam a história. A isto, soma-se um olhar sensível de repórter para extrair dos números as coisas humanas. Arremata-se com um texto bacana sem descambar por caminhos fáceis.

[Ou seja, mais ou menos a antítese do parágrafo anterior que informa quase nada e, no ramo, atende pelo nome nariz-de-cera ;-)]

A cidade está cheia de pessoas que não podemos alcançar. Passamos por elas nas calçadas, sentamos a frente delas no metrô e nos restaurantes; vislumbramos suas janelas acesas através de nossas janelas acesas tarde da noite. Assim é em Nova York. Na maior parte da América, as pessoas fluem umas pelas outras nas estradas conforme vão da cidade para o lugar onde vivem. Cruzar os olhos com um estranho é como confundir entre proximidade e familiaridade e desejar – ao menos algumas vezes, por um segundo – que pudéssemos pular de nossas vidas tão estreitas e encontrar aquelas pessoas de novo quando somem de nossas vidas.

De certa forma, a explosão dos anúncios pessoais online representam este desejo. Na primeira metade de 2003, os norte-americanos gastaram 214,3 milhões de dólares em sites de encontros – quase o triplo do que gastaram em todo 2001.

A autora da reportagem, Jennifer Egan, traça os EUA como um país de solitários.

As razões sociais para esta fúria de atividade online são tão profundas que é quase surpreendente que encontros pela rede não tenham acontecido mais cedo. Os norte-americanos estão casando mais tarde e portanto não estão conhecendo mais seus maridos e mulheres na escola ou universidade. Eles passam a maior parte de suas vidas no trabalho, mas o aumento de processos por assédio sexual fazem de relações no trabalho difíceis no mínimo. Numa população cada vez mais secular e móvel, instituições sociais como igrejas e clubes diminuíram em importância. Isso faz muitas vezes com que a "noite" seja a única fonte de companhia eventual. (Muitos dos solteiros com quem conversei viam isto como sua única opção, além de encontros online.)

Mais, lá. []

Love in the Time of No Time

<http://www.nytimes.com/2003/11/23/magazine/23ONLINE.html>

via Daze Reader

<http://www.dazereader.com/weblog.htm>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8687>

Música de graça

24.Nov.2003 | Na pré-história dos mp3, não havia KaZaa, Infoseek, muito menos Napster. Havia o MP3.com. Era um site gigantesco onde músicos se inscreviam, apresentavam-se, punham informação de contato e depositavam arquivos – mp3, é claro – para que os navegantes eventuais fizessem download. Gratuita e legalmente.

MP3.com terminou vendido para a Vivendi Universal no meio do caminho e, em crise, a mega-gravadora acaba de revender o domínio para a CNet. Esta empresa de San Francisco tem um dos domínios mais valiosos da rede: o news.com, news de notícias em inglês. Agora arrebatou o mp3.com. Bom noticiário que oferecem na CNet, mostrando entender bem desta coisa Internet.

Mas, nos planos, está jogar no triturador digital os 5 terabytes de informação. Aniquilar. Apagar. Fim.

A turma do Archive.org, que registra e grava a memória da web desde quase o início dos tempos, quer se oferecer para armazenar o conteúdo do MP3.com. Para eles, que reúnem num mês 40 terabytes, é coisa pouca. Depende é da CNet topar. []

Archive.org to Vivendi: we'll host MP3.com's files

<http://www.theregister.co.uk/content/7/34143.html>

via GeekNews

<http://geeknews.net/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8675>

Faro fino

24.Nov.2003 | As mulheres começam a se destacar no ramo de detetives particulares no Brasil – e a versão tupinambá da Playboy foi atrás da história. Um dia de trabalho varia entre 350 e 500 reais e um caso de adultério tende a custar uns 1.500 contos. Adultério, aliás, é o motivo pelo qual são procuradas em geral – apesar de espionagem industrial ser aquilo que dá mais dinheiro. Um dos casos:

O casal era aquele tido como perfeito. Ela, jovem e bonita psicóloga, 32 anos. Ele, médico reconhecido. Só havia um problema: ela não transava em hipótese alguma. Explicações convincentes, nenhuma. Mais um caso para Angela, a Detetive. A repugnante história A Psicóloga e o Mendigo.

No dia seguinte, a esposa já estava sendo seguida. Angela, munida de sua lente fotográfica que faz a máquina apontar para um lado, fotografar de outro, registrava o nobre trabalho da moça com mendigos no centro de São Paulo. Detalhe curioso: além de ir lá quase todos os dias, levar comida e medicamentos, ela também costumava levar um deles embora, dentro do carro, para casa. Duas horas depois, devolvia o homem às ruas, banho tomado, barba feita, roupa limpa.

O médico esposo relutou em acreditar que no trabalho de sua amada houvesse algo de errado. Mas deixou Angela espalhar microcâmeras em sua casa.

Mais, lá. []

Elas sabem o que você anda fazendo

<http://playboy.abril.uol.com.br/.../detetives.html>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8674>

No tempo de Jack

24.Nov.2003 | É engraçadinho e tem seus bons momentos: a Internet na era vitoriana. []

The Victorian Internet

<http://www.b3ta.com/challenge/victorian/>

via Boing boing

<http://boingboing.net/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8673>

Comentários

24.Nov.2003 | Obviamente estamos com problemas nos comentários. E atrás de soluções. O email, naturalmente, está aberto a todos: pdoria@nominimo.ibest.com.br []

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8672>

Tal qual visto na tevê

24.Nov.2003 | Blog na telinha, versão BBC. O autor? Salam Pax. Com direito a sua narração, entrevistas com sua mãe, um tour pela Bagdá ocupada e a participação especial de Raed – aquele, o que batiza seu blog, Where is Raed? []

Baghdad Blogger

<http://news.bbc.co.uk/1/hi/programmes/newsnight/3260121.stm>

via Guardian Weblog

<http://www.guardian.co.uk/weblog/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8671>

De terror e direitos

21.Nov.2003 | "Por que a esquerda falhou em articular uma estratégia adequada para lutar contra o terrorismo desde o 11 de setembro?"

Por causa do asco – e um asco compreensível – em relação à política da administração Bush, houve uma tendência da esquerda norte-americana e da comunidade de direitos humanos em geral de fazer pouco da séria e genuína ameaça do terrorismo ao redor do globo. Parte-se do princípio de que a comunidade de direitos humanos tem compromisso com a proteção do Artigo 3 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, quer dizer, a garantia de segurança de uma pessoa, o direito à vida. Mas há uma falha ao não se dar a atenção necessária à análise e desenvolvimento duma estratégia para juntar-se ao esforço de contra-terrorismo e proteção deste direito à segurança. Muito mais energia foi dirigida ao combate às reais violações de direitos humanos cometidas não apenas pelos EUA, mas por muitos governos, em nome da guerra contra o terror.

"Mas por que você acha que isso acontece?"

As organizações de direitos humanos são construídas para pressionar governos, não entidades amorfas como grupos terroristas. As ferramentas que usamos tradicionalmente não são eficazes contra terroristas. Duvido que Osama bin Laden vá se incomodar se 50.000 membros da Anistia Internacional escreverem a ele uma carta pedindo que não atue mais como terrorista. Em face a um novo tipo de força contra os direitos humanos no mundo, a comunidade tem sido lenta em se adaptar à realidade, tanto em compreender como em desenvolver táticas. Há um vácuo cultural.

É um problema sério. Quer dizer que quem advoga os direitos humanos é visto apenas como crítico. É claro que precisamos sê-lo; é um papel importante a desempenhar. Mas se falharmos em lidar com as decisões reais e difíceis que governos tem de enfrentar para proteger seus cidadãos, então seremos vistos como charlatões, ideólogos que estão desconectados da realidade.

William Schulz, diretor da Anistia Internacional nos EUA, em longa entrevista para a Salon. []

Salon: Why the antiwar left must confront terrorism

<http://www.salon.com/news/feature/2003/11/15/amnesty/>

via Metafilter

<http://www.metafilter.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8641>

Blogs e dinheiro

21.Nov.2003 | Nick Denton tem um projeto interessante: fazer dinheiro com blogs. Na origem, ele era jornalista, escrevia para o prestigioso Financial Times de Londres. Aí teve uma idéia e começou a organizar festas para reunir gente que queria fazer um site com gente que queria investir em sites. Eram as First Tuesdays, que fizeram Denton um milionário antes do estouro da bolha.

Seu projeto atual é pequenino. No momento resume-se a três blogs – Gawker, Gizmodo e Fleshbot – cada um nas mãos de um editor escolhido a dedo que recebe, segundo Denton, "não muito". Gawker é sobre fofocas de celebridades em Nova York, Gizmodo é sobre gadgets, maquininhas divertidas, e Fleshbot é sobre sexo.

No seu lançamento há uma semana, Fleshbot tirou a sorte grande: surgiu para a rede justamente no momento em que todos estavam falando do vídeo de Paris Hilton. As visitas foram lá em cima.

O empresário tem planos de lançar mais uns três blogs ano que vem, assim temáticos, com texto bem burilado e pontadas de humor. Um deles sobre política, para aproveitar as eleições norte-americanas.

Seus temas, escolhe-os pelo índice Google de popularidade. Tem nada a ver com o que ele, Denton, gosta ou não. Sua publicidade é parca, via o próprio Google, com pequenos anúncios de texto pagos para quem faz buscas sobre aqueles temas específicos. E o dinheiro que ganha é vendendo publicidade.

"Não é um negócio muito maior que uma banca de limonada", conta ao New York Times. Em lucros, "vários milhares de dólares por mês", cada blog, sem especificar quanto. Quanto aos editores, a primeira moça que assinava o Gawker foi contratada pela revista New York. A atual acaba de ganhar uma coluna no tablóide New York Observer.

Denton está transformando-se, também, em ponta de lança de jornalistas. []

Building a web media empire on a daily dose of fresh links

<http://www.nytimes.com/2003/11/17/technology/17blog.html>

Fleshbot

<http://www.fleshbot.com/>

Gawker

<http://www.gawker.com/>

Gizmodo

<http://www.gizmodo.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8635>

Legado

20.Nov.2003 | Há quarenta anos, John Fitzgerald Kennedy caiu morto, crivado de balas. Hoje, a imprensa norte-americana espalhou memoriais por todas suas páginas. Não que fosse o primeiro presidente assassinado – mas foi o primeiro com a morte filmada a cores, assim como foi o primeiro presidente a se dar bem com a tevê.

Só que os memoriais acabam por tratar das teorias várias que procuram explicar seu assassinato ou então de sua vida pessoal agitada, cheia de mulheres e doenças. Sobre que foi Kennedy como presidente, quase nada. Salva o Newsday, diário de New Jersey: Kennedy revolucionou as leis de imigração.

Em 1958, JFK publicou um pequeno livrinho chamado Uma nação de imigrantes. Ele próprio de origem irlandesa e católico numa nação protestante, tinha um gosto todo particular pela diversidade nos EUA.

Em 1963, pouco antes de morrer, esboçou um projeto-de-lei que visava reformar a legislação de então. Para ganhar a nacionalidade, cumpria ser europeu, melhor não ser latino-americano, africano ou asiático. Com a lei de Kennedy, aprovada em 1965 em homenagem póstuma, os preconceitos foram postos por terra. Valorizaram-se os laços familiares. Quem já tinha parente cidadão passou a ter prioridade.

E assim construiu os EUA moderno, com seu rosto hipânico. []

A legacy of diversity

<http://www.newsday.com/.../ny-homepage-longisland-utility>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8617>

Deixando a matriz

20.Nov.2003 | A revista britânica Economist traz uma divertida reportagem a respeito de como os filósofos vêem a trilogia Matrix.

Após o primeiro filme, os filósofos adoraram. Já era brincadeira recorrente há algumas décadas especular a respeito do que é realidade, se não seria uma alucinação provocada por impulsos elétricos no cérebro. Como Matrix trazia uma versão pop disso, foi a vez, desde Sartre, de os filósofos serem um pouco pop de novo, convidados a opinar, escrever sobre o assunto, publicar livros.

Só que aí vieram as duas seqüências, filmes não apenas menores como francamente ruins.

E os filósofos caíram na real – até porque, embora já tenha sido moda especular sobre a idéia realidade-alucinação, ninguém sério acredita nisto. E por um motivo simples: se fosse uma alucinação, uma peça pregada pelo cérebro, cada um viveria num mundo próprio, a realidade não seria dividida. O povo todo do planeta não vive uma alucinação coletiva.

O mundo, infelizmente, é real mesmo. A filosofia de Matrix, afinal, era de segunda. []

Head jam

http://www.economist.com/.../Story_ID=2208472

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8614>

Rebate

19.Nov.2003 | Em Nova York, eles são conhecidos como milionários – brazillionaires. Com os bolsos cheios de dinheiro, responsabilizam-se pelo aquecimento (ou desaquecimento) do mercado imobiliário de alto-luxo. Não é pouca coisa: 68 bilhões de dólares ao ano em apartamentos cujos preços começam na casa dos milhões. Dólares, naturalmente.

Desde o 11 de setembro, os estrangeiros pularam fora. Porque se atendem pelo apelido milionários, não são apenas brasileiros. São estrangeiros, principalmente de países do terceiro mundo – gente com muito dinheiro que acha elegante um apartamento na capital do planeta. Brasileiros estão apenas entre os mais visíveis destes.

Caíram, nos últimos dois anos, em um quarto as vendas para gente de fora dos EUA. Os motivos são a crise econômica nos seus países de origem, mais notadamente na América Latina, ou mesmo uma certa americanofobia em lugares como a Europa.

Por enquanto, os norte-americanos endinheirados ainda não conseguiram substituir a falta que o dinheiro d'alhures faz. Gente como Donald Trump, um dos mega especuladores imobiliários nova-iorquinos, está sentindo falta. []

Brazillionaires Hurl Less Lucre at N.Y. Palaces

<http://www.observer.com/pages/frontpage2.asp>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8591>

Refém

19.Nov.2003 | Enquanto isso, nos EUA, há um frenesi na Casa Branca para conseguir que a ONU reconheça o governo provisório que será implantado no Iraque. O governo Bush espera deixar a vida política do país em junho do ano que vem e não pode se dar ao luxo de deixar no comando um grupo que não será visto como legítimo.

Os diplomatas estão esboçando uma resolução para apresentar ao Conselho de Segurança.

Há motivo para a retirada. Em junho começará a aquecer a campanha para eleição presidencial. Sair do Iraque com governo implantado poderá soar como vitória perante os eleitores – e o timing é ótimo. Continuar lá no ritmo de um soldado norte-americano morto por dia terá resultado contrário.

Ao Washington Post, uma fonte do alto-escalão do governo explicou: "Queremos pavimentar o caminho para aceitação internacional do novo governo e conseguir a bênção de sua legitimidade. Não podemos nos dar ao luxo de criar um governo que pode fracassar e deixar que a comunidade internacional diga depois que não o reconhece."

George W. Bush, quem diria, terminou refém da ONU. []

U.S. Plans New Iraq Proposal For U.N.

<http://www.washingtonpost.com/.../A59442-2003Nov18.html>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8586>

A guerra que não terminou

19.Nov.2003 | Do tour semanal pelos blogueiros iraquianos:

Eles têm bombardeado casas em Tikrit e adjacências! Inacreditável... estou com tanta raiva que sinto vontade de quebrar alguma coisa!!!! Que diabos está acontecendo?! O que os norte-americanos acham que Tikrit é?! Algum tipo de cidade de monstros e bestas? As pessoas lá são pessoas simples. A maioria vive de suas terras e rebanhos, o resto são professores, comerciantes – têm vidas e famílias... Tikrit é pouco mais que um bando de prédios baixos e um palácio que era tão inacessível aos habitantes de Tikrit quanto a todo o resto!

Esta é River, do Baghdad Burning.

Enquanto isso, o blogueiro mestre Salam Pax está em Londres, preparando-se para os protestos contra a visita de George W. Bush, semana que vem.

Vai haver uma grande passeata e a turma anti-guerra substituiu seus cartazes de Parem a Guerra por Parem Bush, que eu acho bem engraçados. Realmente preciso de sugestões para o meu cartaz. No momento, estou pensando em me vestir como uma das Spice Girls e sair cantando Who do you think you are? – Quem você pensa que é? – enquanto visto um cachecol rosa felpudo, que há de atrair alguma atenção.

Que ninguém tenha dúvidas de suas preferências sexuais. []

Baghdad burning

<http://riverbendblog.blogspot.com/>

Where is Raed?

http://www.dear_raed.blogspot.com/

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8583>

Dono da bola

18.Nov.2003 | A Microsoft tem planos de lançar um serviço de download de música através de seu portal, o MSN.

Quer competir com o iTunes, da Apple, e o Napster 2, da Roxio.

Enquanto isso, ambos os competidores já rodam em Windows. Quer dizer muito pouco, dada a experiência passada da empresa de Bill Gates. []

Microsoft to sell web music

<http://www.smartmoney.com/bn/ON/index.cfm?story=ON-20031117-000033-0035>

via /.

<http://slashdot.org/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8576>

Quinze minutos

18.Nov.2003 | Pop é pop – e Paris Hilton e seu vídeo viraram pop. No site de leilões virtuais eBay, por exemplo, está à venda uma estatueta da herdeira dos hotéis Hilton tal qual no filme distribuído pela Internet. Verde e tudo.

Isso para não falar daquilo que o New York Post alega ser um acervo de pelo menos 10 películas de sexo explícito amador em sua carreira. Talvez. O Post não é exatamente das coisas mais confiáveis. []

Paris Hilton video action figure sculpt

<http://cgi.ebay.com/.../ViewItem&item=3156060594&category=348>

Paris' playmate

<http://www.nypost.com/news/nationalnews/10809.htm>

via DazeReader

<http://www.dazereader.com/weblog.htm>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8575>

In vino veritas

18.Nov.2003 | Chama-se Patrick McGovern o maior especialista em vinhos arqueológicos do mundo. Pela Universidade de Princeton, lançou esta semana Ancient wine: the search for the origins of viniculture – Vinho antigo, a busca pelas origens da vinicultura.

O vinho vem de algum canto entre Turquia e Irã. Foi o próprio McGovern quem encontrou os resquícios mais velhos da bebida, em jarros de 7.500 anos no Irã.

McGovern, químico de formação, dedica-se também à produção de vinhos de acordo com receitas antigas. Recriou, por exemplo, uma bebida que foi distribuída num banquete que deixou restos, provavelmente em homenagem ao rei Midas. Isto foi em 700 aC. Curiosa mistura: vinho, cerveja e algo que, no dicionário em português, chama-se hidromel, um fermentado de mel.

Sua matéria de estudo, agora, é tratar de descobrir onde foi domesticada a uva euro-asiática. Quase todos os vinhos são produzidos com subespécies desta. Ela vem provavelmente do Oriente Médio e a esperança dele é que a análise de resíduos na região poderá delimitar um cantão específico onde o homem primeiro plantou uva para fazer vinho.

Não é de todo absurdo. Sabe-se, por exemplo, onde está o vale ao sul do México em que primeiro se domesticou milho. []

The first vintage

<http://www.time.com/time/.../0,9171,1101031124-543774,00.html>

via Archaeological News

<http://www.archaeologica.org/NewsPage.htm>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8574>

Matrix

14.Nov.2003 | Em ASCII.

Para quem não entende computês: em letrinhas.

Melhor que o filme - o que não é difícil. Divertido. []

ASCII Matrix

<http://abstract.cs.washington.edu/.../ascii-matrix.html.gz?D0=1>

via Metafilter

<http://www.metafilter.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8513>

Foto montada

14.Nov.2003 | A quantidade de lugar por onde Pelé andou...

(Montada, diga-se de passagem, é a original.) []

Pelezinho voador

<http://pelezinho.blogspot.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8510>

+ Paris

14.Nov.2003 | Segundo o blog da revista New York, há um segundo filme envolvendo Paris Hilton nas praças. Neste, ela está acompanhada da playmate Nicole Lenz e do VJ Simon Rez, da MTV norte-americana.

Fundada pelo jornalista Tom Wolfe, a New York pertence hoje a Rudolph Murdock. É boa revista.

Essa história começa a ficar divertida. []

The New Paris Hilton Tape

<http://thekicker.nymetro.com/archives/000174.html>

via Daze Reader

<http://www.dazereader.com/weblog.htm>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8508>

Mais valia

13.Nov.2003 | Em euros, todo o dinheiro circulando no mundo dá 20 trilhões. Entre numa loja e troque tudo em dólares. Aí troque o resultado em euros.

Repita o processo 849 vezes.

Sobram 18 centavos. []

Towers of Hanoi

<http://www.monochrom.at/tuerme-von-hanoi/>

via BoingBoing

<http://boingboing.net/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8495>

Hogsmeade

13.Nov.2003 | Tem trailer de Harry Potter 3, O Prisioneiro de Azkaban, disponível no site oficial dos filmes.

O ator Gary Oldman faz o papel de Sirius Black.

Nos cinemas, mesmo, só em junho. []

Trailer

http://harrypotter.warnerbros.com/.../article.jsp?id=POA_Teaser_trailer

via BlueBus

<http://www.bluebus.com.br/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8492>

Filho do Napster

13.Nov.2003 | Depois de provocar estragos à indústria do disco, o mp3 (arquivos de áudio com qualidade próxima à do CD) parece estar fazendo uma nova vítima: o jornalismo musical. Pelo menos este é o diagnóstico de nove entre 10 especialistas no assunto, entre os quais se destaca Ana Maria Bahiana, competente colunista do sítio Comunique-se . Para ela, a facilidade de se compartilhar músicas pela internet está criando uma nova geração de ouvintes que não está acostumada a pagar (e nem vai querer), e os novos hábitos dessa "geração Mp3" vão causar reflexos diretos no mercado editorial. O raciocínio é simples: quem não compra CD dificilmente comprará revistas que falam de música. A saída sugerida por vários teóricos da comunicação é que as publicações se dediquem a focalizar um público-alvo mais adulto, acima dos 30 anos.

Assim abre o artigo do jornalista Rodney Brocanelli, publicado esta semana pelo Observatório da Imprensa. A princípio a relação entre o hábito de comprar CDs e o de comprar revistas não parece fazer qualquer sentido.

Por alguns motivos. Primeiramente, não há sequer provas de que a queda de venda de CDs tenha qualquer coisa a ver com a circulação livre de arquivos mp3. O mundo está em crise, o consumo anda em baixa em todos os mercados, não só no da música.

Mas botando fé na palavra da indústria fonográfica de que a queda existe e é por conta dos Napsters da vida, por que alguém deixaria de comprar uma revista de música? Não há uma geração por aí que possa ser chamada de geração mp3 e que esteja perdendo o hábito de comprar porque música ficou de graça.

O que os mp3 terminarão por enterrar, isto sim é provável, é aquela música que as gravadoras inventam para durar um punhado de meses e vender milhões de discos. Não fará falta.

A crise na mídia existe, é concreta e tem três culpados: a situação econômica mundial; a inépcia dos patrões; a inépcia de nós, jornalistas. Não necessariamente nesta ordem.

O leitor – ou mesmo a nova geração de leitores – não têm culpa no cartório. []

Crise à vista com a geração mp3

<http://www.observatoriодаimprensa.com.br/artigos/jd111120036.htm>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8491>

Cara do crime

13.Nov.2003 | Retratos dos norte-americanos mortos no Iraque, conforme oferecidos pelo site do diário Washington Post.

Entre eles, o rosto de Jesse Givens, cuja carta à família está umas notas abaixo.

As fotografias estão organizadas por data de morte. Givens é o único listado em 1o de maio. []

Faces of the fallen

<http://www.washingtonpost.com/.../casualties/facesofthefallen.htm>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8488>

Ela na tevê

12.Nov.2003 | Cá no Brasil ninguém a conhece – é um nome familiar apenas para os leitores de revistas como Vogue, Elle e afins. Chama-se Paris, como a cidade, mas nasceu nos EUA. A imprensa marrom do estrangeiro a conhece como Paris the Heiress – Paris, a herdeira. Tem 22 anos, é bisneta de Conrad Hilton – aquele, o que fundou a cadeia de hotéis que ainda pertence à família.

Paris Hilton é assunto em meia web por conta dum vídeo distribuído pelo submundo das redes P2P. Nele, filmado no escuro com uma lente que faz da imagem verde, a jovem, aos 19, engaja-se divertida com o namorado de antanho. Ela obviamente sabe que a câmara está lá, já que mira constantemente a lente. Os advogados da família ameaçam de processo quem fizer a distribuição em vídeo ou DVD.

É pelo menos a terceira vez que coisa do tipo acontece no mundo das fofocas de celebridades. A primeira foi com a patinadora Tonya Harding, que teve o vídeo de sua lua-de-mel divulgado. A ela, seguiu Pamela Anderson, misto de playmate e atriz que ameaçava escorregar para a obscuridade até ser salva pelo sexo explícito. Há quem teorize que, neste caso, foi a própria quem manobrou o vazamento.

Paris Hilton é diferente. É muito rica. Não busca a celebridade e a riqueza – assim nasceu, assim será. É famosa por ser rica e viver em festas e só. O filme, desconte-se na lista de pecadilhos da juventude. Também não há de ferir por demais sua imagem. Muda nada. Não sumirão contratos e as colunas de fofoca continuarão abertas como sempre estiveram.

Esta ainda será a década em que o sexo explícito deixará de ser um estigma. Vai ficando corriqueiro aos poucos. []

Paris Hilton Sex Tape Hits the Net

<http://www.eonline.com/News/Items/0,1,12897,00.html>

via Daze Reader

<http://www.dazereader.com/weblog.htm>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8454>

Néon

12.Nov.2003 | Este é o delicioso cemitério de sinais luminosos na cidade de Las Vegas, Nevada, EUA. []

Las Vegas sign graveyard

<http://www.quartzcity.net/gallery/lasvegas-signgraveyard>

via Things Magazine

<http://www.thingsmagazine.net/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8452>

Naquele momento

11.Nov.2003 | Minha família,

Nunca pensei que escreveria uma carta como esta. Realmente não sei por onde começar. Mas tenho tido esta sensação ruim e, bem, se vocês estão lendo isto...

Os momentos mais felizes de minha vida têm a ver com minha pequena família. Sempre terei comigo os pequenos momentos que dividimos. Os momentos em que você deixa de levar a vida tão a sério e sorri. Os sons da risada de um menino ou os chutes de um bebê que ainda não nasceu. Vocês nunca saberão como me completaram. Vocês me salvaram da solidão e me ensinaram como pensar além de mim. Vocês me ensinaram como viver e como amar. Vocês abriram meus olhos para um mundo que nunca sonhei existir.

Dakota... você me ensinou como gostar até doer, me ensinou como sorrir novamente. Ensinou que a vida não é tão séria e que às vezes basta brincarmos. Você tem um grande e lindo coração. Ao longo da vida, mantenha-o aberto e siga-o. Sempre estarei lá em nosso parque quando você sonhar e assim poderemos brincar. Amo você e espero que um dia entenda porque não voltei para casa. Por favor, sinta-se orgulhoso de mim.

Feijão, nunca tive a chance de vê-lo mas sei, do fundo do coração, que você é lindo. Sei que será forte e que terá um grande coração como sua mãe e irmão. Sempre terei comigo a sensação dos pequenos chutes na barriga de sua mãe e a felicidade que senti quando soube que você estava a caminho. Amo você.

Melissa, nunca fui tão abençoado quanto no dia em que a conheci. Você é meu anjo, minha alma gêmea, mulher, amante, melhor amiga. Desculpa. Não queria ter de escrever esta carta. Há tanto mais que preciso dizer, tanto mais que preciso dividir. O suficiente para preencher uma vida inteira. Casei com você para um milhão de vidas. É quanto tempo estarei aí com você. Cuide das minhas crianças. Encontre no seu coração onde me perdoar por deixá-la sozinha... Ensine nossos filhos a viver a vida ao máximo, faça isto você também.

Sempre estarei com você, Melissa. Sempre vou querer você, precisar de você e amar você, em meu coração, na mente, na alma. Faz um favor, depois de botar as crianças para dormir. Distribua abraços e beijos por mim e, então, saia de casa, veja as estrelas e conte cada uma. Não esqueça de sorrir.

Jesse A. Givens escreveu a carta para sua mulher, Melissa, o enteado, Dakota e seu filho que ainda não havia nascido e que apelidou Feijão. Era para ser entregue no caso de morte.

Givens morreu no dia 1º de maio quando o tanque em que estava caiu no rio Eufrates após o terreno ceder. O oficial norte-americano tinha 34 anos. Carson Givens nasceu no dia 29 daquele mês.

O New York Times está publicando cartas de soldados mortos em sua página na web. []

The things they wrote

<http://www.nytimes.com/2003/11/11/opinion/11INTRO.html>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8440>

Um natal em 14

11.Nov.2003 | O soldado Möckel, da minha companhia, havia vivido na Inglaterra vários anos e chamou os britânicos em inglês, de maneira que uma vívida conversa surgiu entre nós.

Alguns soldados de cada lado saíram das trincheiras, apertaram-se as mãos na terra de ninguém e desejaram feliz Natal uns aos outros. Concordaram que não disparariam um tiro no dia seguinte.

Então, pusemos ainda mais velas em nossa trincheira de mais de um quilômetro, assim como erguemos árvores de Natal. Era a mais pura iluminação – e os britânicos expressaram sua felicidade em assobios e aplausos. Como a maioria das pessoas, passei a noite acordado. Foi uma noite maravilhosa, apesar de fria.

Trecho do diário mantido pelo tenente Kurt Zehmisch, do exército alemão, durante a Primeira Guerra. Zehmisch sobreviveu ao conflito para morrer no seguinte, prisioneiro dos russos. []

A cry of: waiter! And the fighting stopped

<http://books.guardian.co.uk/.../history/0,6000,1082441,00.html>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8437>

Bangue-bangue

10.Nov.2003 | Na propaganda de seus novos games de guerra, a Kuma Reality explica que "num mundo retorcido pelo conflito internacional, o que vem à cabeça quando terminamos de assistir ao noticiário é 'isto dava um jogo excelente'". O dito serve de pretexto ao diretor do Programa de Mídia Comparada do Instituto de Tecnologia de Massachussetts (MIT), Henry Jenkins: é ético transformar a dureza da realidade em jogo?

Jenkins cita, no caminho de seu raciocínio, o teórico e designer de games Gonzalo Frasca. Para este, um video game não é capaz de expressar a profundidade de, por exemplo, um filme – não caberia a um jogo de computador adotar por tema, digamos, o Holocausto. Seria superficial, não teria o poder de arrancar reflexão. Por vários motivos mas – e principalmente – porque o foco dos jogos é ganhar ou perder, a sensação da tragédia passa ao largo.

O professor do MIT não chega a concordar, mas propõe o debate. Conforme os jogos sobre esta guerra do Iraque vêm à tona, uma guerra que ainda não terminou, ele se pergunta qual a mensagem dos jogos, em que podem contribuir para a compreensão do drama. Se video games serão arte um dia, estas serão respostas por encontrar. []

via Metafilter

<http://www.metafilter.com/>

War Games

http://www.technologyreview.com/articles/wo_jenkins110703.asp

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8428>

Craque perdido

10.Nov.2003 | Resolvi escrever esta história até para me expor à execração pública: tivesse continuado, estaria no lugar do Cerezo na Copa de 82 e jamais teria dado aquele passe para o Paolo Rossi, como também não perderia o pênalti na semifinal de 86. Em 90 eu não teria jogado mesmo, teria brigado com o Lazzaroni, e em 94 com certeza teria feito ao menos um gol no tempo regulamentar, apesar da pressão contrária do Parreira e do Zagallo. Em 98 me despediria do

futebol não deixando ninguém contar ao Ronaldinho sobre seu pesadelo (eu sei a diferença entre um pesadelo e uma convulsão, o que não parece ser o caso do Dr Lydio), e em 2002 não iria, apesar das súplicas, em solidariedade ao Romario, parando com a bola credor do respeito e da admiração dos amantes do futebol, deixando o país, deixa ver... octacampeão mundial. Isso sem falar no Fluminense...

Cada um com seu cada qual. []

À Sombra das Chuteiras Imortais

http://internetazul.blogspot.com/2003_10_19_internetazul_archive.html

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8426>

Versão não-autorizada

07.Nov.2003 | – Você caiu, como alguém comparou, como Rambo?

– Não, caí rezando, de joelhos. Me incomoda que tenham me usado para simbolizar essa coisa toda, isso é errado. Não sei porque filmaram ou porque contaram aquelas coisas.

Da soldado Jessica Lynch, respondendo à repórter Diane Sawyer, da rede de tevê norte-americana ABC. []

Former Iraq Captive Jessica Lynch: 'I'm No Hero'

<http://www.washingtonpost.com/...articles/A10541-2003Nov7.html>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8414>

Última esperança

06.Nov.2003 | Conforme os soldados norte-americanos reuniam-se na fronteira do Iraque, em março, e os diplomatas discutiam a respeito da guerra, um influente assessor do Pentágono recebeu mensagem secreta de um homem de negócios libanês-americano: Saddam Hussein queria conversar.

Gente do governo iraquiano, inclusive o chefe do serviço de inteligência, disseram ao executivo que eles queriam que Washington soubesse que o Iraque não tinha mais armas de destruição em massa e que ofereciam aos norte-americanos acesso a suas tropas e especialistas para conduzir uma busca independente no país. O homem de negócios disse numa entrevista que os iraquianos ofereceram, ainda, entregar um homem acusado de envolvimento na bomba do World Trade Center em 1993 que era prisioneiro em Bagdá. Num determinado momento, ele disse, os iraquianos disseram que promoveriam novas eleições.

Do New York Times de ontem, dia 5. Em Washington, os apelos à negociação foram recusados. []

Baghdad Scrambled to Offer Deal to U.S. as War Loomed

<http://www.nytimes.com/.../05CND-INTEL.html>

via Metafilter

<http://www.metafilter.com/>

Sem satélite

06.Nov.2003 | Sábado, dia 8, tem eclipse total da Lua. Chega ao ápice às 23h06, hora de Brasília.

Será possível vê-lo nas Américas, Europa e África. []

Lunar eclipse to turn moon red

<http://edition.cnn.com/2003/TECH/space/11/06/lunar.eclipse.ap/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8369>

Briga de busca

05.Nov.2003 | Para que valha os 15 bilhões de dólares dos rumores por tempo o suficiente que não estoure qual bolha, precisará aumentar seus lucros substancialmente. [...] Que o Google permaneça sempre à frente dos outros sites de busca é quase impossível já que é preciso muito pouco – apenas uma idéia brilhante – para perder a liderança. Em contraste com um portal como o Yahoo!, que oferece email gratuito e outros serviços, um site de busca puro está sempre a um clique de perder seus clientes.

Ainda mais assustador (especialmente para aqueles que lembram o destino do Netscape na guerra dos browsers), a Microsoft cheira sangue. Está no momento trabalhando em seu próprio algoritmo de busca, que esperar fazer público ano que vem, mais ou menos quando o Google pretende lançar-se na bolsa. Historicamente, a Microsoft faz bem o jogo de permitir aos outros (Apple, Netscape, Real) o pioneirismo de uma tecnologia antes de assumir controle, explorando seu domínio no sistema operacional.

Da revista Economist.

Isto mesmo: vem aí um site de busca concorrente ao Google – com o selo Microsoft. []

How good is Google?

http://www.economist.com/displaystory.cfm?story_id=2173573

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8357>

Na tela

05.Nov.2003 | Apresentado por Mary Carey, a atriz pornô que concorreu à governança da Califórnia, um novo reality show pretende trazer sexo à tevê. Chama-se Can you be a pornstar? – Você pode ser uma estrela pornô?

A cada episódio, quatro candidatas vão lutar pela vaga. No final, o público escolhe quem ganha um contrato. []

Show asks: 'Can YOU Be a Pornstar?'

<http://www.cnn.com/.../offbeat.pornstar.tv.ap/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8354>

Ramadã

03.Nov.2003 | A parte mais ativa do dia é o quarto de hora imediatamente anterior à quebra do jejum. Toda a família está normalmente num ritmo agitado, com alguém pondo a mesa, alguém carregando a comida, alguém dando ordens sobre o que botar onde e todos impacientes com fome. Os últimos minutos antes de ouvirmos o chamado à reza que significa o fim do jejum são os mais difíceis.

Cada segundo destes últimos cinco minutos passam com o peso de uma hora. Você pode ver cada um fazendo força para ouvir o chamado à reza ecoando pelas ruas de Bagdá. E então vem o fufftoor... e começamos a comer com prazer. A travessa de arroz que parecia ridiculamente pequena há 15 minutos agora parece demais e ninguém come conforme planejava antes – todos estamos exaustos contemplando a comida, as escolhas, as possibilidades.

River, do blog Baghdad burning, descreve o Ramadã na capital iraquiana. []

Ramadhan...

<http://riverbendblog.blogspot.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8327>

Sutilezas

03.Nov.2003 | Em 1275, a idade legal para relações sexuais na Grã Bretanha foi fixada em 12 anos. Assim ficou até 1875, quando subiu para 13. Neste período, com a aceleração dos efeitos sociais da Revolução Industrial – notadamente, pobreza – prostituição infantil inundou as grandes cidades. Em 1885 virou crime sexo antes dos 16 e assim continua até hoje.

Sexo antes disso é ilegal.

Há nuances. É ilegal sexo com moças com menos de 16, sexo homossexual com rapazes com menos de 16 – mas heterossexual, não. Se um casal com 15 anos cada vai para a cama, o sujeito é criminoso, ela não.

Nos rastros da paranóia pedófila, o governo britânico está planejando apertar a legislação. Principalmente deseja uniformizar a legislação, fazendo com que qualquer contato sexual, e não apenas penetração, vire crime antes dos 16 anos, não importa a idade dos outros envolvidos.

É mais ou menos como fazer da adolescência ilegal. []

Sex is not just for grown-ups

<http://observer.guardian.co.uk/review/story/0,6903,1075746,00.html>

via World sex news

<http://www.world-sex-news.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8326>

De sabão, tanque e máquina

03.Nov.2003 | Dica caprichada para quem tem problemas com lavagem de roupas: afinal, não são nada óbvios aqueles ícones nas etiquetas estabelecendo como lavar o quê. São ferros de passar, triângulos, círculos, copos com bolinhas dentro. Símbolos, todos, intransponíveis.

Bem – há quem deva compreendê-los.

Para todos nós outros, há um guia. []

Guide to Common Home: Laundering & Drycleaning Symbols

<http://www.textileaffairs.com/c-common.htm>

via Metafilter

<http://www.metafilter.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8324>

Vader: pai renegado

31.Out.2003 | Mark Hamill, o Luke Skywalker de Guerra nas Estrelas, tirou qualquer referência a sua participação na trilogia do currículo.

Ele diz que quer ser conhecido por algo mais que "aquele cara com o sabre de luz. A única referência nos detalhes biográficos do ator especifica "foi aclamado internacionalmente por seus esforços incansáveis para derrotar o Lado Negro." []

Luke Skywalker actor removes Star Wars from his CV

http://www.ananova.com/entertainment/story/sm_834083.html?menu=

via Blue Bus

<http://www.bluebus.com.br/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8282>

É transgênico ou não é?

31.Out.2003 | A lista é do Greenpeace.

Bom lembrar que transgênicos não são necessariamente maléficos à saúde ou ao meio ambiente – embora possam ser ambos. Uma proteína enfiada na soja (por exemplo) pode ativar alergia a alguém que não tem problemas com soja; a alta resistência de uma planta transgênica pode contribuir para a extinção local doutra planta, ou bicho naquele ecossistema. Ou não. Para fazer direito, um estudo detalhado deveria ser produzido em cada lugar para cada transgênico – que podem, sim, baratear e melhorar a qualidade dos alimentos.

Mas, principalmente, é importante ao menos que o consumidor saiba o que consome.

Transgênicos:

Chocolates Cadbury e Lacta; salgados Elmachips; biscoitos Bauduco, Piraquê e Nabisco; Pães Wickbold, Pullman e Bauduco; ração Frolic, Champ, Pedigree e Whiskas; papinha infantil Gerber e mingau de milho Quaker; óleo de soja Liza; molhos de tomate Parmalat e Uncle Ben's; Ovomaltine.

Naturais:

Chocolates Garoto e Nestlé; biscoitos Tostines e Nestlé; pão Aro; ração Friskies, Bonzo, Cat chow; papinha infantil Nestlé; óleo de soja Sadia; molhos de tomate Cica e temperos Maggi; Nescau.

O link abaixo leva a um arquivo PDF com a lista completa. []

Guia do consumidor - lista de produtos com ou sem transgênicos

http://www.greenpeace.org.br/transgenicos/pdf/guia_consumidor.pdf

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8278>

Bú

30.Out.2003 | O site Retrocrush apresenta uma lista com as cem cenas de filmes mais assustadoras de todos os tempos. Quem ocupa o número um da lista é a famosa cena do chuveiro, sublinhada pela música de Bernard Hermann, no genial "Psicose" (1960), dirigido pelo mestre Alfred Hitchcock, seguido pela cena final de "Carrie, a Estranha" (1976), de Brian de Palma, quando a mão de Carrie aflora do chão, aos pés de sua tumba. Em terceiro lugar está a cena do corredor do hotel em "O Iluminado" (1980), de Stanley Kubrick, quando o garoto Danny passeia com seu velocípede e se depara com os fantasmas das duas garotinhas, que imediatamente dão lugar à visão do assassinato delas. Em quarto lugar, o horror chega à ficção científica e a cena escolhida é do filme "Alien, o Oitavo Passageiro" (1979), de Ridley Scott. Nesta cena, o alien eclode do tórax da personagem vivida por John Hurt e desaparece no interior da nave Nostromu. O pesadelo estava só começando.

O texto acima quem assina é o Antonio Machado, do Impressões imprecisas. Em seu blog, mais detalhes sobre os demais vencedores, em português. []

The 100 scariest movie scenes of all time!

<http://www.retrocrush.com/scary/index.html>

via Impressões imprecisas

<http://impressoes.cliqueaqui.com.br/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8265>

Sobre o sushi de ontem

30.Out.2003 | Josia era um mendigo chique. Morava ao relento, mas o seu relento incluía exclusivamente os arredores da imponente torre do Sunset Tower, num penhasco que dava a visão dos dois paraísos azuis se encontrando na distância: o céu e o mar. Por causa de sua residência, aprendeu a degustar as mais finas iguarias. Os restos, certo, mas não menos iguarias. O seu dia começava com um desjejum composto de iogurte, frutas, pão sírio. Nos dias frios havia chocolate quente. Nas noites frias, consomé e variedades de cremes. O almoço sempre: saladas das mais variadas, filés flambados com amoras, vez por outra uma dose de veuve clicquot ou vinho. Ontem ele almoçou simplesmente risoto de alcachofra e batatas rosti, acompanhado de um vinho chileno. Hoje seu corpo foi encontrado boiando, batendo nas pedras do penhasco abaixo do hotel. Um manobrista disse que o viu passar na tarde anterior, carregando linha e anzol,

resmungando algo sobre sashimis e noite japonesa. Foi enterrado como indigente. Mas bem marinado.

Jules Rimet, vencedor do Concurso de Narrativas Breves Haroldo Maranhão. []

Concurso de Narrativas Breves Haroldo Maranhão

<http://www.meguimaraes.com/concurso/ganhadores2003.htm>

via Repórter Mosca

<http://mosca.blogspot.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8264>

Sem burqa

29.Out.2003 | Chama-se Vida Samadzai, tem 25 anos. Vive nos EUA desde 1998, quando seus pais fugiram da guerra civil em casa.

E é a primeira afegã a concorrer num concurso de miss.

O fato de que não tem mais cidadania afegã é mero detalhe, claro. E o governo afegão achou o desfile de biquíni um desrespeito com o país.

Como diz o Tutty, ô raça. []

via Daze Reader

<http://www.dazereader.com/weblog.htm>

Vida Samadzai

<http://www.electricvenom.com/oldvenom/003470.php>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8253>

Iguaçu

29.Out.2003 | Turismo em Foz. []

H2fOz

<http://h2foz.com.br/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8252>

+ Livros

29.Out.2003 | Desde a publicação da coluna sobre compra de livros online, chove cá na caixa postal emails com dicas. Algumas, excelentes.

É o caso a Iberlivro. Na coluna, falei da Abebooks, espécie de união de sebos em todo mundo concentrado em literatura no vernáculo britânico. A Iberlivro é quase isso só que especializa-se no

mundo ibérico – da península a cá o Novo Mundo. Sebos com livros em espanhol e português a ser pagos no cartão e cujos custos variam de reais a euros a dólares. Acervo riquíssimo.

Mas há pelo menos um sebo tupinambá com site excelente. Aliás, melhor dizer guarani que o sebo é gaúcho, cantão onde os tupis não chegavam. Chama-se Traça, homenagem respeitosa ao bicho desgraçado. O acervo está digitalizado e a preservação dos volumes bem descrita. Enviam pelo correio a todo Brasil ou exterior – e a paga é no bom e velho Real. []

Iberlivro

<http://www.iberlibro.com/>

Traça

<http://www.traca.com.br/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8249>

Mudança de ares

27.Out.2003 | Na próxima semana faremos algo diferente. Estamos pedindo a você que nos ajude a melhorar o Longhorn para que ele seja um sistema operacional que você não odeie.

Por que esta é uma mudança gigantesca? Sempre que soltamos uma nova versão do Windows nós a mantivemos em segredo. Fizemos com que todos que vissem a nova versão assinassem um contrato de não divulgação. Mesmo muitos dos que assinaram um contrato desses não tiveram acesso às equipes de desenvolvimento e, quando tiveram, era tarde demais para ajudar a mudar o produto.

Deixem que eu explique. Só trabalho na Microsoft há cinco meses. Antes, testei muito dos softwares antes do lançamento. Primeiro o Windows 95 e NT, depois o 98, ME, 2000, XP.

Nunca tive acesso à equipe de desenvolvimento a tempo. Nunca tive um weblog onde podia dizer "odeio a interface" antes de o software estar pronto. É claro que tínhamos grupos de discussão secretos antigamente. Alguns de nós, que testávamos, éramos até convidados a conhecer os times de desenvolvimento. Mas a Microsoft nunca pediu que eu escrevesse em meu weblog público sobre sua roupa suja.

Semana que vem é exatamente isto que pediremos. Mexam com o Longhorn e digam o que pensam.

Estamos oferecendo aos testadores acesso aberto a uma versão bem recente do Longhorn. Tem uns dias de vida. E queremos que você o odeie. Abertamente. No seu weblog. Digam o que está errado. Como poderemos melhorar.

Mudança de estratégia na Microsoft? Longhorn – em português, chifre longo – é a nova megaversão do Windows que virá ao mercado em 2004.

A ver. []

How to hate Microsoft

<http://longhornblogs.com/scobleizer/posts/345.aspx>

via Scripting News

<http://www.scripiting.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8203>

Pantera

24.Out.2003 | A versão 3 do melhor Unix da praça sai do forno já-já.

Nos EUA. []

Panther

<http://www.apple.com/macosex/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8158>

IPO

24.Out.2003 | A turma do Google deve pôr seus papéis no mercado ano que vem. Está todo mundo de olho: será o primeiro grande lançamento de ações duma ponto com desde aqueles dias fatídicos de abril, há três anos.

O site processa 150 milhões de buscas por dia e lucra 15 bilhões de dólares, ano. Está no azul graças à publicidade. Tende a crescer.

Por conta, há um punhado de bancos de investimento disputando sua conta para levar a papelada ao pregão. A diretoria do Google está com idéias diferentes. Cogita pôr suas ações à venda online, o que diminuiria sensivelmente o percentual do atravessador financeiro.

Em Wall Street, não gostam da idéia. Seria uma novidade e banqueiro sai perdendo. Mas argumentam que não é só isso: abrindo-se à venda pela rede, os papéis poderiam atingir um valor muito maior, inflacionado. Foi um pouco por isso que ocorreu a quebraadeira das ponto com.

O que não dizem: é também disto que vive o pregão. []

Google goes for gold in £9bn float

<http://media.guardian.co.uk/.../0,7521,1070135,00.html>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8152>

Os frustrados

24.Out.2003 | O MELA tem site. Explica-se: Movimento dos Eleitores do Lula Arrependidos.

Não poderia ser diferente ao ver a nomeação de um vampiro internacional para o Banco Central, ao ver a continuidade da política econômica do governo passado. Ora, trabalhamos e votamos na mudança, na valorização dos salários, aposentadorias, proventos e pensões e não em sua taxaço, votamos na dignificação do estado brasileiro, de seu funcionalismo, de suas entidades mais perenes como os poderes constituídos e suas Forças Armadas. Votamos contra juros escorchantes, submissão ao FMI, lucros indecorosos de banqueiros e capital volátil do mercado financeiro. []

Mela

<http://www.mela2006.com.br/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8151>

In memoriam (2)

23.Out.2003 | A Economist que chega ao Brasil no fim de semana decidiu prever a morte do petróleo. E, quem diria, morte, segunda a revista britânica, que virá ainda antes de acabarem as reservas mundiais do combustível fóssil. (Segundo estimativas não dura mais um século.)

Para os editores da Economist, o petróleo acabará por três motivos. O primeiro é político: o mundo é refém da OPEP. O segundo tem a ver com o custo. Só os EUA transferiram para os países filiados à OPEP 7 trilhões de dólares nas últimas três décadas. Isso é quase o PIB norte-americano. O terceiro motivo é a poluição – veículos são dos maiores vilões aí.

A única solução a longo prazo é reduzir a dependência do mundo em petróleo. Alcançar isto pareceu um dia impossível. Não mais. Células de hidrogênio estão transformando-se, finalmente, em alternativas viáveis. Estas são grandes baterias alimentadas por hidrogênio que podem fazer funcionar qualquer coisa em sua casa – principalmente seu carro. Hidrogênio é um combustível que, como eletricidade, pode ser produzido de uma variedade de fontes: combustíveis fósseis como carvão e gás natural, combustíveis renováveis, até energia nuclear. Toda montadora de automóveis tem hoje um programa de células de hidrogênio e toda empresa petrolífera está trabalhando arduamente para descobrir como melhor alimentar estes carros com hidrogênio.

Outra alternativa que é bem capaz de estar disponível nos próximos poucos anos é o bioetanol.

Mas, deste último caso, brasileiros já sabiam há tempos. []

The end of the Oil Age

http://www.economist.com/opinion/displayStory.cfm?story_id=2155717

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8142>

+ Indy

23.Out.2003 | Ajude Indiana Jones a salvar-se na Estrela da Morte.

Isso mesmo.

Requer Flash. []

Indiana Jones in Odd World

<http://www.mausland.de/indiana.html>

via Impressões imprecisas

<http://impressoes.cliqueaqui.com.br/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8138>

Pesadelo

23.Out.2003 | Um memorando assinado pelo secretário de defesa norte-americano Donald Rumsfeld e vazado pela edição de hoje do USA Today dá o tom de o que passa pela cabeça do governo dos EUA. Trechos:

O departamento de defesa foi organizado, treinado e equipado para lutar contra grandes exércitos. Não é possível mudá-lo rápido o suficiente para lutar uma guerra global contra o terror; uma alternativa é criar uma nova instituição dentro do departamento ou fora dele. [...]

Temos resultados confusos em relação à Al Qaeda, apesar de termos imposto pressão considerável nela, muitos de seus líderes continuam livres.

O governo dos EUA fez razoável progresso na prisão ou morte dos 55 iraquianos mais importantes do regime Saddam.

O governo dos EUA fez progresso mas lento no desmanche do Talibã. [...]

Será que os EUA devem criar um plano integrado e abrangente para impedir a próxima geração de terroristas? Estamos nos esforçando pouco em planejar a longo prazo mas nos esforçando um bocado para impedir os terroristas [de hoje]. O custo benefício está contra nós! Gastamos bilhões e os terroristas, milhões.

Precisamos de uma nova organização?

Como impedimos aqueles que financiam as escolas madraçais radicais?

Será que nossa situação atual é "quanto mais trabalhamos mais para trás ficamos?"

Está claro que nossa coalizão pode vencer no Afeganistão e Iraque de uma forma ou de outra, mas será um caminho longo e difícil.

Será que a CIA precisa descobrir algo novo?

Deveríamos criar uma fundação privada para levar as madraçais radicais a um caminho mais moderado? []

Rumsfeld's war-on-terror memo

<http://www.usatoday.com/.../rumsfeld-memo.htm>

via Blue Bus

<http://www.bluebus.com.br/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8136>

Direito de imagem

23.Out.2003 | Photolog.com.br, a versão tupinambá (e não afiliada) do Fotolog. []

Photolog

<http://www.photolog.com.br/>

via Filtro

<http://filtro.cabaretvolttaire.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8135>

Seu Frias

22.Out.2003 | Eu tenho receio [do socorro especial para a mídia por meio de empréstimos concedidos pelo BNDES]. Eu tenho um receio muito grande. Isso tende a interferir. Para falar claramente... [Pausa, olhar perdido] nem sei se deveria dizer isso...[Olha no olho no repórter e fala firme] em todo caso vou arriscar: o que interessa ao governo é a mídia de joelhos. Não uma mídia morta. Uma mídia independente não interessa a governo nenhum. Dentro desse princípio é difícil ver essa questão do BNDES. Por que criar um sistema assistencial, preferencial para os jornais, para mídia? Por quê? Se todo o empresariado está endividado, nunca vi uma situação tão difícil em toda a minha vida e estou apenas com 91 anos. Nunca vi uma situação igual. Mas nós vamos sair dela.

Octavio Frias, dono do Grupo Folha, fala à AOL sobre seu jornal, crise econômica, Roberto Marinho. []

"O governo quer a mídia de joelhos"

<http://noticias.aol.com.br/.../2003/10/21/0004.adp>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8124>

O estado das coisas

22.Out.2003 | Na última edição da britânica Spectator, Simon Nixon volta à questão da disputa entre dólar e euro. O gancho: Rússia acenou com a possibilidade de vender seu petróleo em euros. Faz sentido, já que a Europa é seu maior cliente. Também não é coisa pouca. O Iraque pode ter a segunda maior reserva de petróleo do mundo mas, por enquanto, é a Rússia o segundo maior produtor.

Segue o raciocínio: se a OPEP decide passar a vender petróleo em euro, os países compradores precisam abrir mão de parte de suas reservas de dólar, a moeda norte-americana guardada passa a circular, inflaciona, despenca.

Num relatório recente a respeito da economia mundial, a revista Economist, britânica como a Spectator, abordou a questão por outro ângulo, ignorando a questão do petróleo. Para os EUA de hoje, dizia a revista, pode não ser má idéia alguma desvalorização de sua moeda. Com a economia estagnada e o desemprego em ascensão, um dólar desvalorizado quer dizer mais exportação.

Esta curta desvalorização do dólar poderia reaquecer a economia norte-americana, que tende a puxar qual locomotiva as finanças mundiais. Se os EUA vão mal, o mundo acompanha.

Quem mantém o dólar valorizado são, principalmente, os países asiáticos, construindo grandes reservas da moeda para desvalorizar seus dinheiros e tocar para a frente exportação em massa. Conseguem – mas ao custo de dores de cabeça norte-americanas. Assim, seriam precisos sacrifícios da costa pacífica da Ásia para o reaquecimento da economia no mundo, explicava a Economist.

Vá entender. Cá na terra dos papagaios o dinheiro segue curto. []

A survey of the world economy

<http://www.economist.com/printedition/index.cfm?d=20030920>

What's that in euros?

<http://www.spectator.co.uk/.../2003-10-18&id=3619>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8123>

Pererê

22.Out.2003 | A Associação Nacional dos Criadores de Saci pôs uma campanha na praça: fazer do 31 de outubro, que é Halloween alhures, um dia do Saci cá na terra. Argumentam, com uma certa razão, que pelo menos alguém deve lutar pela preservação do folclore pátrio em detrimento do importado.

Nas fileiras dos defensores do projeto já contam com um nome ilustre: o do jornalista Ivan Lessa, da BBC.

Segundo a Associação, o saci é um primata que adulto chega a um metro, tem só uma perna, a pele escura, parece gente. À cabeça tem um pelo mais avermelhado que se junta qual funil – o saci tem o hábito de mascar um pedacinho de bambu que muitos confundem com cachimbo. Não há de figurar entre as descrições mais escorreitas mas, se eles criam, hão de saber.

Halloween, coitado, que é no final de outubro, fica lá por questão de calendário desencontrado. É equivalente ao nosso Finados, uns dias mais tarde. Jack o' Lantern (aquela abóbora recortada em rosto) também não merece nossa total desconsideração: tem muito dele por aqui, é só que o chamamos boitatá.

Explica-se. Jack of the lantern era um celta pobre coitado que enrolou o diabo e arrancou-lhe a promessa de que não terminaria no inferno. Quando morreu, foi barrado no paraíso. O resultado é que ficou peregrinando pelo mundo sem ter para onde ir. Do diabo, ganhou de presente um carvãozinho para iluminar-lhe o caminho que jogou no interior de um enorme nabo; na versão Novo Mundo, o nabo fez-se abóbora moranga. Jack da lanterna, pois.

É uma das muitas lendas do mundo para explicar o fogo fátuo. Quando corpo de gente ou de bicho começa a apodrecer, solta gás metano; concentrado a 28% na atmosfera, entra em combustão, fogo azulado, e faz barulho. Como isso acontece muito em cemitério, os bárbaros europeus deviam achar estranhíssimo. Cá no Brasil, os índios conviviam com pântanos onde havia alta concentração de metano. O Rio de Janeiro, por exemplo, era quase que um pântano só. O que os celtas apontavam como lanterna, eles cá diziam ser os olhos do boitatá. Mesmíssima coisa. É importado mas faz parte dum todo.

Nada contra o Dia do Saci, muito pelo contrário. Idéia até bem simpática. []

Associação Nacional dos Criadores de Saci

<http://www.ancsaci.com.br/>

O Saci é nosso

http://www.bbc.co.uk/.../2003/10/031020_ivanlessamp.shtml

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8106>

A cara de Salam

22.Out.2003 | Há uma foto de Salam Pax em sua entrevista para a revista alemã Stern desta semana.

Ou quase uma foto. []

"Wir müssen Hoffnung haben"

<http://www.stern.de/.../id=514341&q=salam%20pax>

via Dear Raed

http://www.dear_raed.blogspot.com/

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8105>

Entre Saddam e George W.

21.Out.2003 | Em todas as pesquisas recentes uns 30% da população norte-americana mostram a convicção de que Saddam Hussein esteve envolvido no 11 de setembro e que armas de destruição em massa foram encontradas no Iraque.

A primeira informação está muito longe de ser confirmada – a segunda é falsa de todo.

Editora sênior da revista American Journalism Review, Lori Robertson escreve um longo artigo questionando a responsabilidade da imprensa local. Se o povo está mal informado, quanta culpa cabe à mídia. Ela lista muito dado, mostra indícios e não chega a qualquer conclusão. (Como nem poderia em questão assim sutil.) Faz pensar.

Por um lado, a imprensa norte-americana é responsável. É vício do reportariado esquentar cada novidade dedicando pouca atenção às informações passadas, ao pano de fundo da história. Então coisa nova como um caminhão encontrado que pode ter sido usado como laboratório móvel de químicos acaba tendo muito destaque, o condicionante pode ir para o espaço, a informação (velha) de que arma de fato não há nenhuma fica discreto demais.

(Dizia-se, noutros tempos, que se é "pode", não é notícia, é incerto. Mas isso é regra de jornalismo das antigas.)

Por outro lado, a opinião popular não é baseada em fatos – é emocional. Tomada a decisão de confiar num líder, parte-se do princípio que o que ele fala é verdadeiro e assim deve ser. Contra este tipo de postura, apenas uma quantidade pesada de informação derrubando a credibilidade do tal líder vira a tendência. E esta não é apenas informação que se recebe via imprensa – é também dos arredores, do dia-a-dia, dos conhecidos.

Em ambos os casos, os norte-americanos não são melhores ou piores que os brasileiros – ou que quaisquer outros. Tanto nos pecados da imprensa quanto nos dos humores populares. []

Baghdad Urban Legends

<http://www.ajr.org/Article.asp?id=3408>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8097>

Arca da perdição

21.Out.2003 | Hoje é dia de Indiana Jones.

Nas melhores lojas e locadoras do ramo. []

IndianaJones.com

<http://www.indianajones.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8096>

Entre as paredes duma clínica

21.Out.2003 | O medo e a felicidade são dois sentimentos que rondam a cabeça da gente quando descobrimos que estamos grávidas – nessas condições de dependência financeira dos pais, futuro indefinido e presente instável. Com o curso na faculdade quase terminando e a vida profissional apenas engatinhando, é impossível conceber com naturalidade a idéia da maternidade. Por mais que todos fiquem do lado e apóiem qualquer decisão, a mulher é a pessoa responsável pela vida do próximo ser humano a ocupar seu espaço neste planeta maluco. E, nos dias de hoje, só quem está muito bem estruturado psicologicamente e financeiramente pode ter a audácia de trazer mais uma vida para este mundo.

O processo é muito mágico, o corpo da gente se transforma em semanas e temos a plena certeza de que este é o objetivo mor da natureza, e nosso, como seres humanos. É sublime saber que existe uma vida sendo gerada dentro de você e, também, como o corpo se mobiliza todo para essa gestação. É belo. Mas não vivemos numa comunidade hippie.

M.C. escreve sobre seu aborto na revista eletrônica/weblog Pessoas do século passado. []

O aborto de cada um

<http://www.pessoasdoseculopassado.com.br/interna.asp?tid=613&sid=3>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8086>

+ Links

21.Out.2003 | Na página de links deste weblog já há uma pequena lista de blogs dedicados às eleições norte-americanas do ano que vem.

Ela está acessível a um clique de Todos os links, no pé da barra aí à direita. []

Startpage

<http://homepage.mac.com/pdoria/weblog/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../8085>

Mais uns dias

05.Out.2003 | Isto posto, caríssimos, saio de férias. Duas semanas – mais, só depois da metade do ano que vem.

Obrigado pela constante leitura. []

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7849>

Acabou

05.Out.2003 | Ontem, sábado, acabou a bagunça em que a Verisign lançou a Internet.

A empresa, responsável pelo registro dos endereços terminados em .com e .net, havia instalado um sistema de wildcat na rede. Ou seja: quem digitava endereço errado, ao invés de receber uma mensagem de erro ia parar numa página do site da Verisign. Assim, seqüestrou meia rede, pôs em pane os sistemas anti-spam dos provedores de acesso e faturou uma grana vendendo banners publicitários para mostrar a quem fosse em seu site parar.

No dia 19 de setembro, o ICANN, comitê que rege a Internet, enviou carta à Verisign pedindo que desistisse de seu projeto. No dia 21, a Verisign respondeu dizendo que não, não ia. Sexta-feira passada o ICANN enviou nova carta, desta vez ameaçando a abertura de um processo judicial alegando que a empresa prestadora de serviços havia ido além do contrato. Perante a possibilidade de perder o privilégio de registrar aqueles domínios – mais da metade da Internet, afinal de contas, que rende uma boa quantidade de dinheiro – a Verisign cedeu. Desde hoje, domingo, a rede voltou a ser como era antes.

Nesta segunda carta do ICANN, o órgão ofereceu-se para fazer um estudo técnico do impacto que será concluído até 15 de janeiro próximo. O que não aceita é uma mudança repentina. A VeriSign reclamou da ameaça de seu contratante, alegando que não houve abertura nem para uma conversa oficial.

Tudo, parece, volta a ser como dantes. Mas a rusga no relacionamento entre as duas entidades ainda promete consequências. []

Letter from Paul Twomey to Russell Lewis

<http://www.icann.org/correspondence/twomey-to-lewis-03oct03.htm>

VeriSign calls halt to .com detours

http://news.com.com/2100-1032_3-5086101.html

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7848>

Conteúdo

03.Out.2003 | A revista eletrônica Reator está cobrindo bacana o Festival de Cinema do Rio.

A série de entrevistas com correspondentes internacionais é também ótima. []

Reator

<http://www.reator.kit.net/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7824>

Ponto de vista

02.Out.2003 | O inimigo se desenvolveu. É um pouco mais letal, um pouco mais complexo, um pouco mais sofisticado e, em alguns casos, um pouco mais tenaz. Enquanto estivermos aqui, a coalizão precisa estar preparada para enfrentar perdas. Não podemos nos surpreender se, dia desses, acordarmos e descobirmos que há uma grande batalha ou um grande ataque terrorista.

General Ricardo Sanchez, comandante das tropas terrestres dos EUA no Iraque. []

U.S. General says Iraq guerrillas more lethal

http://story.news.yahoo.com/.../ts_nm/iraq_dc

via DailyKos

<http://www.dailykos.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7808>

Bichento

02.Out.2003 | Você está enfrentando sozinha uma árdua tarefa, que em alguns países foi dividida por toda uma equipe de tradutores. Você não acha que, ao contrário dos livros técnicos ou científicos, uma obra literária deve ser traduzida por uma única pessoa?

Decididamente. Isso não tem nem talvez. Tanto que quando se aventou a possibilidade de ter alguém para me ajudar, eu tracei o perfil ideal deste ajudante: uma pessoa de família nordestina, que nasceu no interior de São Paulo, cresceu no Rio de Janeiro, morou em Manaus e Porto Alegre... ou seja: teria que ser outra eu. Isso porque a vivência de cada pessoa tem a ver com a aquisição de um vocabulário próprio. A língua é coletiva, mas o vocabulário é extremamente individual, assim, cada família, cada pessoa combina essa linguagem social de forma muito particular. Tanto que as famílias têm suas expressões prediletas, as piadas que só as pessoas da família entendem...

Cada tradutor teria, portanto, soluções diferentes para um mesmo texto.

Sem dúvida. Eu procuro usar palavras do Brasil inteiro, que de início podem não fazer sentido, mas se as pessoas forem investigar, perceberão que têm uma lógica por trás. Um exemplo: o gato de Hermione se chama Bichento, uma palavra que parece ter sido inventada, mas que existe no dicionário. No ceará, bichento é o indivíduo de pernas tortas, arqueadas. Ora, no original o nome do gato é Crookshanks, que significa, literalmente, "pernas arqueadas". Outra razão para ter escolhido bichento é o fato deste termo ter sonoridade semelhante à de bichano, termo usado para designar gatos aqui no Brasil. Portanto, para mim, batizar o gato de Hermione de Bichento me pareceu a solução ideal, mas outro tradutor poderia ter chegado a uma solução totalmente diferente e, ainda assim, válida.

Lia Wyler, tradutora de Harry Potter. A Rocco pôs no ar um site para o lançamento da Ordem da Fênix. []

Harry Potter na Rocco

<http://www.harrypotter.rocco.com.br/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7807>

Móvel

01.Out.2003 | Há quem não goste da Vivo. []

VIVOdando

<http://www.vivodiando.com.br/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7781>

A distância

01.Out.2003 | Alguns dos cursos que o Instituto de Tecnologia de Massachussetts (MIT) oferece nas salas de aula está disponível na web – ou, ao menos, os papéis que os professores distribuem.

Notícia velha.

Novidade: destes cursos online, alguns foram traduzidos para o português. []

MIT OpenCourseWare em português

<http://www.universiabrasil.net/mit/>

via Don't believe the hype

<http://dbth.net/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7780>

Dança

01.Out.2003 | A propaganda de uma revista econômica russa foi tirada das praças, julgada imoral pelo Comitê de Propaganda do país.

O editor da revista lamentou o incidente, constrangido.

Explicou que, ao ver a imagem oferecida pela agência publicitária, creu tratar-se de jovial dança entre euro e dólar. []

Ban on Russian ads depicting euro having sex with dollar

http://www.ananova.com/news/story/sm_822534.html

via Daze Reader

<http://www.dazereader.com/weblog.htm>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7779>

Experimenta

01.Out.2003 | Há quem estude a fala reversa. Explica-se: o cérebro organiza os sons que emitimos durante a fala. Segue a teoria da fala reversa que se gravarmos o que dizemos e tocarmos de trás para frente, entre o ruído encontramos pequenos trechos, frases curtas, referentes ao assunto. É como uma mensagem inconsciente, que pode confirmar ou negar o dito. E que, inconscientemente, compreendemos.

O preâmbulo serve para dizer que a ong Mensagem Subliminar está acusando a propaganda da Nova Schin com Zeca Pagodinho de ter revertido a fala do garçom que atende o músico. Na propaganda, não se entende nada. Ouvido de trás para frente, a história é outra...

O som não está disponível no site da ong para que o cético confira. Mas, noutro caso, a mesma ong revelou mulheres nuas escondidas entre os frames duma vinheta da MTV.

Atualização - Bom destacar: o som não está disponível no site para conferência. []

Ong denuncia mensagem subliminar na Nova Schin

<http://www.mensagensubliminar.com.br/noticias.php?action=view&id=44>

Reverse speech

<http://www.reversespeech.com/home.htm>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7773>

Números

01.Out.2003 | Já morreram 311 soldados norte-americanos no Iraque; no Afeganistão, 88. São números que, atualizados diariamente, aparecem toda hora na imprensa dos EUA – e do mundo. (Os números afegãos e iraquianos são complicados de ser contabilizados, disfarçados, ignorados etc.)

O Christian Science Monitor de hoje levanta outro número: o de feridos nas duas guerras (que continuam). São, apenas no Iraque, 1.691 atingidos mas não mortos. Ferimentos causados por minas, mísseis, coisas que arrancam fora membros.

Na Segunda Guerra, para cada soldado morto, houve três feridos. A proporção aumentou: para cada morto, são cinco feridos. Tem motivo: melhor segurança, melhor equipamento, maiores chances de vida.

Isso quer dizer, também, maior custo. O orçamento para este ano do Departamento de Veteranos será de 59,6 bilhões de dólares – quase tudo para arcar com os custos médicos de injúrias sofridas por militares em guerras passadas. Muitos requerem tratamento para o resto da vida.

Este dinheiro não está incluso em nenhuma das contas sobre os custos da guerra. []

Iraq war's human toll could be felt for decades

<http://www.csmonitor.com/2003/1001/p01s02-woiq.html>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7772>

Vitrine

30.Set.2003 | Marcelo Tas tem blog pessoal. []

Blog do Tas

<http://pphp.uol.com.br/marcelotas/html/index.shl>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7759>

O meme de Dawkins

30.Set.2003 | Não sei se gay – no sentido homossexual – aconteceu simplesmente ou se foi lançado por alguém. De qualquer jeito, é um meme de sucesso. A nova definição está no dicionário e é usada mais ou menos universalmente por heterossexuais. Será que algum sindicato lançou gay deliberadamente no mundo? Ou simplesmente nasceu espontaneamente e se espalhou qual fogo em capim? Não sei como, ou quando, gay teve seu início mas, em 2003, estamos assistindo ao lançamento deliberado de um novo meme. É bright. O meme bright está intencionalmente imitando o gay com o objetivo de copiar seu sucesso.

O meme gay melhorou a imagem e, ousado dizer, a felicidade de uma minoria em outros tempos impopular. Assim, bright pretende auxiliar outra comunidade beligerante nos EUA: aqueles que, no país mais religioso do ocidente, não têm religião, que são chamados ateus, agnósticos, pensadores livres, secularistas ou humanistas. [...]

Eu sou bright. Vocês são (muito provavelmente) brights. A maioria das pessoas que conheço são bright. Presumivelmente há muitos brights dentro do armário no Congresso, mas eles não ousam sair. Percebam pelos exemplos que a palavra é um pronome, não um adjetivo. Nós brights não estamos dizendo que somos bright (no sentido espertos, inteligentes) assim como os gays não dizem que são gay (no sentido felizes).

Assim diz o biólogo evolucionista Richard Dawkins, na Wired.

O termo meme foi cunhado por ele nos anos 1970. É a partícula mínima da comunicação, como gene é a partícula mínima da vida. Um meme pode se espalhar como vírus. Um boné virado para trás, hoje uso corriqueiro, é um meme que se espalhou. A palavra gay, que originalmente quer dizer feliz, também teve seu sentido modificado, um sentido que espalhou-se qual meme. []

Religion be damned

<http://www.wired.com/wired/archive/11.10/view.html?pg=2>

via Arts & Letters Daily

<http://aldaily.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7757>

Façam rir

29.Set.2003 | No mesmo dia em que morreu Elia Kazan, morreu também Donald O'Connor. Ator do segundo time de Hollywood no tempo dos musicais, O'Connor tem uma cena memorável: aquela em que canta Make'em laugh em Cantando na chuva.

Foi tudo de improviso. Gene Kelly falou para que fizesse o que lhe viesse à cabeça, fez – o filme foi superexposto. Rodaram na segunda, ficou mais ou menos igual. E é o que está no filme. []

Donald O'Connor, Who Danced Through Many Hollywood Musicals, Dies at 78

<http://www.nytimes.com/2003/09/28/obituaries/28OCON.html>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7752>

Campo de distorção de realidade

29.Set.2003 | Joseph Galloway, crítico de Forças Armadas da cadeia de jornais Knight Ridder, dos EUA, explica como destruir um exército na fórmula Donald Rumsfeld. Em resumo:

Fazer com que os soldados trabalhem à exaustão. Das 33 brigadas de combate, Rumsfeld mantém 30 em batalha.

Ignorar o treinamento. Com tanta gente no exterior, o pouco tempo em que eles têm para voltar à casa é dedicado às famílias, não à reciclagem.

Politizar os critérios de promoção. O exército decidia internamente quem seria alçado a general de três e quatro estrelas. Sob Rumsfeld, o exército apresenta uma lista tríplice e os civis na Casa Branca escolhem quem sobe.

Decidir que você descobriu uma maneira mais barata de ganhar guerras. Rumsfeld decidiu que para vencer guerras basta bombardeio aéreo intenso e meia dúzia de tropas especiais no chão. Como a guerra de guerrilha que toma conta do Iraque contradiz a teoria, nega-se a existência de guerra. Ataques diários viram ataques, não batalhas. Fossem batalhas, seria guerra. []

How to ruin a great army? See Donald Rumsfeld

<http://www.realcities.com/mld/krwashington/.../galloway/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7749>

Lembrando Said

29.Set.2003 | A perda do professor Edward Said, após a batalha árdua contra uma doença desmoralizante que ele carregou com coragem, será intolerável para sua família, insuportável para seu imenso círculo de amigos, incômoda para uma vasta periferia de admiradores e deprimente para todos aqueles que continuam a esperar por um acordo decente em sua cidade de nascença, Jerusalém. [...]

Eu o conheci e admirei por mais de um quarto de século e espero não ser mal compreendido quando digo que sua energia moral nem sempre foi refletida por bom julgamento político. De fato, não deveria ser crítica a ninguém dizer que política não é seu forte, principalmente num caso como este em que política foi-lhe forçada pela vida. Edward tinha uma pequena tendência à autopiedade e este tema se impôs mesmo em seu melhor trabalho literário, que muitas vezes

expressava uma sensação de injúria e de vítima. (Estou pensando em certas passagens de seu Orientalismo e em alguns dos ensaios de Cultura e imperialismo.)

O jornalista britânico radicado nos EUA Christopher Hitchens lembra com carinho – e verve – do amigo Edward Said. Na Slate. []

Edward Said

<http://slate.msn.com/id/2088944/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7748>

5764

26.Set.2003 | L'shana tová tikatevu. []

Ishmael

<http://www.cjb.org.br/netsach/rosh/ishmael.htm>

Receitas de Rosh Hashaná e Yom Kipur

<http://www.cjb.org.br/netsach/rosh/receitas.htm>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7709>

Comércio

26.Set.2003 | Vende-se: país rico, fértil, população por volta dos 25 milhões... mais uns 150.000 soldados estrangeiros e um punhado de fantoches. Condições de venda: interessados devem ser empresa norte-americana ou britânica (se for francesa, esqueça)... prefere-se afiliada à Halliburton. Favor contactar membros do Conselho Governante em Bagdá, Iraque, para mais informações.

O anúncio está no blog Baghdad burning. []

For sale: Iraq

<http://www.riverbendblog.blogspot.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7707>

De blogs & fatos

25.Set.2003 | Brendan O'Neil, colunista da revista eletrônica Sp!ked, escreve sobre a cena dos blogs na Grã Bretanha – e no mundo – e apresenta o vocabulário dos blogueiros políticos no Reino Unido.

Um termo chama atenção: fisking. Robert Fisk, o correspondente do diário Independent no Oriente Médio, virou verbo. Fisk não é dos jornalistas mais queridos pela turma conservadora pró-guerra. Fisking, pois, é o ato de pegar uma coluna sua e destrinchar, argumento por argumento, até desmontar. O termo virou genérico: leva o nome de Fisk mas serve a qualquer autor ou artigo.

O'Neil é jornalista e blogueiro. Sua análise foi motivo de um evento patrocinado pela Sp!ked – espécie de Slate britânica – sobre blogs. Para ele, é um exagero completo dizer que blogs são uma revolução na imprensa. Blogueiros, diz O'Neil, alimentam-se da imprensa tradicional e muito raramente trazem coisa nova à tona, geram conteúdo único.

Não dá para concordar com tudo que ele escreve – mas tem lá suas razões. []

BrendanO'Neill.net

<http://www.brendanoneill.net/>

Gone to the blogs

<http://www.spiked-online.com/articles/00000006DBDD.htm>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7690>

Sharia

25.Set.2003 | Desde esta semana, Pókemon está proibido na Arábia Saudita.

Segundo os mulás, o personagem japonês faz propaganda de símbolos sionistas, cristãos e maçons. Não bastasse, é baseado na Teoria da Evolução Natural de Charles Darwin.

Nada como deixar os critérios às claras. []

Saudis to stamp out Pokemon

http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle_east/1249820.stm

via Pathologically polymathic

<http://danny.oz.au/blog/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7682>

Mais um?

25.Set.2003 | Da série histórias bizarras: vende-se na rede uma droga chamada RU-21. Duas pílulas a cada dois copos e, pronto, ressaca zero. Segundo o diário britânico Guardian, a droga foi desenvolvida pela KGB para que seus agentes pudessem beber com fontes sem comprometer a integridade física.

Teoricamente, RU-21 impede que o corpo gere a enzima que transforma álcool em tóxico na circulação, facilitando que seja expelido.

Parece bom demais para ser verdade – mas está no Guardian. []

Movie stars get hung up on KGB's anti-hangover drug

<http://www.guardian.co.uk/russia/article/0,2763,1047760,00.html>

via Aberrant news and curiosities

<http://www.thundersnake.com/news.htm>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7681>

Tibete livre

24.Set.2003 | Não era nada agradável a vida no Tibete, quando livre. Boa parte do povo vivia, no campo, em regime de servidão. Escravidão era legal. Se os senhores de terra permitiam-lhes um naco para cultivar, trabalhavam para o patrão gratuitamente.

Uma filha bonitinha dum servo, não importa a idade, servia ao dono no que lhe interessasse. Não só filhas – na teocracia do Tibete, meninos camponeses não raros eram levados para os mosteiros para o trabalho doméstico obrigatório. Não raro, o trabalho não era apenas doméstico.

Muitos dos mosteiros, aliás, tinham prisões próprias, mas nem sempre as penas envolviam cerceamento de liberdade. Para ladrões poderia ser uma língua cortada, mutilação de membros ou chibatadas. Olhos arrancados.

Foi a invasão chinesa, em 1959, que terminou com o regime de escravidão feudal. Os primeiros hospitais do país, como as primeiras escolas não-religiosas, foram os comunistas que implantaram.

A resistência houve desde o início. Em geral, como é típico do período da Guerra Fria, grupos contra-revolucionários foram inseridos no país pelas mãos da CIA. Os jovens tibetanos, treinados pelos norte-americanos, vinham das famílias da elite. Nunca conseguiram angariar a simpatia do povo a ponto de provocar burburinho. E também nunca mais se soube deles – bem provável, apodreceram nas mesmas prisões que seus inimigos de antes apodreciam.

É verdade que o atual Dalai Lama era um menino no tempo da invasão e que, após a Revolução Cultural na China, a opressão veio do outro lado. Mas é pouco conhecido o fato de que o Dalai Lama é um homem profundamente conservador cujas opiniões a respeito do comportamento não são muito diferentes das de um João Paulo II, por exemplo.

É radicalmente contra o homossexualismo – ou a intercurso oral e anal entre pessoas de sexos opostos. Se, no ocidente, ele aparece sempre como uma figura doce, carismática, encantadora, entre os seus é um líder austero – não que tivesse ser diferente.

Só que ouvir o outro lado, às vezes, pode ser surpreendente. []

Dalai Lama Lite

<http://www.nytimes.com/2003/09/19/opinion/19FREN.html>

Friendly Feudalism: The Tibet Myth

<http://www.swans.com/library/art9/mparen01.html>

via Metafilter

<http://www.metafilter.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7669>

Civilidade

24.Set.2003 | O SpamCop oferece um serviço interessante. No site, o indivíduo se inscreve gratuitamente, ganha um endereço, e é convidado a reportar todos os spams que recebe para este email. Basta um encaminhar, um forward.

O serviço pago deles é ainda mais bacana. Coisa módica, 30 dólares ano. (Ou não tão módico, em dólar nem unzinho é barato, mas esta é outra discussão.) Fato é que alguns são obrigados a conviver com toneladas de spam por email – é o caso das contas terminadas em @nominimo.

Neste serviço pago, o SpamCop puxa para si os emails e o recebimento, via Outlook, Eudora ou quetais, é feito não de seu provedor, mas deste intermediário. Uns 75% dos spams são limpos na filtragem. O que resta, pode ser reportado.

Legal, no caso, é que ele não apenas filtra como também dispara alertas para os bancos de dados de spam, para os endereços de abuso nos provedores onde as mensagens não solicitadas de propaganda nascem – enfim. É como separar lixo reciclável cá no mundo real, um esforço constante de cidadania virtual. []

SpamCop

<http://www.spamcop.net/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7668>

Selvagem

22.Set.2003 | A idéia foi [do diretor] Paul Verhoeven. Nós conversamos sobre isso desde o início, mas fiquei surpresa com o resultado. Da maneira como me explicaram não daria para ver muito acima da barra do vestido, você teria apenas a ilusão de que via algo. Fiquei surpresa: dava para ver tudo. Foi um choque aquele tipo de nudez tão gráfica.

De Sharon Stone a respeito de sua cena antológica em Instinto selvagem. []

Sharon Stone duped into baring Basic Instinct act

<http://www.newindpress.com/.../Features++People+%26>

via World Sex News

<http://www.world-sex-news.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7628>

Mudernidade

22.Set.2003 | A escritora norte-americana Shelley Jackson está começando um novo projeto. Será uma história curta onde cada palavra terá um portador.

Explica-se: cada palavra (ou palavra seguida de pontuação) será tatuada no corpo de voluntários. Eles, e apenas eles, conhecerão o teor da história. As palavras deverão ser impressas na pele com fonte comum de livro (entenda-se por isso serifada) e uma fotografia deve ser enviada à autora que retém os direitos autorais da obra completa.

Mudernidade pura.

Conforme os portadores morrem, a história muda. Quando todos morrerem, a história morre. []

Author announces mortal work of art

<http://ineradicablestain.com/skin.html>

via BookSlut

<http://www.bookslut.com/blog/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7625>

Coisa de nada

22.Set.2003 | Craig Wallace acaba de se formar no segundo grau. Como projeto para a feira de ciências construiu um pequeno reator de fusão nuclear.

Seu apetrecho parece estranho: um aspirador de pó ligado a uma caixa; uma tevê mostra o que acontece dentro. A imagem na tela: uma bola brilhante, na verdade um campo elétrico que força íons de deutério uns contra os outros provocando, vez por outra, uma fusão. Quando acontece, um nêutron sai fora, órfão.

O detector de nêutrons, Wallace encontrou num ferro-velho. O modulador, que diminui a velocidade das partículas para que sejam detectadas, construiu com uma pilha de CDs.

Dia desses, o rapaz começou a faculdade. Estuda física, mas diz que considera seu talento mais mecânico que científico. []

Fun with fusion: Freshman's nuclear fusion reactor has USU physics faculty in awe

<http://deseretnews.com/dn/view/0,1249,510054502,00.html>

via Obscure Store

<http://www.obscurestore.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7624>

Pois é

19.Set.2003 | Os quatrocentos homens mais ricos dos EUA ficaram 10% mais ricos no último ano.

A soma de suas fortunas: 955 bilhões de dólares; tipo 25% mais que o PIB brasileiro. Números da Forbes.

Pode chorar agora, Juquinha. []

The Richest People in America

http://www.forbes.com/free_forbes/2003/1006/136.html

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7593>

Swing

19.Set.2003 | Ursula Andress, Brigitte Bardot, Claudia Cardinale, Judy Collins, Anita Ekberg, Mia Farrow, Jane Fonda, Kim Novak, Sylvia Plath, Jean Seberg, Mary Quant, Sharon Tate, Natalie Wood...

Estranha década. Muita coisa, pouco tempo. []

Swinging chicks

<http://www.swinginchicks.com/workinitfordaddy.htm>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7588>

iBlog

18.Set.2003 | Steve Jobs, presidente, fundador, gênio de marketing local, mestre criativo e algumas outras coisas da Apple Computer Inc. tem weblog.

Ou, por outro lado, mais parece paródia. []

Just one more thing

<http://justonemorething.com/i>

via Don't believe the hype

<http://dbth.net/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7586>

Memórias

18.Set.2003 | Este é um tapete afegão representando as torres gêmeas do World Trade Center como se fossem próximas ao Central Park, em Nova York.

No link, uma exposição de tapetes afegãos com memórias das guerras passadas. []

Afghan war rugs: a sub-group with Iranian influence

<http://www.rugreview.com/stuf/afgwar.htm>

via Geisha asobi

<http://www.wtbw.net/geisha/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7578>

Notícia de seqüestro

17.Set.2003 | No final da tarde de segunda-feira, a Verisign tomou posse de todos os terrenos baldios da Internet com término em .com ou .net.

Explica-se.

Verisign: a empresa norte-americana com concessão outorgada pelo governo norte-americano para conduzir o registro dos endereços .com e .net da grande rede.

Como são eles que registram e conduzem usuários do mundo todo que procuram endereços com estas características, têm poder de fazer o que quiser com eles. (Poder é uma coisa, direito é outra, mais complicada.)

Desde segunda, então, quem errar ao digitar um endereço ou mesmo digitar um que não exista, vai parar numa página de busca no site da Verisign. Lá, um banner publicitário faz uns trocados a mais para eles. Como .com e .net engloba pelo menos metade dos sites na Internet, o trocado é um bocado de shekelim.

Antes, um endereço errado dava numa página de erro. Este site não existe, etc.

A decisão da Verisign criou pelo menos um grande problema para os bons provedores de acesso. Os sistemas anti-spam que estes usam fazem com cada email uma série de testes. Um dos mais básicos é checar se o domínio do remetente existe. Como todos os domínios passaram a ter por referência uma página da empresa, todos passaram a "existir".

Em meio aos protestos que seguiram à decisão, entre terça e quarta-feira, as listas técnicas e sites dedicados a administradores de rede começaram a debater soluções para driblar a trapaça da Verisign.

A melhor solução deve sair nos próximos dias pelas mãos do Internet Software Consortium, uma espécie de ong que produz o BIND, programa que roda 80% dos servidores de nome de domínio, os DNSs da rede.

Quando alguém digita em seu browser um endereço, manda uma pergunta a seu provedor de acesso: qual máquina corresponde a esta sopa de letrinhas? O provedor remete a pergunta a um destes DNSs, no fim das contas uma tabela com a lista de todos os domínios e os endereços numéricos correspondentes. O que faz o DNS funcionar é o BIND.

A ong que produz este programa vai colocar à disposição dos provedores um patch, emenda que fará tudo voltar a funcionar como dantes. Os meandros de como isto funcionará ainda não estão claros.

História complicada? Não deixa de ser. Resume-se da seguinte forma: desde segunda-feira, a Internet ganhou um vilão maior do que a Microsoft. []

ISC to Cut Off Site Finder

<http://www.wired.com/.../0,1282,60473,00.html>

VeriSign redirects error pages

<http://news.com.com/2100-1032-5077530.html>

via Slashdot

<http://www.slashdot.org/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7549>

Brasileiro, ó pá

17.Set.2003 | Se a Apple Brasil não conseguiu arranjar para que alguém produzisse, a de Portugal foi mais competente e resolveu-nos o problema. Depois de... o quê? Uns três anos.

Corretor ortográfico para o Microsoft Office X – português brasileiro. De quebra, dicionário de sinônimos.

Custa 30 euros, download imediato após digitar número do cartão de crédito. São uns 100 reais. []

FLiP

<http://www.flip.pt/mac/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7548>

Mãe de todos

16.Set.2003 | Há coisa de um mês, o Discovery Channel levou ao ar um especial em que a arqueóloga Joann Fletcher anunciava que sua equipe tinha, muito provavelmente, descoberto a múmia de Nefertiti.

Casada com Akenaton (Amenofis IV, que mudou o nome) e madrasta de Tutankamon, foi uma das mulheres mais poderosas do período áureo da civilização egípcia. Preocupado com o crescente poder dos sacerdotes, Akenaton mandou fechar templos de todas as divindades menos Aten – e fundou o monoteísmo.

Sigmund Freud chegou a arriscar que o marido de Nefertiti era Moisés em pessoa.

Por esta, e outras, a descoberta desta múmia é uma das mais significantes no ramo dos últimos anos.

Mas Zahi Hawass, chefe do setor de antiguidades do governo egípcio, anda dizendo por aí que a tal múmia é de um homem. []

Doubt cast on Nefertiti discovery

<http://uk.news.yahoo.com/030830/80/e7718.html>

Judaism with Ancient Egyptian connection

http://homepage.ntlworld.com/jaygee9/Egyptian_connection.htm

Pharaoh Akhenaten

<http://www.crystalinks.com/akhenaten.html>

via Phluzein

<http://www.binref.com/phluzein/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7537>

Showbiz dez a zero

16.Set.2003 | Certas coisas têm um quê de perturbador: o programa K Street, que estreou na HBO norte-americana domingo passado, é uma destas. Trata-se de um misto de reality show e ficção

onde os protagonistas são consultores políticos. A produção está a cargo do ator George Clooney e a direção do bom Steven Soderbergh – responsável por *Sexo, mentiras e videotape* e, mais recentemente, *Traffic*.

O personagem principal é James Carville, marqueteiro que desde seu trabalho na primeira campanha presidencial de Bill Clinton foi alçado pela imprensa especializada à categoria de gênio. Andou cá no Brasil pelas campanhas de FHC. O papel de Carville cabe a ele mesmo. O papel de sua mulher, a consultora Mary Matalin, cabe a ela mesma. Mas a empresa de consultoria política na qual trabalham é fictícia. Como vários de seus colegas são atores.

No episódio de estréia, Carville dá conselhos a Howard Dean, pré-candidato à presidência pelo Partido Democrata, que se prepara para um debate. Dean é interpretado por ele mesmo.

Quem deu a notícia de que o próprio Dean seria a estrela foi Paul Begala, âncora do programa de debates *Crossfire*, da CNN. Begala sabia porque também apareceu – interpretando ele próprio.

Eticamente é de apavorar. Um espectador um pouco menos esperto não liga A com B entre realidade e ficção. Um espectador mais esperto percebe que ficção é tudo. Marqueteiros (ou consultores) políticos têm por função falsear a realidade. Jornalistas, não. Quanto aos políticos, ganham propaganda de graça, financiada por um canal particular.

A HBO garante que será bipartidária, oferecendo espaço a Democratas e Republicanos. Quer dizer que trarão o presidente George W. Bush para uma participação? O mundo acaba de ficar um pouco mais esquisito. []

K Street

<http://www.hbo.com/kstreet/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7535>

Pobre história

15.Set.2003 | Mark Rose, editor da versão online da *Archaeology Magazine*, faz uma curiosa resenha do segundo filme *Tomb Raider*, baseado na Lara Croft dos video-games. Para ele, é melhor filme que o primeiro. Mas as boas notícias param por aí: está carcomido de erros do início ao fim. É, naturalmente, uma brincadeira. Que não se espere, dum filme de ação feito meio que nas coxas, fidelidade histórica.

No entanto, este abusa.

O filme começa próximo ao rio Indus, onde um terremoto fez aflorar um templo erguido à deusa Luna por Alexandre, o Grande, e que outro terremoto, em 330 a.C., teria afundado. É neste templo que está a Caixa de Pandora.

Luna é o nome romano da deusa – portanto Alexandre teria erguido um templo a Selene, sua equivalente. Teria – caso tivesse estado por lá. Mas só chegou às redondezas do Indus em 326 a.C. – quatro anos após o tal terremoto. Que nunca ocorreu. Em 373 a.C. até houve um terremoto, mas isto foi muito antes. Além do mais, a Caixa de Pandora, acaso existisse, estaria vazia. Foi aberta para liberar todos os males do mundo e ninguém disse que eles voltaram para dentro.

Não pára aí.

Mais adiante, a cena desloca-se para a China, numa caverna budista, onde estão estátuas de terracota dos soldados do imperador Shihuangdi. A beleza das estátuas serve de lugar-comum arqueológico: elas são reconhecidas em qualquer canto do mundo.

Só que... Buda viveu entre 563 e 483 a.C. O imperador Shihuangdi governou entre 221 e 210 a.C. O que suas estátuas fariam numa caverna budista? Isso para não falar que o budismo só chegou à China no primeiro século da era moderna.

Só uma brincadeira. Mas com sua graça. []

Taking a stab at the past

<http://www.archaeology.org/.../tombrader/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7524>

Via Crucis

13.Set.2003 | O paroquiano de hábitos solitários estava vendo seu filminho em casa, tranqüilo, quando considerou familiar o cenário.

Era a igreja que freqüentava.

E, no armarinho de confissão, um casal – ele vestido de padre, ela vestindo quase nada – entregava-se ao deleite explícito de seus corpos.

A história virou escândalo na paróquia da pequena igreja de San Vincenzo, no centro da Itália. Mas em pior estado ficou o padre Paolo Ferrini.

Consultando as leis eclesiásticas, encontrou no artigo 1221 a condenação. Tudo o que aconteceu na igreja desde as filmagens é considerado nulo por conta dos atos pecaminosos. Casamentos, batismos, nada vale.

Isto desde 1998.

Foi o próprio padre Ferrini quem permitiu as filmagens. Garantiam que filmavam uma cena de casamento – o que não era de todo incorreto.

Há um fio de esperança: o bispo. Ele pode declarar tudo válido. Mas, por enquanto, o bispo não se manifestou. []

Church sullied by secret porn film

<http://news.bbc.co.uk/1/hi/world/europe/3102034.stm>

Porn makes church 'invalid'

http://www.news24.com/.../0,,2-1343-1347_1415137,00.html

via World Sex News

<http://www.world-sex-news.com/>

Pré-história

12.Set.2003 | Em dezembro de 1995, a Internet tupinambá era um grande deserto. Foi quando Micheline Barroso, estudante de informática da Universidade Federal de Pernambuco, pôs no ar a

primeira página dedicada ao poeta Vinicius de Moraes da web brasileira. (Naquele tempo, todas as páginas eram primeiras de qualquer coisa.)

No ápice, a página dedicada a Vinicius tinha 80 poesias e letras de música. Até maio do ano seguinte, quando saiu do ar, alcançou a invejável (para a época) marca de 3.000 acessos. Mas os herdeiros do poeta puseram um advogado atrás de Micheline. O site violava seus direitos autorais.

Naquele princípio de 1996, houve grande comoção na imprensa especializada e na rede. No Jornal do Brasil, o editor do Caderno de Informática, Sérgio Charlab, abriu fogo. Cora Rónai, do Informática e etc. dO Globo, também. Não adiantou de muito. Os herdeiros anunciaram que haveria um site oficial – este que finalmente veio, sete anos depois.

Mahna Mahna, editor do blog especializado em tecnologia Don't believe the hype, lembrou esta história nos comentários da nota aí embaixo.

Em defesa da família do poeta, há algumas coisas a dizer. Principalmente, o site que finalmente veio ao ar é um belo site com o conteúdo gratuito. Dá prazer navegar, é um site que faz honra a Vinicius.

Quem já vivia dentro da Internet já em 1995, 96, lembra do gosto amargo que o episódio deixou. Hoje, esta pressão pelos direitos autorais é corriqueira, mas aquele foi o primeiro caso na Internet tupinambá. As pessoas não conheciam a cultura de liberdade da rede. Se foi uma reação exacerbada, e foi, ponha-se na conta desta falta de cultura. []

Fã teve página censurada em 96

http://www.dpnet.com.br/antiores/1998/04/02/info1_4.html

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7495>

Poetinha

11.Set.2003 | Nas tardes de fazenda há muito azul demais.

Eu saio às vezes, sigo pelo pasto, agora

Mastigando um capim, o peito nu de fora

No pijama irreal de há três anos atrás.

Desço o rio no vão dos pequenos canais

Para ir beber na fonte a água fria e sonora

E se encontro no mato o rubro de uma amora

Vou cuspendo-lhe o sangue em torno dos currais.

Fico ali respirando o cheiro bom do estrume

Entre as vacas e os bois que me olham sem ciúme

E quando por acaso uma mijada ferve

Seguida de um olhar não sem malícia e verve

Nós todos, animais, sem comoção nenhuma

Mijamos em comum numa festa de espuma.

Está uma graça o site do poeta Vinicius de Moraes: Obra completa para leitura livre, como cabe à Internet.

É lugar pra se perder, gastando horas de link em link. Os sorrisos são garantidos. []

Vinicius de Moraes

<http://www.viniciusdemoraes.com.br/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7487>

+ 11/9

11.Set.2003 | Memoriais panorâmicos em 3D – caminhe pelo Ground Zero, pelas torres de luz que sucederam as do World Trade Center... requer QuickTime. []

September 11 Virtual Memorial

<http://www.panoramas.dk/fullscreen2/full37wtc.html>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7483>

Por quem os sinos dobram

11.Set.2003 | Do Fotolog, a lembrança de trecho conhecido dum dos sermões do pastor britânico John Donne:

Nenhum homem é uma ilha isolada em si mesma; todo homem é um pedaço do continente, parte do todo. A morte de qualquer homem faz de mim menor, porque sou parte da humanidade. Então nunca venha me perguntar por quem é que os sinos dobram. Eles dobram por você.

Em todo o Fotolog, o 11 de Setembro é lembrado. []

machine59

<http://www.fotolog.net/machine59/>

peace, please

http://www.fotolog.net/_clr_/

September 11

<http://www.fotolog.net/september11/>

Zwigmar

<http://www.fotolog.net/zwigmar/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7482>

Triste fim?

10.Set.2003 | A revolução Sionista sempre se baseou em dois pilares: um caminho justo e uma liderança ética. Nenhum dos dois existe mais. A nação israelense apóia-se hoje num cadafalso de corrupção e suas fundações são opressão e injustiça. Assim, o fim do projeto Sionista está batendo à porta. Existe uma chance real de que a nossa seja a última geração Sionista. Pode ser que ainda exista um Estado judeu aqui, mas ele será diferente, estranho e feio.

Ainda há tempo para mudar o rumo, mas não muito. O que é preciso é uma nova visão de sociedade justa e o desejo político de implementá-la. Isto não é apenas uma questão interna de Israel. Os judeus da diáspora, para quem Israel é o pilar central de sua identidade, devem meter-se no assunto e falar.

Editorial assinado por Avraham Burg na revista israelense Forward. []

A Failed Israeli Society Collapses While Its Leaders Remain Silent

<http://www.forward.com/issues/2003/03.08.29/oped3.html>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7472>

+ Salam

10.Set.2003 | Saiu na Inglaterra (e nos EUA) Salam Pax: the Baghdad blog. No site do livro, é permitido o download em PDF do primeiro capítulo. Há, também, uma apresentação em Flash do livro – modernosa mas com ginga.

O livro traz, editado com capricho, o conteúdo do blog que Salam escreveu desde finais de 2002: um testemunho de como foi viver em Bagdá antes, durante, e após a invasão norte-americana e a queda do regime de Saddam Hussein.

A tradução brasileira sai, pela Companhia das Letras, em dezembro.

O diário de Salam será visto como o melhor testemunho desta guerra. Um testemunho contínuo que segue em seu blog. []

The Baghdad Blog

<http://www.thebaghdadblog.com/promo/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7471>

Memória

09.Set.2003 | Entre 1933 e 45, milhares de obras de arte deixaram as mãos de pessoas perseguidas pelo nazismo e se espalharam pelo mundo.

Nazi-Era Provenance é um banco de dados norte-americano destas peças. Serve a quem procura o que pais e avós e bisavós perderam no tempo do terror e ainda tem a esperança de encontrar. []

Nazi-Era Provenance

<http://www.nepip.org/>

via Metafilter

<http://www.metafilter.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7452>

Faro fino

09.Set.2003 | Quem pede, no site da Receita Federal, um extrato de seu imposto de renda tem uma curiosa surpresa.

Após o link para a guia de consulta, o Explorer (ou Safari, ou Mozilla, ou Netscape...) caminha para um servidor seguro e consulta o certificado de validade da Receita. É coisa padrão: de site de banco a loja online, sempre que é necessária uma conexão segura e encriptada consulta-se o certificado de alguma entidade que confirme que a segurança é escoreita.

Só que, no site da Receita, os browsers não reconhecem o certificado. Dizem que não põem a mão no fogo por ele. Tupinambá que conhece os meandros digitais não se assusta – a autenticação é garantida pelo Serpro, empresa do Ministério da Fazenda boa de tecnologia. Só que browser gringo – e browsers são gringos sempre – não conhece.

Quando o Serpro não corre atrás de ser reconhecido como padrão internacional de segurança – ou a Receita escolhe não optar por um certificado de segurança que software estrangeiro conheça – isto cria um problema. Primeiro, quem ficar desconfiado tem lá sua razão de não usar o sistema.

Depois, abre espaço para picareta. É aquela história: basta criar um certificador que se diz Serpro. Se o Serpro não é reconhecido pelos browsers, um Serpro falso também não o será. E quem se acostumar a clicar no ok para o alarme quando o certificador for o Serpro poderá ter uma triste surpresa.

Bom treinar o olho aberto. []

Receita Federal

<http://www.receita.fazenda.gov.br/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7451>

Antiquilhas

09.Set.2003 | O Infosebo é um índice de sebos brasileiros. O visitante fortuito insere num campo o nome do livro – ou do autor – e faz uma busca. Se encontrado, o site dá preço e link para uma eventual compra online.

Quem não quiser apelar para a busca, pode também seguir os menus hierárquicos por assunto – bem parecido com uma coisa chamada Gopher que existiu na Internet pré-diluviana.

E se o navegante não for gente de livros – mas de long-plays, CDs, revistas ou vídeos, também pode. []

InfoSebo

<http://www.infosebo.com.br/infosebo/>

via Gravatá

<http://oglobo.globo.com/online/blogs/gravata/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7448>

Cinco

08.Set.2003 | Quem trabalha no Google tem direito a gastar 20% de seu tempo no escritório em atividades não produtivas.

O nome era para ser BackRub – Massagem nas costas. Hoje, o melhor site de buscas que há tem umas 200 milhões de páginas arquivadas.

Fez cinco anos ontem, dia sete. []

Google Enters Its Sixth Year

<http://www.linuxworld.com/story/34004.htm>

Happy Birthday, Google!

<http://searchenginewatch.com/searchday/article.php/2160731>

Protótipo do Google

<http://web.archive.org/web/19981111183552/google.stanford.edu/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7442>

Memória

08.Set.2003 | Circula na rede a idéia de distribuir livros no 11 de setembro. Numa pequena homenagem às vítimas, cada um pega um livro que tenha em casa, velho ou não, e larga-o nalgum canto nesta quinta-feira para que outro o pegue, leia, e largue mais adiante para um terceiro.

Cabe também escrever uma nota na folha de rosto. Rosana Hermann, do blog Farofa, escreveu o seguinte:

Caro leitor, querido leitor,

Este livro é seu. Foi você que o encontrou.

Depois de lê-lo, visite o site www.bookcrossing.com/xxxxxx

e liberte-o para o mundo.

Bookcrossing é um sistema para facilitar este intercâmbio. No site, registra-se o livro, anota-se um pequeno resumo. Cada livro registrado ganha um código. A idéia é que cada novo leitor conte um pouco de como anda o livro, onde foi parar. Quaisquer impressões.

Um email chega às mãos de quem o registrou – permitindo-lhe que acompanhe a viagem. []

BookCrossing

<http://www.bookcrossing.com/>

via Querido leitor

<http://www.queridoleitor.blogspot.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7441>

Rafael e Naysak

08.Set.2003 | Guerras têm disso. Naysak al Jassm tem 26 anos, uma jovem iraquiana contratada pelo exército norte-americano para servir de tradutora. É muçulmana – mas anda com um pequeno crucifixo pendurado no pescoço.

Foi presente de Rafael Velez, um sargento norte-americano de pais mexicanos. Católico, 38 anos. Quando o romance de ambos foi descoberto, transferiram o oficial para uma base na Alemanha.

Levou consigo uma cópia do Corão – presente dela.

"Há apenas um Deus, um juiz. Você pode encontrar pessoas boas entre muçulmanos, cristãos e judeus. E pode encontrar pessoas más nestes grupos. Minha filha não tem um futuro aqui. Estes são os melhores anos de sua vida e ela não viu nada além de guerra. Estou feliz" – disse a mãe da noiva.

Casam em dezembro. []

Forbidden love in Iraq

<http://www.philly.com/mld/philly/6694779.htm>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7439>

Números

05.Set.2003 | Morre um soldado norte-americano por dia, no Iraque. É estatística velha, já. Novidade: a estimativa é de que morrem 20 iraquianos por dia. O número é estimado, entre outros motivos, porque os jornalistas agora precisam de permissão norte-americana para entrar nos hospitais do país.

A notícia é de Robert Fisk, no Independent, infelizmente disponível apenas para assinantes ou quem se disponha a pagar uma libra pela leitura. []

Don't say we were not warned about this chaos

<http://news.independent.co.uk/world/fisk/story.jsp?story=440245>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7402>

Muito dinheiro. Muito.

05.Set.2003 | Numa série de apreensões nos arredores de Londres, a polícia britânica recolheu 55.000 pílulas de êxtase, 15 quilos de pasta de anfetamina, alguma cocaína e alguma maconha.

E 6 bilhões de dólares em títulos.

É metade do PIB de um país pobre americano como o Haiti. Mais que o dobro do PIB de um país pobre africano como Serra Leoa. A fortuna de Pablo Escobar estava orçada em 2 bilhões de dólares.

O Financial Times não arrisca cravar se é a maior, mas por certo é uma das maiores apreensões da história se for confirmada a autenticidade dos papéis. Segundo a Scotland Yard, no entanto, se for falso é falsificação de primeira.

Foi uma operação policial de escala média realizada na Inglaterra, Colômbia e Equador. Entre 18 de julho e 7 de agosto, 10 pessoas foram presas em Londres, duas em Bogotá e outras duas no Equador. A divulgação só ocorreu ontem à noite.

Além dos 6 bilhões de dólares em títulos, a Scotland Yard apreendeu também 11 milhões de dólares em dinheiro. []

British, Colombian authorities seize \$7 billion in assets from drug ring

<http://www.canada.com/.../id=F36BCE4A-7332-4A5A-964A-1A505E8F7894>

Massive drug ring smashed

<http://www.thisislondon.co.uk/news/.../source=Evening%20Standard>

Police smash huge drugs ring

<http://news.ft.com/.../FullStory&c=StoryFT&cid=1059479591806>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7399>

Wikipédia

04.Set.2003 | Enciclopédia sobre tudo e por todos – livre, gratuita, em português. []

Wikipédia

<http://pt.wikipedia.com/wiki.cgi?HomePage>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7385>

Direitos humanos

03.Set.2003 | Trechos:

[Asne] Seierstad é uma escritora formidável. Ela escreve apenas o que vê, como uma câmera, e o detalhe é sempre convincente: nuas no quarto das mulheres, ela repara as estrias nos corpos das meninas que tiveram bebês muito cedo. Ela sabe o jeito em que os homens percebem se a mulher é atraente, apesar da burqa, ao ver suas mãos ou o jeito dela andar.

[...]

Mulheres são objetos que podem ser comprados e vendidos. Me perguntam, com frequência, o preço de uma mulher na Inglaterra. Este livro conta quanto custam no Afeganistão: 100 dólares com uma irmã alejada de brinde. Na manhã após a noite de núpcias, um lençol esfarrapado é tirado da cama e levado à sogra. Se não estiver manchado de sangue a mulher é devolvida.

[...]

Nunca li uma exposição mais convincente para a tese de que teologia é antropologia. A teologia afegã reflete simplesmente as inseguranças masculinas. O Talibã foi um movimento político de retorno à base conservadora, uma tentativa de recriar o paraíso que era a Península Arábica no tempo do Profeta quando os homens tinham poder absoluto sobre as mulheres. Não há nada exclusivamente islâmico nesta tentativa cética de reconstruir uma era dourada.

[...]

Para aqueles entre nós que acreditam que a crença religiosa é uma espécie de doença mental, este livro provê detalhe clínico suficiente.

Matthew Leeming vai publicar seu livro sobre o Afeganistão, na Inglaterra, até o final do ano. Acima, trechos da resenha que ele assina sobre o livro *The bookseller of Kabul* – O livreiro de Kabul –, escrito por Asne Seierstad.

Asne, uma mulher, conviveu com a família de um livreiro na capital afegã. []

Culture of shame

<http://www.spectator.co.uk/.../2003-08-30&id=1715>

via Arts & Letters Daily

<http://aldaily.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7360>

Parabéns

03.Set.2003 | Quantos anos mesmo? []

Boy the Bear's age gauge

<http://www.frontiernet.net/~cdm/age1.html>

via Bifurcated rivets

<http://catless.ncl.ac.uk/Lindsay/weblog/latest.html>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7359>

Coisa ruim

02.Set.2003 | O Burning Man, festival que há mais de década reúne hippies modernos e alternativos em geral por uma semana no deserto de Nevada, terminou este ano em tragédia.

A jovem Katherine Lambert, 21 anos, morreu ao tentar escalar um carro-escultura na madrugada de sábado. O carro virou esmagando-a.

Burning Man é uma espécie de Woodstock digital, uma grande festa que promove a construção duma cidade-acampamento organizada ao redor dum círculo. No meio, a escultura de um homem forrado de neón é idolatrada – mais por brincadeira que a sério. No fim, ele é incendiado. Daí o nome Burning Man – Homem em chamas.

É uma festa pacífica. Não há crime ou furto. É também uma festa louca. Nudez é contumaz, nunca agressiva. Música de rave convive com Frank Sinatra. Teatro alternativo impera.

A edição de 2003 reuniu 30.500 pessoas. Terminou com gosto amargo. []

Burning Man '03 Ashes, Dust

<http://www.wired.com/news/culture/0,1284,60262,00.html>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7347>

Censura no Google

02.Set.2003 | Faça uma busca por "Kazaa lite" no Google.

Kazaa lite é uma versão, digamos, leve do substituto de Napster. Acessa a mesma rede mas não traz todos os programinhas adicionais que o Kazaa impõe ao usuário – enchendo a RAM do computador e entulhando de anúncios a tela.

Google não acha mais o Kazaa lite. O motivo é que recebeu uma intimação extra-judicial da empresa que produz o Kazaa original. Os advogados alegam que outras versões do software violam seus direitos autorais de acordo com o Digital Millennium Copyright Act – uma artimanha legal assinada por Bill Clinton em seus dias na Casa Branca.

Coisa inédita: Google censura links por pressão de advogado.

Na verdade, em termos. Ao pé da página que traz os resultados censurados, a turma do Google botou um link para a intimação.

No texto corrido, a lista dos resultados a ser suprimidos da busca. Endereço por endereço. []

Google busca Kazaa lite

<http://www.google.com/search?sourceid=navclient&q=kazaa+lite>

Intimação

<http://www.chillingeffects.org/dmca512/notice.cgi?NoticeID=789>

via Metafilter

<http://www.metafilter.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7345>

Pizza

02.Set.2003 | O mundo às vezes é meio estranho.

Segunda-feira, ontem, Brian Douglas Wells, humilde entregador de pizza numa cidadezinha chamada Erie, na Pensilvânia (EUA), foi parar num banco, revólver em punho. Queria assaltá-lo.

E que história contou. Disse que estava obrigado, que tinha uma bomba por controle remoto amarrada ao pescoço. Que não era sua culpa.

Brian Douglas Wells explodiu, cercado pela polícia. []

Investigators Probe Bizarre Bomb Death of Pizza Man

<http://www.foxnews.com/story/0,2933,96109,00.html>

via Metafilter

<http://www.metafilter.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7343>

Urdidura

01.Set.2003 | Há um curioso spam que circula na Internet, em diversas versões, oferece dinheiro a quem tiver equipamentos específicos para a construção duma máquina de viagem ao tempo. Coisas simples: um capacitor com deslocamento temporal interno ou um gerador de urdidura com motor de indução GRC79.

Muitas teorias já circularam para explicar este curioso spammer que pretende viajar no tempo. Isca para otário?

Dave Hill, um programador norte-americano, decidiu investigar. Respondeu oferecendo uma loja virtual que preparou rapidinho, falsa mas com cara de verdadeira. Chegou ao ponto de enviar – e ser pago pelo misterioso comprador – um motor de disco rígido como sendo o tal gerador de urdidura.

Quando o comprador quis outros equipamentos, Hill parou. Não era uma brincadeira afinal? Não era. Um dos spammers mais conhecidos do mundo é, na verdade, um rapaz com grave problema de percepção da realidade. Chama-se Robert Todino, Jr.

A Wired está acompanhando a história – que ainda não parece ter terminado. []

Turn Back the Spam of Time

<http://www.wired.com/news/culture/0,1284,60141,00.html>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7336>

Rumo ao fim?

01.Set.2003 | O semanário britânico The Spectator pede a renúncia do premiê Tony Blair em sua última edição.

O argumento principal é de que o governo está paralisado – e numa situação sui generis. Tem ampla maioria no parlamento e nenhuma pesquisa indica que os Liberais Democratas (mais à esquerda) ou os Conservadores (à direita) possam vir a substituir o partido de Blair num próximo pleito.

No entanto, após o escândalo que começou a partir da morte do cientista David Kelly, mesmo os deputados do Partido Trabalhista de Blair andam desconfiados. O premiê que era visto como teflon – nenhuma sujeira gruda – perdeu. Não é mais de confiança.

A perda do diretor de comunicação Alastair Campbell, que renunciou no final da semana passada, é particularmente delicada. Campbell foi o habilíssimo manipulador da mídia que conseguiu deixar Blair limpo desde sua mudança para a residência oficial, no número 10 de Downing Street. Blair é uma criação de Campbell – sua imagem é obra dele.

Um bocado por isso, seus métodos duros, que incluem massacrar opositores eventuais montando dossiês arrebatadores distribuídos em gotas para os diversos jornais, passaram impunes. As últimas vítimas foram o doutor Kelly e o jornalista da BBC, Andrew Gilligan.

A renúncia forçada de Campbell é mostra de que Blair chegou ao pior momento de seu governo. Tudo porque, aparentemente, forçou a barra nos relatórios que indicavam a existência das infames armas de destruição em massa no Iraque de Saddam Hussein.

Enquanto isso, na Casa Branca, brancas nuvens. Grave, para a população, só a economia. []

The hand of history is pointing to the door

<http://www.spectator.co.uk/.../2003-08-30>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7334>

Osama entre nós

01.Set.2003 | Em maio, um afegão chamado Harun pediu permissão para ver o líder da Qaeda. O jovem é um soldado ativo na resistência aos EUA e havia guiado bin Laden do complexo de cavernas em Tora Bora, que estava cercado, para um lugar seguro no Vale Shahikot, no final de 2001. No mês seguinte ao envio do pedido, Harun recebeu uma mensagem orientando que fosse a um lugar nas montanhas ao norte da província Paktia, onde vive. De lá, o levaram para mais alto nas montanhas por uma série de guias, cada um cumprimentando o outro com uma senha soprada ao pé do ouvido. Após três dias, ele foi entregue a um grupo de árabes. Eles o despiram para revistá-lo, pegaram seu anel, relógio e sapatos que depositaram numa sacola e inspecionaram com cuidado os botões de sua camisa.

Ele passou a noite descalço numa caverna próxima. Quando nasceu o dia, dois árabes armados, seus rostos cobertos com lenços, o guiaram a um casebre e pediram que esperasse lá. Harun diz que sentiu medo. De repente, bin Laden chegou e falou em árabe, devagar e quieto, incentivando o rapaz a continuar a luta. "Os desertos do Afeganistão estão sendo irrigados com o sangue dos guerrilheiros mujahedin", ele disse. "Mas a jihad nunca secará." Após uns quinze minutos, a visita terminou. "Por favor não volte a tentar me ver", disse bin Laden.

De reportagem da Newseek, esta semana.

Osama bin Laden está vivendo, segundo a revista, nas montanhas de Kunar, província afegã próxima à fronteira com o Paquistão. Não está isolado, como faz crer o governo norte-americano. Muito pelo contrário: recebe gente com frequência, embora cercado-se de cautelas.

Na seqüência à queda de Saddam Hussein, reuniu os capos da Qaeda, do Talibã e de grupos ultra-radicais islâmicos da Ásia Central. Planeja ataques de bioterrorismo – quer algo de grandes proporções.

Na reunião, decidiu também a participação, ativa, no Iraque pós Saddam. []

Rumors of Bin Laden's Lair

<http://www.msnbc.com/news/959544.asp?0cv=KB10>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7331>

Números esdrúxulos

31.Ago.2003 | O número de cenas de sexo na tevê britânica dobrou desde 1999; de cada 10 nus na tela, 8 são de mulheres.

Também na ilha de Sua majestade a Rainha Elizabeth, entre 40 e 54% das mulheres tiveram problemas sexuais; entre 22 e 34% também.

Talvez, em alguns casos, tenha algo a ver com futebol: 1 em 10 britânicos preferem futebol a sexo. Entre os torcedores dos Wolves, 40% preferem o jogo.

Nos EUA, 44% das pessoas descobrem a existência de sexo através de um amigo.

Já na Noruega, 25% dos homens entre 15 e 25 anos já sentiram-se pressionados em direção à cama pelas mulheres.

E, na, Austrália, 24% das virgens fazem sexo oral. []

Fans love sexy football

http://news.bbc.co.uk/sport2/hi/funny_old_game/3151501.stm

Nude scenes rise after watershed

<http://news.bbc.co.uk/2/hi/entertainment/3181667.stm>

Poll vault

http://www.hour.ca/columns/c_messy.asp?id=1256

Problems with Sexual Function Not Uncommon in Britain

<http://www.docguide.com/.../8525697700573E1885256D8D00538CBB>

via World Sex News

<http://www.world-sex-news.com/>

Why we must talk to our kids about oral sex

<http://www.theage.com.au/articles/2003/08/17/1061059709529.html>

Women pressure men for sex

<http://pub.tv2.no/nettavisen/english/article125884.ece>

Mais Salam

29.Ago.2003 | Salam Pax, blogueiro de guerra, colunista do diário britânico The Guardian, teve sua casa invadida pelas tropas norte-americanas há quase dez dias – mais ou menos o tempo em que não postava.

Ele não estava em casa – seus pais e irmão, estavam. Hoje conta a história. []

Dear Raed

http://www.dear_raed.blogspot.com/

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7288>

Sobre heróis

28.Ago.2003 | Estréia no canal a cabo norte-americano Showtime, no próximo 11 de setembro, o filme DC 9/11, Time of crisis. É um docudrama – ficção baseada em fatos reais – uma reconstituição dos nove dias seguintes aos ataques terroristas aos EUA.

Está carcomido por críticas. O George W. do filme é um herói. No AirForce 1, avião presidencial que pulava duma ponta à outra do país durante o primeiro dia, ele se vira para um agente do Serviço Secreto e ordena o retorno a Washington. "Senhor presidente..." ele tenta discutir. "É comandante-chefe", Bush responde, e continua "A ordem de seu presidente é que retornemos a Washington agora."

O roteirista e produtor, Lionel Chetwynd, é um dos poucos reconhecidamente conservadores em Hollywood. Para dar cabo de sua história, entrevistou vários dentro do governo, incluindo o próprio presidente. O script foi ainda revisto por jornalistas de direita da capital.

Em sua reportagem sobre o filme, publicada há uns meses quando ainda estava sendo gravado, o Washington Post levantou a possibilidade de que seja, na verdade, uma bem-orquestrada peça de propaganda para lançar a campanha de reeleição de George W. Bush.

Coisa inédita nos EUA: um filme com o próprio presidente de personagem principal antes do fim de seu mandato. No artigo sobre DC 9/11 o semanário de vanguarda novaiorquino Village Voice tem poucas dúvidas de que seja propaganda mesmo. Descarada, pura e simples. []

'D.C. 9/11' Spins Tale of President on Tragic Day

<http://www.washingtonpost.com/.../2003Jun18>

Lights, Camera, Exploitation

<http://www.villagevoice.com/issues/0335/hoberman.php>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7282>

E uma garrafa de rum

28.Ago.2003 | Na Suécia, é costume os amigos seqüestrarem o amigo que vai casar para uma festa surpresa que dura dia e noite – a despedida de solteiro. Não necessariamente envolve strippers, prostitutas ou afins. Às vezes, são bem inocentes.

Veja-se o caso deste rapaz: os amigos o pegaram, pregaram-lhe na cara uma barba falsa tipo marujo norte-europeu (daquelas sem o bigode) e o fizeram trabalhar o dia inteiro como timoneiro num barco.

No fim, levaram-no para uma típica sauna sueca para terminar o dia.

Aí ele descobriu donde veio a barba. []

That beard

<http://www.sparklet.com/~royce/trams/hair/>

via DazeReader

<http://www.dazereader.com/001788.htm>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7279>

Sofisticação

28.Ago.2003 | Bar do Chico. Com direito a tour virtual. []

Bar do Chico

<http://www.primeiraimpressao.com/bardochico/index.asp>

via Impressões imprecisas

<http://www.cliqueaqui.com.br/impressoes/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7275>

Arca perdida

28.Ago.2003 | Só em caso de os interessados não terem percebido, já está em pré-venda, em todas as lojas virtuais, a caixa do Indiana Jones. Três filmes, quatro DVDs.

Em contos de réis: 144,90 – divididos em parcelas diversas conforme a loja de escolha. []

IndianaJones.com

<http://www.indianajones.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7265>

Santo vírus, Batman

27.Ago.2003 | Neste exato momento, a Internet argentina está com 100% de perda de pacotes – e a brasileira se arrasta a lentos passos.

Às vezes é muito difícil navegar. Muito. Parece web d'hoje com modem de 2.400. []

Internet Traffic Report: South America

<http://www.internettrafficreport.com/samerica.htm>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7223>

Aviso aos navegantes

27.Ago.2003 | Já está rolando o Burning Man 2003.

É um festival para loucos. []

Burning Man

<http://burningman.com/>

Burning Man Never Gets Old

<http://www.wired.com/news/culture/0,1284,60159,00.html>

via Random walks

<http://www.randomwalks.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7222>

De Malta para o mundo

27.Ago.2003 | De coenae controversiae Philippi Melanchthonis iudicio é um dos panfletos que Nicolás Durand, cavaleiro de Villegagnon, escreveu após retornar a Paris vindo do Brasil.

Por cá, frustrou-se na tentativa de fundar, onde hoje fica o Rio de Janeiro, uma colônia francesa.

Em casa, revoltou-se contra os calvinistas, a quem culpou pelos conflitos que ruíram e enfraqueceram a colônia, que caiu fácil perante os portugueses. (Difícil foi derrubar os índios tupinambás confederados, mas esta é outra história que não vem ao caso.)

Pois De coenae controversiae Philippi Melanchthonis iudicio foi um panfleto verborrágico, agressivamente católico, que fez parte das tensões que culminariam na Noite de São Bartolomeu – o massacre dos calvinistas retratado no filme Rainha Margô.

Tudo para dizer que é possível comprar uma primeira edição de De coenae controversiae Philippi Melanchthonis iudicio na Maggs, loja de livros finos em Londres. A cópia, de 1561, sai por uma pechincha: 350 libras, 1.650 reais.

Para orçamentos mais limitados, a segunda edição sai mais em conta. 165 libras, 770 reais.

Aceitam os melhores cartões. []

De coenae controversiae Philippi Melanchthonis iudicio

<http://www.maggs.com/maggs-catalogue/.../recordID=40393&-search>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7221>

Um e um

26.Ago.2003 | Google agora faz contas. Para saber quanto é um e um, basta digitar 1+1 e clicar busca. Responde-lhe, claro, dois.

Mas faz coisas mais interessantes. Calcula, por exemplo, quanto é um copo em colheres – tipo da coisa conveniente para quem gosta de cozinhar.

Também conhece constantes matemáticas e físicas (G, pi etc.) e compreende unidades como km/h. []

Google: Calculator

<http://www.google.com/help/features.html#calculator>

Resenha: Fun with the Google calculator

<http://www.kuro5hin.org/story/2003/8/14/21307/5189>

via Pathologically polymathic

<http://danny.oz.au/blog/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7209>

Gente que faz

26.Ago.2003 | Pequena lista (com biografias) de pessoas notáveis do século 20.

Divididos nas categorias: heróis e assassinos. []

More or less

<http://www.moreorless.au.com/index.html>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7208>

Retorno de quem não foi

25.Ago.2003 | O número mais difundido dá que foram uns 50 os mortos no bombardeio norte-americano à província afegã de Zabul, próxima à fronteira com o Paquistão. Se confirmado, será o maior número de Talibãs que caem desde o fim oficial da guerra.

Foi uma resposta a uma série de assaltos que a trupe Talibã vem impondo ao governo de Hamid Karzai e à coalizão internacional que o apóia.

Está complicada a situação. Karzai tem pouco apoio financeiro, embora o governo dos EUA tenha anunciado, nesta segunda-feira, que isto vai mudar. É hora.

O serviço secreto paquistanês, sobre o qual o presidente Pervez Musharraf tem pouco controle, continua a oferecer treino e cobertura para o fanático regime deposto. O avanço sobre Zabul foi tal que a Reuters chega a dar a província como já tomada pelo Talibã.

Não quer dizer que a turba do mulá Omar tenha chances concretas de reconquistar o país. Provavelmente, não. Mas a situação não está nada, nada fácil. []

Pak still provides logistic support, training to Taliban

<http://www.afgha.com/?af=article&sid=36679>

Pakistan talks tough on Taleban

<http://www.afgha.com/?af=article&sid=36676>

Taliban Attack Kills at Least Five Troops

<http://www.afgha.com/?af=article&sid=36675>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7198>

Há muito tempo

25.Ago.2003 | A Wired de hoje, publicada pela tradicional Casa Condé Nast, é meio que mais uma revista nas bancas dedicada a tecnologia. Tem reportagens excelentes, profundas, mas falta, os leitores mais antigos não de concordar, um quê a mais. Falta-lhe fé.

A Wired, quando foi fundada por um louco chamado Louis Rossetto há uma década exata, cria com veemência que a tecnologia mudaria o mundo, que Internet traria felicidade e distribuiria riqueza. Que tudo ficaria melhor abandonando a analogia burocrática doutras tecnologias.

Não foi bem assim. Veio o crash da bolsa, a crise do princípio de século. A Wired não é mais a mesma – tampouco nossa fé. Mas a Wired já está devidamente biografada. O livro quem assina é Gary Wolf, um de seus editores mais fiéis, e chama-se Wired, a romance – Wired, um romance.

Wolf está mantendo um blog sobre a repercussão do livro. []

Aether blog

<http://www.aether.com/>

via Scott Rosenberg's Links & Comment

<http://blogs.salon.com/0000014/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7191>

Sobre sentimentos confusos

22.Ago.2003 | Dois dos momentos em que a iraquiana blogueira River odiou os norte-americanos:

Eu os odiei durante todo o bombardeio. Cada dia e cada noite que precisamos sentar aterrorizados pela próxima bomba, pelo próximo avião, pela próxima explosão. Odiei eles quando vi a cara de horror nas faces de meus amigos e família, conforme sentamos no escuro rezando por nossas vidas, pelas vidas de quem amamos e pela sobrevivência do Iraque.

Eu os odiei em 11 de abril, um dia frio e cinza: o dia em que uma amiga da família perdeu seu marido, seu filho e sua filha bebê quando um tanque atingiu o carro da família quando eles tentavam sair de seu bairro onde havia uma batalha pesada.

Três dos momentos em que ela sentiu simpatia por eles:

Me sinto mal quando os vejo em pé, com roupas pesadas, bebendo água quente que carregam após horas no sol – com medo demais para aceitar água fresca de iraquianos "estranhos".

Sinto pena quando vejo seus rostos confusos, assustados, conforme um pai de cinco, desempregado e desesperado, os xinga numa língua em que eles não podem nem começar a compreender.

Perco as esperanças quando os vejo apontando suas armas e tanques contra todos porque, pelos seus olhos, qualquer um pode ser um "terrorista" e quase todos são iraquianos frustrados e com raiva.

River está se transformando num testemunho da ocupação do calibre de Salam Pax – mas sem o cinismo do jovem arquiteto. Há espaço para ambos. []

Baghdad Burning

<http://riverbendblog.blogspot.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7159>

Hamas

22.Ago.2003 | E por falar em Palestina, vamos combinar uma coisa: Hamas dizer que suspende a trégua após morte de um de seus líderes é hipocrisia. No mínimo.

É possível imaginar adjetivos melhores mas na hora da raiva é melhor apelar ao ponto final. []

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7158>

P2P

22.Ago.2003 | Dica (para lá de interessante) do Carcamano, onipresente cá nos comentários: o novo Napster da praça atende pelo nome Earth Station Five. E assim mesmo, com nome de ficção científica de quinta, promete transformar-se na escolha número um de quem quer trocar música, cinema e afins pelos subterrâneos da rede.

Não é dos softwares mais simples de usar mas promete anonimato total – coisa que, principalmente nos EUA, faz diferença. Se cumpre a promessa, a ver.

Mas a grande sacada do Earth Station Five é sua sede. Algum lugar na Palestina: terra de ninguém, onde nuns cantos manda a Autoridade Palestina, noutros as Forças de Defesa de Israel, há ainda território sob comando do Hamas e lugares onde não manda ninguém. Sem mando ou desmando, não há polícia ou juiz que vá se preocupar com a tomada dos servidores.

O mundo começa a ficar muito estranho. []

Earth Station Five

<http://www.earthstation5.com/chronicles.html>

In refugee camp, a P2P outpost

http://news.com.com/.../tag=fd_lede1_hed

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7157>

Simplicidade

22.Ago.2003 | De acordo com o projeto, máquinas semelhantes a caixas eletrônicos são instaladas em locais públicos e, com um cartão magnético com 30 créditos adquirido previamente, o comprador escolhe suas músicas preferidas, pagando-as com uma quantidade de créditos determinada pelo músico ou a gravadora que distribui o disco. Esgotado o cartão, a máquina emite o disco e sua capa. "O preço do disco cai 50% porque não se paga transporte nem estoque. Se

hoje um CD custa entre R\$ 20,00 e R\$ 25,00, sai por R\$ 10,00, com lucro para todos", explicou Bezerra.

Com a bênção do ministro Gilberto Gil. []

Gil encampa máquina de vender CD

<http://www.estadao.com.br/.../2003/ago/19/30.htm>

via Boing Boing

<http://boingboing.net/>

via Rainer Bockerhoff

<http://www.brockerhoff.net/bb/viewtopic.php>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7155>

Acelerador

22.Ago.2003 | O diabo deste excesso de vírus é que, mesmo que você seja esperto (e tenha sorte) o suficiente para evitar infecção, ainda assim a Internet fica lenta. Muito lenta. []

Internet Traffic Report: South America

<http://www.internettrafficreport.com/samerica.htm>

Teste sua conexão

<http://us.mcafee.com/root/speedometer.asp>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7153>

Traditore

21.Ago.2003 | Está em tudo quanto é blog – mas é bom demais para deixar passar. São arquivos de mp3.

Madonna mia... []

Como uma virgem

http://www.topassada.com/03_como_uma_virgem.mp3

Feriado

http://www.topassada.com/11_feriado.mp3

Garota materialista

http://www.topassada.com/04_garota_materialista.mp3

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7133>

A outra

21.Ago.2003 | A semana passada foi uma das piores no Afeganistão desde a queda do Talibã. Morreram 80 pessoas vítimas – da resistência Talibã. E não apenas.

Um dos chefes tribais responsáveis pela segurança de Kabul, Abdul al-Rasul Sayyaf, por exemplo: no final de 2002, um seu protegido espancou um velho porque ouvia música. Ele mesmo, pessoalmente, dá ordens para que suas milícias fiscalizem os casamentos e outras festas para ter certeza de que não exista música. (Não, não é um ex-Talibã; faz parte do governo atual.)

Não é só no Iraque que as coisas desandam embora, no caso afegão, não dê para dizer que estejam piores. Ao menos as mulheres, hoje, têm lá algum espaço.

Mas uma guerra civil espreita. []

We're losing the war in Afghanistan, too

<http://www.salon.com/.../afghanwar/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7131>

Mais Arnold

20.Ago.2003 | Agora, com site oficial – incluindo a primeira propaganda de tevê pela candidatura de Schwarzenegger ao governo da Califórnia. []

Join Arnold

<http://joinarnold.com/>

via BlueBus

<http://www.bluebus.com.br/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7120>

Epitáfio

20.Ago.2003 | Só vai melhorar se a América fizer o básico direito – água, trabalho e eletricidade – e depois deixar os iraquianos cuidar do resto. "Deixem que [os iraquianos] fiquem com o crédito, que fiquem com a culpa", disse [o líder do Partido Democrático Curdo Masrour] Barzani. "Precisamos que os iraquianos enfrentem seus próprios problemas e que lidem consigo mesmos e, neste momento, vocês estão impedindo isto."

Ouvi mensagem similar há apenas uns dias de Sérgio Vieira de Mello, o chefe da ONU em Bagdá, assassinado no ataque de ontem. Bebericamos cerveja libanesa e comemos pistache em seu hotel enquanto ele me contava quanto ele acreditava que os iraquianos poderiam construir um Iraque diferente se ao menos tivessem meia chance. Como eu, era um otimista que acreditava no melhor das pessoas. Sua morte sem qualquer sentido é de quebrar o coração.

Thomas Friedman, mega-colunista do New York Times, hoje. []

No Time to Lose in Iraq

<http://www.nytimes.com/2003/08/20/opinion/20FRIE.html>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7118>

Vítimas

20.Ago.2003 | "Nós estávamos lá por pelo menos meia hora. Eles sabiam que nós éramos jornalistas" disse Stephan Breitner da tevê France 2. "Após eles atingirem Mazen, apontaram suas armas para nós. Não acho que foi um acidente. Eles são muito tensos. Eles são loucos. Eles são soldados jovens que não entendem o que está acontecendo."

De reportagem do Independent britânico.

Ontem, o governo norte-americano reconheceu que o câmera Mazen Dana foi assassinado a curta distância. Um colega seu, da Reuters, descreveu assim:

"Nós fomos para o carro e nos preparamos para sair quando um comboio liderado por um tanque chegou e Mazen decidiu filmá-lo. Eu o segui, ele andou três ou quatro metros. Fomos vistos com clareza, eles sabiam nossas identidades. Um soldado no tanque atirou contra nós. Me joguei no chão. Ouvi Mazen, ele gritou, tocou seu peito. Gritei para o soldado 'você matou um jornalista'. Eles gritaram, me mandaram sair de perto, eu disse 'vou sair mas por favor ajudem, ajudem, façam que pare de sangrar'."

O que o Independent não diz: anfetamina. []

US admits cameraman was shot dead at close range

<http://news.independent.co.uk/.../story.jsp?story=435156>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7116>

Repercussão nas ruas

20.Ago.2003 | A morte de Sérgio de Mello é catastrófica. Estamos todos meio atordoados. Ele era, nestes últimos meses, a melhor coisa que parecia ter acontecido no Iraque. Apesar de a ONU ter sido inútil para impedir a guerra, ver alguém como Mello dava ao povo algum tipo de esperança. Dava uma sensação de que, não, os norte-americanos não podiam correr soltos por Bagdá sem os olhos vigilantes da comunidade internacional. [...]

Estou apavorado. Se alguém como Mello não pode, ou simplesmente não foi, protegido – o que acontecerá com as milhões de pessoas que precisam de proteção no Iraque? Como permitiram que isto acontecesse?

Um canal de notícias estava dizendo há pouco que quando Bremer recebeu a notícia, ele chorou... Não sei por quê. Por certo não foi sua perda... foi do Iraque.

Novo blog iraquiano na praça: Baghdad Burning de uma moça que se assina River. Faz a vigília da ocupação. []

Baghdad Burning: Dazed

<http://riverbendblog.blogspot.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7115>

Um alienígena em Nova York

20.Ago.2003 | Será que um vírus pode derrubar a eletricidade de todo o nordeste norte-americano? Há quem acredite que sim.

Em janeiro deste ano, o W32.Slammer afetou o sistema de segurança da usina nuclear de Davis-Besse, em Ohio, derrubando os servidores e desativando-o. Não houve grandes problemas – já fazia um ano que a usina estava parada.

O evento provocou uma série de mensagens entre os responsáveis pelo sistema que cogitavam o que aconteceria se a usina fizesse parte do sistema de alimentação elétrica.

Pois acontece que a usina de Niagara Mohawk usa a tecnologia OPC – OLE for Process Control –, coisa baseada em DCOM. Este último super-vírus, o W32.Blaster, ataca DCOM. Parece complicado, não é.

Segundo uma análise da Heise Security alemã, estas tecnologias são usadas no sistema elétrico pelas centrais de monitoramento. Em essência, a maneira como uma ponta informa à outra como está, se está sobrecarregada, se não está. A falha nesse pedaço do sistema pode muito bem justificar um blecaute.

Teoria apenas. Não absurda. []

Energy Blasted away?

<http://msquadrat.de/archive/03/08/16/02>

More on worms and electricity...

<http://msquadrat.de/archive/03/08/19/02>

via Interesting People

<http://www.interesting-people.org/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7114>

Blecaute (3)

18.Ago.2003 | Do mestre repórter Greg Palast - um amigo de Michael Moore que segue a mesma linha só que investiga a sério:

O blecaute é uma surpresa? Claro que não, não para nós por aqui que vimos os amigos de Bush desligar os interruptores mundo afora. No Brasil, a Houston Industries partiu para o controle da Companhia de Eletricidade do Rio de Janeiro. Os texanos (ajudados por seus sócios franceses) despediram empregados, subiram preços, cortaram custos de manutenção e, CLICK!, a luz acabava com tanta frequência que os locais passaram a chamá-los "Rio Dark".

Então, para os britânicos defensores do dito mercado livre que controlam [as usinas de] Niagara Mohawk subiram preços, despediram funcionários, cortaram na manutenção e CLICK! – Nova York junta-se ao Brasil na Idade das Trevas.

No site de Palast, mais sobre como a família Bush inventou a desregulamentação do negócio da energia e inventou o blecaute. []

The Tale of The Brits Who Swiped 800 Jobs From New York, Carted Off \$90 Million, Then Tonight, Turned Off Our Lights

<http://www.gregpalast.com/detail.cfm?artid=257&row=0>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7079>

Arnie rumo a Sacramento

18.Ago.2003 | Conforme sua campanha para o governo da Califórnia aquece, o passado de Arnold Schwarzenegger começa a ser investigado pela imprensa. Suas fotos sem roupa, do início dos anos 1970, não devem ser lá muito problema num dos estados mais liberais dos EUA.

Lá ao norte eles têm um jargão para tudo que envolve sexo ou drogas e políticos: character problem, problema de caráter. Na maioria dos casos é talvez uma forma preconceituosa e maniqueísta de lidar com as desventuras humanas. No caso de Schwarzenegger, parece que não.

Uma reportagem publicada há dois anos pela revista especializada em cinema Preview pincela o comportamento de um dos atores mais bem pagos de Hollywood.

De certa feita, pegou uma moça que trabalhava no set de filmagem, enfiou sua mão por dentro da camiseta e tirou os seios dela para fora - fazendo graça, na frente de todos. Noutra, em entrevista para uma tevê pequena com uma âncora bonitinha, meteu a mão em suas coxas e foi subindo. Está gravado - com a cara de espanto da jornalista inclusa.

Não é só com o sexo oposto. O responsável pelo figurino do Exterminador do Futuro 2, diz a reportagem, era feio. Muito feio. No set, Schwarzenegger ordenava publicamente que ele se ajoelhasse "por ser feio demais". O rapaz terminou demitido, por piedade, por um dos produtores. Não o fizesse, ele continuaria humilhando-se para manter o emprego.

Outra questão que pode atormentar Arnold Schwarzenegger é sua saúde. O ator conta para sua imagem com a idéia de que é um sujeito saudável à moda da Califórnia. Não é.

Há uns anos, fez uma delicada operação para a troca de uma das válvulas cardíacas. A explicação oficial acusou problema genético e que a nova válvula seria de porco.

Um assistente do ator nega: foram três válvulas trocadas. E um médico ouvido argumenta que não poderia ter sido uma válvula suína no caso dele. Explica: a vantagem de válvulas suínas é que fazem um período de recuperação muito mais rápido e permitem uma vida um bocado normal após a operação. Só que elas agüentam no máximo 12 anos no corpo humano. Para um senhor de 70 anos ou mais, não há de ser problema. Mas para ele, que não tinha ainda 50, a recomendação típica é de usar uma válvula artificial.

O motivo de seu desgaste cardíaco, aliás, é o abuso de esteróides. Massa muscular daquele tipo não vem sem custo. []

Arnold the Barbarian

<http://web.archive.org/web/.../arnold.html>

Arnold the Barbarian (Outra cópia do artigo)

<http://www.health-and-medical.com/.../msg42682.shtml>

via Radosh

<http://radosh.blogspot.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7073>

Blecaute (2)

18.Ago.2003 | Está exposta, no Fotolog, uma coletânea (ainda em construção) de fotografias tiradas por anônimos durante o blecaute que atingiu o nordeste dos EUA e sudeste do Canadá.

Por enquanto, não há nada com a beleza da silhueta de Manhattan às escuras capturada por um fotógrafo da AP e que foi parar na primeira página de metade dos jornais do mundo.

O material, no entanto, é riquíssimo. Para quem não viveu o maior blecaute da história, dá para reconstruir o cotidiano dessa gente no par de dias sem luz. []

Blackout 2003

<http://www.fotolog.net/blackout/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7068>

Proteico

15.Ago.2003 | A britânica The Economist traz no site uma curiosa reportagem a respeito do impacto econômico da dieta do doutor Atkins.

Parece engraçado mas é fato. A crescente popularidade da dieta que receita lautos banquetes desde que os carboidratos estejam fora – gordura animal e proteína (muita proteína) pode.

A venda de ovos, por exemplo, aumentou em 3% na ilha de Sua Majestade a rainha Elizabeth. No grupo dos Vigilantes do Peso nos EUA, a assiduidade caiu 6%. Produtos ligados a dietas tradicionais caem igualmente. (Nestes casos, entra na conta a idéia de que a vigília e o sacrifício saem de moda conforme Atkins assume o leme.)

Seguindo esta linha, os EUA já tem e a Grã Bretanha acaba de ganhar a Michelob ULTRA, uma cerveja com pouco carboidrato. É um sucesso – e, dizem, boa. A ver. []

The Atkins economy

http://www.economist.com/displaystory.cfm?story_id=1994262

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7046>

O pobre Affleck

15.Ago.2003 | Não há de ser tema recorrente deste weblog – mas é engraçado. O semanário norte-americano National Enquirer, que não sem pudores inventa o que pode para vender, está fazendo um desafio ao ator Ben Affleck.

Há uma semana, o Enquirer havia o acusado de pular a cerca, driblando sua noiva J-Lo. Negaram, ambos, a história.

Esta semana, o Enquirer apresenta a moça que compartilhou das intimidades do jovem ator. Quer dizer nada que eles inventam mesmo e, mesmo que não, quer dizer nada de qualquer jeito.

Mas o jornaleco está desafiando Affleck a fazer um teste no polígrafo. O Enquirer dá uma aula de como inventar, remoer e esquentar uma notícia. Semana que vem há ainda mais notícia: a recusa (ou aceitação) de fazer o teste. E horas e horas no rádio e tevê especializados em fofoca.

E há um blecaute em Nova York. Ora, pois. []

Enquirer challenges Ben Affleck to take lie detector test!

<http://www.nationalenquirer.com/stories/feature.cfm?instanceid=58860>

via Daze Reader

<http://www.dazereader.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7044>

Blecaute

14.Ago.2003 | O blecaute de 1965 pegou de Ontário, no Canadá, até um pouco ao sul de Nova York. Começou às 17h27 e, a partir das 23h, começou a voltar a energia. Às 2h já ia tudo bem. Naquele 9 de novembro e madrugada de 10 tudo transcorreu em paz e uma rede de solidariedade assumiu o comando da cidade de Nova York.

No de 1977 foi tudo diferente. O blecaute durou 25 horas, começou às 21h20 do dia 13 de julho. Ao longo da madrugada e do dia seguinte foram presas 3.766 pessoas. Houve 1.037 incêndios. Janelas quebradas, assaltos. Caos.

Em ambos os casos houve o mito de que, nove meses após, aconteceu um baby-boom. Nenhuma estatística comprova. []

New York Blackout of 1965

<http://blackout.gmu.edu/events/tl1965.html>

New York Blackout of 1977

<http://blackout.gmu.edu/events/tl1977.html>

Urban Legends: Blackout baby-boom

http://www.urbanlegends.com/medical/blackout_baby_boom.html

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../7031>

O mestre

13.Ago.2003 | Alfred Joseph Hitchcock nasceu em Londres, filho caçula duma família profundamente católica. Estudou no Colégio Santo Inácio local de tradicional educação jesuíta e investiu no cinema desde cedo. O primeiro filme que dirigiu, chamou-o Número 13, de 1922. Tinha

22 anos. Durante as filmagens, conheceu a jovem Alma Reville que seria sua mais severa crítica, revisora de seus roteiros, obsessiva continuísta de cada filme. Casaram-se.

Não foi Número 13 que trouxe "Dirigido por Alfred Hitchcock" pela primeira vez às telas. O mérito, ganhou-o apenas em 1925 com O jardim dos prazeres. Ele dirigiu, também, o primeiro filme falado da Grã Bretanha, Chantagem, de 1929.

Com o estouro da Segunda Guerra, Hitchcock mudou-se para os EUA onde filmou Rebecca e deu início à fase mais produtiva de sua vida. No fim, tinha produzido pelo menos três obras-primas: Psicose, Janela indiscreta e Um corpo que cai. Não necessariamente nesta ordem.

É conhecido como o mestre do suspense, um dos clichês das artes, como chamar Frank Sinatra de a voz.

Virar clichê é a maior homenagem que alguém pode receber.

Nunca ganhou um único Oscar de melhor diretor. Na Inglaterra natal, foi feito Sir, cavaleiro da Rainha. Morreu em 1980.

Hoje, faria 104 anos. []

Alfred Hitchcock

<http://www.mysterynet.com/hitchcock/>

Alfred Hitchcock (2)

<http://users.netreach.net/treyl/hitchcock.htm>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../6998>

Mais um muro

13.Ago.2003 | O artista alemão Christof Blaesius quer reconstruir o Muro de Berlim. Em plástico. A idéia é recriar o muro para 2006, quando, durante a Copa do Mundo, ele comemoraria 45 anos.

Partes deste novo muro seriam suspensas para que o tráfego passe na capital alemã e, em seu principal trecho, na movimentadíssima Potsdamer Platz, ele seria representado apenas por balões de gás que serviriam de tela para slides com imagens do muro original.

Ao Guardian, Blaesius explicou: "A Copa do Mundo mostra que todas as nações podem comunicar-se e cooperar umas com as outras enquanto que o muro as separa. Ainda há nações divididas [como aconteceu com a Alemanha]: as Coréias, Israel, Irlanda e nós queremos fazer as pessoas pensarem no passado e no futuro de forma significativa." []

Artist aims to rebuild Berlin Wall

<http://www.guardian.co.uk/.../0,11711,1017457,00.html>

via ArtsJournal

<http://www.artsjournal.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../6997>

Concordata

13.Ago.2003 | Conforme antecipado há umas semanas, a Penthouse pediu ontem concordata. []

Penthouse comes unstuck

<http://media.guardian.co.uk/.../0,7495,1017792,00.html>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/servlets/.../6996>

Spam

13.Ago.2003 | Começou a tomar as pílulas que aumentam o pênis - e decidiu blogar os efeitos.

Está na primeira semana. []

Do Penis Enlargement Pills Work?

<http://thepill.blogs.com/>

via Metafilter

<http://www.metafilter.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../6994>

Primazia

12.Ago.2003 | Otzi, o homem de 5.300 anos mumificado em gelo e encontrado nos Alpes italianos há pouco mais de uma década, foi assassinado. As suspeitas disto já conduziam os cientistas faz alguns anos mas os testes mais recentes de DNA dão pistas concretas de sua morte.

Um corte em suas costas revelou, em 2001 a ponta de uma flecha. Mais recentemente, machucados no torso e cortes em suas mãos, trouxeram novos indícios de que houve uma briga pesada nos momentos que antecederam sua morte.

E Otzi não deixou barato. Em seu manto, foram encontrados vestígios de sangue de uma outra pessoa; na flecha que carregava consigo havia o sangue de mais duas pessoas; em sua faca, duma quarta.

O próximo passo dos arqueólogos é fuçar as redondezas de onde foi encontrado, na fronteira entre Itália e Áustria, para ver se há outros.

Oficialmente, Otzi é o primeiro caso registrado de assassinato do mundo. []

'Iceman' was murdered, scientific sleuths reveal

http://www.usatoday.com/.../2003-08-11-iceman-goeth_x.htm

via RobotWisdom

<http://www.robotwisdom.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../6986>

Liberdade de expressão

12.Ago.2003 | Michael Guilfoyle, um britânico de Manchester, está proibido judicialmente de falar a palavra paki – um termo pejorativo para paquistanês e outros de descendência centro-asiática. Se o racista reincidir, será preso.

A história motiva uma discussão no Metafilter, um dos cinco blogs mais lidos do mundo. A turma do MeFi questiona se não a cerceamento da liberdade de expressão.

Para um brasileiro, a discussão não deixa de ser meio bizarra. Afinal, racismo aqui é crime inafiançável passível de cadeia. []

Jail threat over racist word

<http://news.bbc.co.uk/1/hi/england/manchester/3145081.stm>

via Metafilter

<http://www.metafilter.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../6984>

Coisa curiosa

11.Ago.2003 | Entrevista para The World, programa de rádio norte-americano organizado pela BBC e pela National Public Radio, sobre Roberto Marinho.

Link em Windows Media. []

Host Lisa Mullins on Roberto Marinho

<http://www.theworld.org/content/08073.wma>

The World

<http://www.theworld.org/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../6976>

Pesquisas

11.Ago.2003 | Mulheres choram, em média, 64 vezes por ano. Homens, 17.

Adultos choram com mais frequência quando estão em casa, sozinhos, entre 19h e 22h.

Motivos variam um bocado: morte, nascimento e doença de crianças e pais; maridos violentos ou que traem; pais ausentes; estupro; adoção; provas escolares; amores perdidos; problemas com empregados. E cebolas. Mas os motivos mais comuns costumam ser tolos: pequenas frustrações cotidianas ou algo triste na tevê.

Estudos comprovam que mulheres usam o choro para manipular.

Homens chorando causam constrangimento. Mas atores homens têm mais chances de ganhar prêmios se o papel envolve uma cena de choro.

Os dados, todos, são britânicos. []

The crying game

<http://news.ft.com/servlet/ContentServer/.../1012571727132>

via Arts & Letters Daily

<http://aldaily.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../6972>

Crônica suburbana

11.Ago.2003 | São de rolar de rir as histórias da família de Leonardo Pimentel. []

Espírito de porco

<http://lpimentel.blogspot.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/servlets/.../6970>

QI

08.Ago.2003 | O site eMode faz, grátis, um teste de QI e dá o resultado numérico. Garante que é o teste original. Relatório detalhado fazem, mediante contribuição módica.

(Nunca havia feito, é engraçado. Depois duns minutos, informam que tenho uma inteligência de "processamento preciso" com aptidão matemática. Devo ter feito algo errado.) []

The original IQ test

<http://www.emode.com/tests/uiq/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../6943>

Boa forma

07.Ago.2003 | Na inauguração das instalações da Rede Globo em São Paulo, na manhã de 29 de janeiro de 1999, os dois subiram juntos quatro lances de escadas do prédio, dispensando o elevador para conhecerem melhor cada andar.

Quando chegaram ao último degrau, Fernando Henrique pôs a mão no peito e respirou para tomar fôlego. "Tudo bem, presidente?", perguntou Roberto Marinho, segurando o ombro do convidado. Testemunhas da cena, os filhos do jornalista ficaram orgulhosos da disposição que ele ainda esbanjava, aos 94 anos de idade e 74 de trabalho.

Trecho do ótimo obituário publicado pela Tribuna da Imprensa. []

Morre o jornalista Roberto Marinho

<http://www.tribunadaimprensa.com.br/noticia.asp?noticia=pais01>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../6928>

Riocentro

07.Ago.2003 | Com a recomendável suavidade e o melhor dos sorrisos, expliquei que infelizmente eu não era comandante, era apenas também um coronel, que obedecia ordens de dois generais: Roberto Marinho e Evandro, diretor. Infelizmente, Evandro estava viajando e dr. Roberto também já tinha ido embora. Ele me pediu o telefone do dr. Roberto e eu saí do aquário para ir buscá-lo.

Liguei para Roberto Marinho e falei rapidamente sobre o material que tínhamos e a edição planejada, supersensacional, com fotos exclusivas etc. e tal. Expliquei que o coronel estava na redação e sugeri um planinho para mostrar a máxima boa vontade do jornal. Eu daria aquele número de telefone ao coronel mas, a partir daquele instante, o dr. Roberto não mais atenderia. A sugestão foi aceita sem vacilação e Job Lorena ainda ficou um bom tempo grudado a um telefone até desistir.

No dia seguinte, doutor Roberto gastaria a manhã numa "conversinha" nada agradável com um general, na sede do 1o Exército.

No Comunique-se, Milton Coelho da Graça conta a história. []

Vai tranqüilo, Roberto Marinho

<http://www.comunique-se.com.br/.../301&op2=1&op3=2>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../6925>

Do Aurélio

06.Ago.2003 | E, por falar em Apple, volta à tona esta semana a questão da completa falta de um dicionário de português para o novo sistema operacional da empresa. Havia um Aurélio Eletrônico para o anterior – para o X, nada.

Rainer Brockerhoff, que desenvolveu a primeira versão, tem um projeto para resolver o problema mas quer ouvir, em seu site, a opinião dos usuários. []

Perguntinha hipotética

<http://www.brockerhoff.net/bb/viewforum.php?f=5>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../6890>

Diferentemente

06.Ago.2003 | Ainda não há números das vendas do iPod para Windows mas, numa previsão da BusinessWeek, pode chegar a bem mais que 300 milhões no primeiro ano de vida. O player de mp3 da Apple, diz a revista, é sinal de que a empresa comandada por Steve Jobs está se reinventando.

Uma Apple futura deverá ser mais como o que a Sony foi um dia: os melhores apetrechos eletrônicos, a marca mais sofisticada. E, cada vez menos, uma empresa que fabrica apenas computadores. []

Where "Think Different" Is Taking Apple

http://www.businessweek.com/.../tc2003085_3215_tc112.htm

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../6889>

Pós-moderno

06.Ago.2003 | Fonte de videogames dos anos 80.

Na época parecia moderníssimo. []

8-bit videogame fonts

<http://www.zone38.net/font/>

via Memepool

<http://www.memepool.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../6886>

Jornada

06.Ago.2003 | Cai como ducha de água fria um artigo assinado pelo antropólogo Michael Waters na revista Science deste mês. Waters trabalhava na datação dum sítio arqueológico no lago Ushki, na Sibéria. A pequena comunidade de caçadores nômades que lá viveu tem 13.000 anos de idade.

É 4.000 anos mais jovem do que se esperava.

Aparente mero detalhe, a descoberta levanta dúvidas sobre a teoria de que o homem atravessou o estreito de Bering do norte da Ásia à América no primeiro fluxo migratório para o Novo Mundo.

Estima-se que no finzinho da era glacial o nível dos oceanos desceu tanto que, lá ao norte, uma faixa de terra ligou os dois continentes. Por ali o homem teria atravessado. Mas se a comunidade que reconhecidamente viveu naquela região há mais tempo lá esteve há 13.000 anos, era, pois, tarde demais.

O sítio dos Clovis, no Novo México, por exemplo, tem 13.600 anos de idade. Artefatos humanos encontrados no estado norte-americano da Pensilvânia datam de há 16.000 anos. Evidências genéticas estabelecem que a primeira migração humana deve ter pelo menos 20.000 anos.

Se o homem chegou à América antes de chegar à Sibéria, teve que recorrer a outros caminhos. (O caminho por Bering continua provável, apenas não deve ter sido a primeira migração.)

Teorias apontam para a navegação a partir do arquipélago japonês; há mesmo quem defenda uma travessia do Atlântico a partir da Europa. Cogita-se – e apenas. []

Siberia find melts theory of ice age migration

<http://www.post-gazette.com/pg/03206/207283.stm>

via Archaeological News

<http://www.archaeologica.org/NewsPage.htm>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../6885>

Permalinks

05.Ago.2003 | A turma de blogueiros vai entender na hora o que são estes links ao pé de cada nota, cá no Weblog. São links que funcionarão, sempre, para aquela nota específica. Basta clicar com o botão esquerdo e escolher a opção de cópia do link.

Serve a quem quiser guardar para futura referência e é uma velha cobrança da turma que ocupa um quinhão de espaço na blogosfera. []

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../6880>

De burqa e guitarra

05.Ago.2003 | O hit do verão na Alemanha é o Burqa Blues, remixado por uma dj local, tocado em todas as casas noturnas. Cantado por três moças afegãs vestindo a tradicional burqa, assim segue a letra:

"Você me dá todo seu amor/Me dá todos seus beijos/Então toca a minha burqa/E não sabe quem eu sou." Noutro verso: "Burqa bluuuue/Minha mãe veste blue jeans agora/As coisas mudam rápido/Não sei se isto é bom."

O trio foi descoberto pelo produtor musical Kurt Dahlke numa viagem a Kabul, em outubro do ano passado. No país devastado por vinte anos de guerra constante, eram raros os vestígios da música tradicional. Dahlke levou consigo gravações de músicas paquistanesas, russas e indianas para ver o que conseguia ativar entre os locais.

E levou também álbuns de rock. Em seus concertos ou audiências para mostrar os discos, não havia uma única mulher.

Até que, por fim, decidiu convencer sua intérprete a arriscar umas gravações vocais. Duas moças, contratadas para servir chá, animaram-se também. Nasceu a Burqa Band de hit por enquanto único, o Burqa Blues.

Apesar do sucesso no solo alemão, que rapidamente há de tomar conta da cena européia, o trio não quer que seus nomes sejam divulgados e, por enquanto, não gostam da idéia de aparecer sem a proteção do traje muçulmano.

O espírito talibã, afinal, ainda impera no solo afegão. []

Burqa Band: Afghan girls go places

<http://sify.com/news/fullstory.php?id=13216077>

Burqa Blues (mp3)

<http://www.monika-enterprise.de/>

via Random Walks

<http://randomwalks.com/>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../6876>

Pergunta que não quer calar

05.Ago.2003 | Por que uma política keynesiana, que tirou o mundo da pior crise econômica do século 20 e distribuiu bem-estar por onde passou, é chamada "heterodoxa", e uma política que segue o Consenso de Washington, que espalhou crises e falências por onde andou, é chamada "ortodoxa"?

Tipo: sem opinião formada, só perguntando. []

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../6870>

Dawkins

05.Ago.2003 | Vai ao ar daqui a pouco, às 17h30, a entrevista que o professor Richard Dawkins concedeu a Sílio Boccanera para a GloboNews.

A cumprir-se a tradição da News, esta entrevista deve ainda ser reprisada ao longo da semana.

Sílio é um dos melhores jornalistas da tevê brasileira de longe e Dawkins está ótimo. Falam sobre o impacto da gente - humanos - na evolução natural, sobre os memes, espécies de genes da cultura que o biólogo britânico batizou; falam, também, de um dos assuntos mais caros a este cientista em particular: o excesso de respeito que as religiões merecem por parte da sociedade.

Para Dawkins, é incoerente que possamos ter a liberdade de criticar opiniões políticas - "comunismo é uma droga", "neo-liberalismo é ruim" - mas que seja considerada falta de educação dizer o mesmo a respeito de cristianismo, judaísmo, do Islã ou seja lá o que for.

Na entrevista, próximo a coisas que ele já escreveu, pega até leve. Ele considera religiões em geral provocadoras de males do mundo ao disseminar crenças e dogmas de forma alguma comprováveis que atacam dor e espalham morte.

Não é preciso concordar, mas é o tipo do sujeito que vale a pena ouvir. []

GloboNews: Programação

<http://redeglobo6.globo.com/Globonewstv/0,6993,2296,00.html>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../6869>

Cabeças cortadas

04.Ago.2003 | Se Bush for reeleito, seu segundo governo não será como o primeiro. Vem aí um quadro mais conservador.

Segundo a edição de hoje do Washington Post, o secretário de Estado Collin Powell já comunicou ao chefe que ele e seu braço direito, Richard Armitage, deixarão seus cargos em janeiro de 2005 – mesmo que Bush esteja de volta.

O Post especula que a saída de Powell tenha a ver com os constantes conflitos que o general reservista teve com a trupe mais linha-dura do governo. O secretário não gostou, também, dos resultados frustrantes da busca por armas de destruição em massa no pós-guerra iraquiano. Powell, afinal, havia garantido na ONU que elas estavam lá.

Os candidatos mais prováveis ao cargo seriam a assessora de segurança nacional, Condoleezza Rice, ou o vice de Donald Rumsfeld, Paul Wolfowitz.

Outro que deve deixar o cargo – este, se bobear, antes da eleição – é George Tenet, diretor da CIA. No seu caso, fruto direto do desgaste com a questão das armas iraquianas. []

State Dept. Changes Seen if Bush Reelected

<http://www.washingtonpost.com/.../A16856-2003Aug3.html>

[Permalink]

<http://nominimo.ibest.com.br/.../6853>

Era tudo verdade

01.Ago.2003 | Para comemorar o reencontro eventual num sítio arqueológico em Portugal, John Hale abriu para o geólogo Jelle de Boer uma garrafa de vinho. De papo em papo, Hale perguntou a de Boer sua opinião sobre evidências de terremoto por ali – e na fluidez do diálogo do vinho, de Boer comentou sobre as falhas que havia visto em Delphi, na Grécia.

Só que isso não seria possível – não havia, todo arqueólogo especializado nas civilizações clássicas bem o sabia – falhas geológicas em Delphi.

De Boer e Hale, com mais um time, foram parar na Grécia e lá encontraram as falhas que passam por baixo de onde esteve o Templo de Apolo, onde uma monja fez previsões para metade dos gregos. Fazendo análise mineral do solo chegaram à conclusão de que até par e meio de milênios atrás, emanavam dali gases.

Entra Plutarco. Certa vez, o historiador descreveu ter visto a monja do Oráculo ser obrigada a descer na câmara dos videntes para fazer previsões num dia inadequado. A moça voltou de lá aos gritos e desmaiou na frente das testemunhas, que fugiram. Quando voltaram para encontrá-la, ela permanecia desmaiada – e morreu dias depois. Que explicaria? Até há poucos anos, pouco se cria nesta passagem.

Um artigo que a equipe de Hale e de Boer publicam na Scientific America deste mês vai na contramão. Quando já tinham convencido-se de que gases saíam por ali, precisaram descobrir que gás poderia ser a partir das marcas deixadas. Ao grupo, juntou-se o toxicólogo Rick Spiller, especializado na recuperação de adolescentes que drogaram-se com o vapor de químicos como cola de sapateiro.

Etileno. Em pequena concentração, o etileno é capaz de provocar euforia, o usuário pode responder a perguntas. Quando o efeito passa, lembra pouco, quase nada do que disse. Numa concentração alta, provoca vômitos, desmaios, até morte.

No Oráculo de Delfos, provavelmente as monjas inebriavam-se de etileno que brotava do solo para prever o futuro. []

Questioning the Delphic Oracle

<http://www.sciam.com/.../ref=sciam>

Big Brother

01.Ago.2003 | "Vamos mostrá-los porque 1984 não será como 1984" – Steve Jobs, janeiro de 1984.

Big Brother, na época, era a IBM.

Em janeiro, o Macintosh fará 20 anos. []

via ScriptingNews

<http://scriptingnews.userland.com/>

Young Steve Jobs (QuickTime)

<http://www.scripting.com/movies/jobs1984.mov>

3D

01.Ago.2003 | Molhado e seco, Jim Gasperini. []

Stereo images

http://www.well.com/user/jimg/stereo/stereo_list.html

via Metafilter

<http://www.metafilter.com/>

Síndrome de Peter Pan

31.Jul.2003 | Esta tendência de ficar em casa se dá até mesmo após os anos de universidade. A mais impressionante confirmação de que há um processo de infantilização acontecendo é a tendência crescente de jovens mulheres e, principalmente, de jovens homens que continuam a viver com os pais mesmo depois de completar trinta anos. A pesquisa Social Trends de 2002 descobriu que quase um terço dos homens entre 20 e 35 anos vivem com os pais, comparados com um quarto entre 1977 e 78. Outras pesquisas indicam que o número crescente de homens entre 30 e 34 anos que ainda vivem com os pais aumentou em 20% nos últimos cinco anos.

Na Grã Bretanha – lugar ao qual estes números se referem – eles são chamados de nesters, criadores de ninho; no Japão o termo é solteiros parasitas. Nos EUA, filhos bumerangue ou adultos co-residentes.

É um fenômeno mundial que se acentuou na segunda metade dos anos 1990 e que atinge a geração nascida nos anos 70, a geração X. Na maioria dos casos, o fenômeno não é financeiro: muitos destes adultos gastam (e bem) dinheiro em parafernália eletrônicas, viagens – até mesmo em brinquedos, de preferência nostálgicos de sua infância. A nostalgia, aliás – antes uma tendência de velhos com lembranças de uma adolescência de cinco ou mais décadas passadas – agora é monopólio de quem teve a adolescência há menos de uma década.

Uma fuga desesperada da idade adulta que começa a intrigar sociólogos em todo o mundo. []

The children who won't grow up

<http://www.spiked-online.com/Articles/00000006DE8D.htm>

Arrivederci

31.Jul.2003 | Valentina era magra e alta, os cabelos negros e curtos num corte anos vinte – movia-se com elegância e vivia num mundo surrealista. Que seu rosto fosse o mesmo da atriz Louise Brooks, estrela dos clássicos mudos Diário duma Garota Perdida e Caixa de Pandora, jamais foi coincidência. Assim queria seu criador, o desenhista Guido Crepax.

E Crepax foi-se hoje de manhã.

Morreu no Hospital Policlínico de sua Milão natal. Sofria de esclerose múltipla.

E se Crepax é, do lado de Milo Manara, o mais conhecido quadrinista italiano, isto sim foi coincidência. Não era seu ramo – formado arquiteto, encontrou emprego como ilustrador de publicidade no pós-guerra e, de lá, artista gráfico: dedicava-se a capas de discos.

Tinha já 33 anos quando foi trabalhar na revista Linus e virou quadrinista em tempo integral. Inventou, lá, o super-herói Neutron – que morreu rápido. Mas da tira sacou uma personagem secundária que foi feita sua marca: Valentina. O primeiro álbum foi publicado na Itália em 1969. E, em Valentina, nasceram também suas pesadas tintas fetichistas que foram desembocar em Emmanuelle, Justine e Anita.

Se desenho chicotes, correntes, algemas de todos os tipos, ele disse certa vez, mesmo se reproduzo em minhas imagens as mais ousadas e audaciosas perversões eróticas, na verdade odeio violência e a falta de respeito conosco ou com outros ou mesmo todas as formas de excesso. As coisas extraordinárias pelas quais minhas pobres meninas apaixonadas passam não têm nada a ver com tratados de psicopatologia sexual. São exercícios visionários, imagens de loucura transferidas para o papel, delírios, desejos comandados por um mecanismo puramente cerebral... o que me interessa mais que qualquer coisa é que jogo nunca vire obsceno, que nunca caia na armadilha da vulgaridade. Dê uma olhada nelas, nas meninas que mostro... mesmo que estejam presas, frustradas, acorrentadas, aprisionadas, comprimidas... não há, nunca, uma única gota de sangue. O choque contra suas peles, no fim, nunca deixa uma marca mais forte que um abraço apertado.

Guido Crepax tinha 70 anos. []

Comiclopedia: Guido Crepax

<http://www.lambiek.net/crepax.htm>

Guido Crepax dies: his comics was a metaphor for life

<http://www.agi.it/.../agionline-eng.oggitalia>

It's Crepax

<http://www.storyofa.co.uk/ItsCrepax.html>

Arredores

31.Jul.2003 | E nas vizinhanças da redação de Nomínimo... []

Epa! Tem um heliponto em minha janela

<http://helipontonajanela.blogspot.com/>

via internETC.

<http://cora.blogspot.com/>

Teraflops

30.Jul.2003 | O computador mais rápido do mundo foi desenvolvido pela NEC para rodar um software de simulação da Terra. É o Earth Simulator, que roda a 35,61 TeraFlops – inútil comparar com um típico computador caseiro. Não faria sentido. Para se ter uma idéia, é cinco vezes mais rápido que o segundo lugar na lista dos Top 500 computadores mais rápidos.

Fundamentalmente, foi criado para prever terremotos no Japão. Mas o Earth Simulator, além de movimentos das placas tectônicas, também simula atmosfera e mar e quaisquer fenômenos físicos, de fissão nuclear a dinâmica de moléculas.

Ele está na cidade de Yokohama, a uma hora de Tóquio, num prédio de quatro andares construído apenas para ele. A CPU, dividida em 320 gabinetes, ocupa o último andar. O terceiro é dedicado apenas aos fios, vários quilômetros de cobre. []

The Earth Simulator Center

<http://www.es.jamstec.go.jp/>

Top 500 Supercomputers

<http://www.top500.org/>

Primeirinha

30.Jul.2003 | Johan Gutenberg publicou por volta de 180 cópias de sua Bíblia – o primeiro livro impresso com tipos móveis contra o papel. Na verdade, provavelmente 150 cópias em papel, as 30 restantes em velo, um papel especial feito de pelica de carneiro.

Cada exemplar da Bíblia de 42 Linhas é particular. Em geral, têm anotações manuscritas nas bordas, obra de monges nos seus dois primeiros séculos de vida; cores também enfeitam capitulares e bordas, obra de artistas da oficina de Gutenberg, únicas por exemplar.

Das 48 cópias que sobraram, quatro foram digitalizadas e estão online para quem quiser consultar. Duas em velo, três em papel. []

Cópia da Universidade de Göttingen

<http://www.gutenbergdigital.de/gudi/eframes/index.htm>

Cópia da Universidade de Keio

<http://www.humi.keio.ac.jp/.../B42-web/b42/>

Cópia da Universidade do Texas

<http://www.hrc.utexas.edu/.../gutenberg/web/pgstns/>

Cópias da British Library

<http://prodigi.bl.uk/gutenberg/background.asp>

Harém

29.Jul.2003 | Em árabe, proibido. Local da casa reservado às mulheres. []

Harem paintings

<http://www.orientalist-art.org.uk/harem.html>

via Plep

<http://www.nutcote.demon.co.uk/nutlog.html>

Surpresa

29.Jul.2003 | Ora, pois.

Obrigado, Meg. =) []

Sub Rosa

<http://www.meguimaraes.com/subrosa/>

Crimes de guerra

29.Jul.2003 | Após 25 dias de combate contínuo, um soldado exaure suas reservas emocionais e físicas.

Após 60 dias, 98% dos soldados transformam-se em casos psiquiátricos.

Os 2% restantes, descobre-se, eram psicopatas desde o início.

Os dados são de estudos do exército norte-americano. []

What Everyone Should Know About War

<http://www.tompaine.com/feature2.cfm/ID/8076>

Seleta

28.Jul.2003 | As piores capas de livros românticos no mercado norte-americano.

São ruins mesmo. []

via Daze Reader

<http://www.dazereader.com/weblog.htm>

Worst romance novel covers

<http://www.likesbooks.com/coverballot/2002/WO-results-2002.html>

Azkaban nas telas

28.Jul.2003 | O prisioneiro de Azkaban, filme três da série Harry Potter, não ficará pronto no fim do ano, como aconteceu com os anteriores. Dirigido pelo mexicano Alfonso Cuarón (do recente *Y tu mamá también*), há um novo pedaço do universo de J. K. Rowling que tem de ser imaginado e levado para a tela: a pequena aldeia de Hogsmeade, os sinistros guardas da prisão de Azkaban – dementadores –, a própria Azkaban.

É que, feito o primeiro filme – *A pedra filosofal* – não havia muita novidade no segundo – *A câmara secreta*. No terceiro isto é diferente, as novidades são várias e diversas – coisas que aparecerão um bocado nos filmes quatro e cinco. Daí os seis meses a mais de filmagem. É tempo da imaginação.

A Newsweek traz uma reportagem sobre o por trás das telas nesta semana. Detalhes, parcos. Mas uma informação curiosa para quem gosta da coisa: *Dedosedemel – Honeydukes* –, a loja de doces da vilazinha mágica terá, no cinema, uma cara psicodélica. Faz sentido.

Para Cuarón, Voldemort, o vilão da série, é uma espécie de mistura entre Bush e Saddam. E Cornelius Fudge, o ministro da Mágica, é a cara de Tony Blair. []

Caution: Wizard at Work

<http://www.msnbc.com/news/943721.asp>

via BlueBus

<http://www.bluebus.com.br/cgi-bin/show.pl?p=1&id=42821>

O original, por favor

28.Jul.2003 | Há na rede uma petição rolando que pede uma edição, em DVD, da trilogia original de Guerra nas Estrelas.

Eventualmente, os três filmes sairão – é certo. A questão é que, a princípio, os filmes que sairão em DVD são os modificados posteriormente, com efeitos especiais inclusos, cenas alteradas, personagens modificados.

Num dos episódios que mais incomodam os fãs está a cena em que o caçador de recompensas Greedo procura Han Solo – e o herói mata-o com um tiro certo.

Na versão que chegará em DVD, já lançada em vídeo, um tiro anterior de Greedo foi incluso – já que o herói, diluído, não poderia atirar num indefeso. []

The Original Trilogy

<http://www.originaltrilogy.com/>

Alô, alô Marciano

25.Jul.2003 | O astronauta Ed Liu, cujo endereço no momento é Estação Espacial Internacional 1, órbita da Terra, escreve lá de fora uma espécie de blog. []

Greetings, Earthlings

<http://spaceflight.nasa.gov/station/crew/exp7/luleters/>

via 101 three sixty five

<http://radio.weblogs.com/0101365/>

Nua e elegante

25.Jul.2003 | Esta é uma típica história da Internet - que, desta vez, não teve um fim típico. É uma história de elegância.

Catherine Schwartz - Cat - é âncora do programa Call for help (Ligue para ajuda) da TechTV, um canal a cabo norte-americano dedicado a tecnologia, computadores e afins. A moça é uma belezinha de morena, simpática que só e ajuda os espectadores em suas dúvidas cotidianas com o Windows.

Ela assina também um weblog pessoal, onde vez por outra publica umas suas fotos. Dia desses, viu-se ludibriada por um bug pouco conhecido do Photoshop.

Explica-se: o Photoshop é talvez um dos melhores softwares jamais desenvolvidos mas tem o hábito de armazenar informação em excesso. Vai-se modificando uma imagem à vontade mas

todas as versões anteriores, cada passo, é guardado no arquivo. Por vezes, mesmo quando depois de terminada a imagem ela é salva em .jpg, formato que deveria ser enxuto, ainda assim pode estar lá memória do que a foto foi originalmente.

Cat Schwartz postou no blog uma sua foto aparentemente inocente, dos ombros pra cima, um quê sensual. Um fã ardoroso salvou-a no hd e lançou o Photoshop para dar uma mexida - quando viu o ícone de preview do arquivo tomou um susto. Na foto original, Cat tinha os seios à mostra.

Junta-se adolescência (e todo homem com mais de 14 anos é um adolescente) com Internet e a mistura explosiva fez as imagens de Cat e seios navegarem de servidor em servidor web afora.

Nudez acidental é um capítulo à parte na Internet, a rede que ainda modificará por completo nosso conceito de privacidade. Esses dias mesmo, a atriz Reese Witherspoon andava uma arara com a circulação de imagens dum seu filme antigo. Mas, no caso de Cat, a resposta veio na forma de sagacidade.

Primeiro, tirou as fotos de seu weblog, limpou-as de resíduos das imagens originais, e recolocou-as no ar. Perfumaria, naturalmente, que o estrago já estava feito. Mas, então, colocou no blog uma nota aos fãs: Foi um erro... vocês deram sorte... MUITA sorte ;-)

Jogo de cintura pouco é bobagem. Isto feito, voltou ao site da TechTV onde cada apresentador tem uma página com o perfil onde respondem a umas perguntas padrão. Uma delas: Conte sua pior história de terror tecnológico. A esta, Cat incluiu nova resposta. Ah, sim, tome cuidado com o Photoshop.

Não bastasse, Cat ainda reinaugurou, em seu blog, o espaço para comentários dos leitores. Na nota do dia 23, já eram 351 os comentários por conta.

Isto feito, tocou a vida adiante achando uma certa graça do mexerico. (Prum leitor que pediu mais fotos, ainda comentou: Nem nos seus sonhos, pervertido! Foi um erro que não acontecerá de novo. Embora eu esteja feliz que vocês tenham gostado ;-)) []

Catshwartz.com

<http://www.catschwartz.com/>

Meet Catherine Schwartz

<http://www.techtv.com/.../0,24330,3373866,00.html>

Truque de Photoshop

<http://www.shackspace.com/~mcbiggins@shackmail.com/cat.html>

via Metafilter

<http://www.metafilter.com/>

Sabre em mãos

25.Jul.2003 | Há uns meses, o jovem canadense Ghyslain Raza ganhou fama mundial após estrelar um filmete no papel de Darth Maul - o vilão do Episódio 1 de Guerra nas Estrelas. O rapaz canadense, uns quilos acima, desajeitado feito adolescente, gravou para si o vídeo com sabre de luz duplo (na verdade uma vara ordinária) e abandonou-o na coleção de fitas da escola. Uns seus colegas descobriram, digitalizaram - tascaram na rede.

Atendendo pelo apelido Star Wars Kid (o menino Guerra nas Estrelas), Raza virou piada por todo lado. Uma trupe apiedou-se do coitado e fez uma vaquinha online para que lhe fosse comprado um iPod - walkman de mp3 da Apple.

A fita não sai da Internet. Já foi editada, reeditada, ganhou efeitos especiais - transformou-se num elegante trailer para o Episódio 3 (falso, claro), ganhou vestimenta de Matrix e Exterminador do Futuro.

Agora, há uma campanha para que o moço faça uma ponta no Episódio 3 de fato - coisa possível. Enquanto isso, ele processa os rapazes que fizeram dele piada. []

Star Wars kid

<http://www.jedimaster.net/>

Star Wars video prompts lawsuit

<http://news.bbc.co.uk/2/hi/technology/3095385.stm>

Alternativo, pero no mucho

25.Jul.2003 | A Nike comprou a Converse.

Não é coisa que se diga assim, impunemente ou sem qualquer preparo do leitor – mas, às vezes, a concisão do lide obriga.

Foi comprada, não tem jeito – a mais tradicional fábrica de tênis do mundo que ainda põe nas lojas dos quatro cantos o mesmo modelo do All-Star agora pertence à Nike.

Por Nike, entenda-se, a mesma empresa que até há uns anos fabricava seus tênis hiper-sofisticados apoiados em bolhas de ar com a mão-de-obra quase gratuita de crianças esfomeadas do sudeste asiático. Estas práticas trabalhistas não continuam – mas foi preciso um intenso boicote e pesada campanha negativa para que a empresa se recompusesse. Saía mais caro o material do tênis do que o trabalho das mãozinhas.

O All-Star, sua sola de borracha e corpo de lona com a estrela decalcada, foi invenção do veterano jogador de basquete Chuck Taylor há 80 anos. Até o estouro dos Adidas no início dos anos 1970, não havia opção. (No Brasil havia o Bamba, mas esta é outra história.) Aí vieram Reebok, Nike.

Mas durante um bom tempo, das maiores estrelas do basquete aos bailarinos da versão cinematográfica do West Side Story, todo mundo usou All-Star. Era sinônimo de tênis.

A Converse, por fim, faliu porque não mexeu no desenho de seu tênis. Ao longo do último ano a marca voltou a estourar – e é nisto que a Nike está de olho.

O desenho continuará intacto. []

Buying Converse, Nike takes big step into retro shoe market

<http://sportsillustrated.cnn.com/.../2003/07/16/viewpoint/>

Nike Drafts An All Star

<http://www.washingtonpost.com/ac2/wp-dyn/A9001-2003Jul17>

via randomWalks

<http://randomwalks.com/>

Entre rios

24.Jul.2003 | Há uma incompreensão fundamental entre as autoridades de ocupação norte-americanas no Iraque e as pessoas cujo país ocupam. Os EUA acreditam que toda resistência ao proconsulado norte-americano do Iraque é composto pelos "remanescentes" dos seguidores de Saddam, os "frustrados", aqueles que não perceberam que acabou – há outras frases para descrevê-los. A teoria dos EUA é que, tão logo a família Hussein seja decapitada, a resistência acabará.

Mas os guerrilheiros que estão matando diariamente soldados norte-americanos também estão sendo atacados por um movimento islâmico sunita em crescimento e que nunca teve amor por Saddam. Muito mais importante, muitos iraquianos relutam em apoiar a resistência por medo de que um fim da ocupação norte-americana represente o retorno do velho ditador.

Se ele e seus filhos estão mortos, as chances são de que a oposição à ocupação norte-americana vai crescer e não diminuir – já que com Saddam terminado, os iraquianos não terão o que perder se lutarem contra os norte-americanos.

Do mestre correspondente no Oriente Médio, Robert Fisk, no Independent de hoje. []

His sons are dead but Saddam lives

<http://www.nzherald.co.nz/storydisplay.cfm/.../world>

Sete vidas

23.Jul.2003 | Muito melhor que tradutor de miaus. []

Maukie

<http://home.wanadoo.nl/annekebroenink/maukie2.swf>

via Memepool

<http://www.memepool.com/>

Números absurdos 1

23.Jul.2003 | Morre, no mundo, uma pessoa por minuto abatida por arma de fogo.

O número é da Small Arms Survey, pesquisa financiada por uma ong de Genebra, publicado hoje pelo site da revista britânica The Economist.

O Brasil é o vice-líder em vítimas, 25 por 100.000 pessoas. Perde apenas para a África do Sul, com 75 por 100.000. O terceiro é a Jamaica, com 17 por 100.000.

Os EUA, país que inspirou o filme oscarizado Tiros em Columbine, é o quarto colocado, com 6 mortos por 100.000. []

One victim every minute

http://www.economist.com/.../Story_ID=1936029

Números absurdos 2

23.Jul.2003 | 22.000 dólares.

É o preço médio duma festa de casamento nos EUA. Dá uns cinquenta merréis.

No Brasil, aliás, não é muito diferente. []

Wanted: Fairy-tale wedding at a dream price

<http://www.csmonitor.com/2003/0723/p16s01-lifp.html>

Pós-Saddam

22.Jul.2003 | Está ficando cada vez mais claro que, em algum momento, as Nações Unidas vão ter de assumir a reconstrução do Iraque. A única questão é se Kofi Annan vai terminar apressando as coisas em seus termos para preencher os vazios deixados por uma Força de Ocupação norte-americana desesperada e super-atarefada – ou se o presidente Bush vai voltar cair na real, perceber que o serviço é muito mais difícil do que seus assessores previram, e admitir que ele não consegue resolver nada sozinho. Se ele chegar a esta conclusão em seis meses ou num ano vai parecer uma retirada apavorada; se ele o fizer mais cedo, tipo agora, ele poderá ainda parecer corajoso e sábio.

Do jornalista Fred Kaplan, na revista Slate.

A situação no Iraque ainda vai piorar muito embora o noticiário constante de ataques, dum lado e do outro, tenha caído na monotonia. O país ainda voltará às manchetes este ano. O preço que os EUA pagaram até agora é 3,9 bilhões de dólares. Sua previsão inicial era de 2 bilhões. O país mais rico do mundo não tem condições de sustentar a situação, como está, durante muito tempo. E, sem apoio quase nenhum de outros países, falta gente para assumir de fato um governo provisório que substitua o de Saddam.

Hoje, o Iraque é um faroeste sem lei. E, no Oriente Médio, este é um quadro perigoso pacas. []

United Nations in Iraq

<http://slate.msn.com/id/2085822/>

Guernica

22.Jul.2003 | Crianças espanholas desenham durante a Guerra Civil.

O prefácio é de Aldous Huxley. []

They still draw pictures

<http://orpheus.ucsd.edu/speccoll/tsdp/frame.html>

via Plep

<http://www.nutcote.demon.co.uk/nutlog.html>

Sem pet no mês que vem

22.Jul.2003 | Bob Guccione está deprimido, com câncer na garganta, quebrado. Sua revista, a Penthouse, segue uma linha parecida. Na última sexta-feira, os empregados receberam apenas 25% do salário, entre abril e julho a revista não saiu e a edição que chegou fresca às bancas, parece, será a última.

A Penthouse nasceu em 1969, chegou em finais dos anos 70 a uma circulação mensal de 5 milhões de exemplares, e foi, nos bons tempos, a maior concorrente da Playboy. Ao contrário da norma na cinqüentenária revista de Hugh Hefner, Guccione mostrava lances mais ginecológicos

das suas pets mensais – embora nada chegasse ao sexo explícito. Ele inventou também o hábito, copiado por revistas adultas mundo afora, de publicar cartas com histórias eróticas de seus leitores – em geral pesadamente editadas, quando não descaradamente inventadas.

É da lavra de Guccione, também, *Calígula* o filme que inventou o sexo explícito em cinema com grandes atores, entre eles os nobilíssimos sir John Gielgud e Peter O'Toole.

A portentosa mansão centenária de Guccione em Manhattan deve ir a leilão. Os empregados da revista estão trabalhando de casa. O fim é, provavelmente, culpa de dois fenômenos: pornografia na Internet e na tevê a cabo, que substituíram as revistas mais explícitas. []

The End of the Line for Penthouse?

<http://www.msnbc.com/news/940928.asp?cp1=1>

via DazeReader

<http://www.dazereader.com/001682.htm>

Deus ex machina

21.Jul.2003 | O segredo da vida é 4.

O número representa todas as relações entre os seres e o universo, tudo é uma conta que envolve o 4 dalguma forma.

Por exemplo: se você é 16 vezes maior que seu cachorro, seu batimento cardíaco será a metade do dele e sua vida será duas vezes maior que a dele. (Se mudou é por conta da medicina moderna que trapaceou nas regras.) O número de batidas do coração no mamífero típico é constante, não importa a espécie: 1,5 bilhão de vezes durante toda a vida.

Cabala da nova?

Não exatamente. O estudo é do matemático Geoffrey West do seriíssimo Santa Fé Institute. []

Answer to the mystery of life is four

<http://www.nzherald.co.nz/storydisplay.cfm/.../thesubsection=general>

Life's Added Dimensions

<http://www.sciam.com/article.cfm/.../9B81809EC588EF21>

via Metafilter

<http://www.metafilter.com/>

Vox Dei

21.Jul.2003 | A primeira pesquisa de opinião realizada em Bagdá:

Três quartos consideram a cidade, hoje, mais perigosa do que nos tempos de Saddam;

Um em oito bagdalis querem que as tropas norte-americanas e britânicas deixem o país imediatamente.

Metade considerou a guerra contra o regime Hussein certa; 27%, errada. Os outros não souberam responder.

A maioria crê que o motivo da guerra foi ou o interesse no petróleo ou uma camaradagem com Israel.

Foram entrevistadas 798 pessoas de todas as partes da capital, de ambos os sexos e das mais diversas afiliações religiosas.

PS. Tirar férias é bom; mas também é bom estar de volta. Obrigado pelos comentários. []

The voice of Baghdad

<http://www.spectator.co.uk/article.php3/.../2003-07-19&id=3315>

Duas semanas

05.Jul.2003 | Isto posto, caríssimos – deixo-lhes em férias.

Nas minhas últimas férias, na falecida NO., despedi-me agradecido de que o governo FH ainda não tivesse eliminado todas as conquistas da era Vargas, permitindo-me ainda umas semanas livres ao ano.

Agora, um bocado pasmo por certo, despeço-me agradecido de que o governo Lula não as tenha eliminado. Ainda.

Mas não nos preocupemos que FMI e Banco Mundial são bons conselheiros e os excessos desta classe privilegiada – aquela que paga impostos e trabalha todo dia por salário – ainda hão de cair. Em nome do crescimento!

Em duas semanas, estou de volta. []

Amor, com amor se paga

04.Jul.2003 | A Slate traz, hoje, um delicioso artigo a respeito dos hábitos sexuais entre celebridades.

Veja-se, por exemplo, o namoro entre Harrison Ford e Calista Flockhart, da série Ally McBeal. É negócio para a moça porque pode lançar sua carreira no cinema – e, em Hollywood, o dinheiro é incrivelmente maior do que na tevê. Enquanto isso, distrai o público da percepção de que Ford, aos 61, já está na categoria terceira idade, que não é dos melhores negócios para um herói.

Outro exemplo: a paquera entre Jennifer Lopez e Ben Affleck. A atriz andava com problemas de imagem, muito agressiva e étnica. Namorando um sujeito como Affleck, bom-moço que é, suaviza. (Segundo o autor do artigo, David Plotz, em troca Affleck leva Lopez pra cama.)

Essencialmente, a diferença entre os relacionamentos em Hollywood hoje e nos tempos do star system é que, antes, os chefões dos estúdios mandavam que tais namoros acontecessem; hoje, os próprios atores (e seus agentes), se encarregam do serviço. Veja-se Jennifer Aniston e Brad Pitt. O agente dela ligou para o agente dele para marcar o primeiro encontro. Casaram-se.

Casamento, aliás, é mau negócio para os atores. Perdem a imagem de galãs. []

Celebrity Dating

<http://slate.msn.com/id/2085179/>

Sinal divino

04.Jul.2003 | Um pastor convidado na Primeira Igreja Batista de Forest estava no meio de seu sermão a respeito da penitência e pedindo um sinal na noite de terça-feira quando a torre da igreja foi atingida por um raio, iniciando um incêndio e explodindo o sistema de som. [...]

"Era possível ouvir a tempestade crescendo lá fora... o pastor continuava a pedir a Deus o que mais ele precisava falar", contou um atendente. "Ele pedia um sinal e recebeu um."

Aproximadamente às 19h45, um raio atingiu a torre da igreja, atravessou o sistema elétrico e explodiu o sistema de som. O atendente disse que o raio alcançou o microfone e envolveu o pastor, sem feri-lo.

Arthur Miller não imaginaria a cena melhor. []

'He was asking for a sign'

<http://www.thecourier.com/.../current.htm%23story4&XMLDocPath=/XML/CeeClassAds.xml>

Humor geek

03.Jul.2003 | Houve um tempo em que os jogos mais populares para computador eram adventures. Sem gráfico algum – ou no máximo linhas toscas – uma cena esboçada num parágrafo e duas ou três opções para dar continuidade à história.

Assim é o jogo de Brad. []

Brad, the game

<http://www.bradthegame.com/>

via Impressões imprecisas

<http://www.cliqueaqui.com.br/impressoes/>

Humor negro

03.Jul.2003 | O jornalista virtual permite que o leitor viva as agruras e desventuras da carreira de jornalista, nos EUA. []

Virtual journalist

<http://www.sparko.com/news/vj.htm>

Harrius Potter et Philosophi Lapis

02.Jul.2003 | Dominus et Domina Dursley, qui vivebant in aedibus Gestationis Ligustrorum numero quattuor signatis.

Assim começa a nova tradução, para o latim. Já nas melhores lojas. []

Bloomsburry Shop

<http://www.bloomsbury.com/BookCatalog/.../MUF1C0KEQPWCNQ6>

Xequê

02.Jul.2003 | De acordo com o website da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada em Defesa dos EUA (Darpa), a idéia é satisfazer "o desejo do governo de alcançar qualquer lugar do mundo."

A Darpa, que noutros tempos empenhou-se na criação do que hoje é a Internet, hoje trabalha na independência dos EUA. Independência, entenda-se bem, da necessidade de acordos para bases militares no exterior.

Em 2010, os Estados Unidos serão capazes de atacar qualquer outro, com mísseis, a partir de seu próprio território. []

US-based missiles to have global reach

<http://www.guardian.co.uk/usa/story/0,12271,988612,00.html>

via Terceira base

<http://www.hiro.com.br/blog/>

Sexo à moda Khomeini

03.Jul.2003 | O governo do Irã está bancando uma política de repressão da web. Ao contrário doutras ditaduras, no entanto, o regime dos aiatolás parece estar pouco preocupado com o abuso de livre expressão política na rede.

O que querem é evitar acesso à pornografia.

Pornografia no caso, diz o Register, vai de moças belas com medeixas de cabelo aparecendo para além dos lenços até alguma nudez esparsa. A censura se estende por outros comportamentos considerados pelo xiismo como anti-islâmicos: fumar cigarros, beber álcool, jogos de azar.

O Register não dá dica de qualquer site pornográfico iraniano e, como a maioria é publicada em persa – língua que não se escreve com caracteres latinos – fica difícil procurar.

(Os encontrados após alguma navegação, no entanto, não são exatamente inocentes conforme descritos.) []

Blocking Internet Porn in Iran

<http://www.theregister.co.uk/content/6/31515.html>

Iran Sexy

<http://www.iransexy.web1000.com/albumpic/irani.htm>

Sex Farsi

<http://www.sexfarsi.web1000.com/>

Cada um na sua

01.Jul.2003 | A que Casa em Hogwarts pertence o distinto leitor?

Este que cá o weblog assina é cidadão da Torre de Gryffindor no teste oficial e no não-autorizado. []

The official Sorting hat

http://harrypotter.warnerbros.com/web/hogwarts/sorting_hat.jsp

Which House are you in?

<http://nimbo.net/quiz/houses.html>

Entre druidas e bárbaros

01.Jul.2003 | As ilhas britânicas são um bastião tão forte da cultura anglo-saxã que, em geral, britânicos e seus descendentes norte-americanos são chamados a toda hora de anglo-saxões.

Bem – pode ser verdade do ponto de vista cultural. Geneticamente, não.

Uma nova pesquisa, analisada pelo mestre geneticista Luca Cavalli-Sforza e publicada pela Nature, mostra que o grosso da população das ilhas governadas por sua majestade a rainha Elizabeth II são celtas.

A pesquisa foi realizada pela análise do cromossoma Y de cidadãos nas ilhas e em países da Europa continental. Em geral, para se medir a etnia escolhe-se, nos homens, o cromossoma Y – que é passado pela linhagem paterna – ou, em ambos os sexos, o DNA mitocondrial, passado por linhagem materna. A vantagem do Y é que ele muta-se muito menos.

Anglo-saxões e dinamarqueses, desta forma, ocupam a Inglaterra central e leste, além de boa parte da Escócia. Nas ilhotas do norte, a predominância é norueguesa. No resto da Inglaterra e na Irlanda central, a população é marcadamente celta.

E o curioso: em Gales e um naco da Irlanda, a turma é de origem basca. Os bascos são a gente mais esquisita da Europa, sua língua é de origem desconhecida, a base genética idem. Muito provavelmente, são os europeus originais.

Há alguns tipos nítidos nas ilhas, seria curioso saber qual corresponde a qual. Um é aquele moreno galante duma Catherine Zeta-Jones ou, em versão masculina, Sean Connery. Outro é aquela gente feiosa com cara eqüina, que vai da Lady Di a Rex Harrison, passando pela família real. []

via Anthropology in the news

<http://www.tamu.edu/anthropology/news.html>

Y chromosomes rewrite British history

<http://www.nature.com/nsu/030616/030616-15.html>

Recordar é viver

01.Jul.2003 | De pé, ó vítimas da fome!

De pé, famélicos da terra!

Da idéia a chama já consome

A crosta bruta que a soterra.

Cortai o mal bem pelo fundo!

De pé, de pé, não mais senhores!

Se nada somos neste mundo,

Sejamos tudo, ó produtores!

Bem unidos façamos,

Nesta luta final,

Uma terra sem amos

A Internacional.

Houve um tempo em que havia gente que conhecia esse tipo de coisa de cór.

A guerra fria foi há muito tempo. []

Internacional Socialista (1871)

<http://intermega.com.br/.../hinolib.htm#sectA>

Por Tutatis

01.Jul.2003 | Pela primeira vez, um livro em inglês, publicado no outro lado do canal, é o best-seller número um na França. (Continua difícil fazer um francês reconhecer que fala inglês, mas este é outro problema.)

Foi Harry Potter, claro.

A versão em francês fica pro segundo semestre. Idem para a brasileira. []

Potter conquers French book list

<http://news.bbc.co.uk/2/hi/entertainment/3034726.stm>

via Blue Bus

<http://www.bluebus.com.br/>

Correção política

01.Jul.2003 | Pela primeira vez, o Eu hein! tirou uma piada do ar.

Havia aqui uma piada sobre a morte do jogador de camarões que provocou reação irada de boa parte dos leitores, gerando mais de 70 comentários que podem ser lidos abaixo. Ela foi retirada do ar. A charge tinha a foto do jogador saindo do gramado e a frase: "Camarões: um ataque fulminante". Como qualquer pessoa de bom senso pode ver, não há qualquer racismo na piada. Ela pode até ser considerada de mau gosto por parte dos leitores que acessaram o blog pela manhã mas, definitivamente, não é racista. A piada não mudaria se o morto fosse branco ou japonês. []

Polêmica

<http://euhein.terra.com.br/>

via Impressões

http://www.comunique-se.com.br/blog/.../id_destaque=995

Pequerruchos

01.Jul.2003 | Site só para crianças muito pequenas. []

Boohbah

<http://www.boohbah.com/zone.html>

via Impressões imprecisas

<http://www.cliqueaqui.com.br/impressoes/>

Bola de cristal

30.Jun.2003 | Assim foi o ano 2000 – ou, ao menos, na visão do fim do século 19. []

via Things magazine

<http://www.thingsmagazine.net/>

Victorian Visions of the Year 2000

<http://www.cardmine.co.uk/Year2000.htm>

Sans-serif

30.Jun.2003 | Carece um bom dicionário de inglês ao lado para bem compreender as descrições, mas este guia de tipografia encontra qualquer fonte.

Abre-se uma revista, e vai-se respondendo às perguntas do site a respeito da formação das letras. Uma serifa delicada ou brusca no Q, horizontal no d, por aí vai.

Isto feito, o guia entrega o nome da fonte. []

Typeface Identification Guide

http://www.retrolobe.com/typography/identification_guide/

Efeito colateral

30.Jun.2003 | Esta é uma aranha.

Esta é uma aranha sob o efeito de drogas.

Alguma pergunta? []

Results of experiments with Spiders and Drugs

<http://www.missblackwidow.com/drugs.html>

via Memepool

<http://www.memepool.com/>

Triste mês

30.Jun.2003 | Gregory Peck era divertido como galãs das antigas costumam ser. Um típico galã da velha Hollywood, razoavelmente bem treinado como ator.

Katharine Hepburn, não. Esta era uma atriz excepcional. Sofisticadíssima, sem cacoetes. Ela e Spencer Tracy tinham uma coisa de diferente - porque há atores excepcionais, como as crias do Actor's Studio de Marlon Brando a Jack Nicholson, que são muito bons mas nada discretos. Fazem uma interpretação que impõe-se com muitos gestos.

Katharine Hepburn era discreta. Nunca foi bonita. Nunca foi mito. Era gênio. Tinha 96 anos.

(PS. Esta, por enquanto, vale só pro Rio, mas a peça há de viajar: Tio Vânia, no Parque Lage. Melhor texto do Tchekov, este um Shakespeare moderno. Ver boa interpretação, daquelas de fato, é sempre um presente. Quando vem de surpresa, melhor ainda. Rogério Fróes é um ator técnico,

impecável como o professor; Bel Kutner faz uma Sônia extraordinária, sutil. Da alegria à tristeza, vai tudo em seu olhar. Ela é uma atriz fantástica. Pena que o doutor Astrov, personagem principal da peça, sujeito elegante, sedutor, distraído e melancólico, tenha sido transformado num bêbado empolgado pelo Daniel Dantas...) []

Khatarine Hepburn, complete coverage

<http://www.nytimes.com/ref/movies/30HEPBURN-REF.html>

Monolito

27.Jun.2003 | Um 2001 possível. []

Kubrick 2001

<http://www.kubrick2001.com/>

via Telescópica

<http://www.boechat.com/tele/>

Que a força

27.Jun.2003 | O jogo mais esperado do ano chegou à Internet. É Star Wars Galaxies, um ambiente no qual o sujeito se inscreve a módicos 15 dólares/mês e começa a viver um seu personagem. Pode ser humano, wookie (tipo Chewbacca), twi'lek (tipo Bib Fortuna) e outros. Uns afortunados descobrem-se jedis, mas isso não é para qualquer um.

A história do jogo se passa entre Guerra nas estrelas e O Império contra-ataca e requer uma máquina turbinada.

O lançamento foi ontem, quinta-feira, sem qualquer propaganda. Explica-se: Sony e Lucas Arts, responsáveis pelo jogo, preferiram não fazer um alarde de modo a ter tempo para matar bugs. A esperança é de um crescimento contínuo e discreto. []

Quiet Birth for Star Wars World

<http://www.wired.com/news/games/0,2101,59407,00.html>

Star Wars Galaxies

<http://starwarsgalaxies.station.sony.com/>

Sobre o muro

27.Jun.2003 | Caríssimos, estou recebendo emails desde hoje de manhã a respeito da coluna sobre o muro que cercará a Cisjordânia. A história, ao que parece, não incomoda os leitores tanto quanto minha comparação deste muro com o que cercou o gueto de Varsóvia.

Bem, creio que não é possível agradar todos todo o tempo, mas a acusação de anti-semita me incomoda. Meu avô materno era judeu; minha mulher é judia o que, presumo, faz de minha filha também judia.

Não acho que a comparação entre o muro que separa a Cisjordânia de Israel com o do gueto seja de todo correta e deixo isto claro na coluna: um é parte de uma política de exclusão, outro era parte duma política de extermínio étnico. Ainda assim, é apavorante que um governo judaico, logo um governo judaico, meu Deus, adote uma política deste tipo. O símbolo de um muro é forte demais, intolerável demais.

Discordar é um direito de qualquer um, faz parte do jogo – aliás, é até muito saudável. Meter-me o dedo no nariz acusando um anti-semitismo onde não há, isto não. É ofensivo. []

O muro

Caçadores da arca perdida

26.Jun.2003 | O veterano arqueólogo britânico Colin Renfrew é o entrevistado da New Scientist este mês. Ele fala principalmente sobre saques e o mal que representam para o conhecimento – afinal, um objeto retirado de seu sítio original perde o contexto e, em geral, boa parte da informação que poderia revelar.

Num determinado momento, fazem-lhe uma pergunta um bocado interessante:

Filmes como os da série Indiana Jones fazem arqueologia parecer uma caçada ao tesouro. Isto é ruim?

Sabe, sou ambivalente a este respeito. Não há dúvidas de que estes filmes atraíram muita gente para arqueologia, gente que previamente não estava interessada, e que muita gente entendeu o que arqueologia pode nos dizer. Isso é útil mas, por outro lado, a idéia de que é você tem que ficar encontrando coisas e que tudo o que vale é o tesouro enterrado é falsa, porque o objetivo da arqueologia é descobrir como foi o passado, não apenas encontrar objetos. []

Past master

<http://www.newscientist.com/opinion/opinterview.jsp>

Mais frio e pior

26.Jun.2003 | O britânico The Guardian decidiu convidar seus leitores a fazer uma lista ao contrário: a pior cena de sexo. Na ordem...

Matrix, Reloaded – Keanu Reeves e Carrie-Anne Moss

Showgirls – Elizabeth Berkley e Kyle MacLachlan

Perdas e danos – Jeremy Irons e Juliette Binoche

O especialista – Sylvester Stallone e Sharon Stone

Titanic – Kate Winslet e Leonardo DiCaprio []

Reloaded clinch voted worst sex scene

<http://film.guardian.co.uk/news/story/0,12589,984025,00.html>

via World Sex News

<http://www.world-sex-news.com/>

Teco

26.Jun.2003 | Segundo um estudo alemão, quase todas as notas de euro têm traços de cocaína – uma média de 0,4 microgramas da substância. As notas de origem espanhola são as campeãs.

Uma pesquisa semelhante de 1997 deu o mesmo resultado nos EUA: quase todas as notas de dólar já serviram de canudo.

É um problema particular com cachorros farejadores da polícia, que costumam dar alerta ao cheirar dinheiro. []

Cocaine found on nearly all euro notes

<http://www.telegraph.co.uk/news/.../2003/06/26/ixportal.html>

FBI Chemists Find Cocaine on Majority of Paper Currency in U.S.

<http://www.ndsn.org/novdec97/chemists.htm>

via Talk Left

<http://www.talkleft.com/>

Cultura inútil

25.Jun.2003 | Já foram vendidas 356 camisetas de turista norte-americano. []

American apology shirt

<http://www.americanapologysshirt.com/>

via Memepool

<http://www.memepool.com/>

Teste

25.Jun.2003 | Você sabe diferenciar fotografias de fato de imagens produzidas em computador? []

Fake or Foto?

<http://www.fakeorfoto.com/quiz.html>

via Aberrant news and curiosities

<http://www.thundersnake.com/news.htm>

Hereges

25.Jun.2003 | O que o lingüista Noam Chomsky, a atriz pornô Asia Carrera e o cineasta Ingmar Bergman têm em comum?

E se, à lista, incluirmos: o ditador cubano Fidel Castro, o empresário Bill Gates e o investidor George Soros?

Mais ainda: Oscar Niemeyer e Ronald Reagan (o filho)? Salman Rushdie e Camille Paglia? Jack Nicholson e o fundador da Apple Steve Wozniak?

São todos ateus.

Há também uma lista para agnósticos: Umberto Eco, Roman Polanski, James Taylor...

E, naturalmente, os ambíguos: John Perry Barlow, Mikhail Gorbachev, Mira Sorvino etc. []

Celebrity Atheist List

<http://www.celebatheists.com/>

via Bifurcated Rivets

<http://catless.ncl.ac.uk/Lindsay/weblog/latest.html>

Aí ao lado

24.Jun.2003 | Cá o weblog ganha, hoje, um rolamento de links aí ao lado. É um resumo dos sites que compõem minha navegação cotidiana.

O último link segue para uma página com a lista completa. []

Quanto mais quente, melhor

24.Jun.2003 | A revista norte-americana especializada em cinema Premiere sai em sua última edição com uma lista das dez cenas mais quentes do cinema. Em primeiro lugar David Hemmings com Veruschka, no clássico Blow-up, depois daquele beijo, de Michelangelo Antonioni. Ao Antonioni, segue-se um Billy Wilder – Tony Curtis e Marilyn Monroe em Quanto mais quente melhor.

Ainda: Último tango em Paris, Corpos ardentes, E Deus criou a mulher, Lúcia e o sexo, outros. []

Hottest sex scenes ever

<http://www.sky.com/.../0,,30500-12349048,00.html>

via Daze Reader

<http://www.dazereader.com/weblog.htm>

Bresson par Bresson

24.Jun.2003 | Nova York, sul de Manhattan, 1947; Marilyn Monroe, 1960; Ezra Pound, 1971.

O site da Fundação Henri Cartier-Bresson está no ar. []

Fontation Henri Cartier-Bresson

<http://www.henricartierbresson.org/>

Blogs

24.Jun.2003 | E por falar em imprensa (ver nota abaixo), o principal repórter e crítico de jornalismo dos EUA – talvez do mundo – é Howard Kurtz, do Washington Post e da CNN. Foi Kurtz, por exemplo, quem descobriu os plágios de Jayson Blair.

No Media Bistro, Kurtz dá uma entrevista e responde assim à inevitável pergunta de como e o que lê:

Blogs e sites de jornais de manhã cedo, o Washington Post de papel durante o café da manhã, e uns 8 ou 9 jornais durante o resto da manhã na redação. []

Meet the (Meta)Press: Howard Kurtz

<http://mediabistro.com/articles/cache/a436.asp>

via Jim Romenesko's Media Notes

<http://www.poynter.org/column.asp?id=45>

Dos leitores

24.Jun.2003 | O Chicago Tribune ofereceu a seus leitores uma lista dos títulos que seus editores consideram as melhores revistas para leitura em língua inglesa. Tudo muito bom, tudo muito bem. Encabeçava a lista Cook's Illustrated, bem-humorada revista de culinária.

Os leitores do Trib acharam legal, tudo mais, mas ao que parece são um pouco mais sérios do que seus editores consideraram. Nas cartas à redação, em massa disseram que a britânica The Economist é o melhor título nas praças. (Cá este weblog, diga-se de passagem, concorda.)

Ao que parece, aliás, os editores do principal diário de Chicago conhecem muito mal seus leitores. A revista britânica não estava em canto algum da lista dos 50 mais do principal diário de Chicago. []

Readers respond

<http://www.chicagotribune.com/news/.../jun24.story>

The 50 Best Magazines

<http://www.chicagotribune.com/.../jun12,1,4696452.story>

via Jim Romanesko's Media Notes

<http://www.poynter.org/column.asp?id=45>

Mais autismo

24.Jun.2003 | A turma da AMA - Associação de Amigos do Autista - vai veicular desenhos na televisão paulista sobre o tema. Eles foram produzidos pelos Estúdios Maurício de Souza e podem ser vistos, antecipadamente e em Flash, no site da lista da AMA.

A dica é do geólogo Argemiro Garcia, pai de Gabriel, cujo convívio familiar é relatado no blog Canto de Anjo. []

Animações da AMA

<http://intermega.com.br/listadeautismo/monica/>

Canto de anjo

<http://cantodeanjo.blogger.com.br/>

O computador mais rápido do mundo

23.Jun.2003 | Apple apresenta o G5. É bonito. Muito bonito. []

PowerMac G5

<http://www.apple.com/powermac/>

Boa leitura

23.Jun.2003 | Selecione, num menu, o que você quer de seu próximo livro. Mais ou menos sexo? Triste ou feliz? Otimista? Profundo? Engraçado? Ajuste nas réguas o nível de cada característica e o programa retorna uma lista de sugestões.

O site pertence à Associação de Bibliotecários do Reino Unido. []

via Metafilter

<http://www.metafilter.com/>

WhichBook.net

<http://www.whichbook.net/>

Savant por um dia

23.Jun.2003 | Um subgrupo interessantíssimo dos autistas é conhecido por idiot savants, idiotas sábios ou literatos numa tradução literal, termo oriundo doutros tempos e doutros preconceitos. Hoje, usa-se mais a forma abreviada: savants, apenas.

Savants têm um quê de mágico: no trato diário, são autistas típicos, obcecados por ordem e padrões, por vezes arredios ao contato com outras pessoas. Mas são também gênios, capazes de primores em matemática, música, algumas artes. O Rain Man do cinema era um savant.

O trabalho do professor australiano Allan Snyder, especialista renomado em cognição humana, pode estar próximo da descoberta dos mistérios por trás dos savants e, por consequência, do autismo.

O repórter Lawrence Osborne, escrevendo para a revista dominical do New York Times desta semana, teve uma pequena prova disto. À cabeça de Osborne, o professor Snyder ligou alguns eletrodos. Deu então uma pequena série de choques – nada forte a ponto de ele sentir – no lóbulo frontal do jornalista. Enquanto levava a carga elétrica que servia para deixar um naco de seu cérebro mais lento, Osborne seguiu desenhando gatos. Quanto mais tempo passado após o início da experiência, mais tremidos e vistosos e, principalmente, interessantes, ficavam os gatos.

Snyder propõe que a velha história de que não usamos tanto de nosso cérebro seja, afinal, verdade. Que, na verdade, o uso de um pedaço do cérebro inibe a ação doutro. Autistas – e savants – ao não usar determinados trechos, fariam pleno uso de outros.

Há quem considere que o cientista possa, sim, estar certo. Mas é apenas o início das experiências. Sua máquina de micro choques pode ser usada também para combater depressões sem o uso de drogas ou eliminar as vozes que ouvem esquizofrênicos em crise. []

Savant for a Day

<http://www.nytimes.com/2003/06/22/magazine/22SAVANT.html>

Da série "só nos EUA"

18.Jun.2003 | Quando estava na faculdade, eu era uma feminista do tipo contra a pornografia. Mas conversando com os caras nos clubes de strip-tease, percebi que eles também saíam feridos da cultura sexista. Sentiam-se repelentes, sentiam que suas mulheres e namoradas não podiam jamais aceitar seus desejos e que eles não podiam jamais pedir conselhos sobre sexo porque de algum jeito eles deviam saber tudo. Esses caras estavam lutando para lidar com o que eles viam como um conflito entre os desejos das mulheres, os traços masculinos tradicionais e uma maior presença emocional. Também sentiam-se confusos pelo desejo das mulheres de serem chamadas de bonitas sem ser transformadas em objetos.

Da antropóloga Khaterine Franks, que trabalhou como stripper para estudar seus clientes. []

G-strings and Ph.D.s

<http://www.salon.com/sex/feature/2003/06/11/frank/index.html>

Cultura inútil

18.Jun.2003 | A palavra mais procurada no Google em 2002 foi Spiderman.

Em 2001 foi Nostradamus. []

Google Zeitgeist 2001

<http://www.google.com/press/zeitgeist2001.html>

Google Zeitgeist 2002

<http://www.google.com/press/zeitgeist2002.html>

Tudo igual

18.Jun.2003 | O premiê canadense Jean Chrétien apresentou no início da semana ao Congresso um projeto de lei que permitirá o matrimônio de casais do mesmo sexo. A expectativa é de que a Câmara dos Comuns aprove tal lei no início do segundo semestre.

Se acontecer, será o terceiro país do mundo, após Holanda e Bélgica, a permitir casamentos gays. Com isso, vai provocar um problema para os Estados Unidos.

É que, apesar de o governo norte-americano do momento ser profundamente conservador e afeito à direita cristã, o país aceita casamentos realizados no Canadá. E o Canadá não cobra, para o registro civil, certificado de residência. []

Canadian Leaders Agree to Propose Gay Marriage Law

<http://www.nytimes.com/.../americas/18CANA.html>

via Metafilter

<http://www.metafilter.com/>

Kadish

17.Jun.2003 | Neste ano, 18 israelenses optaram pelo suicídio. Em todos os casos, alegaram que o motivo do desespero era a pobreza. O declínio econômico do país é um dos mais sérios no ocidente.

Há fome inclusive.

Um em seis israelenses vivem abaixo da linha da pobreza. No primeiro trimestre do ano, 10,8% do povo estava desempregado – um recorde.

Pobreza não é novidade para o típico israelense. Nos anos 1950, quando o Estado era ainda recém fundado, todo mundo era pobre. A novidade deste início de século é que há, cada vez mais, distância entre as faixas de renda. A boa e velha concentração. []

Rash of 'Economic Suicides' Heats Debate on Rising Inequality in Israel

<http://www.forward.com/issues/2003/03.06.13/news8.html>

Pêlos, por que tê-los?

17.Jun.2003 | O zoólogo Mark Pagel e o biólogo sir Walter Bodmer, ambos britânicos, têm uma nova teoria para explicar o porquê de sermos pelados – literalmente, explica-se: sem pêlos.

Fora nós e uma rara espécie de ratos, os únicos mamíferos sem pêlo ou têm uma pele dura qual crosta ou são aquáticos.

Para os cientistas, os pêlos sumiram-nos das peles porque tirar bichinhos e parasitas dava muito trabalho. Quem tinha menos pêlo precisava gastar menos tempo se limpando e era menos sensível a doenças.

Ficaram, no entanto, os pêlos pubianos.

Eles explicam: localizados ali naquele lugar, os pêlos seguram os feromônios. Têm, pois, um motivo principal: dar tesão.

É fato, no entanto, que nem todos os cientistas concordam com a nova teoria. A explicação clássica diz que os pêlos sumiram-nos quando construímos abrigos do frio e costuramos as primeiras roupas para protegerem-nos do frio. []

Study: Sex Keeps Humans Furless

<http://dsc.discovery.com/news/briefs/20030609/hair.html>

via Daze Reader

<http://www.dazereader.com/weblog.htm>

No olho do furacão

16.Jun.2003 | Há poucos meses, Rand Beers deixou seu trabalho na Casa Branca. Aos 60 anos, havia dedicado quase toda a vida a trabalhar nos serviços de inteligência dos EUA. Na administração Bush, era o principal assessor presidencial encarregado de combate ao terrorismo.

Agora, Beers está na equipe do senador John Kerry, um dos pré-candidatos à presidência pelo Partido Democrata.

Os porquês de ter-se demitido, ele explica ao Washington Post. Alguns trechos:

Ele acha que a guerra no Afeganistão foi um trabalho iniciado e então abandonado. Ao invés de destruir os terroristas da al Qaeda, a briga apenas os dispersou. A ajuda para o país tem sido pouca e a presença militar dos EUA, pequena demais, ele diz. "Os terroristas se movem pelo país com facilidade. Não sabemos o que acontece por lá. Osama bin Laden pode estar em qualquer lugar no Afeganistão.

Não custa lembrar, Beers era o sujeito que lia os relatórios de inteligência e escolhia o que o presidente Bush devia saber. Suas informações são, portanto, as melhores. Mais:

Parte do que motivou sua frustração foi a cultura da Casa Branca. Ele preferiu não discutir o assunto. Mas sua mulher, Bonnie, falou. "É um grupo muito fechado, muito pequeno, muito controlado. Esta é uma administração que determina sua opinião e então parte para prová-la. Existe uma certeza quase que religiosa. Não há curiosidade a respeito de pontos de vista opostos. É assustador."

A reportagem é esclarecedora. []

Former Aide Takes Aim at War on Terror

<http://www.washingtonpost.com/.../A62941-2003Jun15.html>

Arte

16.Jun.2003 | Marilyn de Andy Warhol à venda; 2.400 reais. []

Silkscreen printed in colors

<http://www.design70.com/.../products&id=675>

Angústia

16.Jun.2003 | Há muito tempo, manequins eram esculpidos com base em modelos de verdade. []

Tragic Beauties

<http://abelphotography.com/tragic.html>

Leitura

16.Jun.2003 | Uma simpática campanha da Associação de Bibliotecas dos EUA virou produto colecionável. (Bem—por lá tudo vira produto colecionável.) São os cartazes Read – ou Leia – que apresentam boas fotos de gente famosa por motivos vários com seus livros favoritos. Uma lista:

Bill Gates – O velho e o mar, de Ernest Hemingway

Britney Spears – Harry Potter, de R. K. Rowling

Mel Gibson – 1984, de George Orwell

Nicholas Cage – Sidartha, de Herman Hesse

Mais, lá. []

Read Campaign

<http://alastore.ala.org/SiteSolution.taf/.../op=1226>

Não tão grande

13.Jun.2003 | As escavações arqueológicas na pequena cidade de Dor, em Israel, perigam derrubar um dos maiores mitos da história: Alexandre, o Grande.

Ou quase: Alexandre foi parar nos compêndios por dois motivos; o primeiro, sua conquista de um largo império, que da Grécia tomou o norte da África, Oriente Médio, região do Golfo Pérsico e um naco da Índia.

O segundo é que foi parar nas costas de Alexandre a responsabilidade de espalhar a cultura grega por boa parte do mundo civilizado de então, carregado por suas conquistas.

Bem, o que os arqueólogos estão descobrindo é que o mundo já seguia um bocado aculturado e, por conta, as conquistas iniciais talvez não tenham sido assim tão difíceis. Mas isto ainda é cedo demais para dizer.

Fato é que pesquisadores da Universidade de Berkeley, Califórnia, financiados pela seriíssima Fundação Getty, descobriram que Dor, a meio caminho do Egito, já era uma cidade helênica pelo menos cem anos antes de aportar por lá o rei da Macedônia. []

How great was Alexander?

http://www.berkeley.edu/.../2003/06/12_great.shtml

via Archaeological News

<http://www.archaeologica.org/NewsPage.htm>

Mal

13.Jun.2003 | Entre as coisas que cumpre ao cidadão manter distância em estando na Arábia Saudita: não vender bens roubados; faltar às rezas diárias; flertar; agir qual os hábitos ocidentais. Neste último caso, coisas como segurar a mão da mulher em público, abraços, beijos.

Há pouco mais de um ano, a polícia do país impediu que diversas meninas deixassem uma escola em chamas porque não vestiam roupas islamicamente corretas. Morreram quinze.

O site da Autoridade da Prevenção do Vício e Divulgação da Virtude é todo em árabe mas mostra os retratos de produtos apreendidos. Bonecas e mamadeiras, por exemplo. []

Esboço de tradução do site para o inglês

<http://silflayhraka.blogspot.com/>

Hesbah

<http://www.hesbah.com/>

via Metafilter

<http://www.metafilter.com/>

Direto do Iraque

13.Jun.2003 | Salam Pax, o blogueiro de Bagdá, tinha dois amigos. Um, Raed, a quem dedicou o nome de seu blog. O outro, identificava apenas por G.

G., agora, tem blog também. []

G in Baghdad

<http://geeinbaghdad.blogspot.com/>

via The Guardian Weblog

<http://www.guardian.co.uk/weblog/>

Se a Deborah Kerr que o Gregory Peck

12.Jun.2003 | O ator em Beloved Infidel, interpretando o escritor F. Scott Fitzgerald. []

Screen legend Gregory Peck dies

<http://news.bbc.co.uk/1/hi/entertainment/film/2985930.stm>

Widescreen

12.Jun.2003 | Há três formatos padronizados para a imagem de cinema. O primeiro é o standard da Academia, 1,33:1, que é a proporção da tela de tevê. A maioria dos filmes até o início dos anos 50 – E o vento levou, O mágico de Oz etc. – são assim.

Então os estúdios começaram a trabalhar com outros dois formatos que também se padronizaram. O primeiro é um baixinho retângulo, 2,35:1, que nasceu com o estupendo Cinemascope; o segundo é o mais comum hoje em dia, 1,85:1. Ambos são menos quadrados que a tevê – e um dvd widescreen, com faixas pretas em cima e embaixo, essencialmente está mostrando o filme inteiro e não decapitando-o para forçá-lo à tela.

O guia do link explica bem os três padrões e outros, como é o processo de tradução do retângulo para o quase quadrado da tevê. Inclui imagens de filmes na telinha, com tudo ou conforme a versão para vídeo.

Para quem gosta de cinema, um barato. []

via Things magazine

<http://www.thingsmagazine.net/>

Widescreen-o-rama

<http://www.thedigitalbits.com/articles/.../widescreenorama.html>

Mais do mesmo

12.Jun.2003 | John Dean era um dos principais assessores de Richard Nixon em meio ao escândalo que começou com o processo de impeachment e terminou com a renúncia do ex-presidente. Ficou preso por quatro meses por obstrução do caminho da justiça na investigação. Dean diz o seguinte em sua coluna no site FindLaw:

Agora está claro que muitas das afirmações [do presidente] eram falsas. A Casa Branca de Bush tem sido capaz de varrer estas questões feias para baixo do tapete até agora. Mas não está claro que eles venham a conseguir sumir com a questão de o que houve com as armas de destruição em massa de Saddam Hussein – a não ser, talvez, que comecem outra guerra.

Isto parece pouco provável. Até que as questões sobre a guerra contra o Iraque sejam respondidas, tanto o Congresso quanto o público resistirão ao belicismo do presidente.

Espera-se que declarações presidenciais, particularmente as que envolvem segurança nacional, sejam feitas nos mais altos níveis de veracidade. Um presidente não pode forçar, distorcer ou embaralhar fatos e sair-se bem. As distorções da verdade do presidente Lyndon Johnson a respeito do Vietnã forçaram-no a desistir da reeleição. As declarações falsas do presidente Richard Nixon sobre Watergate forçaram sua renúncia.

Francamente, espero que as armas de destruição em massa sejam encontradas, pois só isso resolverá o assunto. []

Is Lying About The Reason For War An Impeachable Offense?

<http://writ.news.findlaw.com/dean/20030606.html>

Só para mulheres

11.Jun.2003 | Bordéis femininos são o tema do romance *Slow Hands*, lançado pela escritora Lynne Kaufman. Além da versão norte-americana, o livro será vendido também no Reino Unido, além de traduzido na Itália, Espanha, França, Grécia e Japão.

Kaufman não é conhecida mas a história que conta está gerando bochicho na sua São Francisco natal. É que ela acredita que bordéis são, de fato, o último tabu do sexo feminino. Principalmente por lá, no ensolarado norte californiano, pode-se tudo e mais um pouco. Mas mulher pagar por sexo ainda é meio estranho.

Nas diversas entrevistas que fez com gigolôs e mulheres levou-a a concluir que, na versão feminina, não seria exatamente o intercuro que estaria a venda mas um certo clima de fantasia. Para Kaufman, no futuro tais bordéis serão tão comuns quanto lanchonetes.

No fim das contas, sexo ou fantasia, são a mesma coisa com outro nome. []

Female Bordellos The Starbucks Of The Future?

http://www.ncbuy.com/news/wireless_news/.../

via Amorous Propensities

<http://www.edifyingspectacle.org/sexuality/blog/>

Indy

10.Jun.2003 | A Amazon já colocou em pré-compra os DVDs da trilogia Indiana Jones. São quatro discos.

O lançamento oficial só vem em novembro - dia 4 - e, na loja virtual, o pacote completo sai a 45 dólares.

A versão brasileira sai no mesmo dia. []

The Adventures of Indiana Jones

<http://www.amazon.com/obidos/.../104-6255145-4730303>

Mudança de guarda

09.Jun.2003 | A Pixar é a próxima Disney? A empresa de animação por computador de Steve Jobs é uma história sem precedentes na Hollywood contemporânea. Cinco desenhos, cinco sucessos incontestáveis, desde *Toy story*, passando pelo *Monstros S.A.*

Curiosamente, os filmes que a Disney lança por conta própria costumam ser retumbantes fracassos desde *O rei leão*. Nos últimos anos, vem dependendo de seu contrato com a Pixar para lucrar no final do ano.

Na Slate, Chris Suellentrop faz uma pergunta curiosa: se a Pixar assumir em algum ponto a primazia de construir mágica para crianças, assumindo o cargo do velho Estúdios Disney, será que agüenta a pressão?

Porque não é fácil ser Disney. Se por um lado Mickey é um sucesso de quase um século, por outro meio mundo o vê como um operador de lavagem cerebral a serviço do governo norte-americano.

Mais, lá. []

The geniuses behind Finding Nemo are the next Disney. Uh-oh.

<http://slate.msn.com/id/2084011/>

Novos tempos

09.Jun.2003 | Quando querem mudar de país, os judeus escolhem a Alemanha para nova pátria. É o destino favorito dos migrantes, mesmo quando comparado a Israel. Anti-semitismo na terra natal e melhores oportunidades de trabalho são, invariavelmente, os motivos.

Em 1990, a comunidade judaica alemã contava com 33.000 pessoas. Hoje, chega a 200.000.

Em 1939, 500.000 judeus viviam lá. []

Analysis: Jews flooding into Germany

<http://www.upi.com/view.cfm?StoryID=20030605-051223-2097r>

via Arts & Letters Daily

<http://aldaily.com/>

Blair por um fio

09.Jun.2003 | A coisa está feia para o premiê britânico, Tony Blair. Ao contrário dos norte-americanos, os súditos de sua majestade a rainha Elizabeth custaram a apoiar a guerra contra o Iraque e, quando finalmente o fizeram, foi cheio de dúvidas. Blair suou para conseguir tal apoio. Fez discurso atrás de discurso, foi em tudo quanto é canal de tevê, empenhando sua palavra na garantia de que o governo de Saddam Hussein estava pesadamente armado.

Só que não só as armas de destruição em massa não foram encontradas – ao menos não ainda – como começam a se repetir as acusações de que a administração Blair manipulou os relatórios de inteligência. Ao que parece, não havia qualquer indício concreto de que o regime de Saddam era ameaçador.

Pela primeira vez em quase uma década, os índices de popularidade do decadente Partido Conservador estão próximos aos do Trabalhista de Blair.

Na leitura da revista Economist, o carisma de Blair é inexistente, suas habilidades políticas no máximo medianas, mas tornou-se líder máximo do país por conta da imagem de sincero. O povo britânico confia em Blair, ele parece honesto. O risco que corre, portanto, é o de ter quebrado esta confiança que é seu maior sustentáculo político. Impossível, por enquanto, analisar o tamanho do desgaste. Pode ser grande o suficiente para custar-lhe o mandato.

Enquanto isso, nos EUA, é pequena a repercussão da manipulação dos resultados de inteligência sobre o Iraque. Ao que parece, Bush segue sem abalos. Se a coisa ficar muito feia para seu colega britânico, no entanto, pode respingar. []

Bliar?

http://www.economist.com/opinion/displayStory.cfm?story_id=1826384

Ciclotimia

06.Jun.2003 | Jayson Blair acordou na manhã de ontem numa ressaca de tranqüilizantes e ligou o computador. No site da CNN, viu o retrato do editor-chefe do New York Times, Howell Raines e do editor executivo, Gerald Boyd. A reportagem falava da demissão deles.

Foi então que percebeu o tamanho das besteiras que fez.

"Fiquei vendo aquela fotografia e senti tristeza. Principalmente por eles, mas também por minhas ações e pelo jornal", diz hoje em entrevista ao Newsday. "Depois de tudo isso, devo um milhão de desculpas."

É a primeira entrevista na qual o repórter que fraudou diversas matérias demonstra arrependimento. []

Blair: I Owe 'A Million Apologies'

<http://www.newsday.com/.../coll=ny-top-headlines>

Que faz dum rosto belo ou feio?

06.Jun.2003 | : []

Characteristics of beautiful faces

<http://www.uni-regensburg.de/.../prototypen/>

via Things Magazine

<http://www.thingsmagazine.net/>

(Não) era o petróleo

06.Jun.2003 | Ou não, ao menos, segundo as palavras do vice secretário de defesa dos EUA, Paul Wolfowitz. A notícia publicada por aqui, repetindo o britânico The Guardian, estava incorreta. A frase correta do ideólogo de Bush:

A [...] diferença entre a Coréia do Norte e o Iraque é que não tínhamos virtualmente nenhuma opção econômica no caso do Iraque porque o país flutua num mar de petróleo. No caso da Coréia do Norte, o país está tateando próximo ao precipício do colapso econômico e é isto que faz da situação da Coréia do Norte tão diferente da do Iraque.

Essencialmente, com a Coréia do Norte dá para fazer pressão econômica; com o Iraque, não. O Guardian comeu mosca e cá o Weblog, por conta, também. []

Corrections and clarifications

<http://www.guardian.co.uk/corrections/story/0,3604,971436,00.html>

Cheney pressionou CIA

05.Jun.2003 | O jornal The Washington Post revela hoje que o vice-presidente dos EUA, Dick Cheney, fez "múltiplas visitas" à sede da CIA para pressionar os analistas de inteligência a mexer nos relatórios para que fossem mais favoráveis ao esforço de guerra. Segundo o diário, diversos dos analistas sentiram-se pressionados a encontrar as armas de destruição em massa.

O premiê britânico sofre uma pressão cada vez maior por parte de seu partido, da Câmara dos Comuns (equivalente ao Congresso) e da imprensa, que o acusa de ter forçado a inteligência britânica de inventar tais armas para servir de argumento perante a ONU e a população.

O fato de que os grandes jornais norte-americanos começam a trazer notícias equivalentes para sua primeira página mostram que a coisa pode começar a ficar preta para o governo Bush. O maior crítico na imprensa da administração, o economista Paul Krugman, disse esta semana no New York Times que aposta na transformação do caso num Watergate piorado. A ver.

E uma atualização: a notícia dada aqui ontem de que Paul Wolfowitz teria reconhecido que a guerra era sobre petróleo foi retirada do site do Guardian. Estão tentando confirmar, mas parece que estas não foram as palavras exatas do vice-secretário de Defesa. []

Some Iraq Analysts Felt Pressure From Cheney Visits

<http://www.washingtonpost.com/.../A15019-2003Jun4.html>

Da terra e do reino

05.Jun.2003 | Iniciei o meu primeiro blog em 2001. Na época, não conhecia nenhum blog português. A minha aprendizagem, na falta de referências lusas, fez-se naturalmente, com a "escola brasileira". [...]

Penso que é real a existência dessa "escola brasileira", porque independentemente da idade do blogueiro, é comum aos blogs "made in brasil" a existência duma festa de cor e arte visual, que raramente encontramos paralelo nos blogs anglo-saxónicos, sempre austeros na sua aparência.

Comparando os blogs do Brasil com os de Portugal, diria que a grande diferença entre eles, deriva do enorme atraso que os portugueses sofrem em relação aos do Brasil.

Em Portugal, o movimento blog só agora começa a "mexer", enquanto no Brasil as coisas vão já naquela triste fase, que um dia Portugal também há-de viver, em que os blogs são algo tão comum que, até mesmo qualquer adolescente retardado, desde que se interesse por internet, tem o seu blog.

Uma visão portuguesa dos blogs cá da terra.

[O link foi extraído do blog da Cora; estando lá, vale dar uma olhada dois posts acima na história do comportamento brasileiro no site Fotolog.] []

Os blogs em Portugal e no Brasil

http://sexy.blogger.com.br/2003_05_01_archive.html#2051159

via InternETC

<http://cora.blogspot.com/>

Indie Indy

04.Jun.2003 | Eles cresceram dentro de Caçadores da Arca Perdida. Aprenderam a costurar figurinos, explodir as coisas de maneira legal, fazer moldes de seus rostos, se arrastar por baixo de veículos em movimento, ser jogados através de janelas, tocar fogo em si, tocar fogo no porão, tomar de assalto um submarino da Segunda Guerra, improvisar brilhantemente um outro animal para o macaco, explodir um caminhão, conseguir uma tonelada de serpentes, dar o primeiro beijo, convencer uma menina a despir-se e pôr o vestido de Marion enquanto filmavam pelo espelho. Vestiram seus amigos como nazistas, mataram um irmão por vezes e vezes, costuraram mais de 40 trajes árabes tradicionais, lutaram de espada, lutaram entre si, construíram estátuas egípcias gigantes, conseguiram um Rolls Royce emprestado.

Três garotos viram o primeiro Indiana Jones em 1981. Apaixonaram-se. Tinham 10, 11 anos. E dedicaram os sete anos seguintes a refazer, cena-a-cena, o filme. Trata-se, provavelmente, do melhor filme de fãs jamais feito, meticuloso, caprichado.

Steven Spielberg viu e adorou. Tem trailer disponível. []

RAIDERS OF THE LOST ARK shot-for-shot teenage remake review!!!

<http://www.aint-it-cool-news.com/display.cgi?id=15348>

via Boing Boing

<http://boingboing.net/>

Era petróleo

04.Jun.2003 | Um grupo de diplomatas asiáticos perguntou ao vice secretário de Defesa dos EUA, Paul Wolfowitz, porque a diferença entre o tratamento dedicado pelos EUA a um país com poder nuclear como a Coreia do Norte e o dedicado ao Iraque. Sua resposta:

"Sejamos francos. A mais importante diferença entre a Coreia do Norte e o Iraque é que, economicamente, não tínhamos escolha no caso do Iraque. O país nada em petróleo."

A notícia está no Guardian de hoje. Wolfowitz, não custa lembrar, é um dos principais ideólogos da Doutrina Bush. []

Wolfowitz: Iraq war was about oil

<http://www.guardian.co.uk/Iraq/Story/0,2763,970331,00.html>

Salam, enfim (1)

03.Jun.2003 | Está finalmente resolvido um dos mais fascinantes mistérios desta guerra que houve no Iraque. Ao menos neste, um final feliz: Salam Pax, o blogueiro de Bagdá, foi identificado. Chama-se Salam, de fato, embora seu sobrenome não tenha sido revelado.

Arquiteto, 29 anos, o blogueiro que informou sobre a guerra da capital iraquiana trabalhou como intérprete para o repórter Peter Maas, que estava a serviço da revista dominical do New York Times. Detalhe: Maas, embora tivesse ouvido falar do blogueiro, só de volta aos EUA ligou um ao outro. Ele escreve sobre o assunto na edição de hoje da Slate:

No dia seguinte à minha volta para Nova York, com meu acesso à Internet rápida, passei pelo blog de um amigo que tinha um link para uma entrevista com Salam Pax. Segui-o. Salam Pax mencionava o trabalho que fez para uma ONG chamada CIVIC, o que me chamou a atenção. Conheci a mulher responsável pela CIVIC; ela ficou no mesmo hotel em que fiquei, em Bagdá, o Hamra. Salam Pax mencionou que havia trabalhado para jornalistas estrangeiros. Parecia que tínhamos viajado ao redor dos mesmos círculos. Aí ele mencionou que havia estudado em Viena. Isso realmente me chamou a atenção porque conheci um iraquiano que trabalhou para a CIVIC, saía com jornalistas estrangeiros e que estudou em Viena. Segui para seu blog.

Seu último post mencionava uma tarde que passou no Hotel Hamra à beira da piscina lendo uma cópia da revista New Yorker. Caí na gargalhada. Ele então mencionou uma escapulida na qual ajudou a entregar 24 pizzas para soldados norte-americanos. Vibrei. Salam Pax, o mais famoso e misterioso blogueiro do mundo, foi meu intérprete. A New Yorker que ele estava lendo – minha. Piscina no Hamra – comigo. As 24 pizzas – nós as levamos para a 82a divisão, sobe a qual eu escrevia. []

O blog de Salam: Dear Raed

http://www.dear_raed.blogspot.com/

Salam Pax Is Real

<http://slate.msn.com/id/2083847/>

Salam, enfim (2)

03.Jun.2003 | O curioso é que, ao passo que Maas tinha sua sacada tardia, a equipe do diário britânico Guardian também localizava o jovem arquiteto em Bagdá. E Salam é a mais nova contratação do jornal: seu diário continua na web mas ganhará versão na forma de coluna. Assim os britânicos descrevem seu quarto:

Telas cobrem as janelas para evitar que o sol de meio-dia esquente os três computadores, todos abertos numa bagunça de cabos e placas de circuito integrado. Um pôster do filme Matrix está pendurado na parede e livros de computador e CDs estão espalhados pelo chão. Páginas com endereços de sites e comandos de computador estão coladas na parede, em cima do monitor. Foi daqui que Salam escreveu e falou com Raed sobre a guerra que ameaçava. Raed retornou a Bagdá antes da guerra e o outro amigo do qual tanto falou, a quem se referia apenas como G., é Ghaith, um outro jovem inteligente e eloquente que passou metade da vida adulta escapando do serviço militar, também ele arquiteto recém formado. []

Salam's story

<http://www.guardian.co.uk/g2/story/0,3604,966768,00.html>

A longa e agonizante morte do Netscape

30.Mai.2003 | O longo processo de anti-truste movido pela Netscape contra a Microsoft parece que finalmente chegou ao fim. A empresa de Bill Gates entrou num acordo e pagará 750 milhões de dólares a título de indenização para a America Online (dona atual da Netscape).

A AOL, maior provedor de acesso do mundo, também passará a adotar o Microsoft Explorer como seu browser oficial.

Isso mesmo: a empresa dona do Netscape passará a usar o browser de Gates. Embora nada oficial tenha sido anunciado, os analistas acreditam que esteja decretado o fim do software que disparou o crescimento da Internet comercial. O lançamento das ações da Netscape na Nasdaq, há uns dez anos, foi o responsável pela torrente de negócios web que assolou o mundo nos anos 1990. Aí veio a bolha da Nasdaq, principal emblema da violenta crise econômica que assola o planeta: uma crise que, sem a intensidade da de 1929, sufoca aos poucos e cruelmente.

O fim do Netscape deixa um gosto amargo. []

Is this the end of Netscape?

<http://www.msnbc.com/news/919792.asp>

Microsoft settles browser suit with AOL

<http://www.msnbc.com/news/919691.asp>

via Scott Rosenberg's Links & Comment

<http://blogs.salon.com/0000014/>

Choque cultural

30.Mai.2003 | O governo chinês está engajado numa complexa e difícil campanha: quer mudar o hábito pátrio de cuspir no chão. Para isso, estabeleceu uma multa de vai de 50 a 200 yuan (algo entre 20 e 70 reais). Lá, é um bocado de dinheiro.

Na China, esbarra-se a toda hora. No chão da rua, do restaurante, do prédio público, do ônibus. Agentes sanitários andam pelos lugares de grande concentração, como a Praça da Paz Celestial em Beijing, com câmeras filmando os flagrantos.

Está difícil.

São dois os objetivos do governo. O primeiro e primordial, combate à SARS, que também pode ser transmitida pela saliva. A longo prazo, propaganda. Fica feio receber os visitantes dos Jogos Olímpicos de 2008 numa cidade onde o cuspe é hábito recorrente. Talvez, aliás, o único canto do mundo onde não é considerado falta de educação. []

Why a Sars spitting ban is catching in throats of Chinese

<http://www.sundayherald.com/34076>

Deu no New York Times

29.Mai.2003 | A economia global pode não ser a mais feliz das histórias hoje em dia mas seria muito mais trágica se o Brasil tivesse sofrido uma implosão financeira no ano passado, como muitos temiam. Se o Brasil, a maior nação da América Latina, tivesse declarado a moratória à dívida pública de 250 bilhões de dólares, como a vizinha Argentina fez, as conseqüências seriam catastróficas. O pânico resultante não afetaria apenas a América Latina mas todos os mercados emergentes.

O fato de que o país de 175 milhões de pessoas não está mais a ponto de ativar uma crise financeira global - na verdade está ajudando na recuperação dos mercados emergentes - é um tributo às políticas responsáveis do governo de cinco meses do presidente esquerdista Luís Inácio Lula da Silva e a um empréstimo de 30 bilhões de dólares do Fundo Monetário Internacional, em setembro passado. [...]

Há muito em jogo no resultado da luta do Senhor da Silva entre as realidades de curto prazo e suas maiores aspirações - não apenas para o Brasil mas também para o crescente número de líderes latinos de centro-esquerda que o observam como modelo. Washington parece também estar procurando aproximar-se. A primeira viagem internacional do secretário do Tesouro John Snow foi mês passado, para o Brasil, e já foi anunciado na última quinta-feira que o Senhor da Silva visitará a Casa Branca no próximo mês.

Brasil e Estados Unidos, as duas nações mais populosas das Américas, estão negociando uma área de livre comércio para a região até 2005. Sucesso está longe de certo. Brasil é o principal crítico de subsídios agrícolas indefensáveis dos EUA e da Europa, mas o país também não gosta muito da idéia de abrir alguns de seus próprios mercados para a competição externa. Ambos os lados precisam oferecer concessões. Será de interesse da América Latina que os governos Bush e da Silva criem uma boa relação de trabalho conforme enfrentam estas difíceis questões.

Editorial d'hoje, New York Times. []

Good News From Brazil

<http://www.nytimes.com/2003/05/29/opinion/29THU4.html>

Baco entre nós

28.Mai.2003 | Lá, Alexandre, o Grande, deu uma parada e ouviu dos profetas que ele seria rei do mundo; também o pai de Otávio Augusto ouviu que seu filho seria o primeiro imperador de Roma.

É o Templo de Dionísio – Perperikon – tão famoso na antigüidade clássica quanto o Oráculo de Delfos.

Arqueólogos acreditam ter finalmente encontrado o templo numa cadeia de montanhas da Bulgária. Dionísio – Baco para os romanos – foi tomado emprestado pelos gregos do deus Zagrei, dos Balcãs.

As pesquisas vêm acontecendo desde 2000 mas é ainda falta documentação para comprovar que o que foi encontrado é de fato é de fato Perperikon – em grego, a palavra quer dizer incendiário. As festas de Dionísio eram festivais de vinho e fogo. []

Did Dionysus dwell in Bulgaria?

<http://cooltech.iafrica.com/features/238966.htm>

via Ancient World Web

<http://www.julen.net/ancient/breaking.html>

Nos palcos

28.Mai.2003 | O senhor dos anéis, agora em versão musical. []

Lord of the Rings musical planned for London stage

<http://www.guardian.co.uk/arts/news/story/0,11711,965572,00.html>

A doutora Frey

28.Mai.2003 | Kelley Singer é uma médica de Tulsa, Oklahoma, interior dos EUA. Ela coleciona memorabilia de mulheres médicas de todos os tempos – qualquer cacareco. Chegou seu aniversário.

Todd Singer, seu marido, caiu na Internet – vasculhou sites de leilão, antiquários, procurava coisas que incluíssem as palavras "doctor" "woman": médicas. Encontrou um documento amarelado, quatro folhas, um Fragebogen, o questionário que judeus deveriam preencher para conseguir a permissão de trabalho na Polônia invadida pelos nazistas.

O Fragebogen contava o fragmento da vida de uma moça, meia-idade, rosto aparentemente frágil – Lucja Frey Gottesman, mulher do advogado Mordechai Gottesman (desaparecido, conforme informou aos nazistas), mãe de Danuta.

Todd comprou de presente para Kelley o documento.

Um dia, bateu à porta da doutora Singer uma moça que, quando comia, ao invés de salivar suava o rosto. Kelley nunca tinha ouvido de alguma patologia do tipo. Fez pesquisas, leu livros, encontrou: um mau funcionamento da glândula parótida.

Síndrome de Frey.

O documento contava um minúsculo trecho da vida da médica e pesquisadora que descobriu a disfunção. O casal Singer correu pelos arquivos de Israel, então, e terminaram por doar o documento ao Museu do Holocausto, em Washington. Uma exposição contando a vida da doutora Frey foi organizada – e está na web. []

via Plep

<http://www.nutcote.demon.co.uk/nutlog.html>

Who was this woman?

<http://www.ushmm.org/research/collections/.../frey/>

O caso Daniel Pearl

27.Mai.2003 | Um livro recém saído na França oferece uma nova teoria a respeito da morte de Daniel Pearl, jornalista do Wall Street Journal. Tem todos os ingredientes de uma teoria conspiratória e pouco do que diz é comprovado. No entanto, quem o assina é Bernard-Henry Lévy, um intelectual que foi o enviado especial do governo Chirac ao Afeganistão.

Chama-se Qui a tué Daniel Pearl - Quem matou Daniel Pearl? - e faz os piores julgamentos dos parceiros ocidentais na guerra contra o Talibã: o Paquistão, diz Lévy, está no centro das responsabilidades.

Pearl estava investigando Mubarak Ali Shah Gilani, guru de Richard Reid, o maluco que tentou entrar num avião com uma bomba na sola do sapato. Segundo o intelectual francês, o jornalista norte-americano estava próximo de traçar as ligações entre a ISI - serviço de inteligência paquistanês - com os grupos fanáticos islâmicos.

Muito disto não é secreto. A ISI incentivou o regime Talibã no princípio e, oficialmente, só mudou a política nas proximidades da guerra, quando converteu-se ao pró-americanismo no pós 11 de setembro.

Ainda segundo Lévy, o Paquistão continua a jogar um jogo duplo na guerra contra o terror. Em disputa, tanto os favores dos EUA e Europa quanto a sustentação no poder dum país onde o norte é francamente islâmico radical. []

Who killed Daniel Pearl?

http://www.economist.com/.../Story.cfm?story_id=1795670

Sic transit gloria

26.Mai.2003 | Os Bell Labs, que há uns anos tinha uma verba de pesquisa nas alturas dos 350 milhões de dólares, conta agora com 190 milhões.

O laboratório, onde já trabalharam 11 prêmios Nobel – são seis atualmente – é um dos principais pontos de desenvolvimento de tecnologia do mundo, onde ciência e prática se encontram. Hoje, pertence à Lucent, nas origens era da AT&T.

Nos Bell Labs foi escrito o sistema operacional Unix, do qual o Linux é uma versão. É pouco para descrever. A televisão surgiu lá. O cinema ganhou som lá. O laser foi inventado lá. Também o transistor.

Hoje, emprega 16.000 pessoas.

Os cortes são o sinal de que a crise no mercado mundial de telecomunicações atingiu finalmente o santuário da pesquisa. O Wall Street Journal trata do assunto. []

Bell Labs History

<http://www.bell-labs.com/history/>

Sic transit gloria

<http://www.interesting-people.org/.../msg00190.html>

Sabres de luz

26.Mai.2003 | Ele se chama Gyshlain, tem 15 anos, morador do Canadá francês. Gordinho, segundo ano do ensino médio. Gravou um filme interpretado por ele imitando, com uma vara, as danças marciais de Darth Maul – o vilão do Episódio I de Guerra nas Estrelas.

Mico puro.

Como essas coisas acontecem sempre na Internet, uns amigos – o amigo entre aspas, colégio tem sempre disso – digitalizaram e jogaram na grande rede a pequena cena. Mico mundial.

Foi parar no New York Times.

Mas uma boa alma apiedou-se de Gyshlain, Andy Baio, um webdesigner de San Francisco e propôs em seu blog fazer uma vaquinha para indenizar o menino pelo constrangimento causado. O raciocínio de Baio: todos que trabalham com computador foram um pouco assim quando jovens.

Gyshlain vai ganhar um iPod e mais troco dos mais de 4.300 dólares doados pela turba. []

Blog de Andy Baio

<http://www.waxy.org/>

Fame Is No Laughing Matter for the 'Star Wars Kid'

<http://www.nytimes.com/2003/05/19/technology/19DORK.html>

via Guardian Weblog

<http://www.guardian.co.uk/weblog/>

Muitos bilhões

26.Mai.2003 | Termina hoje, no México, um encontro pesado e secreto: estão reunidos os 30 homens mais ricos da América Latina. É coisa informal para que as novas gerações, herdeiros das grandes fortunas, se conheçam.

Patrocinado pelo empresário Carlos Slim Helú, da Telmex, o encontro começou no dia 23 e, segundo a revista norte-americana Forbes pode confirmar, contou com os brasileiros João Roberto Marinho (Globo), Marcelo Odebrecht (Odebrecht), Luís Frias (Grupo Folha) e Eugenio Staub (Gradiente). []

Secret Meeting Of Latin American Billionaires

http://www.forbes.com/2003/05/23/cz_kd_0523mexico.html

Quem dá certo

23.Mai.2003 | Foi a rivalidade entre duas mulheres nos EUA que fez da indústria de beleza o que ela é hoje. Elizabeth Arden abriu o primeiro salão de beleza moderno em 1910, seguida poucos anos depois de Helena Rubinstein, uma migrante polonesa. As duas tiravam cosméticos dos potes e painéis caseiros e os traziam para a modernidade. Ambas acreditavam que beleza e saúde estavam interligadas. Combinavam o bom cuidado do rosto com dietas e aulas de exercícios físicos num olhar holístico para o qual a indústria está voltando.

A indústria da beleza move 160 bilhões de dólares por ano: cuidados com a pele, 24 bilhões; maquiagem, 18 bilhões; cuidados com o cabelo, 38 bilhões; perfumes, 15 bilhões.

Cresce 7% ao ano, mais que duas vezes o crescimento do PIB dos países desenvolvidos.

Na Índia, cremes contra rugas aumentam em vendas 40% por ano.

No Brasil, há mais vendedoras da Avon – 900.000 – do que militares nas forças armadas. []

Pots of promise

http://www.economist.com/displaystory.cfm?story_id=1795852

Em memória

23.Mai.2003 | É caprichado o site sobre o ataque a Pearl Harbor que a National Geographic colocou no ar. A história do bombardeio à base naval norte-americana no Havaí pelos japoneses que jogou os EUA dentro da Segunda Guerra é reconstituída passo-a-passo num mapa interativo.

Aquele 7 de dezembro em 1941 é ainda contado através das histórias e fotografias dos sobreviventes, fichas a respeito das embarcações e aviões envolvidos, tonelada e meia de material. Para quem gosta do assunto, prato cheio. []

Remembering Pearl Harbor

<http://plasma.nationalgeographic.com/pearlharbor/>

Mais Raed

23.Mai.2003 | Fotos de Bagdá e arredores no blog mais famoso do pós-guerra. []

Dear Raed

<http://dearraed.blogspot.com/>

Efeito Apartheid

22.Mai.2003 | Happy Sindane – Sindane Feliz – é um jovem sul-africano branco de 18 anos. Não sabe de quem é filho. Foi roubado quando tinha seis anos pela empregada de sua família e criado por uma família negra que o maltratava. Fala apenas o dialeto ndebele.

Agora, fugiu de casa, entregou-se à polícia e procura os pais.

Ele lembra muito pouco. Diz que morava em Joanesburgo e que na casa havia um pequeno cão. E fala vagamente de fotos do casamento dos pais naturais.

Um casal acha que é seu o filho e está fazendo um teste de DNA para averiguar. A história mobiliza a imprensa local. []

SA couple claim 'kidnapped' boy

<http://news.bbc.co.uk/1/hi/world/africa/3047923.stm>

Feminismo em Buffy

22.Mai.2003 | Buffy, a caça-vampiros, série que terminou sua sétima e última temporada ontem à noite pretendia originalmente atingir o público adolescente e então virou algo para todos. Isso teve uma ressonância particular para uma mulher que foi criada nos anos 1960, quando Bonanza era a série mais popular da tevê. Bonanza era a história de um pai e três filhos adultos que viviam num sítio em Nevada, o Ponderosa. O pai era viúvo três vezes. Os filhos namoravam muito, mas as

namoradas morriam todas, por vezes nos primeiros dez minutos após serem apresentadas. O Ponderosa era o vale da morte do sexo feminino – até o cozinheiro era homem. [...]

Da página de opinião do New York Times, comentando o fim da série Buffy. Ela é a primeira super-heroína a fazer mega-sucesso numa série de tevê. []

Buffy Rides Off Into the Sunset

<http://www.nytimes.com/2003/05/21/opinion/21WED4.html>

Que há num nome?

21.Mai.2003 | Rômulo, irmão de Remo – aqueles da loba – não batizou Roma. A origem mítica do batismo da capital do império de Júlio César tem uma nova versão. Roma levaria o nome de, bem, Roma, uma troiana que refugiou-se ali nas margens do Tibre após o cavalo ter invadido sua cidade com espartanos no interior.

Mito demais e história de menos?

Talvez. A história da jovem Roma, que teria liderado o grupo de troianos refugiados, está num fragmento recém-descoberto de Stesichorus, um poeta greco-siciliano que viveu entre 638 e 555 a.C.

Esta origem alternativa para o nome da cidade italiana desperta já uma certa polêmica entre os historiadores. []

Rome Named After A Woman?

<http://dsc.discovery.com/news/briefs/20030512/rome.html>

via Archaeological News

<http://www.archaeologica.org/NewsPage.htm>

Mundo cão

21.Mai.2003 | Uma jovem peruana – 21 anos – chamada Sandy ofereceu pelo rádio sua virgindade em leilão. A moça, que vive no Chile, queria o dinheiro para pagar seus estudos.

Mas desistiu de toda a história ontem. []

Student backtracks on virginity auction

http://www.ananova.com/news/story/sm_783459.html

via World Sex News

<http://www.world-sex-news.com/>

Mais um

21.Mai.2003 | Mauro Ventura tem blog. []

DizVentura

<http://www.dizventura.blogspot.com.br/>

Ai de ti, Copacabana

21.Mai.2003 | Estados Unidos e Europa não recomendam visitas ao Oriente Médio e Golfo Pérsico, norte e oeste da África e sudeste da Ásia; altos riscos de ataques do terror islâmico, explicam.

Nos Estados Unidos o alerta de risco interno foi para o segundo nível mais grave: laranja. Os governos de França, Alemanha e Reino Unido estão igualmente preocupados.

OMS não recomenda a visita à costa Pacífica da Ásia por conta do surto de pneumonia asiática.

Em Cuba, pensar é crime de morte; na Colômbia, um terço do país não está sob controle do governo; na Venezuela, a instabilidade persiste.

O mundo anda tão estranho que o Rio ainda vai parecer seguro com Garotinho e tudo. []

Casaca

20.Mai.2003 | O Banco Mundial estima que a reformulação das regras de comércio internacional podem tirar 300 milhões de pessoas da pobreza. Reforma é essencial porque as regras do comércio internacional estão escritas contra os países mais pobres.

As nações ricas podem estar preparadas para abrir seus mercados, mas elas mantêm pesados subsídios. O que querem em troca é que os países em desenvolvimento abram também seus mercados domésticos. Assim, eles ficam vulneráveis às exportações subsidiadas do mundo desenvolvido.

Noutro trecho:

Eu acreditava que os países em desenvolvimento deviam abraçar a liberalização do comércio. Isso queria dizer abrir seus mercados domésticos à competição internacional. O raciocínio por trás disso era que a disciplina do mercado resolveria problemas de baixa performance e uma economia forte surgiria, como resultado, e os pobres sairiam beneficiados. Esta continua sendo a posição do FMI e do Banco Mundial e é refletida no sistema de incentivos e penalidades que eles incorporam nos seus acordos de empréstimos. Mas a minha opinião mudou.

Hoje, acredito que esta visão é errada. Desde que deixei o ministério há um ano, tive a oportunidade de observar com meus próprios olhos as consequências desta política comercial. Não mais sentado nos escritórios com ar condicionado, tenho me encontrado com fazendeiros e comunidades no outro lado.

Stephen Byers era ministro do Comércio e da Indústria britânico até o ano passado. []

I was wrong. Free market trade policies hurt the poor

<http://www.guardian.co.uk/comment/story/0,3604,958923,00.html>

via Metafilter

<http://www.metafilter.com/>

Frase

20.Mai.2003 | Weblogs são tão importantes quanto bons advogados. Advogados são nossa defesa. Weblogs, nossa ofensiva.

Dave Winer, sobre a luta pela liberdade na Internet. []

Speech and weblogs

<http://davenet.userland.com/2003/04/08/speechAndWeblogs>

Em tempos de crise

20.Mai.2003 | A Bovespa despenca, o dólar sobe, assim como ontem. Talvez amanhã, com o fim da reunião do Copom e sua decisão, sabe-se lá qual, a respeito de queda ou manutenção da taxa Selic, a coisa inverta. Há nestes movimentos um bocado de especulação, pura e simples, derruba-se as ações para comprar barato (é preciso pouquíssimo dinheiro para manipular a bolsa tupinambá); mas há também a insegurança de um país que não responde de todo por sua economia.

De quem é a culpa? Como, no mundo de hoje, é possível ser responsável pelo próprio destino? Do governo, um bocado, é a culpa, mas não apenas. Ter cuidado com a própria economia é também missão diária de cada cidadão. Para o povaréu deseducado e pobre, é coisa difícil. Mas para a classe média urbana e educada, que bem ou mal se equilibra na ciranda e mantém-se com o pescoço fora d'água, deveria ser possível. Curiosamente, a classe média evita o tema; principalmente quem é de esquerda: capital é nome feio a não ser em lombada de livro.

Em país mais sofisticado é diferente. Veja-se o caso norte-americano: o Fed, Banco Central dos EUA, botou no ar uma campanha com o objetivo de ensinar as coisas das finanças. Tipo o caminho que segue um cheque; os cuidados a se tomar com um investimento; ou com uma dívida. Tem, na campanha, de propaganda na tevê estrelada pelo presidente Allan Greenspan a site na Internet.

Nas palavras de Greenspan: "Não importa quem você é, tomar decisões informadas a respeito de o que você faz com dinheiro cria um futuro financeiro melhor para você e sua família."

Entender o processo econômico, além do mais, ajuda na hora de cobrar do governo suas besteiras. []

Federal Reserve Education

<http://federalreserveeducation.org/>

via Blue Bus

<http://bluebus.com.br/>

Fim do mundo, logo ali

20.Mai.2003 | São de 50% as chances de a humanidade continuar viva na Terra até o fim do século. De uma em duas. A conta surpreendente é de Martin Rees, mais importante astrônomo britânico.

A questão é o tema de Our final hour - Nossa hora final -, livro que ele acaba de lançar e no qual se dedica a esboçar as diversas maneiras diferentes pelas quais o homem poderá liquidar consigo mesmo.

O colapso da União Soviética, por exemplo, deixou como herança plutônio e urânio enriquecidos o suficiente para a confecção de umas 70.000 bombas nucleares. (Dependendo da potência, umas cinco bastam para dar cabo de tudo.)

Rees vai além. Apostou mil dólares que, até 2020, um ato de bioterrorismo ou erro de laboratório que lida com biotecnologia vai causar a morte de um milhão de pessoas. Temos, por suas contas, 17 anos para testemunhar a maior tragédia humanitária jamais vista.

Mas não só do medo nuclear ou bioterrorista devemos nos apavorar.

Experiências ainda mais sinistras e quase esotéricas podem também liquidar com a vida na Terra. Certos experimentos com física podem perturbar com o alinhamento espaço-tempo, virando as leis da natureza de cabeça para baixo e provocando, por exemplo, a reorganização dos átomos - incluindo os nossos.

Resenhado no New York Times pelo editor de ciência Dennis Overbye, o livro de Rees pode nem sempre parecer crível, mas não é o que importa. Seu objetivo é de alarmar o leitor, chamar a atenção para o fato de que brinca-se demais com o jogo de dados. Sempre se brincou. Mas o nível de conhecimento científico hoje, se lidado com irresponsabilidade, é perigosíssimo.

E, nem sempre, cientistas ou seus patrões - sejam eles governantes, empresários, terceiros - são responsáveis.

Atualização - Embora a morte de um milhão de pessoas por alguma doença entre na lista das tragédias gigantescas, o título de maior foi precipitado: a gripe espanhola matou 20 milhões na primeira metade do século passado. []

'Our Final Hour': Global Warning

<http://www.nytimes.com/2003/05/18/books/review/18OVERBYT.html>

via Arts & Letters Daily

<http://aldaily.com/>

Estética

19.Mai.2003 | Com as coisas dando uma melhoradinha, já-já vai pintar um surto de topmodels afegãs. É só a turma do circuito Elizabeth Arden perceber o que a trupe do Banco Mundial já sabe. []

The Streets of Kabul

<http://www.worldbank.org/gdln/TheStreetsofKabul/>

via Plep

<http://www.nutcote.demon.co.uk/nutlog.html>

Foto

19.Mai.2003 | Arruda vê eclipse. []

Houston, we don't have a problem

<http://oncamera.blogger.com.br/>

via InternETC.

<http://cora.blogspot.com/>

De olho

19.Mai.2003 | Virou um problema para um namorado recente dela, um gerente de investimentos de 34 anos em Manhattan, que temia que a publicação de seu nome no blog dela poderia atrapalhar seus negócios.

Durante os oito meses de sua presença regular no site da senhorita Clemente, ele disse, "era como ter a estranha impressão de que havia uma câmera me seguindo". Amigos e parentes que sabiam do site acompanharam seu relacionamento online, ele contou.

Privacidade na era do blog – assunto do New York Times. []

Dating a Blogger, Reading All About It

<http://www.nytimes.com/2003/05/18/fashion/18BLOG.html>

via Terceira Base

<http://www.hiro.com.br/blog/>

Por Tutatis!

19.Mai.2003 | Há quatro décadas os álbuns de Astérix, o gaulês, circulam o mundo. O original francês, escrito por René Goscinny e desenhado por Albert Uderzo, é no entanto um sofisticadíssimo problema para seus tradutores. (Já foram publicados em pelo menos 70 línguas.)

As imagens são preenchidas com textos forrados de trocadilhos, transliteração de sotaques, piadas sutis envolvendo cultura popular. Coisa perfeita para o gosto e compreensão do típico francês. Embora seja quase um mistério o porquê de algo tão francês ter apaixonado o mundo, o resultado foi dores de cabeça e um barato de desafio para seus tradutores.

É sobre isto que Anthea Bell, tradutora britânica, escreve. Em resumo, a solução com mais constância do que não é procurar equivalentes na cultura popular da ilha de Sua Majestade e evitar traduções literais. Por exemplo: uma passagem que remete ao Cyrano vira Hamlet. []

Astérix: what's in a name?

http://www.literarytranslation.com/2/2_1.html

via Things Magazine

<http://www.thingsmagazine.net/>

Falsificação

16.Mai.2003 | Os falsificados mexem, na China, com 16 milhões de dólares por ano.

25 bilhões de dólares de falsificados são vendidos, por ano, pela Internet.

Segundo a OMS, entre 5 e 7% dos remédios no mundo são falsificados.

Falsificados custam à Europa, por ano, 7,4 bilhões de dólares.

A Rússia é campeã de falsificação de software;

O Paraguai, de cigarros;

Milão, de produtos de luxo;

Flórida, de peças de avião. []

Imitating property is theft

http://www.economist.com/displaystory.cfm?story_id=1780818

O bom Faoro

15.Mai.2003 | Em resposta aos jornalistas Mino Carta e Maurício Dias, Raymundo Faoro disse o seguinte há um ano:

Eu não chamaria de esquerda. O PT poderia mudar a orientação histórica do País. Este país é um país de exploração. O pobre é cada vez mais pobre. Lula significaria a vitória dessa camada contra a outra. Governar, porém, contra as pessoas que no Brasil estão por cima é quase temerário. O Allende, no Chile, não conseguiu. O Chávez, na Venezuela, está indo penosamente, sempre com um risco enorme. Por outro lado, se o Lula for eleito e contemporizar, perderá o apoio do próprio partido. Aí passaria a ser um governante para os outros. Essa mudança é o passo mais difícil de ser dado. No Brasil, na África, na Ásia... []

Lula pode ganhar

<http://ww8.terra.com.br/cartacapital/189/especial.htm>

Playboy game

15.Mai.2003 | Deve sair no ano que vem o primeiro video-game da Playboy.

Será no estilo Sim City. O jogador faz o papel de Hugh Hefner, dono do império, e tem que editar a revista mês-a-mês, o que inclui conseguir boas entrevistas e selecionar as melhores fotografias para a capa.

Se os negócios vão bem, o jogador pode ir ampliando a Mansão Playboy e dar festas de arromba. []

Bom e velho estilo

15.Mai.2003 | O New York Times publica hoje matéria do repórter Thomas Fuller, da International Herald Tribune, sobre a Microsoft. Fuller teve acesso a um email confidencial da empresa de Bill Gates em que dita para os gerentes a maneira como agir com clientes nos governos e grandes instituições. Principalmente para África, Oriente Médio e, naturalmente, nossa América Latina.

No email, os gerentes de venda são autorizados a recorrer a um fundo secreto da empresa para dar aos clientes grandes descontos e, até mesmo, oferecer os programas gratuitamente. Orlando Ayala, na época do email diretor de vendas internacionais da Microsoft, deixa claro o objetivo: "Em circunstância NENHUMA podemos perder [clientes] para o Linux."

A oferta de descontos não é particularmente ilegal. Em lugares como a Europa, no entanto, sua oferta pode ser considerada, sim, fora da lei, se servem de instrumento para a manutenção de monopólios.

No mercado de grandes servidores, segundo a Herald Tribune, o Windows ocupa 44% do espaço e o Linux, 26%. E crescendo. []

How Microsoft Warded Off Rival

<http://www.nytimes.com/2003/05/15/technology/15SOFT.html>

Como é de verdade

15.Mai.2003 | Fotografias obscenas. []

University of Kansas

http://raven.cc.ukans.edu/~kansite/ww_one/photos/

via Good Shit

<http://goodshit.phlap.net/>

Costura xiita

14.Mai.2003 | Não há de ser coincidência a visita do presidente iraniano Mohammed Khatami ao Líbano justamente quando o secretário de Estado norte-americano Colin Powell passeava por Israel. Khatami fez um discurso duro aos EUA e reconheceu que os dois países – o seu e o de Powell – continuam conversando, embora não cogitem reatar a diplomacia.

Mas no jogo de bate e afaga, Khatami estava em missão de paz: foi levar ao Hizbollah a notícia de que é hora de suspender a agressão a Israel. O movimento é um pequeno partido político radical no Líbano e um grupo terrorista na fronteira.

EUA e Irã conversam já há um bocado de tempo no território livre de Genebra. Conversas, estas, sempre confirmadas mas raramente descritas.

O Irã tem profunda influência no Hizbollah, embora ninguém controle o grupo além deles mesmos. Em troca de ajudar a paz entre Israel e Palestina, Powell teria oferecido a Teerã que controlaria os grupos de oposição aos aiatolás que vivem no Iraque.

É, de ambas as partes, um gesto de boa vontade – se esta leitura, feita pelo site Al Bawaba, está correta. Marca, principalmente, um intervalo. Qualquer coisa pode acontecer no Oriente Médio. Os iranianos estão topando a conversa. []

Has Iran bartered Hizbullah with US for Iraq-based Iranian opposition group?

<http://www.albawaba.com/.../sid=249360&lang=e&dir=news>

Comentários

14.Mai.2003 | Temos problemas novamente lá no Falou e Disse. Os comentários feitos até ontem deverão estar de volta em breve. []

Monopólio

13.Mai.2003 | A partir de julho, o FCC – equivalente nos EUA à Anatel – vai rever os limites de cotas para jornais e tevês. Hoje, uma rede de tevê não pode ser dona, no país, de canais que somem, no total, mais que 35% da audiência nacional; nem um grande jornal pode ser dono de uma emissora na mesma cidade onde está sediado.

A previsão imediata é de que as grandes empresas de mídia, como a Disney Co. e a Fox vão lançar-se imediatamente na busca de novas aquisições, concentrando ainda mais o noticiário norte-americano. []

A New Era for Media Firms?

<http://www.washingtonpost.com/ac2/wp-dyn/A47349-2003May12>

Golpe de mestre

13.Mai.2003 | Na última sexta-feira, Bill Gates da Microsoft e sua entourage e o âncora da tevê NBC Tom Brokaw, também com sua entourage, estiveram na pequena cidade de Watertown, Dakota do Sul, pra um café com os locais. [...]

Bebido o café, entrevista terminada e a caravana começou a levantar acampamento, Gates e Brokaw levantam-se e saem. Sem pagar.

A garçonete estava incandescente: "eu tenho uma notícia para vocês: o homem mais rico do mundo acabou de me dar um golpe de seis dólares." []

Gates: 'Wake up and steal the coffee'

<http://www.theregister.co.uk/content/28/30679.html>

via Scripting News

<http://scriptingnews.userland.com/>

Criôlo doido

12.Mai.2003 | Filha de portugueses, canadense, Nelly Furtado faz hip-hop misturando samba com fado, gosta de Abba e Tom Jobim, Mariah Carey e Radiohead.

Tem 23 anos e é linda.

MP3, no site. []

NellyFurtado.com

<http://www.nellyfurtado.com/>

De brinquedo

12.Mai.2003 | Nos quadrinhos, Todd McFarlane estourou num tempo em que desenhistas ganhavam mais dinheiro que escritores – as histórias ganharam requinte gráfico e perderam enredo. Uma lástima. Seu Homem Aranha era deformado, o realismo foi pras cucuias.

Mas seus bonequinhos, pelo outro lado, reiventam o conceito de brinquedo. Tem do Jason da Sexta-feira 13 a Janis Joplin, de Austin Powers a John Lennon. []

Todd McFarlane Toys

<http://www.spawn.com/toys/>

Universitária

12.Mai.2003 | Caro (a) blogueiro (a),

Sou Jan Alyne Barbosa e Silva, aluna do mestrado em Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, na área de Cibercultura. Pesquiso a formação de relações sociais a partir das práticas de publicação em weblogs, sob a orientação do professor Dr. André Lemos. Se você edita algum weblog gostaria muito de contar com sua ajuda para a pesquisa. Para isso, basta clicar no botão abaixo e responder as questões. Se você mantém mais de um weblog, poderá responder as perguntas para cada publicação editada. As informações fornecidas serão mantidas em sigilo e sua identidade será preservada, pois somente nos interessa a discussão teórica estabelecida a partir dos resultados da pesquisa. []

Questionário

<http://www.dinamidia.com.br/weblog/>

Zigue-zague

12.Mai.2003 | Virou negócio para quem tem coração forte investir no câmbio de moedas. No mundo todo, as moedas entraram num zigue-zague perverso nas últimas semanas, deixando apreensivos de executivos de multi-nacionais a banqueiros.

Quem passa batido pelo noticiário local e vê o governo discutindo se deve desvalorizar ou não o Real contra o Dólar pode achar que a discussão é iminentemente local. Não é. Em todo o mundo, as autoridades monetárias colocam suas pontes de safena a prova.

Assim como o valor do Real sobe, piorando a situação de quem vende para fora, sobem também o Euro e o Yen japones. Para o Japão, a situação é delicada. Com uma economia fragílissima e deflação aquecendo, o país vive às custas de exportação de eletrônicos que encarecem cada vez mais para o estrangeiro.

Já o Dólar, como a Libra britânica, estão em queda. Para o premiê Tony Blair, a notícia não é de todo má. A força da Libra foi um dos elementos que impossibilitou a junção do Reino Unido à zona do Euro. Sua desvalorização ajuda.

Para os investidores, o tempo é de sufoco – mas é o tipo da jogada em que fortunas são feitas e perdidas. []

Bouncing around

http://www.economist.com/agenda/displayStory.cfm?story_id=1777183

Nova Playboy, sem nudez

10.Mai.2003 | A Playboy norte-americana está cercada por uma jovem concorrência – mais notavelmente revistas de origem britânica como Maxim e FHM, que mostram um bocado de pele mas nada que possa ser chamado nudez.

A velha cinqüentenária fundada por Hugh Hefner não chegou a perder o posto da maior circulação mas, com 3,2 milhões de exemplares, está à metade do que teve um dia. A Maxim, com 2,5 milhões, começa a encostar perigosamente.

Foi o suficiente para derrubar Arthur Kretchmer, editor da Playboy há quatro décadas.

A revista ficará mais jovem, capas mais coloridas e de forte impacto. Principalmente, a Playboy vai deixar de fazer tanta questão de apresentar nudez. O alvo é Hollywood.

Como no Brasil, o norte-americano não resiste a mulheres famosas; mas diferentemente das brasileiras, as celebridades norte-americanas resistem aos nus frontais. O importante, agora, é o contrato. Pouca roupa vale. []

Playboy's new editor reshapes ageing bunny

<http://www.reuters.co.uk/.../type=entertainmentNews&storyID=281670>

World Sex News

<http://www.world-sex-news.com/>

Pulgas

09.Mai.2003 | Imperdível o Salam Pax d'hoje, comentando sobre como andam os dias de Bagdá.

Os mercados de rua parecem algo dum romance de William Gibson. Pentes de memória largados (tudo roubado, claro) são vendidos próximos a monitores quebrados no mesmo lugar em que

barraquinhas de falafel e de armas convivem. Brigas estouram assim do nada e facas são sacadas à toa, muitas vezes facas compradas cinco minutos antes. Têm coisas de ver longe dos militares, coisas estranhas com lentes. E tem gente tentando vender gabinetes de computador explicando que são aquecedores elétricos – nunca viram computadores antes. Surreal. CDs de software, de filmes e pornô barato. []

Where is Raed?

http://www.dear_raed.blogspot.com/

O bom Gates

09.Mai.2003 | A Salon dedicou anos de cobertura a argumentar que a atitude monopolista da Microsoft prejudicou os consumidores norte-americanos e, de forma injusta, destruiu seus concorrentes. E nós não vamos parar de criticar a gigante de Redmond quando considerarmos que a crítica é merecida. Mas assistir este programa coloca estes pecados em perspectiva. [Bill] Gates pode ser um homem de negócios sem escrúpulos, mas ele está doando bilhões de seus dólares num esforço dedicado à luta contra a Aids, ao desenvolvimento de vacinas para diversas doenças mortais e à melhoria das condições de educação e saúde para milhões de mulheres e crianças empobrecidas. Sim, nosso direito de escolher nosso sistema operacional é importante. Mas não é nada comparado ao direito de uma criança na Índia ou em Uganda de viver livre de uma doença que pode deixá-la aleijada. Nas questões mais importantes, Gates sai-se com honra ao mérito.

Do jornalista Andrew Leonard, na revista eletrônica Salon, a respeito de uma entrevista concedida por Bill Gates à rede de tevê comunitária PBS, dos EUA. Gates fala sobre sua opinião a respeito dos problemas globais com franqueza e critica os "líderes" que engajam-se numa guerra contra o terror quando a pobreza ainda é uma das grandes lástimas mundiais. []

Earth to Bill Gates: Thank you

<http://www.salon.com/tech/feature/2003/05/09/gates/>

Celular

09.Mai.2003 | Vivo contra Oi, na delicada visão de Nizan Guanaes.

A África, sua agência, explica com um site porque uma das propagandas da operadora que assumiu o nome da Telefónica de Espanha & Portugal Telecom é igual a outra propaganda, mais antiga, da Oi.

Ao navegante, a oportunidade de análise. O Blue Bus, site especializado em mídia, cobre a polêmica. []

África: nada a ver

<http://www.africa.com.br/nadaaver/>

Blue Bus

<http://www.bluebus.com.br/>

Avesso do avesso

09.Mai.2003 | O que Marco Pólo sentiu ao encontrar Cleópatra?

O novo site do History Channel em português é bonito, fácil de navegar - uma mão na roda.

Stanislaw Ponte Preta não faria melhor. A essas alturas, o pobre Marco Antônio deve estar tremendo no túmulo de ciúmes. []

O que é a história

<http://www.thc.tv/estar.asp>

Futuro do papel

08.Mai.2003 | Tem 0,3 milímetros de espessura, pode enrolar – mas não dobra. É em preto e branco, mesmo curvada pode-se ler o que aparece de quase qualquer ângulo.

E é uma tela de computador. []

Ultra-thin Screen Brings E-Paper Closer

<http://dsc.discovery.com/news/afp/20030505/enewspaper.html>

Ambiente propício

08.Mai.2003 | Pequenas fazendas, uma ao lado da outra, fazendeiros cuidando de galinhas, porcos e patos, bichos misturados em terra pobre; nas cidades, lojinhas de comida empilham-se umas nas outras, estocando bichos vivos e mortos nos mesmos ambientes – ratos, gatos, cachorros, cobras, pássaros. É a província de Gangdong, na China, conforme descrição da National Geographic.

Não há ambiente melhor no mundo para que um vírus pule dum bicho prum homem, disparando uma epidemia global. E não há, pois, novidade no aparecimento do vírus da SARS naquele cantão do planeta.

As possibilidades são inúmeras, continua o site. Pelas fezes de um pato um porco adquire um vírus de ave que em sua circulação pode dar num estranho híbrido com um vírus de porco e ir transformar-se em fatal quando o homem pega. Já foi o caso noutras vezes.

Sabe-se muito pouco sobre o causador da SARS – sabe-se apenas que é um mutante violento e que já são duas as cepas conhecidas.

Sabe-se, também, que não foi a primeira e não será a última novidade que a China trará ao mundo. []

China Is Perfect Breeding Ground for Viruses Like SARS, Expert Says

<http://news.nationalgeographic.com/.../sarschina.html>

Noutro espaço

08.Mai.2003 | Há um ano, esperando dispersar uma depressão pós-parto que me atingiu após terminar de escrever um livro, subi uma floresta próxima à minha casa e armei uma tenda sob uns pinheiros. Passei aquele dia e noite ouvindo a floresta, escrevendo em meu diário e pensando – tudo sobre a influência de uma droga psicodélica. Na manhã seguinte, voltei para minha mulher e filhos sentindo-me melhor como há muito tempo não sentia. O que fiz não devia ser ilegal.

Em artigo do jornalista John Horgan, ex-New York Times, ex-Scientific American, na Slate. []

Why I love LSD

<http://slate.msn.com/id/2082647/>

Isabella V. à rede

08.Mai.2003 | A história dá um thriller. Isabella V., vinte-e-algo, filha das melhores famílias européias, pai rígido, casamento arranjado. Clichê pronto - mas é real. Isabella fugiu e, aproveitando-se duma família pouco afeita à tecnologia, publica o diário da vida fugitiva na web, num blog sem despertar suspeitas.

Ou não é assim tão real?

Seu blog, Flight Risk, tornou-se um dos mais populares da blogosfera, citado e comentado na imprensa de papel. História boa demais desperta sempre dúvidas. E veio agora a Wired, pois, a publicar uma longa reportagem descrevendo dúvidas e suspeitas a respeito da existência de Isabella.

Seja verdade ou ficção bem construída, já existem agentes literários em publicar suas desventuras.

O maior suspeito no caso de sinistro: Sean-Paul Kelley seria o falsário.

Kelley ficou famoso durante a Segunda Guerra do Golfo como editor do blog The Agonist, que relatou o dia-a-dia do conflito. No fim, terminou desacreditado, quando descobriu-se que citou sem as fontes devidas muita informação inédita do site Stratfor.com. []

Blogger: Catch Me If You Can

<http://www.wired.com/news/culture/0,1284,58754,00.html>

Irônico

07.Mai.2003 | Do longo relato do dia-a-dia de Salam Pax durante a guerra, um trecho pinçado segue abaixo. É a conversa entre duas jornalistas que um amigo de Salam ouviu:

– Querida como está você? Não há vejo faz séculos.

– A última vez foi em Cabul.

Bla bla bla

Bla bla bla

– Tenho que correr, agora, nos vemos em Pyongyang então, né?

– Isto. []

Dear Raed

http://www.dear_raed.blogspot.com/

Quem te vê

07.Mai.2003 | Tem uns sites absolutamente inúteis rede afora – por vezes, tão inúteis quanto viciantes. É o caso de When I was little – Quando eu era pequeno – que compara fotos de antes e depois de pessoas diversas. []

via Terceira Base

<http://www.hiro.com.br/blog/>

When I was little

<http://www.wheniwaslittle.net/>

EXTRA: O blogueiro de Bagdá está vivo

07.Mai.2003 | Salam Pax, o blogueiro de Bagdá, está vivo e de volta à rede. []

Dear Raed

<http://dearraed.blogspot.com/>

Para Nora, de Dublin

07.Mai.2003 | Meu amor por você permite-me que reze ao espírito da beleza eterna e da suavidade espelhado em seus olhos ou que a deslize para baixo de mim deixando-a apoiada naquela sua barriga macia para que a f— por trás, qual porco a uma porca, glorificando-me pelo odor e suor que emana de sua bunda, glorificando-me na forma aberta de seu vestido virado e nas calcinhas de menininha e na confusão de suas bochechas rosadas e cabelos emaranhados. Me permite explodir-me em lágrimas de pena e amor a qualquer palavra, a tremer de amor por você ao som de uma corda ou à cadência de música ou ao enlaçar minhas mãos às suas para acariciar seus dedos [...]

James Joyce, em cartas eróticas à mulher, Nora. O trecho escolhido é dos poucos suaves. []

Foto de Nora

http://www.columbia.edu/.../joyce/edit/images/week6/nora_1920.jpg

James Joyce's dirty letters

<http://www.arlindo-correia.com/joyce.html>

via Metafilter

<http://www.metafilter.com/>

Síria ao alvo

06.Mai.2003 | Houve pressão, nos momentos finais da guerra, para que os EUA virassem em direção à Síria. A vontade dos falcões no Departamento de Defesa, no entanto, foi bloqueada pela assessora de segurança nacional, Condoleezza Rice. Segundo ela, não haverá mais "aventuras militares" no "primeiro mandato" de George W. Bush.

O foco, agora, está depositado na reeleição.

A notícia foi divulgada pela agência UPI no fim da tarde de sexta-feira passada e, imediatamente, tirada do ar – substituída por uma versão mais light.

A história segue contada no site The memory hole – buraco da memória – que reúne, principalmente, reportagens que são publicadas e, posteriormente, apagadas dos arquivos de sites noticiosos diversos. []

The Memory Hole

<http://www.thememoryhole.org/memoryblog.htm>

A segunda era nuclear

06.Mai.2003 | Mas cada novo país a conseguir armas nucleares multiplica o potencial de uma guerra que envolva um Estado nuclear. Os números não são o pior nesta equação. A primeira era nuclear consistia, principalmente, numa luta de boxe entre dois grandes poderes industriais, cada qual representando uma ideologia de apelo global. A segunda ocorre em nações inseguras, muitas lideradas por autocratas, a maioria relativamente pobre, em vizinhanças barra-pesada, não alinhadas com o ocidente e ressentidas de seu poder.

Os arsenais da primeira era nuclear eram controlados por regras elaboradas e tecnologia sofisticada desenvolvida para impedir um disparo accidental. Alguns dos novatos parecem ter comando e controle bem menos rigoroso, levantando receios de que a linha hierárquica de autoridade possa ser abandonada no calor da batalha. Os novos Estados nucleares, afinal, lidam com inimigos muito próximos – a minutos de míssil – em conflitos que podem surgir rapidamente.

Dum belo artigo de Bill Keller, na revista do New York Times, domingo último. []

The Thinkable

<http://www.nytimes.com/2003/05/04/magazine/04NUKES.html>

via Arts and Letters Daily

<http://aldaily.com/>

Arca perdida

06.Mai.2003 | Uma biografia publicada agora em Israel revela detalhes do Túnel do Muro das Lamentações. O livro conta a vida de Yehuda Meir Getz, rabino da praça do Muro durante década e meia e um dos maiores especialistas em sua história.

O terreno no qual exerceu seu rabinato era sagrado nos quatro costados, aos pés do monte onde o rei Salomão fez erguer o Primeiro Templo onde guardou-se a Arca da Aliança (com as duas tábuas dos Mandamentos ditados a Moisés); quando já no tempo em que o Primeiro havia sido substituído pelo Segundo Templo, sua praça devidamente ampliada no reino de Herodes, Jesus por lá andou chutando as balanças dos vendilhões. Não bastasse, quando nem mais o Segundo Templo existia, do mesmo monte, Maomé ainda deu de ser alçado aos céus para os braços do Criador.

No princípio dos anos 1980, Getz esteve envolvido na escavação de um túnel que percorria a extensão do Muro das Lamentações, na base do morro, voltado para o oeste de Jerusalém. O túnel existe há muito – originalmente, um aqueduto do Primeiro Templo que abastecia de água seu altar para limpar o sangue dos sacrifícios. Sua posição era conhecida desde o século 19 – mas foi Getz que decidiu abri-lo.

Deu problema, insurreição que culminou com a invasão de árabes ao túnel, reclamando da perfuração do solo sagrado – naturalmente receosos de o que poderia ser descoberto ali. Muçulmanos e judeus discutem até hoje – e não vão parar um dia – se o lugar deve ser judaico ou islâmico. Em meados dos anos 1990, o túnel foi finalmente aberto aos turistas, atravessa a extensão que sai do Muro das Lamentações para desembocar na Via Dolorosa.

Na biografia, finalmente são revelados os porquês da escavação arqueológica que começou ultra-secreta comandada não por cientistas mas por religiosos. Na parede que o túnel divide com o Morro que foi do Templo e onde está a Mesquita de Al Aqsa, Getz encontrou indícios de novos túneis e câmaras – provavelmente onde estão guardados os restos do Templo sagrado aos judeus.

E, o rabino cria, a Arca da Aliança.

Quem a tocar perde a alma – quem sabe, da mesma forma que é mostrado no primeiro Indiana Jones. Mas, segundo crêem os filhos de Israel, o reencontro das tábuas de Moisés antecederá a vinda do Messias à Terra. []

Raiders of the Lost Ark

<http://www.haaretz.com/hasen/pages/ShArt.jhtml?itemNo=286935>

Tunnel vision

<http://www.templemount.org/tunnel.html>

via Robot Wisdom

<http://www.robotwisdom.com/>

No Inferno de Dante

05.Mai.2003 | Para o purgatório, irão os cristãos arrependidos. Um nível acima, no limbo, o espaço é dos ateus arrependidos – e assim começa a subida aos Infernos de Dante. No segundo nível, os culpados de luxúria; no terceiro, os glutões; então a cada nível seguinte, os avaros, os raivosos, os hereges, os violentos, os culpados de fraudes e mentiras – e, no oitavo nível dos Infernos, piores de todos, os traiçoeiros.

Oito níveis mais o purgatório cabem àqueles que não conseguiram a passagem só de ida para o paraíso. Já é possível antever o que espera a cada um: basta fazer o teste. []

Dante's Inferno Test - Impurity, Sin... and Damnation

<http://www.4degreez.com/misc/dante-inferno-test.mv>

Unzinho

05.Mai.2003 | David Murray, braço direito do tzar da política anti-droga norte-americana John Walters, diz que seu objetivo não é ameaçar a soberania de outro país, mas alertou que sérias consequências virão se o Canadá levar adiante o plano de descriminalizar o porte de maconha. [...]

Murray disse ainda que a reputação do Canadá seria afetada para sempre na comunidade internacional no caso da legalização. Na verdade, muitos países, principalmente na Europa, já descriminalizaram a maconha, mas nenhum tem fronteiras com os EUA, onde a política é de tolerância zero para a cannabis.

Notícia da CBC. []

U.S. warns Canada against easing pot laws

http://www.cbc.ca/storyview/CBC/2003/05/02/us_pot_rxn030502

Conselho

01.Mai.2003 | Tony Blair aconselhou-se com Bill Clinton nos meses anteriores à guerra. []

Blair's secret war meetings with Clinton

<http://politics.guardian.co.uk/iraq/story/0,12956,943161,00.html>

via Oliver Willis

<http://oliverwillis.com/>

Há cem anos

01.Mai.2003 | Em 1903, William Harley e os irmãos Arthur e Walter Davidson começaram seu negócio de motocicletas.

Um século depois, a Biblioteca do Congresso dos EUA coloca um belo site – acompanhando a exposição em homenagem – no ar.

Tem fotografia, cartazes e muito material sobre uma das marcas mais glamurosas produzidas pelo século 20. []

An American Icon

<http://www.loc.gov/rr/scitech/harley100/>

via Portage

<http://helloha.blogspot.com/>

Pra chorar

30.Abr.2003 | Não que por aqui exista alguma paixão por momentos piegas, mas vez por outra, pode.

A menina, 13 anos, ganhou um prêmio e foi cantar o Star Spangled Banner, hino dos EUA, no jogo da NBA. Vinte mil pessoas no estádio, ela afinadinha.

Aí o braço treme, ela engasga, esquece a letra. Treze anos. Sozinha ali no meio.

Num repente, Mo Cheeks, técnico dos Portland Trail Blazers, aparece ao seu lado e começa a cantar, incentivando-a, e trazendo o público junto.

O link do vídeo, abaixo. []

via Metafilter

<http://www.metafilter.com/>

Vídeo

http://www.nba.com/media/blazers/CHEEKS_GILBERT_ANTHEM.asf

O que foi perdido

30.Abr.2003 | O blog The Raven traz a descrição de duas das peças mais valiosas que sumiram do Museu Nacional de Bagdá.

Uma é A dama branca, máscara que representa a deusa Innana, que deu aos homens a escrita, segundo a tradição da Mesopotâmia. A máscara tem 5.500 anos. Segundo os especialistas, é bem provável que seja a mais antiga escultura feita a partir de uma modelo viva, esculpida a mão e não moldada – um dos símbolos máximos da sofisticação que a cultura ocidental começava a alcançar.

Outra é o Vaso de Uruk (ver post abaixo) – esculpido em alto relevo com imagens em seqüência, conta uma história, descreve um ritual. Nada menos que a mais antiga peça de arte religiosa conhecida. []

Signs of Freedom

<http://blogs.salon.com/0001381/2003/04/14.html>

via Scott Rosenberg

<http://blogs.salon.com/0000014/>

Boa notícia, enfim

30.Abr.2003 | O rei Gilgamesh, de Uruk, foi personagem dum livro 2.500 anos antes de Cristo – o mais velho personagem dum livro. A cidade de Uruk, que batizou o Iraque, estava perdida nalgum canto do deserto já há muitos anos.

Não mais.

Uma equipe de arqueólogos alemães encontrou-a – ou crê tê-la encontrado – próxima ao local onde estiveram as margens do Eufrates há alguns milênios. Segundo o arqueólogo Jorg Fassbinder, eles crêem ter encontrado também o túmulo de Gilgamesh. []

Gilgamesh tomb believed found

<http://news.bbc.co.uk/2/hi/science/nature/2982891.stm>

XXX

30.Abr.2003 | A peça XXX, que estreou semana passada em Londres, está a perigo. Baseada nos escritos do Marquês de Sade e encenada pelo grupo independente catalão La Fura Dels Baus, foi permitida pela censura da Rainha no limite do permitido.

Enquanto no vídeo que compõe o cenário o sexo é explícito, a farta nudez da cena chega a quase sem de fato realizar tudo. Desta forma, pode.

Logo na noite do último dia 23, no entanto, XXX passou do limite - segundo o conservador Evening Standard. É que, se os atores mantiveram a compostura, o mesmo não pode ser dito do público. A Scotland Yard não gostou.

Caminha no fio da navalha a peça catalã. No site, fotos. []

Oral sex in XXX audience

<http://www.thisislondon.co.uk/.../source=Evening%20Standard>

Blogando às cegas

29.Abr.2003 | O Falou e Disse, nosso sistema de comentários, continua fora do ar. Estamos, cá, no aguardo de notícias.

Blogar sem comentários é fazê-lo um pouco às cegas e só quando o sistema falha dá para perceber o quanto faz falta.

O email continua às ordens. []

Apple Music: primeiras impressões

29.Abr.2003 | Depois de quase uma hora pendurado no novo sistema de distribuição de música da Apple – mais sobre o assunto abaixo – já dá para tirar algumas conclusões.

1. Coisa nova dá para achar, assim como material de alguns artistas consagrados nos EUA, como Bob Dylan. (Steve Jobs, o presidente/fundador da Apple, é fã ardoroso; o Macintosh foi lançado, em 1984, ao som de The times they're-a changin') Mas a seleção nem é vasta nem diversa. Música, lá, é mainstream e, em geral, recente. Coisas como a trilha sonora de Mary Poppins

(sucesso dos estúdios Disney nos anos 1960), Grateful Dead (grupo de rock independente dos EUA) ou brasilidades tipo o ministro Gilberto Gil não se encontram pelo catálogo.

2. É fácil e até óbvio navegar pela interface do novo iTunes. O software, lançado em conjunto com o sistema MacOS X inicialmente para fazer o papel de player de áudio e gravador de CDs, evolui bem para servir também de ferramenta de compras de música. Segue na linha o espírito do Mac: você vê e entende num estalo como funciona; não há coisa que desperte dúvidas no usuário. Mais fácil que Napster, muito mais óbvio que qualquer de seus seguidores. Só que, neste caso, tem custo.

3. O preço – 99 centavos de dólar por música – não é absurdo para o bolso brasileiro. Um CD com quinze músicas importado pode atingir, no Brasil, com facilidade a faixa dos 60 a 70 reais; pelo preço da Apple, custa 45 reais para reunir as músicas todas ao câmbio de 3 pelo dólar, mais os shekelim do cedê virgem.

4. Paga-se com cartão de crédito mas carece ter endereço nos EUA. Uma caixa-postal dos serviços de entrega, a casa do irmão, tia ou amigo. Sem endereço oficial nos EUA, pode navegar, ouvir uns 20 segundos de música de amostra, mas nada de download.

Se vai colar? O curso do ano há de mostrar. Não será o primeiro grande acerto de Steve Jobs, se os ventos soprarem no caminho da sorte.

Mas, não custa lembrar, também não será seu primeiro grande erro.

Update – Erro na interface entre o monitor e a cadeira: tem Gil, sim, como tem Caetano, Tom, até Dori Caymmi. []

Onde está Salam Pax?

29.Abr.2003 | Vez por outra bate cá no email alguém perguntando por Salam Pax, o blogueiro de Bagdá que sumiu logo após o começo da guerra. Salam foi preso? Morreu num bombardeio?

Com o tempo, provavelmente teremos a resposta.

Mas a coluna The Bleat tem uma informação que foi pouco difundida: parece que caiu de fato o acesso à Internet na capital iraquiana mais ou menos na época em que Salam sumiu.

O prédio do provedor de acesso foi bombardeado durante a campanha. []

The Bleat

<http://www.lileks.com/bleats/archive/03/0303/032803.html>

Música por 3 merréis

28.Abr.2003 | A Apple colocou no ar, enfim, seu serviço de distribuição de música online. Custa, cada arquivo, 99 centavos de dólar. Um disco com umas dez músicas sai por uns 30 reais – e a empresa disponibiliza também os arquivos com capas dos CDs para impressão. Por enquanto, só serve para quem roda MacOS X, última versão, com a nova versão do software iTunes.

A discussão no especializado Slashdot já é grande. Há notícias de que o sistema da companhia norte-americana já foi quebrado. E parece, por enquanto, que só vale para quem está nos EUA. É má notícia para a turma tupinambá. Afinal, o preço até compensa para substituir discos importados. A dúvida persiste se será capaz de atrair ouvintes de sistemas como KaZaa ou eDonkey.

(Em casa, logo mais, testo do Mac. Por enquanto, estou numa máquina Windows.) []

Apple Introduces iTunes Music Store, iTunes 4, new iPod

<http://apple.slashdot.org/apple/03/04/28/.../tid=176>

Apple Music

<http://www.apple.com/music/>

Unzinho

28.Abr.2003 | Canabis, a terceira droga recreativa em popularidade após álcool e tabaco, pode encontrar novo papel na forma de aspirina do século 21, conforme aumentam as provas de que seus componentes podem proteger o cérebro contra efeitos danosos do envelhecimento.

Apesar de a droga distorcer a percepção e afetar a memória de curto prazo, ela pode ajudar a prevenir doenças degenerativas como Alzheimer, Parkinson e Huntingdon. Cientistas do Instituto de Neurologia da Queens Square, em Londres, dizem que o "enorme potencial" dos componentes da canabis começam a aparecer conforme compreensão de suas propriedades biológicas e farmacêuticas aumentam.

O professor Alan Thompson e seus colegas escreveram na revista Lancet Neurology: "Pesquisa básica está descobrindo que membros interessantes desta família de componentes têm qualidades antes desconhecidas, dentre as quais a mais notável: neuroproteção."

Os resultados de testes com pacientes de esclerose múltipla são esperados em meados do ano e os primeiros remédios baseados na canabis já estão em fase de licenciamento. Nenhum deles terá as propriedades psico-ativas da droga bruta, quando inalada ou ingerida.

Do diário britânico The Independent. []

Comentários

28.Abr.2003 | Pois é, não estão funcionando. Qualquer coisa urgente, o email pdoria@nominimo.ibest.com.br está às ordens. Estamos fazendo o máximo para resolver tudo rápido. []

Vida dupla

28.Abr.2003 | Quem revelou à CIA o lugar onde estava Saddam Hussein logo no primeiro dia de guerra foi seu ministro das relações exteriores, Tariq Aziz. O ataque veio tarde e Saddam, ao que tudo indica, sobreviveu. Foi também Aziz quem indicou onde seu chefe estava no último ataque norte-americano, na véspera da tomada de Bagdá.

O primeiro cabeça do governo bagdali preso por EUA e Grã Bretanha era, na verdade, um agente duplo? O Daily Telegraph britânico diz que sim. []

Was Tariq Aziz the coalition's mole?

<http://www.dailytelegraph.co.uk/.../2003/04/27/ixnewstop.html>

Questão de imagem

26.Abr.2003 | Mulheres de nosso tempo é uma exposição de fotografias que está abrindo no Instituto Smithsonian, em Washington, esta semana. O site é uma pequena maravilha, desenvolvido em Flash. (Coisa rara.)

O visitante eletrônico tem a opção de fazer dois tours guiados. Um, pelos estilos de retratos do século 20, com belíssimas imagens de Eleanor Roosevelt, Katharyn Hepburn entre anônimas diversas; outro, sobre a maneira como a fotografia pode contar uma vida.

Vale o tempo gasto. []

via Stuff worth saving

<http://helloha.blogspot.com/>

Women of our time

<http://www.npg.si.edu/cexh/woot/>

Teste

25.Abr.2003 | Qual dos Simpsons você é? []

Simpsons Personality Test

<http://www.matthewbarr.co.uk/simpsons/>

via Bifurcated Rivlets

<http://catless.ncl.ac.uk/Lindsay/weblog/latest.html>

Futuro da comida

25.Abr.2003 | A gigante agro-química Monsanto recebeu a pior nota de responsabilidade ecológica da Innovest Strategic Value Advisors, uma empresa de investimento, consultoria e pesquisa ambiental. [...]

O relatório alerta os investidores e acionistas de que a Monsanto "se expõe em demasiado ao risco e gerencia com menos sofisticação que outras empresas do mercado". Os analistas da Innovest predizem que "a Monsanto vai provavelmente cair no mercado nos médio e longo prazos".

A Monsanto teve um prejuízo de 1,7 bilhões de dólares em 2002 e fracassou na tentativa de encontrar novos mercados para seus controversos produtos geneticamente modificados. Ainda assim, a empresa continua a estratégia de apostar numa aceitação rápida e geral de comida modificada. Seu próximo investimento é o trigo, cuja variedade modificada é boicotada em mercados chaves por fazendeiros e pela indústria alimentar antes mesmo de sua aprovação.

Deu um press release do Greenpeace – que, naturalmente, tem todo o interesse na história. []

Monsanto Investors Face Catastrophic Risk

<http://www.commondreams.org/news2003/0416-02.htm>

via Robot Wisdom

<http://www.robotwisdom.com/>

Jogos de guerra

24.Abr.2003 | Muhammed al-Sahaf, o Ministro da Informação de Saddam, já vem em boneco para brincar. []

Herobuilders.com

<http://herobuilders.com/vilacfig1.html>

via Aberrant News and Curiosities

<http://www.thundersnake.com/news.htm>

Beleza americana

24.Abr.2003 | O site Madonna.com foi quebrado por um hacker.

A primeira página foi substituída por html cru com links para download do clipe American Life da cantora.

Madonna havia criticado o troca-troca de seu clipe na Internet após a decisão de suspender sua emissão, nos EUA. []

Site quebrado

<http://www.thesmokinggun.com/.../madonnasplash1.html?yhnws>

via Boing Boing

<http://boingboing.net/>

Três reis

23.Abr.2003 | Quatro soldados norte-americanos estão enfrentando a Corte Marcial, no Iraque.

Pretendiam levar para casa cerca de um milhão de dólares em dinheiro que acharam num dos refúgios dos amigos de Saddam.

Há notícia de que já tinham encontrado outros 11 milhões. []

4 GIs planned to pinch \$12M

<http://www.nypost.com/commentary/74120.htm>

Cicciolina à chilena

23.Abr.2003 | A moça atende pelo nome Reichel – grafado assim para que ninguém tenha dúvidas da pronúncia – e é a primeira estrela pornô do Chile. 26 anos. Agora, segue candidata ao Congresso, com uma campanha que propõe a pena de morte aos pedófilos. Promete mostrar os seios no plenário a quem se opor àquilo que ela defende.

Parece que a campanha não é exatamente séria – embora sempre corra o risco de despertar algo nos eleitores. Na verdade, é um golpe publicitário – até meados do ano passado, o cinema pornô era ilegal no país. Reichel e seu marido-diretor Leonardo Barrera são as primeiras estrelas e, por enquanto, também únicos no ramo.

A legalização da indústria é uma história particularmente curiosa. A constituição permite ao Conselho de Qualificação Cinematográfica a proibição de alguns filmes e os pornôs, ao longo dos anos, ganharam espaço nas gavetas de certas locadoras, coisa secreta e tida por ilegal. Não ilegal por proibidos mas porque não haviam passado pelo Conselho.

Ao longo de 2002, filmes europeus de bons diretores cada vez mais quentes foram passando pelo Conselho. Um dia, numa troca de fitas, foi parar lá um que não era arte, só entretenimento explícito. Passou. Isto feito, os conselheiros reuniram-se para estabelecer um critério conjunto e

decidiram que, embora possam, não vão mais proibir nada. Só limitar a faixa etária de quem vê o quê.

Nasceu a indústria faz quase um ano – encaminhando a carreira política de Reichel. []

"Quiero ser diva del cine porno chileno"

<http://www.chilex.cl/notyrep/reichel.htm>

Sex for rent

<http://www.columbia.edu/~fja2004/CLIP%204%20SEX.htm>

Cuba libre

22.Abr.2003 | Cuba faz o papel de vítima para justificar tanto a repressão em casa quanto evitar vereditos duros no exterior. Então, enquanto denuncia a Costa Rica e outros como "lacaio vis" de Washington, Cuba propôs uma emenda que condenava o embargo. Democracias líderes do hemisfério, como México e Brasil, opuseram-se (ou abstiveram-se) na votação de ambas as emendas, como se demonstrassem neutralidade.

Desaponta particularmente o fracasso do Brasil de apoiar a fraca resolução que sucedeu as emendas. Como líder operário outrora perseguido por um regime militar, Luiz Inácio Lula da Silva, o presidente recentemente eleito do país, tem um bocado de autoridade moral neste tipo de questão. Mas ele também é um antigo amigo do Sr. Castro e permitiu que isto impedisse o Brasil, desta vez, de defender seus princípios mais caros.

Por mais equivocada que seja a política de Washington em relação a Havana, nações latino-americanas deveriam parar com a tolerância às práticas totalitárias do Sr. Castro. Julgar seu regime é de fato um teste para as nações latino-americanas – um teste de maturidade para suas próprias democracias.

Do New York Times, em editorial na sexta-feira última. []

Cuban Litmus Test

<http://www.nytimes.com/2003/04/18/opinion/18FRI3.html>

Estranho amor: a Bomba

22.Abr.2003 | Esta semana começam as conversações entre EUA e Coreia do Norte, mediadas pela China. O rumo da prosa será tão importante nos anos porvir quanto serão os resultados do novo regime a ser implantado no Iraque. Por um motivo muito simples, do sucesso dos EUA na contenção das ambições norte-coreanas depende o reinício ou não da corrida armamentista.

É um curioso fetiche este da Bomba - aquela Bomba com b maiúsculo, arrasa quarteirão nas origens, arrasa planeta com o passar do tempo. Peter Sellers já fez troça dele no Doutor Fantástico de Stanley Kubrick, mas lá no fundo Freud continua explicando. Quando-se é líder dum país, como conseguir mais poder se não tendo a certeza de que é capaz de destruir tudo e todos?

A estratégia dos EUA contra o terror atizou novamente o fetiche da Bomba. É engenharia razoavelmente trivial, difícil é comprar ou enriquecer os radioativos. O Brasil, que tem usina nuclear, não deve precisar mais que uns meses para produzi-la. Aí tem outra dificuldade, que é lançar a Bomba - tecnologia de míssil, não temos. Precisaria comprar.

Tem gente que leva o assunto a sério - e é sério, mesmo.

Se os EUA dobrarem-se demais às vontades norte-coreanas, estarão passando uma mensagem clara ao resto do mundo. Quem tem Bomba, a gente respeita. Se dobrarem-se de menos e partirem para a guerra, arrasam o lugar e tiram King Jong Il do poder em dois tempos, provavelmente não rápido o suficiente para evitar que os pobres japoneses testemunhem em casa sua terceira tragédia atômica. Costura diplomática complicada que só.

A China meteu-se no meio. Suspendeu semana passada, por uns dias, os oleodutos que alimentam a cria. Oficialmente, problemas técnicos. Por baixo dos panos, um recado. Para que não venha uma nova escalada nuclear, o mundo depende da sensatez chinesa num momento infeliz. O mesmo em que tudo quanto é entidade internacional está caindo em cima de Beijing por conta de sua desastrosa política interna. É responsabilidade do governo do País do Centro, porque não divulgou, porque escondeu do início, a característica epidêmica da pneumonia SARS. Trata-se doutro fetiche, o fetiche do abafa, fetiche ao qual governos totalitários muito se apegam.

A Slate traz, hoje, uma boa análise da situação. []

Blink Blink

<http://slate.msn.com/id/2081776/>

O sexo da mente

17.Abr.2003 | Segundo teoria do professor Simon Baron-Cohen, do Centro de Pesquisa sobre o Autismo da Universidade de Cambridge, há uma crucial diferença entre um cérebro feminino e um masculino.

A questão é a orientação dos cérebros desde a tenra infância. Mulheres tendem a treinar seus cérebros para a empatia, identificando e correspondendo a emoções dos interlocutores; já homens tendem a sistematizar, procurar padrões, compreender sistemas.

O diário britânico The Guardian oferece – além de reportagem sobre o tema – dois testes para análise de quão empáticos e sistemáticos são os leitores. []

How male or female is your brain?

<http://www.guardian.co.uk/.../0,12983,937443,00.html>

via Metafilter

<http://www.metafilter.com/>

E por falar nisso

17.Abr.2003 | Cuba bem que agradeceria uma mudança de regime. Quarenta e quatro anos basta, não? []

McCarthy e o processo

17.Abr.2003 | No dia 20 de março, o FBI prendeu [o engenheiro Mike] Hawash apontando-lhe armas no estacionamento da Intel próximo a Portland por motivos que mantém-se confidenciais. Cidadão norte-americano de 38 anos, tem mulher e três filhos, ainda não foi acusado de qualquer crime. [...]

Hawash está preso na condição de testemunha, prisão feita legal por uma lei de 1984 que o Departamento de Justiça interpreta como permitindo deter cidadãos por um período arbitrário de tempo. Uma boa reportagem do Washington Post, no último outono, informa que o Departamento

prende pelo menos 44 pessoas, incluindo sete cidadãos dos EUA, por conta da mesma lei, muitos presos por diversos meses e alguns, possivelmente, por mais de um ano. [...]

A carreira de Hawash é a típica história de sucesso geek: nascido na Cisjordânia, formou-se pela Universidade do Texas e mestrou-se em Engenharia Elétrica. Naturalizado norte-americano, trabalhou na Compaq, ajudando a portar o Windows NT para a linha de computadores da empresa. Foi principal engenheiro do time de software MMX da Intel. [...]

Ainda não está claro porque Hawash foi preso. Seus amigos especulam que tenha a ver com as doações num total de 10.000 dólares que fez à Global Relief Foundation, uma caridade islâmica cujos fundos foram congelados no ano passado após a administração Bush ter alegado que tinha ligações com o terrorismo.

Da coluna de Declan McCullagh, na CNet. []

Guilty until proven innocent

<http://zdnet.com.com/2100-1107-996656.html>

via InternETC.

<http://cora.blogspot.com/>

Apple Records

16.Abr.2003 | Enquanto a guerra passava, o Los Angeles Times anunciou semana passada que a Apple Computer estava em negociações com a Vivendi-Universal Music. A boa e velha fábrica de Macintoshes rumo a virar gravadora?

Hoje, a Apple anunciou um lucro modesto no primeiro trimestre, 14 milhões de dólares, e boas vendas dos notebooks que lançou em janeiro. Por entre as mangas, tem para lançar um sistema de venda de música online sobre o qual sabe-se poucos detalhes e, parece, só funcionará para quem roda MacOS X. Mas o presidente Steve Jobs falou só de números, não deixou surpresas.

As notícias sobre o acerto com a Universal estão confusas. Alguns dizem que a Apple negou o acordo; outros, que a Universal negou-o; terceiros, que a Universal negou ter negado qualquer coisa. Parece que há conversa, seja ela qual for o resultado.

E por que a Apple compraria uma gravadora, afinal? A estratégia da empresa é reformular a função dos computadores. Macs, hoje, são vendidos como a central de mídias, de entretenimento e comunicação caseiras. É onde ligam-se palms, câmeras digitais, players de mp3; é onde armazena-se fotos, edita-se vídeos, troca-se emails, navega-se.

O braço de música, complementado pelo player iPod da própria Apple, é um dos potencialmente mais atraentes mas traz um defeito. A empresa – como nenhuma outra de tecnologia – não tem controle da música; e a indústria da música tem-se mostrado particularmente tacanha para lidar com a distribuição digital de seus acervos.

Assim, uma empresa de computador decide comprar uma gravadora.

Já aconteceu antes, quando a Sony comprou a CBS, transformando-a em Sony Music. Mas o problema de quando se compra uma empresa do tamanho da sua (ou maior) é que não necessariamente a lógica do comprador é posta em prática.

Steve Jobs tem temperamento forte. A ver. De repente, vaza água.

(Há um empecilho jurídico: nos anos 1970, a jovem empresa assinou um acordo com a Apple Records, dos Beatles, de que jamais entraria no negócio das gravadoras. Era preciso para que usasse o nome. Ironias do destino, pois é.) []

Will Apple Sing?

http://www.forbes.com/.../cx_ah_0418appl.html

LSD aos 60

16.Abr.2003 | "Por acidente, inalei e fiquei exultante." A frase, dita ao SwissInfo em 2001, é do químico suíço Albert Hoffmann, primeiro a sintetizar o ácido lisérgico – há exatos 60 anos.

Curioso, Hofmann decidiu usar a si mesmo como cobaia. Num dia de primavera, tomou 0,25 miligramas de LSD – três vezes a quantidade necessária para uma viagem. "Foi um horror", ele lembra.

Ele continuou a experimentar com a droga e descobriu que suas viagens traziam-lhe visões e uma sensação de felicidade. Hoffmann, que condena o uso em massa do ácido, diz que continua convicto de seus usos terapêuticos para as coisas da mente.

Aldous Huxley e Timothy Leary, que tornaram o ácido popular, já se foram. Hoffmann, aos 97 anos, continua entre nós. []

LSD takes trip down memory lane

<http://www.swissinfo.org/.../siteSect=143&sid=1768396>

Perguntas demais

16.Abr.2003 | O diário britânico Independent – que melhor cobriu esta guerra na ilha de Sua Majestade e, é provável, no mundo – traz hoje uma capa crua. "A guerra acabou", em letras capitulares, "agora as perguntas que devem ser respondidas."

A seqüência são 29 perguntas empilhadas e, nas páginas de dentro, as melhores respostas que o jornal encontra.

"Onde estão as armas de destruição em massa? Onde está Saddam? E suas ligações com a Al Qaeda? Os iraquianos sentem-se livres? A ONU continua relevante? Por que tantos jornalistas morreram? Quanto tempo os soldados ficarão lá? Isto é o início de uma reorganização do Oriente Médio?"

A última: "O mundo ficou mais seguro?"

O Independent sai desta guerra um bocado pessimista.

E cá o weblog volta a sua programação normal, ainda de olho no Oriente Médio, mas já a busca dum noticiário mais variado. Será difícil manter o bom humor nas próximas semanas: o mundo é outro após estas três intensas semanas, as regras mudaram – só não está claro quais são. []

The war is over. Now the questions that must be answered

<http://argument.independent.co.uk/.../story=397647>

Em memória

15.Abr.2003 | Mohammed Saeed Al-Sahaf, o popular ministro da informação iraquiano, enforcou-se poucas horas antes de os EUA invadirem Bagdá. Ao menos, é o que divulga a imprensa iraniana e o britânico Guardian publica.

Al-Sahaf teria ordens de ficar até o fim, demonstrando normalidade ao mundo. Ninguém confirma. []

Al-Sahaf in suicide riddle

<http://media.guardian.co.uk/broadcast/story/0,7493,937425,00.html>

Teocratas

15.Abr.2003 | Representantes de alguns dos movimentos opositores a Saddam Hussein reuniram-se hoje, na histórica cidade de Ur. Decidiram pela dissolução do Partido Ba'ath que governou o país por décadas. Mas deixaram em aberto a separação de Igreja e Estado. Teocracia cogitada.

Nas ruas, a população xiita grita "Não aos EUA, não a Saddam" – ao que o ministro das relações exteriores britânico Jack Straw disse, muito satisfeito, tratar-se de uma democracia nascente.

Um oleoduto entre o Iraque e a Síria foi interrompido – embora ainda não esteja claro que seja o único oleoduto a ligar os países. (Mais sobre o conflito na coluna de amanhã, dia 16.)

Postado às 18h30, hora de Brasília. []

First step towards postwar Iraq

<http://www.guardian.co.uk/Iraq/Story/0,2763,937220,00.html>

Parêntesis

15.Abr.2003 | Numa nota à parte: está cada vez pior a situação do provedor Terra. Os usuários estão sem email há mais de dois dias, já, e a equipe de atendimento não informa nada – apenas põe a culpa num fornecedor anônimo. []

Síria acuada

14.Abr.2003 | A pressão sobre a Síria está pesada. Mas quais os objetivos norte-americanos exatamente? É uma ameaça de guerra? De sanções? O secretário de Estado Colin Powell, o de defesa Donald Rumsfeld, o porta-voz da Casa Branca Ari Fleischer e o próprio presidente norte-americano George W. Bush falaram sobre a Síria nas últimas 24 horas.

Pontualmente, são duas as acusações diretas que estão sendo feitas. A primeira, de que a Síria tem armas de destruição em massa; a segunda, de que está oferecendo asilo para a alta cúpula do regime de Saddam Hussein – quiçá, para o próprio ditador.

Como no regime de Saddam, também se chama Ba'ath o partido que está no poder sírio há vários anos. Têm histórias parecidas e a mesma inspiração stalinista. Por outro lado, o presidente Bashar Assad é jovem, sua postura ligeiramente desajeitada dificilmente inspira ao mundo os mesmos receios que Saddam Hussein.

A primeira reação inglesa foi a de pular fora. O chanceler Jack Straw rapidamente garantiu que o país não é o próximo alvo. A mesma garantia, ninguém no governo norte-americano deu.

Sob o argumento de que é preciso vigiar as fronteiras do Iraque, os EUA estão concentrando tropas no caminho da Síria.

Ainda assim, a princípio parece difícil uma nova guerra no curto prazo. Toda a pressão internacional que antecedeu ao conflito com o Iraque tende a se repetir sendo que, desta vez, ao que parece, o Reino Unido não será mais um aliado. E, também desta vez, a oposição árabe tende a ser bem maior. Duas guerras seguidas no Oriente Médio, afinal, são forte indício de que nenhum regime problemático estará seguro. E, problemáticos aos olhos norte-americanos, quase todos são.

No fim das contas, é possível que seja apenas um jogo de pressões diplomáticas cujo objetivo é abaixar a crista dos galos regionais – quiçá conseguir a entrega dos líderes iraquianos que os EUA procuram. Se é boa estratégia, essa é outra história.

Postado às 17h20, hora de Brasília. []

Background / Shock and Assad - Israel's wish list

<http://www.haaretzdaily.com/hasen/.../contrassID=2>

Washington's political war on Syria, Takrit negotiates and fight; vagueness in al-Najaf

<http://www.arabicnews.com/ansub/Daily/Day/030414/2003041424.html>

A voz da Dama Cinzenta

13.Abr.2003 | Após uma campanha militar de três semanas que depôs o regime de Saddam Hussein, a administração Bush pode sentir-se tentada a levar as tropas norte-americanas contra o próximo dragão fumegante na fila, seja ele a Síria, o Irã ou a Coreia do Norte. Se é verdade que o presidente Bush tem todo o direito de sentir-se satisfeito com a vitória no Iraque, ele não deveria confundir conquista militar com a validação de sua doutrina de guerras preventivas.

Nós não gostávamos da doutrina combativa quando foi formalmente apresentada em setembro último porque ela parecia distanciar-se da inclinação histórica da América de trabalhar com outras nações para preservar a paz e confiar no uso da força apenas quando a segurança estava diretamente ameaçada. A derrubada do Sr. Hussein não faz dela mais válida.

Não fazemos pouco da conquista das forças armadas americanas. Mas sua vitória era o único elemento desta campanha sob o qual nunca pairou dúvidas - assim como não há dúvidas de que os soldados americanos podem derrubar estátuas em Damasco, Teerã ou mesmo Pyongyang se receberem ordem para tal. O problema é que cada um destes casos têm suas próprias complexidades, suas próprias consequências. Não há fórmula única que resolva as questões do mundo e, mesmo que houvesse, estamos longe de saber se esta fórmula é a aplicada no Iraque. A situação continua caótica e vai demorar um bom tempo para que possamos julgar se a intervenção da América trará democracia e prosperidade para o Iraque ou se melhorará a situação no Oriente Médio.

Trecho inicial do editorial de hoje no New York Times.

Postado às 14h10, hora de Brasília. []

Aftermath: The Bush Doctrine

<http://www.nytimes.com/2003/04/13/opinion/13SUN1.html>

Olho por olho

13.Abr.2003 | Diversos jornais e tevês no mundo estão divulgado que, entre os 50.000 objetos pilhados do Museu Nacional do Iraque, está a estela original do Código de Hamurabi.

Seria uma tragédia de dimensões catastróficas no que já é uma tragédia de dimensões monumentais.

Mas a estela original, pesando várias toneladas, repousa no Louvre, em Paris, fruto de pilhagens passadas.

Postado às 13h45, hora de Brasília. []

Hamurabi original no Louvre

<http://www.louvre.fr/anglais/collec/ao/meso.htm>

Looters plunder enormous museum Archaeological officials heartsick over theft of historical treasures thousands of years old

<http://sfgate.com/cgi-bin/article.cgi?f=/c/a/2003/04/13/MN147650.DTL>

Reprodução maior da estela de Hamurabi

<http://web.mit.edu/lxs/www/photos/parents/march/louvre-babylonian-code.html>

Batalha por Tikrit

13.Abr.2003 | Segundo a CNN, pelo menos 2.500 homens da Guarda Republicana Especial resistem ainda às tropas norte-americanas em Tikrit, região natal de Saddam Hussein. Não há notícias, ainda, de quem está no comando. Especula-se que sejam militares de alta-patente do regime deposto.

Às 13h10, hora de Brasília. []

A íntima relação entre Moscou e Bagdá

13.Abr.2003 | O jornal britânico The Sunday Telegraph apresenta em sua edição de hoje a descrição de uma série de documentos descobertos em Bagdá que mostram os favores de espionagem prestados pelos russos ao regime de Saddam Hussein. Oficialmente, o governo russo não se pronunciou. O relacionamento entre os dois países, segundo os documentos obtidos pelo sério Telegraph, vem pelo menos desde 2000 e se estendeu até as preliminares da guerra.

Moscou cedeu ao governo de Hussein uma lista de assassinos ao redor do mundo que poderiam ser usados para missões especiais. Além disto, foram assinados acordos de cooperação mútua no que tange a inteligência, e trocas de informação a respeito de Osama bin Laden e sua Al Qaeda. Ainda segundo o diário, os documentos, em árabe, estavam no prédio do Departamento de Inteligência iraquiano, pesadamente bombardeado, em Bagdá.

Entre as várias informações que o governo russo cedeu ao iraquiano estão os detalhes de pelo menos uma conversa pessoal entre os premiês britânico Tony Blair e o italiano Silvio Berlusconi, relatórios de venda de armamentos para outros países do Oriente Médio, dados da sucessão de governo na Arábia Saudita e papéis do relacionamento entre os EUA e o Irã.

É o tipo da informação capaz de azedar a relação entre a Rússia, de um lado, Estados Unidos e demais países europeus do outro - inclusive seus mais recentes aliados, França e Alemanha.

Mas esta complexa relação entre os governos de Vladimir Putin e de Saddam Hussein não são novidade nesta guerra. A diferença é que a história começa a sair do terreno das teorias conspiratórias e ganha documentação.

No centro dos rumores da última semana está o estranho ataque ao embaixador russo que deixava Bagdá, há uma semana exatamente. Oficialmente, não se sabe se foram tropas norte-americanas ou iraquianas que o atacaram. Mas, segundo os rumores, foram os EUA.

A alegação é que a manutenção da embaixada russa em Bagdá já vinha irritando os EUA fazia tempo. O país acusava a Rússia de, justamente, fornecer inteligência ao Iraque. Quando finalmente a embaixada foi esvaziada, o governo norte-americano irritou-se novamente quando os russos anunciaram que deixariam o país seguindo pela fronteira com a Síria e não, como desejavam os EUA, pela Jordânia.

O governo sírio, que intimamente ligado ao regime de Hussein, poderia ser destino de papéis que os russos retiravam do país. O ataque visou justamente impedir a queima de arquivos. Agora, os rumores ganham bases mais sólidas.

Moscou não se pronunciou a respeito.

Publicado às 13h, hora de Brasília. []

Revealed: Russia spied on Blair for Saddam

<http://www.telegraph.co.uk/news/.../2003/04/13/ixportaltop.html>

A horda ocupa as ruas

11.Abr.2003 | Há três tipos de movimento ocorrendo em Bagdá e diversas outras cidades do Iraque no terceiro dia após a queda do regime.

1. Saques. Tudo é saqueado. Começou com os palácios de Saddam, seguiu aos prédios do governo, passou pela ONU, embaixadas, bancos e em direção a lojas e fábricas que nada têm a ver com o tirano que passa. A queixa geral é de que os soldados norte-americanos permitiram e até incentivaram o processo em seu início. Agora, parece incontrolável.

2. Resistência. Há bolsões de resistência isolados em todo o país. Ao que parece, são em grande parte tocados por estrangeiros que vieram ao Iraque como voluntários.

3. Política. Há uma pesada movimentação política nas várias oposições. Alguns ficam calados, na espreita, esperando o melhor momento para interceder e conquistar um naco de poder; outros, alinham-se com os norte-americanos e reclamam vagamente da pouca participação de iraquianos no governo imediato do país. O terceiro grupo, de olho num possível clamor popular, convoca os ocidentais a deixarem o país e suas terras sagradas.

A missão imediata de britânicos e norte-americanos é reestabelecer a ordem. Não é missão das mais fáceis.

Postado às 18h, hora de Brasília. []

Ressentimento

11.Abr.2003 | Velhos e jovens, reunidos em pontos de ônibus em Damasco, Síria, ou em pontos de táxi em Amã, Jordânia, juraram lutar, com atentados suicidas se necessário.

Mas os árabes esperavam juntar-se a um exército sólido com liderança firme. A dissolução do governo iraquiano, o desmonte do exército e a surpreendente invisibilidade da querida Guarda Republicana deixou muitos desencorajados e desiludidos.

"Fomos atingidos pelos iraquianos pelas costas e pelos americanos pela frente", disse Abdullah.

Postado às 17h25, hora de Brasília. []

Some Arab volunteers returning home, disillusioned by jihad in Iraq

<http://www.sfgate.com/cgi-bin/.../international>

Palavra da oposição

11.Abr.2003 | [Membros da oposição iraquiana] disseram ao Gulf News que, apesar de não virem alternativa a uma invasão para livrar o país deste "regime extraordinariamente tirânico", eles estão desapontados que a Administração Americana não tenha demonstrado interesse num papel para a oposição nas próximas semanas.

Um dos principais líderes no exílio, Sayyed Mohammed Bahrul Uloum, imã do Centro Islâmico Al Khoei, em Londres, acredita que "a maioria dos iraquianos não desejam os norte-americanos ocupando sua terra".

"Nós todos queríamos o fim do regime de Saddam", diz Nahrul Uloum. "Saddam Hussain levou os iraquianos à destruição em guerras, uma após a outra, e podemos ver o que Saddam fez ao país nesta última guerra."

Em sua opinião, o papel da oposição iraquiana é ajudar os iraquianos diretamente "a decidir o futuro que desejam. Queremos chamar a atenção da comunidade internacional e dos Estados Unidos que os iraquianos deveriam ter a liberdade para eleger seus representantes."

Apenas uma pista das dificuldades políticas futuras que as forças anglo-americanas vão enfrentar. O próximo passo é um chamado à expulsão dos infiéis das sagradas terras entre o Tigre e o Eufrates.

Postado às 16h, hora de Brasília. []

Difficult road ahead for Iraqi opposition

<http://www.gulf-news.com/Articles/news.asp?ArticleID=83917>

Guerra sem parar

10.Abr.2003 | Para uma guerra em seus finais, o dia foi um bocado violento, no Iraque. Um atentado suicida feriu gravemente quatro norte-americanos na capital e um número não divulgado de iraquianos morreram em diversos locais da cidade.

Na cidade sagrada xiita de Najaf, o clérigo Abdul Majud al-Khoei, filho de um dos mais importantes aiatolás iraquianos, foi morto mais cedo, assim como seu guarda-costas. É o tipo da coisa que pode acirrar tensões religiosas. Al-Khoei, 41 anos, tinha acabado de retornar do exílio, em Londres.

E, no Afeganistão, onze civis morreram durante um bombardeio norte-americano, ontem, mais ou menos na mesma hora em que Bagdá era conquistada.

Postado às 18h30, hora de Brasília. []

Afghanistan: Worst US bombing mistake kills 11

http://www.iribnews.com/.../news_id=177729&n=20

Shia Muslim cleric assassinated

<http://www.guardian.co.uk/Iraq/Story/0,2763,934178,00.html>

O novo presidente?

10.Abr.2003 | Enquanto o mundo assistia ainda atônito à queda da estátua de Saddam Husseina na Praça da Liberdade, no centro de Bagdá, Ahmed Chalabi fazia um discurso em Al Nassíria protegido por uma meia dúzia de marines. "Estou de volta", gritou ao povo.

Sim, o líder do Congresso Nacional Iraquiano, o grande costurado de oposições a Saddam, está de volta ao seu país após 40 anos no exílio. O que, no caso de um homem com 58 anos, indica que viveu até o finzinho da adolescência no Iraque e, depois, noutro mundo.

Amplamente desconhecido, é o principal nome da oposição, o mais carismático, e o mais provável nome para assumir a presidência. Hoje, a Slate traz um seu perfil.

Chalabi foi mau soldado: fracassou na tentativa de estabelecer um Exército de Libertação do Iraque. Foi também mau contador: um processo por fraude bancária envolvendo 70 milhões de dólares o espera na Jordânia e o Departamento de Estado dos EUA ainda quer saber o destino doutros 4 milhões, doados para seu projeto de independência do país.

Desconhecido em sua terra, pois, estrategista ruim e corrupto. No entanto, excelente político. Na sua presença, todas as outras forças de oposição brigam entre si, permitindo sua ascensão.

Numa democracia ocidental típica, dá um presidente igualmente típico.

Postado às 9h25, hora de Brasília. []

Why shouldn't a politician be president of Iraq?

<http://slate.msn.com/id/2081360/>

Bush e Blair falam aos iraquianos

10.Abr.2003 | O presidente norte-americano George W. Bush falou agora há pouco aos iraquianos pela televisão e rádio. Um discurso direto com legendas em árabe cuja mensagem essencial foi uma promessa de liberdade e controle político ao povo iraquiano.

Na seqüência, foi a vez de Tony Blair, premiê britânico, que falou contra o mesmo cenário grená que Bush. Seguiu na mesma linha: "Este novo Iraque não será governado pela Grã-Bretanha, pelos Estados Unidos ou pela ONU. Será governado por vocês." Acusou Saddam de viver uma vida de luxos enquanto o país empobreceu.

Várias pequenas batalhas ainda acontecem em Bagdá, principalmente no leste da capital, próximo a uma mesquita onde um boato garantia estar Saddam Hussein. Não foi encontrado. A cidade não está nada segura, ainda, conforme milicianos isolados e saqueadores ainda inundam as ruas.

Concretamente, nenhuma notícia de Saddam.

Postado às 9h30, hora de Brasília. []

The big question: Where's Saddam?

<http://www.msnbc.com/news/897268.asp?0sl=-33>

Exílio

09.Abr.2003 | Cada vez mais diminuta a possibilidade de a guerra continuar com resistência no norte, em Tikrit: o alto-escalão do regime está tomando o rumo da Síria na busca de exílio, informa o Pentágono.

Postado às 18h15, hora de Brasília. []

Leaders fleeing to Syria - US

http://www.news24.com/.../0,,2-10-1460_1345447,00.html

Sorte na guerra, já na economia...

09.Abr.2003 | O FMI soltou, hoje, um relatório a respeito das perspectivas da economia mundial. Pinta um cenário preocupante para os norte-americanos: acha que o pacote de cortes de impostos do presidente George W. Bush vai encolher a economia, não aquecê-la; no mais, mesmo com a confirmação da queda do Iraque, o Fundo não é otimista quanto ao fim da ação terrorista no país.

(Para o Brasil, o fundo sugere cautela, mas gosta do que vê. Acha que o país cresce 2,8% este ano e 3,5% em 2004. Não dá um Chile: o fundo aposta que nosso vizinho crescerá 4,8%, no ano que vem.)

Postado às 17h10, hora de Brasília. []

IMF: Post-Iraq, U.S. economy still at risk

<http://www.upi.com/view.cfm?StoryID=20030409-024343-9810r>

World Economic Outlook

<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2003/01/index.htm>

Fundamentalistas

09.Abr.2003 | Uma das características do ocidente moderno é que, em tempos de crise, ele se resguarda no extremismo religioso e político. [...] Após o 11 de setembro, o ocidente, e especialmente os EUA, entraram num contexto de crise, que permitiu à direita reacionária e fascista que alcançasse influência na estrutura política. Esta não foi uma reação espontânea aos ataques do 11 de setembro; muito antes, a direita norte-americana já vinha fazendo declarações e preparando estudos que sugeriam a adoção de uma linha dura. De repente, após o 11 de setembro, o 'time da guerra' alcançou o poder.

Alguns no mundo árabe vão atribuir isto a uma conspiração. Mas vamos esperar que venham documentos históricos antes de determinar se houve conspiração de fato. De qualquer forma, o repentino crescimento da extrema direita no ocidente, e especialmente nos EUA, representa a maior ameaça ao mundo e em particular ao próprio ocidente. Nisto, me refiro ao ocidente liberal, aberto, que respeita os valores pelos quais lutou incansavelmente. [...]

Isto mostra que o futuro do mundo na globalização não está onde muitos no mundo árabe o imaginam. As forças árabes e muçulmanas devem aliar-se ao ocidente iluminista contra o ocidente reacionário. Este é o grande desafio para nossas comunidades. A "mãe de todas as batalhas" para estas comunidades é atingir reforma em casa. Apenas a reforma vai impedir que os EUA interfiram com nossos assuntos domésticos sobre o pretexto de "consertar" nossos problemas.

Do professor Mohammad Jaber al Ansari, do Bahrain, no diário árabe Al-Hayat. Escrito por árabe para consumo do público árabe. No mínimo curiosa a análise, um tanto na linha que nós costumamos fazer deles, apenas com os papéis invertidos.

Postado às 16h40, hora de Brasília. []

Which West Are We Supposed To Cohabitate With?

<http://english.daralhayat.com/opinion/.../000b-bb61b3b898a9/>

Monumento à vitória

09.Abr.2003 | No link: da série humor numa hora dessas. []

NoFear.org

http://www.nofear.org/.../latest_from_baghdad.html

Onde está Saddam?

09.Abr.2003 | Há várias versões circulando:

1. A Rússia nega que o ditador iraquiano tenha procurado abrigo em sua embaixada, embora a possibilidade tenha sido levantada.
2. O site DebkaFile, de Israel, sustenta que ele fugiu para a Síria. É uma fonte pouco confiável, mas acerta vez por outra.
3. Saddam pode ainda ter fugido para sua terra natal, Tikrit, ou estar escondido num bunker, em Bagdá.
4. Por fim, Saddam pode estar morto - pelas mãos norte-americanas, em bombardeio, ou por suicídio, ou por golpe.

Postado às 12h, hora de Brasília. []

Hussein dead? Alive? No one knows for sure

<http://www.sfgate.com/.../2003/04/09/MN39717.DTL>

Is Saddam Hiding in Syria?

<http://www.iraqwar.ru/.../articleId=2354&lang=en>

Russia says Saddam 'not at embassy'

http://www.ananova.com/news/story/sm_769013.html

Saddam abaixo

09.Abr.2003 | Uma cena de ódio e dança toma conta, agora, das ruas de Bagdá, conforme iraquianos pulam sobre os escombros da maior estátua de Saddam Hussein, no centro da capital.

A estátua foi derrubada com a ajuda de um veículo blindado norte-americano. Resistente, bem presa a seu pedestal, as manobras custaram pouco mais de uma hora até que ela viesse ao chão.

Houve um momento de apreensão, quando um soldado ocidental amarrou à cabeça de Saddam uma bandeira dos EUA - mas a má idéia foi logo percebida, quando a população na praça reagiu.

Então, uma bandeira iraquiana surgiu, e o soldado substituiu o símbolo de seu país pelo do Iraque. No fim, a estátua terminou derrubada sem qualquer uma das duas.

A bandeira iraquiana passa, agora, de mão em mão, na multidão.

Em toda a cidade, estátuas de Saddam estão sendo derrubadas.

Postado às 11h50, hora de Brasília. []

Caos na capital

09.Abr.2003 | Há apenas alguns focos de resistência na capital iraquiana. A principal preocupação da 3a Divisão Mecanizada nos EUA é estabelecer algum tipo de força policial na cidade. A percepção de que o regime havia deixado sua capital se deu primeiro na Cidade de Saddam, um subúrbio pobre de Bagdá, onde a maioria é xiita, e no qual a população rapidamente ganhou as ruas, muitos carregando imensos retratos do Aiatolá Khomeini - líder da revolução religiosa do Irã. Há saques em Bagdá, como os que começaram a ocorrer no final de semana em Basra.

O que houve? Não foi uma batalha específica. Pode ter sido que Saddam Hussein tenha morrido no bombardeio de ontem; pode ter sido o colapso das forças armadas perante a pressão das últimas três semanas. Hoje, afinal, faz 21 dias o início da guerra.

As comunicações entre o que resta do poderio militar iraquiano estão monitoradas pelos norte-americanos e, onde bolsões de resistência surgem, são rapidamente esmagados. Uniformes e tanques abandonados completam a paisagem na cidade.

O exército regular do Iraque não chegou a se apresentar nesta guerra, informam os analistas da Strategy Page, que acompanham o conflito desde seu início. Como os generais resistiram às pressões do regime e ameaças de assassinato? É possível que tenham sido circundados por guarda-costas de confiança. O resultado é que a Guarda Republicana terminou sobrecarregada e, ainda segundo a Strategy Page, expôs-se demais no deserto, quando deveria ter-se refugiado na cidade mais cedo.

A guerra não acabou. Não há notícias de onde foram parar os ministros de Saddam Hussein, seus filhos ou mesmo ele próprio. Podem estar na maioria mortos, mas não necessariamente. Uma das possibilidades é que tenham tomado o rumo do norte em direção a Tikrit, de onde a maioria é natural. Lá, pode-se formar o último, grande e violento foco de resistência à invasão norte-americana. O rolar do dia deverá deixar mais claro este cenário.

Paul Wood e Rageh Omaar, correspondentes da BBC na cidade, informam que há felicidade nas ruas pelo sumiço de Saddam mas que as impressões da população não são necessariamente pró-americanas. A maioria xiita, por exemplo, procura as lideranças iranianas. Há um forte ressentimento em relação à década de embargo que empobreceu a todos. Como este sentimento de gratidão pelo fim do regime se intercalará com a raiva pelo embargo e pelos inocentes mortos nas últimas semanas ainda está para ser visto.

Mais, conforme apareça.

Postado às 8h40, hora de Brasília. []

BBC Reporters' Log

http://news.bbc.co.uk/2/hi/in_depth/world/2003/reporters_log/

Strategy Page: Baghdad Doesn't Fall, It Crumbles

<http://www.strategypage.com/.../default.asp?target=Iraq>

Bagdá caiu

09.Abr.2003 | As tropas norte-americanas controlam agora quase toda capital iraquiana. Hoje de manhã, os censores que acompanharam os jornalistas estrangeiros pela cidade não apareceram. Há festa nas ruas.

Mais, conforme apareça.

Postado às 6h15, hora de Brasília. []

Anarchy as Saddam's regime lies in tatters

<http://news.independent.co.uk/.../story.jsp?story=395444>

Porre seco

08.Abr.2003 | Os Alcoólicos Anônimos têm um nome para quem está bêbado em todos os aspectos com a exceção da intoxicação alcoólica em si. Dizem que esta pessoa está num "porre seco". Não é um termo para julgar ninguém. [...]

Mas, ainda assim, as batalhas passadas de Bush com a garrafa devem ser ponderadas em tempos como esses, um dos mais perigosos na história da nação. Quando alcoólatras em recuperação começam a se engajar no que o AA chama de "pensamento torpe", ele ou ela começa a mostrar as velhas atitudes e patologias dos tempos em que bebia. Isto inclui ansiedade, leves tremores, leve depressão, sono perturbado, dificuldade para pensar com clareza, irritabilidade, estouros de raiva e mudanças de humor repentinas. [...]

Há uma pergunta que merece ao menos uma pausa para consideração: como que ele, aos 58 anos, tornou-se incapaz de costurar duas frases coerentes em sequência, ficou irritadiço com qualquer um que ousa discordar ou mesmo questioná-lo? Por que virou as costas para o presidente de um dos países aliados mais importantes por conta do que ouviu dizer (Schroeder, da Alemanha)? De onde vem sua necessidade constante de férias e descanso? Como ficou obcecado com uma única coisa (Iraque), a ponto de excluir todas as outras (incluindo a economia)?

Análise do jornalista Alan Bisbort, publicada no American Politics Journal, em setembro do ano passado.

Postado às 17h, hora de Brasília. []

'Dry Drunk' - Is Bush Making A Cry For Help?

<http://www.rense.com/general29/drydrunk.htm>

Bush's Life-Changing Year

<http://www.washingtonpost.com/.../bush072599.htm>

My name is George, and I'm an alcoholic

<http://archive.salon.com/politics/feature/2001/07/26/drunk/>

E agora, Saddam?

08.Abr.2003 | Os EUA têm a esperança de ter eliminado Saddam Hussein.

Sua inteligência tinha informações de que o presidente estava numa renião com seus dois filhos e mais 50 líderes do partido Ba'ath, num bunker.

Em pouco tempo, 3 bombas anti-bunkers, pesadíssimas e desenhadas para causar impacto de profundidade, foram jogadas contra o local.

Ainda não há confirmação.

Postado às 8h55, hora de Brasília. []

'Saddam caught in blast'

<http://www.guardian.co.uk/.../0,2763,932109,00.html>

Mais jornalistas

08.Abr.2003 | No meio da desastrosa operação no centro de Bagdá, as forças norte-americanas abriram fogo também contra o Hotel Palestine, onde estão a maior parte dos correspondentes estrangeiros.

Morreram dois câmeras, um da Al Jazeera, outro da Reuters.

Segundo o exército norte-americano, havia atiradores de elite no terraço do hotel.

Postado às 8h50, hora de Brasília. []

Journalists injured as Baghdad hotel attacked

<http://media.guardian.co.uk/.../0,7493,932199,00.html>

Guerra: Pelos subterrâneos de Bagdá

08.Abr.2003 | Bagdá está cercada de leste a oeste, passando pelo sul. As operações militares contra a cidade são executadas pela 1a Brigada de Tanques e pela 3a Divisão Mecanizada dos EUA, que dominam algumas das pontes nos rios Tigre e Eufrates, além do Aeroporto Internacional.

Durante a madrugada no Brasil, 70 tanques e 60 carros blindados da 3a Divisão Mecanizada deixaram o Aeroporto em direção ao leste, entrando na capital, flagrando por trás tropas iraquianas. À invasão, seguiu-se uma pesada descarga de artilharia contra cinco prédios do governo, entre eles os ministérios da Informação e das Relações Exteriores.

Segundo o Principal Diretório de Inteligência (GRU), ligado ao exército russo, o objetivo da ação era garantir acesso ao sistema de bunkers subterrâneos de Bagdá, onde espera-se encontrar os principais líderes do regime, além de fartos estoques de munição.

O mesmo objetivo tinha movido a ação interior, na manhã de ontem, quando dois palácios presidenciais localizados nos subúrbios da capital foram invadidos. Estavam vazios, desprotegidos, e nada encontrou-se.

Após o ataque aos ministérios, seguiu-se uma tentativa de invadi-los. Neste momento, travou-se uma batalha de duas horas entre a Guarda Republicana e as tropas norte-americanas. Os ocidentais perderam dois tanques, três veículos blindados e pelo menos oito soldados, além de trazer de volta ao aeroporto 20 feridos. Não há estimativas, ainda, para números do lado iraquiano.

Ainda - e desde o início - segundo a GRU, a ação foi considerada um fracasso e os oficiais que a ordenaram tiveram que ouvir uma bronca do general Tommy Franks, que visitou o aeroporto ainda ontem.

Um pequeno alerta - Desde o início da guerra, e com cada vez mais intensidade, leitores vêm-me sugerindo o site da GRU como fonte de informação. Resisti ao máximo.

O site, iraqwar.ru, é oferecido aos leitores sem nenhuma ou qualquer garantia de autenticidade. Os russos oferecem a informação, acredita quem quiser. Nunca foi renegado, o que, a essas alturas, é por certo um sinal positivo.

Sua credibilidade é discutida na web já desde o início da guerra. Ontem, o diário britânico The Guardian elogiou-o. E, conforme o excesso de dados dos últimos dias vem transformando-se em

informação nenhuma ou confusa, a GRU ganha status. É o único lugar a contar uma história com início, meio e fim, com contexto.

Ainda assim, é informação para ser digerida com um pé atrás.

Às 8h40, hora de Brasília. []

Russian Military intel update: April 7

http://www.iraqwar.ru/iraq-read_article.php?articleId=2184&lang=en

What is GRU?

<http://www.aeronautics.ru/news/news002/news072.htm>

Mais dois

07.Abr.2003 | Hoje é dia do jornalista, e mais dois morreram. Desta vez, em Bagdá.

Segundo o Guardian, são Julio Anguita Parrado, do diário espanhol El Mundo, Christian Liebig, da revista alemã Focus.

Fazem sete jornalistas mortos na cobertura.

Postado às 19h, hora de Brasília. []

Julio A. Parrado, periodista de EL MUNDO, muere en Bagdad

<http://www.elmundo.es/.../enespecial/1049745916.html>

Repórteres sem fronteiras

http://www.rsf.org/article.php3?id_article=5497

A mão do diabo

07.Abr.2003 | Em 1972, o senador democrata George McGovern perdeu a eleição presidencial nos EUA. Ano e meio após sua derrota, o vencedor renunciou à presidência, envolto num escândalo de espionagem que envolvia os escritórios, em Washington, da campanha de McGovern. Deveria ter sido presidente, o senador da Dakota do Sul, mas nunca o foi. Pacifista, veterano da Segunda Guerra, pode ao menos guardar no currículo que perdeu para Richard Nixon e que, naquele caso, o povo norte-americano estava errado.

Na última edição da revista norte-americana de esquerda The Nation, escreve o seguinte:

Seguido à tragédia do World Trade Center e do Pentágono no 11 de setembro, o mundo se uniu em sua simpatia e apoio à América. Mas graças ao unilateralismo arrogante, à diplomacia grosseira, desastrosa e pouco criativa de Washington, Bush transformou o apoio mundial num mundo unido contra nós. [...]

Em sua campanha presidencial, Bush dizia que era "alguém que une, não que divide". Como um crítico disse mais tarde, "é verdade, uniu todo o mundo contra ele." Do jeito brusco e solitário com que se relaciona com o Congresso, com a ONU e incontáveis nações, grandes e pequenas, Bush parece ter dito "Vá conosco se quiser, mas nós estamos indo para a guerra com um pequeno reino desértico que não fez nada contra a gente, queira você ou não." A frase é ótima para jogos de machão, mas é um tapa na cara da frase de [Thomas] Jefferson, "um respeito decente para as opiniões da humanidade." [...]

O presidente confia frequentemente para amigos que ele é guiado pela mão de Deus. Mas se Deus o guiou nesta invasão ao Iraque, ele enviou uma mensagem diferente para o papa, para o Conselho Nacional de Igrejas Protestantes e para muitos rabinos distintos – pois todos acreditam que a invasão e bombardeamento do Iraque é contra Sua vontade. [...]

Quando eu era piloto de bombardeiro na Segunda Guerra, tinha um sério problema com o título de um livro popular, Deus é meu co-piloto. Meu co-piloto era Bill Rounds, do Kansas, que não tinha nada de Deus, mas que era hábil e me ajudou a trazer de volta o B-24 Liberator de trinta e cinco missões. Dou Graças a Deus por termos sobrevivido mas, de uma certa maneira, nunca consegui imaginar Deus sentado aos comandos do bombardeiro enquanto decidia quais criaturas viveriam, e quais morreriam. [...]

É claro que minha querida mãe foi para o túmulo acreditando que suas orações trouxeram o filho de volta para casa e a salvo. Talvez tenham. Mas como eu poderia explicar isso para a mãe de meu bom amigo Eddie Kendal, que rezou com igual fervor pela volta do filho? Eddie foi partido em dois por uma explosão aos 19 anos. Era o melhor jogador de baseball e caçador que conheci. Certamente que não vejo o trabalho de Deus na destruição que agora se dá no Iraque ou mesmo nos planos agora desenvolvidos para novas invasões norte-americanas em outras terras. A mão do diabo? Talvez. Não quero sugerir que estou certo a este respeito. Afinal, já passei dos 80 então não quero dizer o que é um comportamento aceitável ou não, de forma a não me atrapalhar no Dia do Julgamento Final. Já tenho muitas falhas minhas próprias. Mas devo dizer-lhe, senhor presidente, o senhor é a maior ameaça às tropas americanas. Só o senhor pode colocar nossos jovens no caminho da dor numa guerra que não era necessária. Apenas o senhor pode enfraquecer o bom nome da América e influenciar nossas relações externas. [...]

A destruição de Bagdá tem um impacto particular para nós. Na minha aula de geografia na quarta série, com a senhora Wagner, minha grande professora, fui apresentado aos rios Tigre e Eufrates, às palmeiras, às caravanas no deserto e aos oásis, às Mil e Uma Noites, Aladin e sua lâmpada maravilhosa (o primeiro filme que vi), à antiga cidade de Bagdá, Mesopotâmia, ao Crescente Fértil. Esta foi a primeira aula na escola primária que me disparou a imaginação. Aquelas imagens maravilhosas continuaram comigo pelos 70 anos seguintes. E agora me perturba ouvir as bombas da América, mísseis e máquinas militares esmagando o pedestal da civilização.

Postado às 18h, hora de Brasília. []

The Reason Why

<http://www.thenation.com/doc.mhtml?i=20030421&s=mcgovern>

Químicos

07.Abr.2003 | Um galpão descoberto a 100 km de Bagdá carregado de químicos despertou a suspeita, agora a tarde, de que pudesse ser a prova do crime.

Segunda a rádio australiana ABC, no entanto, é tudo pesticida.

Postado às 16h20, hora de Brasília. []

Suspected WMD site in Iraq turns out to contain pesticide

<http://www.abc.net.au/news/justin/nat/newsnat-8apr2003-13.htm>

via The Agonist

<http://www.agonist.org/>

Ovo da serpente

07.Abr.2003 | Há alguns dias, entrou por aqui o link para um artigo do jornal israelense Ha'aretz a respeito do número de judeus entre os ideólogos do neo-conservadorismo norte-americano. Cá está um interessante contraponto, publicado no último dia 2 pelo Wall Street Journal.

Digite "kill the Jews" (mate os judeus) num site de busca na Internet e você encontrará 5.100 páginas completas com acusações absurdas: que judeus forçaram os EUA a esta guerra contra o Iraque, que explodiram o ônibus espacial e que planejaram os ataques de 11 de setembro.

Na França, uma pesquisa mostra que 26% dos judeus estão considerando deixar o país por conta do anti-semitismo. Na Espanha, 72% das pessoas dizem que os judeus espanhóis são mais leais a Israel do que a seu país. E, nos EUA, de acordo com números do FBI, mesmo que os crimes de ódio contra muçulmanos tenham crescido 1.600% em 2001, aqueles 481 incidentes ainda eram menos que metade do que os 1.043 crimes de ódio contra judeus. [...]

"Alguns judeus estão enganando a si mesmos", diz o reverendo Walter Michel, um professor aposentado da Escola de Teologia Luterana de Chicago. "Traduza os textos anti-judaicos do mundo árabe, coisas que bilhões de pessoas lêem e ouvem diariamente, e aquilo é pior do que propaganda nazista."

Nos EUA, a guerra ampliou a retórica. No mês passado, o deputado democrata James Moran disse numa conferência pública que eram os judeus que estavam carregando o país para esta guerra contra o Iraque. Isto, apesar de as pesquisas mostrarem que apenas 52% dos judeus norte-americanos apóiam a intervenção militar, comparados com os 62% de americanos em geral que a apóiam. "Se a guerra contra o Iraque virar um problema", pergunta o reverendo Michel retoricamente, "de quem será a culpa?"

Quem a assina é o repórter Jeffrey Zaslow, do Journal.

Postado às 15h50, hora de Brasília. []

War Revives Dilemma: Are Jews Assimilated?

<http://www.interesting-people.org/.../200304/msg00060.html>

Apanhado geral

07.Abr.2003 | É quase impossível navegar pelo mar de notícias contraditórias a respeito da guerra, hoje. Cada vez mais, informar-se é uma escolha de em quem acreditar. Mas isto é o que parece estar ocorrendo.

Em Bagdá, o Aeroporto Internacional está definitivamente conquistado pelas tropas norte-americanas e aviões cargueiros já começaram a aterrisar por lá. É importante porque mantém o fluxo de mantimentos, ampliando a quantidade de tempo no qual um cerco à capital será possível.

Tanques norte-americanos e outros veículos blindados estão fazendo rápidas missões dentro da capital iraquiana. Agora de madrugada, entraram num dos Palácios Presidenciais de Saddam Hussein. Parece ser mais um esforço de propaganda com o objetivo de transmitir aos iraquianos com acesso à tevê a imagem de um regime em frangalhos, humilhado, do que missões com objetivo estratégico-militar. Por enquanto, no entanto, enfrentam os fedayeen milicianos e não a Guarda Republicana. Que sumiu. (Ou, de fato, foi devastada.)

Já na segunda maior cidade do país, Basra, os britânicos vivem outra fase. Cercaram-na por duas semanas e, agora, a guerra urbana começa ficar mais densa. Divulgaram que o corpo de Ali

Químico, primo de Saddam e general responsável pela defesa do sul do país, foi encontrado. Esta é a versão norte-americana, nem confirmada, nem desmentida pelos iraquianos.

No norte, há um avanço discreto em direção ao sul, por parte dos curdos. É importante porque entre o Curdistão e Bagdá está toda a região ao redor de Tikrit, terra de nascimento de Saddam, e onde provavelmente se dará o último bolsão de resistência de seu regime.

Ontem, está em todos os jornais já, um pequeno comboio curdo-americano foi bombardeado por caças dos EUA. Nele, estava o irmão de Massoud Barzani, líder do Partido Democrata Curdo. E também o principal correspondente da BBC, John Simpson.

Postado às 9h, hora de Brasília. []

'This is just a scene from hell'

http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle_east/2921807.stm

14 dias

07.Abr.2003 | Hoje faz duas semanas que Salam Pax, o blogueiro de Bagdá, comunicou-se com o mundo pela última vez.

Postado às 8h45, hora de Brasília. []

Dear Raed

http://www.dear_raed.blogspot.com/

A primeira vítima

07.Abr.2003 | Por que ajudamos a espalhar as mentiras de propaganda desta guerra imunda? Que houve, por exemplo, para que virasse "estilo" da BBC descrever os invasores anglo-americanos como "coalizão". Isto é uma mentira. A "coalizão" que deveríamos obviamente lembrar é aquela forjada para tirar as tropas de ocupação iraquianas do Kuwait, em 1991, uma aliança que envolvia dúzias de países - e quase todos condenam a aventura do presidente Bush Junior no Iraque. Existe uma meia dúzia de soldados de elite australianos passeando pelo deserto, cortesia do excêntrico primeiro-ministro John Howard, mas termina aí.

Então, por que a BBC decretou esta palavra desonesta, "coalizão"? É verdade, existe uma "coalizão dos dispostos", para usar a estranha frase que Bush usa para referir-se àqueles países que permitiram aos EUA o uso de seu espaço aéreo ou algum apoio político, mas que não participam militarmente. Então, a frase "forças da coalizão" continua uma mentira.

Robert Fisk, de Bagdá, continua em seu comentário de hoje, no diário britânico The Independent.

Postado às 8h35, hora da Brasília. []

The twisted language of war that is used to justify the unjustifiable

<http://argument.independent.co.uk/.../story=394704>

Guerra: Russos atacados

06.Abr.2003 | O comboio que levava o Embaixador russo no Iraque foi atacado hoje pela manhã, a alguns quilômetros de Bagdá. Moscou havia decidido ontem esvaziar sua representação diplomática no país por conta da falta de segurança. Tanto o generalato anglo-americano quanto o iraquiano foram informados da rota que o comboio seguiria da capital até a fronteira com a Síria

para evitar acidentes. Estes são os fatos - a partir daí há uma penumbra de informações desencontradas.

Segundo uma testemunha, o comboio deixou tranquilamente Bagdá e, após alguns minutos fora da cidade, encontrou uma batalha a frente. Por ordem do embaixador, desviaram da rota pré estabelecida e, a 8 quilômetros da capital, viram-se sob ataque. Os feridos foram tratados e enfaixados, e a viagem retomada. A uns 15 quilômetros da capital, novo ataque. Agora, procuram o primeiro hospital. Não há notícias de se o comboio civil, que carregava bandeiras russas, foi vítima de fogo anglo-americano ou iraquiano. Ainda bem no início da manhã, a BBC chegou a anunciar que o embaixador russo em Washington havia sido convocado de volta a Moscou, mas a notícia não foi confirmada.

O comboio carregava 25 pessoas incluindo o embaixador Vladimir Titorenko, a maioria delas jornalistas convidados a juntar-se para garantir uma saída segura de Bagdá. Há feridos, não se sabe se diplomatas ou não, também não se sabe se houve mortos.

Quanto a Bagdá, está começando o cerco e, agora é claro, tanques norte-americanos de fato estão fazendo viagens curtas à cidade, num desafio ao inimigo. Aparentemente, a estratégia é fazer emergir as tropas da Guarda Republicana, de elite, que ainda não deram as caras. A segurança da capital do Iraque segue sendo feita pelas milícias fiéis a Saddam Hussein e pela polícia da cidade. Em Basra, a batalha segue mais violenta, conforme tropas britânicas procuram conquistá-la.

Postado às 10h40, hora de Brasília. []

Russian convoy under attack

http://www.news24.com/.../0,6119,2-10-1460_1343834,00.html

Guerra: Mulher-bomba em Bagdá

05.Abr.2003 | O dia será de muita expectativa. Agora de manhã, uma batalha de informação e contra-informação está sendo travada entre autoridades iraquianas e anglo-americanas. Por fato, temos a presença de soldados dos EUA no Aeroporto Internacional de Bagdá, aparentemente controlando-o. Segundo jornalistas na capital do país, há movimento de tropas iraquianas na cidade e sinais de que houve confronto no subúrbio ao sul, região onde estão os ocidentais.

Na versão norte-americana, tanques chegaram a fazer inspeções no centro da cidade, mas ninguém os viu. O jornalista Paul Wood, da BBC, diz que colheu testemunhos de que houve, sim, esta missão, mas em seu tour guiado por oficiais do regime de Saddam, ele próprio não viu nada.

Na versão iraquiana, a batalha no aeroporto está para ser ganha. O ministro da informação Mohammad Saeed al-Sahaf prometeu levar os jornalistas de volta às pistas de pouso ainda hoje, quando forem recuperadas.

Parte da expectativa se deve à declaração de al-Sahaf na sexta-feira de manhã de que estratégias não-convencionais seriam utilizadas na expulsão dos invasores no aeroporto. Em Bagdá, informa a Al-Jazeera, duas mulheres, uma delas grávida, explodiram-se carregando consigo três soldados norte-americanos.

Parece que algo acontecerá entre hoje e domingo.

Postado às 10h30, hora de Brasília. []

BBC Reporters' Log

http://news.bbc.co.uk/.../2003/reporters_log/default.stm

Iraq says women killed troops

http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle_east/2917107.stm

US forces 'in Baghdad centre'

<http://www.guardian.co.uk/Iraq/Story/0,2763,930339,00.html>

Que passa

04.Abr.2003 | Washington é uma cidade pequena. Um lugar com dimensões humanas. O tipo de cidade pequena que dirige um império. Uma cidade pequena na qual gente que trabalha no governo, deputados, pesquisadores de institutos acadêmicos e jornalistas conhecem-se uns aos outros. Todos estão ocupados intrigando-se uns aos outros; e todos fofocam sobre todo mundo.

Ao longo do último ano, uma nova crença emergiu nesta cidade: a crença numa guerra contra o Iraque. Esta fé ardente foi disseminada por um pequeno grupo de 25 a 30 neoconservadores, quase todos judeus, quase todos intelectuais (uma lista parcial: Richard Perle, Paul Wolfowitz, Douglas Feith, William Kristol, Eliot Abrams, Charles Krauthammer), amigos entre si que cultivam uns aos outros e estão convencidos de que idéias políticas são a força que move a história.

O leitor que sentir desconforto neste último parágrafo, talvez induzido pelo toque aparentemente anti-semita da velha teoria da conspiração judaica nos EUA, há de perdoar. Quem assina a análise é o repórter Ari Shavit, no diário de esquerda israelense Ha'aretz.

Não é uma análise apenas; é também reportagem e alguns destes intelectuais são entrevistados para dizer como vêem o mundo. Como contraponto, Shavit entrevista outro influente jornalista judeu norte-americano, igualmente conservador, mas não da mesma trupe: Thomas Friedman, do New York Times.

Para Friedman, será um novo Líbano.

Quando penso no que acontecerá, começo a suar frio, diz Friedman. Nos vejo forçados a impor um cerco a Bagdá. E sei que tipo de insanidade um cerco a Bagdá pode atizar. A idéia de combate casa-a-casa em Bagdá sem legitimidade internacional me faz perder o apetite. Vejo embaixadas norte-americanas em chamas. Vejo janelas de empresas norte-americanas estilhaçadas. Vejo como a resistência iraquiana à América se conecta à resistência árabe à América e à resistência mundial à América. Só de pensar no que pode acontecer me devora por dentro.

Postado às 18h20, hora de Brasília. []

White man's burden

<http://www.haaretzdaily.com/.../ShArt.jhtml?itemNo=280279>

Guerra: Aeroporto conquistado

04.Abr.2003 | O repórter Steven Lee Meyers, do New York Times, escreve sua reportagem de hoje a partir do Aeroporto Internacional Saddam Hussein, na periferia de Bagdá. Os norte-americanos o conquistaram por completo ao longo da noite.

O controle das duas boas pistas de pouso poderá ser estratégico. A capital foi pesadamente bombardeada ao longo da noite e está às escuras. Enquanto isso, não há sinais da Guarda Republicana, quanto mais da Guarda Republicana Especial []

At Airport, Bombs Provide the Only Light

<http://www.nytimes.com/2003/04/04/.../29ff3e54b0cd4a63>

Reaparece o mulá Omar

03.Abr.2003 | Enquanto no Iraque as tropas anglo-americanas estão há três dias chegando ao aeroporto internacional de Bagdá, um velho conhecido reaparece no Afeganistão. Informa o Boston Globe:

Nos últimos dias, posters assinados pelo Mulá Muhammad Omar, líder supremo do Talibã, apareceram nas províncias próximas ao Paquistão, incentivando os locais a levantar-se numa jihad contra os estrangeiros. [...]

Ontem, soldados suspeitos de pertencer ao Talibã abriram fogo contra uma patrulha do governo, matando dois soldados e ferindo três em Kandahar, próxima à fronteira com o Paquistão. O ministro do Interior, Ali Jalali, admitiu que está atrapalhado com a falta de equipamento, um grupo insuficiente para fazer a segurança e "controle fraco por parte do governo" em regiões tribais. "Alguém está ajudando [bin Laden e Omar], não há dúvidas", ele disse.

Desde domingo, vários ataques foram desferidos contra as forças estrangeiras no Afeganistão.

Postado às 18h, hora de Brasília. []

Terrorist group remnants still seen in Afghanistan

http://www.boston.com/dailyglobe2/.../seen_in_Afghanistan+.shtml

Blog, notícia, opinião e ponto

03.Abr.2003 | Uns 4% dos norte-americanos online relatam que procuram blogs para encontrar notícia e opinião. O número total de usuários de blogs é tão pequeno que ainda não é possível tirar conclusões estatisticamente significativas sobre quem os usa. Estes dados iniciais parecem dizer que os usuários mais ativos da Internet, particularmente aqueles com conexões de banda larga, são os que mais possivelmente encontram blogs dos quais gostam. Além disso, blogs parecem seduzir os usuários mais jovens - aqueles com menos de 30 anos - num ritmo mais acelerado do que seduzem usuários mais velhos.

Pesquisa do Pew Institute.

Postado às 9h40, hora de Brasília. []

Blogs gain a small foothold

<http://www.pewinternet.org/.../ReportLevel2&Field=Level2ID&ID=662>

via Ponto media de Antônio Granado

<http://www.ciberjornalismo.com/pontomedia.htm>

Onde está a Guarda?

03.Abr.2003 | Entre ontem à noite e hoje pela manhã, o noticiário avançou as tropas anglo-americanas na direção de Bagdá. Estão, agora, a 20 quilômetros, a 10, quase tomando o Aeroporto Internacional da Capital. Está sendo incrivelmente fácil. Alguns dizem, fácil demais.

Rageh Ommar, principal correspondente da BBC em Bagdá, há pouco dizia o seguinte na tevê (já publicado no blog da rede pública britânica):

Acho difícil acreditar que [a Guarda Republicana] estaria rumo ao sul, no deserto aberto, para encontrar-se com a 3a Divisão de Infantaria [dos EUA]. É algo que cada oficial iraquiano sênior - que continuam falando conosco diariamente - diz que jamais faria.

Mas então onde está a Guarda? Fui ao norte, ao sul, ao oeste nesta cidade. Os soldados norte-americanos estão batendo à porta. Você vai aos portões de Bagdá - as principais entradas e saídas - e encontra nada. Onde estão os tanques, onde estão as blitzes?

Encontramos poucos bolsões de soldados, não apenas o exército regular, mas também a milícia do Partido Baath, dentro de lojas, cafeterias, nas vizinhanças.

Acho que vão tentar trazer as forças norte-americanas para as ruas, lutando contra os jovens soldados de Minnesota ou Manchester que terão que se virar nos distritos de Mansoor, de Academia, através de todas estas bairros de Bagdá.

Ommar é o mais explícito, mas não o único a duvidar deste fácil extermínio da Guarda Republicana. Há agora duas correntes. Por um lado, há quem diga que, na verdade, a Guarda está sucateada, não era assim uma resistência tão respeitável. Outros apostam numa emboscada em grande escala.

O futuro dirá.

Postado às 9h20, hora de Brasília. []

BBC Reporters' Log

http://news.bbc.co.uk/2/.../reporters_log/default.stm

Logic of Republican Guard's moves puzzles US military analysts

<http://www.abc.net.au/worldtoday/content/2003/s823741.htm>

Saddam's suicidal deployment of elite troops could be gift to coalition

<http://www.guardian.co.uk/.../0,2763,928531,00.html>

O mapa da resistência

02.Abr.2003 | Neste momento, acontecem dois confrontos entre as bem treinadas tropas da Guarda Republicana com o exército norte-americano.

No Vale do Eufrates, ao sul de Bagdá, próximo à cidade de Karbala. O combate intenso envolve a Divisão Medina, de tanques, que enfrenta duas tropas norte-americanas, a 3a Divisão de Infantaria e helicópteros da 11a Brigada de Aviação. Esta Divisão Medina saiu incólume da Guerra do Golfo e por isso, segundo o Pentágono, representa o pior que os iraquianos podem oferecer em resistência.

Ao centro-sul da capital está a Divisão Bagdá, motorizada, mais humilde, e que enfrenta a 1a Força Expedicionária dos Marines.

Hoje o noticiário dizia uma coisa em cada lugar. A 30 quilômetros da capital, a 20, a 40. Um bom rabino diria que, provavelmente, estão todos certos. E devem estar, mesmo. Mas nada é tão fácil quanto parece.

A divisão Medina está à beira do Eufrates, a Bagdá no centro e, no vale do Rio Tigre, nos arredores da cidade de Al Kut, está uma divisão que ainda não ganhou os jornais: a Al Nidal, de tanques, que também já trava choques ligeiros com os marines. A diferença é que o grosso das

tropas anglo-americanas avançaram mais beirando o Eufrates do que o Tigre, e há menos soldados naquelas bandas.

Quando tiverem ultrapassado estes três bastiões da Guarda Republicana, encontrarão, ainda ao sul da capital, a Divisão Mecanizada Nabucodonosor e a também mecanizada Divisão Hammurabi. O que a Divisão Medina tem de sólida, esta Hammurabi tem de fanática, segundo os britânicos. São os mais obcecados guerreiros.

Isto é ao sul.

Dentro de Bagdá estão 50.000 soldados esperando. Destes, é particularmente importante a Guarda Republicana Especial. É a nata que britânicos e norte-americanos só vão enfrentar no final. Eles contam com três brigadas de infantaria mecanizada e uma de tanques.

Ao norte da capital, estão ainda outras duas divisões da Guarda e vários batalhões.

Quer dizer: enquanto ficar nessa de 20 quilômetros de Bagdá, 30 quilômetros, 40, 20 de novo, é porque não aconteceu nada ainda.

Postado às 18h, horário de Brasília. []

Republican Guard form core of Iraqi defence

http://www.janes.com/security/.../jdw/jdw030331_4_n.shtml

Ao norte, Bagdá

02.Abr.2003 | Da última vez que uma cidade do tamanho de Bagdá foi invadida, morreram 120.000 soldados, entre soviéticos e nazistas. Era Berlim, 1945.

Uma vez nas ruas, não há tecnologia que amplie demais a diferença entre os exércitos. Tanques só passam por grandes avenidas e, se visores noturnos ajudam por um lado, conhecer cada esquina para emboscar também ajuda no outro.

O cerco a Basra, no sul, já dura duas semanas e a cidade ainda não cedeu. O cerco a Bagdá ainda não começou. E Basra tem 1,5 milhão de habitantes.; Bagdá, 5 milhões.

Postado às 17h15, hora de Brasília. []

Fortress Baghdad awaits allied troops

<http://www.gulf-news.com/.../ArticleID=82898>

Quase em Bagdá

02.Abr.2003 | Começou esta noite o enfrentamento das tropas norte-americanas e da Guarda Republicana do Iraque, na periferia de Bagdá. Os ocidentais aproveitaram-se para o avanço desta época do ano em que as noites se alongam, já que eles têm a vantagem de equipamento para enxergar no escuro.

Os EUA usam uma divisão de infantaria do seu exército e outra dos marines no combate em duas frentes.

Numa, a 50 quilômetros da capital, chocam-se com a divisão Medina da Guarda Republicana. Durante a última semana, estas tropas foram pesadamente bombardeadas e, na estimativa do Pentágono, muitos de seus soldados bem treinados foram substituídos por homens do exército regular.

Na segunda frente, a 160 quilômetros de Bagdá, também no sul, o confronto é com a divisão Bagdá da Guarda. Ela também sofreu pesadas baixas em bombardeios consecutivos, segundo o Pentágono.

A informação do repórter Michael Gordon, do New York Times, é de que este ainda não é um avanço sobre a capital, mas a continuação do trabalho de desgastar suas defesas.

A estratégia muda, naturalmente, no caso de o governo entrar em colapso.

Postado às 8h40. hora de Brasília. []

Battle for Baghdad Begins in Area Surrounding Iraqi Capital

<http://www.nytimes.com/.../worldspecial/02STRA.html>

Supermercado: foram os EUA

01.Abr.2003 | Norte-americanos e britânicos levantaram várias hipóteses para o bombardeio do primeiro supermercado, em Bagdá. Míssil anti-aéreo iraquiano que errou o alvo; uma explosão plantada por Saddam para culpar as forças de invasão; um carro-bomba com o mesmo objetivo.

Não era nada disso.

O veterano correspondente do diário inglês The Independent, Robert Fisk, encontrou nos escombros do supermercado um pedaço do míssil fabricado pela Raytheon, do Texas. Provavelmente uma ogiva Harm disparada por um caça.

Em sua primeira reportagem após o incidente, Fisk já havia escrito que caças haviam sido escutados no local. []

Proved: Deaths in Iraqi marketplace were caused by American missile

http://news.independent.co.uk/world/middle_east/story.jsp?story=393066

Cancelamento

01.Abr.2003 | Madonna cancelou o lançamento de seu novo videoclipe, American Life, que termina com um sócio de George W. Bush acendendo um cigarro com uma granada.

No link, fotos.

Postado às 18h50, hora de Brasília. []

American Life

<http://www.madonnapower.com/news/fullarticle.asp?newsid=1738>

Guerra: Jihad

01.Abr.2003 | Num discurso lido por Mohammed Saeed al-Sahaf, ministro da Informação iraquiano, o presidente Saddam Hussein convocou seu povo a uma jihad, a guerra santa muçulmana.

Não está claro porque o discurso não foi lido pelo próprio ditador. Ao vivo, ele não faria, pois isto facilitaria sua localização. Algo, no entanto, muda. Transformando o conflito numa ação religiosa, Saddam abre as portas do país ao radicalismo islâmico. O Iraque, afinal, tem governo leigo.

A coisa piora um pouco.

Nos EUA, o secretário de Defesa Donald Rumsfeld ironizou, perguntando onde estava Saddam. E disse que a guerra só terá fim, agora, com a rendição do país. Não há mais espaço para negociações.

Postado às 18h15, hora de Brasília. []

'Jihad Is a Duty'

<http://www.msnbc.com/news/892871.asp>

Rumsfeld: No Negotiations

<http://www.cbsnews.com/.../iraq/main541815.shtml>

Avião seqüestrado nos EUA

01.Abr.2003 | Um avião de vôos internos cubano seqüestrado pousou há pouco na Flórida, escoltado por caças norte-americanos. O seqüestrador estava armado com duas granadas.

Na semana passada, outro seqüestro também de avião cubano, terminou em Miami com os quatro responsáveis presos.

Desta vez, a nave parou em Havana para receber combustível. Ainda não está claro se era um cubano querendo migrar ou uma tentativa frustrada de atentado terrorista.

Postado às 14h40, hora de Brasília. []

Hijacked Cuban plane reaches Florida

<http://news.bbc.co.uk/2/hi/americas/2905091.stm>

Arnett contratado

01.Abr.2003 | O jornalista neozelandês Peter Arnett foi contratado pelo tablóide inglês Daily Mirror.

Hoje, o jornal publica em sua primeira página: "Demitido por dizer a verdade, contratado para continuar dizendo".

Atualização: Em seu artigo inaugural, ele escreve o seguinte.

Por meses, iraquianos me disseram oficial e particularmente: "nós vamos lutar contra os norte-americanos, vamos usar táticas de guerrilha, vamos surpreendê-los."

Mas a oposição iraquiana tem dito "Isto vai ser a pressão necessária, todos querem se rebelar contra Saddam."

Agora, a realidade está sendo jogada no campo de batalha.

Temos que assistir à realidade agora e alguns iraquianos estão lutando por seu governo e parecem um bocado determinados. Para mim, ver isso e ser criticado por dizer o óbvio é injusto.

Atualizado às 14h, hora de Brasília. []

Home of the free: Arnett joins the Mirror

<http://www.mirror.co.uk/news/.../&siteid=50143>

This war is not working

<http://www.mirror.co.uk/news/.../&siteid=50143>

Via Blue Bus

<http://www.bluebus.com.br/cgi-bin/show.pl?p=1&id=39022>

Mais números

01.Abr.2003 | O diário britânico The Guardian traz, hoje, a lista dos mortos anglo-americanos.

Dos 26 britânicos mortos, 21 foram vítimas dos norte-americanos; quatro do combate; um dum acidente de trânsito.

Postado às 8h05, hora de Brasília. []

War in Iraq: casualties

<http://www.guardian.co.uk/Iraq/Story/0,2763,926589,00.html>

Números de guerra

01.Abr.2003 |

Iraque:

1.500 mortos.

3.500 feridos.

87 tanques.

52 veículos armados.

0 helicópteros.

EUA e Grã Bretanha:

200 mortos.

300 feridos.

32 tanques.

33 veículos armados.

14 helicópteros.

A fonte é a agência de notícias russa Strana. A tradução do russo é cortesia do (excelente) blog The Agonist.

Postado às 6h, hora de Brasília. []

via The Agonist

<http://www.agonist.org/>

Tragédias anunciadas

31.Mar.2003 | Quatro soldados norte-americanos mataram, hoje de manhã, sete mulheres e crianças. Aconteceu nas proximidades de Najaf onde, no sábado, um homem bomba levou a vida de soldados ocidentais. É, cruelmente, um incidente compreensível.

Lá, com o anúncio de 4.000 homens bomba dispostos a lutar pelo Iraque, soldados norte-americanos têm os nervos à flor da pele. Não custa lembrar que a maioria não completou vinte anos ainda.

A van, que levava 13 mulheres e crianças, não parou na blitz, mesmo após um tiro de aviso ter sido disparado.

E é compreensível que não tenha parado. Guerra, naquele canto, tem significado muito particular para mulheres: estupro. E trata-se de uma região muito pudica, muito coberta, recheada de medos. Mulheres não falam com homens que não conhecem no interior do Iraque. Se estes homens são estrangeiros e soldados inimigos, muito menos.

Garotos com medo de morrer e mulheres e seus filhos, com medo de humilhação e morte, provocaram a pequena tragédia. Choque cultural que vai se repetir.

Postado às 20h30, hora de Brasília. []

Army Says U.S. Troops Killed 7 Iraqi Women and Children

<http://www.nytimes.com/.../worldspecial/31CND-VAN.html>

Problema vizinho

31.Mar.2003 | A edição online da revista britânica The Economist traz uma boa análise das pressões sobre os governos de países vizinhos ao Iraque. Destaque:

Depois de Saddam, quem vem? Se vier uma democracia pró-América, os governos, serão pressionados internamente por mais liberdade; por outro lado, podem emergir correntes de fundamentalismo islâmico, igualmente ameaçadoras.

E se as minorias não forem contidas? Mais liberdades para curdos e xiitas, no Iraque, podem levar povos destes grupos em outros países a cobrar liberdades equivalentes. Os curdos ameaçam Síria, Turquia e Irã; os xiitas, Arábia Saudita, Bahrain e Kuwait.

De resto, enquanto o fim da guerra não vem, há sempre a hipótese de Saddam atacar seus vizinhos. Aconteceu apenas em escala insignificante e no Kuwait; não quer dizer que tenha terminado.

Postado às 15h, hora de Brasília. []

Trouble on the doorstep

http://www.economist.com/.../story_id=1678842

Guerra: a fritura de Rumsfeld

30.Mar.2003 | Esta será uma semana dura para o Secretário de Defesa norte-americano Donald Rumsfeld. Já existe um bocado de unanimidade, na imprensa dos EUA, de que a estratégia ofensiva contra o Iraque falhou: eram precisos mais soldados e o pressuposto de que a população, no sul, receberia de braços abertos as tropas anglo-americanas foi fatal.

O secretário - cujo cargo é equivalente ao de ministro - está sendo fritado pelos generais.

Uma reportagem que sai amanhã na revista New Yorker, assinada por Seymour Hersh, responsabiliza Rumsfeld por cada erro. Hersh ouviu gente no alto-escalão militar norte-americano e nas agências de inteligência e um por um, anonimamente, os generais culpam seu superior direto.

Pessoalmente convicto de que os iraquianos xiitas se entregariam, Rumsfeld não ouviu os apelos ao seu redor para que enviasse mais tropas e tanques ao país. Ele não gosta de guerra no chão, prefere bombardeios. No último momento, o secretário ignorou, ainda, um pedido do general Tommy Franks, que rege o cenário de guerra, para que se esperasse um pouco mais para que as negociações com a Turquia avançassem, possibilitando o uso do país para uma invasão também pelo norte.

A princípio, Donald Rumsfeld tem cartas o suficiente na manga para resistir à fritura. Mas, no momento, está isolado. Tudo dependerá de como serão as próximas semanas de guerra.

Em sua coletiva hoje de manhã, o general Franks assumiu textualmente a responsabilidade pela estratégia, tirando o chefe da reta. Nem poderia dizer diferente.

Franks disse, também, que é possível que alguns soldados dentro do Iraque não estejam recebendo comida, por conta de dificuldades do comboio de atravessar o deserto, onde milícias iraquianas preparam emboscadas.

Postado às 18h35, hora de Brasília. []

Report: Rumseld Ignored Pentagon Advice on Iraq

http://story.news.yahoo.com/.../iraq_usa_report_dc_2

Guerra: 147 mortos

29.Mar.2003 | É tempo de pausa. Segundo um oficial norte-americano anônimo ouvido pela Agência Reuters, o avanço das tropas em direção a Bagdá deve parar por algo entre quatro e seis dias. Este tempo é necessário para reavaliar a situação.

A mais importante organização de estudos de estratégia militar britânica, Janes, soltou hoje um relatório analisando o erro estratégico norte-americano:

Oficiais de defesa e inteligência dos EUA com experiência na região dizem que a resistência iraquiana não deveria surpreender. Relatórios da inteligência repetidamente alertaram que forças paramilitares ligadas ao regime de Saddam Hussein não desistiriam facilmente e poderiam organizar ataques surpresa na retaguarda das forças dos EUA.

O problema, dizem estes oficiais à Janes, é que civis no alto-comando do Departamento de Defesa dos EUA ignoraram estes conselhos.

Mais à frente, a Janes aborda os perigos do erro:

Parte do problema é que as forças da coalizão são menos bem-vindas do que este alto-comando civil acreditava. Isto não apenas impacta negativamente os planos militares da coalizão mas também fere os objetivos políticos da operação. Quanto mais tempo a resistência iraquiana persistir longe de Bagdá - particularmente em áreas que o presidente Saddam Hussein não controla de todo - mais sofre a imagem que a coalizão quer passar de que o governo de Hussein é odiado pelo povo.

Então, todos os olhos estão voltados para a Quarta Divisão de Infantaria dos EUA, que deverá chegar amanhã ou segunda-feira. São tropas que avançam com mais lentidão mas, mecanizadas, com maior poder de fogo. Não está claro se avançarão pelo sul, como vem sendo o grosso da operação anglo-americana, ou se serão levados de avião para o norte, para dar início a uma grande ofensiva através do território curdo, que, este sim, já simpatiza de início com norte-

americanos e britânicos. É possível levá-los em aviões cargueiros embora, falando-se de 20.000 homens pelo menos e mais tanques e veículos pesados, seja um processo lento e custoso.

Depois do ataque de ontem a Bagdá, quando mais um mercado foi atingido, disparou o número de vítimas iraquianas reconhecidas oficialmente por seu governo: são 147 mortos, agora, 68 apenas na capital. Desta vez, o Iraque respondeu ao fogo, atingindo um shopping center na capital do Kuwait. Foi de madrugada e não deixou mortos. A população ficou apreensiva desta vez, já que as sirenes que alertam para ataques não funcionaram.

Postado às 9h30, hora de Brasília. []

Did Washington underestimate Iraqi resolve?

http://www.janes.com/.../jdw030328_4_n.shtml

Iraqi Missile Fired At Kuwait City

http://english.daralhayat.com/world_news/.../story.html

Jornalistas portugueses agredidos

28.Mar.2003 | Dois jornalistas portugueses da RTP, o repórter Luís Castro e o câmara Victor Silva, foram presos por soldados norte-americanos, dentro do Iraque, na terça-feira. Informa o site da emissora:

Duas ou três horas mais tarde, Luís Castro pediu para que os deixassem contactar as famílias, pois estariam preocupadas pelo seu desaparecimento. Perante o escárnio dos militares, o jornalista frisou que eles não eram soldados e apelou mais uma vez para que lhe permitissem contactar alguém.

Nessa altura, os militares norte-americanos obrigaram-no a sair, agrediram-no, algemaram-no e arrastaram-no para o interior das instalações. Ameaçando os quatro jornalistas, os soldados deixaram Luís Castro entrar de novo no jipe. Seguiram-se 24 horas sem trocar uma palavra.

A CIA ainda investigou o equipamento dos jornalistas para ter certeza que nada havia sido registrado.

Postado às 18h20, hora de Brasília. []

Jornalistas da RTP detidos pelo exército norte-americano no Iraque

<http://www.rtp.pt/.../article=50722&visual=5>

Rusga entra EUA e Síria

28.Mar.2003 | Do secretário de Defesa norte-americano, Donald Rumsfeld, ainda há pouco:

Temos informação de que carregamentos de suprimento bélico estão cruzando a fronteira da Síria com o Iraque, incluindo óculos de visão noturna. Este envio é uma ameaça direta à vida de soldados da coalizão. Consideramos este tráfico um ato hostil e consideraremos o governo sírio responsável.

Segundo a Reuters, Rumsfeld não foi específico a respeito de se os suprimentos estavam sendo enviados oficialmente pelo governo da Síria ou se era obra de terceiros.

O secretário reclamou, também, da entrada da Brigada Badr no Iraque, sem especificar quantos soldados seriam. A brigada, da oposição iraquiana xiita, tem laços com o governo iraniano.

Atualização - O Iraque nega, oficialmente, qualquer importação da Síria.

Atualizado às 17h30, hora de Brasília. []

Iraq Denies U.S. Reports That Syria Is Supplying Military Equipment

http://english.daralhayat.com/arab_news/.../story.html

U.S. Warns Syria Over Military Shipments to Iraq

<http://www.washingtonpost.com/.../A42568-2003Mar28.html>

Al Jazeera, de novo

28.Mar.2003 | Um leitor passa, por email, outro link para a Al Jazeera, este com noticiário atualizado.

Numa primeira vista, não carrega o logo da emissora e republica conteúdo em inglês da grande imprensa árabe.

Ainda assim, concentra bastante material vindo do Oriente Médio. []

Al Jazeera.info

<http://www.aljazeerah.info/>

Guerra: EUA usaram Napalm

28.Mar.2003 | Os EUA usaram Napalm no sul do Iraque. A notícia, muito discretamente, foi dada pela CNN e pelo diário australiano The Sidney Morning Herald, no último dia 22.

Segundo os repórteres Martin Savidge e Lindsey Murdoch, a arma química foi jogada contra o morro Safwan, a poucos quilômetros da fronteira com o Kuwait. O lugar era um posto de observação iraquiano que virou primeiro alvo das tropas anglo-americanas, logo que entraram no país.

O cume do morro foi metralhado, bombardeado com combustível e o serviço terminado com Napalm.

No dia da publicação pelo diário australiano, o Pentágono negou a informação e o editor de Internacional relatou o desmentido com a seguinte ressalva: "A notícia de Murdoch foi baseada na informação de dois oficiais Marines, que disseram que Napalm foi usado no ataque ao morro. Um destes oficiais repetiu a informação de que Napalm havia sido usado quando Murdoch cobrou uma confirmação a pedido de seus editores, na sexta-feira."

Fiando-se nas mesmas informações e acompanhando a mesma missão, o repórter Martin Savidge relatou o mesmo, no site da CNN. Baseando-se nas informações da tevê norte-americana e do jornal australiano, a notícia já chegou à revista Business Week, ao New York Times e à revista eletrônica Salon.com.

Tecnicamente, não é ilegal o uso de Napalm por parte das tropas norte-americanas, já que o país não assinou um tratado internacional de 1980 que proíbe o uso da arma.

Desenvolvido durante a Segunda Guerra Mundial, Napalm é um pó ácido derivado de alguns tipos de coco. Misturado com gasolina, adquire aspecto gelatinoso que, em contato com o ar, se inflama. Originalmente, era um desfoliante usado para eliminar o mato. Muito rápido, no entanto, descobriu-

se que queima também gente e provoca asfixia, ao carregar o ar à volta de gás carbônico. É arma química.

Não houve reclamação oficial por parte do governo iraquiano. []

CNN: Relato da missão com Napalm

<http://edition.cnn.com/2003/WORLD/meast/03/21/otsc.iq.savidge/>

Negativa do Pentágono

<http://www.theage.com.au/articles/2003/03/23/1048354475977.html>

Sidney Morning Herald: Relato da missão com Napalm

<http://www.smh.com.au/text/articles/2003/03/21/1047749944836.htm>

via World to Surfdom

<http://www.roadtosurfdom.com/>

What is Napalm?

<http://www.killerplants.com/.../history/20021008.asp>

Descarregando tropas

27.Mar.2003 | Confirmando a análise do jornal árabe abaixo, aviões cargueiros estão descarregando tropas no norte do Iraque, região do Curdistão, onde os pára-quedistas da manhã garantem a segurança.

E numa atualização: os tais mil veículos, informa o Pentágono, não eram tantos assim. Houve um engano na leitura do radar. Já foram dominados. Ou, ao menos, é a versão de hoje. []

Teoria conspiratória (ou não)

27.Mar.2003 | O jornal The Peninsula, do Catar, tem uma interessante análise sobre o branco de notícias que se abate o fronte ocidental do Eufrates.

Num anúncio pouco habitual do próximo movimento militar nesta guerra, o primeiro-ministro britânico Tony Blair falou esta semana de um "momento crítico" que viria quando as tropas anglo-americanas se encontrarem com a Divisão Medina da Guarda Republicana, conforme se aproxima de Bagdá. Até ontem de manhã, todas as tevês norte-americanas falavam sobre a batalha porvir, dando destaque máximo como se fosse uma disputa pelo título mundial de pesos pesados.

É possível que as forças lideradas pelos EUA acreditam que têm um poder tão fantasticamente maior que podem dispensar o elemento surpresa e simplesmente esmagar a Divisão Medina no momento em que quiserem. Ou pode ser um blefe. Há profundo silêncio no norte e no oeste do Iraque.

Além da captura de duas pistas de pouso no oeste do Iraque na sexta-feira, não muito se ouviu a respeito do cenário, lá. Toda atenção está fixa nas colunas que rumam norte do Kuwait em direção de Bagdá, nas margens externas dos rios Tigre e Eufrates. E o general comandante Tommy Franks admitiu que havia outras operações acontecendo além daquela no sul do Iraque.

Postado às 16h40, hora de Brasília. []

US push on Baghdad could be a red herring

http://www.thepeninsulaqatar.com/.../World_News200303277319.xml

via Counterspin

<http://counterspin.blogspot.com/>

Guerra: Plano B em ação

27.Mar.2003 | Mil soldados norte-americanos saltaram de pára-quedas esta manhã no norte do Iraque, terreno mais amistoso, controlado pelos curdos desde o fim da Primeira Guerra do Golfo. A entrada por terra no norte havia sido impedida pelo governo turco, o que faz com que os reforços sejam naturalmente menores.

Segundo a revista britânica The Economist, metade dos 280.000 soldados norte-americanos e britânicos concentrados na região estão dentro do Iraque ? na Primeira Guerra do Golfo, o exército aliado contou com 500.000 homens no país. Já segundo o diário árabe Al Hayat, há sete milhões de iraquianos armados e com algum treinamento.

Assim, não é de surpreender que os EUA tenham embarcado mais 30.000 soldados para a região do Golfo Pérsico, incluindo aí a 4a Divisão de Infantaria, especializada em fogo pesado em detrimento da velocidade de avanço. O Reino Unido, no entanto, anunciou que não pretende enviar mais soldados.

(Quando o número de tropas inicial, descobre-se, é menor do que o de fato necessário e dá-se início ao processo de enviar mais e mais soldados, logo começa a aparecer quem lembre o Vietnã. Muito cedo para isso. Mas, entre os cenários mais pessimistas, contando-se com eclosão de guerra civil e golpes de Estado em países vizinhos, não impossível.)

Enquanto isso, o exército iraquiano sumiu. Os 1.000 veículos com 3.000 soldados da Guarda Republicana que deixaram Bagdá rumo ao sul ainda não chegaram a lugar nenhum há umas oito horas. O país tem o tamanho de Minas Gerais. Ninguém diz nada, nada se sabe. Mas algo acontece, provavelmente na cidade de Najaf, às margens do Eufrates, no centro-sul.

Há informação, no entanto, de que as tropas britânicas na cidade de Basra, segunda do país, no extremo sul, destruiu uma coluna de 20 tanques seus inimigos.

Postado às 9h20, hora de Brasília. []

AlHayat: Official: Iraq Has 7 Million People With Arms

<http://english.daralhayat.com/27-03-2003/.../story.html>

AP: British troops 'destroy Iraqi column'

<http://news.independent.co.uk/.../story.jsp?story=391180>

The Economist: Bringing in reinforcements

http://www.economist.com/.../Story.cfm?story_id=1666942

O que os olhos não vêem

26.Mar.2003 | "Amigos da Síria me enviam emails perguntando o que as pessoas nos EUA dizem a respeito das imagens de civis mortos", conta Imad Moustapha, chefe de diplomacia pública na Embaixada da Síria em Washington. "Minha resposta para eles é simples e triste: 'Desculpe, ninguém está vendo estas imagens, aqui.'"

No Oriente Médio, um diplomata norte-americano, falando na condição de que permanecesse anônimo, disse que assistindo CNN e FoxNews um minuto e Al Jazeera e Abu Dhabi no seguinte, parece que está se vendo batalhas diferentes.

"O mundo árabe esta assistindo a viagens para o hospital, pais em desespero, enquanto as tevês norte-americanas mostram soldados no campo", disse o diplomata. "O problema é que isso está criando memórias diferentes desta guerra, o que vai reforçar o ódio aqui a respeito do que os EUA estão fazendo."

De reportagem do diário norte-americano Boston Globe.

Postado às 18h10, hora de Brasília. []

Differing TV images feed Arab, US views

http://www.boston.com/.../TV_images_feed_Arab_US_views+.shtml

Guerra: Iraque enfrenta em peso

26.Mar.2003 | Segundo a Reuters, é ainda maior a movimentação do exército iraquiano – são 1.000 veículos com tropas da Guarda Republicana de elite, a caminho, de Najaf.

A esta, soma-se a movimentação de tanques que estão rumo a Basra.

Segundo a agência, as manobras visam aproveitar a tempestade de areia para pegar norte-americanos e britânicos, pouco acostumados ao fato.

Postado às 17h05, hora de Brasília. []

Report: Elite Iraqi Column Heads for U.S. Force

<http://www.reuters.com/.../&storyID=2454042>

Contra-informação

26.Mar.2003 | O diário britânico Guardian traz uma história, hoje, que bem serve como alerta. Ontem, o Exército britânico anunciou que havia o início de um levante em Basra, a segunda maior cidade do Iraque e centro xiita do país.

Curiosamente, bem em tempo para os principais noticiários de tevê à noite, na Grã Bretanha.

Nenhuma fonte independente confirmou a história que foi a principal de ontem. Pior: o único repórter dentro da cidade, correspondente da tevê árabe Al Jazeera, disse que não havia rigorosamente nada acontecendo.

Não que seja impossível. Na Primeira Guerra do Golfo, os xiitas de Basra tentaram erguer-se contra Saddam. Mas quando as tropas norte-americanas e européias deixaram o cenário de guerra, o levante foi esmagado, muitos presos, os líderes exilaram-se.

Basra, no momento, está sob bombardeio britânico e com falta d'água.

Postado às 16h50, hora de Brasília. []

British forces support Basra 'uprising'

<http://www.guardian.co.uk/Iraq/briefing/0,12971,920992,00.html>

Guerra: Aumenta a resistência

26.Mar.2003 | Algo entre 70 e 120 tanques de guerra iraquianos estão indo em direção a Basra, vindos do norte. Segundo a BBC, um dos poucos lugares a citar a informação, caças britânicos estão no ar para interceptá-los.

O indício é de que as tropas iraquianas sentem-se mais confiantes a ponto de desarmar o norte, próximo à capital, desguarnecendo-a, para ir interceptar seus inimigos mais ao sul.

Há várias horas, já, mais de um dia, os repórteres que acompanham tropas anglo-americanas estão em silêncio e um blecaute nas assessorias de imprensa de EUA e Reino Unido evita que mais informação sobre a campanha no solo venha a público.

Em resumo, não há notícias.

O número oficial de mortos no supermercado hoje mais cedo desceu de 15 para 14, e são trinta os feridos. O Pentágono ainda não informou o que houve mas afirmou estar investigando. Segundo o Exército dos EUA, naquele horário – início da tarde, em Bagdá – não havia nenhum ataque sobre a cidade.

Postado às 16h20, hora de Brasília. []

Warplanes attack Basra column

http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle_east/2889635.stm

Mais Al Jazeera

26.Mar.2003 | Após o ataque hacker que derrubou seu site, a tevê do Catar colocou em outro endereço a versão em inglês de suas páginas.

Postado às 9h, hora de Brasília. []

Al Jazeera (Alternativo)

<http://www.allied-media.com/aljazeera/>

Guerra: Primeira tragédia

26.Mar.2003 | Uma bomba atingiu ainda há pouco um supermercado lotado no norte da capital iraquiana, Bagdá. Numa primeira contagem, são quinze corpos queimados do lado de fora, não se sabe quantos estavam dentro.

Prédios de apartamentos e carros nas redondezas foram também atingidos. É o primeiro alvo civil atingido em Bagdá nesta guerra e, desta vez, num ataque durante o dia, no meio da tarde.

Postado às 8h05, hora de Brasília. []

'Many casualties' in Baghdad market

http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle_east/2887555.stm

Guerra: Crise em Basra

25.Mar.2003 | Há tiros sendo disparados dentro de Basra, segunda maior cidade do Iraque, próxima à fronteira com o Kuwait. Segundo a CNN, é um levante. Segundo a BBC, não está claro. O governo iraquiano nega.

Certo é que novos soldados iraquianos vêm chegando pelo norte para reforçar as defesas e os britânicos declararam que estão cogitando avançar sobre Basra.

Engenheiros da Cruz Vermelha estão trabalhando para que seja reestabelecido o abastecimento de água no local, interrompido ontem.

Postado às 17h15, hora de Brasília. []

What the Experts Are Saying

http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/2885713.stm

Guerra: Al Jazeera em inglês

25.Mar.2003 | O canal de tevê Al Jazeera, do Catar, colocou na Internet uma versão em inglês de seu site. Chegou a número três do índice Blogodex, que lista os sites mais citados por weblogs no mundo.

Então a Al Jazeera caiu.

Está incomunicável. Sua rota é interrompida num endereço da France Telecom. Após, silêncio. Indício de filtro, talvez. Ou então de acessos demais. (A tática de bloquear acesso a sites é usada em países como a China ou o próprio Iraque.)

Mas, como nas ditaduras, é possível burlar os filtros usando sites de navegação anônima como The Cloak ou Anonymizer.

Ou, então, ao invés de usar o endereço textual, apelar para o numérico: 64.106.198.16.

Postado às 13h30, hora de Brasília. []

Al Jazeera in English

<http://english.aljazeera.net/>

Al Jazeera via Anonymizer

<http://anon.free.anonymizer.com/http://english.aljazeera.net>

Al Jazeera via The Cloak

<http://www.the-cloak.com/Cloaked/.../aljazeera.net/>

Al Jazeera, IP

<http://64.106.198.16/>

Memória de Stalin

25.Mar.2003 | Para o correspondente do diário britânico Independent, Robert Fisk, Saddam Hussein está adotando a tática do ditador soviético Joseph Stalin.

Em alguns momentos, o presidente Saddam soou como seu herói, Joseph Stalin. "Eles vieram destruir nosso país e nós precisamos continuar de pé e destruí-los e defender nossa gente e nosso país ... Cortar suas gargantas ... Eles vieram tomar nossa terra. Mas quando tentam entrar em nossas cidades, eles evitam a batalha com nossas forças e ficam fora do alcance de nossas armas."

Seria isso, podemos imaginar, seguir o modelo da Grande Guerra Patriótica, a defesa da Mãe Rússia do tio Joe? E, se não, como explicar - sejamos francos - a coragem daquelas centenas de soldados iraquianos que continuam segurando os ataques norte-americanos pelo ar e por terra?

Povo, partido, patriotismo. Os três Ps circularam como tema através do discurso de Saddam que soou como um alerta amargo: enquanto as forças norte-americanas e britânicas avançam cada vez menos em terra, disse o presidente, elas usarão o poder aéreo contra o Iraque com cada vez mais brutalidade.

Postado às 8h45, hora de Brasília. []

Robert Fisk: Saddam starts to sound more like his hero, Uncle Joe

<http://argument.independent.co.uk/.../story.jsp?story=390536>

Na tevê

25.Mar.2003 | Pelo menos a rede ABC já apresentou, na televisão norte-americana, a imagem dos prisioneiros que o Iraque fez.

No domingo, o Pentágono havia pedido que as tevês e jornais evitassem fazê-lo.

Postado às 7h40, hora de Brasília. []

Taken Captive

http://abcnews.go.com/.../Primetime/iraq_POWs030324.html

Guerra: Ameaça química

25.Mar.2003 | Uma linha imaginária teria sido desenhada ao redor de Bagdá. Quando tropas britânicas e norte-americanas, cruzarem esta linha, informa o Pentágono, as armas químicas seriam usadas.

Não custa lembrar que o Pentágono errou em todas suas previsões a respeito da recepção até agora. Não houve festa no sul para receber os soldados ocidentais, não houve Scuds contra Israel e Jordânia.

Ainda assim, é bem possível que os iraquianos tenham, sim, armas químicas. E que venham a usá-las.

Postado às 7h15, hora de Brasília. []

US: Iraq Set To Use Chemical Weapons

<http://www.cbsnews.com/.../iraq/main541815.shtml>

Chat

25.Mar.2003 | Logo mais, às 17h30, vou estar num chat no portal Vírgula, da Jovem Pan. []

Vírgula

<http://virgula.terra.com.br/chat/>

Em confiança

24.Mar.2003 | Metade dos 1,3 milhões de visitantes diários do site do jornal britânico The Guardian vem dos EUA.

Isso deve dizer algo a respeito da imprensa norte-americana.

Postado às 16h30, hora de Brasília. []

De volta

24.Mar.2003 | Salam Pax, o blogueiro de Bagdá, está de volta.

Ficou sem acesso à Internet durante três dias.

Postado às 15h, hora de Brasília. []

Dear Raed

http://www.dear_raed.blogspot.com/

Guerra: Trapalhadas

24.Mar.2003 | Na soma dos fatos até o início deste quinto dia de guerra, o conflito promete dor de cabeça para norte-americanos e britânicos.

1. Dez soldados dos EUA morreram em combate; outros cinco morreram por fogo amigo; doze estão desaparecidos.

2. Nenhum soldado britânico morreu em combate; nada menos que 16 morreram por fogo amigo; dois desaparecidos.

3. Um jornalista australiano e um britânico morreram, dois britânicos estão desaparecidos.

Estes são os números oficiais, que totalizam 10 mortes causadas por iraquianos e 21 por quem deveria estar no mesmo lado. No caso do repórter Terry Lloyd, estrela da rede de tevê britânica ITN, foi particularmente grave: foram americanos que o mataram ao confundir o jipe de sua equipe com o inimigo.

Há outro caso que merece destaque: uma das mortes por fogo amigo foi provocada por um soldado norte-americano, provavelmente muçulmano, que enlouqueceu e rolou granadas dentro das barracas de seu acampamento. Além da morte de um capitão, feriu outros quinze.

E conforme chegam, nesta manhã, os primeiros feridos de guerra numa base dos EUA na Alemanha, Washington prepara-se para lidar com outro problema: prisioneiros de guerra.

Cinco norte-americanos, uma mulher e quatro homens, foram apresentados pela tevê iraquiana sendo questionados a respeito de suas origens. Espetáculo duro de ver. Um dizia que "apenas obedecia ordens", todos sujos de sangue.

O presidente George W. Bush condenou o que chamou de "violação do Convenção de Genebra" por parte do Iraque na humilhação e uso para propaganda dos prisioneiros. É fato. Assim como viola a Convenção de Genebra os presos árabes, afegãos e paquistaneses na base militar norte-americana de Guantânamo, em Cuba.

É o tipo de coisa que abala a população e diminui o percentual daqueles que apóiam a guerra. No sábado, o pai de um soldado norte-americano morto vociferou pela CNN contra Bush.

Helicópteros - A tevê iraquiana mostrou também as imagens de um helicóptero dos EUA, abatido próximo a Bagdá. Não há notícias dos pilotos. Segundo os iraquianos, outro helicóptero também foi abatido. Quanto ao caça derrubado ontem que motivou a busca pelos pilotos às margens do rio Tigre, os iraquianos dizem que prenderam os dois.

Saddam - O ditador apareceu. Fez um seu discurso típico em árabe empolado, conclamando a população a resistir. Desta vez, ninguém levanta dúvidas a respeito de sua identidade. Saddam parecia bem.

Resistência - A manchete da maioria dos jornais mundo afora chama atenção para a resistência imposta pelas tropas iraquianas. Não será fácil.

Químicos - Segundo o diário israelense Jerusalem Post, uma fábrica de armas químicas foi encontrada. Nenhuma confirmação oficial.

Postado às 9h, hora de Brasília. []

BBC Brasil: Saiba o que diz a Convenção de Genebra

http://www.bbc.co.uk/.../020117_genebraag.shtml

Reuters: List of casualties in war in Iraq

<http://www.alertnet.org/thenews/newsdesk/L24306398>

Robert Fisk: 'Iraq will become a quagmire for the Americans'

<http://argument.independent.co.uk/.../story.jsp?story=390147>

Guerra: Resistência e fogo amigo

23.Mar.2003 | Nesta manhã de domingo, impera a confusão.

1. Notícias de resistência continuam a aparecer em Umm Casr, Basra e Nasiriya. Basra em particular, a segunda maior cidade do país, foi bombardeada, ontem. Nada a respeito de novos avanços norte-americanos e britânicos - o cerco a Bagdá não só deve atrasar como toda a guerra começa a parecer mais complicada.

2. Um caça britânico que estava voltando para o Kuwait foi abatido por um míssil Patriot norte-americano. Segundo a BBC, 15 soldados britânicos morreram já. Todos por fogo amigo. A TV inglesa está revoltada: helicópteros chocam-se no ar, caças são derrubados. Acidentes absurdos diariamente.

3. Há notícias de que pilotos norte-americanos viram-se forçados a ejetar de seus caças em Bagdá.

4. A passeata contra a guerra em Nova York, envolvendo centenas de milhares de pessoas é inédita na história dos EUA. Nunca tanta gente saiu para a rua protestar contra uma guerra em seu início.

5. Segundo o Washington Post, a guerra custará 80 bilhões de dólares aos EUA.

Postado às 9h, hora de Brasília. []

Dor

23.Mar.2003 | Este weblog ficará repetitivo: é Robert Fisk na veia.

Fisk é o melhor repórter no Oriente Médio. Entrevista em árabe, em hebraico, vive no Líbano há décadas. Seu texto em inglês é preciso, bem costurado e, por mais profundo seu conhecimento de política internacional, não perde o olhar sensível para as miudezas que dão forma à vida. Está em Bagdá pelo diário britânico Independent e segue escrevendo todo dia. A Folha de S. Paulo costuma publicar seus textos traduzidos. Por vezes, também O Globo.

Saddam Hussein é um ditador cruel, tão cruel quanto eles podem ser. Lidera um regime sofrível. Tortura, não importa a idade. Mesmo. Mas seguem os primeiros parágrafos de Fisk:

Donald Rumsfeld diz que o ataque norte-americano a Bagdá é "tão preciso enquanto campanha aérea quanto jamais foi possível antes", mas ele não deveria tentar dizer isso a Doha Suheil, cinco anos. Ela me fitou ontem de manhã, sondas ligadas a seu nariz, uma expressão profunda em seu rosto, enquanto tentava inutilmente mexer seu lado esquerdo. O míssil que explodiu perto de sua casa em Radwaniyeh, subúrbio de Bagdá, disparou fragmentos contra suas pequenas pernas - que estavam amarradas em gaze - e, mais sério, contra sua espinha. Ela perdeu todos os movimentos na perna esquerda.

Sua mãe se apóia sobre a cama e endireita a perna direita que a menina joga para fora do cobertor. De alguma maneira, a mãe de Doha acha que se as duas pernas da menina se alinharem, sua filha vai se recuperar da paralisia. Ela foi a primeira dos 101 pacientes a chegar no Hospital Universitário de Al-Mustansaniya após o ataque norte-americano que começou na noite de sexta. Sete outros membros de sua família foram feridos no mesmo bombardeio; o mais novo, um bebê de um ano, estava sendo amamentado por sua mãe na hora.

Há algo de doente, de obscuro, a respeito dessas visitas a hospitais. Nós bombardeamos. Eles sofrem. Então tiramos fotografias das crianças feridas. O Ministro da Saúde do Iraque decide abrir uma coletiva à imprensa ali para enfatizar a natureza "bestial" do ataque norte-americano. Os americanos dizem que não têm a intenção de machucar crianças. E Doha Suheil olha para mim e para os médicos procurando alguma garantia, como se fosse acordar deste pesadelo, mover sua perna e não sentir mais dor.

Postado às 2h30, hora de Brasília. []

This is the reality of war. We bomb. They suffer

<http://argument.independent.co.uk/,,,/story.jsp?story=389918>

Guerra: o difícil rumo a Bagdá

22.Mar.2003 | As tropas norte-americanas e britânicas caminham, firmes, em direção a Bagdá - novamente bombardeada neste sábado, embora em menor escala. Muito da fumaça que saiu da cidade, diz o Pentágono, foi provocada pelo próprio governo iraquiano, talvez para dificultar o trabalho dos aviões inimigos.

A luta continua em Nasiriyah e Basra. No primeiro caso, parece que as pontes que cruzam o Eufrates, fundamentais para o avanço sobre a capital, já foram conquistadas. Basra é mais delicado. Com quase dois milhões de habitantes, a segunda maior cidade do Iraque resiste ainda, como que convidando as tropas a invadi-la. Se o fizerem, periga terminar em luta de rua: carnificina certa. As esperanças de que o reduto xiita entregaria-se fácil e grato já fazem parte de um passado para lá de otimista.

Há uma notícia importante: diferentemente do noticiado no início da semana, o Iraque não disparou mísseis Scuds contra o Kuwait. Na fronteira oeste com Arábia Saudita e, principalmente, Jordânia, não há lança-mísseis ou mesmo Scuds. Isso quer dizer que não há planos de atacar Israel. E, na falta de Scuds, pairam pesadas dúvidas. Onde estariam as armas de destruição em massa? Pesa cada vez mais a hipótese de que elas não existam. Ou, o que é mais provável, de que estejam nos arredores de Bagdá, prontas para uma batalha retumbante.

Poços de petróleo queimam no norte e sul do Iraque, nenhuma notícia clara de proporção do desastre ou mesmo de se há ordens para que o fogo seja lançado.

Há informação, também, de que os EUA concentrarão tropas no norte do país para evitar a crise entre Turquia e Curdistão. Negocia-se, com intermédio suíço, algum tipo de participação iraniana.

Pode ser para operações de resgate, como já aconteceu na Segunda Guerra do Afeganistão. Pode ser mais. Não deixa de ser curioso, já que o Irã está listado entre os componentes do Eixo do Mal.

A guerra caminha trnqüila demais. A batalha urbana que está sendo evitada em Basra terá fatalmente de ser travada em Bagdá. É onde estão os 80.000 soldados da Guarda Republicana - bem treinados e fidelíssimos a Saddam Hussein. O armamento anti-aéreo pouco útil contra a alta-tecnologia ocidental, voltado para a terra, impõe-se. Se foi difícil em Umm Qasr e continua sendo nas cidades mais ao sul, a capital promete um inferno.

Não há notícias de Saddam Hussein, embora a tevê iraquiana tenha apresentado imagens de reuniões suas como tendo sido realizadas no próprio sábado. []

Guerra: o Iraque resiste

22.Mar.2003 | Bagdá - A manhã no Brasil é tarde, no Iraque. A expectativa é de que os bombardeios continuem tão logo anoiteça na capital. A promessa norte-americana é de 1500 bombas neste início de guerra; só jogaram 320. O destino de Saddam Hussein é um mistério. Mas as repetidas notícias a respeito de possíveis divisões no alto escalão do poder são mais um trabalho de propaganda para forçar que o presidente apareça - dando assim pistas de sua localização - do que qualquer outra coisa.

É até surpreendente, mas não há nenhum sinal de conflito pelo poder do Iraque e as deserções, por enquanto, representam traço. São irrelevantes. É o tipo da notícia que não quer dizer, de forma alguma, que exista risco para EUA e Reino Unido. São muito mais poderosos e vencerão. Mas o desmonte da infra-estrutura iraquiana não virá tão fácil como chegou-se a esperar.

Salam Pax, o blogueiro de Bagdá, não publica nada desde algumas horas antes do início dos bombardeios.

Sinais para ficar de olho - 1. Se Saddam Hussein não aparecer ao longo do dia, o governo iraquiano continuar dando coletivas de Bagdá e de noite mais bombardeios vierem, é porque Saddam está bem e a salvo. Se não vierem bombardeios, no entanto, pode indicar que existem negociações para rendição.

2. Se na Internet, nas tevês e rádios todas as notícias forem concentradas na campanha ao sul do Iraque e na capital, Bagdá, é porque a coisa pode estar feia na fronteira norte, entre turcos e curdos, e sob censura.

3. Os norte-americanos precisam conquistar hoje Nasiriya, cidade na margem leste do rio Eufrates, para chegar ainda segunda-feira, como planejavam, em Bagdá.

4. Finalmente, onde está a resposta militar do Iraque? For a meia dúzia de disparos irrelevantes contra o Kuwait, não veio nada. Pode significar que estão concentrando o que têm para uma grande batalha nas proximidades de Bagdá. Pode significar que nada têm.

Campanha Sul - As tropas norte-americanas e britânicas estão encontrando mais resistência do que esperavam:

Umm Qasr: Entraram pelo Kuwait e rumaram, primeiro, para a cidade de Umm Qasr, no extremo sul. É neste lugarejo o único porto iraquiano em águas profundas, com 1,5km de extensão no Golfo Pérsico. Já foi conquistado, mas ainda há focos de luta na região, que impedem o uso por navios.

Al Basra: A maior cidade no sul do Iraque serve de capital à região que mais produz petróleo no país. Lá, a população é xiita e esperava-se já conquistá-la muito no início da ação militar. Tropas dos EUA e Reino Unido ainda não entraram em Basra. Protegidos os poços ao seu redor, não

necessariamente precisam dominá-la na marcha rumo a Bagdá. Dada a resistência, podem simplesmente seguir em frente, evitando desgaste.

An Nasiriya: Evitar Nasiriya é mais complicado. Tendo entrado pelo Kuwait, o exército sobe o país seguindo a margem oeste do rio Eufrates. É terreno mais seguro, já que as fronteiras imediatas são Arábia Saudita e Jordânia, países considerados amigos. Mas Bagdá está do outro lado do Eufrates, uns 350km acima. É quase o dobro da distância que já romperam e não dá para fugir de cruzar as pontes.

Em Nasiriya está também o general das tropas do Sul, Ali Hassan Majeed, o Ali Químico. Primo de Saddam, ele é acusado de ter ordenado o grande ataque venenoso contra os curdos, há 15 anos.

Campanha Norte - A Turquia, no fim do dia de ontem, deu permissão a norte-americanos e britânicos que usassem seu espaço aéreo. Pouco antes, quando veio o bombardeio pesado, aviões cruzaram o céu iraniano, causando atritos diplomáticos. As tropas turcas continuam concentradas na fronteira com o Iraque, na área do Curdistão. E os curdos, naturalmente, começam a concentrar suas defesas por ali. Não custa lembrar que "Curdistão" é um país que não existe. O território do povo curdo está dividido entre Iraque, Irã e Turquia, um grande pesadelo étnico para os governos. Por isso o olho grande turco. Oficialmente, os EUA são contra o conflito, mas pode ter sido a moeda de troca na negociação pelo espaço aéreo. Já há notícias de que pouco mais de mil soldados turcos tenham invadido o Iraque. É uma briga para se manter o olho, pode ficar feia. []

IRAQ: Bombs on Baghdad, But Lights Left On

<http://www.strategypage.com/fyeo/qndguide/default.asp?target=Iraq>

Mapa do Iraque

<http://www.cia.gov/cia/publications/factbook/geos/iz.html>

The Agonist

<http://www.agonist.org/>

Desespero

22.Mar.2003 | Como, me pergunto, alguém pode descrever fora da linguagem de um relatório militar, a definição da cor, dos decibéis das explosões? Quando os mísseis vieram, soaram como se alguém tivesse rasgado em pedaços as enormes cortinas de seda no céu e as ondas de impacto transformaram-se num assustador contraponto para as chamadas.

Há algo de anárquico a respeito dos seres humanos, de sua reação à violência. Os iraquianos ao meu redor pararam e viram, como eu fiz, as enormes línguas de chama explodindo dos andares mais altos do palácio de Saddam, alcançando longe no céu. Estranhamente, a eletricidade continuou a funcionar e, ao nosso redor, os sinais de trânsito continuaram a se mover entre vermelho e verde. Outdoors moveram-se na brisa das ondas de choque e enchentes de luzes continuaram a acender os edifícios públicos. Acima, pudemos ver as monstruosas cortinas de fumaça começando a se mover ao redor de Bagdá, brancas das explosões, pretas dos alvos incendiados. [...]

Sem dúvida, esta manhã o Ministério da Informação iraquiano vai dirigir-se a nós de novo e insistir que o Iraque vencerá. Veremos. Mas muitos iraquianos hoje perguntam a coisa óbvia: quantos dias mais? Não porque eles queiram que norte-americanos e britânicos entrem em Bagdá, apesar de o desejarem profundamente. Mas porque eles querem que a violência termine.

Robert Fisk, correspondente do Independent, de Bagdá. []

Minute after minute the missiles came, with devastating shrieks

<http://news.independent.co.uk/.../story.jsp?story=389497>

Primeira baixa blogueira

22.Mar.2003 | Queridos leitores:

Me pediram que suspendesse o blog por um tempo.

Mas não quero deixá-los na mão - Estou escrevendo minha experiência de Guerra, como sempre fiz, e espero chegar a um acordo com a CNN para que no futuro próximo possa deixá-los disponíveis para vocês de algum jeito, talvez neste site.

Kevin Sites, repórter da CNN, abandonando seu blog. []

Pausing the warblog, for now

<http://www.kevinsites.net/>

Cada vítima

21.Mar.2003 | Tem gente preocupada em deixar claro o número de vítimas desta guerra. []

Iraq Body Count

<http://www.iraqbodycount.net/>

Guerra: Pior de todos os ataques

21.Mar.2003 | Três grandes cidades foram bombardeadas agora à tarde: Kirkuk, onde estão os principais poços de petróleo ao norte; Mosul, a segunda maior cidade do país e a capital Bagdá. Na capital, o bombardeio começou às 15h, em Brasília, 21h local. Segundo o jornalista Peter Arnett, veterano de conflitos vários que cobriu a Primeira Guerra do Golfo em 1991 para a CNN, "eles estão destruindo prédios inteiros com estes mísseis". Ele nunca viu nada parecido. Arnett, que está cobrindo pela National Geographic, calcula que 25 prédios tenham sido postos abaixo em 10 minutos.

Há indícios, segundo o bom site Stratfor, de que as MOABs – Mãe de todas as bombas – foram jogadas contra Bagdá, transportadas por aviões Hércules que saíram do Kuwait. Os B-52s também atingiram com bombas a capital.

Enquanto isso: EUA e Turquia ainda não se entendem; o porto de Umm Qasr, no extremo sul, caiu e está controlado pelos norte-americanos. []

'Shock and awe' under way

http://www.msnbc.com/news/870749_asp.htm?0cv=CA01

The Agonist: Update

<http://www.agonist.org/>

Guerra: Bombardeio pesado no Iraque

21.Mar.2003 | O Pentágono acaba de anunciar que o país estará sob pesado bombardeio, começado às 14h15, hora de Brasília. Os B-52s chegaram. Seu trabalho será complementado por mísseis Tomahawk disparados do Kuwait e do Golfo.

Já às 15h, Bagdá estava envolta numa nuvem de cogumelos. []

Quem é Saddam

21.Mar.2003 | Trecho do excelente perfil de Saddam Hussein assinado pelo jornalista Mark Bowden e publicado pela Atlantic Monthly.

"A maioria das pessoas diria que o principal conflito na sociedade iraquiana é o sectarismo entre sunitas e xiitas. Mas esta separação não tem nada a ver com religião. É entre a mentalidade das aldeias e a das cidades."

As palavras são de Saad al-Bazzaz, ex-editor do principal editor iraquiano, atualmente exilado em Londres.

"Aqui está uma aldeia." Na direita da página, al-Bazzaz escreveu um A e embaixo desenhou uma coleção de quadrados separados. "Estas são casas e tendas", ele disse. "Perceba os espaços entre elas. São auto-suficientes. Plantam sua própria comida e fazem suas próprias roupas. Aqueles que são criados em aldeias se assustam com tudo. Não existe polícia ou sociedade civil. Cada família tem medo uma da outra e todos têm medo de quem vem de fora. Cada família é dirigida por um patriarca e cada aldeia é controlada pelo mais forte deles. Esta lealdade à tribo vem antes de tudo. Não há valores além do poder. Você pode mentir, trapacear, roubar, até matar, e está tudo bem desde que você seja um filho leal da aldeia ou da tribo. Política para essa gente é um jogo sangrento, e tudo é a respeito de ganhar e acumular poder."

Al-Bazzaz escreveu a palavra 'Cidade' na parte direita da folha. Embaixo, desenhou uma linha de quadrados adjacentes. Embaixo desta, desenhou outra linha. E outra. "Na cidade, os velhos laços tribais são deixados de lado. Todos vivem próximos uns dos outros. O Estado é uma parte grande da vida de todos. Trabalham em empregos e compram comida e roupa em mercados e lojas. Há leis, polícia, tribunais, escolas. Pessoas da cidade perdem seu medo de quem vem de fora e se interessam no que acontece no exterior. Vida na cidade depende de cooperação e redes sociais sofisticadas. Interesses mútuos definem a política. Não se faz nada sem cooperação. O principal objetivo da política transforma-se em cooperação, comunidade, manutenção da paz. A espinha dorsal da política urbana não é sangue, é lei."

Na opinião de al-Bazzaz, Saddam incorpora a mentalidade tribal. "Ele é o maior de todos os patriarcas do Iraque, o líder da aldeia que capturou a nação." []

Tales of the Tyrant

<http://www.theatlantic.com/issues/2002/05/bowden.htm>

Guerra: B52s a caminho

21.Mar.2003 | Aviões bombardeiros B-52 deixaram a Grã Bretanha pouco após 7h de Brasília. Se estiverem seguindo na direção do Iraque sem escalas, chegam no início da tarde. []

B52 bombers leave UK airbase, first of Iraq war

<http://www.alertnet.org/thenews/newsdesk/L21143996>

Guerra: Está ruim o clima entre turcos e curdos

21.Mar.2003 | 1. Hora de ficar de olho na Turquia. O país não vai liberar o uso de bases aéreas por britânicos e norte-americanos e já concentra 70.000 soldados na fronteira com o norte do Iraque. Já há o precedente israelense: se depender deles, vão querer terminar esta guerra com um naco do território curdo-iraquiano e uma guerra dentro da guerra, entre curdos e turcos, tem toda a pinta de que vai acontecer.

Atualização - O Congresso turco já aprovou o uso de seu espaço aéreo por parte de aviões norte-americanos e britânicos. Mas o governo turco ainda não oficializou a permissão. Ou seja: ainda não pode.

2. Não está tão fácil entrar via terra pelo sul do Iraque. Durante a quinta-feira até as 3h30 em Brasília de hoje, as tropas norte-americanas e britânicas haviam avançado 150km. Há rendições mas também forte resistência.

3. A bandeira norte-americana foi erguida agora pela manhã na cidade portuária de Umm Qasr, mas por enquanto é blefe. Trata-se do único porto iraquiano e a batalha pega fogo. O exército de Saddam ainda o controla, informa o diário britânico Guardian. []

Reuters: Invading allied forces face Iraqi resistance

<http://www.expressindia.com/fullstory.php?newsid=19945>

The Daily Telegraph: Turkish troops mass on border

<http://www.dailylegaph.co.uk/.../2003/03/20/>

The Guardian: Day two of war

<http://www.guardian.co.uk/.../0,2763,918953,00.html>

+ blog

20.Mar.2003 | Repórteres da BBC agora fazem um blog coletivo de guerra. []

Reporter's log

http://news.bbc.co.uk/2/hi/in_depth/2866547.stm

Abra as asas sobre nós

20.Mar.2003 | A organização Send Back Liberty é um grupo de patriotas dedicado a enviar de volta a Estátua da Liberdade para os franceses. []

Send back liberty

<http://www.sendbackliberty.us/whoarewe.php>

via Metafilter

<http://www.metafilter.com/>

Homem certo, trabalho errado

20.Mar.2003 | Steve [Jobs] e seu time fizeram um trabalho incrível ao transformar a Apple, novamente, na melhor do mundo. Estou particularmente impressionado com o sistema operacional MacOS X e o compromisso da empresa com o movimento do código aberto. Estou ansioso para começar a trabalhar e aprender com o grupo que levou ao ressurgimento desta empresa lendária.

Do presidente eleito - mas não empossado - dos EUA, Al Gore, assumindo o cargo de diretor do board da Apple Computer. []

Al Gore joins Apple's board

<http://news.com.com/2100-1042-993332.html>

via Blue Bus

<http://www.bluebus.com.br/cgi-bin/show.pl?p=1&id=38628>

Blogando de Bagdá

19.Mar.2003 | Este, parece, será um blog e tanto para se acompanhar nos próximos dias: é escrito de Bagdá e chama-se Where is Raed?

O blogueiro é iraquiano, assina Salam e o Raed que ele procura é seu namorado jordaniano. (Não há confusão nos gêneros.)

Salam é um iraquiano ocidentalizado – há muitos como ele – tentando viver a vida online. Escreve um inglês fluente.

Não estou 100% certo de que é genuíno – mas assim o parece, descreve o dia-a-dia com um bocado de detalhes.

Uma pesquisa no Google leva a uma mensagem num fórum de discussão onde alguém alega conhecê-lo de trocar mensagens. []

Testemunho

<http://www.casi.org.uk/discuss/2003/msg00562.html>

Where is Raed?

http://dear_raed.blogspot.com/

A primeira vítima da guerra

19.Mar.2003 | O Pentágono ameaça abrir fogo contra as antenas de satélite da imprensa independente, no Iraque e redondezas. A informação quem dá é a veterana correspondente da BBC, Kate Adie.

"A primeira vítima da guerra" serve de título para o livro referencial do jornalista Phillip Knightley. A primeira vítima, no caso, é sempre a verdade. []

Pentagon threatens to kill independent reporters in Iraq

http://www.gulufuture.com/news/kate_adie030310.htm

Contra a guerra – mas não tanto

19.Mar.2003 | Está aumentando horrores a popularidade do premiê britânico Tony Blair, conforme a guerra se aproxima. Para quem parecia liquidado há uma semana, é uma recuperação formidável – mostra de imenso talento político.

Jennie Bristow, da revista eletrônica de opinião britânica Sp!ked, arrisca uma análise de os porquês da pouca convicção anti-bélica da população da Bretanha Maior.

Para ela a chave está no slogan do movimento contra a guerra: "Not in my name" – não em meu nome. E ela segue:

Por que se agarrar a este 'Não em meu nome' ao invés de algo mais curto, mais direto – por exemplo, 'Não à guerra'? Possivelmente porque, como já discutimos por aqui, muitos daqueles que se proclamam contra a guerra ao Iraque não são realmente contra. O que eles são contra é uma guerra agressiva lutada pelos EUA e pelo Reino Unido. O que lhes traria mais conforto com seria coerção pela diplomacia e uma guerra segura lutada sob a égide da ONU.

'Não em meu nome' reconcilia ambas as posições de uma forma que tem pouco a ver com princípios. Opõem-se a uma guerra lutada pelo Reino Unido e pelos EUA porque não concordam com ela. Por outro lado, uma guerra sob a égide da ONU seria aceitável porque não precisam se responsabilizar.

Este é o primeiro indicativo de que 'Não em meu nome' não se refere à guerra, mas à democracia. O eleitorado britânico tem algum poder sobre como o governo britânico age – nós votamos nos políticos para que nos representem e podemos, pelo voto, tirá-los de lá. 'Não em meu nome' serve como slogan para falta de poder e vira este processo democrático de cabeça para baixo. Ele encapsula a noção de que qualquer coisa que nosso governo possa fazer a respeito da guerra, não tem nada a ver conosco. [...]

Pergunte a você mesmo por quê, exatamente, uma guerra sob a égide da ONU seria melhor que uma lutada por Grã Bretanha e América sozinhas? Será que seu final seria tão diferente, as consequências menos sangrentas? Não. A diferença é que, se a ONU vai à guerra, é como se fosse a ira de Deus. Não temos qualquer controle sobre a ONU e, portanto, não temos qualquer responsabilidade. A ONU, como a União Européia, é um corpo supra-nacional que não sofre pressão popular para conceder-lhe nem uma impressão formal de democracia. Nada pode ser feito 'em nosso nome' porque nossas opiniões e interesses não contam para nada. []

Nameless, blameless, shameless

<http://www.spiked-online.com/.../0006DCE0.htm>

Diplomacia do fracasso

18.Mar.2003 | O editorial do New York Times bate duro no governo Bush.

Tão logo a luta começa, todo americano estará pensando primariamente na segurança de nossos soldados, no sucesso da missão e em minimizar as mortes civis iraquianas. Não vai parecer o momento certo para reclamar de como a América chegou neste ponto.

Hoje é o momento certo. Esta guerra coroa um período de fracasso diplomático terrível. O pior de Washington, na melhor das hipóteses, nesta geração. A administração Bush agora preside sobre um esforço militar sem precedentes. O que arrisca perder não é o poder da América, mas um pedaço essencial de sua glória. [...]

O resultado é uma guerra por um objetivo internacional legítimo, contra uma tirania execrável, mas uma guerra que lutaremos praticamente sozinhos. Num momento em que a América mais precisa que o mundo perceba suas ações pelo melhor ângulo possível, ele provavelmente verá pelo pior. Este resultado não era nem antecipado nem inevitável. []

War in the Ruins of Diplomacy

<http://www.nytimes.com/2003/03/18/opinion/18TUE1.html>

Mais blogs no cenário de guerra

18.Mar.2003 | Está começando a ficar muito interessante a cobertura de guerra via blogs. Há mais um na área: chama-se qHate.com, um trocadilho entre o nome Kuwait e a palavra ódio, em inglês.

Trata-se de um blog coletivo, assinado por estrangeiros que vivem no Kuwait, jornalistas que vão chegando e kuwaitianos. É menos algo de informação de coxia e mais uma costura de impressões do cotidiano.

Fala, por exemplo, da preocupação do lojista que vende automóveis, procura tirar carros de passeio do estoque e lança promoções de picapes com tração nas quatro. Ou da falta de pão no supermercado. Ou mesmo a confusão que se instala no momento em que você precisa se preparar para uma guerra no país vizinho. Que é que se compra numa hora dessas? Conforme eles vão aprendendo, vão relatando no blog.

(A lista de blogs de guerra continua, permanentemente atualizada, na página de links deste Weblog.) []

Links deste weblog

<http://homepage.mac.com/pdoria/weblog/>

qHate.com

<http://www.qhate.com/>

via Back to Iraq 2.0

<http://www.back-to-iraq.com/>

Subterrâneos de Bagdá

18.Mar.2003 | Houve, um dia, planos de construir um metrô em Bagdá. Não rolou.

Mas, à boca pequena, diz-se por lá que os subterrâneos foram construídos. Um cientista exilado disse à rede de tevê norte-americana CBS que conheceu alguém que tinha trabalhado na obra.

Parece disse-me-disse – e é. Mas a boa revista Technology Review, do Instituto de Tecnologia do Massachussetts, apresenta bons argumentos para a plausibilidade.

No deserto, movimentação em túneis pode ser percebida com infra-vermelho pelo calor dos corpos. Raios-x podem ser usados para encontrá-los a até 10 metros de profundidade. E as entradas são sempre encontráveis.

Mas na bagunça da cidade é diferente. Entradas podem ser escondidas em apartamentos ou armazéns. A balbúrdia inata do trânsito, mais encanamentos diversos, impedem que infra-vermelho ou raio-x ajudem em qualquer coisa.

E, afinal, Saddam deve estar escondendo em algum lugar seu arsenal.

Termina assim a reportagem: "um complexo de túneis sobre Bagdá é exatamente o que Saddam precisa – para armazenar armas ilegais e – se necessário – para escapar. Ele poderia pagar o preço de um complexo assim. E, se ele não construiu isto, a pergunta transforma-se noutra: por que não?" []

Baghdad express

http://www.technologyreview.com/articles/wo_muller031403.asp

via Interesting People

<http://www.interesting-people.org/.../200303/>

Internet e guerra

17.Mar.2003 | Não pensem por um momento que usuários mais hábeis não vão descobrir alguma maneira de tornar aquilo que sabem público. Jornalistas, acadêmicos e cidadãos já provaram o poder de conhecimento e distribuição que a Internet tem para oferecer. Posso garantir que veremos esta apuração de notícias de raiz novamente se ação militar vier a ocorrer no Golfo.

E com esta apuração, virão também uma torrente de rumores e falsidades e propaganda de algumas facções. Devemos tratar tudo com muito cuidado e bem, lembrando sempre que "a verdade é a primeira vítima da guerra".

Mais importante, nestes tempos de email, é lembrar uma citação menos conhecida de Mark Twain: "uma mentira pode viajar metade do mundo enquanto a verdade ainda está calçando os sapatos."

De Chris Cramer, diretor da CNN International. Está absolutamente certo. Ao mesmo tempo, tenta vender o peixe do jornalismo de grandes empresas de comunicação em detrimento da independência selvagem da Internet. []

How the net will play a key role in this war

<http://media.guardian.co.uk/iraqandthemedial/.../911266,00.html>

Hora do lobo

17.Mar.2003 | Poucas traduções são tão infelizes quanto a da série The Twilight Zone – A zona do crepúsculo, literalmente ou Além da imaginação, como ficou conhecida no Brasil.

Tirou-lhe o charme.

Aquele momento do dia em que as luzes naturais começam a se esvaír até desaparecer despertam a angústia. Aparentemente, crianças muito jovens e velhos que já perderam o racional são particularmente afetados. Com o surgimento da luz artificial, o momento perdeu um pouco de seu poder de ativar o irracional.

Tem a ver com o momento que o segue, a Aurora, ou, como Ingmar Bergman a chamou, a Hora do Lobo.

Este medo profundo, quase orgânico, é um pouco o de que todas as regras mudem. Que aquela lógica da vida se inverta. É o surreal. Medo de um dia acordar transformado em barata; ou de meterem-lhe num processo sem deixar clara a acusação ou os caminhos para resolvê-lo.

Só para dizer que, às vezes, o mundo parece ter se enfiado numa Zona do Crepúsculo. []

Hour of the wolf

<http://www.rottentomatoes.com/.../&page=1&rid=301070>

The twilight zone

<http://www.geocities.com/rickstvshows/twilightzone59.html>

Jornalismo independente

17.Mar.2003 | Em breve, Sites poderá não ser o único repórter blogueiro no cenário de guerra. Se tudo der certo, terá a companhia de Christopher Allbritton, ex-AP, ex-New York Daily News.

Allbritton será especial. Ele está planejando fazer algo novo e diferente usando a Internet: vender seu trabalho direto ao consumidor.

Ou não exatamente. Sua viagem custará, na ponta do lápis, 10.000 dólares. Então, veterano do Oriente Médio, montou um blog – Back to Iraq 2.0 – e faz a seus leitores uma proposta: uma doação e, em troca, jornalismo independente.

Até sábado, tinha conseguido 3.780.

Sua proposta não é má. Mocinhas consumistas assustadas com a dívida no cartão de crédito já conseguiram sanar seus problemas via Web. Assim como mocinhas planejando injetar silicone nos seios. Financiar a viagem de um repórter para uma guerra onde a censura será pesada não parece má idéia.

E, no fim das contas, pode disparar um precedente interessante. (Enquanto isso, seu blog já é um canto interessante da rede para descobrir boa informação.) []

Back to Iraq 2.0

<http://www.back-to-iraq.com/>

Blogando do Iraque

17.Mar.2003 | Kevin Sites é repórter da CNN e está, neste exato momento, no Iraque. Andava como blogueiro visitante no Boing Boing.

Agora, Sites tem blog próprio.

Ontem, domingo, estive em Halabja, cidade curda atacada com veneno químico na Guerra Irã-Iraque. Vai tentar colocar fotos online ainda hoje, mas a conexão de telefone via satélite está engarrafada.

Diz mais: "Alguns jornalistas estão especulando que a guerra deve começar até o final da semana." []

Kevin Sites Blog

<http://www.kevinsites.net/>

via Boing Boing

<http://boingboing.net/>

Parabéns

15.Mar.2003 | É fácil esquecer como era antes da revolução - antes do eBay, da Amazon, do Yahoo, do Napster e sites dedicados a todos os assuntos que um humano poderia imaginar; antes de as pessoas usarem a web para achar empregos, encontrar namoradas, comprar coisas e serviços e viajar; antes que o email conectasse muito barato centenas de milhares. Antes que a Netscape disparasse o boom das pontocom, em 1995.

Em 1993, a Internet era usada quase que só por professores, cientistas e militares. Navegar exigia a memorização de comandos de texto arcaicos. Apenas uns anos antes, num laboratório na Suíça,

Tim Berners-Lee criou links de hipertexto que formaram a base da World Wide Web. Mas, até então, ela era só texto e servia para pesquisa.

Aí veio o Mosaic - e o mundo seria completamente diferente. []

10 years ago, who knew what his code would do?

http://www.usatoday.com/tech/news/2003-03-09-internet_x.htm

via Ponto Media

<http://www.ciberjornalismo.com/pontomedia.htm>

À francesa

14.Mar.2003 | Batatas fritas, em inglês, é french fries; virou freedom fries, fritas da liberdade.

Richard Dunham, correspondente em Washington da Business Week, pergunta: qual o próximo? French kiss?

Refere-se a beijos de língua. []

Will "French Kiss" Be Next to Go?

http://www.businessweek.com/bwdaily/.../nf20030313_7075_db015.htm

Bush por Soros

13.Mar.2003 | O investidor George Soros interpreta a crise política internacional usando o mercado de capitais como metáfora. Coisa requintada de se ler.

A administração Bush acredita que relações internacionais são relações de poder; que legalidade e legitimidade são decorativas. Esta crença não é falsa, mas exagera um aspecto da realidade excluindo os outros. O aspecto que exagera é o poder militar. Mas nenhum império jamais se sustentou apenas com poder militar.

Ainda assim, a crença neste princípio guia a administração Bush. O primeiro ministro Ariel Sharon, de Israel, divide a mesma crença e olhe onde ele foi parar. A idéia de que poder é certo não pode conciliar-se com a de uma sociedade aberta. Por isso, precisam duma linguagem orwelliana para explicá-la.

Mais à frente:

Vejo paralelos entre a busca da administração Bush pela supremacia americana e o processo de explosão da bolha no mercado de capitais. Bolhas não surgem do nada. Elas têm uma base sólida na realidade, mas percepções erradas distorcem esta realidade. Aqui, a posição dominante dos Estados Unidos é a realidade e a busca pela supremacia americana é a percepção errada.

Por um tempo, a realidade reforça a percepção errada mas, eventualmente, a distância entre realidade e a interpretação equivocada se torna insustentável. [...] Quanto mais tarde vem, mais devastadoras as consequências. [...]

Uma vitória rápida no Iraque com poucas mortes pode promover uma mudança dramática na situação atual. [...] Mas vencer militarmente o Iraque é a parte fácil. É o que vem depois que conta. Num processo de formação da bolha, passar nos primeiros testes tende a reforçar a percepção errada. É disto que devemos ter medo. []

The bubble of American supremacy

<http://www.koreaherald.co.kr/.../2003/03/13/200303130033.asp>

via No War Blog

<http://www.nowarblog.org/>

Uns dias a mais

13.Mar.2003 | Dez minutos antes da execução, a Suprema Corte dos EUA soltou uma liminar suspendendo a morte de Delma Banks. Ele seria a tricentésima vítima da pena capital, no Texas. []

U.S. High Court Blocks Execution No. 300 in Texas

http://www.slttrib.com/2003/Mar/03132003/nation_w/37880.asp

Mrs. Robinson

12.Mar.2003 | "Há uns 25 anos, escrevi um artigo no qual tentava imaginar como seria se relacionar com uma mulher mais velha. Eu a imaginava segura de si e intensamente sexual, um quê dominadora e, principalmente, sabendo tudo. Sua qualidade mais atraente, me parecia, era aquela que normalmente atribuímos aos jovens, a habilidade de viver o momento. Jovens tendem a não fazer isso. Preocupam-se com o futuro. Não gastam tempo. Pensam: isso é bom para meu currículo? Temem que sexo casual corra sua auto-estima. Eles tendem a procurar a moça certa, não Mrs. Robinson.

"Naquele tempo, disse que a mulher mais velha não está à caça de marido; ela sabe o que quer e, se você valer a pena, ela é sua para levar. Ela sabe as coisas essenciais a respeito de discrição e tem uma noção privilegiada de tempo. Assim como um garoto vê maturidade num encontro sexual – prova de sua masculinidade – a mulher mais velha lhe teve garantido um prêmio e o encontro é como trapacear sua idade. Para ela, é um elogio mútuo e íntimo."

Aos 61 anos, o escritor britânico Paul Theroux ainda sonha com Mrs. Robinson, personagem de Anne Bancroft na primeira noite de um homem. []

And here's to you, Mrs Robinson

<http://www.timesonline.co.uk/article/0,,7-605016,00.html>

via Arts & Letters Daily

<http://aldaily.com/>

Na cadeia

12.Mar.2003 | Uma jovem de 28 anos foi presa no Quartel-general de Comunicação Governamental do Reino Unido. Ela trabalhava para o serviço de inteligência britânico e, segundo o jornal The Observer, sua prisão está relacionada ao vazamento de um email da Agência de Segurança Nacional (NSA) dos EUA.

O email, publicado há dois domingos pelo Observer, dava ordens para que se grampeassem os diplomatas do Conselho de Segurança da ONU.

Há uma série de vazamentos que vem ocorrendo da Inteligência Britânica. Segundo o Register, eles vem por conta da comunidade de espiões estar desgostosa com o uso político e manipulado das informações que levantam. []

Arrest at UK's spook station after NSA UN bugging claim

<http://www.theregister.co.uk/content/6/29658.html>

GCHQ arrest over Observer spying report

<http://www.observer.co.uk/iraq/story/0,12239,910648,00.html>

via Robot Wisdom

<http://www.robotwisdom.com/>

300

11.Mar.2003 | Deve acontecer amanhã, dia 12, a tricentésima execução no Texas. Para variar, é um negro acusado de assassinar um branco.

Delma Banks é acusado de matar um rapaz de 16 anos em 1980, numa cidadezinha chamada Nash. Delma não tinha qualquer antecedente criminal.

Sua convicção veio por conta dos testemunhos de dois homens, ambos brancos, dependentes químicos. Um recebeu pelo testemunho. Outro, também preso, recebeu um abono na pena por conta da ajuda.

Delma estava em Dallas no horário em que o rapaz foi provavelmente assassinado, tal qual estimado pelos legistas.

Ainda assim, se não receber até o último minuto o perdão do governador, será a vítima de número 300 da pena capital texana - estado que foi governado pelo presidente George W. Bush. []

Countdown to Execution No. 300

<http://www.nytimes.com/2003/03/10/opinion/10HERB.html>

Sade, in memoriam

12.Mar.2003 | O tradicional teatro britânico viverá uma revolução. Peça pornô em palco sério. Ou não exatamente pornô e sim uma adaptação da obra do Marquês de Sade. O sexo no palco é aparentemente explícito mas, na verdade, simulado. A censura inglesa liberou.

A montagem cabe ao grupo catalão La Fura dels Baus, que ajudou na coreografia da abertura da Olimpíada de 1992. Fazem teatro experimental, naturalmente.

A coisa é perigosa para o público. A cada noite, alguém será sorteado e convidado ao palco para por em prática uma fantasia. []

via Aberrant News and Curiosities

<http://www.thundersnake.com/news.htm>

Vice squad clears way for de Sade sex show

<http://www.dailylegaph.co.uk/.../2003/03/08/ixhome.html>

Angústia

11.Mar.2003 | Estão em cacos, pela web, trechos da nova obra de Art Spiegelman – In the shadow of no towers ou, numa tradução esboçada, À sombra das torres inexistentes.

Designer, quadrinista, Spiegelman é autor de capas da New Yorker à série em quadrinhos Maus, a respeito do passado de seus pais nos campos nazistas. In the shadow trata, naturalmente, do 11 de setembro e da onda paranóica que assolou o país que ele adotou: os EUA.

Trechos seguem. []

Forward 1

<http://www.forward.com/issues/2002/02.10.04/arts.spieg1.html>

Forward 2

<http://www.forward.com/issues/2002/02.09.06/arts.spieg1.html>

London Review of Books

http://www.lrb.co.uk/v25/n05/spie02_.html

Spiegelman at Lambiek

<http://www.lambiek.net/spiegelman.htm>

Pois é

11.Mar.2003 | Coisa fina, embora vagamente familiar, a coluna de Marcia Peltier, no JB de hoje. []

Márcia Peltier

<http://jbonline.terra.com.br/.../peltier/2003/03/10/>

Em nome do dólar

Pós-CNN

11.Mar.2003 | Está de volta a Bagdá um iraquiano que reside em Barcelona. Anônimo. Na bagagem, carregou consigo um kit de antena, webcam, meia dúzia de cabos e instruções completas.

Se tudo der certo, até a guerra, o olho eletrônico estará online definitivamente, filmando momento-a-momento uma ruazinha à toa de Bagdá.

A turma que promove o evento alega que há filtros demais entre o que acontece no Iraque e o que o resto do mundo ouve e vê. É um gesto simbólico, afinal.

Se der certo, algo de sutil terá mudado nas coberturas de guerra. []

Proyecto webcam in Iraq

<http://www.webcaminiraq.org/>

Axé

11.Mar.2003 | Epa babá-epa ô! Por ventura o leitor já teve curiosidade de saber de que santo é filho, qual o Orixá que ilumina seus destinos?

O portal Casa dos Orixás, dedicado à cultura negra brasileira, responde à pergunta baseando-se na data do nascimento. Não é método dos mais rígidos e não há de valer num bom terreiro.

Mas é um início. []

Conheça seu orixá

<http://www.orixas.com.br/seuorixa.htm>

via Terceira Base

<http://www.hiro.com.br/blog/>

Afeganistão online

10.Mar.2003 | O Estado Transitório Islâmico do Afeganistão – é o nome oficial – tem agora seus sites com domínio próprio na Internet.

O endereço do primeiríssimo: www.af – simples e direto.

Redigido em inglês, dá conta da versão oficial de reconstrução do país. []

Information Resources of ITSA

<http://www.af/>

via Metafilter

<http://www.metafilter.com/>

Reinvenção

10.Mar.2003 | A roda mais velha do mundo é eslovena e tem algo entre 5.100 e 5.350 anos. A recordista anterior é pelo menos cem anos mais jovem.

Não é, naturalmente, parecida de qualquer forma com as rodas originais, inventadas há uns 10.000 anos atrás. No Iraque, quem diria. []

World's oldest wheel found?

<http://dsc.discovery.com/news/briefs/20030310/wheel.html>

Cabeleira do Zezé

10.Mar.2003 | Drácula era.

[]

Dracula was gay fantasy

<http://www.sundaymail.co.uk/news/.../=full&siteid=86024>

Como funciona a Internet

08.Mar.2003 | No neolítico da Internet, Doc Searls, David Weinberger e outros escreveram o Cluetrain Manifesto, um documento romântico e marcante a respeito da vida digital que se iniciava. Quase dez anos depois, os dois, novamente juntos, publicam um novo manifesto. Chama-se World of ends, o mundo onde tudo termina numa tradução livre.

O objetivo de ambos é explicar o conceito por trás da Internet, as regras que fazem com que as coisas dêem certo ou não na Grande rede. São dez pontos, todos devidamente digeridos. Trecho:

2. A Internet não é uma coisa. É um acordo.

Quando vemos postes, vemos redes enquanto fios. E vemos fios como partes dum sistema: o sistema telefônico, o sistema elétrico, o sistema de tevê a cabo.

Quando ouvimos rádio ou vemos tevê, nos dizem a cada intervalo que as redes são a fonte dos programas transmitidos através do ar ou dos cabos.

Mas a Internet é diferente. Não é fio. Não é um sistema. Não é uma fonte de transmissão de programação.

A Internet é um meio para que todas as coisas chamadas redes possam coexistir e trabalhar juntas. É um inter-network, uma inter-redes. Literalmente.

O que faz da Net inter é o fato de que ela é apenas um protocolo ? o Internet protocol. Um protocolo é um acordo sobre como as coisas devem funcionar quando juntas.

Este protocolo não especifica o que as pessoas podem fazer com a rede, o que podem construir em suas pontas, o que podem falar, quem pode dizer qualquer coisa. O protocolo simplesmente diz: se você quer trocar bits com outros, faça assim. Se você quiser ligar um computador ? ou um celular, ou uma geladeira ? na rede, você tem que concordar com um acordo que é a Internet.

Mais à frente, os autores afirmam coisas como A Internet é burra e isso é bom ou Agregar valor à Internet é diminuir seu valor. Tudo para o horror dos marqueteiros.

Update: O mestre programador Rainer Brockerhoff publicou, em seu weblog, uma tradução. []

Mundo de pontas

<http://www.brockerhoff.net/bb/viewtopic.php?t=10>

via Boing Boing

<http://boingboing.net/>

World of ends

<http://www.worldofends.com/>

Matusalém Matusca

09.Mar.2003 | Tão velho que não tem vergonha de adotar como símbolo um sarcófago. Matusalém Matusca usa seu blog para contar as histórias que viveu. Aprendeu box com Heitor Fernandes, ficou plantado, debaixo da chuva, esperando Brigitte Bardot num restaurante em Búzios, explorou o Brasil com o Coronel Fawcett. Ou, então, mente muito. Destaque do blog: o design minimalistas e os cartuns animados. []

Proibido proibir

07.Mar.2003 | Posto isto, está avisado; indecifrável o que os japoneses quiseram dizer com a placa que segue ao link.

[]

Placa: Yusen

<http://www.geocities.co.jp/.../jpg/yusen.jpg>

via Daze Reader

<http://www.dazereader.com/>

Rumo a Bagdá

07.Mar.2003 | O economista Marcos Arruda e o teólogo Leonardo Boff escrevem a Sua Santidade, João Paulo II, pedindo que o papa tome o rumo do Iraque.

"Me parece claro", escreve Arruda, "que neste momento você é a única pessoa na Terra que pode impedir esta guerra. Sua presença física em Bagdá impedirá a morte de milhares de pessoas e forçará a comunidade internacional a encontrar e implementar uma resolução pacífica para esta agressão sem precedentes." []

Pela Paz

<http://cora.blogspot.com/>

O autor

07.Mar.2003 | A revista de esquerda norte-americana Mother Jones afirma, em sua nova edição, que o projeto do governo Bush de conquistar o Iraque e, a partir dele, controlar a política do Oriente Médio tem 30 anos.

E que seu autor é Henry Kissinger.

A velha águia política, Secretário de Estado durante o governo Nixon, estruturava o projeto desde o início dos anos 1970. Entre as fontes declaradas da revista estão ex-embaixadores dos EUA na região – um deles que teve Kissinger como chefe. []

The thirty year itch

http://www.motherjones.com/news/feature/2003/10/ma_273_01.html

Pois é

06.Mar.2003 | "Você tem um blog?"

"Não. Tenho trabalho a fazer. Não tenho nem o tempo nem meu ego a necessidade."

De Marc Andreessen, autor do primeiro browser gráfico e fundador da Netscape. []

Andreessen: 'The valley is going to save the valley'

<http://www.siliconvalley.com/mld/siliconvalley/5329623.htm>

via ScriptingNews

<http://scriptingnews.userland.com/>

Democracia eletrônica

06.Mar.2003 | Bill Frist, líder do Partido Republicano no Senado dos EUA, está promovendo uma pesquisa em sua página pessoal a respeito da guerra. De pouco mais de 28.000 respostas por enquanto, está meio a meio, os contra a guerra ganhando por dois pontos percentuais. []

Query on Saddam

<http://frist.senate.gov.master.com/.../Saddam%20Hussein.html>

Via The Agonist

<http://www.agonist.org/>

Blogs de guerra

01.Mar.2003 | Carnaval vem aí, cumpre não ficar perdido demais do noticiário de guerra. Estou listando blogs específicos sobre o conflito na página de links que serve de base à navegação diária deste Weblog. Está lá para quem quiser.

Evoé Momo! []

Startpage

<http://homepage.mac.com/pdoria/weblog/>

O que achei de Saddam

28.Fev.2003 | O âncora da CBS Dan Rather, que entrevistou Saddam Hussein esta semana, publica no Wall Street Journal um artigo a respeito de suas impressões. Trecho:

De tudo o que disse, explicitamente ou pelo jogo de corpo, é evidente que este sobrevivente mantém sua confiança – o que é quase estranho, até ilógico – de que vai passar nesta prova e tudo o que vier pela frente. Após passar quase três horas em sua presença, a impressão que dá é que sua mente está revolvendo furiosamente conforme ele tenta descobrir uma saída deste beco. Saddam é sempre o calculista e quando e se vier a guerra, ele acredita que encontrará uma maneira de absorver o primeiro golpe devastador que o atingirá. Então, imagino, ele talvez acredite que poderá escorregar, como uma raposa, para reunir seus recursos para a batalha seguinte.

Depois de tudo, suas palavras e ações deixam claro, ele vai medir sua vitória não em termos de vidas, território, armas ou infra-estrutura nacional, mas por um critério mais autocentrado: sua própria sobrevivência. []

A Latter-Day Saladin

<http://www.opinionjournal.com/editorial/.../?id=110003136>

via Crazy Saddam

<http://www.crazysaddam.com/>

Águias e urubus

28.Fev.2003 | O blog Brief intelligence está divulgando alguns posters de guerra norte-americanos modificados a serviço da propaganda de paz. []

Brief intelligence

<http://www.boundupdesigns.com/cgi-bin/blog/>

Como funcionará a censura na CNN

28.Fev.2003 | Robert Fisk conta, no diário britânico Independent, como funcionará a censura na CNN, durante a Segunda Guerra do Golfo.

Todo o texto escrito pelos repórteres no local da notícia deverá passar, antes, pela aprovação de executivos na sede em Atlanta. A equipe foi informada das novas regras num memorando e da instalação dum novo sistema computadorizado de aprovação do material.

Reportagens já vem sendo censuradas. Uma, do repórter Michael Holmes, mostrava o hábito da Força de Defesa de Israel de atirar contra ambulâncias do Crescente Vermelho (Cruz Vermelha palestina). Ninguém em Israel quis dar entrevista – por conta da falta duma versão oficial, os fatos foram arquivados. E dias depois, quando veio a entrevista, o texto foi mudado. De soldados israelenses atirando contra ambulâncias, ficou ambulâncias pegadas no tiroteio cruzado.

Na Primeira Guerra do Golfo, a CNN aceitou "trainees" – as aspas são de Fisk – do Pentágono na Redação. O jornalista britânico aposta que será gente assim que dará a aprovação final das reportagens da emissora. []

How the news will be censored in this war

<http://argument.independent.co.uk/commentators/story.jsp?story=381438>

Vox Dei

27.Fev.2003 | Segundo pesquisa da rede de tevê CBS, nos EUA, 64% da população norte-americana acha que o governo de seu país deveria esperar uma decisão da ONU antes de agir. []

Poll: U.S. Intent On War

<http://www.cbsnews.com/stories/2003/02/26/>

Pop

27.Fev.2003 | Mister Rogers morreu.

Era o mais antigo, tradicional e encantador personagem da tevê infantil educativa norte-americana. []

Sad Day In The Neighborhood

<http://www.cbsnews.com/stories/2003/02/27/>

Por fora

27.Fev.2003 | O mapa dos votos no Conselho de Segurança da ONU:

Pró-guerra: EUA, Reino Unido, Bulgária, Espanha.

Provavelmente pró: Angola.

Abstenção ou pró: Chile, México, Paquistão.

Contra: França e Alemanha.

Abtenção ou contra: Rússia, China, Síria, Guiné, Camarões.

Uma declaração de guerra carece nove votos pró e nenhum veto. EUA, França, Rússia, China e Reino Unido têm direito de veto. []

Expected UN Security votes, Feb 26

<http://agonist.org/annex/unvotes2>

Quando jornalistas não contam o que sabem

27.Fev.2003 | Repórter de ciência do diário novaiorquino Newsday, premiada com o conceituado Prêmio Pulitzer, Laurie Garrett foi para Davos cobrir o Fórum Econômico Mundial. Leitores

freqüentes deste weblog conhecem a história. Da Suíça, disparou um longo email para os amigos contando o que viu e o que ouviu: uma carta pessoal rica em informação e observações. Entre outras coisas, ouviu dos chefes das polícias federais da Alemanha e da Arábia Saudita que quem tinha know-how de terror na Al Qaeda estava morto ou preso.

Aí a Internet fez sua mágica. Um dos amigos considerou o relato interessante e repassou-o para outros. O vírus espalhou-se, foi dar numa lista de mensagens cujos arquivos estão na web. Das caixas de email, virou página, de página link, caiu nos blogs. A trupe do Metafilter ? os melhores caçadores e desbravadores de informação no mundo blogueiro ? levantaram se a história era verídica ou não. Encontraram Laurie. Ela ficou danada da vida: sim, tinha mandado o email. Aquilo, reclamou, era uma invasão de privacidade.

Põe-se na conta dos causos da grande rede, levanta duas questões: primeiro, é uma invasão de privacidade? E, segundo, por que as informações não foram publicadas no jornal?

Quem é esperto sabe que, lá no Conselho de Segurança da ONU, rola um grande teatro. Os líderes do mundo sabem muito mais do que contam e o que contam é hipócrita. Uns conhecem as razões dos outros e elas não são trazidas a público. Das várias coisas que a repórter Laurie Garrett ouviu em Davos, esta do desmantelamento da Al Qaeda pesa qual chumbo na discussão que corre a respeito do Iraque. Mas ela ou seus editores julgaram que não cabia às páginas impressas. Mais grave: ela ouviu numa pequena reunião a informação ao mesmo tempo em que outros jornalistas a ouviram. Eles, e seus editores, também julgaram que não cabia à publicação.

Um email pessoal, por uma questão de cortesia do remetente, não deve ser tornado público. É uma norma de etiqueta que vale desde os tempos em que moleques entregavam bilhetes no outro lado da cidade e ficavam aguardando a resposta. Com a facilidade da tecla Forward/Encaminhar, caiu na falta de elegância (ou grosseria, mesmo) vigente. Mas uma vez publicada na web e não se tratando de questão pessoal, como ignorar? É o caso dos grampos ilegais de autoridades aprontando. Não se corrobora o crime do grampo ao tornar público seu conteúdo ? se este é do interesse público. (Longa discussão: que é interesse público e que não é?)

A GloboNews vem reprisando a entrevista que o repórter Marcos Uchôa fez com o correspondente do diário britânico Independent no Oriente Médio, Robert Fisk. Há 27 anos residente no Líbano, Fisk é daqueles que faz entrevista em árabe e hebraico. Osama bin Laden, entrevistou-o três vezes, como nenhum outro repórter fez. Para Uchôa, ele reclama da imprensa vigente. Diz que o jornalismo anda confundindo suas prioridades, principalmente nos EUA. Como se questionar o governo fosse antipatriótico em momentos de crise ou guerra, quando é justamente o papel da imprensa questionar o governo sempre ? principalmente nos momentos de crise.

Como são as agências de notícia norte-americanas e seus jornais que dissipam informação para grande parte da imprensa mundial, é o caso do Brasil, somos todos mal informados por consequência.

Ao ler o noticiário, o público tem toda a razão de ler desconfiado. Mais que uma questão de quebra de privacidade, é isto que a mensagem de Laurie Garrett para os amigos demonstra. Em seu weblog, o editor-chefe da Salon.com, Scott Rosenberg, faz uma análise neste sentido.

O email de Garrett está publicado na web para quem quiser lê-lo. []

Laurie Garrett and Davos: What do journalists really think?

<http://blogs.salon.com/0000014/>

O email: Swiss view

<http://www.topica.com/lists/psychohistory/.../start=4389>

Classificados

26.Fev.2003 | Blog à venda. Novo em folha. Nunca usado. []

Não discuto

<http://www.naodiscuto.blogger.com.br/>

Uma boa proposta para você

26.Fev.2003 | Pela primeira vez alguém foi parar na cadeia por participar do dito "golpe nigeriano". Foi a vítima, um tcheco de 72 anos.

O golpe está entre os mais recorrentes na Internet. Um esperto nigeriano (por vezes doutra república africana) envia email para o incauto e conta sua história. Ele é procurador (filho, sobrinho, secretário etc.) dum antigo ditador (ministro, governador etc.) e tem uma bolada de dinheiro para sacar dum banco suíço. Só que, se ele fizer isso pessoalmente, o roubo dos cofres públicos será imediatamente descoberto. Então, ao pedido do módico favor: o esperto pede ao incauto para resolver o problema ? em troca, ganha uma percentagem. Por garantia, pede uma quantia parca para resolver entraves burocráticos ? e o que mais o incauto estiver disposto a oferecer.

O pobre tcheco, por exemplo, ofereceu todos seus dados bancários. Viu-se sem um centavo. Passou o último ano visitando semanalmente a embaixada da Nigéria em seu país.

Ontem, abateu a tiros o cônsul Michael Lekara Wayid. []

Nigerian Slain Over E-Mail Scam

<http://www.wired.com/.../0,1284,57760,00.html>

via Aberrant News and Curiosities

<http://www.thundersnake.com/news.htm>

Mais Rio histórico

26.Fev.2003 | A turma do Patrimônio da prefeitura do Rio criou, no site do Passeio Público, uma revista eletrônica sobre a história da cidade. Serve de boa dica para quem pretende passar o carnaval e gostaria de tirar uma ou outra tarde para conhecer as ruelas e lugares onde boa parte do Brasil aconteceu. []

Mais Passeio

<http://www.passeiopublico.com.br/maispassaio/>

Blog azul

26.Fev.2003 | Ricardo Dias™ está procurando nas boas lojas do ramo um blog azul para comprar. []

Internet azul

<http://www.internetazul.blogspot.com/>

A sinistra norte-americana vê Lula

26.Fev.2003 | A coisa andava estranha. Toda a imprensa norte-americana falou (muito) sobre a eleição, posse e primeiros passos do governo Lula. Menos a imprensa de esquerda. The Nation e Mother Jones, principais títulos da sinistra, nem em seus sites, nem no papel, citaram o presidente. Pois mudou: Lula está na capa da Nation. É uma longa reportagem apurada no Fórum Social Mundial de Porto Alegre que faz um bom retrato do início de governo que assim descrevem:

Enquanto o debate há trinta anos de outro presidente latino-americano de esquerda – Salvador Allende, do Chile – estava centrado numa questão filosófica ampla de se fazer uma transição pacífica para o socialismo era possível ou não, as perguntas de hoje são mais imediatas, mais pragmáticas, mais concretas: qual a possibilidade de uma reforma, mesmo que mínima, dentro das margens da arquitetura financeira internacional? Que alternativas ao "Consenso de Washington" neoliberal são possíveis? Será que o Brasil pode assumir a liderança regional para lutar por um relacionamento comercial mais justo com os Estados Unidos? Resumindo, é prático cogitar uma transição pacífica para algo além do status quo? E, mais importante, como Lula pode conseguir o equilíbrio entre as necessidades imediatas de um país desesperado e as intransigências do mercado global? []

Lula's moment

<http://www.thenation.com/.../i=20030310&s=frasca>

Rio d'ontem

25.Fev.2003 | Para quem tiver paciência para ouvir Garota de Ipanema em midi, uma turma que revende produtos brasileiros na Alemanha colocou na web um slideshow com fotografias do Rio em 1900.

Para quem não conhece as imagens: era mais bonito e tinha o Castelo. Era também um pouco mais Rio, embora ainda sem samba, Bossa Nova ou gol do Flamengo. E que seria um Rio desses? Pois é – menos aterros (embora já alguns), mais vielas e becos (como foi a cidade durante três séculos), mais mato e verde e praias silvestres. Mais paraíso, menos metrópole.

Aí a República estragou tudo. []

Rio, 1900

<http://www.kippenhan.net/brasil/slideshow/rio1900.html>

Bola de cristal

25.Fev.2003 | Há de ser um truque elementar, daqueles que servem de exemplo em livro.

Mas que o Leitor de Mentes funciona, não existe dúvida. Funciona. []

Mind reader

<http://www.cyberglass.biz/FlashEx/mindreader.html>

via Yamica

<http://yamica.blogspot.com/>

Debate Saddam vs. Bush

25.Fev.2003 | O âncora da rede norte-americana de tevê CBS, Dan Rather, saiu ontem de Bagdá com um gol de placa feito: entrevistou Saddam Hussein. Desta vez, não entrevista feita por político, mas feita por jornalista.

Das redes de tevê norte-americanas, a CBS é a única que deixa seus vídeos disponíveis gratuitamente pela Internet. No CBS Evening News de ontem, Rather apenas falou sobre a conversa - carece ainda ser decupada, traduzida, editada. Deve ter coisa nova hoje.

Na entrevista, Saddam convidou George W. Bush a um debate pela televisão, feito através de link por satélite, ao vivo de Washington e Bagdá. []

The Saddam Interview

<http://www.cbsnews.com/sections/eveningnews/>

Peso do gigantismo

25.Fev.2003 | Quando se aposentou após trabalhar mais de dez anos na Microsoft, David Stutz fez mais do que agradecer à festa de despedida. Programador sênior responsável por uma gama de projetos estratégicos, escreveu um pequeno ensaio que tornou público pela Internet. Nele, diz o caminho que considera que a empresa deve seguir.

Para ele, a empresa precisa mudar o foco dos grandes projetos como Windows e Office. Super-programas com muitas funções que quase ninguém usa despertam cada vez menos interesse no mercado. E a tática de atrelar um ao outro, provocando a necessidade de o cliente usar o Office, o Windows, o Explorer, o Outlook etc. porque um só funciona bem com o outro e nenhum mais cria desgaste perante o público, não gera simpatia.

Pelo contrário, para Stutz a Microsoft deve dedicar-se às pequenas ferramentas. Um bom programa que publique blogs. Outros que usem a web como interface. O engenheiro de software vai além, sugerindo à empresa onde trabalhou que libere as versões iniciais destes programas gratuitamente para ouvir a opinião da comunidade de usuários.

Procurada pela Internet Weekly, a Microsoft limitou-se a informar que concorda em grande parte com o ex-empregado. []

Advice to Microsoft regarding commodity software

<http://www.synthesist.net/writing/onleavingms.html>

Outgoing Microsoft Bigshot Says Company Must Make Drastic Changes Outgoing Microsoft Bigshot Says Company Must Make Drastic Changes

<http://www.internetweek.com/.../Article.jhtml?articleID=6900322>

via Robot Wisdom

<http://www.robotwisdom.com/>

Pax Americana

24.Fev.2003 | John Perry Barlow, um dos sujeitos mais próximos de ser considerado intelectual da utopia eletrônica que há, publicou um artigo a respeito de como enxerga o atual conflito entre EUA e Iraque. Há algumas décadas, Barlow ? um ecologista libertário ? teve contato com Dick Cheney, o atual vice-presidente norte-americano. Faziam lobby por questões ecológicas.

É aproveitando-se deste conhecimento da personalidade de Cheney que desenvolve um raciocínio através do qual conclui:

Primeiro, eles pretendem assustar Saddam Hussein ao ponto de ele voluntariamente entregar seu país aos EUA e escolher um exílio seguro. Não conseguindo, pretendem convencer a população

iraquiana que é melhor derrubar ou assassinar seu líder do que esperar uma invasão norte-americana.

Segundo, eles estão tentando convencer qualquer outra nação do planeta de que os Estados Unidos são a Mãe de Todos os Estados Violentos, governados por loucos bárbaros que possuem 15.000 mísseis nucleares e que estão dispostos a usá-los já que têm maior capacidade de provocar a morte do que todos os outros países do mundo combinados. Em outras palavras, eles querem que o resto do mundo pense que os EUA são o grande responsável pela costura do planeta. Não é possível confiar neles, mas é melhor também não mexer com eles.

Através deste método terrível, eles criarão um mundo no qual a guerra conduzida por qualquer país que não os EUA seja simplesmente arriscada demais e, assim, a Grande Paz Americana terá início.

Barlow é um otimista, para dizer o mínimo. O artigo chama-se *Sympathy for the Devil*, alusão à música dos Rolling Stones que se traduz por Simpatia pelo diabo. []

Sympathy for the Devil

<http://www.interesting-people.org/.../200302/msg00186.html>

Política de rede

24.Fev.2003 | Foi lançado o Partido dos Internautas, PI.

"O Partido luta para que todos sejam consultados nas questões fundamentais do Brasil. Para isso é preciso um Estado onde as decisões sejam mais rápidas e menos burocráticas. Ao estado cabe apenas garantir o essencial como saúde, educação e trabalho", declara o presidente do partido, Valério José Gianini, no documento de criação do PI. Mais no IDG Now.

No aguardo: uma explicação de porque quem usa Internet carece de partido próprio. []

Internet brasileira ganha partido político

<http://idgnow.terra.com.br/idgnow/internet/2003/02/0056>

Como se faz uma Argentina

22.Fev.2003 | "Manifestantes de cabelos verdes nas ruas de Seattle foram ridicularizados por sua crença de que o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional e os ministros da fazenda do mundo fizeram acordos secretos para empobrecer as nações em desenvolvimento. Bem, aqui está um destes acordos: o 'Relatório de Apoio Estratégico ao País' da Argentina, datado de julho de 2001. Este documento, produzido pelo Banco Mundial, mostra as diretrizes do Bird e do FMI como também, indiretamente, os desejos do maior patrocinador das duas instituições, o Departamento do Tesouro dos EUA. Carimbado com 'Confidencial' e 'Uso oficial apenas', estes relatórios raramente são divulgados para os cidadãos afetados por suas estipulações. Apesar disso, para os cento e tantos países que fizeram empréstimos com FMI e Bird, países como Argentina, Tanzânia, Equador, Serra Leoa, estes acordos funcionam como a legislação de fato, meticulosos nos detalhes e ideológicos por princípio. Apesar de apresentados como condições de empréstimo ou de aconselhamento financeiro, estes relatórios mais parecem minutas para golpes de estado financeiros."

O jornalista norte-americano Greg Palast é uma espécie de pesadelo vivo para FMI e Banco Mundial. Radical, tem fontes nas entranhas dos órgãos, e vez por outra aparece com um

documento novo. No próximo número da edição norte-americana da revista Harper's Bazaar, por exemplo, expõe os termos do acordo com a Argentina. Outro parágrafo:

"Para reduzir o déficit provocado pelo decreto do FMI, a Argentina precisou cortar 3 bilhões de dólares de seus gastos governamentais – um corte que era necessário, os autores afirmam, para 'acomodar o aumento dos juros das obrigações'. Estas obrigações, o relatório não precisava explicar, eram em grande parte para com credores estrangeiros, incluindo os próprios FMI e Banco Mundial. Desde 1994, na verdade, os déficits orçamentários da Argentina foram atribuídos ao pagamento de empréstimos externos. Excluindo tais pagamentos, os gastos mantiveram-se num constante 19% do PIB. Apesar dos óbvios malefícios provocados pelos cortes, o novo plano exigia mais. Isto, o relatório prometia, iria 'melhorar em muito a situação no resto de 2001 e 2002, com crescimento se recuperando na segunda metade de 2001'. O Banco errou por pouco. Em dezembro de 2001, a classe média de Buenos Aires, desacostumada a remexer no lixo das ruas para buscar comida, juntou-se aos pobres em demonstrações! de massa."

No site de Palast há links para os relatórios. []

Resolved To Ruin

<http://www.gregpalast.com/detail.cfm?artid=192&row=0>

True love

21.Fev.2003 | A verdadeira história de amor de Georgie e Tony – versão pop-romântica.

(O link segue para um arquivo de vídeo, carece placa de som. Vale cada segundo.) []

Read my lips

http://www.dagbladet.no/download/readmylips_blush.mov

via internETC.

<http://cora.blogspot.com/>

Um por quê

21.Fev.2003 | "O que o Google comprou? A Pyra [empresa dona do Blogger] diz que tem mais de um milhão de usuários, 200.000 ativos. Mas o Google não comprou este conteúdo porque a Pyra não é dona dele, os usuários são. Também não compraram acesso ao conteúdo, já tinham. O propósito do Blogger é publicar coisas ou, em outras palavras, deixar coisas ao acesso público. A busca do Google indexa rotineiramente sites baseados em Blogger, como também os baseados em Manila, Radio UserLand e Movable Type. Não sabe a diferença.

"O Blogger não é código aberto. Aliás, pessoas comuns não podem comprar uma cópia, então este é provavelmente o motivo do negócio – comprar o código do Blogger, hoje escrito em Java, e licenciá-lo para usuários corporativos, junto com o programa de buscas do Google, que hoje custa por volta de 25.000 dólares. Se for isso mesmo, então você poderá, digamos, pagar mais 1.000 dólares e conseguir uma cópia do Blogger junto ao sistema de busca, permitindo que as pessoas criem weblogs em redes locais. Isso é muito importante para o negócio dos weblogs empresariais, que cresce a olhos vistos. O que o Google descobrirá é que já existe um mercado competitivo no qual a UserLand já oferece um produto mais denso, o Manila, como também o faz o Movable Type."

Dave Winer, principal acionista da UserLand e comentarista maior da questão tecnológica, analisa hoje o que quer dizer a compra do Blogger pelo Google. Além de blogueiro de primeiríssima

geração (desde 1996), a empresa de Dave produz dois concorrentes do Blogger – o Radio e o Manila. []

Comments on the Google-Blogger deal

<http://davenet.userland.com/.../OnTheGooglebloggerDeal>

Presságio

21.Fev.2003 | A Microsoft comprou a Conectix, empresa mais conhecida entre usuários de Macintosh por conta de seu software VirtualPC. De posse dele é possível emular um computador PC e rodar o Windows com quaisquer softwares não disponíveis para a plataforma MacOS.

A princípio foi interpretado como um esforço do setor de desenvolvimento de programas para Mac da empresa.

Rainer Bockerhoff, mestre-programador alemão feito mineiro pela vida faz outra análise em seu blog. (Entre os feitos de Rainer está a engenharia reversa do chip da Apple para o clone de Mac que a Unitron lançou por aqui nos anos 1980.)

Quando o MacOS já estava caindo de velho, a Apple lançou a versão X (lê-se 10) que nada tinha de compatível com a anterior. Era um Unix BSD, novinho em folha, com uma interface gráfica soberba. Para manter compatíveis os programas anteriores, emula-os numa janela onde roda o sistema anterior.

Com a Conectix, a Microsoft adquire tecnologia semelhante – a possibilidade de rodar o Windows num ambiente emulado. No momento em que chegar a hora de jogar seu sistema antigo fora (e não chegou ainda?) e construir um novo, moderno, precisará dessa compatibilidade reversa.

Visto por esse prisma, a compra transforma-se num movimento assaz interessante. []

Microsoft buys Connectix. Now what?

<http://www.brokerhoff.net/bb/viewtopic.php>

Louca ciranda

20.Fev.2003 | Na London Review of Books, o professor de história comparada Robert Brenner, da UCLA, explica num longo artigo como os EUA criaram durante os anos 1990 a armadilha que, agora, começa a asfixiar sua economia.

Houve, por exemplo, a ciranda da bolsa. A corrida desenfreada para as ações motivou grandes empresas a falsificar seus relatórios de lucros no pequeno prazo para dar aos acionistas razões de otimismo – e manter a verba da venda de ações contínua. Uma lista apavorante de empresas renomadas alimentou o monstro.

Ao mesmo tempo, o cinto dos planos econômicos cada vez mais apertado mundo afora esganou os setores produtivos, arruinando mercados internos, forçando países vários a depender da exportação para os EUA para sobreviver. Inflou o débito da balança comercial.

Mas, conforme a bolha crescia, e mais e mais dinheiro de mentira rodava na louca ciranda, ninguém acusou o mico preto. Até que um dia, começou a ruir. Ainda não parou.

(Bush pai ganhou a Guerra do Golfo mas perdeu a reeleição por conta do desastre econômico; o mesmo poderá acontecer com o filho. Será irônico: a culpa, segundo Brenner, é da dupla Bill

Clinton e Alan Greenspan, presidente do Banco Central. George W. é, no máximo, culpado de piorar a situação ruim.)

Longo raciocínio – estimulante. []

Towards the precipice

http://www.lrb.co.uk/v25/n03/bren01_.html

É grave a crise

20.Fev.2003 | Os dados referem-se a janeiro:

A maior inflação em 13 anos.

O déficit da balança comercial para 2002 foi recorde.

Nos primeiros 15 dias de fevereiro, o pedido de auxílio-desemprego aumentou quando comparado ao que vinha acontecendo.

Nos EUA. Tenhamos medo. Muito medo. []

Números indicam que economia americana caminha para a crise

<http://ultimosegundo.ig.com.br/useg/.../0,,1101179,00.html>

Paralelos históricos

20.Fev.2003 | O diário britânico Guardian saiu perguntando a diversos historiadores qual o melhor paralelo histórico para a atual situação.

A turma pró-guerra gosta de comparar com 1939. Adolf Hitler lança seus tanques e exército contra as fronteiras da Polônia e um indeciso governo britânico finalmente declara a guerra - apesar de a Alemanha nazista já cantar sua ameaça faz tempos. Não houve quem falasse que a Europa deveria ter resistido antes à ameaça de Hitler.

Já a turma pró-paz prefere a comparação com 1956. Havia um conflito entre Israel e Egito na fronteira. Os EUA queriam que Israel deixasse o território egípcio, mas França e Inglaterra vetaram uma resolução neste sentido no Conselho de Segurança da ONU. Terminou por ser um fiasco a intervenção europeia - seu último suspiro imperialista.

Há historiadores que preferem uma, outros a outra. Um terceiro grupo, descarta ambos. Trechos:

Eric Hobsbawm dispensa apresentações; professor emérito do Birbeck College, de Londres, marxista, é talvez o maior historiador vivo. Esta não é uma guerra contra um agressor, que além de tudo é incapaz de dobrar a Europa. Não é em sentido algum uma guerra de defesa, mas uma de agressão pelo maior poder militar na Terra contra uma pequena, mesmo que nojenta, ditadura. (...) Também não é como Suez. Em 1956, Suez era a última jogada de dois poderes imperialistas decadentes e Israel que, como hoje, tinha projetos próprios. Terminou com a humilhação inglesa não por motivos militares mas porque os EUA não ajudaram.

Mark Mazower, especialista em história europeia, é colega de Hobsbawm no Birbeck College. Em 1939, o Terceiro Reich era o mais poderoso e melhor armado Estado do mundo. Para derrotá-lo, demorou seis anos, e as lutas foram em vários fronts ao mesmo tempo. Mas apesar da destruição do Partido Nazista, a Alemanha não foi destruída. Dividida e ocupada por meio século, sua união essencial reemergiu com o colapso do Muro de Berlim. Em contraste, enfraquecido pela derrota em 1991 e pelas sanções que sucederam, o Iraque está longe de ser o mais poderoso Estado do

Oriente Médio. Uma guerra agora durará muito menos que seis anos e lidar com ele depois vai fazer o pós-guerra alemão parecer fácil.

Andrew Roberts acaba de lançar *Hitler and Churchill*, uma análise que vai virar minissérie da BBC sobre lideranças no tempo da Segunda Guerra. Esta não é uma outra crise de Suez pelo óbvio motivo de que o Ocidente não está tentando recapturar nada para si. (...) Não, a situação é muito mais parecida com o final dos anos 1930, quando um ditador fascista foi adquirindo armas de destruição em massa e até mesmo tentou produzir armas nucleares. Aquele ditador totalitário invadiu um vizinho (como Saddam), jogou gás químico contra seus inimigos políticos e raciais (como Saddam) e brutalizou e torturou sua própria gente (como Saddam). Na manhã seguinte à invasão da Polônia, a Liga das Nações tinha como prioridade na agenda a uniformização das taxas dos trens europeus. A atual Organização das Nações Unidas está seguindo um caminho parecido.

Simon Schama é outro grande historiador. Professor da prestigiosa Universidade de Columbia, em Nova York, é autor de *Cidadãos*, uma história da Revolução Francesa de primeira grandeza. Não acho que seja o caso nem de 1939 nem de 1956. Sou alérgico a analogias históricas preguiçosas. A história nunca se repete, nunca. Este é seu charme cruel. (...) Essa controvérsia entre 1959/1956 não ajuda na discussão. Tem havido um debate incrivelmente pequeno a respeito de que tipo de acordo pós-guerra será possível. Qualquer um pode lutar esta guerra; é fácil vencê-la. Mas ninguém nos EUA ou no Reino Unido parece ter idéia de o que quer fazer depois. Que tipo de regime será, quem deverá ser protegido e quem protegerá, que tipo de legitimidade um novo governo terá.

O time escolhido pelo Guardian é de primeira linha. Merece leitura atenta. []

Blast from the past

<http://www.guardian.co.uk/.../0,2763,898414,00.html>

Kalashnikov, a seqüência

19.Fev.2003 | Aos 83 anos, Mikhail Kalashnikov vive num pequeno apartamento de dois quartos na cidade Izhevsk, interior da Rússia. O pouco que precisa no dia-a-dia, compra com a pensão que recebe do Estado.

Mikhail não é homônimo do rifle – o rifle é que leva seu nome. Foi ele que o inventou, começou a desenvolvê-lo em 1941 quando recuperava-se de ferimentos de guerra e deu por findada a tarefa em 1947. Em 1949, a AK-47 era oficializada como arma do Exército Russo. Ganhou muitas medalhas pela cria, mas em país comunista não cabiam royalties.

Agora Kalashnikov pode ver um troco a mais. A empresa alemã Marken Marketing International (MMI) assinou um contrato com ele – e repassou 33% das ações – para começar a lançar no mercado produtos com seu nome. "São similares ao meu rifle", diz o velhinho, "confiáveis, fáceis de usar e indestrutíveis."

Será de relógio a guarda-chuva. []

Kalashnikov Sets Sights On Superbrand

<http://xtramsn.co.nz/business/0,,5106-2153228,00.html>

via Boing Boing

<http://boingboing.net/>

Você é geek?

19.Fev.2003 | Interessante teste de autismo.

(Desnecessário dizer que, embora tenha uma base científica, o teste dá no máximo pistas, indícios.) []

Take The AQ Test

<http://www.wired.com/wired/archive/9.12/aqtest.html>

Nudez blogueira

19.Fev.2003 | O Nude Blog Awards, anunciado em seu lançamento por aqui, já está em sua fase final.

Tendo sido selecionados os indicados, está aberta a votação.

[É por certo uma injustiça que na categoria Weblogger que queremos ver nu(a) a Reverse Cowgirl esteja perdendo.] []

First Annual Nude Blog Awards

<http://www.blissfullybitter.com/nudebloggies.html>

(Mais) Libelos

18.Fev.2003 | 100 poetas contra a guerra []

Os poetas

<http://rocatti.blogspot.com/>

via Garota Marota

<http://marota.festim.net/>

Renascido

18.Fev.2003 | Um mamute congelado descoberto em Yakutia, norte da Rússia, tem células intactas, preservadas pelo gelo. O DNA, inteiro.

A pesquisa está nas mãos do professor japonês de fisiologia reprodutiva Kazufumi Goto. Sua intenção é cloná-lo.

Tecnicamente, é possível. A idéia é substituir o núcleo de um ovo de elefante – ovo, o óvulo fecundado, naturalmente, não aquele com casca – e depois estimular a gravidez num elefante fêmea.

Antes disso, no entanto, há planos de estimular o nascimento de um híbrido de elefante e mamute que teria muito das características dos antepassados do bicho moderno, peludo e tudo.

Ele será, após o nascimento, criado num santuário na própria Rússia. []

Cloneable mammoth cells discovered in Russia

<http://dsc.discovery.com/news/afp/20030203/mammoth.html>

via Anthropology in the News

<http://www.tamu.edu/anthropology/news.html>

1%

18.Fev.2003 | Um dos maiores ataques hackers da história aconteceu na última semana, nos EUA. Uma empresa terceirizada responsável pelo processamento de transações de cartões de crédito Visa e MasterCard teve suas máquinas violadas – e pelo menos 5,4 milhões de números de cartões foram copiados.

É sério. O ataque, afinal, foi aparentemente a uma empresa de grande porte do tipo que deveria ter a segurança em dia. Desta vez, falhou. Por enquanto, não foi divulgado o nome da empresa atacada.

Os números de cartões furtados foram todos norte-americanos, mas o montante é alto. Mais ou menos 1% dos cartões que circulam no país. []

Hackers pilfer millions of credit card numbers

<http://www.newscientist.com/news/news.jsp?id=ns99993404>

Libelos pela paz

18.Fev.2003 | Foi algo especial o que aconteceu sábado – a maior manifestação pela paz da história. De toda a história. Um perturbado Jack Straw, chanceler britânico, já apareceu dizendo que contra a opinião popular "é de fato muito difícil" fazer a guerra. Mas mesmo que a essa altura ela seja inevitável, ganham força na imprensa os libelos pela paz. Abaixo, alguns deles:

"Alguns o chamaram de movimento. Não foi um movimento. Foi uma sensação", escreve no diário britânico Guardian Richard Williams a respeito da passeata em Londres. "A marcha foi a melhor forma de gritar o protesto contra o homem no qual a maioria dos presentes votaram nas duas últimas eleições gerais. Depois dos longos anos alienados de Thatcher, Tony Blair se apresentou como um de nós, parte da moderna cultura britânica. Agora, uma única questão de política internacional catalisou o fatal desencanto."

Na mesma Grã Bretanha, uma das mais constantes vozes pacifistas, o dramaturgo Harold Pinter, foi autor de um dos discursos mais aplaudidos no sábado. Em seu site, publicou um poema – poemas deveriam ser traduzidos por poetas, mas arrisca-se: "Lá vão eles de novo // Os ianques em sua parada armada // Cantando suas baladas de glória // Conforme galopam pelo mundo // Em louvor do Deus americano. // Os intestinos estão entupidos com mortos // Com aqueles que a eles não se juntaram // Com outros que não cantaram // Com uns que perderam a voz // Com aqueles que esqueceram o tom // Os chicotes americanos nos cortam. // Sua cabeça rola na areia // Sua cabeça é uma bola na lama // Sua cabeça é sujeira ao vento // Seus olhos se foram e seu nariz // cheira apenas o que sai dos mortos // E todo o ar morto está vivo // Com o cheiro do Deus americano." O poema se chama "Que Deus abençoe a América".

Robert Fisk, correspondente no Oriente Médio para o diário Independent, (veterano, entrevistou bin Laden duas vezes) é duro. Seu tom de sempre é o de um deboche desiludido, ferido. "No fim, creio que estamos apenas cansados de que mintam para nós. Cansados de que nos tratem como crianças, de sermos bombardeados com este discurso de Segunda Guerra e histórias de terror e informações falsas e ensaios de estudantes disfarçados de 'espionagem'. Estamos cansados de sermos insultados por homens pequenos, por Tony Blair e Jack Straw e os tipos de George Bush e sua penca de carrascos neo-conservadores que planejam há anos a mudança do mapa do Oriente Médio. Não é espanto, então, que a refutação curta de Hans Blix das 'provas' americanas nas Nações Unidas aqueceram tantos corações. De repente, os Hans Blixes deste mundo poderão mostrar os americanos como estes 'aliados' nada confiáveis nos quais se transformaram."

Fisk é duro, cada parágrafo uma pancada. A respeito dos comentários do secretário de Defesa Donald Rumsfeld sobre a "Velha Europa", por exemplo: "Ele referia-se à 'velha' Alemanha nazista e à 'velha' França colaboracionista. Mas a França e a Alemanha que se opõem à guerra são a 'nova' Europa, o continente que se recusa, não quer mais, nunca mais, decapitar os inocentes. São Rumsfeld e Bush que representam a 'velha' América; não a 'nova' América da liberdade, a América de F. D. Roosevelt. Rumsfeld e Bush simbolizam a velha América que matou seus índios nativos e embarcou em aventuras imperialistas."

Na juventude, Faleh Jabar foi filiado ao Partido Comunista Iraquiano. Exilou-se para salvar a vida um ano antes de Saddam assumir o poder – em 1978 – e hoje, radicado em Londres, é também visceral pacifista. "Opor-se à guerra por si não é suficiente. Soltar Leviatã é um erro grave pelo qual pagaremos mais cedo do que tarde. Opor-se à guerra, que é um instrumento da política, não deveria nos deixar esquecer a via crúcis que são as coisas políticas. Não são as armas de destruição em massa que contam mais; o que realmente conta é o sistema político que as controla. Os pacifistas que ignoram este fato servem a quem defende a guerra. (...) Em todas estas décadas de luta e lobby internacional, uma abordagem nunca foi tentada: um processo político significativo para desmontar os vários componentes do regime – uma tentativa de rachar o clã que rege o país."

Mas é o diretor de redação do semanário francês *Nouvel Observateur*, Jean Daniel, que talvez melhor resuma toda a história. A política de "rechaçar franceses, alemães e belgas foi percebida como uma fissura num conjunto até então inquebrável", escreve. "Será que os EUA expuseram seus desejos muito seguros de que seriam obedecidos? Será que seus representantes adotaram uma nova diretriz que revela sua disposição de serem tutores, protetores e policiais do mundo? Em qualquer caso, sentimos que estávamos nas vésperas de sacudidas institucionais – as da ONU, da Otan e da Europa. E isto porque o Império Americano, triunfal quando sente-se superior, se volta arrogante quando ferido. Sofremos todos os efeitos das ondas de comoção causadas por bin Laden. A maior derrota da civilização ocidental vai consagrar esta guerra espantosa: uma estupidez. Forçosamente, é preciso terminar com essa palavra."

(Todos os discursos da passeata de sábado em Londres estão disponíveis em áudio no site da Cable Radio; o link está abaixo.) []

1. Richard Williams: Flood of emotion and anger that rose to wash away years of dismay

<http://www.guardian.co.uk/comment/story/0,3604,897140,00.html>

2. Harold Pinter: God bless America

http://www.haroldpinter.org/politics/god_bless_america.shtml

3. Robert Fisk: The case against war: A conflict driven by the self-interest of America

<http://argument.independent.co.uk/commentators/story.jsp?story=378428>

4. Faleh Jabar: Opposing War Is Good, But Not Good Enough

<http://www.progressive.org/jan03/jabar0103.html>

5. Jean Daniel: Non à cette guerre-là!

<http://www.nouvelobs.com/articles/p1997/a120418.html>

6. Stop the war rally -- audio

<http://www.cableradio.co.uk/lovemusic/>

Golpe de mestre

17.Fev.2003 | Google compra Blogger. []

Google Buys Pyra: Blogging Goes Big-Time

<http://weblog.siliconvalley.com/dangillmor/.../000802>

via Terceira Base

<http://www.hiro.com.br/blog/>

Buraco da fechadura

15.Fev.2003 | O bom e velho Google, elogiado umas notas abaixo, pode não ser o bom e velho amigo que parece. Um site, Google Watch, traz um bocado de informação a respeito de como a ferramenta de busca espia os hábitos de navegação de seus usuários.

O cookie que o site coloca no computador de cada um grava tudo. Cada busca feita, a empresa Google sabe. Um de seus principais engenheiros, Matt Cutts, era funcionário da National Security Agency, a principal agência norte-americana de análise de informação. Claramente, espões. Seria natural, talvez. Mas é hábito da empresa, segundo o Google Watch, contratar gente dessas agências ? leia-se também CIA ? para vender informação ao governo. []

Google as Big Brother

<http://www.google-watch.org/bigbro.html>

via ScriptingNews

<http://scriptingnews.userland.com/>

Teu futuro é ser Brasil

14.Fev.2003 | Paul Krugman escreve, no New York Times de hoje, uma carta aberta ao presidente do Fed, Banco Central dos EUA, Alan Greenspan. Trecho:

"Não é permitido a presidentes do Fed que especulem com cenários de desastre, então deixe-me fazê-lo por você. Se o governo conseguir o que quer [cortes nos impostos], em uma década ? ou talvez antes ? os Estados Unidos terão fundamentos orçamentários comparáveis aos do Brasil de um ano atrás. A razão de dívidas e déficits e o PIB não serão tão altas se seguirmos os padrões históricos, mas o mercado vai fazer com que as contas não fechem: os ricos terão a promessa de impostos baixos, baby boomers de classe-média têm a promessa de aposentadoria e previdência, e o governo não terá como cumprir tais promessas sem pagar juros sobre sua dívida. O medo é de que o governo vá resolver o problema aumentando a dívida, coisa que vai disparar os juros, piorando o déficit até que se perca o controle.

"Então, [Greenspan], por que você está dando cobertura política para essa gente?" []

On the Second Day, Atlas Waffled

<http://www.nytimes.com/2003/02/14/opinion/14KRUG.html>

Questão de estômago

14.Fev.2003 | Fotografias de banheiros em todo o mundo. Contemporâneos e do passado, até tempos bíblicos. []

Toilets of the world

<http://www.cromwell-intl.com/toilet/>

via Aberrant News and Curiosities

<http://www.thundersnake.com/news.htm>

Propaganda de guerra

14.Fev.2003 | "Uma informação chave ligada aos alertas de terrorismo recentes era falsa, garantem dois homens de alto cargo em Washington e Nova York. Ambos disseram que a alegação feita por um membro preso da Al Qaeda de que Washington, Nova York e Flórida seriam atingidos por uma 'bomba suja' em algum momento nesta semana tinha sido fruto de sua imaginação."

Informações da ABCNews, site da segunda maior rede de tevê dos EUA. []

False alarm?

http://abcnews.go.com/.../terror030213_falsealarm.html

Outra do Google

14.Fev.2003 | Froogle é o novo serviço do Google: encontra produtos à venda na web. O nome é uma mistura de Google com frougal, frugal.

Há uns dois ou três anos, antes do Google, era um inferno procurar qualquer coisa na rede. Cada vez mais, o site transforma-se no centro da Internet mundial; o melhor ponto de partida. []

Froogle Froogle

<http://froogle.google.com/>

Fim da Al Qaeda

14.Fev.2003 | "Estive num jantar com os chefes da polícia federal saudita e alemã, além do ministro das relações exteriores afegão. Todos dizem que, no pico, a Al Qaeda teve 70.000 membros. Só 10% deles tinham treino em terrorismo – os outros eram recrutas militares. Destes 7.000, só 200 não estão ou mortos ou presos.

"Mas a Al Qaeda, eles dizem, é como uma marca que foi pesadamente franquizada. E ninguém sabe quantas dessas franquias não oficiais surgiram desde o 11 de setembro."

Laurie Garrett dividiu estas e outras coisas das que ouviu em Davos com alguns amigos por email. A mensagem terminou publicada na web. Garrett, repórter do jornal americano Newsday, já ganhou um Prêmio Pulitzer e estava cobrindo o evento. []

Swiss view

<http://www.topica.com/lists/psychohistory/.../=4389>

via Metafilter

<http://www.metafilter.com/>

Esquizofrenia digital

13.Fev.2003 | "Como membro da Associação de Produtos Eletrônicos, a Sony juntou-se ao coro de apoio ao Napster contra a batalha legal iniciada pela Sony e outras gigantes da música que queriam fechar o serviço. Como membro da Associação da Indústria de Discos, a Sony partiu contra empresas como a Sony que vendem queimadores de CD. E não é apenas nas associações comerciais que a Sony anda agindo de forma esquizofrênica. A Sony lançou um CD de Celine Dion com um mecanismo de proteção contra cópias que impedia o disco de ser tocado nos PCs Sony. A Sony participou até de um processo legal contra a Launch Media, um serviço de rádio que tinha entre seus sócios – você adivinhou – a Sony. Duas gravadoras já resolveram seus problemas com a Launch, mas a Sony Music continua a luta, apesar de a Sony Electronics ser uma dos maiores anunciantes no serviço, que agora é parte do Yahoo!, com quem a Sony formou uma grande parceria online."

A guerra civil na Sony, assunto de reportagem na Wired. []

The civil war inside Sony

<http://www.wired.com/wired/archive/11.02/sony.html>

via Scripting News

<http://scriptingnews.userland.com/>

Beleza americana

13.Fev.2003 | Poucas pessoas no entretenimento são capazes de incitar um mega acompanhamento da mídia como Madonna. Agora, em março, sairá seu novo CD e a música de trabalho será American Life – Vida americana.

O videoclipe será lançado mais ou menos ao mesmo tempo. Será uma música pacifista e, dizem os rumores, o vídeo é duro em sua mensagem contra a guerra – com imagens de vítimas passadas, aleijados, morte. []

Madonna's Anti-War Anthem

<http://www.eonline.com/News/Items/0,1,11265,00.html>

via RobotWisdom

<http://www.robotwisdom.com/>

Apartheid

12.Fev.2003 | Entre 1910 e 70, o governo australiano promoveu uma política de raptos de crianças aborígenes para criá-las em instituições e incentivar uma limpeza étnica.

Rabbit proof fence – Cerca a prova de coelhos – é um novo filme australiano, música de Peter Gabriel, e trata do assunto. Está sendo bem visto lá fora. []

Rabbit proof fence

<http://www.rabbitprooffence.com.au/>

via Metafilter

<http://www.metafilter.com/>

O espírito de McCarthy

12.Fev.2003 | Em que momento a coisa toda se separa: deixa de ser política, passa a ser macartismo? Caça às bruxas pura e simples? Não que o momento tenha chegado, não chegou. Talvez nem chegue.

Há no entanto um certo espírito de união que começa a formar-se nos EUA, algo que reúne o povo num nós contra o resto; algo que permite o fechar de olhos para a prisão sem provas de árabes, permite a quebra de privacidade, coisas do tipo. Há também relatos de agentes do FBI investigando "atividades antiamericanas"; parecem mais desvios do que regra.

É paradoxal que o país onde foi fundada a democracia moderna seja o mesmo em que essas ondas históricas assumem o comando do poder e das almas de tempos em tempos. A última rolou entre 1950 a 54, quando o senador Joseph McCarthy promoveu sua caça aos comunistas. No início, era discreto, tateando. No fim, parecia que todos eram inimigos possíveis, perdeu-se o controle.

A tradicional e pequena revista The Progressive está listando os casos que chama macartistas dentro do governo Bush. Tudo coisa pontual. No entanto, desconcertante. []

McCarthyism Watch

<http://www.progressive.org/webex/mcwatch.html>

Hackers e marketing

12.Fev.2003 | Está para chegar às livrarias Marketing Hacker, a revolução dos mercados. Seu autor, Hernani Dimantas, assina também o blog homônimo, um dos mais populares da blogosfera tupinambá.

Hernani é militante com essa coisa de Internet. Seu discurso remete, no Brasil, ao discurso dos primeiros pensadores norte-americanos da grande rede, gente de fino trato como Eric Raymond. É um romântico com doses de pragmatismo.

Sua tese, embutida em cada texto que publica no blog, melhor se exprime num trecho da entrevista que concedeu a NomoNox, outro blogueiro das antigas.

Identifico que existe uma migração do poder, que sempre esteve nas mãos das empresas, para as pessoas comuns. Esta migração aconteceu com o sucateamento das estruturas impostas pela revolução industrial. O ser humano servia exclusivamente ao capital. Não existiam grandes possibilidades de questionamento. Mas a sociedade foi mudando. O século passado foi caracterizado por uma sucessão de revoluções libertárias. O movimento hippie trouxe um novo paradigma para as relações das pessoas com as pessoas e com a natureza. Penso que a cultura hacker é derivada de todos esses movimentos libertários, mas conseguiu utilizar essas contribuições e, com novas ferramentas, penetrar nas estruturas constituídas. A cultura hacker come pela beirada e conquista novos espaços. Pela internet as pessoas estão se organizando com muito mais rapidez. Estão conversando umas com as outras, em grupos, em listas, em sites. Muitas estão blogando as suas idéias. Isto acontece sem intermediários, sem ! editores, sem qualquer forma de repressão. Os mercados começam a sentir a fúria reprimida. As pessoas estão mostrando que podem exigir mais, muito mais, neste relacionamento com as empresas. O balanço do poder está migrando às pessoas comuns.

Hernani escreve sem dúvida qualquer, cheio de certezas. Há fortes indícios de que a Internet está mudando, sim, a forma como as pessoas se informam, percebem as coisas da vida e, portanto, reagem em relação ao mundo. O diabo é que este é um mundo tão complexo e reações às vezes

podem ser tão miúdas. Talvez, lá no futuro, a Internet se transforme nesta grande força motriz que evite que qualquer empresa engane seus consumidores, seu público.

Está longe de acontecer. Nos EUA, onde até abril passado 60% da população já estava online, a indústria petrolífera conseguiu convencer mais de 60% da mesma população que uma guerra contra o Iraque, ignorando as opiniões do resto do mundo, é não só desejável como imprescindível. O próprio Raymond, um nobilíssimo libertário do software, é também sócio militante da National Rifle Association, um grupo pró-armas dentre os mais reacionários daquele país.

A Internet é este lugar tão incrível onde todos podem publicar o que pensam que, paradoxalmente, às vezes acaba diminuindo a circulação de idéias. O homem é um bicho tão gregário e auto-centrado que, com o universo pela frente, prefere reunir-se com os iguais e deixar o diferente lá longe. Mais provável encontrar um sujeito online conversando com o amigo da esquina, ou com aqueles no mundo com quem concorda, do que procurando diversidade com tolerância.

Dimantas é um sujeito com muitas certezas, mas as suas são certezas que não circulam no Brasil. Deve ser ouvido com cautela e atenção, mesmo que seja para decidir que não funciona bem assim depois. É de certezas românticas, afinal, que se faz um mundo melhor. []

Marketing Hacker

<http://www.marketinghacker.com.br/>

Nemo Nox entrevista Hernani Dimantas

<http://www.burburinho.com/hd030207.html>

A inconstante luz

11.Fev.2003 | Um polêmico físico português, catedrático do Imperial College of Science, Technology, and Medicine, de Londres, anda dizendo por aí que a velocidade da luz varia ao longo do tempo. No passado era mais rápida.

Seu paper falando sobre o assunto foi recusado pela revista Nature mas começa a ser vista com bons olhos na comunidade científica. Vai contra Einstein, mas tudo bem. Einstein foi contra Newton, afinal. E o argumento do editor da eminente revista científica para não publicá-lo é que, sobre essa coisa de a velocidade da luz variar, muita gente especula, queria indícios mais concretos.

Chama-se João Magueijo. Seu livro, publicado pela Random House, afirma na orelha que ele é o novo Richard Feynman. Um físico, ao ouvir o comentário, riu e disse o seguinte: "acho que não, o Feynman não saía por aí dizendo que 'era o novo Einstein'". Em seu tempo, não há muito, Feynman foi o último gênio de primeira grandeza da ciência. (Talvez sobre Freeman Dyson, mas essa é outra conversa.)

O sujeito é pop, físico de calça jeans e showman durante as aulas. []

Physics, Fast and Furious

<http://chronicle.com/free/v49/i23/23a01401.htm>

via Arts and Letters Daily

<http://aldaily.com/>

Cobardia

11.Fev.2003 | "Enquanto isso, é assim que parece de Paris: a França estava disposta a colocar soldados seus sob risco ? e perdeu um número deles ? na antiga Iugoslávia; nós não estávamos. Os EUA não cumpriram as promessas de prover segurança e apoio ao Afeganistão pós-Talibã. Esses americanos, eles são muito corajosos na hora de jogar bombas de 10.000 metros de altura, mas não hora de limpar a bagunça eles esperam que outros o façam, não é?"

Paul Krugman, no New York Times de hoje, explicando como os EUA são vistos da Europa. []

The wimps of war

<http://www.nytimes.com/2003/02/11/opinion/11KRUG.html>

Sem Oscar

11.Fev.2003 | Quando meio mundo do cinema se reunir em Los Angeles, no próximo 23 de março, não ouvirá entre os indicados para Melhor Filme Estrangeiro Cidade de Deus. Era considerado barbada mas não deu.

Barbada porque Fale com ela, do diretor espanhol Pedro Almodovar estava fora de saída. A Espanha não o indicara para a Academia de Artes Cinematográficas de Hollywood.

Cidade de Deus ficou fora também. Mas Almodovar terminou candidato a Melhor Diretor.

Como aconteceu na disputa pelos Globos de Ouro, a briga pesada será entre Chicago (com mais nomeações) e Gangues de Nova York.

[]

'Chicago,' 'Gangs' Lead Oscar Nominations

<http://www.miami.com/mld/miamiherald/5152812.htm>

O preço do Oscar

11.Fev.2003 | A polêmica disparada pelo rapper MV Bill a respeito do filme Cidade de Deus corre solta no portal Viva Favela. Bill convocou uma entrevista coletiva que acontecerá no próximo dia 24. Em essência, reclama que o filme e o livro homônimo no qual ele se baseia, de Paulo Lins, pioraram a idéia que as pessoas têm da comunidade. Hoje às 11h (horário de Brasília), Cidade de Deus deverá ser indicada ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro. O SBT vai transmitir ao vivo a cerimônia.

"O mundo inteiro vai saber que esse filme não trouxe nada de bom para a favela, nem benefício social, nem moral, nenhum benefício humano", diz Bill em sua coluna no portal. "O mundo vai saber que eles exploraram a imagem das crianças daqui da Cidade de Deus. O que vemos é que o tamanho do estigma que elas vão ter que carregar pela vida só aumentou, só cresceu com esse filme. Estereotiparam nossa gente e não deram nada em troca para essas pessoas. Pior, estereotiparam como ficção e venderam como verdade."

A cineasta Katia Lund, co-diretora do filme com Fernando Meirelles, respondeu ao rapper em tom de paz. "Como eu sou diretora de cinema e não assistente social, não sei fazer isso, mas estou procurando aprender. Não é o meu ramo", disse num e-mail publicado. "Quando solicitada, sou parceira e você sabe disso. Sou parceira nos cliques, no Prêmio Hutus, no seu documentário 'Di Menor', na produtora que você e o Celso (Celso Athayde, empresário de MV Bill) estão montando... Tenho uma parceria com sua irmã na direção de um documentário sobre o Rap. Isso é o que eu consigo fazer dentro do meu trabalho, do qual dependo para o meu sustento próprio. Vou continuar te apoiando dessa vez também. Só me diga o que você quer que eu faça."

No último dia 7, foi a vez de o escritor Paulo Lins responder. "A afirmação de que ninguém fez nada pela Cidade de Deus é outro engano. Ali, onde vivi de 1966 a 1994, desde muito jovem, me envolvi em projetos tanto no setor social (movimento negro, conselho de moradores, aulas de reforço escolar...) quanto nos setores cultural e científico (cineclube, participação em blocos carnavalescos, organização de festivais de música, criação de uma biblioteca pública em minha própria casa e assistência à pesquisa antropológica desenvolvida em Cidade de Deus pela doutora Alba Zaluar, intelectual bastante respeitada no Brasil e no exterior)."

Mas a professora Alba Zaluar segue outro caminho. "A única exigência que lhe fiz (a Paulo Lins) foi que o nome do livro não tivesse referência ao conjunto habitacional nem que nomes e apelidos reais das pessoas fossem usados. Infelizmente seu editor lhe convenceu do contrário quanto ao título. Em carta posterior, Paulo afirma que nunca lhe sugeri a troca de nomes e que o título era provisório. Também apaga da memória algo que foi fundamental nas nossas muitas conversas sobre o livro. Eu não sugeri a troca de nomes, eu EXIGI para apoiá-lo durante os cinco anos em que lhe paguei para escrever o romance, além dos quatro em que lhe paguei para participar em três pesquisas diferentes: a do tráfico em Cidade de Deus, a dos resultados dos processos dos crimes relativos às drogas no Rio e a da pergunta aberta do Rio contra o Crime."

Por conta do filme, e a reboque da polêmica, o governo federal planeja a implementação de um "Projeto Cidade de Deus". O anúncio virá no próprio dia 24 – para quando foi marcada a coletiva de MV Bill. "O modelo", explica o Secretário Nacional de Segurança Pública Luiz Eduardo Soares, "será primeiro bem ajustado para depois ser implementado em outras comunidades. [...] Posso adiantar que a Cidade de Deus ganhará nos próximos meses um projeto chamado 'Estúdio Multimeios'. Nele, o pessoal do rap, do hip hop, do samba, todos os jovens da comunidade envolvidos com cultura poderão gravar CD's demo, fazer clipes, vídeo, desenvolver projetos de dramaturgia, terão acesso a computadores."

[]

1. MV Bill: A bomba vai explodir

<http://www.vivafavela.com.br/>

2. Katia Lund: Tempestade desarmada

<http://www.vivafavela.com.br/>

3. Paulo Lins: Silêncio quebrado

<http://www.vivafavela.com.br/>

4. Alba Zaluar: Em nome da ética

<http://www.vivafavela.com.br/>

5. Luiz Eduardo Soares: Cidade da mudança

<http://www.vivafavela.com.br/>

Vista do Arpoador

10.Fev.2003 | Uma bela aquarela assinada por Dudi Maia Rosa está em leilão no Mercado Livre. É uma paisagem, o Dois Irmãos e a Gávea (Zona Sul do Rio).

Trata-se de um leilão beneficente para uma família paulista que acaba de ganhar seu primeiro rebento – Lucas. O menino, como a mãe, são soropositivos e paupérrimos.

A campanha está sendo puxada por Rossana Fisher, do blog Wumanity. Vale, no mínimo, a visita.
[]

Aquarela de Dudi

<http://www.mercadolivre.com.br/>

Wumanity: A história de Célia

<http://www.wumanity.com/>

Helena revisitada

08.Fev.2003 | Desde 1977, uma equipe de arqueólogos das universidades de Delaware (EUA) e Ege (Turquia) escavam uma cidade há muito perdida a uns quilômetros no sul dos rios Dumrek Su e Kara Menderes.

Trata-se de Tróia.

Tróia, na verdade, foram várias cidades construídas e destruídas no mesmo local. A original data de 3.000 a.C. e sua queda perante o exército grego deve datar de 1250 a.C.

Os arredores do sítio, hoje secos, foram noutros tempos uma baía, uma lagoa, um pântano. Segundo o arqueólogo John Kraft, uma das coisas mais surpreendentes é a acurácia de Homero na descrição geográfica do local.

Está tudo tal qual a Ilíada. []

Geologists show Homer got it right

<http://www.nature.com/nsu/030127/030127-4.html>

Quem? Como? Onde? Quando?

07.Fev.2003 | É incrível como uma única fotografia pode, às vezes, ter tanta história. Bacchus, moderador do Eros Blog, descolou uma dessas na Internet.

O cenário é uma típica rua dum suburb norte-americano – nada a ver com os nossos subúrbios. A pista, casinhas com garagem e sem cerca (quando muito uma baixinha de madeira branca), gramados.

Em primeiro plano está uma árvore. Vê-se que esta amarrado nela um sujeito. Um carro do outro lado sai, ou chega, em disparada. []

ErosBlog

<http://www.erosblog.com/>

Oposição iraquiana

07.Fev.2003 | O diário israelense Ha'aretz publicou ainda há pouco, em seu website, uma análise da tática diplomática iraquiana. Está toda centrada no general Amar Hamoudi A-Sa'adi, um dos maiores especialistas no país em seu armamento. Principalmente o químico.

É a ele que todos os jornalistas estrangeiros por lá têm acesso. A-Sa'adi fala inglês fluente e é simpaticíssimo.

Sua missão é convencer o público externo de que o Iraque não deve informação alguma aos EUA. Deve, isto sim, à ONU. Se os norte-americanos têm informações, que as passem ao grupo de inspetores das Nações Unidas que, a eles, todos os fatos serão explicados.

O general terá sucesso se convencer que coopera em tudo com os inspetores. Assim, dará aos países do Conselho de Segurança da ONU razões para justificar uma extensão de prazo para as investigações. É isso que ele precisa: subsidiar quem já está do seu lado. Não pode fazer parecer que a França e a Alemanha, principalmente, estão bancando as ingênuas.

Naturalmente, é tudo um jogo – de ambos os lados – de aparências. []

Iraq wages war for world opinion

<http://www.haaretzdaily.com/hasen/pages/.../&contrassID=2>

Atravessada

07.Fev.2003 | Um astrônomo amador, na Califórnia, fotografou a Columbia conforme ela era atravessada por um raio. Segundo a descrição do San Francisco Chronicle, o raio era violeta e a série de fotos foi tomada pouco antes do amanhecer.

Muitas coisas podem explicar as imagens – reflexo nas lentes, alguma luz nalgum ângulo etc. Mas a NASA está levando a coisa a sério: mandou examiná-las a astronauta Tammy Jernigan, cientista com experiência de 5 viagens para o espaço, três delas na própria Columbia.

Jernigan ficou impressionada com o material. Câmera, negativos e reproduções foram envelopadas e enviadas para Houston, sede da Agência Espacial. Por enquanto, as imagens ainda não foram divulgadas.

Se o raio for confirmado, ele é explicável. A Columbia estava na ionosfera, uma região onde raios belíssimos em formas exóticas – são chamados "espíritos" – povoam.

Um dos estudos do astronauta israelense Ilan Ramon era a respeito desta atividade elétrica. []

via Scripting News

<http://scriptingnews.userland.com/>

West Coast footage may hold clues to tragedy

<http://www.sfgate.com/cgi-bin/.../2003/02/06/MN22145.DTL>

Waaaal

06.Fev.2003 | No ar, PauloFrancis.com

Carece Flash para ver qualquer coisa do site – é anti-web. Uma pena – fica pesadona por conta duns efeitos que html resolvia.

Mas tem Paulo Francis. []

PauloFrancis.com

<http://www.paulofrancis.com/>

via Carta Aberta

http://cesarvalente.blogspot.com/2003_02_01_cesarvalente_archive.html#88584501

Spam

06.Fev.2003 | Se por acaso bater em sua caixa-postal uma carta do ex-governador fluminense Anthony Garotinho, não se assuste.

Começa com uma citação do Novo Testamento e a saudação "Meu irmão, minha irmã em Cristo Jesus." Termina explicando que vai caluniado sem direito a defesa.

É spam mesmo. E está rolando. []

Uma mocinha, já

06.Fev.2003 | Lisa faz vinte anos.

Quando nasceu, nem desconfiava o quanto mudaria o mundo. []

Happy birthday, Lisa

<http://home.xnet.com/~lisa2/Main.html>

Inimigo de fato

06.Fev.2003 | Na página do respeitadíssimo Council of Foreign Relations estão dois jogos de perguntas e respostas que bem resumem a crise do Iraque e da Coreia do Norte. Vale citar um trecho do segundo.

Quão rápido a Coreia do Norte pode produzir armas nucleares?

Em alguns meses, dizem especialistas. Em 31 de janeiro, o New York Times publicou que, de acordo com fontes norte-americanas, informações recolhidas por satélites espiões mostram que a Coreia do Norte deve estar retirando cilindros de combustível de um galpão no seu complexo nuclear de Yongbyon. O relatório diz que os cilindros podem estar sendo transferidos para uma usina de reprocessamento, onde podem ser convertidos em explosivo de plutônio suficiente para alimentar várias bombas nucleares até meados de 2003. []

Iraq

http://www.cfr.org/background/background_iraq.php

North Korea

http://www.cfr.org/background/background_northkorea.php

Saddam e o extraordinário Benn

05.Fev.2003 | O Channel 4 britânico postou em seu site trechos em vídeo (RealVideo) da entrevista com Saddam Hussein, a transcrição completa e um chat que envolveu espectadores e o entrevistador, Tony Benn.

É uma entrevista simples. Benn fez perguntas diretas – o Iraque tem relações com a Al Qaeda? o Iraque tem armas de destruição em massa? – e Saddam não respondeu de forma diferente do esperado. Nos casos citados, por exemplo, disse que não.

Simples não quer dizer ingênua. Saddam não tinha sido ouvido antes e uma entrevista agressiva não ajudaria em nada o público a conhecê-lo minimamente. Era importante ouvir da boca do cavalo.

Benn é um sujeito extraordinário, produto do Império Britânico, da Segunda Guerra e da democracia ocidental. Nascido nobre, não poderia ser deputado no Reino Unido por já ter direito a assento na Câmara dos Lordes – que finge política. Renunciou ao título e ganhou na Justiça o direito de votar e ser votado. Elegeu-se deputado diversas vezes até aposentar-se, esteve sempre à esquerda do Partido Trabalhista, foi ministro.

Tony Benn é uma espécie de Jimmy Carter britânico, o que faz dele um negociador da paz que tem muito pouco a ver com Carter. Benn recusa-se a fazer propaganda, a participar do exercício retórico pelo qual se faz política contemporânea – muito pelo contrário, é franco e claro. Há mostra disso em algumas das respostas que deu aos espectadores do Channel 4.

"Temo não acreditar em tudo que dizem os governos. Acredito que a decisão pela guerra foi feita há meses e os inspetores são apenas um blefe para justificá-la." Outra: "Acredito que as sanções ao Iraque, que mataram milhões de iraquianos, e os bombardeios contínuos que acontecem desde 1998, fortaleceram Saddam assim como as blitzes na Inglaterra de 1940 fortaleceram Churchill. O povo Iraquiano não pode escolher o próprio líder enquanto isso continuar." []

Chat com Tony Benn

http://www.channel4.com/.../C4_News_-_Tony_Benn.html

Transcrição e vídeos da entrevista

http://www.channel4.com/news/.../20030204/saddam_benn.html

Em queda

05.Fev.2003 | A Microsoft pode estar planejando diminuir o preço de seus softwares. Foi o que a empresa informou, nos EUA, à SEC, equivalente à nossa Comissão de Valores Imobiliários. Justifica a trupe de Bill Gates no relatório datado de 31 de janeiro:

"A popularização do movimento de código aberto continua a se mostrar um desafio para o modelo de negócios da empresa. Inclui-se aí esforços pelos proponentes do código aberto de convencer governos no mundo inteiro a adotar seu modelo." []

Microsoft Warns Of Open-Source Pricing Threat

<http://www.informationweek.com/news/IWK20030204S0009>

via GoogleNews

<http://news.google.com/>

Tirinhas de pano

05.Fev.2003 | A revista National Geographic está apresentando agora, em sua edição online, o especial que publicou de biquínis e maiôs.

Este conceito de Swimsuit Edition é um clássico da imprensa angl-saxã. A da Sports Illustrated esgota nas bancas todo ano, com atletas e modelos posando em tirinhas de pano reveladoras.

A visão do conceito por parte da National Geographic, como não poderia deixar de ser, é um cadinho diferente. []

National Geographic: Swimsuit edition

<http://crater.nationalgeographic.com/ngm/swimsuits/>

Noutra guerra

04.Fev.2003 | Terminou faz 30 anos a Guerra do Vietnã. Do ponto de vista do público que assistia foi um conflito impressionante. Em nenhuma outra, antes ou depois, foi coberta tão de próximo e com tanta liberdade pela imprensa. Por isso chocou. Viu-se muito sangue e muitos corpos.

Ainda assim, foi uma guerra que cá no ocidente assistimos pelo ponto de vista norte-americano. Para lembrar este aniversário, o Museu Britânico está apresentando uma exposição que contra a história pelo traço de artistas norte-vietnamitas. []

via Stuff worth saving

<http://helloha.blogspot.com/>

Vietnam: Behind the lines

<http://www.thebritishmuseum.ac.uk/compass/.../>

Desmanche

04.Fev.2003 | O vídeo de um astrônomo parece mostrar que a Columbia já estava se desfazendo antes de chegar no Texas. Filmado na pequena cidade de Sparks, em Nevada, o filme em preto e branco mostra o ônibus espacial na forma de um ponto branco movendo-se contra o céu escuro. A única outra referência é Vênus, iluminado. Mais ou menos quando a Columbia se aproxima de onde está o planeta, brilha repentinamente mais e solta um pedaço. []

Space shuttle Columbia begins to break up; filmed Saturday morning from Sparks

<http://www.rgj.com/news/stories/html/2003/02/01/33451.php>

via Robot Wisdom

<http://www.robotwisdom.com/>

Humor numa hora dessas

04.Fev.2003 | O que de fato aconteceu. []

via Poynter Online

http://www.poynter.org/content/content_view.asp?id=19166

What really happened

http://quidnunc.tznet.com/images/what_really_happened.html

De que serve um astronauta?

04.Fev.2003 | Para a revista britânica Economist, não para muito. Viagens tripuladas ao espaço são caras, perigosas, e no fim das contas, só aumentam a experiência de levar homens ao espaço – coisa útil para, bem, pois é.

Os experimentos científicos são mais seguros e eficientes se feitos remotamente.

De resto, a questão é de propaganda – viagens tripuladas fazem a população norte-americana sentir-se bem, poderosa. Mesmo nas tragédias, a impressão é reforçada. []

The lessons from Columbia

http://www.economist.com/.../story_id=1562599

Ego

03.Fev.2003 | Encomende um boneco de brinquedo com a sua cara. []

AndGor Personalized Action Figures

http://www.andgor.com/Personalized_Figures/

Guerra e paz

03.Fev.2003 | "Ando desapontado com o papel da Internet no movimento anti-guerra. Porque até agora o que vejo acontecendo no ciberespaço é um lugar legal para todos declamarem. Há um milhão de esquinas virtuais com um milhão de panfleteiros nelas, todos gritando contra a guerra sem se encontrar de alguma forma organizada. As instituições políticas existentes – sejam o Executivo ou o Congresso ou as grandes corporações – só respondem a outras instituições. Não me importam quantos indivíduos estão marchando nas ruas, eles só vão prestar atenção quando um líder destes indivíduos vier à frente dizendo que representa a organização daqueles indivíduos e que vai levantar dinheiro suficiente e votos e tirar o político do cargo. Aí vão prestar atenção. Mas não antes disso. Hoje, me parece que a Internet é contraproducente para a paz."

Quem diz é John Perry Barlow, o sujeito que popularizou o termo ciberespaço e uma das principais cabeças na luta pelas liberdades na Internet. []

Cognitive dissident

http://www.motherjones.com/news/qa/2003/06/we_268_01.html

via RandomWalks

<http://www.randomwalks.com/>

A NASA foi avisada

03.Fev.2003 | Quarenta e oito horas após o acidente que espatifou a Columbia, a coisa começa a ficar feia para a NASA. As primeiras informações que surgem indicam que houve má-conduta, vícios administrativos e um quê de excesso de confiança por parte da agência.

O New York Times trata do assunto, hoje, numa reportagem e no editorial. As tevês internacionais, agora de manhã, começam a exibir um vídeo do lançamento da Columbia onde se percebem claramente o despreendimento das lajotas de cerâmica negra que isolavam termicamente a asa esquerda.

"Quando pedaços se soltaram novamente neste vôo", diz o Times em seu editorial, "e atingiram a asa do ônibus, os especialistas concluíram que não havia risco para a segurança. [...] Ninguém sabe se os pedaços que soltaram-se durante o lançamento da Columbia causaram o acidente mas, se causaram, os investigadores vão precisar analisar porque os técnicos decidiram ignorar o problema."

O Times pega pesado e tem munição para isso. Em 2002, a NASA demitiu cinco membros e dois assessores de seu Conselho de Segurança Aeroespacial. O motivo? Uma fala explica:

"Nunca estive tão preocupado com a segurança dos ônibus espaciais quanto agora. Todos os meus instintos sugerem que a política atual está plantando as sementes de perigo futuro. Minha preocupação não é com o próximo vôo ou com o seguinte. É com o que vem depois. Na raiz desta

preocupação está o fato de que nunca saberemos quando esticamos as margens de segurança longe demais."

Quem disse disso, em abril passado (há menos de um ano), foi um dos demitidos, o professor Richard Blomberg, perante o Congresso norte-americano.

Abateram o mensageiro. []

Investigation of a Tragedy

<http://www.nytimes.com/2003/02/03/opinion/03MON1.html>

NASA Dismissed Advisers Who Warned About Safety

<http://www.nytimes.com/2003/02/03/national/03NASA.html>

Cada um com seu cada qual

31.Jan.2003 | No Diário de Notícias, eminente jornal português, saiu hoje uma reportagem que começa assim:

"Quem tira uma bicha a um português, tira-lhe tudo. Quando uma aparece, não se põe nela um português, mas logo dois ou três de cada vez. A confirmação que tal atracção existe chegou no fim de 2002. Então não é que resolveram passar o ano entre bichas?"

Mais, lá.

Em tempo: bicha, é fila, pica é injeção e o resto é maldade de brasileiro. []

Uma atracção pelas bichas

<http://www.dn.lusomundo.net/noticia/noticia.asp/.../=14>

A moça do blog ao lado está nua

31.Jan.2003 | Acaba de chegar ao ar (ou à rede) o grande prêmio do Blog nu – ou Nude Blog Awards. Quaisquer cidadãos da rede podem votar nas seguintes categorias:

Nudez no design

Nudez com causa

Discussão nua

Melhor referência a nudez

Melhor nudez gratuita

Webcam de nus

Todos os citados precisam, necessariamente, referir-se ao estado de nudez, seja graficamente ou por escrito. Neste exato momento estão sendo coletadas as indicações. []

First Anual Nude Blog Awards

<http://www.blissfullybitter.com/nudebloggies.html>

via ScriptingNews

<http://scriptingnews.userland.com/>

Nesta, Saddam é inocente: foi o Irã

31.Jan.2003 | A página de Opinião do New York Times traz, hoje, um artigo capaz de balançar as convicções de quem acha que tem alguma idéia do que acontece no Iraque.

Quem, por exemplo, bombardeou com gás venenoso a cidade curda de Halabja, em março de 1988?

Foi o Irã.

Na verdade, não há muita certeza. Mas por conta dos sintomas das vítimas, aparentemente o gás foi algum derivado de hidro-cianido, que o Iraque não produziu, mas o Irã, sim.

O artigo *A war crime or an act of war?* – Crime de guerra ou ato de guerra? – é assinado por Stephen Pelletiere. O professor ocupava o cargo de Analista Político Sênior de Iraque na CIA durante a guerra entre Irã e Iraque e, por suas mãos, passaram os relatórios secretos produzidos pelos EUA no conflito.

O cianido encapsulado é líquido e varia num tom de branco a azulado. Em contato com o ar, vira um gás incolor, tem um cheiro tênue de amêndoas. Inspirado, atíça na garganta um gosto metálico, então deixa as vítimas confusas, tontas. Outros sintomas são dores de cabeça e vertigens. Em quantidades fatais, o ácido hidro-cianídrico provoca convulsões, taquicardia, seguidos de falta de ar e um colapso total. Mata em dez minutos.

A questão de Halabja, uma importante cidade localizada ao norte do Iraque, é importante porque 5.000 curdos perderam suas vidas vitimadas por gases diversos. Muitos deles eram soldados que lutavam no lado do Irã mas, em Halabja, 75% das vítimas foram mulheres e crianças. Civis.

Pelletiere vai além: havia um motivo para o Irã avançar sobre Halabja e tentar controlar a cidade. Fala-se muito das reservas de petróleo do Iraque. Mas na geopolítica do Oriente Médio, são outros recursos que fazem do país importantíssimo: seus rios. Além do Tigre e do Eufrates, próxima a Halabja está a Bacia dos rios Zab Maior e Menor.

Com seu potencial hídrico, o Iraque é capaz de irrigar o deserto.

Tanto Irã quanto Iraque abusaram de armas químicas durante os anos 1980, um contra o outro. Mas a acusação repetida pelo governo norte-americano de que Saddam Hussein usou armamento químico contra seu próprio povo simplesmente não procede. Na melhor das hipóteses, é no máximo isso mesmo, uma vaga hipótese.

Os indícios, no entanto, põem este crime em particular na conta do Aiatolá Ruhallah Khomeini. []

War crime or an act of war?

<http://www.nytimes.com/2003/01/31/opinion/31PELL.html>

Contando história

31.Jan.2003 | São tantas as formas de contar uma história na Internet. E, francamente, a mídia está longe de ter sido explorada ao máximo.

A turma do Departamento de Nova Mídia da Universidade de Minnesota montou um site bacana sobre o assunto. Chama-se Digital Storytelling, algo como o contar de histórias digital.

Organizaram o assunto todo. Há diferença entre multimídia e múltiplas mídias, quem diria. No primeiro caso, vídeo e texto, por exemplo, complementam-se; no outro, estão presentes mas a compreensão da informação independe da consulta dos dois.

Há várias outras questões. A relação entre usuário e o site, com várias nuances entre passividade máxima e interatividade idem; ou várias técnicas para que mais informação relacionada seja alcançada pelo leitor. (É leitor?)

Digital Storytelling serve um pouco para arrumar a bagunça, dar uma remexida na mesmice e abrir algumas portas, provoca que se pense um pouco sobre Internet. Para cada item, sempre há um ou dois sites que usam os recursos.

Site bom de passar um tempo navegando. []

Digital Storytelling

<http://www.inms.umn.edu/elements/>

via Cyberjournalist

<http://www.cyberjournalist.net/>

Ele pensa a guerra

30.Jan.2003 | A revista Wired traz uma interessante entrevista com Andrew Marshall, que ocupa um cargo que os jornalistas chamam de Chefe de Futurologia do Pentágono. Aos 81 anos, ele está no mesmo lugar desde que foi indicado pelo presidente Richard Nixon, no início dos anos 1970. Deve ser um político nato. Sua função? Pensar no futuro dos combates para imaginar em que direção as Forças Armadas de seu país devem seguir. Alguns trechos:

Quais são as próximas mudanças radicais que os EUA mostrarão no campo de batalha?

Um problema do futuro é saber sob que drogas o inimigo estará lutando. Uma coisa na qual ainda estamos trabalhando é numa variedade de armas de precisão. Outra é a habilidade de coordenar atividades de elementos separados das Forças num nível jamais visto. Isto é promissor e está mais próximo do que as armas de precisão. Uma terceira coisa são os elementos robôs. Veículos sem pessoas, os aviões estão mais avançados, mas também teremos coisas semelhantes para dentro d'água e mecanismos menores que mudarão as batalhas urbanas pois poderão se esgueirar por dentro de edifícios.

O 9 de setembro mudou sua opinião a respeito d'algo?

Não muito. Era óbvio que estávamos escancardos para um ataque.

Tecnologia nos deixa mais ou menos vulneráveis?

Um amigo meu, o economista Martin Shubik, de Yale, diz que uma maneira importante de ver o mundo é traçando uma curva do número de pessoas que dez homens determinados podem matar antes de serem mortos eles mesmos e como isso variou ao longo do tempo. Ele diz que não deu para matar tanta gente assim durante muito tempo, e agora está dando cada vez mais. Neste sentido, não é apenas nos EUA. Todo o mundo está ficando menos seguro. []

The Marshall Plan

<http://www.wired.com/wired/archive/11.02/marshall.html>

Chocar e atordoar

29.Jan.2003 | Segundo o CBS Evening News de ontem, um dos três telejornais de maior audiência nos EUA, o Pentágono vai inovar na tática desta Segunda Guerra do Golfo. A estratégia atenderá pelo nome Sock & Awe, algo como chocar e atordoar.

Nalgum dia de março, entre 300 e 400 mísseis serão jogados contra o Iraque. No dia seguinte, o mesmo. Nunca algo com esta intensidade foi tentado antes. A idéia é provocar o efeito das bombas de Hiroshima e Nagasaki, sem recorrer a armamento atômico. É destruir tão rápido e com tal intensidade que o país não chegue a lutar, desista antes.

Segundo o Pentágono, 80% dos mísseis e bombas serão inteligentes e o objetivo é destruir a infraestrutura do Iraque - água, luz etc.

Há, no governo norte-americano, quem acredite e quem não acredite na eficiência da tática. No Japão, em 1945, funcionou. Mas havia uma diferença: a bomba era atômica e bombas atômicas eram inéditas. Chocou menos pela intensidade e mais pelos cruéis resultados nas pessoas. []

Iraq Faces Massive U.S. Missile Barrage

<http://www.cbsnews.com/.../main537928.shtml>

via Metafilter

<http://www.metafilter.com/>

Bigodes brancos do Neolítico

29.Jan.2003 | Remexendo em jarras de barro britânicas com 6.000 anos de idade, arqueólogos detectaram restos de leite. É a evidência mais antiga do hábito de beber leite. As mesmas técnicas de datação serão usadas agora em jarras do Crescente Fértil, onde ocorreu a Revolução Agrícola, entre o norte da África e o Oriente Médio.

O homem está no mundo há pouco mais de 100.000 anos e desenvolveu a linguagem há algo entre 60.000 e 50.000 anos. Não há muito mais dúvidas de que o hábito de cuidar de rebanhos e domesticar animais tem 10.000 anos, mais ou menos a mesma época em que aprendeu a plantar.

O que se discute é quando aprendemos a ordenhar: e faz toda diferença. Um boi, afinal, alimenta cinco ou seis uma única vez; uma vaca leiteira, pelo outro lado, alimenta uma ou duas famílias dia após dia durante anos com uma fonte de proteínas e gordura que, mesmo durante invernos intensos, continua a vir. Foi uma revolução alimentar que por certo influenciou no sucesso ou fracasso dos primeiros povos.

O fato de que já se bebia leite há 6.000 anos na Grã Bretanha indica que o consumo, no Oriente Médio, deve ser anterior. A questão é de quanto tempo antes. []

Milk fats revealed in pots 6,000 years old

<http://www.upi.com/view.cfm?StoryID=20030127-021911-8630r>

via Ancient World Web

<http://www.julen.net/ancient/breaking/>

Passando a sacolinha

29.Jan.2003 | Um grupo de jornalistas da CNet, um dos maiores portais norte-americanos, encontrou uma maneira curiosa para lidar com o recente desemprego: puseram a redação em leilão, no eBay.

Já está em 8,5 dólares. []

Turnkey editorial/production staff

<http://cgi.ebay.com/ws/.../?ViewItem&item=2908944807>

Um clone para cada um

29.Jan.2003 | "A filosofia ocidental dificilmente favorece a expressão destes sentimentos [de produzir cópias de si]. Sentimentos como estes não deixam espaço para liberdade e individualidade, eles não têm outro objetivo que não a repetição idiótica e eterna. Não há nada de original neles; são divididos por todos os homens e mesmo pela maioria do Reino Animal; não são nada além da memória viva dum instinto biológico avassalador. A filosofia ocidental é um curso de treinamento longo, paciente e cruel cujo objetivo é persuadir-nos de que algumas idéias erradas estão certas. A primeira idéia é de que devemos respeitar o próximo porque ele é diferente de nós; a segunda de que temos algo a ganhar no momento da morte.

"Hoje, graças à tecnologia ocidental, estas idéias estão rapidamente ruindo. É claro que vou produzir um clone meu tão logo possa; é claro que todo mundo vai se clonar tão logo possa. Vou para as Bahamas, Nova Zelândia, Ilhas Canárias; vou pagar o preço pedido (questões morais e financeiras sempre contaram muito pouco perante a reprodução). Vou ter provavelmente dois ou três clones, como quem tem dois ou três filhos; entre os nascimentos, vou permitir um intervalo adequado (nem muito curto, nem muito longo); homem maduro que sou, terei o comportamento de um pai responsável. Farei com que meus clones tenham uma boa educação; então vou morrer. Morrerei sem prazer, pois não desejo a morte. Através de meus clones, alcançarei uma certa forma de sobrevivência que não será de todo satisfatória, mas superior àquela que crianças comuns me trariam. Por enquanto, é o melhor que a tecnologia ocidental pode oferecer."

O escritor francês Michel Houellebecq, de *Plataforma* e *as Partículas elementares*, é uma das primeiras vozes vindas da intelectualidade a favor da clonagem. Houellebecq é instigante e sempre polêmico; por conta de escritos passados, tem uma fatwa dos aiatolás iranianos pedindo sua cabeça. []

Love thy clone

http://www.prospect-magazine.co.uk/.../yes&P_Article=11738

via Daze Reader

<http://www.dazereader.com/weblog.htm>

Tirando a máscara

28.Jan.2003 | Há uma certa injustiça com os chimpanzés nalgum ponto disso tudo... o site funciona assim: pegue a foto e arraste para dentro do círculo.

A máscara cai. []

Masking

<http://www.webdesignlab.co.uk/niksthings/masking.html>

Jobs para presidente

28.Jan.2003 | Uma campanha na Internet quer lançar Steve Jobs, presidente e fundador da Apple, à presidência dos EUA. A princípio, Jobs diz que sente-se homenageado mas prefere dedicar-se à família.

Algumas sugestões já circulam na rede: uma, a de rebatizar o Iraque de iRaQ. Mas outros já percebem objeções a uma possível candidatura. A Constituição norte-americana deixa bem clara a separação entre Igreja e Estado.

Enquanto divindade, Jobs estaria impedido de candidatar-se.

Brincadeiras à parte, nos anos 80 Jobs considerou a possibilidade de concorrer ao Senado. Filiado ao Partido Democrata, é um de seus maiores doadores. []

Jobs for President? Not This Time

<http://www.wired.com/.../0,1283,57403,00.html>

Deus ex machina

28.Jan.2003 | Criança pequena em casa faz com que ponhamos o cinema em dia com atraso, na dependência dos lançamentos em DVD. Por conta, demorou para ver *Minority Report*, de Steven Spielberg, com Tom Cruise.

Tem um erro de estutura no roteiro do tamanho dum bonde. O que, impressiona, aliás. Filmes de Spielberg costumam ser irretocáveis.

Num futuro próximo, três psíquicos são capazes de prever os assassinatos. Por conta, organiza-se uma estrutura policial para combater pré-crimes. Um dia, o chefe da polícia, Cruise, é previsto matando um sujeito que ele não conhece.

Do jeito que a história se organiza, somos levados a compreender que existe algo chamado *minority report*, o relatório minoritário - dois dos psíquicos vêem o crime, o terceiro vê um fim alternativo.

Só que o filme se resolve sem um *minority report*; aliás, nem um único é citado - como se não acontecessem. São irrelevantes para a história. Um pouco por conta, o principal adversário do mocinho, Cruise, morre de repente como se seu personagem não fosse mais necessário. Deus ex machina, como chamavam os antigos, é aquele personagem que aparece de repente, do nada, como um Deus, para resolver um problema qualquer na história que o autor não conseguiu solucionar doutra forma. *Minority Report*, o filme, não fecha. Não chegará jamais a ser um *Blade Runner*.

No mais, justiça seja feita: Tom Cruise é um excelente ator. Não brilhante, mas excelente. Que isso não seja reconhecido é tão impressionante quanto a capacidade que as caretas de Tom Hanks e Russell Crowe tem de convencer a turma da crítica. []

Minority Report

<http://www.minorityreport.com/>

Volta ao batente

27.Jan.2003 | Um dos poucos hackers de verdade – e por certo o mais conhecido do mundo – acessou a Internet pela primeira vez em oito anos na semana passada. Trata-se de Kevin Mitnick que, condenado, gastou cinco anos na cadeia e três em liberdade condicional, onde as condições eram nenhum acesso a tecnologia digital: fosse telefone, rádio, quanto mais computador.

Mitnick ficou um pouco atrapalhado com browsers e impressionou-se com os anúncios que saltam na cara do navegante habitual. Mas teve bons professores em sua volta à Internet: Steve Wozniak (que fez o primeiro microcomputador digno do nome, o Apple I) e Emmanuel Goldstein, editor da 2600, mais radical publicação hacker da rede.

De Woz, Kevin ganhou de presente um Macintosh Titanium PowerBook, da Apple. Seu notebook anterior, um Toshiba da idade da pedra, está em leilão. O lance inicial é de 8.000 dólares []

An ex-con logs on

http://newyorker.com/.../030203ta_talk_specter

Os passivos

27.Jan.2003 | "Por que há este silêncio? O maior poder da história está prestes a lançar uma guerra contra um país árabe soberano – hoje comandado por um regime horrível – cujo propósito claro é não apenas derrubar o regime Ba'ath mas também redesenhar toda a região. O Pentágono não faz segredo de que seu plano é redesenhar o mapa do mundo árabe, talvez mudando outros regimes e fronteiras no caminho. Ninguém poderá ser protegido deste cataclisma se e quando vier. Ainda assim, há apenas um longo silêncio seguido de uma negativa vaga, educada e murmurada como resposta. Milhões de pessoas serão afetadas e, no entanto, a América planeja seus futuros sem sequer consultá-las. Será que merecemos esta atitude racista?

"Isto não é apenas inaceitável: é impossível de ser crido. Como uma região de 300 milhões de árabes pode esperar passivamente as explosões virem sem tentar um grito coletivo de resistência? Será que a união árabe se dissolveu por completo? Mesmo um prisioneiro prestes a ser executado tem direito a suas últimas palavras. Por que não há um último testemunho para uma era da história, para uma civilização prestes a ser esmagada e transformada por completo, para uma sociedade que, apesar de suas falhas e fraquezas, no entanto ainda continua viva?"

Edward Said, no Guardian de sábado. []

When will we resist?

<http://www.guardian.co.uk/.../0,3604,881869,00.html>

O anel

27.Jan.2003 | Faz um bocado de sucesso a trilogia Senhor dos Anéis, cujo último episódio chegará às salas no final deste ano. É surpreendente, no entanto, que a primeira versão para o cinema seja tão pouco citada. Afinal, contou com os melhores atores de seu tempo.

Humphrey Bogart foi Frodo; Marlene Dietrich, Galadriel; Orson Welles, Saruman e o grande Peter Lorre, Gollum. O filme está inteirinho online. []

Lord of the Rings (original)

<http://flyingmoose.org/tolksarc/movie.htm>

via Memepool

<http://www.memepool.com/>

Lula à Davos

26.Jan.2003 | Muito vai-se falar a partir de amanhã a respeito do discurso presidencial em Davos. Mas que ficou para o mundo? Quem prestou atenção? Se imprensa serve de termômetro, ficou assim: espanhóis e franceses ouviram; EUA e Reino Unido ignoraram.

É o que se percebe checando, no final da tarde de domingo, as primeiras páginas dos principais jornais de cada país: The Times (Inglaterra), The New York Times (EUA), El País (Espanha) e Le Monde (França).

El País e Le Monde, aliás, deram particular destaque a Lula. []

El País

<http://www.elpais.es/>

Le Monde

<http://www.lemonde.fr/>

That's all, folks

25.Jan.2003 | Eu acho que vi um terrorista.

Eu vi sim, eu vi um terrorista! []

Strictly Looney Toons

http://www.motherjones.com/.../ma_225_01.html

Que difere o Tao do Zen?

24.Jan.2003 | Certa vez um peixinho perguntou a um peixe mais velho:

– Ouço pessoas falarem sobre o que chamam de mar. O que é o mar?

– É o que o cerca.

– Por que não posso vê-lo?

– O mar está em você e ao seu redor. Você nasceu e morrerá no mar, que o envolve como sua própria pele.

Zen em quadrinhos, na ótima tradução brasileira: todo pela Internet.

Uma vez, o professor D. T. Suzuki explicou ao alucinado Alan Watts que compreendia o Zen quando o pensava em inglês; mas que em japonês, perdia o Zen no ar. []

Tsai Chih Chung – Zen em quadrinhos

http://winstonsmith.free.fr/___/library/chih_chung/zq-1.html

via Girl-o-Rama

<http://girl-o-rama.blogspot.com/>

E por falar em copyright

24.Jan.2003 | Tudo o que a revista britânica Economist publica merece ser lido com atenção. No fim do texto, pode-se discordar – a revista é liberal no sentido estrito, filosófica e economicamente.

Mas a reflexão, a exposição honesta de argumentos e fatos faz dela, muito provavelmente, o melhor produto do jornalismo mundial.

Nariz de cera posto, na edição desta semana há um dossiê a respeito de como a Internet – apesar de todo o dito e desdito – ainda vai mudar a sociedade. A série de reportagens que o compõem inspiram um editorial a respeito da questão do copyright nos tempos digitais. É deliciosamente radical. Segue trecho:

"A alternativa é voltar ao propósito original do copyright, algo que nenhuma legislativo nacional parece querer. Copyright era, originalmente, a concessão de um monopólio governamental na cópia de um trabalho, não um direito de posse. Seu único propósito era encorajar a circulação de idéias ao dar para seus criadores e editores um incentivo de curto prazo para disseminar o trabalho. Ao longo dos últimos 50 anos, como resultado de um pesado lobby da indústria do conteúdo, copyright cresceu numa proporção ridícula que hoje mais inibe do que promove a circulação de idéias, deixando milhares de filmes antigos, discos e livros escondidos por trás duma barreira legal. Se fosse começar do zero, hoje, nenhum legislador racional concordaria com copyrights que se estendem além de 70 anos após a morte do autor, como é a norma no mundo desenvolvido.

"A tecnologia digital não apenas facilita a cópia de vários tipos de trabalhos, mas também reduz drasticamente os custos de criação e distribuição, assim reduzindo os incentivos necessários. O fluxo de conteúdo gratuito na Internet têm mostrado que a maioria dos criadores não precisam de incentivos que atravessem gerações. Para premiar aqueles que conseguem atrair uma audiência paga e as firmas que os apoiam, copyrights muito mais curtos são suficientes. O termo original de 14 anos da lei de copyright britânica e norte-americana do século 18, renovável uma vez, pode ser um bom início." []

A radical rethink

http://www.economist.com/.../Story_ID=1547223

Survey: the Internet society

http://www.economist.com/printedition/.../Story_ID=1534303

Homem versus máquina

23.Jan.2003 | O enxadrista Gary Kasparov tornará a se encontrar com um computador, no domingo. É a nêga – da última vez, ele que é considerado o melhor jogador de xadrez da história perdeu para o Deep Blue da IBM, em 1997.

Agora, Kasparov jogará contra Deep Junior, um software desenvolvido por um grupo israelense.

Há uma peculiaridade que faz desta partida especial: pela primeira vez, a Federação Mundial de Xadrez reconhece um jogo entre um homem e uma máquina.

Para quem gosta da coisa, o site da Wired permitirá que seus leitores acompanhem a partida. []

Of Pawns, Knights, Bits, Bytes

<http://www.wired.com/news/culture/0,1284,57345,00.html>

E agora, José?

23.Jan.2003 | Teste seus conhecimentos bíblicos.

(Só vale para cristãos.) []

Interney, testes

<http://www.interney.net/testes/teste008.php>

Questão de imagem

23.Jan.2003 | Que ninguém repare, mas o presidente Luís Inácio Lula da Silva mudou o padrão da fotografia oficial de chefe de Estado brasileiro. Caiu a faixa presidencial, o retrato ficou mais moderno, menos sisudo, a bandeira nacional ficou ao lado, no fundo.

Igualzinho ao padrão norte-americano. Parece cópia. []

Foto oficial de Bill Clinton

<http://www.whitehouse.gov/history/presidents/bc42.html>

Foto oficial de George W. Bush

<http://www.defenselink.mil/photos/Jan2001/>

Foto oficial de Lula

<http://www.planalto.gov.br/biografia.htm>

Democracia eletrônica

22.Jan.2003 | Uma pequena cidade da Suíça fez o primeiro plebiscito do mundo com votos pela Internet.

Quarenta e oito eleitores de Anieres foram às urnas; 370 votaram pelo correio e 323 preferiram a opção online.

O voto no país não é obrigatório. No caso, a municipalidade optou por financiar com dinheiro público a reforma de um elegante restaurante local. []

Swiss village holds first Internet election

<http://www.suntimes.com/output/news/cst-nws-net20.html>

Casa de ferro

22.Jan.2003 | A maior empresa de segurança da América Latina, Módulo, tirou às pressas do ar seu novo site de vendas.

Foi hackeada de forma elementar por conta dum furo tolo no sistema. O resultado é que parte do cadastro dos inscritos podia ser recuperado por gente de fora. []

Descobertas falhas em site de e-commerce da Módulo

<http://www.infoguerra.com.br/.../newsid1043186291>

Guerra marcada

22.Jan.2003 | A agência de notícias russa Interfax está anunciando a Segunda Guerra do Golfo para a metade final de fevereiro. Segundo a fonte da agência, um general do Exército Russo, a guerra terá início logo que forem reunidos na fronteira iraquiana 150.000 soldados da coalizão liderada pelos EUA. Falta um terço.

O objetivo norte-americano é resolver o problema num mês. []

Russia: US plans Iraq strike for late February

<http://www.middle-east-online.com/english/?id=4093>

Olho perdido no céu

22.Jan.2003 | Um tablete de marfim com 32.500 anos pode ser o mais antigo mapa astronômico jamais descoberto. A teoria é do professor Michael Rappenglueck, da Universidade de Munique.

No tablete, descoberto na Alemanha em 1979, é feito com dentes de mamute e nele está o desenho de um homem com, na cintura, uma espada. Por certo é a mais antiga representação humana mas, para o professor, é mais que isso. Ele representa o caçador e braços, pernas, cintura e cabeça indicam as diversas posições das estrelas em Orion.

Do outro lado do tablete estão 86 pontos, o que poderia indicar um calendário de gravidez – o número de pontos representa mais ou menos o número de dias que faltam para completar o ano após os nove meses de gestação.

Não é pouco, 32.500 anos: o homem ainda era nômade e estava longe a revolução agrícola. Em compensação, já fazia uns vinte mil anos que falava. Neste tempo, ainda conviviam entre nós os Homens de Neandertal, hominídeos bem parecidos com o homem moderno mas que sumiram misteriosamente.

Há quem considere a teoria do professor Rappenglueck curiosa mas forçada. Ele, no entanto, construiu uma boa reputação para si na identificação de mapas estelares. []

'Oldest star chart' found

<http://news.bbc.co.uk/2/hi/science/nature/2679675.stm>

via Archaeologica News

<http://www.archaeologica.org/NewsPage.htm>

Arte num segundo

21.Jan.2003 | Faça seu próprio Mondrian.

[]

Mondrian machine

<http://www.ptank.com/mondrian/>

via Stuff worth saving

<http://helloha.blogspot.com/>

Vocabulário pop

21.Jan.2003 | A Sociedade do Dialeto Norte-americano, que acompanha o uso contínuo do inglês de rua nos EUA, elege todo janeiro a palavra (ou expressão) do ano anterior.

A vitoriosa, entre várias, é weapons of mass destruction, armas de destruição em massa.

A expressão veio de uma seleta das primeiras colocadas em várias categorias. Em "palavra que mais provavelmente continuará entre nós" nos anos porvir, "Blog" ganhou; em "Mais útil" ganhou "Google" – o verbo. []

via Davos Newbies

<http://www.davosnewbies.com/>

Words of the year

<http://www.americandialect.org/woty.html>

Ainda que tardia

21.Jan.2003 | O Cocadaboa driblou o bloqueio branco que o tirou por mais de mês do ar.

[]

Cocadaboa Blog

<http://blog.cocadaboa.com/>

Matéria de memória

18.Jan.2003 | Apenas muito raramente, encontra-se na web um site que é capaz de mexer com quem vê. Como se fosse um filme. O do fotógrafo argentino Marcelo Brodsky é um destes. A introdução:

"Quando voltei para a Argentina depois de viver muitos anos na Espanha, tinha acabado de fazer quarenta, senti que precisava reconstruir minha identidade. [...] Encontrei uma antiga foto de turma, tirada em 1967, e senti vontade de saber o que se fez de meus colegas. Reuni-os numa festa de 25 anos do Colegio Nacional de Buenos Aires para nos vermos. Convidei os que encontrei para minha casa e propus fazer um retrato de cada um.

"Mais tarde, fizemos uma cerimônia, em memória dos estudantes que desapareceram ou foram assassinados nos anos negros da ditadura. Após vinte anos, as autoridades escolares finalmente aceitaram, pela primeira vez, que os desaparecidos fossem reconhecidos oficialmente no hall principal do Colégio."

Numa das várias páginas está a dedicada à cerimônia dos Desaparecidos. Coisa muito simples. Foto pequena e uma enorme lista de nomes. Então, de repente, quando foi carregada ouve-se o áudio duma senhora fazendo a chamada da turma. Em coro, um mutirão de vozes responde: Presente! []

Good Memory

<http://www.zonezero.com/exposiciones/fotografos/brodsky/>

via Metafilter

<http://www.metafilter.com/>

Biblioteca

17.Jan.2003 | O site Omniglot é dedicado a alfabetos. Tantos quantos documentados. Quase sempre, há inclusive fontes para download.

Isso inclui o misterioso Vinca, um alfabeto encontrado nos Balcãs e Leste Europeu que data de entre o milênio 7 e 4 a.C. É anterior até aos hieróglifos egípcios. Ninguém sabe que língua representa ou se os caracteres indicam sílabas, sons, idéias. Sabe-se apenas que estava lá, com suas suásticas.

Mas Omniglot não é apenas sobre alfabetos que existiram. Romulano e Klingom têm também seu espaço. []

Omniglot

<http://www.omniglot.com/>

via Memepool

<http://www.memepool.com/>

Entre búlgaros

17.Jan.2003 | Começa, na Bulgária, uma curiosa moda entre jovens casais. Ao contratar o vídeo de seus casamentos, insistem para que o serviço registre tudo – incluindo a noite de núpcias. []

Wedding videos taking on a new direction in Bulgaria

<http://www.ananova.com/.../news.weirdworld.sexlife>

World sex news

<http://www.world-sex-news.com/>

Política de Internet

16.Jan.2003 | Num longo artigo sobre o novo browser da Apple, Safari, John Gruber dá uma bela aula sobre browsers – estes softwares que usamos para navegar na web.

Na verdade, tratam-se de dois programas diferentes num só. Um é o HTML engine, que cuida de interpretar as páginas da web e desenhá-las na tela. O outro é o programa com todas suas outras funções, como comandos de ir para frente e para trás, lista de favoritos, impressão etc.

Há cinco "motores" de HTML no mercado: Gecko, que está por trás do Mozilla e do Netscape; Internet Explorer para PC; Internet Explorer para Mac; Opera e KHTML, usado pelo padrão KDE de Linux. (A Apple escolheu este último para seu Safari.) Se uma página aparece bem ou mal num browser, a responsabilidade é deste pedaço do programa; se carrega mais rápido ou menos, também.

Alguns destes padrões – como Gecko e KHTML – são livres, os outros, fechados. Com os livres, pode-se pegar emprestado e construir um programa ao redor, como a Apple fez. Na capacidade destes de continuar visualizando bem as páginas web é que depende a Internet para não ser dominada pelo padrão Microsoft. []

Safari

<http://daringfireball.net/2003/01/safari.html>

via Different Thinker

<http://mac.marioav.com/>

Última cruzada

16.Jan.2003 | Construída no século 15, a Capela de Rosslyn, próxima à capital escocesa, está cercada por mistérios. Lendas seculares dizem que o lugar, que serviu de sede aos Cavaleiros Templários, esconde em suas fundações a Arca da Aliança (onde Moisés repousou as tábuas das leis); o Santo Graal (taça na qual Jesus bebeu vinho na última ceia e que serviu para colher seu sangue após a crucificação) e até mesmo a cabeça mumificada do Cristo.

Difícilmente qualquer uma corresponde à verdade; mais provável é que nenhuma das relíquias existam – se é que existiram um dia. A capela gótica, no entanto, deve servir de túmulo a outros mistérios e tesouros jamais investigados. Vai mudar.

Templários d'hoje (eles existem) vão começar a estudar as fundações de Rosslyn usando sensores ultra-som que não danificam a arquitetura. Nos detalhados entalhes que ornamentam suas colunas, dizem templários e maçons, escondem-se em língua cifrada segredos bíblicos milenares. []

Knights Templar to use latest imaging in search for Grail

<http://news.independent.co.uk/.../story=366779>

via Archaeologica News

<http://www.archaeologica.org/NewsPage.htm>

Herança de Augusto

15.Jan.2003 | Dois moais – estátuas monolíticas da Ilha da Páscoa – estão à venda numa galeria de arte em Miami. Pertencem a Hernan Garcia de Gonzalo Vidal, noutros tempos do alto escalão do governo Pinochet, no Chile.

As autoridades de seu país natal estão fora de si por conta da raiva. Uma lei de 1925 declara que todo o patrimônio da ilha pertence ao governo; Garcia disse que seu tio ganhou as estátuas de presente em 1912.

A BBC calcula que poderão ser vendidas pela brincadeira de 600.000 dólares. Cada. []

Chile probes Easter Island artefacts

<http://news.bbc.co.uk/2/hi/americas/2633865.stm>

Chile: Easter Island Monoliths May Be Fakes

<http://www.nbc6.net/news/1876697/detail.html>

via The Ancient World Web

<http://www.julen.net/ancient/breaking/>

O caso da tortura

15.Jan.2003 | A revista Economist traz na capa, esta semana, um tema pelo qual a mídia internacional vem passando de leve faz quase um ano mas ainda não teve coragem de enfrentar: tortura. E ela é contra.

Seria o óbvio, mas a leitura cuidadosa de seu editorial convida à reflexão. Presos terroristas, gente que sabe-se esteve preparando química suficiente para infectar meio mundo, até que ponto se vai para descobrir onde está, e com quem, aquilo que prepararam? Há coisa de duas semanas, o

Washington Post publicou reportagem descrevendo a ação de agentes norte-americanos que, no trato com presos afegãos, chegam no limiar da violência física.

E todos evitaram a questão. Melhor não saber.

"Se a América sancionar a tortura", escrevem os editores da revista, "só para começar em casos raros e extremos, provavelmente haverá ganho na segurança. Por mais que muitos prefiram acreditar que tortura nunca extrai informação vital, a história mostra o contrário. Mas para uma democracia ocidental, quaisquer ganhos seriam parcos perante mal maior. A proibição da tortura expressa um dos maiores tabus do ocidente - e alguns tabus (como aquele que proíbe o uso de armas nucleares) valem ser preservados mesmo que a custo alto. Mesmo que muitos regimes autoritários usem tortura, nenhum admite abertamente. Uma decisão por parte dos Estados Unidos de usar tortura, não importa quão limitadas as circunstâncias, mexeriam com o tabu. A moral no ocidente no que pode se mostrar uma longa guerra contra o terrorismo estaria gravemente abalada: para permanecerem fortes, democracias liberais precisam estar certas de que são melhores que seus inimigos."

O texto não nega as origens. A Economist produz talvez o melhor jornalismo do mundo; mas é também uma revista conservadora e em tudo favorável à cruzada dos EUA contra o dito Eixo do Mal. Por isso mesmo, o que diz no caso tem valor especial. []

Is torture ever justified?

http://www.economist.com/.../Story_ID=1524784

Papai

14.Jan.2003 | "Nós vamos vencer, papai?"

"Claro que vamos, filho, e rápido, enquanto você ainda estiver dormindo."

"Mas será que alguém vai morrer, papai?"

"Uns poucos de nós, filho. Muito poucos. Dorme."

"E depois tudo vai ficar normal de novo? Ninguém vai atacar a gente? Os terroristas vão morrer?"

"Espera até você crescer, querido. Boa noite."

"É verdade que na última vez, lá no Iraque, morreram duas vezes mais pessoas que no Vietnã?"

"Dorme, filho. Isso é História."

Diálogo pescado dum artigo do escritor de thrillers de espionagem John Le Carré. Ele acusa os EUA de estarem entrando num jogo de macartismo internacional. []

A predatory and dishonest war

<http://www.opendemocracy.net/debates/.../articleId=882#0>

via Wood s lot

<http://www.ncf.ca/~ek867/>

Doutor mal

14.Jan.2003 | O jogo diplomático está ficando mais complicado para o governo George W. Bush. Impossível, de longe, avaliar se o ditador norte-coreano Kim Jong-Il é louco ou um mestre-estrategista.

A nova missão de paz que procura um acordo com seu governo será liderada por diplomatas australianos. Pretendem explicar a Jong-Il que ele não deve ver os EUA como inimigo. Que há espaço para conversa. No entanto, foi o próprio presidente George W. Bush que enfiou o país na tríade que chamou Eixo do Mal.

Na Casa Branca, já não há tanta certeza se o conceito do Eixo foi uma boa idéia. Esta é a linha de argumento de David Ignatius, colunista do Washington Post. Bush escolheu seguir um caminho moralista para definir sua Doutrina de relações internacionais. O mal, expresso por ditaduras carniceiras, dever ser vencido.

Só que não é tão simples. Saddam Hussein, apesar da retórica norte-americana afirmar o contrário, lidera um exército bem mais fraco do que foi um dia - e forte, de fato, nunca foi. Tem algum armamento, mas é escasso. Não oferece resistência.

Na Coréia do Norte, a coisa é diferente. O regime que tem capital em Pyongyang possui pelo menos duas bombas atômicas. Se a coisa ficar feia, joga no vizinho ao sul. Cai machucando. Será a terceira bomba atômica lançada contra população civil na história. (Quem lançou as duas primeiras foram os norte-americanos.)

Resta o caminho de negociar, o que talvez seja o desejo de Jong-Il. Mas, neste caso, cai por terra a idéia de que ao Eixo do Mal nada será permitido. Nada disso: há dois pesos e duas medidas. Bate-se no fraco, com o forte, conversa-se. []

Madman or master? Kim keeps the world guessing

<http://www.guardian.co.uk/.../0,2763,872748,00.html>

Of Two Minds on North Korea

<http://www.washingtonpost.com/.../2003Jan6.html>

Townshend

14.Jan.2003 | Traz uma estranha sensação de desconforto a suspeita de que Pete Townshend, líder da banda The Who, é pedófilo. Como o tema é parte dum processo histérico internacional, todo ceticismo é bem-vindo.

A última entrada em seu diário online veio na ante-véspera do Natal. Townshend falava sobre a dificuldade de criar novas músicas e o que ele via como a quase impossibilidade de que a banda viesse a fazer, novamente, o que fez em seu auge.

Ainda assim, planejava um disco para o final do ano. []

Resolution

<http://www.petetownshend.co.uk/diary/.../>

Tripla X

14.Jan.2003 | Não existe um número formal, mas conta-se em vários bilhões de dólares a movimentação da indústria do cinema pornô, na Califórnia. Pagam impostos, sustentam a

campanha de políticos. Por conta, o Vale de San Fernando, em Los Angeles, vem tornando-se a cada ano uma Hollywood paralela quase tão poderosa quanto a original, uns quilômetros acima.

Mas há um lado negro na história, que passa ao largo da aceitação social da pornografia: as condições de trabalho são trágicas.

Após o anúncio de uma decisão judicial que legalizou em definitivo o cinema pornô, a indústria passou por um boom de otimismo onde fez-se bastante dinheiro, de atores a diretores – principalmente produtores. Foi curta a festa. Em 1998, uma após a outra, atrizes conhecidas testaram-se soropositivas. O primeiro reflexo foi a obrigatoriedade de uso de camisinhas. Durou pouco.

Aproximadamente 500 atores e atrizes trabalham a qualquer momento no Vale de São Fernando, seguindo carreiras que duram em média 18 meses. De 483 pessoas testadas entre outubro de 2001 e março do ano passado, 40% estava infectado com alguma doença sexualmente transmissível.

Os estúdios, no entanto, recusam qualquer tipo de regulamentação. Alguns poucos atores promovem um lobby na Assembléia e no Senado Estadual cobrando fiscalização, mas as autoridades evitam o assunto. Os patrões ajudam na campanha e o assunto, afinal, não é dos que atraem políticos.

Para quem trabalha sob as luzes quentes, o objetivo é que a Califórnia siga o exemplo do estado de Nevada. Lá, a prostituição é legal e os bordéis rigidamente controlados. São 400 moças registradas lá que trabalham em 26 casas de meretrício. O número de doenças tende a zero.

No domingo, o Los Angeles Times dedicou a capa de sua revista à questão. []

See no evil

<http://www.latimes.com/.../la-tm-pornjan12.story>

via Daze Reader

<http://www.dazereader.com/>

Ermitão urbano

13.Jan.2003 | "Apesar da falta de recursos, seu Antônio consegue uma qualidade de vida que poucos têm na cidade grande. Planta parte de seus alimentos – coisas como mamão, batata-doce e abóbora, além de fumo, pimenta, hortelã e folhas para chá. E prepara sua comida em forno a lenha.

"A água ele armazena em época de chuva, com um sistema de escoamento que vai do telhado para tonéis que instalou. O contato com a natureza faz ele reconhecer até o canto dos pássaros. 'Quando o sabiá canta muito já sei que ele andou comendo a pimenta do meu jardim', diz."

Seria uma história prosaica, não morasse o seu Antônio de frente para a Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio, próximo ao Parque da Catacumba. []

Daqui ninguém me tira

<http://www.vivafavela.com.br/publique/.../inoid=25393>

via De nota em nota

<http://rodrigobelchior.blogspot.com/>

A nova AOL

13.Jan.2003 | Steve Case anunciou que vai deixar em maio o cargo executivo mais alto a America Online.

A pressão para que saísse vinha aumentando há algum tempo. Fundador do que viria a ser o maior provedor de acesso à Internet do mundo, Case foi mais longe que qualquer um no mercado de tecnologia. Isso inclui Bill Gates.

Na louca ciranda financeira disparada pela Internet, capitalizou tanto o valor em papel da AOL que foi capaz de convencer os executivos da TimeWarner que seria bom negócio a união dos grupos. A AOL comprando, naturalmente.

À época, pareceu para muitos a inauguração dum novo tempo. Uma empresa da mídia digital com parca idade podia engolir numa bocada um portento de mídia com a tradição das revistas Time e Life, do pioneiro estúdio de cinema dos irmãos Warner e ainda levava de troco alguns dos fundadores da televisão a cabo como CNN e TNT.

O negócio fechou, o nome da AOL foi pra a frente do TimeWarner mas a Nasdaq caiu.

Agora, a queda de Case marca também um novo tempo. Na empresa que fundou, é gente da velha mídia e com velhos métodos que manda. Não necessariamente uma boa escolha. []

Case resigns as AOL chairman

<http://money.cnn.com/2003/01/12/news/companies/aol/>

Hoje, Ipanema; amanhã, o mundo

13.Jan.2003 | A política de segurança pública da governadora Rosinha Garotinho, no Rio, começou pelo Posto 9, na Praia de Ipanema. Plantou lá uma barraquinha da Polícia Militar no sábado e a encheu de soldados.

No mesmo sábado, a trupe local, conhecida pela irreverência, aplaudiu no fim do dia quando os meganhas saíram. Eles voltaram com cassetetes à mão para tomar satisfações - e, nessas horas, tinha gente com câmera digital em punho.

Não há notícia de quem tenha acendido um cigarro de maconha intimidado pela guarda - noutros dias, o uso é recorrente; não é um ponto conhecido por furtos - aliás, bem pelo contrário.

Há notícia de cantos da cidade que careciam de mais PMs.

E polícia que responde a humor com pau na mão não cabe a uma cidade como o Rio. []

Impressões imprecisas fotolog

<http://fotolog.net:8080/impressoes/>

Estranho país

10.Jan.2003 | Após sua desastrada entrevista coletiva ontem, o premiê israelense Ariel Sharon e seus assessores estão pessimistas à espera das próximas pesquisas. No início de dezembro, segundo levantamento do jornal de esquerda Ha'aretz, o Likud de Sharon podia esperar eleger 41 deputados. Na pesquisa de terça-feira, já eram 27.

Por enquanto, a coalizão da direita ainda tem 61 cadeiras garantidas no Knesset – o parlamento. É exato metade mais um, suficiente para formar o gabinete mas um fino. A continuar neste ritmo, periga o próximo premiê ser Amram Mitzna, do Partido Trabalhista.

O motivo é que Sharon não consegue explicar como surgiu um empréstimo de 1,5 milhões de dólares.

Quer dizer: dado o presente cenário, um dos principais líderes mundiais periga perder a eleição por conta de 1,5 milhão de dólares. No Rio de Janeiro, um estado que não tem dinheiro nem para pagar salário de servidor, assessor de governador rouba 30 milhões de dólares e termina exonerado.

Há um problema de proporções por aí em algum lugar. []

Pinocchio heads for the polls

<http://www.haaretzdaily.com/hasen/.../0&listSrc=Y>

Quadrilha

http://www.terra.com.br/istoe/.../1737_quadrilha_fiscal.htm

Continua lindo

10.Jan.2003 | Antonio Machado, do blog Impressões imprecisas, lançou seu fotolog, para dar razão de vida à sua câmera digital.

Alguns de seus retratos do Rio de Janeiro são primorosos, coisa que só câmeras digitais permitem. Naquela hora, naquele lugar, de repente a cena. Basta um clique. []

Impressões imprecisas fotolog

<http://fotolog.net:8080/impressoes/>

Contraponto a Moisés

09.Jan.2003 | William Gibson, fundador do movimento cyperpunk na literatura, criador do termo ciberespaço, autor de Neuromancer e Johnny Mnemonic, tem blog.

E diz o seguinte neste 9 de janeiro:

"Sim, como é óbvio, tomei algumas drogas, principalmente LSD das antigas (me parece que hoje em dia ele é bem diferente) antes de escrever Neuromancer. [...] Vendo de hoje, minha opinião é que escritores que imaginam usar 'drogas para escrever' na verdade apenas conseguem escrever apesar das drogas. Podem haver algumas exceções notáveis. Naked Lunch – Almoço nu – me vêm à mente.

"[...] Hoje, creio que os aspectos supostamente visionários da experiência com drogas, não importa o quão espetaculares pareçam à época, representam não mais que um estímulo diferente que impressiona." []

William Gibson Blog

<http://www.williamgibsonbooks.com/blog/blog.asp>

A César

09.Jan.2003 | A edição eletrônica da revista Time está perguntando aos seus leitores qual o país que representa maior ameaça à paz mundial em 2003. Oferece três respostas: Iraque, Coréia do Norte e Estados Unidos.

Por enquanto, os EUA vão ganhando com 60,7% dos votos. []

The Biggest Threat To Peace

<http://www.time.com/time/europe/gdml/peace2003.html>

Outro sotaque

09.Jan.2003 | A maior rede de televisão aberta dos EUA, ABC, está em franca conversação com a CNN. O canal a cabo ofereceria para a rede sua ampla (já foi mais) cobertura do estrangeiro, as duas equipes reuniriam suas sucursais mundo afora, cortando custos.

Mas as conversas não vão tão bem.

No espaço aberto pelas dificuldades de relacionamento, a BBC britânica corre por fora. Se não rolar com a CNN, os ingleses oferecerão o mesmo negócio.

Para o público, a notícia é péssima. No rastro da negociata, a notícia internacional, que já é um bocado repetitiva, vai variar ainda menos. []

BBC eager for link-up with US network

<http://news.ft.com/.../1012571727159>

via Ponto Média

<http://www.ciberjornalismo.com/>

Era a vizinha

08.Jan.2003 | Amal Kashua, 38 anos, foi espancada nas ruas de Tira, uma próspera cidade árabe no centro de Israel. Sobreviveu com arranhões no rosto e um braço quebrado. Amir, seu companheiro palestino, apanhou igualmente.

A tentativa de linchamento partiu de seus vizinhos, igualmente árabes.

Contínua violência entre israelenses e palestinos? Nada disso. Amal e Amir trabalharam num curioso projeto de união entre os povos não muito bem visto pela comunidade: foram atores em "Fatima e Yussuf", a primeira produção pornográfica árabe-israelense.

Filmes pornôns são populares em Israel e não apenas na comunidade judaica; também os árabes alugam com freqüências fitas e DVDs. Até pouco tempo, no entanto, os filmes eram todos importados. O país é pequeno e descobrir atores dispostos a fazer o trabalho sabendo que serão reconhecidos na rua foi difícil até há pouco.

"Fatima e Yussuf" foi feito, conta o produtor Amos Lahat, porque o público árabe procurava coisa com a qual pudessem se relacionar. A fita foi um sucesso. Até reconhecerem na atriz a moça da porta ao lado. []

Israeli-Arab porn elicits passionate Muslim response

<http://www.azstarnet.com/.../ISRAEL-ARAB-PORNOGRA.html>

Tlocha humana

08.Jan.2003 | "Mas foi aí que eu tive essa idéia. Eu convidava a garota para ir a um bom restaurante francês - elas nunca recusavam. Vestia um belo terno azul-marinho, pedia o melhor vinho da casa, apertava o play no toca-fitas, me embebia em álcool..."

Mais no Portal Literal. []

Fogo e paixão

<http://portalliteral.terra.com.br/.../Exercicios>

Moisés fumava um

08.Jan.2003 | A web tupinambá delirou ontem – e os jornais d'hoje entraram na onda – com o artigo publicado no diário britânico Guardian a respeito do uso, por Jesus, de maconha. Mas o que contaram não chega nem à metade da complexa teoria de Chris Bennet, autor de Green Gold, the tree of life: marijuana in magic & religion – Ouro verde, a árvore da vida: marijuana na mágica e religião.

Para Bennet, uma viagem de THC pode estar na origem do monoteísmo de Moisés e todo seu conceito dum Deus invisível embora onipresente, aquele que tudo pode. "Eu Sou o Que Sou", teria lhe dito o Senhor.

Tudo começa – para variar – com um possível erro de tradução da Septuaginta, a tradução grega dos primeiros livros do Velho Testamento. Em determinado momento do Êxodo, o Senhor dita a Moisés a fórmula de um óleo sagrado para besuntar sacerdotes durante a ordenação: mirra, canela, kannabosm, cássia e uma pitada de azeite. Os gregos leram a tal kannabosm e traduziram-na como calamus, uma espécie de junco que os egípcios utilizavam para fazer canetas. Nossas Bíblias em geral descendem desta versão. O que uma série de etimologistas vêm defendendo, no entanto, é que kannabosm não apenas é cânhamo como, na palavra, está a raiz do termo cannabis.

Segundo Bennet, maconha era usada em profusão por várias culturas no Crescente Fértil – que vai do norte da África ao Oriente Médio – mas, em particular, por dois povos amigos: hebreus e citas. Não se fumava pois não havia cachimbo. Então, acendiam incensos em tendas fechadas, numa quantidade suficiente para que a fumaça os intoxicasse. Nestes êxtases, vinham visões divinas, compreensão do mundo através dum ritual sagrado. Só aos sacerdotes era permitido o uso da erva.

No Êxodo, aliás, a Aarão era recomendado que acendesse os tais incensos toda manhã.

Algum sentido, faz. []

The hidden story of cannabis in the old testament

<http://www.hempbc.com/.../kanehbosm.html>

Apple vs. Microsoft

07.Jan.2003 | Steve Jobs está partindo para o confronto com Bill Gates. É o que está nas entrelinhas de seu anúncio, que ainda está acontecendo, na abertura da feria Macworld, nos EUA.

Jobs anunciou um novo browser: chama-se Safari, é produzido pela Apple e, naturalmente, só roda em Macs com o MacOS X. Safari é três vezes mais rápido que o Explorer e já vem de fábrica com a barrinha do Google no menu, que agiliza buscas.

Outro software lançado para o Mac chama-se Keynote. É um programa de apresentação, aparentemente melhor que o PowerPoint. Este custará 99 dólares, o browser basta baixar do site – é de graça.

Nenhuma notícia dum Word ou XL baratinhos (quicá gratuitos), mas a deixa foi dada.

A Microsoft sustenta seu browser porque implementa, a cada nova versão, recursos novos que sites passam a usar e os deixam feios noutros navegadores. Então todos usam o Explorer. Para combater a tática, o novo browser da Apple traz um botão. Viu uma página que não está bonitinha, clica o botão. A Apple vai lá, descobre o que falta, implementa as mudanças, dá uma notícia pro pobre usuário.

E Safari vem com o código aberto. []

Apple releases its own Web browser

<http://news.com.com/2100-1040-979461.html>

Safari

<http://www.apple.com/safari/>

A pedaladas

07.Jan.2003 | Um projeto curioso está para ser implementado no Laos: Internet movida a pedaladas. Isso mesmo. O sujeito pedala num gerador que alimenta de energia um terminal, este conectado à rede pela antena. Conectará gente nas aldeias mais distantes do país. []

Pedal-Powered Internet, The

<http://www.nytimes.com/2002/12/15/magazine/15PEDA.html>

via Scott Rosenberg's Links and Comment

<http://blogs.salon.com/0000014/>

Mais tevê digital

07.Jan.2003 | Já existem três padrões de tevê digital no mundo e o atual ministro das Comunicações quer que o Brasil se meta numa aventura com um quarto. Esse tipo de independência, no passado, atrapalhou. Mas é de fato uma aventura? Em setembro, no seu site, o professor Silvio Meira escreveu isso:

"E há que se considerar, mesmo assim, o padrão que está sendo deixado de lado das avaliações brasileiras, e parece ser logo aquele ao qual deveríamos dar uma certa atenção, pelo fato de que podemos fazer parte de seu processo de desenvolvimento. A China, que tem atitude de país independente para a maioria dos negócios de tecnologia, resolveu que não usará nenhum dos três padrões internacionais para suas emissões digitais, certamente porque deve estar pensando no efeito industrial e comercial de substituir pelo menos 380 milhões de aparelhos, além de gastar, em moeda forte, de 2 a 10 milhões de dólares para modernizar cada uma de suas milhares de emissoras. Uma nota preta. Além do mais, se a China, a Índia e o Brasil se juntassem no mesmo padrão, seriam o maior mercado de televisão do mundo. Nada mal, não?" []

Na capa

<http://carlota.cesar.org.br/meira/.../codigoDaNoticia=1161>

A jornada do herói

07.Jan.2003 | O novo desenho dos Estúdios Disney é uma recriação da Ilha do Tesouro, clássico da literatura infantil de Robert Louis Stevenson. Passado num planeta distante onde alta-tecnologia e naves que mais parecem galeões se misturam, o desenho mantém o estilo corrente da Disney de dar um toque japonês nos personagens – olhos grandes, rostos chupados.

Stevenson é um dos grandes nomes do romantismo inglês de folhetins, uma turma que, liderada por Charles Dickens, refinou a técnica moderna de narrativa. A estrutura das histórias deles é copiada pelo cinema desde os tempos de David W. Griffith, há 90 anos.

Talvez mais importante que isso, Stevenson refinou também alguns dos clichês literários que sustentam o cinemão. É o caso de seu Médico e o Monstro, um tema recorrente. Mas nenhum de seus clichês é tão usado e reutilizado quanto o da Ilha do Tesouro. Ali, ele deu forma à história onde o herói é um menino aventureiro lidando com o mundo dos adultos. (Um mundo de adultos, naturalmente, que só poderia existir na cabeça dum menino.)

Robert Louis Stevenson é uma espécie de avô de Steven Spielberg. []

Planeta do tesouro

<http://www.disney.com.br/nocinema/planetadotesouro/>

O PT e a tecnologia

06.Jan.2003 | O caderno Informática e etc. do Globo traz hoje uma entrevista com Sérgio Rosa, um dos coordenadores de Tecnologia da Informação do PT. Com a eleição de Lula, o Brasil ganhou o primeiro presidente na história que falava de Internet e acesso a computador já no programa de governo da campanha.

Trata-se de uma boa entrevista, mas não custa um lembrete. Ninguém se entende sobre o assunto agora que o governo está empossado. Tem a turma que defende o software livre radicalmente, tem a turma que deixa disso, há quem ache que o assunto não é prioritário, etc.

O fato de que o ministro das Comunicações não é do PT ou de um dos partidos que trabalharam na confecção do plano também atrapalha um pouco mais a coisa. E, por enquanto, Rosa não ocupa qualquer cargo no governo.

Ressalvas feitas, Sérgio Rosa aponta algumas direções gerais sem comprometer-se com nenhuma política específica. A prioridade é uma política para desenvolver a indústria do software vendendo a marca Brasil. Diferentemente de China e Índia, que vendem o trabalho pesado dos programadores, a vocação tupinambá seria bolar, produzir e vender bom software. Para isso, tem-se que criar uma boa imagem tecnológica do país lá fora.

Rosa não é muito otimista com o desbloqueio dos recursos do Fust, capturados pela equipe econômica anterior para promover o superávit de pagamento da dívida. Acha que o que foi confiscado, lá fica. A nova grana que pinga, todo mês, na conta do Fust já é outra coisa. Esta poderá ser usada para aquilo que se destinava desde o início: universalização de acesso dos serviços. []

'Precisamos definir e divulgar a marca Brasil'

<http://oglobo.globo.com/.../informaticaetc/69100939.htm>

Rosinha, não!

06.Jan.2003 | A campanha que tentou impedir a eleição no primeiro turno da atual governadora fluminense, Rosinha Garotinho, está de volta à Internet.

Os responsáveis pelo site Rosinha não! dizem que não torcem contra, mas também que pretendem vigiar o Palácio Guanabara durante os próximos quatro anos.

Por via das dúvidas, cobram a presença de um advogado. Afinal, o exercício da livre expressão no governo do Rio é punido com processos judiciais. []

Rosinha não!

<http://www.rosinhanao.kit.net/>

Briga de surdos

06.Jan.2003 | Desde a morte de Iain Hook, funcionário da ONU trabalhando na Cisjordânia, as relações da Organização com o governo israelense estão trêmulas. Hook foi atingido pelas costas, segundo testemunhas por tiro dado por um soldado de Israel, quando pedia proteção para seu prédio, ameaçado por militantes palestinos.

O governo de Ariel Sharon não confirma mas também não nega. A coisa está sendo investigada. Mas falando em off com o repórter Michael Wines, do New York Times, alguns outros funcionários das Nações Unidas reclamam que desde meados do ano passado as relações desandaram. Os soldados perseguem a turma da ajuda humanitária, fazem exigências gratuitas, por vezes humilham.

Do outro lado, Israel acusa a ONU de acobertar militantes palestinos. Segundo o governo, nas paredes de escolas financiadas pelas Nações Unidas há posters de mártires (o nome bonito que os fundamentalistas islâmicos dão para terroristas suicidas) e lá dentro acontecem reuniões de agitadores da Intifada. Fica tudo no disse-me-disse.

Quando houve a morte de Hook, a ONU pretendeu dar um voto de censura, espécie de puxão de orelhas diplomático, a Israel. O voto dos EUA no Conselho de Segurança vetou-o e terminou não tendo consequência alguma.

Uma das possíveis leituras da crise de relações é que a ONU cada vez mais tem importância alguma. []

Killing of U.N. Aide by Israel Bares Rift With Relief Agency

<http://www.nytimes.com/.../middleeast/04ISRA.html?Nominimo>

Oh, Calcutá!

04.Jan.2003 | "Descobri que ela tinha recebido dinheiro de ditadores ricos como a gangue Duvalier no Haiti, tinha sido amiga da pobreza e não dos pobres, nunca prestou conta alguma das enormes quantias de dinheiro que recebeu em doação, fez campanha contra o controle de natalidade na cidade mais populosa do planeta e serviu de porta-voz para os dogmas mais extremos do fundamentalismo religioso."

O jornalista Christopher Hitchens, colunista da revista Vanity Fair, está em campanha contra a transformação de Madre Teresa em santa. Para ele, a freira estimulou a miséria, desviou dinheiro e lutou contra todas as vitórias femininas do último século.

Hitchens depôs no Vaticano por conta do processo da mãe – segundo ele, feito nas coxas. Antes, a igreja esperava dois milagres e sete anos para beatificar; à mãe, bastaram quatro anos

e um milagre. Sempre é convocado um "advogado do diabo" – o jargão é litúrgico – especialista neste tipo de processo. Desta vez, chamaram ele como que para minar a oposição. []

via Guardian Weblog

<http://www.guardian.co.uk/weblog/>

Why Mother Teresa should not be a saint

<http://www.mirror.co.uk/.../full&siteid=50143>

Brasil para inglês ver

03.Jan.2003 | A crítica do diário britânico Guardian está estupefata com Cidade de Deus. Dá para o filme a nota máxima – 5 – e o classifica de "o primeiro grande filme de 2003". Começa assim o texto assinado por Peter Bradshaw: "Corra, não ande para o cinema é tudo que posso dizer." E continua.

"Amores brutos – cada vez mais a pedra fundamental da nova onda do cinema latino-americano – começava com uma perseguição de automóvel e um animal morto. Cidade de Deus do diretor Fernando Meirelles, co-produzido com a orientação de Walter Salles, tem algo de similar, mas investe em imagens com qualidades míticas maiores, irresistivelmente potentes desde o início." []

City of God

<http://film.guardian.co.uk/.../0,4267,867669,00.html>

Clichês do ano bom

03.Jan.2003 | A cada virada de ano, a pequena Universidade Estadual do Lago Superior, em Michigan, nos EUA, publica uma lista de clichês. São as palavras e frases a serem banidas do idioma inglês.

Este ano, algumas preciosidades. Um exemplo – e nada do tipo colou por aqui – é "untimely death". Não há obituário de pessoa razoavelmente importante hoje em dia, redigido em inglês, que não descreva a morte como tendo sido "em má hora". Não explicam que morte vem em boa hora.

Outras, no entanto, traduzem-se no jornalismo pátrio a toda hora. "Challenge" é um caso. Ninguém mais tem problemas; temos, hoje, desafios. Nada melhor, no entanto, do que "weapons of mass destruction" – este grande pesadelo da diplomacia internacional, as armas de destruição em massa. Uma boa metralhadora, afinal, é capaz sozinha de genocídio. Faz parte dos eufemismos correntes. []

Lake Superior State University issues 2003 list of banished words

<http://www.lssu.edu/banished/current/default.html>

via Arts & Letters Daily

<http://aldaily.com/>

Mulheres de Atenas

03.Jan.2003 | As mulheres do Sudão estão seguindo o exemplo de suas pares em Atenas. Declararam greve sexual para que seus maridos terminem a guerra civil que assola o país há vinte anos.

A idéia surgiu com vinte mulheres de tribos no sul do país e, desde então, tem espalhado-se. []

Sudanese women ban sex in effort to halt war

http://www.telegraph.co.uk/.../por_right.html

via Daze Reader

<http://www.dazereader.com/>

Joguinho

02.Jan.2003 | Ande pela rua admirando as moças sem que sua namorada perceba. []

Look but don't touch

<http://www4.ncsu.edu/~krdosier/>

via Pulso Único

<http://www.pulsounico.kit.net/>

Miro e as tevês

02.Jan.2003 | O ministro das Comunicações Miro Teixeira defendeu hoje a criação de um padrão brasileiro de televisão digital. Ressaltou que ainda não discutiu o assunto com o presidente Luís Inácio Lula da Silva – mas trata a idéia com carinho.

A idéia que um padrão próprio desenvolve a indústria nacional vai contra a maré. O PAL-M, sistema de cores da tevê brasileira e apenas dela, não desenvolveu a indústria nacional de televisores – o que ocorreu foi que as pessoas queriam tevê em casa e compraram aquelas que tinham. Há como fomentar a indústria nacional sem escolher o isolamento.

Talvez – e apenas talvez – o mundo precise de mais padrões e menos formatos. PAL-M foi uma dor de cabeça para quem quis bom videocassete no Brasil durante os anos 80. Um padrão unicamente brasileiro de tevê digital trará problemas distintos – mas iguais em princípio. []

Miro Teixeira quer desenvolver padrão brasileiro de televisão digital

<http://globonews.globo.com/.../1660-10,00.html>

10. Anexo B: textos do *Blog do Observatório da Imprensa* (*Bloï*)

26/11/2003 02:01

O rabino perde a calma

MAIORIDADE PENAL

"O rabino e as invasões bárbaras"

Luciano Martins Costa (*)

"A história da humanidade é uma história de horrores", diz Rémy, o personagem central do último filme de Denys Arcand, *As invasões bárbaras*. Ele se refere aos milhões de mortos no processo a que chamamos civilizatório, lembrando que as religiões foram responsáveis pelos maiores massacres que a História pôde registrar. É um momento de desesperança, o confronto do intelectual com a morte, o destempero de quem percebe o fim das ilusões e se questiona sobre o significado da existência.

No último fim de semana, assistimos a um momento de desesperança e desistência de um personagem que tem freqüentado a mídia brasileira nos últimos 30 anos, uma figura que de certa forma os brasileiros aprenderam a respeitar numa semana lúgubre de 1975, quando um grupo de religiosos decidiu enfrentar a ditadura militar e celebrar um culto ecumênico em homenagem ao jornalista Vladimir Herzog, assassinado sob torturas. O rabino Henry Sobel também desistiu. Horrorizado com o bárbaro assassinato da adolescente Liana Friedenbach, de 16 anos, e de seu namorado Felipe Caffé, de 19, ele anunciou oficialmente que passa a defender a pena de morte para os condenados por crimes hediondos.

Ao lado do pastor protestante Jaime Wright e do cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, então arcebispo de São Paulo, Sobel foi, depois de 1975 e durante todo esse período, uma referência de ponderação no processo de desmanche da ditadura. Com seu forte sotaque nova-iorquino, que nunca pretendeu abandonar, era uma figura comum nos telejornais e personagem sempre disponível para os repórteres. Sua voz serena e firme sempre foi um contraponto para as manifestações mais radicais entre um lado e outro durante os debates que marcaram a reconstrução da democracia no Brasil. Longe de ser uma unanimidade na comunidade judaica paulista, era, no entanto, uma voz respeitada.

Sobel acaba de desistir. Sua imagem ao lado da apresentadora de TV Hebe Camargo – que sempre representou a face mais conservadora da mídia brasileira, renitente apoiadora do pior extrato que a política nacional conseguiu produzir nas últimas décadas – é um retrato do nosso tempo. Entre o oportunismo de Hebe e a desesperança de Sobel, o pai de uma das vítimas, Ari Friedenbach, desfilou no alto de um trio elétrico seu papel de cidadão desamparado cuja dor não tem remédio. Nem mesmo o noticiário de sua tragédia é capaz de lhe trazer algum alento – a mídia apenas noticia, a mídia está tão desconcertada quanto seus leitores.

Uma luz a menos

Nossos jornais foram caprichosos ao calcular o número de pessoas que aderiram à manifestação, descreveram burocraticamente as palavras de ordem e apenas registraram a declaração do rabino

e as repercussões na comunidade judaica de São Paulo. A edição que nos relata a manifestação contra a violência antecede a edição que nos conta sobre o descaso das autoridades policiais de São Paulo nos crimes de estupro, o preconceito que ainda atinge as vítimas e os números irrisórios das ocorrências que resultam em investigações.

Segundo a Folha de S.Paulo, menos de 50% dos casos são denunciados à polícia e, das ocorrências anotadas, pouco mais de 30% têm produzido inquéritos. A rotina banaliza o crime, o entorpecimento da sociedade desanima nossos melhores quadros.

Henry Sobel abre mão de antigas convicções. Sua obstinação humanista resistiu a centenas de estupros e assassinatos de jovens negras, mulatas e brancas na periferia da cidade, mas não pôde suportar o martírio a que os criminosos submeteram a jovem Friedenbach. Como em 1975, a violência chegou perto demais, e a dor do homem parece ter superado a tenacidade do rabino.

Sobel decepciona muitos daqueles que o procuraram nestes anos todos para dar à sociedade o apoio da ponderação, a base de serenidade, tolerância e firmeza com que se constrói a cidadania. Esperemos que seu conhecido apreço pelos holofotes, que o ajudou a educar a opinião pública para a democracia, não o transforme agora em seu contrário. Que ele resista à tentação de atender aos convites oportunistas das viúvas da ditadura, dos saudosistas de esquadrões da morte, e que se recolha a suas reflexões para que o seu momento de fragilidade não venha a reforçar o poder de influência de "ratinhos", "hebes" e outros porta-vozes do obscurantismo.

Os bárbaros avançaram portões adentro. Não precisamos que o líder religioso dos judeus de São Paulo lhes dê mais combustível para suas pregações em favor de mais vingança e mais sangue. Como diz o personagem do filme de Arcand, a inteligência parecer estar em extinção. A conversão do rabino às hostes incivilizadas que defendem a pena de morte é uma luz a menos na nossa quase escuridão.

(*) Jornalista

Visite a nova edição do Observatório da Imprensa

enviada por Moderador

20/11/2003 00:10

Muita calma nessa hora

É o que se espera de gente armada de canetas, microfones e câmeras na cobertura de casos como o do assassinato de Liana e Felipe. É o que não se vê nos jornais, no rádio, na TV. É portanto o que pedem quatro articulistas nesta nova edição do Observatório: Luiz Weis, Túlio Lima Vianna, Victor Gentili e Sérgio Luís Domingues. A eles:

Lincha! Mata! Esfola! é de Luiz Weis:

"O clima de forte transbordamento emocional desencadeado pelo crime monstruoso de que foram vítimas dois adolescentes de famílias paulistanas de classe média exige dos jornalistas sérios – o que exclui desde logo todos quantos, especialmente no rádio e na TV, vivem de fomentar e explorar as paixões da massa – uma conduta profissional e ética nem sempre fácil de ser adotada.

Não é fácil porque ela deve ser ao mesmo tempo quente e fria.

Quente na cobertura a mais completa, independente e fidedigna da tragédia, para não se reduzir a mera correia de transmissão ou câmara de eco das informações dadas pela polícia – que podem ser verdadeiras ou, como tantas vezes acontece, apenas convenientes para quem as transmite.

E fria na abordagem das questões mais amplas que sempre entram imediatamente em cena nessas ocasiões – como devem ser tratados os assassinos menores de idade e como deve ser avaliada a filosofia de direitos humanos que embasa a legislação brasileira sobre o assunto."

E se fossem Maria e João?, de Túlio Lima Vianna:

"O homicídio dos adolescentes Liana e Felipe, tão alardeado pela mídia na última semana, não passaria de uma tragédia particular como tantas outras registradas cotidianamente em nossas delegacias de polícia não fossem as circunstâncias nas quais ocorreu. Não me refiro ao grau de crueldade na execução do crime, pois dezenas de Marias e Joões são mortos todo dia em situações tão ou mais bárbaras, e não são objeto sequer de uma nota nos jornais de primeiro escalão. O que difere este homicídio daqueles que já não vendem mais jornais é a posição ocupada pelas vítimas na sociedade. Na balança da mídia e de seus consumidores de tragédias pessoais, a vida de um adolescente de classe média vale muito mais do que a de João e Maria..."

O que choca nas mortes de Liana e Felipe não são as circunstâncias da execução, mas a transferência que o leitor-telespectador-consumidor faz, colocando seus próprios filhos na situação das vítimas de fato. As mortes das Marias e dos Joões não chocam, pois se dão nas favelas, na periferia, em suma, em lugares demasiadamente distantes e 'perigosos' – as aspas aqui são imprescindíveis – para a maioria dos filhos da classe média."

A oportunidade de um debate, de Victor Gentili:

"Há muita coisa estranha na maneira como esse crime brutal está sendo tratado pela mídia. O crime é bárbaro, chocou a sociedade, que não pode deixar de tomar conhecimento dos fatos que lhe dizem respeito.

Mas a Rede Globo, jornais e TVs entrando no debate da maioridade penal, num momento em que a sociedade está impactada pelo crime, não parece boa solução. O tema da violência e da segurança é recorrente. As críticas ao Estatuto da Criança e do Adolescente não são de hoje. Mas isso justifica forçar o ministro da Justiça a dar uma declaração? Procurar Dom Aloísio Lorscheider e estimular um debate neste momento?"

A narcotização silenciosa, de Sérgio Luís Domingues:

"Ao ouvir recidivas vezes o argumento de espanto com episódios de gravidez na adolescência, jovens que se embrenham em sítio abandonado mentindo aos pais, de como tais fatos poderiam estar ocorrendo em meio a tantas informações na mídia sobre sexo e violência, senti-me quase que na obrigação de desenvolver esta breve reflexão sobre o tema.

O fato de estarmos vivendo na 'era da informação' não nos torna bem-informados, assim como a avalanche de exposição à sensualidade e à violência não faz com que sejamos mais cuidadosos e nem experts no assunto e nem mais ligados aos perigos que a prática irresponsável do sexo pode causar.

Ao contrário disso, o acúmulo de informação serve para 'narcotizar' o cidadão em vez de estimulá-lo. A esta teoria os sociólogos americanos Merton e Lazarsfeld chamaram de 'disfunção narcotizante'. Condescendentes, preferiram disfunção, e não função, partindo da premissa de que a narcotização não seria interessante à complexa sociedade moderna com grande parte da população politicamente apática e inerte."

enviada por Moderador

12/11/2003 13:11

Ditadura, cidadania e sustos

A ditadura derrotada, de Elio Gaspari, mereceu quatro artigos nesta edição do Observatório.

"Noites mais escuras, chumbo mais grosso", de Deonísio da Silva, "A democracia que mata", de José Antonio Palhano, "A quem pertence o espólio de Golbery?", de Alberto Dines, e "Impressões de primeira leitura", de Victor Gentilli.

Em seu texto, Dines faz uma pergunta bem pertinente: "As gravações das conversas de um presidente da República com o seu ministro-chefe da Casa Civil podem ser classificadas como propriedade particular?" Independentemente da excelência do trabalho de Gaspari, o editor do Observatório acha que os arquivos de funcionários de governo pertencem ao Estado, e deveriam estar em arquivo público, para consulta pública. "Neste caso, os herdeiros do general Golbery do Couto e Silva arvoraram-se em detentores de um bem do Estado e o distribuíram de acordo com suas preferências pessoais."

A avaliação que Victor Gentilli faz do livro também vale destaque, por trilhar caminho um pouco diferente da maioria das resenhas: ele lembra apropriadamente que para o observador atento algumas novidades do livro de Gaspari, especialmente sobre a postura do general Geisel diante da execução de dissidentes, não são novas.

enviada por Moderador

12/11/2003 13:09

Mídia, anacondas e diabretes

Luiz Weis renova o nunca excessivo alerta sobre a pressa na apuração de escândalos, um diabrete que inferniza a vida dos jornalistas. Em "Cuidado com a picada da anaconda", ele diz:

Ao contestar a reportagem da Folha de S.Paulo intitulada "Para procurador, há prova para prender juízes" (5/11, pág. A 7), a procuradora regional da República Ana Lúcia Amaral acertou no nervo de uma situação para a qual o jornalista precisa estar atento 24 horas por dia. É o eterno risco que se corre na cobertura de acontecimentos ferventes – como é o caso da Operação Anaconda, a maior razzia já feita no Brasil contra juízes, advogados e policiais suspeitos de corrupção.

"O perigo é levar uma picada mortal dos fatos quando, na ânsia de bater a concorrência, repórteres e editores passam ao leitor furos que acabam se revelando furados", diz Weis.

Presumindo que jornais como a Folha não fabricam informação para suprir a crise de abastecimento (...), justamente quando a concorrência late nos calcanhares, a saída é uma só, afirma o autor: gastar mais sola de sapato, celular e saliva na aborrecida tarefa de checar e tornar a checar as informações aceitas pelo seu valor de face, ao risco de chegar do fim do dia sem tê-las "na velocidade e na quantidade necessária".

Paciência: todas as outras alternativas são piores.

enviada por Moderador

12/11/2003 13:04

Em directo de Bagdade

"É um indiscutível sucesso editorial: lançado no dia 3 de novembro em Lisboa, A guerra em directo, do jornalista Carlos Fino, já está na terceira edição", conta Sylvia Moretzsohn em "Olhos abertos e dizer a verdade". "Em apenas uma semana, a tiragem alcançou 9.400 exemplares. O lançamento

no Brasil será em dezembro, mas a obra deverá estar disponível nas livrarias ainda esta semana. E como em português nos entendemos, mas não muito, aqui o título será A guerra ao vivo, e o texto também apresentará algumas adaptações."

O Observatório publica longa entrevista de Carlos Fino, inédita no Brasil, transcrita da RTP2, a apresentação da edição brasileira, assinada pelo jornalista Heródoto Barbeiro, e um trecho do livro que fala com carinho especial dos brasileiros.

enviada por Moderador

05/11/2003 01:20

Morre Niomar Moniz Sodré, do Correio da Manhã

Os jovens não conheceram. Os mais velhos beberam em suas páginas. No artigo "O Correio da Manhã cada vez mais longe", Alberto Dines comenta com tristeza a morte de Niomar Moniz Sodré, que comandou o jornal carioca em seu combate solitário à ditadura, e lembra a saga deste grande diário, desaparecido para sempre em 1974.

"Encerra-se melancolicamente a 'fase épica' da imprensa brasileira. Os historiadores logo encontrarão um nome mais apropriado para batizá-la. Os sucessores dificilmente produzirão um substituto."

enviada por Moderador

05/11/2003 01:19

Estadão, que papelão...

O jornalista Luciano Martins Costa faz coro com os leitores do Estado de S.Paulo, que resolveu tirar suas edições da internet, em troca oferecendo-as no chatíssimo formato .pdf.

Os protestos chovem no sítio do jornal. Luciano, que criou o portal do Estadão nos primórdios da rede, aproveita para contar como foram aqueles primeiros tempos de conexão, quando, em meio a disputas internas políticas, muito "entendido" usava o mouse de cabeça para baixo...

No artigo "Estadão inova para piorar", Luciano comenta a "novidade" que, além de nada amigável, acabou reduzindo o peso do jornalão paulistano no portal.

"O desconforto é marcante desde o primeiro acesso, mas é preciso observar que atinge principalmente o leitor que se dirige ao portal por interesse no Estadão, o jornal, pois fica evidente a escolha de reduzir a importância relativa do diário tradicional entre os conteúdos do portal. O problema é saber qual a porcentagem de leitores que se move por fidelidade ao jornalão e quantos se dirigem ao portal atraídos pelo Jornal da Tarde, pela Rádio Eldorado ou pela Agência Estado. A julgar pela escolha feita, os responsáveis pela mudança estão informando o mercado que o Grupo Estado não vê um valor especial no título tradicional, alinhando-o numa barra de navegação comum."

Ele continua: "Quase dez anos depois de iniciado, o projeto mostra uma cara que é o avesso de seus propósitos originais. Mostra uma cara de 'esperteza', com uma lógica que explicita o interesse de manter o usuário preso à linha [telefônica] pelo maior tempo possível – provavelmente baseada na esperança de que essa tática irritante valorize a publicidade. O mercado já deu mostras de repudiar essas manobras marqueteiras."

enviada por Moderador

12/11/2003 13:09

Mídia, anacondas e diabretes

Luiz Weis renova o nunca excessivo alerta sobre a pressa na apuração de escândalos, um diabrete que inferniza a vida dos jornalistas. Em "Cuidado com a picada da anaconda", ele diz:

Ao contestar a reportagem da Folha de S.Paulo intitulada "Para procurador, há prova para prender juízes" (5/11, pág. A 7), a procuradora regional da República Ana Lúcia Amaral acertou no nervo de uma situação para a qual o jornalista precisa estar atento 24 horas por dia. É o eterno risco que se corre na cobertura de acontecimentos ferventes – como é o caso da Operação Anaconda, a maior razzia já feita no Brasil contra juízes, advogados e policiais suspeitos de corrupção.

"O perigo é levar uma picada mortal dos fatos quando, na ânsia de bater a concorrência, repórteres e editores passam ao leitor furos que acabam se revelando furados", diz Weis.

Presumindo que jornais como a Folha não fabricam informação para suprir a crise de abastecimento (...), justamente quando a concorrência late nos calcanhares, a saída é uma só, afirma o autor: gastar mais sola de sapato, celular e saliva na aborrecida tarefa de checar e tornar a checar as informações aceitas pelo seu valor de face, ao risco de chegar do fim do dia sem tê-las "na velocidade e na quantidade necessária".

Paciência: todas as outras alternativas são piores.

enviada por Moderador

05/11/2003 01:18

Leitores contra a língua do B

O Caderno do Leitor, nesta nova edição do Observatório, reúne 34 cartas sobre o artigo "Chega de usar linguagem de bandido", do jornalista Ricardo Setti, com recado claro à nossa imprensa: não use a língua do B (de bandido). Alguns poucos leitores discordam do autor, mas a grande maioria acha, sim, que "o crime avança e se afirma na linguagem, sob a indiferença e o olhar acrítico que legitima chefes de gangues como líderes" – como diz uma das excelentes cartas publicadas.

enviada por Moderador

29/10/2003 01:58

O velho Frias abre o jogo

"Está quebrado o pacto de silêncio que envolve a mídia brasileira."

Assim resume Alberto Dines, no artigo "Frias abriu o jogo e o jogo vai mudar", a importância da entrevista do último barão da mídia brasileira, Octavio Frias de Oliveira, da Folha de S. Paulo. Aos 91 anos, descontraído, ele falou sobre tudo e sobre todos ao repórter Jorge Félix, do AOL Notícias, quebrando antigos tabus nacionais, de que dono de jornal não fala e mídia não cobre mídia. Pois ele falou, até mesmo sobre um eventual plano de socorro do BNDES às empresas de comunicação.

As conclusões de Dines a partir das declarações do velho Frias:

*** O governo precisará refrear seus ímpetos salvacionistas.

*** A mídia precisará adotar um comportamento mais transparente...

*** ...e abdicar de favores especiais.

*** O eventual programa de socorro não deverá ser linear e extensivo. Pelo menos a Folha será voz diferenciada.

*** Em outras palavras: agora, além deste Observatório, a sociedade brasileira conta com um veículo pesado para exercer o olhar fiscalizador sobre o governo e seu namorico com os meios de comunicação.

*** Significa que, além da pretendida linha de financiamento, outras alternativas precisarão ser engendradas e avaliadas para livrar a mídia da penosa situação em que se encontra. Inclusive o aporte de recursos através do mercado de capitais.

“A mídia é um setor de interesse nacional. Nisso todos concordam”, diz Dines. “Mas Octavio Frias de Oliveira demonstrou com sua entrevista que dentro da mídia existe um segmento vital – a imprensa – por meio do qual legitima-se o debate e, através dele, encontram-se soluções decentes e justas.”

enviada por Moderador

29/10/2003 01:56

Leitores curiosos, repórteres paradões...

Trecho inicial do artigo "A pauta que Luiz Eduardo deixou", de Luiz Weis:

“Numa entrevista ao Globo de 24/10, o ex-secretário nacional de Segurança Pública Luiz Eduardo Soares disse que foi vítima de uma conspiração de que participaram dois assessores petistas do órgão, envolvidos, alegadamente, com empresas de informática interessadas em vencer licitações.

Antes de serem saídos por Soares, os funcionários lobistas teriam tratado de fazê-lo sair. Ou, nas palavras dele, ‘de promover um escândalo e desmoralizar a secretaria’.

Nona e última pergunta do repórter Rodrigo Rangel a Luiz Eduardo, na mencionada entrevista: ‘De que maneira ocorria o lobby?’ Resposta: “Se eu te der mais elementos, eu vou revelar qual é o caso’.

No dia seguinte, num editorialete, O Globo considerou ‘grave’ a acusação do entrevistado e exigiu (do ministro da Justiça, certamente) ‘esclarecer essa história’.

E a imprensa, como fica: limita-se a ouvir o acusador e registrar as eventuais providências tomadas pelo ministro ou também se mexe para ‘revelar qual é o caso’?”

Quem dará a resposta ao leitor?

enviada por Moderador

29/10/2003 01:40

Informação ou propaganda do governo?

Claudio Weber Abramo, jornalista que coordena a ONG Transparência Brasil, critica o boletim Em questão, editado pela Secretaria de Comunicação e Gestão Estratégica da Presidência da República. Segundo a Folha, o boletim é enviado a 50 mil pessoas por e-mail – formato de distribuição simples e barato. Mas é seu conteúdo que dá margem a preocupações, afirma o autor no artigo "Pequeno grande irmão". Diz ele:

“No dia 7 de outubro, a Transparência Internacional divulgou seu Índice de Percepções de Corrupção de 2003. Nos dias subseqüentes, o Em questão por duas vezes fez alusão à Transparência Brasil (da qual sou secretário-geral), ambas com imprecisões e implicações insinuadas, daquele jeito de quem diz sem dizer. Em ambas as vezes, enviei retificações à redação. Foi como falar com a proverbial parede.”

O Em questão é pago com dinheiro do Estado, e portanto não poderia ser usado como instrumento de propaganda de governo. Mascarar um produto publicitário na forma de boletim informativo é contrafação, destinada a mistificar o leitor desavisado, acusa Weber Abramo.

Argumento incontestável, não concorda, leitor?

enviada por Moderador

22/10/2003 11:34

Redações de mercenários

Quem não teme a terceirização, o processo que atropelou trabalhadores em todo o mundo e chegou ao Brasil nos vagalhões da globalização? Pois ela está firmemente plantada nas redações brasileiras, e é desse tema que trata "Para não falar de suicídio", artigo de Luciano Martins Costa. Diz ele:

Toma corpo no meio jornalístico, tendendo a ser considerada como fato consumado, a prática de transformar as redações em verdadeiros exércitos mercenários, com um número crescente de jornalistas sem vínculo empregatício. A angústia pela falta de novas ofertas de trabalho formal, produzida pelo encolhimento da mídia nacional nos últimos três anos, aliada à crise que tem causado o corte de empregos, conduz muitos jornalistas a considerar esse um fato definitivo, um "determinismo" do mercado. E as dificuldades inerentes ao negócio convencem muitos gestores, convenientemente, a tomar essa tendência como boa prática administrativa, ou, no mínimo, como contingência dos novos tempos, da globalização e outras circunstâncias que tudo explicam.

Aquilo que chamamos de "vestir a camisa", no ambiente jornalístico, tem a ver com a existência de um projeto editorial claro, de um compromisso explícito com um modo de fazer jornalismo, afirma Luciano. "A equação que induz à formação de uma força de trabalho arregimentada à base de notas fiscais não fecha com essa característica mandatária do fazer jornalismo."

Para determinado profissional, a interrupção do vínculo empregatício também pode significar a exclusão de uma "tribo" à qual se habituou, e que representa não apenas seu modo de ver a profissão, como tudo que disso resulta – até mesmo suas expectativas de futuro. Para alguns, o afastamento desse ninho emocional pode representar a quebra de significados importantes, o fim do sentido que ele dá à existência, analisa Luciano.

O autor avalia que "os jornalistas vêm há muitos anos pagando pela incúria e incompetência de administradores e proprietários da mídia, que fazem da atual crise um buraco sem fim". E lembra que o respeito aos profissionais deve estar entre os critérios de socorro do BNDES às empresas de mídia:

"Alguém há de defender que também deverá haver distinção entre aquelas que respeitam seu maior patrimônio – os jornalistas – e aquelas que usam a crise para propor escandalosamente a supressão de direitos e a redução de vencimentos."

Mais reflexões sobre as angustiantes mudanças no mundo do trabalho em "A destruição do homem", de Ulisses Capozzoli, em análise de matéria publicada na CartaCapital.

A propósito da ajuda estatal solicitada pelas empresas de comunicação leia também "O BNDES e a crise da mídia", entrevista concedida a Leticia Nunes pelo senador Roberto Saturnino (PT-RJ), presidente da Subcomissão de Cinema, Comunicação e Informática do Senado Federal, para quem "o setor de mídia é estratégico e não pode entrar em colapso".

enviada por Moderador

22/10/2003 11:33

TV estatal ou do governo?

"O dilema entre o público e o estatal", de Flavio de Mattos, trata de tema crucial: a decisão da Justiça espanhola que obrigou a TVE – emissora estatal da Espanha, a maior do país, atualmente em mãos do conservador José María Aznar – a admitir que manipulou seu noticiário sobre a greve geral de trabalhadores em junho de 2002.

A Justiça espanhola considerou que a cobertura da greve na TVE não correspondeu à verdade dos fatos e violou os direitos fundamentais de greve e de liberdade sindical. O autor ressalva que Televisão Espanhola sempre fez jornalismo comprometido com o governo de plantão – fosse conservador ou de centro-esquerda –, ao contrário das emissoras públicas da Inglaterra, da França e da Alemanha. Mas é a primeira vez que tal comportamento é posto em xeque.

Diz o autor: "O importante para nós é nos espelharmos nesses problemas e trabalharmos para a ampliação dos mecanismos de controle das emissoras públicas brasileiras, para que não cheguemos a nos deparar com semelhantes distorções."

enviada por Moderador

22/10/2003 11:31

Isso é jornalismo?

O que fazia aquela jovem desconhecida que mostrava os seios e se insinuava no caminho do famoso autor de novelas, na foto de capa de um dos maiores jornais do país?

Nada, a não ser exibir-se para uma foto.

O que fazia a foto daquela jovem desconhecida que mostrava os seios e se insinuava no caminho do famoso autor de novelas na capa de um dos maiores jornais do país?

Propaganda.

As perguntas e as respostas são de Sylvia Moretzsohn no artigo "A garota da capa e o jornalismo de celebridades", sobre fotografia publicada na primeira página do Globo no lançamento da nova novela da Globo.

Para Sylvia, foi "um belo exemplo sobre o que, afinal de contas, se entende por jornalismo". E para você, leitor?

enviada por Moderador

15/10/2003 00:02

Crise? Que crise?

O cinema já foi um contundente crítico da mídia, diz Alberto Dines no artigo "Em cartaz, a mídia. Sem críticas". Com a formação dos gigantescos conglomerados multimídia, o cinema perdeu o distanciamento necessário. "A Time Warner ou a Fox, hoje, dificilmente se deixariam seduzir por um filme como O Informante (The Insider, de Michael Mann, produção da Touchstone), embora o glamour do jornalismo e alguns dos seus aspectos exteriores continuem fornecendo personagens, cenários ou enredos para comédias, sitcoms, policiais ou suspense."

Celebridade, a nova superprodução da TV Globo, estreada nesta semana, não é a primeira telenovela ou seriado da Globo que trata da mídia, mas é certamente a que mais se aproximou do universo midiático: o vilão é um jornalista sem escrúpulos, um dos seus ambientes é a revista Fama e um dos seus vetores dramáticos é a fabricação de celebridades. "Mas a imprensa não está em questão, é pano de fundo. O mesmo conflito e a mesma dinâmica poderiam ser transportados incólumes para a indústria da moda, a indústria fonográfica, a política, o narcotráfico ou até a vida acadêmica."

Dines comenta que no espetacular lançamento não se menciona se o autor Gilberto Braga (que foi jornalista) serviu-se do episódio do repórter fraudador Jayson Blair, do New York Times, para criar o personagem vivido pelo ator Fábio Assunção. "Mesmo que tenha sido, jamais o saberemos."

Mas a crise da mídia está aí – palpável, audível, visível. Concreta. "Não a crise econômica ou a crise política, mas a crise de credibilidade", lembra Dines. "Resta saber o quanto dela conseguirá aflorar nos próximos seis meses na Novela das Oito exibida às nove, cardápio dos sonhos curtidos por este país afora depois da meia-noite."

enviada por Moderador

15/10/2003 00:01

Um Deus nos acuda!

Estandalhaço, chilikues, o mundo quase rolou galáxia abaixo. Houve de tudo em nossos jornais, depois que o presidente Lula declarou não se opor a uma inspeção da ONU em nosso Judiciário. Menos jornalismo. Ninguém, salvo engano, informou desde logo o mais importante: no que consistiria a tal da "inspeção" – a "humilhante proposta", como protesta o texto assinado por 27 presidentes de tribunais, que inflamou o patriotismo (ou terá sido o corporativismo?) da magistratura.

Por que nenhum repórter perguntou à relatora das Nações Unidas em cima da bucha como a organização faz esse tipo de coisa? Ou cada caso é um caso? E que resultados a coisa produziu onde foi permitida? Ou essa seria a primeira vez que uma instituição nacional passaria por semelhante pente-fino?

As perguntas são de Luiz Weis, no artigo "A visita da valorosa senhora". "Só na terça-feira (14/10), o Estado trouxe uma parte das respostas, graças ao seu excelente correspondente em Genebra, Jamil Chade. Na véspera, ele ligou para a relatora Asma Jahangir, que estava em Toronto, no Canadá, e apurou que o que ela tem em mente é apenas a vinda ao Brasil de outro colega, especializado em Poder Judiciário, o argentino Leandro Despuiis."

A relatora disse mais, segundo o correspondente:

"Por um compromisso assumido pelo Brasil durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, todos os relatores da ONU têm acesso livre ao país, o que significa que nenhum poder nem ator político poderia impedir a visita de Despuiis ou de nenhum outro funcionário internacional".

Fazer jornalismo é tão simples, não, leitor?

enviada por Moderador

14/10/2003 23:58

O Correio está feliz. E o leitor?

O Correio Braziliense vai bem, obrigado, mesmo perdendo leitores, afirma o jornalista Ricardo Noblat, ex-diretor de Redação do jornal e hoje comandando A Tarde.

O dinheiro de publicidade oficial do governo Roriz tem irrigado os cofres do jornal com uma generosidade espantosa, afirma o autor no artigo "'Roriz na cabeça e no coração". Não falta dinheiro para patrocinar suplementos especiais, cadernos que semanalmente o jornal publica e seções de diversas editorias. "Sou um leitor compulsivo de jornais", diz ele. "Afirmo que nenhum outro governo estadual tem anunciado tanto em jornais e na televisão quanto o de Brasília".

"Assim, em meio à mais devastadora crise financeira que já atingiu a mídia nacional, a direção do Correio anunciou recentemente que pagará este ano 14º salário a seus funcionários e 15º salário aos editores do jornal."

Estará o leitor de Brasília tão contente quanto os profissionais do Correio?

enviada por Moderador

07/10/2003 21:24

Erário, a saída fácil

Alberto Dines pergunta, no artigo "O que fazer para sair do buraco": "Existem outras saídas para a mídia além da negociação com o BNDES?"

O editor-responsável do Observatório responde: claro que sim. "Há um par de alternativas que requerem a mesma dose de coragem exigida para conversar com o governo federal", que passam pela disposição de abrir mão do controle acionário das empresas jornalísticas. "No entanto, nenhuma delas parece disposta a trocar dívidas por parcelas de poder."

Dines enumera as alternativas:

A nova redação do artigo 222 permite que as empresas de comunicação possam capitalizar-se no mercado de capitais. Nada foi tentado nesse sentido.

Permite igualmente que uma empresa jornalística possa entregar 100% do seu capital a pessoas jurídicas. Também nada foi tentado nessa direção.

Permite que 30% do seu capital sejam entregues a investidores estrangeiros. A hipótese é aventada apenas como forma de pressão: governo e opinião pública não gostariam de assistir a alienação de parte da nossa mídia ao capital estrangeiro.

É muito mais fácil recorrer ao Erário, afirma Dines, sobretudo diante da ameaça da "desnacionalização" de um setor estratégico como a mídia. Antes de avançar no programa de financiamento do BNDES conviria examinar com a mesma devoção a venda de ações aos fundos de pensão ou aos bancos credores. Os perigos desta opção não diferem muito dos perigos atuais pois o "mercado" já impõe as suas regras e o interesse público não parece prioritário. O modelo de empresa familiar falhou em toda a linha. Está na hora de mudá-lo.

Na sua opinião, leitor, qual a saída preferível?

enviada por Moderador

07/10/2003 21:22

"Doutores" em fúria censória

O jornalista Luciano Martins Costa dá uma informação chocante no artigo "Eles querem controlar a imprensa":

Um grupo de advogados, juízes e representantes do Ministério Público em São Paulo tem discutido, ainda em caráter reservado, formas de colocar "sob controle" o risco de perdas morais produzidas pelo trabalho jornalístico. A tendência do grupo, segundo um de seus integrantes, (...) é propor alguma forma de prevenção durante o processo de captação e divulgação de notícias (à semelhança do que acaba de fazer o Conselho Federal de Medicina, como o leitor pode constatar aqui e aqui). Adianta Luciano que as reflexões desse grupo serão levadas às suas representações profissionais e, a partir daí, encaminhadas ao Congresso Nacional sob a forma de anteprojeto de lei.

Luciano continua:

"(...) Nossa democracia recém-nascida ainda acaba trucidada por seus mais ferrenhos e inflexíveis defensores, aqueles que se consideram os mais educados – a começar por tentativas de controle da imprensa movidas por indivíduos que não têm a mais remota idéia de como ela funciona, para que serve e o que significa. Gente que confunde artigo com reportagem, anúncio com editorial assume a investidura da normatização de uma das funções sociais que são a garantia de sua própria sobrevivência."

Você apoiaria a criação de mecanismos de controle da imprensa formulados por um "colégio de doutores"?

enviada por Moderador

07/10/2003 21:15

Governo transparente, povo informado

Previsto na Constituição de 1988, o direito dos brasileiros de ter acesso a informações públicas no Brasil nunca foi regulamentado, lembra Claudio Julio Tognolli no artigo "Abraji cobra transparência do governo". Desregulamentado permanece o seguinte extrato da Carta Magna:

"Artigo 5, inciso 33: Todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade (...)"

Aquela tão celebrada frase disparada por Hugo Black, juiz da Corte Suprema dos EUA, segundo a qual "a luz do sol é o mais poderoso detergente", parece não encontrar eco no Brasil, reclama Tognolli.

Por isso, a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, associada a outras instituições, decidiu cobrar dos governos, em todas as esferas, essa tão desejada transparência – de interesse da imprensa por ser de interesse de toda a sociedade.

Afinal, a quem interessa que informações públicas fiquem escondidas do público?

enviada por Moderador

01/10/2003 00:46

Enfim o “Proer” da mídia?

Tanto se comentou – ou se temeu? – o chamado “Proer da mídia” (alusão à controvertida ajuda aos bancos no governo FHC), e parece que afinal ele vai acontecer, informa no artigo “Mídia apela para o BNDES” o jornalista Luciano Martins Costa. Escreve ele:

Agora é oficial: a Associação Nacional de Jornais (ANJ), a Associação Nacional de Editores de Revistas (Aner) e a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert) anunciam que irão propor ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) uma política de financiamento para as empresas da indústria de comunicação social. Para evitar especulações, as entidades divulgaram uma nota oficial na qual destacam que a proposta será semelhante aos projetos que “já existem para os demais setores da economia, que contam com recursos do BNDES para suas operações”.

O projeto está a cargo da “boutique de investimentos” MS&CR2 – Finanças Corporativas, empresa criada em setembro de 2002 pela ex-“dama de ferro” da CSN Maria Sílvia Bastos Marques, em associação com Cláudio Coutinho e Carlos Guedes, do banco de investimentos CR2, sediado no Rio. Apesar de não terem sido divulgados detalhes da encomenda feita à MS & CR2, sabe-se que uma das formas de captação de investimentos que têm sido aventadas, pelo menos entre gestores de grandes jornais, teria como garantia a preferência na negociação dos 30% do capital disponíveis para sócios estrangeiros. Como a crise se concentra nos grandes jornais das regiões Sudeste e Sul, também é provável que o grosso dos recursos a serem demandados ao BNDES seja destinado aos títulos mais visíveis.

Num ano em que o BNDES registrou prejuízo recorde no primeiro semestre, de R\$ 2,4 bilhões – algo atenuado, é bem verdade, por lucro de R\$ 300 milhões em julho e agosto –, o que você acha, leitor?

enviada por Moderador

01/10/2003 00:44

Gugu, um debate histórico

O Observatório torce muito para que você, leitor/telespectador, continue participando do debate em torno do escândalo Gugu. Um debate inédito, que oferece oportunidade única para que o cidadão brasileiro opine sobre a televisão que deseja. Basta navegar por esta nova edição do OI para constatar que o interesse é enorme: são 48 cartas de leitores dedicadas ao assunto, fora os artigos, capitaneados por “Este debate não pode parar”. Um texto em que Alberto Dines resume este momento: “Gugu, quem diria, vai se tornar um marco. Na periodização da história da TV brasileira, certamente teremos duas novas fases: a.G. e d.G. – antes e depois de Gugu.”

Dines mantém a avaliação da semana passada, feita no artigo “Tesoura togada ataca outra vez” e nas duas últimas edições do programa OI na TV: a não-transmissão do Domingo Legal foi, sim, censura prévia: “A suspensão de uma emissão televisiva antes de conhecido o seu teor, por mais justificadas e justificáveis que sejam as razões que a motivaram, é um ato censório inequívoco”, afirma. E acrescenta: “Nesta matéria o saber jurídico não pode sobrepor-se à experiência daquele que já foi objeto da violência. Um torturado sabe o que é tortura – o juiz conhece a matéria teoricamente, livre da dor.”

Alguns aqui vêem manifestação de corporativismo. Está longe da benevolência, porém, e é até mais severa, a alternativa que Dines defende – exercendo seu direito de comentar decisões da Justiça (“O cidadão-juiz não é um deus ou semideus inacessível e insensível aos juízos do cidadão preocupado com o bem comum.”):

Além da multa – irrisória, considerando os polpidos lucros do apresentador e da emissora –, a sentença deveria prever uma advertência. E a possibilidade do fim da concessão em caso de reincidência. Está previsto na Constituição, não é matéria controversa.

Participe, leitor. A hora é essa.

enviada por Moderador

01/10/2003 00:43

Monopólio arrogante

Claudio Weber Abramo faz protesto veemente contra a sonegação dos números da audiência televisiva no Brasil, monopolizados por empresa privada de pesquisas.

No artigo "Mas que raios, pá", o autor reclama:

O que raios significa "audiência"? Quantas pessoas, domicílios, papagaios, cômodas, militantes de movimentos ecológicos anti-organismos geneticamente modificados e/ou praticantes de tarô correspondem a um "ponto de audiência"?

Também queremos saber!

enviada por Moderador

24/09/2003 01:02

Outros desdobramentos do caso Gugu

Esta edição do OI conta, ainda, com artigos de Muniz Sodré, para quem "a tevê ficcionaliza ou imaginariza o real", de João Ubaldo Ribeiro que afirmou que "não há desculpa para o que foi feito no programa do Gugu Liberato e a lei tem de ser aplicada. Mas a suspensão do programa me parece, sim, censura prévia", entre outros.

Confira ainda a entrevista da jornalista Letícia Nunes com Orlando Fantazzini (PT-SP), presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados e coordenador da campanha "Quem financia a baixaria é contra a cidadania".

enviada por Beatriz

24/09/2003 00:51

Gugu e a censura prévia

O caso Gugu continua repercutindo. Hoje, 23/8, chegou a ser editorial da Folha de S. Paulo. "Não há como querer transformar o apresentador Gugu Liberato em vítima de um episódio em que sua responsabilidade é evidente. Mesmo na atmosfera farsesca e degradada da guerra pela audiência, na qual se esvanecem as fronteiras entre verdade e falsificação, jornalismo e entretenimento, espetáculo e informação, há limites a respeitar."

O meio, logicamente, não justifica o fim, mas todo esse imbróglio acabou por reavivar o sempre bem vindo debate sobre qualidade da TV no País.

Alberto Dines, no artigo "Tesoura togada ataca outra vez", afirma que "as aberrações do Caso Gugu não se limitam às decisões das preclaras juízas. Um gigantesco encadeamento de erros mostra que Gugu Liberato não é o único vilão desta história". Dines diz também que "a emenda saiu pior do que o soneto" e que "as duas decisões da Justiça paulista proibindo a exibição do

programa Domingo Legal no último domingo (21/9) revelam o furor censório e a comichão autoritária que domina grande parte da magistratura brasileira."

Nelson Hoineff concorda. Em "Censura ao que há e ao que virá", afirma que "a punição de um programa de TV pode incluir sua suspensão", e que, no entanto, "é evidente também que impedir a transmissão da qual nem se conhece o conteúdo configura censura". "O que mostra que há um forte erro de conceituação nisso tudo: quem fraudou o público não foi o Domingo Legal, foi uma de suas 'reportagens'."

Deonísio da Silva também mostra indignação em seu artigo: "O que é que há com o Brasil? Vai voltar a censura de novo? Vai voltar o neonazismo? O MST está lembrando as Ligas Camponesas de Francisco Julião que podem levar a repetir nos tempos do presidente Lula o que houve outrora no governo de João Goulart?"

O leitor acredita que a censura ronda os meios de comunicação e encontrou no caso Gugu uma oportunidade de "dar o bote"?

enviada por Beatriz

17/09/2003 14:20

O Conar apareceu! O Gugu enlouqueceu?

Fundado em 1980, o Conselho Nacional de Auto-Regulamentação Publicitária (Conar) deu seu primeiro vagido. Ou pontapé. Decidiu fazer (na sexta-feira, 12/9) ampla revisão de normas sobre propaganda de bebidas alcoólicas, controlar os apelos eróticos e o teor das mensagens para o público infantil, diz Alberto Dines no artigo "O Conar nasceu: enfim!". "Está atrasado há pelo menos uma década."

Abusos como aquele do SBT no Domingo Legal de 7 de setembro (Dia da Pátria) só acontecem porque as emissoras estão desligadas de seus compromissos públicos, afirma Dines.

"Gugu Liberato e o PCC superstar", de Nelson Hoineff, também comenta o assunto. "Instaura-se uma guerra entre animadores de programas policiaiscos", diz o texto. "O pivô da disputa – e seu grande herói – é o Primeiro Comando da Capital (PCC), organização dedicada a organizar massacres. Os advogados da nobre entidade garantem que os entrevistados de Gugu Liberato, no programa Domingo Legal (7/9), não pertencem às suas fileiras. O apresentador do SBT, portanto, cometeu uma fraude."

E Hoineff pergunta: "Se os dois cidadãos fossem, de fato, das fileiras do PCC, o que Gugu teria cometido?" O jornalismo da barbárie perpetrado por Gugu ainda é comentado no artigo "Picadeiro jornalístico", de Sérgio Salustiano, e em duas cartas do Caderno do Leitor.

Gugu Liberato declarou no programa de Hebe Camargo, na segunda-feira 15/9, que só tomou conhecimento do conteúdo da entrevista quando ela foi ao ar (O Globo). Você acredita nisso, leitor?

enviada por Moderador

10/09/2003 13:48

Suborno na mídia

Pesquisa indica corrupção na mídia global

Do Comunique-se

Segundo estudo, os países onde há mais suborno na mídia são: China, Arábia Saudita, Vietnã, Bangladesh e Paquistão. O Brasil está em 14º lugar no ranking, com 3,25 pontos, ao lado da Hungria.

Os países com menos suborno: Finlândia, Dinamarca, Nova Zelândia, Suíça, Noruega, Alemanha, Islândia e Reino Unido. Os Estados Unidos ficaram ao lado de Canadá, Áustria, Holanda, Suécia e Bélgica.

Este ranking, o primeiro do tipo, foi desenvolvido por Dean Kruckeberg, catedrático do Departamento de Estudos de Comunicação na Universidade Northern Iowa, e Katerina Tsetsura, doutoranda do Departamento de Comunicação da Universidade Purdue.

O estudo foi patrocinado pelo Hürriyet, principal jornal da Turquia, por iniciativa da International Public Relations Association (IPRA) como parte da "Campanha pela Transparência da Mídia", e pelo Institute for Public Relations dos Estados Unidos. Segundo os organizadores, o ranking foi criado para facilitar aos diferentes países um monitoramento da evolução dessa questão e comparar sua situação com as de outras nações.

"O suborno na mídia, em muitos países, rouba aos cidadãos a informação com credibilidade de que eles precisam para tomar decisões pessoais e coletivas", afirmou Vuslat Dogan Sabanci, vice-presidente do Hürriyet. "Quer um país esteja bem ou mal colocado no ranking, muita gente é negativamente afetada: jornalistas, fontes, anunciantes, governantes e o público consumidor", afirmou ela.

O Brasil é o 27º da lista, mas como há muitos empates está na verdade em 14º lugar. A pesquisa completa está no sítio da IPRA e também no do Institute for Public Relations, mas esta página estava fora do ar na manhã do dia 10/9.

enviada por Moderador

09/09/2003 20:18

Fieira de descalabros

** Algo de podre no reino do Provão, de Alberto Dines: "O lobby do ensino superior privado agia dentro do Conselho Nacional de Educação impedindo a consumação das punições. Sabotagem escancarada. Avesso à idéia do controle público, o lobby privatista preferiu nivelar por baixo – proteger as arapucas dos nanicos para evitar que no futuro as grandes empresas de educação pudessem ser igualmente enquadradas. Comandante do lobby: o imortal Arnaldo Niskier, que a mídia acolhe com todo o carinho porque traz os anúncios das universidades mais ricas."

** A favor dos anúncios, abaixo a notícia paga, também de Alberto Dines: "A veemente condenação da ANJ à prática de publicar matérias publicitárias disfarçadas, sem caracterização, merece reflexões. Em primeiro lugar porque chove no molhado. Admirável seria se a entidade protestasse contra a publicação de reportagens pagas em geral. (...) Há poucas semanas um semanário publicou uma sucessão de matérias descaradamente favoráveis ao governo do casal Garotinho no Rio de Janeiro. Não havia caracterização, mas a continuidade das matérias e o tom abertamente favorável de todas indicavam algum tipo de comércio, escambo ou troca de favores. Vale?"

** Mídia, perplexa, cala ou rotula, de Ricardo Leal Costa Santos: "É com surpresa que venho observando o quase silêncio da grande imprensa brasileira a respeito das manifestações dos estudantes soteropolitanos nos últimos dias. (...) O mesmo tratamento que a imprensa dá aos sem-

terra e aos sem-teto caberá aos estudantes caso continuem a alterar a ordem da cidade. Nossas instituições ainda não estão preparadas para isso. Não têm roteiros para lidar com momentos como esse. Afinal, a quem culpar? Eles sabem: o que essas pessoas estão fazendo é dizer que chegaram ao limite, e que uma ação política é necessária."

** Cinco falácias e um funeral, de Francisco Stefano Wechsler: "A pretexto ou na ilusão de orientar o leitor, o artigo 'O melhor de dois mundos', publicado na revista IstoÉ de 3/9/03, perpetua mitos, confunde alhos com bugalhos, promove o charlatanismo e consegue deixar o leitor ainda mais desinformado acerca das chamadas terapias alternativas ou complementares."

** Olimpíadas dos pés-rapados, de Cláudio Cordovil: "Como espectador e cidadão, me senti absolutamente ultrajado pela matéria veiculada no Jornal Nacional (segunda, 8/9) sobre a prova de testes físicos para vagas não-existentes de gari da Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana), no Rio. A lei da selva neoliberal está espelhada em todo esse épico grotesco da busca de um emprego miserável em que se transformou a novela da pré-seleção da Comlurb. (...) A matéria do Jornal Nacional, como denúncia, cumpre seu papel; mas poderia avançar nessas questões fascistas-neoliberais. Na Alemanha nazista, o culto ao corpo gerou excrescências semelhantes. Michael Moore adoraria fazer uma visita à Comlurb."

Ufa! Que descalabro deixa você mais indignado, leitor?

enviada por Moderador

03/09/2003 19:25

O perigoso equívoco do ministro

"Não é o editor nazista Siegfried Ellwanger que está sendo julgado no Supremo Tribunal Federal, é o próprio nazismo", diz Alberto Dines no artigo "Hitler não triunfará", nesta nova edição do Observatório da Imprensa. Quem colocou a questão nesses termos foi o ministro Carlos Britto, recém-nomeado pelo presidente Lula, ao proferir quarta-feira o seu voto num caso que fatalmente será incorporado aos anais internacionais dos Direitos Humanos.

O réu e seus advogados pretendiam provar que anti-semitismo não é racismo, crime que nossa Constituição considera inafiançável e imprescritível, conta Dines. Por isso, pleitearam um habeas-corpus em nossa corte suprema depois de fragorosas derrotas em todas as instâncias. O ministro Britto foi mais longe ao validar e endossar as solertes e insidiosas falsificações oferecidas aos incautos pelo editor Ellwanger.

"O ministro Britto não compreendeu que a novidade do neonazismo consiste apenas em negar as barbaridades cometidas pelos antecessores, os protonazistas", prossegue Dines. "De resto, velhos e novos hitleristas, fascistas maduros ou imaturos, aqui ou acolá, todos totalitários, defendem as mesmas causas e perseguem os mesmos objetivos." (Integra)

enviada por Andrea

03/09/2003 19:17

Prisão de jornalista

"As pessoas ligam pensando que eu estou muito abatido, mas, sinceramente, não estou abatido. Quando cheguei à cadeia, que me trancaram naquelas grades terríveis, eu olhei e me pareceu tudo imundo. Nem é, mas naquela hora pareceu. Não havia presos na hora, porque eles saem para trabalhar, e eu não quis sentar em cama nenhuma, fiquei muito em pé, com os pés cansados. Eu peguei um banquinho, coloquei no canto da parede, me encolhi, porque estava frio, e pensei

em Kafka. Me veio o pensamento de que, naquele momento eu era a barata do Metamorfose. Me senti isso. O que eu estou vivendo, para mim, é um conto surrealista."

O depoimento ao Observatório é do jornalista Avelino Ferreira, de Campos (RJ), que está cumprindo pena de prisão em regime semi-aberto numa penitenciária campista por criticar um prefeito e um juiz no jornal que edita em Miracema, o Dois Estados. Conheça a história toda aqui e aqui e leia a íntegra da entrevista, assinada por Vitor Menezes.

enviada por Andrea

03/09/2003 19:03

O megamagnata

Luiz Weis conta no artigo "Os meios e as mensagens de um outro R.M." que a edição de setembro da revista americana Atlantic Monthly traz um perfilaço de 72 mil toques (ou 12 mil palavras) do megamagnata australiano da comunicação Rupert Murdoch (The Times, New York Post, Fox News TV e uma lista telefônica de outros títulos, emissoras e sistemas de transmissão por satélite, além de uma editora e um estúdio de cinema).

"Daria vontade de perguntar por que nunca saiu aqui nada parecido, se não em tamanho, pelo menos em qualidade, sobre quem personificou mais do que ninguém na história brasileira o poder da mídia e cujas iniciais também eram R.M.", escreve Weis. "(Aliás, será que o governo de Canberra decretará três dias de luto oficial se o R.M. de lá, hoje com 72 anos, porventura faltar ao seu império? Nesse caso, o que se dispensam são as respostas.)"

Murdoch aprendeu o que passa por jornalismo com o pai, e este com o inglês Alfred Harmsworth, o Lord Northcliffe da definição famosa "notícia é o que sai no verso do anúncio". Ele também disse: "Jornal deve dar o que o público quer".

O problema é o que Murdoch pensa que o público quer.

enviada por Andrea

27/08/2003 23:23

Entregue ao terror

Sem repercussão o terror não aterroriza, afirma Alberto Dines nesta nova edição do Observatório da Imprensa. No artigo "Terror quer a mídia, mídia entrega-se ao terror", ele diz: "O terrorista não é apenas um narcisista, é um propagandista: precisa que falem dele e de seus atos. A sangueira precisa ser exposta e badalada porque só assim promovem-se os seus pretextos".

Para Dines, não podem passar em brancas nuvens as manifestações de autoridades, políticos e de certa imprensa dita "independente" que, a propósito do brutal assassinato de Sérgio Vieira de Mello, aceitaram e consagraram a diabólica lógica dos fins que justificam os meios [leia também "Terror: nem 'mas' nem meio 'mas'"].

A cobertura de CartaCapital, diz o autor, longe de ser uma condenação ao estado das relações internacionais produzido pela inépcia de George W. Bush, é um inequívoco endosso ao terrorismo como tática e como idéia. "Com o cadáver do Alto Comissário da ONU para Direitos Humanos sendo velado no Rio, insultou-se não apenas sua memória mas também suas idéias."

enviada por Moderador

27/08/2003 23:22

Alcântara, algumas pautas

O jornalista especializado em ciência Ulisses Capozzoli escreve nesta edição sobre o acidente que destruiu o Veículo Lançador de Satélite na Base de Alcântara, no Maranhão. O programa espacial brasileiro, segundo ele, é desencontrado, e seu primeiro problema está relacionado a uma certa mentalidade dominante no Brasil. “Filósofos da ciência, como o argentino Mario Bunge, sustentam que o subdesenvolvimento não é outra coisa senão uma questão de mentalidade”, diz. Para Capozzoli, em nosso país essa mentalidade é “detestável”. Veja por que no artigo “Enredo mortal de uma longa novela”.

Em “As lições ocultas de uma tragédia”, outro artigo nesta edição sobre a tragédia de Alcântara, o professor Pedro Antonio Dourado de Rezende, PhD em Matemática Aplicada pela Universidade de Berkeley e especialista em criptografia e segurança de sistemas, oferece algumas pautas a nossa pouco curiosa imprensa. Ele não descarta a hipótese de sabotagem, como se apressaram a descartar as autoridades brasileiras, e acredita que se deva começar a investigação do acidente pelo início. “Pelo projeto do sistema de controle e comando aeroespacial brasileiro, onde se pode plantar a mais danosa semente para esse tipo de desastre.”

enviada por Moderador

27/08/2003 23:18

Um jornalzinho marrento

“Os meninos do Lance!”, de Gilson Caroni Filho, fala de um jornal de apenas seis anos, que inovou o jornalismo esportivo e caiu no gosto do leitor de esportes por não fugir à boa luta: combateu a CBF e os desmandos de seu presidente, mostrou o caráter escravocrata da Lei do Passe, apoiou todas as iniciativas por um calendário decente para o futebol, enfrentou interesses políticos regionais ao defender o fim dos falidos torneios estaduais, deu espaço às CPIs que apuraram irregularidades e negociatas de cartolas.

“Sem descuidar de uma inteligente formulação gráfica, que contempla desde o desenho tático ao retrospecto de cada equipe em múltiplas competições, o ‘jornalzinho marrento’ já pode ser considerado a maior vitória da imprensa esportiva.”

enviada por Moderador

20/08/2003 15:54

”Esquentando” vende mais

“Sexing up” é uma expressão atualmente em voga na Inglaterra: é o que teria feito o governo britânico com o dossiê sobre as armas iraquianas, para convencer o país da necessidade da guerra. Beatriz Singer mostra, em rico levantamento no artigo “O susto maior foi aqui”, que sexing-up no Brasil não é prerrogativa de governo: nossa manhosa imprensa também sabe “erotizar”, ou “esquentar”, uma notícia para torná-la mais “atraente” ao público. No dia seguinte ao apagão de 14/8 nos Estados Unidos, as manchetes brasileiras alardearam o “medo” da população americana de que o blecaute se tratasse de ataque terrorista semelhante ao 11 de setembro. “Nos EUA, o tom foi outro, bem mais factual”, afirma a autora.

Victor Gentili trata basicamente do mesmo fenômeno – o da notícia-espetáculo – no texto “Fato, versão e factóide”. Na edição de 15/8, O Estado de S. Paulo deu magnitude a uma insignificante ocorrência, em que servidores queimaram uma foto de Lula diante da lente de repórteres-fotográficos no Paraná. “No mesmo dia, o presidente da República estivera em Curitiba. A única

coisa que ligava o episódio da queima da foto e a presença do presidente, pelo que se apura da própria leitura de jornais, é a cidade de Curitiba.”

enviada por Moderador

20/08/2003 15:46

Dilema em família

Entre os vários textos que nesta nova edição do Observatório da Imprensa ainda tratam da cobertura da morte de Roberto Marinho, destaca-se, pelo inusitado, “Globo puxa a orelha da... Globo”. Luiz Antonio Magalhães comenta a chuva de cartas enviadas às redações por Luis Erlanger, diretor da Central Globo de Comunicação, retificando afirmações publicadas sobre o empresário e suas empresas.

Mas o que chamou mais atenção de Luiz Antonio foi o fato de Erlanger ter sido obrigado à constrangedora tarefa de puxar a orelha da revista Época, da Editora Globo. A carta dele ocupa uma página inteira da última edição da revista (veja a íntegra aqui) e diz respeito ao conteúdo político do caderno especial dedicado a Roberto Marinho que a Época produziu. Estranhamente, a redação nada contestou. Manda quem pode, obedece quem tem juízo? Mas... e o leitor da revista? Luiz Antonio acha que o leitor fica sem saber se deve confiar nas informações dadas pelo semanário.

enviada por Moderador

20/08/2003 15:36

Longe da farra do ouro

Ao contrário de Winnipeg, em 1999, quando saiu antecipando uma farra do ouro em Sydney 2000, a maioria dos veículos de mídia manteve a compostura na cobertura dos Jogos Pan-Americanos de São Domingos, entende Marinilda Carvalho em “Marcas, medalhas e euforia controlada”. Festejou com toda a justiça as belas medalhas conquistadas na República Dominicana, mantendo a perspectiva das dificuldades que nossos atletas enfrentarão em Atenas no ano que vem. Afinal, o esporte reflete a realidade social do país.

Para a autora, o excesso de euforia de 99 é tão equivocado quanto o elitismo da parte da imprensa que considera “ouro de tolo” o do Pan e valoriza apenas a medalha olímpica. E afirma: “É uma posição colonizada e elitista, de culto a padrões externos.”

enviada por Moderador

12/08/2003 20:10

Roberto Marinho morreu. E agora?

Como não poderia deixar de ser, a morte de Roberto Marinho abre esta edição do Observatório. Alberto Dines comenta os textos publicados sobre o mais poderoso magnata da mídia brasileira, e faz perguntas cruciais – das quais ninguém lembrou nos longos obituários que apareceram na imprensa.

“Pranteada a figura, rendidas as justas homenagens e os merecidos tributos, o que interessa neste momento é o futuro”, diz, no artigo “Globo e globalização, eis a questão”.

As perguntas:

** Como criar no país outras grandes corporações jornalísticas num momento em que as atuais empresas, além de quase falidas, estão sendo comandadas por administradores, financistas, engenheiros, empresários e fazendeiros?

** Onde estão os jornalistas que vão criar e comandar as empresas de comunicação dos próximos 10 anos?

** Quem vai disputar com as Organizações Globo a hegemonia da mídia brasileira?

** Qual o conglomerado jornalístico brasileiro capaz de abiscoitar uma fatia do mercado internacional?

** Em outras palavras, vamos ficar de fora da globalização da informação?

Respostas para a redação do Ol.

enviada por Moderador

12/08/2003 20:07

Olho nas vidraças quebradas

“A grande imprensa deixa de dizer a seu público-leitor que o importante mesmo não é satanizar o funcionário público, e sim colocar a pauta do pleno emprego como pressuposto de uma reforma do sistema previdenciário.”

Em mais um artigo (“O regozijo suspeito da imprensa”) em que critica a cobertura das reformas, o jornalista e professor da UFRJ Muniz Sodré acha que a mídia não deve se afinar de modo tão servil com a voracidade do mercado, “a quem se pretende realmente servir com a atual reforma da Previdência”.

E acrescenta: “Nada de regozijo, portanto. É melhor prestar atenção às vidraças quebradas.”

enviada por Moderador

12/08/2003 19:56

Mais abobrinha, please!

“O público americano se cansou de notícias sérias?”, pergunta matéria (desça a página até encontrar o artigo encimado pelo título “O Estado de S. Paulo”) do New York Times reproduzida pelo Estadão.

E não têm sido poucas as notícias “sérias”: soldados morrem no Iraque quase todo dia, questionamentos continuam a rondar o governo Bush após a invasão de março e marines estão estacionados na costa da Libéria; nos EUA, decisões da Suprema Corte estimulam debates sobre direitos dos gays, um astro do basquete foi acusado de violência sexual e o governo da Califórnia está por um fio.

Os telespectadores mudam de canal: a ABC, por exemplo, perdeu quase 600 mil deles em um ano. Em 2001, só para lembrar, as reportagens mais “quentes” do verão eram ataques de tubarões e o paradeiro de Chandra Levy, estagiária do Congresso desaparecida por um ano e afinal encontrada morta.

Você acha que depois de dois anos de notícias estressantes, do 11 de setembro à guerra no Iraque, os americanos estão dando um tempo e preferindo “notícias-abobrinha”?

enviada por Moderador

06/08/2003 15:34

Só no baixo clero

Nesta nova edição do Observatório da Imprensa, Alberto Dines analisa por que o cargo de ombudsman, adotado pelo New York Times após o escândalo Jayson Blair, não serve de solução automática para os jornais brasileiros. Eis algumas diferenças básicas entre o jornal americano e os nossos principais diários, apontadas por Dines no artigo "Ombudsman não é panacéia":

** Embora familiar, é uma empresa de capital aberto onde os acionistas têm voz e voto.

** Os acionistas são representados pelo publisher que, por sua vez, escolhe a direção da redação.

Existem portanto três instâncias de poder às quais o futuro ouvidor do NYT, pelo menos teoricamente, poderá (ou deverá) servir.

"No caso brasileiro, os acionistas, o publisher e os diretores fazem parte da mesma esfera e, às vezes, confundem-se ou são extensões da mesma pessoa", afirma Dines. "Por isso, nossos ouvidores terão sempre um escopo limitado: poderão avaliar e criticar o trabalho dos profissionais do baixo e médio clero, e nunca do alto clero."

enviada por Moderador

06/08/2003 15:30

Reduzida aos instintos

No artigo "Nem Viagra dá jeito", o sociólogo e jornalista Sérgio Domingues condena a matéria de capa da Veja da semana passada, de deixar os cabelos em pé. E só os cabelos. O título já diz tudo, acredita o autor: "Sexo: como nossos ancestrais". A arte, a música, o refinamento da linguagem, a moral ou a política, tudo isso, que os biólogos consideram nas palavras da revista "excesso de bagagem", foi definido como táticas de seleção sexual e conquista, e "o comportamento humano como resultado dos instintos, pura e simplesmente".

Para Sérgio, com esta matéria reducionista Veja "reafirma seu papel reacionário e sua submissão aos mais baixos instintos da dominação burguesa".

enviada por Moderador

06/08/2003 15:27

Blogs e democracia

O mau humor das empresas jornalísticas em relação aos blogs começa a ceder. Luciano Martins Costa comenta, em "Uma imprensa mais democrática na rede", o crescente interesse de jornais por blogs e blogueiros. "Um novo modelo de negócio de comunicação começa a se configurar à sombra dos grandes jornais e pode vir a provocar uma verdadeira revolução na imprensa brasileira", diz ele. "(...) Jornalistas profissionais com muita estrada têm sido procurados para organizar redações virtuais com editorias e seções, o que pode levar ao surgimento de uma mídia completamente diferente da que temos hoje".

Para Luciano, esse movimento, ainda embrionário, pode resultar num conceito novo de trabalho cooperativo, integrado ao ambiente criado pela web.

enviada por Moderador

06/08/2003 15:23

Fúnebre mancada

A bruxa continua solta na redação do New York Times. Nas saborosas “Notas de um leitor”, o jornalista Luiz Weis comenta outro episódio inusitado ocorrido no jornalão: o recente obituário de Bob Hope foi assinado pelo crítico de cinema Vincent Canby – que morreu em 2000! “Como sabem todos quantos já puseram os pés numa redação, jornais, revistas e agências de notícias preparam com antecedência – e atualizam periodicamente – obituários de celebridades das mais diversas áreas”, lembra Weis.

Acontece que isso não foi explicado ao leitor. Como explicar que o texto que ele estava lendo sobre a morte do famoso ator foi escrito no mínimo há três anos? E o jornal, “ou por não saber como sair da enrascada, ou por absoluta distração de todos aqueles por quem passou o texto, deu-se mal”: a agência Reuters informou o mundo inteiro sobre a fúnebre mancada.

enviada por Moderador

29/07/2003 23:00

A nova Geni

No artigo “A culpa é sempre da mídia”, que abre esta nova edição do Observatório da Imprensa, Alberto Dines condena o mais novo esporte nacional: culpar a imprensa por todos os males que assolam o Brasil.

enviada por Moderador

29/07/2003 22:58

Mídia anacrônica

Em “Observações a olho nu”, o jornalista Ulisses Capozzoli aproveita a sua especialidade – a ciência – para analisar a natureza dos movimentos sociais, que estão nas manchetes dos jornais. “Os historiadores do futuro verão nossa época como exemplo de barbárie”, escreve ele. “Não pela invasão de prédios abandonados e de terras improdutivas, mas pela insensibilidade social de uma elite privilegiada em oferecer perspectiva de vida decente a uma parcela significativa da população. Educação e dignidade são a essência da democracia. Se não existirem, todo o resto será uma farsa.”

Capozzoli não poupa a imprensa: “Alheia a tudo isso, restrita ao pensamento pequeno, imediatista, boa parte da mídia é, por (...) limitações ideológicas e intelectuais, um dos obstáculos ao novo.” Para o autor, os protestos dos desfavorecidos são, historicamente, a força social capaz de reformar as leis, embaçadas por anacronismos como a pretensão nada razoável dos que acham pouco aposentadorias de R\$ 12.700. “Mesmo que governadores, donos de jornais e muitos jornalistas (por razões que vão do obscurantismo ao puro oportunismo) entendam que deva ser de outra forma. Que os miseráveis devem esperar um pouco mais, abrigados sob pontes, viadutos e casas de papelão.”

O instinto de sobrevivência por trás desses movimentos (...), entende Capozzoli, é uma lei natural. “É uma estratégia básica. Uma adaptação ao meio, como descobriu Charles Darwin há quase 200 anos.” (Leia a íntegra do artigo aqui).

enviada por Moderador

29/07/2003 22:48

Livros esquecidos

Nossos autores literários foram abandonados pela imprensa, reclama o jornalista e escritor Deonísio da Silva, no artigo “Livros para contato imediato”. Para ilustrar tal desprezo, ele conta uma história deliciosa:

O dono de um sítio disse a Olavo Bilac: "Estou precisando vender o meu sítio, que o senhor tão bem conhece. Será que o senhor poderia redigir o anúncio para o jornal?" Olavo Bilac apanhou o papel e escreveu: "Vende-se encantadora propriedade, onde cantam os pássaros ao amanhecer no extenso arvoredo, cortada por cristalinas e arejantes águas de um ribeirão. A casa é banhada pelo sol nascente, oferece a sombra tranqüila das tardes, na varanda". Algum tempo depois, Bilac encontra o homem para quem redigira o anúncio e lhe pergunta se vendera o sítio. O dono tinha mudado de idéia: "Quando li o anúncio é que percebi a maravilha que tinha! E resolvi não vender mais!"

Deonísio faz uma longa relação de livros que merecem atenção. “Temos o que ler, como se vê”, diz. “E talvez estejamos jogando esses sítios fora, sem sequer anúncio escrito por algum Olavo Bilac.”

Leia a íntegra do artigo aqui e veja a lista de livros esquecidos pelos cadernos de cultura dos nossos jornais.

enviada por Moderador

29/07/2003 22:30

Fraudadores em ação

Pouco mais de dois meses após o escândalo que todos juravam ter destruído sua carreira, Jayson Blair, o repórter fraudador que deu início a uma grave crise na redação do New York Times, de onde foi demitido em 5/5, está de volta ao jornalismo: acaba de assinar dois contratos, com as revistas Esquire e Jane. Para a primeira, fará resenha de Shattered Glass, filme de Stephen Glass – outro jornalista que fabricava notícias compulsivamente – sobre seus próprios escândalos; para Jane, escreverá sobre pressões do trabalho.

O próprio Stephen Glass, repórter descrito como "fabricante serial" de reportagens desmascarado em 1998, ganhou uma segunda chance: vai trabalhar para a Rolling Stone. As duas matérias estão no Monitor da Imprensa.

Abaixo, os links das publicações citadas, para que você guarde nos Favoritos e acompanhe as “façanhas” futuras dos mais famosos fraudadores do jornalismo contemporâneo.

Esquire

Jane

Rolling Stone

enviada por Moderador

23/07/2003 18:53

Consumido pela mídia

No artigo “David Kelly foi vítima dos holofotes”, publicado nesta edição do Observatório, Alberto Dines comenta que os que assistiram pela BBC World ao massacre a que foi submetido David

Kelly na Comissão de Inquérito do Parlamento britânico podem entender os motivos que levaram o cientista a cortar o pulso.

“A indignação convertida em estratégia política às vezes derruba a Bastilha e às vezes mata gente pacata e reservada”, diz. Para Dines, a super-exposição pode confundir-se com linchamento quando a malta está exaltada. “Os holofotes da mídia não queimam – consomem, corroem, aniquilam.”

enviada por Moderador

23/07/2003 18:49

Você entende o governo?

No texto “Uma imagem muito confusa”, o jornalista e professor da UFRJ Muniz Sodré diz que a imprensa cotidiana parece reforçar a “incongruência generalizada”.

O noticiário não consegue ocultar a barafunda e a troca açodada de posições na política – “(e não é que o apressado come mesmo cru?)” –, mas editoriais e colunistas fingem não enxergar os buracos do projeto da reforma da Previdência, segundo Muniz “para poderem continuar insistindo na mais absoluta necessidade de que ela seja perpetrada tal e qual, ao arrepio dos direitos”.

Para colunista de jornal ou de televisão com salário superior a dez mil dólares mensais, diz o autor, todo direito social é um “privilegio”, e todo progresso da sociedade é apenas um avanço do mercado. “Em meio à crise econômica que a assola, talvez seja chegada a hora de a imprensa começar a pensar seriamente sobre a sua própria reforma informacional.”

enviada por Moderador

23/07/2003 18:46

Um picadinho da mídia

“Vamos esquartejar a mídia”, do jornalista Luiz Weis, critica o secretário Anthony Garotinho, do Rio de Janeiro, que comandou uma sessão de linchamento moral da imprensa. Um dia depois que 11 pessoas foram mortas numa guerra por pontos de droga em Vigário Geral e no mesmo dia em que outras duas morreram no Complexo da Maré, em megaoperação policial, o marido da governadora Rosinha, na pele de secretário de Segurança, disse que a mídia dissemina “insegurança objetiva”. Disse também que “a cultura do medo é maior do que a realidade (...)”, e a imprensa tem grande responsabilidade nesse sentido.

Weis comenta: a matéria fecha com a informação de que “a cúpula de Segurança propôs a preparação de um seminário para discutir a questão da indústria da insegurança e o papel da mídia”.

“O leitor só não ficou sabendo se os causadores de polêmicas e criadores de pânico poderão participar do momentoso evento, sem serem tratados por seus organizadores como bodes expiatórios do horror que é a política de segurança do casal Garotinho”, reclama o autor.

enviada por Moderador

23/07/2003 18:45

Nova função do jornalismo

O jornalista Rodney Brocanelli entrevista nesta edição o correspondente italiano Alessandro Penna – seu trabalho é apresentar ao leitor da revista *Guerin Sportivo* jovens talentos brasileiros que possam vir a se transferir para o futebol italiano. Coisa que por aqui (ainda) não temos. Leia em “Um jornalista-olheiro em nosso futebol”.

enviada por Moderador

15/07/2003 21:37

Tudo igual na CBF. E na mídia

A reeleição de Ricardo Teixeira para presidir por mais quatro anos a Confederação Brasileira de Futebol chamou atenção não pela estrondosa votação recebida por Teixeira, mas pela maneira fria (quase gélida) com que a crônica especializada cobriu o evento – escreve o jornalista Antonio Carlos Teixeira em “Futebol e mídia derrotados”.

O jornalista enumera as conclusões da CPI do Futebol, para cobrar, da cobertura da mídia na semana da eleição, a atualização das investigações feitas pelos deputados. A conclusão do artigo não é otimista: “Com a entrada em vigor do Estatuto do Torcedor, o futebol brasileiro parecia ter, finalmente, começado a virar o jogo contra os maus cartolas. Efêmera alegria”, escreve. “Ao reeleger Ricardo Teixeira para seu quarto mandato na CBF, a cartolagem conseguiu empatar a partida já nos acréscimos. E com gol de mão.”

enviada por Moderador

15/07/2003 21:32

Desdém goela abaixo

“O Barão de Munchausen ou seu similar nativo, Paulo Maluf, não poderia inventar igual coleção de disparates. E mesmo assim a mídia engoliu, publicou, exibiu, destacou, discutiu, lambuzou-se e ainda faturou algumas páginas de publicidade pagas pelo SBT e pelo semanário *Contigo!* para salvar as respectivas credibilidades.”

O parágrafo é de Alberto Dines, no artigo “Sílvia Santos é a cara da mídia”. Para ele, o “Episódio *Contigo!*” foi a demonstração de um desdém que chega às raias do ressentimento, e Sílvia Santos aproveitou-se de um conjunto de falhas:

** Uma profissional preparada apenas para cobrir o mundo virtual das telenovelas;

** Uma revista de fofocas televisivas, preocupada com a promoção de seu 40º aniversário;

** Um setor que está à beira da falência e agarra-se a qualquer patacoada para fingir que está vivo.

enviada por Moderador

15/07/2003 21:29

Propinoduto e privacidade

O leitor Paulo Roberto de Figueiredo escreveu artigo para a presente edição do Observatório da Imprensa manifestando indignação com a divulgação, pela TV Globo, da orientação dada por um advogado carioca a seu cliente, envolvido no escândalo do Propinoduto. A OAB suspendeu o profissional por 90 dias.

Enquanto muitos críticos protestam nos jornais contra esta “suave” punição, Figueiredo aponta, em “A síndrome de big brother”, a violação flagrante do direito à privacidade de advogado e cliente. “Nego-me a discutir se a orientação era de cunho ético, ilegal, imoral, amoral etc. Isto não invalida a grave invasão de privacidade praticada pela Rede Globo”, diz Figueiredo.

enviada por Moderador

09/07/2003 21:33

Presentes para Marisa

Leia neste número do Observatório da Imprensa a coluna “Notas de um leitor”, em que o jornalista Luiz Weis comenta, entre outros temas, o mais novo factóide da mídia – e a mais recente reação contraditória do governo. Desta vez, sobre os presentes dados à primeira-dama.

enviada por Moderador

09/07/2003 21:19

Um boné é um boné é um boné?

A imprensa brasileira achou que não, o governo achou que sim, os intelectuais se perderam em teorizações. Para Alberto Dines, a “crise do boné” do MST, que o presidente Lula botou na cabeça, serviu para mostrar que estamos enfiados num circuito auto-alimentado onde tudo é fragmentado, reduzido a signos. “A mídia precisa deles para dar sentido às suas informações, e os produtores de informações não podem dispensá-los para ser entendidos.”

No artigo “O boné não é um boné – é um sistema”, Dines defende que “O boné é o disfarce de um sistema que, aparentemente, convém a todos mas, na realidade, é inimigo de todos os que pretendem algo mais do que uma cultura virtual, facilitadora na aparência, complicadora na essência”.

enviada por Moderador

09/07/2003 21:05

O leitor em crise

Na carta “O hébrio e a arpa”, a leitora do Observatório Sonia Sant’Anna diz: “Há poucos dias eu comentava com um amigo que cada vez se leva menos tempo para ler um jornal. Lembro-me de quando só conseguia começar o meu dia depois de ler o jornal, sem isso o dia pareceria incompleto. E o jornal de domingo, então! Quanto tempo, quanta coisa para ler. É chato ler todo dia os ‘factóides’ do presidente e sua equipe, que ainda por cima já vimos na véspera na TV.”

Para ela, é duro ver ébrio escrito com “h” e harpa sem “h”. “Além do conhecimento elementar da ortografia, que deveria ser obrigatório para quem se propõe a escrever para o público, falta cultura geral aos recém-saídos das nossas desmoralizadas escolas e faculdades, e são justamente esses recém-formados os contratados, por serem mais baratos.” Outros leitores do Observatório falam, nesta edição, sobre a crise da mídia e... do próprio leitor.

enviada por Moderador

09/07/2003 20:59

Voz em conta-gotas

Muita gente reclama do programa A Voz do Brasil – como destaca o artigo "A obrigatoriedade é boa ou ruim?", de Rodrigo Quik. O governo alega, com toda razão, que a transmissão é importante para as localidades isoladas do país. Quik propõe então que as partes interessadas (favoráveis e contrárias à Voz) se sentem à mesa e conversem.

Por exemplo, sobre o parcelamento do programa – como boa parte dos partidos políticos já faz atualmente. "Poderiam ser dados cinco minutos a cada hora de transmissão, em 12 horas seguidas, nos principais horários, mas no momento em que cada emissora achasse pertinente."

Tal fórmula poderia dar certo, em sua opinião, ouvinte?

enviada por Moderador

01/07/2003 19:47

Os nós do caso Banestado

Leia nesta nova edição do Observatório da Imprensa "Investigação e a anatomia das listas", do repórter Claudio Julio Tognolli, que procura soltar alguns nós do emaranhado caso Banestado.

enviada por Moderador

01/07/2003 19:45

Brasil, campeão em concentração

Antes mesmo de se manifestar a tendência mundial à concentração da propriedade no setor de comunicações, o mercado brasileiro já era concentrado, afirma o especialista Venício A. de Lima, em "Existe concentração na mídia brasileira? Sim.", palestra proferida na 5ª Reunião do Conselho de Comunicação Social e publicada nesta edição do Observatório da Imprensa.

O autor informa que as novas regras nos EUA permitem a um mesmo grupo (1) controlar emissoras que atinjam até 45% dos domicílios com TV no país; (2) ter, em um mesmo mercado, duas ou até três emissoras de televisão; e (3) controlar emissora de televisão, de rádio e jornal no mesmo mercado. Pois todas essas três situações de concentração – e ainda outras – existem no Brasil. "O que agora se tenta permitir lá é fato histórico entre nós", afirma.

Para ele, fica claro que a concentração da propriedade nas comunicações coloca em risco os próprios fundamentos da democracia representativa liberal.

enviada por Moderador

01/07/2003 19:44

Pasmaceira e inferno astral

No artigo "O inferno astral dos jornais", Alberto Dines, editor-responsável do Observatório, rejeita a desculpa de que a pasmaceira da mídia tenha a ver com o "inferno astral" que vive o governo Lula, o primeiro da sua gestão.

"Sem entrar no mérito da questão, a desculpa é esfarrapada", diz. "Se o governo vive um mau momento – o que pode acontecer com qualquer governo num regime democrático –, mais uma razão para dar ao debate sobre as reformas a criatividade e, sobretudo, a intensidade que merece."

enviada por Moderador

01/07/2003 19:43

Em xeque, o empresário de mídia

Que tipo de empresário queremos à frente dos negócios de comunicação? Se para dirigir uma corretora de valores exige-se do empresário um calhamaço de restrições, se um corretor de imóveis precisa jurar sobre um código de conduta, que espécie de garantia a sociedade poderia exigir de alguém que se habilita a controlar uma empresa de comunicação?

Estas dúvidas estão no artigo “A pergunta que não quer calar”, do jornalista Luciano Martins Costa, que analisa a situação atual do Jornal do Brasil.

enviada por Moderador

24/06/2003 21:02

Nesta quinta, olho no Supremo!

O Supremo Tribunal Federal vai continuar na quinta-feira, 26/6 (com transmissão ao vivo pela TV Justiça), o julgamento do editor gaúcho Siegfried Ellwanger, acusado de promover o racismo com os seus livros de propaganda nazista, abertamente anti-semita. “É um caso da maior importância, que firmará jurisprudência aqui e no exterior e, por isso, interrompido duas vezes (dezembro de 2002 e abril de 2003)”, alerta Alberto Dines em “STF enfrenta o racismo”.

Para jornalistas e comunicadores, lembra, é importante registrar que não está em discussão a liberdade de expressão, mas o teor do que foi expresso. A difusão do preconceito religioso, cultural e étnico é tão danosa quanto o preconceito racial proibido pela Constituição.

enviada por Moderador

24/06/2003 21:00

Na canela dos jornalistas

“Ora vejam! Quer dizer que o processo de downsizing, qual água de enxurrada, atingiu as canelas dos jornalistas?”, pergunta o funcionário público Jaime Höfliger no artigo “O choro agora é da imprensa”. Ele conta que, entre 1995 e 1996, 12 suicídios ocorreram motivados por desestabilização emocional diante de um insuportável e inimaginável Plano de Demissões “Voluntárias”. “Não houve 12 linhas em jornal algum sobre isso. Que eu saiba, não houve nem uma sequer”, reclama.

“É uma experiência terrível, que não desejo nem mesmo aos jornalistas, mas não posso esquecer que o jornalismo desse país é responsável por uma ajuda fundamental na miséria para a qual vimos sendo levados nesses últimos anos.”

enviada por Moderador

24/06/2003 20:57

Mídia terrorista

No artigo “Contra os tribunais paralelos da mídia” o advogado Luís Guilherme Vieira protesta contra o clima de terror no noticiário sobre a violência. “Os noticiários são espetaculosos e de extremo mau gosto. Não informam nada. Não conscientizam ninguém. Não apontam soluções. Simulam advogar sentimentos da sociedade fragilizada. Utilizam, sem ética, do poder da mídia, para atingir seus espúrios fins.”

Luís Vieira, secretário-geral do Movimento Antiterror, que reúne advogados, juristas e promotores (ver manifesto aqui), recomenda: “A sociedade civil tem que ficar atenta (...), recusando-se a consumir este nojento e antiético jornalismo, voltado, tão-só, para a liderança de mercado. Liderança de mercado é poder. Poder tem preço: ricos anunciantes.”

enviada por Moderador

19/06/2003 14:48

Jornais fora de foco

Alberto Dines, no artigo “Lula faz gols, mídia engole frangos”, em que comenta a crise financeira que a mídia atravessa, escreve:

“Truques publicitários e promocionais tornaram-se evidentes demais. A IBM está jogando pesado na sua campanha para vender a idéia on demand (iniciada na segunda, 16/6). Desfigurou jornais e cadernos econômicos, acabou definitivamente com a fronteira entre informação e publicidade. A empresa e sua agência pensam nos seus interesses; jornais e empresas jornalísticas, de olho no caixa, esqueceram os seus.”

Foi mesmo um choque para o leitor ver a capa do caderno de Economia do Globo totalmente fora de foco.

enviada por Moderador

19/06/2003 14:47

O MST segundo a Veja

Para o escritor Deonísio da Silva, a matéria de capa da Veja sobre o MST e seus líderes ficou devendo. “A capa anuncia o espírito que vai pairar sobre todo o texto (págs. 72-80)”, diz ele no artigo “Jornalismo equivocado, na capa e no miolo”. “A foto de José Rainha, com o boné vermelho onde está estampado o símbolo do MST, vem acompanhada do seguinte texto posto na capa, sob a chamada ‘A esquerda delirante’:

‘Para salvar os miseráveis dos desconfortos do capitalismo, o líder sem-terra José Rainha ameaça criar no interior de São Paulo um acampamento gigantesco como o de Canudos, instalado há um século por Antônio Conselheiro no sertão da Bahia...’

É tão reducionista o tratamento que a matéria dá ao movimento dos sem terra que Deonísio conclui: ainda bem que não foram os repórteres da Veja que cobriram as grandes revoluções do mundo.

enviada por Moderador

19/06/2003 14:44

Vícios e virtudes do jornalismo

Nesta edição do Observatório da Imprensa, o jornalista Luiz Weis escreve sobre “o exercício do jornalismo-como-se-deve”, “cada vez mais uma batalha inglória”. No artigo “Curso Fisk de Jornalismo”, ele cita jornalistas e articulistas de peso, como Robert Fisk, Gay Talese e Timothy Garton Ash, para falar sobre os vícios e as virtudes envolvidos no compromisso do jornalista de contar o que acontece e por que acontece.

enviada por Moderador

19/06/2003 14:42

Os graves desvios das mulheres apaixonadas

Dois leitores do Observatório criticam com veemência a novela Mulheres apaixonadas, da Globo: o engenheiro José Renato M. de Almeida (no artigo “Novo status para velhos desvios”, e o poeta Silas Corrêa Leite, no texto “A decadência do padrão global”.

Para ambos, a novela reduz a “amor demais” compulsões e desvios que envenenam relacionamentos afetivos.

enviada por Moderador

11/06/2003 12:03

Passaralho no Estado

Deu no MMonline. Reportagem de Fernanda Bottoni

Grupo Estado faz cortes em Estadão, JT e Agência Estado

[10/06 - 15:58] Demissões que ainda estão em andamento devem atingir mais a equipe do Jornal da Tarde e da Agestado

O Grupo Estado realiza nesta terça-feira, dia 10, cortes em diversas áreas. Já foram atingidas as redações do Estadão, do Jornal da Tarde e da Agência Estado. Segundo fonte, as demissões não envolvem apenas jornalistas. Números não oficiais indicam que cerca de 30 pessoas devem ser demitidas no Jornal da Tarde, cerca de 20 na Agência Estado e cerca de 15 no Estadão.

enviada por Beatriz

11/06/2003 00:47

Tudo sobre a crise do NYT

Nesta nova edição do Observatório da Imprensa, as matérias de Beatriz Singer contam tudo sobre os desdobramentos da crise em que mergulhou o mais importante jornal do mundo – The New York Times. Está no Monitor da Imprensa. De quebra, os 50 anos do semanário francês L'Express.

enviada por Moderador

11/06/2003 00:46

Jornalismo sem jornalistas

A avalanche de demissões nas redações brasileiras leva Alberto Dines a uma triste constatação:

“O patronato e os profissionais que contrataram para escapar das aflições estão tentando inventar um jornalismo sem jornalistas. Como o Brasil é a terra dos milagres, pode ser que consigam. Releases não faltam, os assessores de imprensa afirmam que nunca as redações foram tão acessíveis e generosas.”

Confira a íntegra da análise em “Demissões & promoções, viagem na máquina do tempo”.

Nosso jornalismo – cada vez com menos jornalistas – pode piorar, leitor?

enviada por Moderador

11/06/2003 00:45

Só o leitor salva

Vale a pena ler a carta de Sidney Borges no Caderno do Leitor desta edição [10/6] do OI:

"Para salvar os jornais brasileiros precisaria ser aumentado o número de leitores. O que acontece é que, à medida que o tempo passa, mais gente chega ao fim dos estudos, incluindo aí estudos universitários, sem condições de entender um texto, por menor que seja sua complexidade. Sem saber ler, a única mídia que interessa ao povo é a televisão, em que informação e entretenimento trafegam na mesma pista, sendo confundidos, o que, convenhamos, é o que o poder deseja. Leitores que exigem qualidade e reflexão estão se tornando raros e, se não vão desaparecer, certamente perderão o significado. Não há no horizonte sinais de que isso vá mudar!"

Caro leitor, o leitor de jornal está acabando?

enviada por Moderador

11/06/2003 00:43

A morte de Araújo Netto

Ele mereceu minuto de silêncio num Maracanã lotado, mas do patronato recebeu pouco respeito. A morte do veterano correspondente Araújo Netto, em Roma, foi outra perda grave do jornalismo brasileiro.

Em "O caso do jornalista que morreu de tristeza", Alberto Dines diz:

"A perversa substituição de uma geração de grandes profissionais para atender ao rejuvenescimento das redações interrompeu quatro décadas de dedicação exclusiva e alijou-o de uma casa que ajudou a construir [o JB]. O Globo, num gesto galante, contratou-o como free-lancer, mas um acidente cardiovascular tirou-lhe grande parte da mobilidade. (...) Foi um dos remanescentes do jornalismo superior e multidisciplinar – preito ao leitor universal – cada vez mais esquecido.

Araújo Netto morreu de tristeza e desgosto."

Você sente falta de maturidade em nossos veículos de imprensa?

enviada por Moderador

06/06/2003 11:01

Chefão do NY Times se demite

Os dois principais editores do New York Times renunciaram ontem [dia 5/6] em meio à crise provocada pelas fraudes jornalísticas do jovem repórter Jayson Blair. O editor-executivo, Howell Raines, 60, e o secretário de Redação, Gerald Boyd, 52, saíram de uma reunião no meio da manhã e informaram a seus surpresos subordinados que haviam renunciado. Raines parecia desapontado, Boyd tinha lágrimas nos olhos, segundo repórteres. A notícia é da Folha de hoje, 5/6/03.

Veja no Observatório da Imprensa várias matérias em torno do escândalo Jason Blair, a partir do artigo "Rick Bragg, o novo pária", de Beatriz Singer, sobre os mais recentes baques na credibilidade do jornalão americano.

enviada por Moderador

04/06/2003 15:00

Concentração da mídia

Não perca “Concentração da mídia na ordem do dia”, de Luiz Egypto, redator-chefe do Observatório da Imprensa, que debate esta preocupante ameaça à democracia e ao pluralismo de idéias em nosso país. No pé do artigo, uma preciosa seleção de links para textos sobre o tema já publicados em nosso sítio.

enviada por Moderador

04/06/2003 14:59

Dourar ou não a pílula?

O jornalista Luiz Weis escolheu um dia pródigo em más notícias, a quinta-feira, 29/5, para comparar o jeito de dois jornais, Folha e Estadão, transmiti-las ao leitor (veja o artigo “Como dar as más notícias?”, nesta edição do OI de 3/6). Para Weis, embora a Folha seja “catastrofista” em geral e em relação à economia brasileira em especial, quando o assunto é sério é preferível o excesso à escassez. “Naquela quinta-feira, a Folha deu muito mais ao leitor pelo seu dinheiro do que o Estado.

E você, o que acha, leitor? Com notícia ruim deve-se dourar a pílula ou pintar o diabo como ele é?

enviada por Moderador

04/06/2003 14:54

Os jornais e os radicais

“O que a imprensa vem chamando de ‘radicais’ são simplesmente aqueles parlamentares petistas mais agarrados às raízes do que aos galhos carunchosos do partido. É gente com memória, que está lembrando aos confrades não um velho ideário, mas a linha política de pouco tempo atrás. E mais: gente com argumentação coerente, boa catadura e cheia de civilidade, mesmo diante da ameaça de expulsão partidária, mas certamente inquieta com o novo ethos liberal de sua organização.” Esta afirmação contundente é do jornalista Muniz Sodré, professor da UFRJ, que condena a mania dos jornais de atribuírem pecha negativa ao que chamam de radicalismo. Já para Alberto Dines, editor-responsável do Observatório da Imprensa, “as escaramuças com os chamados ‘radicais’ (iniciadas na instalação da nova legislatura com a eleição de José Sarney para a presidência do Senado) podem ter absorvido demasiadamente as atenções do governo, mas a mídia não as inventou nem as magnificou”.

Para ver a íntegra do raciocínio de Muniz Sodré, leia o artigo “Como fabricar radicais”. Os argumentos de Dines estão no artigo “Duda atrapalha lua-de-mel de Lula”.

Como você avalia o uso da palavra “radical” pelos jornais?

enviada por Moderador

04/06/2003 14:53

Estatuto do Torcedor

No artigo “Faltou enquadrar a mídia”, o jornalista de Brasília Antonio Carlos Teixeira defende que o comitê que elaborou o Estatuto do Torcedor perdeu a grande oportunidade de “enquadrar” parte da mídia esportiva. “Até porque nunca se leu – e se ouviu – tanta crítica dos torcedores contra alguns setores da imprensa esportiva”, afirma ele.

Você concorda?

enviada por Moderador

02/06/2003 17:16

Epidemia de blogs

São quase 410 mil weblogs ao redor do mundo. Até hoje, 2/6. Este é o registro feito pelo Weblog Crawl Report, uma iniciativa que procura identificar blogs ativos em diversos idiomas.

Os blogs em língua portuguesa só perdem em número para os de língua inglesa. Segundo o Weblog Crawl Report, o "ranking" fica assim:

1o: Inglês: 211.631 blogs

2o: Português: 43.178

3o: Polaco: 37.559

4o: Espanhol: 7.048

5o: Alemão: 6.060

6o: Italiano: 5.202

7o: Francês: 4.680

enviada por Beatriz

02/06/2003 11:46

Só mais dois anos de tortura

Spam pode sumir em dois anos, prevê Microsoft

Fonte: IDG News Service, tradução do IDG Now!

A praga dos e-mails comerciais não solicitados, mais conhecidos como spam, pode ser erradicada em dois anos. Antes, no entanto, o problema atingirá proporções sem precedentes, afirma Ryan Hamlin, gerente geral do grupo de estratégias e tecnologias anti-spam da Microsoft. "Para muitas pessoas, a situação tornou-se tão ruim que já se pensa em desistir do uso de e-mails se o cenário não melhorar", alerta Hamlin. De acordo com a fornecedora de sistemas de combate ao spam, Brightmail, as mensagens não-solicitadas já representam 50% do tráfego mundial de e-mails e o futuro não é animador.

O executivo da Microsoft prevê que, no próximo ano, cerca de 65% das mensagens eletrônicas sejam spams e o custo para combater o problema, somente nos EUA, deve dobrar em relação aos US\$ 9 bilhões gastos em 2002.

A Microsoft é um dos grandes nomes da indústria de tecnologia que trabalham para erradicar o spam, assim como America Online e Yahoo. O assunto também atrai o interesse da Comissão Federal de Comércio dos EUA e dos legisladores americanos, que trabalham para aprovar uma lei anti-spam até o final do ano.

Você acredita na erradicação dos spams?

enviada por Beatriz

02/06/2003 11:20

Acusado de anti-semitismo é solto na Rússia

Fonte: Radio Free Europe/Radio Liberty

Um tribunal da cidade russa de Novosibirsk considerou Igor Kolodezenko, editor do jornal sibério Russkaya Sibir, culpado de provocar ódio inter-racial e religioso. O jornalista recebeu pena de três anos de prisão.

Pouco depois, Kolodezenko foi liberado pelo tribunal sob uma anistia adotada anteriormente pela Duma estatal.

Kolodezenko também é um dos coordenadores do Partido do Poder Nacional da Rússia. Seu caso foi levado à justiça em 2000, quando foi acusado de publicar um artigo durante as eleições de 1999, supostamente sob mando de rivais do então governador Viktor Tolokonskii.

"Não pretendo abandonar o povo e entrarei com recurso em uma corte superior", disse Kolodezenko, logo após o veredicto.

Como condenar um jornalista acusado de suscitar preconceito étnico e religioso, sem com isso ferir-lhe a liberdade de expressão?

enviada por Beatriz

30/05/2003 18:53

Luciano do Valle na Record

TV Record contrata Luciano do Valle (Deu no Comunique-se):

O apresentador e comentarista esportivo Luciano do Valle é o mais novo contratado pela TV Record. A emissora está convidando a imprensa para uma coletiva na próxima segunda-feira (2/6), na Vila Tavola (SP), às 16h30. Estarão presentes o superintendente artístico e de programação, Luciano Callegari, e o diretor de Esportes, Eduardo Zebini, que vão falar sobre a contratação do jornalista e também sobre a transmissão do Campeonato Brasileiro da Série B.

Gostou, leitor?

enviada por Moderador

30/05/2003 18:11

FCC sob fogo cruzado

No dia 30 de maio, o sítio da revista americana Utne publicou um artigo da repórter Anne Geske, crítica assídua da nova postura da Comissão Federal de Comunicações (FCC), órgão regulador da mídia americana que em 2 de junho determinará se as regras de propriedade de mídia afrouxarão ou não.

Opositores das regras propostas, como Anne, afirmam que, sob liderança de Michael Powell, a FCC tornará a mídia americana ainda mais consolidada nas mãos de poucos e poderosos senhores.

Ao lado da Utne está o Center for Public Integrity, que afirma haver estreita relação entre a indústria midiática e a FCC. O Center for Public Integrity acaba de lançar um banco de dados na internet, com informações sobre todos os proprietários de rádio, TV, TV a cabo e telefonia dos

EUA. Trata-se, segundo o próprio centro, de "uma análise sem precedentes da indústria de telecomunicações".

E não é só isso. O internauta também encontrará uma lista das maiores companhias de rádio, telefonia, cabo e satélite; as seis regras de propriedade que estão sendo revistas; e contatos de políticos ligados à supervisão da FCC, assim como dos cinco integrantes da diretoria da FCC.

Os cães-de-guarda americanos, que vigiam a mídia, estarão soltos a partir de 2 de junho. Que tal?

enviada por Moderador

27/05/2003 19:39

"Vitória da sociedade"

Leia nesta nova edição do Observatório da Imprensa a entrevista do jornalista esportivo Juca Kfoury sobre o golpe dos cartolas contra o Estatuto do Torcedor.

enviada por Moderador

27/05/2003 19:37

A grita contra os juros altos

O jornalista Noenio Spinola, atualmente diretor de Imprensa da BM&F, relatou, mas escreveu o artigo "Os juros que a imprensa não viu" para a edição de 27/5/03 do Observatório da Imprensa. No texto ele diz que a mídia, na grita contra a manutenção da taxa Selic pelo Copom, não atentou para os juros futuros. Spinola lembra que em novembro do ano passado, quando ainda era incerta a face final que tomaria o governo Lula, os juros futuros para janeiro de 2004 bateram no pico de 33,6% ao ano. "De lá para cá, à medida que o governo ia sinalizando sua intenção de controlar a inflação e manter os gastos públicos sob controle, essas taxas literalmente despencaram", diz. "No dia 26 de maio estavam cotadas em torno de 23%. Abaixo, portanto, da taxa de 26,5% sinalizada pelo Banco Central através da Selic."

Para Spinola, a mídia esquece que os banqueiros aplicam em títulos públicos que vão esbarrar nos fundos de investimento, que por sua vez pertencem a milhares de poupadores. "Portanto, a face diabólica do mercado tem rosto, e o rosto é o de cada um de nós que tenha ou administre uma pequena ou grande poupança", diz. "O que fazer?", pergunta. "Há quem defenda que a solução para acabar com baratas é tocar fogo na casa. Talvez seja melhor fazer antes um exercício de racionalidade."

Leia a íntegra do artigo de Noenio Spinola e opine: a mídia se mostrou preparada nessa cobertura?

enviada por Moderador

27/05/2003 19:32

A devassa da devassa

Três semanas depois de intenso bombardeio da mídia nacional e internacional em razão das fraudes do repórter Jayson Blair, o New York Times toma outra decisão extraordinária, na opinião de Alberto Dines: vai criar uma comissão de sindicância externa para examinar as fraudes e o sistema que as facilitou. "Se presidentes da República podem ser derrubados, se senadores podem ser punidos, se magistrados podem ser investigados, jornais e jornalistas não podem ficar impunes", afirma Dines em "Fim da caixa preta, controle social: avanço republicano".

Em outro texto, que relaciona às mentiras de Blair, Dines comenta a prisão dos responsáveis pela farsa do Dossiê Cayman, usado para chantagear o governo tucano. E pergunta: algum repórter, editor ou publisher terá a hombridade de proclamar publicamente – "erramos" ou "desculpe o inconveniente"?! Algum jornal ou revista abrirá suas páginas para mostrar as leviandades cometidas ou convidará uma comissão de inquérito para fazer a devassa da devassa?

Você acha que nossos jornalões seriam capazes de fazer mea-culpa como o New York Times?

enviada por Moderador

27/05/2003 19:27

Jornalistas vendedores

O editor-responsável do OI, Alberto Dines, critica na nota "A toque de caixa... registradora" o uso de jornalistas como garotos(as)-propaganda: uma colunista da Folha participou do anúncio de um lançamento imobiliário, contrariando normas expressas do Manual da Redação, gesto condenado pelo ouvidor do jornal. Dines lembra que o ouvidor não percebeu, na mesma edição, que dois repórteres que cobriram a guerra no Iraque participaram ostensivamente de matéria promocional do lançamento do jipão Humvee no mercado brasileiro.

Você considera que jornalistas quebram a ética ao fazer publicidade?

enviada por Moderador

20/05/2003 22:17

Fraude no New York Times

Dois links, nesta nova edição do Observatório da Imprensa (20/5/2003), ajudam a entender algumas circunstâncias que tornaram possíveis as matérias mentirosas do repórter Jayson Blair no New York Times:

** "This is The New York Times", de Luiz Weis;

** "Ainda a fraude do 'Times' e a culpa do editor Raines" (copyright Tribuna da Imprensa), de Argemiro Ferreira. (rolar a página)

enviada por Moderador

20/05/2003 20:14

A caixa-preta da mídia

O colunista Ancelmo Gois revelou que pelo menos uma empresa de mídia conseguiu liminar para não aparecer na lista oficial de devedores do INSS: a Gazeta Mercantil. E o JB e a IstoÉ? Se recorreram à Justiça ninguém sabe. O que se sabe é que seus nomes desapareceram da relação do ministro Berzoini, divulgada na semana passada. Na lista extra-oficial, além da Gazeta (dívida de R\$ 237.112.180), apareciam entre os 125 maiores devedores o Jornal do Brasil (R\$ 181.851.084) e a Editora Três, da IstoÉ (R\$ 95.619.996,00), comenta Luiz Antonio Magalhães, editor-assistente do OI, no artigo "A mídia ficou de fora".

Luiz Antonio Magalhães considera o fato de as empresas de mídia deverem ao governo fundamental para que se possa estimar o grau de independência dos veículos.

Para você, o grau de independência de uma empresa está associado ao tamanho de sua dívida?

enviada por Moderador

20/05/2003 20:09

Leitura e sobrevivência

A Bial do Livro, no Rio, vai continuar até o dia 25/5, mas praticamente desapareceu dos cadernos infanto-juvenis dos jornalões no fim de semana, lamenta Alberto Dines no artigo "Livros produzem manchetes, manchetes produzem livros". A mídia impressa, matriz do processo informativo, depende fundamentalmente do desenvolvimento do hábito de leitura, lembra Dines. Jornais e revistas criam os estímulos para a venda de livros, livros criam estímulos para vender mais jornais e revistas. "Há uma relação orgânica entre os diferentes veiculadores de conhecimento."

Você considera que jornais e revistas comprometem sua própria sobrevivência, ao falhar na criação de estímulos à leitura?

enviada por Moderador

20/05/2003 20:06

Lula ficou esquivo

O Planalto engavetou mais de 200 pedidos de entrevista feitos ao presidente Lula. No artigo "De volta ao passado", o jornalista Chico Bruno opina que o presidente se esquia de falar à imprensa por decisão técnica imposta pelos formuladores do marketing presidencial.

A que você atribui esse retraimento do presidente, antes sempre disponível para entrevistas à imprensa?

enviada por Moderador

13/05/2003 21:28

Mídia cooptada

No artigo "Um encontro para ser esquecido", Alberto Dines condena o anúncio do governo de um "entendimento" com 32 grandes empresários dos meios de comunicação de todo o país, por ter deles obtido a promessa de apoio total às reformas da Previdência e tributária. "Melhor se ficasse calado", comenta o editor-responsável do Observatório da Imprensa.

A situação aqui torna-se ainda mais constrangedora, diz Dines, quando se sabe que os guichês do governo continuam fechados e não se ignora a desesperadora situação financeira da totalidade das empresas de mídia no Brasil. "Quando um governo convoca a mídia é ruim para o governo. E quando ela comparece em bloco aos palácios do governo é péssimo para a mídia. Na luta pela boa imagem as duas partes ficaram muito mal."

Como você vê este "entendimento"?

enviada por Moderador

13/05/2003 21:27

Verbas para a mídia?

Luiz Weis comenta, em "Um Proer para a mídia", o impacto da entrevista dada à Folha por Luiz Gushiken, da Secretaria de Comunicação da Presidência, publicada em 11/5. Para o leitor, diz

Weis, foram três choques consecutivos. Um, a premissa: "As empresas de comunicação, de modo geral, estão atravessando um momento de grave dificuldade financeira". Dois, a indagação: "Haverá algum tipo de socorro financeiro, via BNDES, a esse setor?" Três, os finais: "Um Proer para a mídia?"

"Passada a surpresa e tendo aprendido que jabuti não sobe em árvore, este leitor ficou se perguntando: 1. Já existiria alguma coisa cozinhando nos fogões da administração para alimentar a mídia, e o repórter está sabendo? 2. Será que alguém do lado de lá do balcão sugeriu à Folha levantar o assunto, para o governo ver como as respostas poderão repercutir? 3. A Folha (ou a concorrência) vai mergulhar no tema?", reflete o autor.

Você apoiaria uma eventual ajuda financeira do governo a empresas de mídia?

enviada por Moderador

13/05/2003 21:25

Planalto de marca nova

O ex-deputado Domingos Leonelli, também ex-publicitário, critica nesta edição do OI a nova marca do governo federal, divulgada recentemente em anúncio na TV, "um alegre – quase carnavalesco – logotipo da palavra BRASIL".

No artigo "Nova marca, velho estilo", o autor afirma: "(...) Logotipos para um projeto específico ou uma campanha, vá lá... Mas da assinatura do governo federal só podem constar os símbolos da República."

Você concorda com essa opinião?

enviada por Moderador

07/05/2003 03:20

Visite o Observatório da Imprensa, que nesta edição entra em seu oitavo ano de atividades na internet.

enviada por Moderador

07/05/2003 03:18

Os últimos são os primeiros

Folha e Estadão pisaram na bola para o escritor Deonísio da Silva, que reclama, em seu artigo "Futebol, literatura, imprensa", do bairrismo dos jornalões paulistas. Segunda-feira (5/5), o Internacional de Porto Alegre, em partida dramática nuns lances, pitoresca em pelo menos um, manteve a liderança do Campeonato Brasileiro, um dos maiores do mundo. Venceu o Goiás por 2 x 1. A manchete do caderno Folha Esporte foi: "São Paulo puxa a rodada da superação do brasileiro". E no caderno Cidades/Esportes do Estadão: "Corinthians dá sorte em Fortaleza". "Que os leitores julguem por si mesmos!", indigna-se Deonísio, esperando que tal descaso esportivo de nossa imprensa não sirva de motivo para outras guerras separatistas. "Imagino o leitor gaúcho ou catarinense desses jornais, que se pretendem nacionais, elucubrando sobre os motivos que levaram o sétimo e o décimo colocados a substituírem o primeiro lugar."

Nossa mídia esportiva merece cartão vermelho?

enviada por Moderador

07/05/2003 03:17

O show do coronel Bolinha

Por que afinal abrimos tanto espaço em torno do atual secretário de Segurança Pública do Rio? Se fosse outro, haveria tamanha reverberação do fato? Mas, não sendo outro, o que já fez este? Não é melhor aguardar para cobrar resultados? As perguntas são do professor Leonel Kaz no artigo "Como plantar notícias". Kaz acredita que Anthony e Rosinha Garotinho corporificam, ao vivo e em cores, a "sociedade do espetáculo" a que o filósofo francês Guy Debord se referiu nos anos 1960. "O espetáculo na sociedade corresponde a uma fabricação concreta da alienação", sugeriu Debord. "A plantação de notícias voltou a ser atividade próspera no estado do Rio de Janeiro."

Como você vê essa mídia que rega os factóides plantados pelo "casal 20" do Palácio Laranjeiras?

enviada por Moderador

07/05/2003 03:16

Vozes do mercado

Os colunistas de economia estão felizes como pintos no lixo com a reforma da Previdência. Aos poucos, diz o professor Muniz Sodré em "A metonímia enganadora", aparece na própria imprensa a verdadeira razão da urgência da reforma. Para ele, os jornalistas precisam estudar mais teoria para entender a quem interessam certas medidas do governo. "Não é preciso nenhuma grande teoria para se saber que o "deus" por trás desse novo espírito previdenciário não é o mesmo Deus da Providência que pode ter inspirado o velho espírito do Estado liberal", afirma. "O de agora é mesmo o Mercado, com maiúscula". E completa: "É impossível, assim, deixar de teorizar, quer dizer, de pensar pelo menos um pouquinho. E este é o verdadeiro desafio às escolas de comunicação e ao jornalismo socialmente responsável."

Em sua opinião, o que falta à imprensa na cobertura das reformas é mais teoria?

enviada por Moderador

30/04/2003 00:48

Argentinos relegados

No artigo "Não se dança tango deitado na rede", Alberto Dines, editor-responsável do OI, traça um panorama sombrio das editorias de Internacional dos nossos jornais: em meados da década de 1990, "um solitário idiota mandou fazer uma daquelas pesquisas idiotas, e concluiu que 'internacional não vende' e, logo, todos os idiotas concorrentes começaram a liquidação das respectivas coberturas internacionais tanto nos jornais e como nas revistas", diz. "Resultado: o leitor brasileiro é hoje, em sua grande maioria, um semi-analfabeto em questões internacionais. Só o Estado de S. Paulo se preocupou em preparar matérias dominicais sobre a eleição Argentina. Os demais só despertaram às vésperas do pleito.

Cobertura internacional se faz de duas maneiras, alerta Dines: com correspondentes locais ou com jornalistas especializados nas redações. De nada adianta despachar quatro dias antes os Supermen que entopem o jornal com páginas e mais páginas de texto, opiniões, mundanidades e transcendências. Para Dines, este tipo de cobertura maciça não interessa ao leitor médio. Ele não tem tempo, ânimo e apetite para digerir toneladas de informação. "O bom jornalismo pressupõe o equilíbrio entre movimentos espasmódicos e os impulsos contínuos."

Você acha que o brasileiro não se interessou pela eleição Argentina devido à omissão dos jornais ou nossos jornais relegam os países vizinhos porque o brasileiro não se interessa por eles?

enviada por Moderador

30/04/2003 00:45

Mídia de poucos

"A mídia está concentrada demais. Poucos são donos de coisas demais", disse Ted Turner num seminário na Califórnia. "Só cinco companhias controlam 90% do que lemos, vemos e ouvimos. Isso não é saudável", acrescentou. A informação está no artigo "Excessos patrióticos e a concentração da mídia", de Argemiro Ferreira, correspondente da Globo News. Argemiro cita Ben Bagdikian, autor de O monopólio da mídia, que em 2000 escreveu: "Houve 12 mil fusões só em 1998, no valor de US\$ 1,5 trilhão. Em muitas, o beneficiário maior não foi o público e nem, ironicamente, os acionistas comuns, mas os executivos e firmas de investimento que fizeram os arranjos."

Em sua opinião, a concentração da mídia em todo o mundo, inclusive no Brasil, compromete uma visão pluralista dos acontecimentos ou a tendência em nada influencia essa visão?

enviada por Moderador

30/04/2003 00:39

Jornalista deve ter blog?

O correspondente Joshua Kucera, free-lancer da Time, parou de atualizar seu blog, The Other Side, desde 28 de março, a pedido da revista. Antes, em 21/3, a CNN.com emudeceu o blog de Kevin Sites, também correspondente na invasão do Iraque. Agora foi a vez de Denis Horgan, editor de turismo do Hartford Courant, de Connecticut, conta Beatriz Singer no artigo "Temporada de caça aos blogs". O jornal obrigou-o a abandonar seu hobby, que exercia em casa.

Você considera que há conflito de interesse entre blogs pessoais de jornalistas e os veículos em que trabalham?

enviada por Moderador

23/04/2003 12:53

Você gosta de pescoção?

Uma das mais antigas queixas do Observatório da Imprensa é a prática das redações de fazer na sexta-feira à noite o jornal de domingo. No caso de um feriadão como da Semana Santa, não raro o jornal é feito na noite de quinta. O editor-responsável do OI, Alberto Dines, volta ao tema nesta edição, em "Feriadão e blecaute de informação": "A verdade é que através do pescoção os empresários fingem que oferecem um serviço regular, periódico e os profissionais fingem que estão alertas enquanto a sociedade descansa ou se diverte. Como os capitalistas não querem pagar horas extras a grandes equipes e os profissionais têm medo de exigi-las quando voa o passaralho [demissão em massa], o tal do pescoção, embora não seja rima, é solução.

Dines chama essa prática de "crime de lesa-informação", como demonstra o fato de que a tragédia em Cabo Frio, ocorrida sábado, às 12h20, não estava nas edições nacionais dos jornais dominicais do Rio de Janeiro. E se, por hipótese, ocorresse no Guarujá não estaria nas edições nacionais dos jornais de São Paulo. "Então, para que servem as edições nacionais? São placebos jornalísticos?", pergunta. "Para quem não sabe o que é placebo, leia-se 'empulhação'."

Você se sente enganado ao ler um jornal requeentado?

enviada por Moderador

23/04/2003 12:50

Procura-se um caminho

No artigo “Em busca do sentido perdido”, o professor da UFRJ Muniz Sodré comenta a especulação geral sobre a finalidade dos freqüentes ataques de bandidos, com tiros e granadas, a determinadas zonas e serviços do Rio de Janeiro, a exemplo dos atentados a cabines policiais, trezinho do Corcovado, fachadas de hotéis, ônibus e prédios públicos. A mídia, diz ele, recorre a explicações óbvias: “Os últimos ataques teriam sido uma represália à prisão do bandido tal, braço-direito de um maioral”.

“No horizonte dessa crise ética e afetiva, estão a cumplicidade coletiva com o uso da droga e a indiferença generalizada à política ativa, deixada por conta de um Estado voltado apenas para seus imperativos fiscais, no fundo para a manutenção vegetativa de seu próprio aparato de poder”, acrescenta. E conclui: “O jornalismo cívico ainda aguarda uma compreensão mais funda desse fenômeno.”

Em sua opinião, a mídia está perdida na explicação do fenômeno da criminalidade no Brasil?

enviada por Moderador

16/04/2003 03:25

Jornalismo transgênico

Durante anos a mídia cobriu a questão dos alimentos geneticamente modificados de forma superficial, “vocalizando os alarmistas, os desinformados e os militantes do pró e do contra”, ou se dedicando a factóides, “como as ações do ativista francês José Bové nos campos gaúchos”, comenta em “A imprensa e os transgênicos”, nesta edição, Luiz Egypto, redator-chefe do Observatório da Imprensa. Agora que o assunto voltou à tona, com a polêmica liberação da safra irregular gaúcha de soja transgênica, o Estadão deu incomum – e hermética – chamada de capa (“Transgênico não faz mal: tese na USP e Embrapa”) ao lançamento do livro Transgênicos: bases científicas de sua segurança ”.

Egypto entrevista o autor do livro e avalia que tal chamada “faz pensar que a mídia, com medo de ser politicamente ‘incorreta’, nos últimos anos comeu mosca num assunto crítico”. A íntegra do texto está aqui.

Você considera que a imprensa tem prestado um serviço realmente público em assunto tão fundamental quanto os transgênicos?

enviada por Moderador

16/04/2003 03:24

Notícia mal-passada

A moda surgiu em 1991: um âncora de TV começou a botar no ar notícias ainda em fase de apuração, conta o jornalista Claudio Julio Tognolli, no artigo “A ilógica do barro”. O furo consistia em dar primeiro que ninguém a história, mesmo que fosse uma meia-verdade. Agora, na invasão do Iraque, Major Garrett, correspondente da Fox News no Pentágono, ao comentar informações de que os EUA teriam encontrado provas de armas químicas, Garrett repetiu cinco vezes, em três

minutos e 40 segundos, que a informação não estava confirmada. “Mas, pelo que pude apurar, tudo leva a crer que isso seja verdade.”

Você, telespectador, engole notícias assim, tão mal-passadas? Como você vê esse tipo de jornalismo?

enviada por Moderador

16/04/2003 03:21

Jornalismo incompleto

O que terá feito o casal Roseana/Jorge Murad do dinheiro apreendido [durante a campanha eleitoral] e depois devolvido pela Justiça? A pergunta é do jornalista Chico Bruno, no artigo “A mídia começa mas não termina”. Outro exemplo de falta de apuração rigorosa é o caso dos grampos baianos, para ele tratado na imprensa de “maneira burocrática”. A verdadeira razão para o governo veicular ampla campanha publicitária sobre a Reforma da Previdência, afirma, é que o resultado de duas pesquisas sobre o assunto demonstrou que grande parte da população pouco sabe sobre o tema. A mídia, porém, não percebeu a notícia que saltou dos números, pedindo investigação.

“Ao não se aprofundar na apuração a mídia faz jornalismo incompleto”, critica Chico Bruno. Você também sente falta de continuidade na investigação das notícias, que ganham manchetes e depois são esquecidas?

enviada por Moderador

08/04/2003 19:38

Grampolândia em extinção?

Nesta nova edição do Observatório da Imprensa, Alberto Dines afirma que os depoimentos dos jornalistas Luiz Cláudio Cunha e Weiller Diniz (da revista IstoÉ) no Conselho de Ética do Senado (3/4/03) vão entrar para a história e encerrar definitivamente a Era do Grampo, que desfigurou o jornalismo e comprometeu a credibilidade da reportagem investigativa na Capital Federal. “O jogo brasileiro será mais limpo. O pacto de silêncio, a omertá foi rompida: bandidos de um lado, jornalistas de outro.”

Em sua opinião, este episódio poderá realmente marcar o fim do uso antiético de fitas gravadas ilegalmente?

enviada por Moderador

08/04/2003 19:36

Cega, surda e muda

O professor Muniz Sodré, da UFRJ, comenta no artigo “A notícia nas entrelinhas” nota recente na coluna de Ancelmo Góis (O Globo), de que a “bancada do crime” na Câmara Federal teria 30 integrantes. Isso suscitaria dois tipos de escândalo para a cidadania: primeiro, a informação de que a criminalidade possa ter-se organizado a tal ponto. “O segundo é que uma informação dessas, ainda que seja aparentemente especulativa, não tenha provocado qualquer comoção pública, ou mesmo jornalística.” Para Sodré, “a imprensa tem aí um papel a cumprir, ampliando e esclarecendo (...) a pequena nota.

A que você atribui a omissão da imprensa diante de tão grave denúncia? Preguiça? Descompromisso com a sociedade a que deve servir? Rabo preso com algum deputado da “bancada”?

enviada por Moderador

08/04/2003 19:35

Hipocondria irresponsável

As matérias de capa de Época e IstoÉ (7/4 e 9/4) sobre o surto da pneumonia asiática não ajudam a sagrar a mídia como agente de prevenção, diz Alberto Dines em “SARS e a síndrome do pânico”. Na visão do editor do OI., o tom sensacionalista funciona ao contrário: público e autoridades percebem os exageros e se desmobilizam.

“O jornalismo médico exige profissionais treinados, com domínio da matéria e capacidade de expô-la no tom adequado à gravidade da situação”, afirma Dines.

Você levou a sério as matérias de capa das duas revistas?

enviada por Moderador

02/04/2003 03:08

A 1ª Guerra Midiática

“Esta é a 1ª Guerra Midiática. O campo de batalha somos nós – enquanto leitores, ouvintes, telespectadores, internautas e jornalistas. Não estamos sendo atacados por foguetes ou bombas inteligentes, mas por uma gigantesca barragem de informações, espertas ou estúpidas, corretas ou falsas, objetivas ou ensandecidas.”

Assim Alberto Dines descreve, em “O campo de batalha somos nós”, o bombardeio de notícias de que tem sido alvo o público, para concluir: “Perdido no campo de batalha, está reclamando uma voz ponderada capaz de desvendar a dimensão do acontecimento no qual está envolvido e, ao mesmo tempo, acalmar seus medos diante dos seus desdobramentos. Procuram-se personal editors.”

Você, leitor, tem conseguido encontrar na mídia análises mais abrangentes das informações, que o ajudem a consolidar sua opinião sobre o conflito no Iraque?

enviada por Moderador

02/04/2003 03:06

Olha a língua!

No bem-humorado artigo “Tratos à língua e pauladas na mãe”, Deonísio da Silva retoma um de seus mais caros – e necessários – temas: a implacável perversidade de que é vítima a língua em nossos jornais. “Não vou assinar este artigo como Simão Bacamarte, mas O Alienista e Machado de Assis, entre outros, precisam ser lidos constantemente”, diz ele. “É freqüente que nossa imprensa apresente textos escritos por indivíduos quase ágrafos. Indivíduos ou elementos? A polícia diz sempre elementos. Eles costumam evadir-se, em vez de fugir.”

Para Deonísio, se a língua é também instrumento de cidadania, que seja protegida e defendida. “E, principalmente, estudada.”

O texto jornalístico em nossa mídia, de modo geral, tem sido de seu agrado?

enviada por Moderador

02/04/2003 03:02

Estatísticas e artimanhas

Na cobertura da última Pesquisa Mensal de Emprego, divulgada pelo IBGE na sexta-feira, 28 de março, os jornais destacaram nos títulos o aumento do desemprego em fevereiro, comenta a jornalista Rosa Lima, no artigo "Falácia e eficácia das estatísticas". Tecnicamente, os jornais não erraram: a taxa de fato subiu 0,4 ponto percentual. Mas, jornalisticamente, erraram. "Por quê? Simplesmente porque não há nada de novo no fato de a taxa de desemprego ser mais alta em fevereiro do que em janeiro. Todo ano é assim."

Segundo Rosa, a notícia real estava no fato de que a taxa recuou entre fevereiro de 2002 e fevereiro último, num cenário de inflação, juros altos e, portanto, baixa atividade econômica. "Esse erro de interpretação pode parecer banal. Mas é bom lembrar que esta foi a primeira pesquisa sobre o mercado de trabalho do governo Lula. No mínimo, os leitores terão a impressão de que o desemprego cresceu neste governo."

Você reconhece com facilidade essas artimanhas usadas pela imprensa para pôr "mais molho" nas matérias?

enviada por Moderador

26/03/2003 04:47

A derrota da mídia

A invasão do Iraque ocupou esta edição do Observatório da Imprensa. Além de 26 cartas de leitores, de 51 textos reproduzidos da imprensa brasileira e 12 da estrangeira, há 20 artigos inéditos na rubrica Mídia vai à Guerra – todos com críticas mais ou menos contundentes à cobertura do conflito: de Alberto Dines, condenando o "marketing da indignação" dos opinionistas que apelam para a "vociferação simplista e reducionista", ao estudante Marcelo Salles, que lembra um esquema de "script approval" sobre as matérias da CNN, traduzido por ele como "censura prévia".

A jornalista Ana Lagôa escreveu ao OI para reclamar do editor de texto do telejornalismo da TVE, que continua chamando a invasão de guerra e a coalizão de aliados. "A TVE pertence ao povo brasileiro, e o povo brasileiro, nas ruas e na sua representação legítima – o governo federal –, repudia a ação dos EUA e seus parceiros. E isso implica não reconhecer aquilo como uma guerra. EUA ou França x Vietnã não é guerra. É invasão. EUA x Iraque, EUA x Afeganistão, EUA x Panamá, EUA x Cuba... tudo isso é invasão", escreve ela. "EUA + França + Inglaterra x Alemanha + Itália + Japão é guerra."

Para você, como está a cobertura? Algum descuido ou vício em especial tem chamado sua atenção?

enviada por Moderador

26/03/2003 04:46

Fique, egüinha Pocotó!

No texto Longa vida à egüinha Pocotó, uma trégua para boas gargalhadas nestes tempos de choque e pavor, o engenheiro Antonio Fernando Beraldo faz um balanço do som que atualmente toca em nossas rádios e defende a permanência, por muito tempo, da "música" de MC Serginho

nas ondas. “É uma chatura, mas já tivemos coisa muito, mas muuuuuuuuuito pior a ‘ferir os nossos ouvidos’ (obrigado, Noel)”, diz ele. “Alguém se lembra do Bonde do Tigrão? E do Claudinho e Bochecha? E do Tiririca?” Beraldo torce, então, para que a egüinha Pocotó empaque nas rádios. “É a nossa garantia do adiamento do lançamento de ‘produtos’ tão piores que só o capeta sabe. Pó-có-tó, pó-có-tó, pó-có-tó. E a lacraia, por que não?”

Você está entre os que temem, como Beraldo, “o que vem por aí”?

enviada por Moderador

26/03/2003 04:45

Colômbia e Cuba

Mais um jornalista assassinado na Colômbia: Luis Eduardo Alfonso, ironicamente, diretor do Programa de Proteção a Jornalistas do governo colombiano, foi morto na terça-feira, 18 de março, na cidade de Arauca. Em Cuba, 20 jornalistas foram presos, entre eles Raúl Rivero, também poeta, diretor da agência clandestina Cuba Press, detido no dia 20/2. Leia as duas notícias, em espanhol, aqui e aqui, a primeira divulgada pela agência Interprensa, a segunda pela organização Repórteres Sem Fronteiras.

O assassinato de Tim Lopes causou um terremoto no Brasil, mas os tremores pararam. Notícias de mortes e prisões de jornalistas abalam sua confiança na democracia ou têm o mesmo peso de qualquer outra morte ou prisão?

enviada por Moderador

18/03/2003 21:25

A cegueira da mídia

“A humanidade nunca foi tão informada e nunca esteve tão desinformada.” A frase está em “Nada de novo no front da mídia”, texto em que Alberto Dines afirma que a mídia impressa – aquela que explica, baliza, relaciona e interpreta – está mimetizando a mídia eletrônica, fascinada pelos impactos, sínteses, imagens, espetáculo. A mídia não conseguiu explicar aos pacifistas o que é o pacifismo, não conseguiu mostrar que ser contra a guerra não significa ser a favor de Saddam Hussein e ainda por cima perdeu a magnífica oportunidade de contextualizar a Cúpula dos Açores, no domingo (16/3): a Espanha de José Maria Aznar dominou o mundo do fim do século 16 ao 17. A Inglaterra de Tony Blair dominou o mundo no século 18 e 19 (até o começo do 20). E os EUA de Bush dominam o mundo ao longo do século 20 até o 21. Portugal, o anfitrião, foi sombra da Espanha e da Inglaterra.

“Aula viva de cinco séculos de história, cúpula das hegemonias passadas, clube exclusivo de fantasmas, objeto de desejo dos tiranos autônomos (Bonaparte, Hitler e Stalin). Se o noticiário internacional da grande mídia impressa não consegue descortinar panoramas com tais perspectivas não precisamos perder tempo com a mídia impressa – um talk-show será mais eficaz”, lamenta Dines.

Você concorda em que nossa mídia não sabe enxergar a dimensão dos fenômenos que cobre?

enviada por Moderador

18/03/2003 21:10

As revistas piraram

“Uma publicação que negligencia a apuração factual para reiterar uma petição de alinhamento incondicional deve ser tratada como produto jornalístico?” Gilson Caroni Filho faz esta pergunta ao analisar a matéria de capa da Veja que está nas bancas. Como se quisesse “mostrar serviço ao improvável assinante que mora no oeste do Texas”, a revista compra na íntegra, com pequenos reparos “táticos”, a doutrina de segurança de Washington. Já Alberto Dines condena a IstoÉ por dedicar quase seis páginas à visita próxima do picareta Raël, codinome do espertalhão francês Claude Vorilhon – tratado na matéria como Sua Santidade. Em “Apelação para clones compromete seriedade”, Dines diz que uma publicação que, a esta altura, ainda leva a sério os raelianos corre o risco de não ser levada a sério.

Em sua opinião, nossas revistas semanais estão perdendo o rumo?

enviada por Moderador

18/03/2003 21:08

Seu jornal está bom?

No artigo “Notas de um leitor”, o jornalista Luiz Weis enumera qualidades (poucas) e mazelas (muitas) da nossa imprensa diária. Há um elogio solitário à indignação do Estadão na cobertura de um atropelamento, mas sobram críticas à imprecisão das informações, à indigência gramatical dos textos, às entrevistas recheadas de burocratismo. Nesta mesma edição, Beatriz Singer assina o artigo “Em busca dos lucros perdidos”, que descreve a situação financeira periclitante dos jornais: jornalistas estão sendo demitidos, os salários estão atrasados, os gastos estão congelados. Lembra a crise dos jornais brasileiros? Claro que sim, mas o texto na verdade trata da imprensa britânica.

Haverá relação de causa e efeito entre qualidade e insucesso financeiro? Como anda o desempenho do seu jornal de todos os dias? Você está satisfeito?

enviada por Moderador

12/03/2003 16:24

Guerra e carnaval

A invasão ao Iraque é iminente, mas a indústria midiática já não agüenta mais postergar a notícia, que, dada “em tom novelístico, não sabe mais de onde extrair ‘capítulos’, em ritmo de anticlímax”. É o que afirma Ivo Lucchesi em seu recente artigo ao Observatório da Imprensa.

O autor não fala apenas de factóides da guerra. “Seria injustiça com quem faz cobertura jornalística sobre política se igual julgamento não se estendesse a outras áreas temáticas. O recém-findo carnaval deixou inestimável colaboração. Sem entrarmos no mérito de que os ‘desfiles’, há muito, tornaram-se negócios e show, desta feita – pelo menos no Rio de Janeiro – deu-se algo que provavelmente em outra região do mundo causaria, na melhor das hipóteses, profundo mal-estar e, na pior delas, processo.”

Você acha que, na ânsia de noticiar um assunto em pauta, a mídia cai na mesmice e se atém a factóides de gosto do público, desviando-se da pauta original?

enviada por Moderador

12/03/2003 14:38

Canibalização e tragédia

Ao comentar as negociações para uma "associação" entre a Gazeta Mercantil, octogenário jornal de economia, e a Marítima Engenharia e Petróleo, Alberto Dines afirma que "estamos diante do mais dramático episódio da mais grave crise econômica que se abateu sobre a imprensa brasileira desde o início do século 20".

No artigo intitulado "Réquiem para uma Bolha", Dines disse que "de nada adiantam a profissionalização e a qualificação editorial se os mesmos padrões de competência não são adotados na operação empresarial."

Você acha que a Gazeta Mercantil está aceitando sua própria tragédia e decadência ao se atrelar à Marítima Engenharia e Petróleo, ou está tentando se reerguer?

enviada por Moderador

05/03/2003 18:08

Abre alas ao narcotráfico

Alberto Dines, no artigo "Momo adora misturar narcoterrorismo com bumbum das passistas", nesta edição do OI, afirma que, diferentemente do passado, hoje a seção em que o jornal enfia grandes reportagens é de grande importância.

"A Síndrome do Particularismo é uma visão de mundo deformada. Não é um desvio ótico, é mental. Quando os jornais de São Paulo – os mais importantes do país – enfiam a cobertura dos novos ataques do narcoterrorismo ocorridos no Rio de Janeiro para o caderno "Cidades" (caso do Estado de S.Paulo) ou "Cotidiano" (caso da Folha), revelam sua incapacidade para dimensionar um problema institucional, o mais grave ocorrido desde a posse do novo governo. Não estão sendo provincianos apenas, mas também perigosamente insensíveis porque um dos principais atributos do jornalista é a sua aptidão para hierarquizar e relacionar os acontecimentos.

"E se os colegas cariocas não tiveram a fibra para puxar a cobertura daqueles dias de terror na sua própria área de atuação para as primeiras páginas dos seus primeiros cadernos, demonstram uma perigosa submissão à própria estratégia narcoterrorista voltada para minimizar os aspectos políticos da sua atuação."

Você acha que a posição geográfica das reportagens sobre narcoterrorismo revela uma subserviência da mídia ao narcoterrorismo?

enviada por Moderador

04/03/2003 19:08

O entrevistado manda, o repórter faz

O jornalista da CBS Dan Rather aceitou entrevistar Saddam Hussein com a condição de que a edição das fitas ficasse por conta do Iraque. O artigo "A entrevista de Saddam à CBS", de Beatriz Singer, conta que a Casa Branca se enfureceu com a iniciativa, alegando que Saddam faria propaganda sem possibilidade de defesa ou resposta do governo americano.

No entanto, imediatamente após o 11 de setembro, o governo americano também se portou de maneira a sobrepor o nacionalismo à liberdade de expressão: "tentou suspender a transmissão de uma entrevista feita com Osama bin Laden para a rádio Voz da América; repreendeu publicamente um apresentador de TV que criticou as Forças Armadas; e causou a demissão de repórteres de jornais do interior por questionar algumas medidas do presidente Bush", diz o artigo, publicado nesta edição do OI.

Você acha que a posição da CBS foi antijornalística ou apenas se adaptou à situação e merece congratulações?

enviada por Moderador

04/03/2003 18:51

Quando o repórter também é juiz

O off é uma instituição sagrada do Jornalismo. Protege e eleva, não podendo, por isso, ser desprotegido e rebaixado. As afirmações são de Luiz Cláudio Cunha, editor da sucursal de Brasília da revista IstoÉ. "O off mentiroso rebaixa e fragiliza o jornalismo. O off criminoso condena e acumplicia o repórter. O repórter tem a obrigação de saber quando o off serve para o bem ou para o mal. Ele é o juiz irrecorrível, primeiro e único, desta terrível decisão. O repórter sustenta o off quando o off sustenta o jornalismo e a busca da verdade."

Em artigo publicado no OI, Luiz Cláudio Cunha afirma que o senador ACM, "ao não dizer a verdade e ao disseminar o produto de um crime constitucional, deixou de ser fonte. Passou a ser a própria notícia. E repórter não mantém a notícia em off. Repórter caça a notícia. ACM deixou de ser caçador para virar caça. O off virou contra o feiticeiro."

Você acha que o off que ACM pediu mereceu ser ignorado por sustentar um crime?

enviada por Moderador

26/02/2003 02:28

Cotas: mídia toma partido

"Se há um tema em que toda a imprensa é unânime é no combate ao sistema de cotas implantado este ano pela primeira vez na Uerj. O tema é polêmico, claro, gera paixões, acirra posições. E o pior: ameaça parcela significativa da classe média branca com o risco real de perda de direitos."

Assim começa o artigo de Victor Gentili, editor da área acadêmica do OI. Em "Política de cotas e democracia racial", Gentili lamenta que a imprensa recorra à Constituição para condenar o sistema de cotas para negros e pardos. "É triste ver um importante passo na redução das desigualdades correr o risco de se perder por culpa de uma imprensa conservadora, atrasada e facciosa."

Você se considera bem-informado sobre a questão das cotas raciais?

enviada por Moderador

26/02/2003 02:26

Você aprova o grampo?

"As transcrições de escutas telefônicas – legais ou ilegais – ganharam tanta importância na cena política brasileira por uma única razão: encontraram uma freguesia ávida para publicá-las. Os fornecedores de grampos descobriram um 'mercado' receptivo aos seus produtos. Fita virou release e os políticos que as distribuíram converteram-se em assessores de imprensa que negociam sua 'mercadoria' em troca de destaque ou exclusividade."

As frases acima, trechos do artigo "Máfia do grampo e cumplicidade da mídia", de Alberto Dines, expõem uma imprensa praticamente fora-da-lei, por dar abrigo à transcrição de fitas gravadas a partir de grampos ilegais, plantados em telefones de desafetos segundo os interesses de políticos e empresários. A imprensa argumenta que isso interessa ao leitor.

Você gosta de ver na mídia o resultado dos grampos ilegais?

enviada por Moderador

26/02/2003 02:16

Marta, revanche, interesses

Millôr diz que “imprensa é oposição, o resto é armazém de secos e molhados”. Que jornalista merecedor de tal título pode discordar? Pois Rui Falcão e Lino Bocchini, jornalistas partícipes da administração Marta Suplicy na prefeitura de São Paulo, procuram mostrar, em longo artigo nesta edição do Observatório da Imprensa, que a cobertura dos assuntos municipais paulistanos ultrapassou em muito o patamar da oposição: virou busca de revanche. O interessante é que isso a dupla de autores do texto “A imprensa e o governo Marta Suplicy” compreende e aceita. “O que não se admite é fazê-lo de forma encoberta, mascarando seus interesses e utilizando jornalismo de péssima qualidade para tentar enganar o público.”

Você, paulistano, aprova a cobertura da imprensa de sua prefeitura?

enviada por Moderador

19/02/2003 02:45

Fim de carreira?

No artigo “O fim das oligarquias nas mãos da mídia”, Alberto Dines avalia o escândalo dos grampos na Bahia como “grande demais, profundo demais, chocante demais para ser controlado”, podendo representar o começo do fim do coronelismo na mídia brasileira. Escreve Dines: “A mudança que não foi prometida e a esperança que não foi desfraldada podem materializar-se antes dos 100 dias do novo governo. O fim das oligarquias representa o fim do clientelismo e aberto estará o caminho para o Fome Zero, a Sede Zero e a Decência 100. Depende da mídia.”

Você acha que a imprensa será capaz, desta vez, de ir até o fim nas investigações sobre os desmandos do senador ACM?

enviada por Moderador

19/02/2003 02:42

ES enfim na pauta

“Nesta semana, os jornalões dignaram-se a tratar da crise capixaba”, constata Victor Gentilli, editor do OI, no artigo “De volta à pauta”. “Foi preciso suspender o mandato de sete deputados e a Justiça considerar a primeira eleição da mesa-diretora da Assembléia Legislativa sem valor legal para que se percebesse que havia notícia no Espírito Santo.” Com as revelações desta terça-feira, dia 18, de que governo, deputados e empresários desviavam recursos da folha de funcionários, a imprensa nacional deve se ocupar mais ainda do crime organizado no ES.

A que você atribui o descaso da imprensa dita “nacional” com as notícias regionais?

enviada por Moderador

19/02/2003 02:41

Moral guerreira

Vários artigos desta edição do Observatório da Imprensa comentam o papel passivo da mídia na cobertura dos preparativos de George W. Bush para invadir o Iraque. Para o jornalista e professor da UFRJ Muniz Sodré, assistimos à predominância de uma “moral guerreira” que se estende à imprensa. Como exemplo, ele cita uma foto do Globo mostrando uma família americana típica, o pai soldado com o bebê no colo, a mãe com uma bazuca na mão. “A foto da primeira página de O Globo pode ser ‘lida’ como outro sintoma da neobarbárie”, diz Sodré.

Em sua opinião, à mídia caberia um papel mais crítico da guerra?

enviada por Moderador

12/02/2003 13:16

Um juiz na redação

“(…) A nova incursão da censura não foi contra os leitores da revista Você S/A, não foi contra a Editora Abril e seus jornalistas, foi contra você, nós, todos os cidadãos que imaginam viver num Estado de Direito, republicano, democrático e justo.” A frase contundente de Alberto Dines, expressa em “Mordaza em você”, vem sendo por ele repisada – e quase que solitariamente – há três anos, período em que assistimos “inermes e apáticos” a uma escalada da violência judiciária, pseudamente legal. Breve, diz o autor, teremos nas redações, no lugar de redatores e editores, advogados e juízes.

Você considera legítima a chamada censura togada?

enviada por Moderador

12/02/2003 13:14

Oportunistas abandonam o barco

Efeito inesperado da decisão da juíza Carla Rister, que extinguiu a exigência de formação específica para o exercício do jornalismo, a procura pelos cursos de Jornalismo nas escolas particulares, que vinha num crescendo, começa a dar sinais de queda. Nos cursos mais disputados, a relação candidato-vaga ficou menor. “Cursos importantes estão com dificuldades de fechar turmas”, conta em “O efeito inesperado” Victor Gentilli, editor da área acadêmica do Observatório da Imprensa.

Gentilli considera auspiciosa essa constatação: quem estudava Jornalismo apenas pelo diploma busca outros caminhos. Você concorda?

enviada por Moderador

12/02/2003 13:13

Muito axé, pouca leitura

O escritor Deonísio da Silva sonha com uma era em que o analfabetismo será reduzido e o Fome Zero, desnecessário. Acredita ele que, então, os brasileiros deixarão de usar apenas o ouvido – e assim mesmo numa só tomada, aquela dos sucessos fáceis, deixando à míngua grandes artistas da nossa MPB – e se integrarão à Galáxia Gutenberg, interessando-se por boa literatura. “Por enquanto, o showbiz está pegando o povo apenas pelo ouvido. O resto está muito distante ou nem aparece diante dos olhos desse público descomunal”, diz ele no texto “Muita música e poucos livros”.

Por que, em sua opinião, o brasileiro prefere axé music a livros?

enviada por Moderador

04/02/2003 17:43

Denuncie a baixaria na TV

O OI já estava com sua edição semanal nas telas quando o professor da UnB Paulo José Cunha enviou matéria de Evanildo da Silveira, do Estadão, com uma boa nova: “A Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados abrirá, nesta semana, um novo canal para receber denúncias e reclamações de pessoas insatisfeitas com o nível da programação da TV brasileira. Até sexta-feira deverá entrar no ar o site Ética na TV, fruto da campanha Quem Financia a Baixaria é contra a Cidadania, lançada em novembro. Do movimento resultou também a cartilha, de mesmo nome, publicada em 24 de janeiro, durante o Fórum Social Mundial, em Porto Alegre.”

Você vai usar esse canal para se queixar da baixaria na TV?

enviada por Moderador

04/02/2003 17:40

Jornalismo fiteiro, o retorno

Em A volta triunfal do jornalismo fiteiro, Alberto Dines comenta a gravação clandestina da reunião do ministro Antonio Palocci com a bancada do PT. A matéria fez barulho, revelou um racha de razoável tamanho no partido do governo, a direção do PT reagiu impulsivamente, mas o saldo desta reentrée do jornalismo fiteiro foi péssimo para a imprensa”, avalia Dines. Para o editor do OI, o que aconteceu viria à tona naturalmente, sem necessidade de pseudogrampos. “Brasília tem um excelente quadro de repórteres políticos que dispensa o uso de recursos desse tipo.”

Como leitor, você se cansou do tom de escândalo que envolve a vida política brasileira?

enviada por Moderador

04/02/2003 17:37

Internet e democracia

O webmaster Rogério Gonçalves mostra, no artigo Resta um último cartucho, que as desastrosas práticas administrativas da Anatel estão levando ao caos o gerenciamento da internet – a ponto de provocar disputas acirradas, entre provedores, em torno do acesso gratuito. O usuário assiste a tudo, impotente. Alberto Dines, em Tudo é negociável, menos os avanços, amplia o debate, pedindo a avaliação do sistema midiático como um todo. “Está na hora de examinar em profundidade a questão intocada da ‘propriedade cruzada’ dos meios de comunicação e seus efeitos perniciosos na diversificação das fontes.”

Em sua opinião, o acesso à internet é uma questão meramente técnica ou um capítulo do complexo processo de concentração da mídia brasileira?

enviada por Moderador

28/01/2003 16:59

Mídia esquecida pela mídia

Em “Mídia cobre tortas mas não cobre mídia”, Alberto Dines lembra que a mídia concedeu páginas e páginas à cobertura do Fórum Social Mundial, mas foi incapaz de registrar um evento da maior importância no painel sobre mídia, organizado pelo jornalista Daniel Herz, amplamente anunciado,

denominado “Estratégias para a democratização da mídia”. Quem leu Zero Hora, Correio do Povo, Folha de S.Paulo, Estado de S.Paulo, O Globo e Jornal do Brasil não soube se o debate ocorreu e o que lá se discutiu. O seminário trataria da concentração da mídia, de sua cartelização, da transformação dos oligarcas políticos em oligarcas midiáticos e outros graves problemas que estão na raiz das nossas aberrações sociais e políticas.

A que você atribui a escamoteação, pela imprensa, dessas informações?

enviada por Moderador

28/01/2003 16:59

A cobrança do leitor

O articulista Nelson Hoineff comenta nesta edição do Observatório da Imprensa a carta de um leitor exigindo que a quadrilha de fiscais do RJ, criminosos de colarinho branco, compartilhem o xilindró com Elias Maluco e Fernandinho Beira-Mar. “A questão é determinar se os leitores esperam que as providências para que os “piratas de colarinho” façam companhia a Fernandinho Beira-Mar partam do poder público ou da imprensa.” Hoineff lembra que Elias Maluco ganhou notoriedade ao assassinar o repórter Tim Lopes, justamente porque a imprensa estava na Favela da Grota substituindo o poder público. A televisão imiscuiu-se com microcâmeras no Complexo do Alemão porque era por isso que clamava a população local. Hoineff conclui que, para os leitores, só o estímulo permanente da imprensa obriga os órgãos públicos a colocar a mão na ferida da corrupção.

Você espera mais da imprensa no combate à corrupção?

enviada por Moderador

21/01/2003 19:06

Eu apuro, você copia

Amaury Ribeiro Jr., repórter da IstoÉ, denuncia no artigo “Os bastidores de uma cobertura” a antiética prática da cópia, cada vez mais corriqueira entre os profissionais de mídia: certos veículos publicam como suas matérias alheias, sem os devidos créditos, como ocorreu na reportagem sobre fraudes fiscais. O Globo, Correio Braziliense e Estado de Minas corretamente deram crédito à IstoÉ, assim como a Folha de S.Paulo, as rádios e a maioria das emissoras de TV. Já O Dia, Época (...) e Rede Globo usaram o material sem atribuir a investigação dos fatos à revista paulista.

Você, leitor, considera importante conhecer a fonte original das informações que seu veículo favorito publica ou acha justa a apropriação pura e simples de matérias?

enviada por Moderador

21/01/2003 19:02

Cartilha e preconceito

O Manual do deputado petista 2003, que reúne recomendações de caráter “profissional” aos parlamentares estreados do PT, tem um capítulo destinado às lides com a imprensa. “Aqui a cartilha deixa de ser um inocente bê-á-bá (...) para converter-se num compêndio destinado a explorar as deficiências intrínsecas da mídia. Significa que o partido que controla o Poder Executivo está preparando seu pessoal da linha de frente para colocar o Quarto Poder sob suspeição”, diz Alberto Dines. “A imprensa não aparece como peça democrática, elo entre governo e sociedade, mas como perigosa instituição que precisa ser driblada e ludibriada.”

Leia algumas recomendações aos parlamentares petistas aqui e depois dê sua opinião.

enviada por Moderador

21/01/2003 18:59

Jornalismo de verão

Em “Fonoaudiologia invasiva”, Alberto Dines critica nesta edição do Observatório da Imprensa a matéria de página inteira da Folha sobre as deficiências de dicção do presidente. Escreve Dines: “Se uma autoridade sofre de gagueira, miopia, insônia, ejaculação precoce, prisão de ventre, tem o lábio leporino, nariz operado, implante dentário, seios de silicone, língua presa ou qualquer outro diferencial físico ou médico é problema da sua esfera privada.” Para o editor do OI, se a personalidade pública não corre risco de vida nem tem suas faculdades mentais prejudicadas a questão não é de interesse público. “Sua exploração fere o decoro jornalístico.”

Você vê pertinência nas matérias sobre tais assuntos?

enviada por Moderador

14/01/2003 19:22

Cartelização da imprensa

No artigo “Hora de mudar a propriedade múltipla”, Alberto Dines aprofunda a análise sobre a concentração dos meios de comunicação, que condena há tempos aqui no OI. Agora, ele retoma o tema partir de editorial do Estadão. Escreve Dines:

“No Brasil, a cartelização da imprensa é atávica e orgânica, fisiologicamente vinculada às oligarquias políticas e ao processo de distribuição do poder regional. Se o Brasil quer mudar, precisa mudar a partir de um processo de desconcentração da mídia. Assim como a reforma da Previdência tornou-se inevitável e inadiável, assim também o processo de descartelização da mídia já não pode ser procrastinado.”

Você acredita possível a desconcentração da mídia brasileira?

enviada por Moderador

14/01/2003 19:21

Jornalismo sem cidadania

Como muitos profissionais, o jornalista e professor Nilson Lage, da UFSC, está indignado com a decisão judicial que derruba a exigência de formação superior específica para o exercício do jornalismo. “O jornalismo”, diz ele nesta edição do Observatório da Imprensa, “perdeu sua cidadania. Volta a ser bico de estudantes de Direito (não há desembargador idoso que não diga: ‘Eu também fui jornalista’) e ocupação dos rebentos da classe dominante que pretendem fazer carreira política. Estes trabalham até de graça.”

Você concorda com Nilson Lage?

enviada por Moderador

14/01/2003 19:11

Mídia sem indignação

A ausência de indignação da imprensa ao noticiar o assassinato do índio caingangue Leopoldo Crespo, de 77 anos, em Miraguai, RS, chocou o jornalista e professor Muniz Sodré, da UFRJ. Em seu artigo “A morte do índio Leopoldo Crespo” ele diz: “O noticiário jornalístico deveria ter sido também (...) politicamente indignado. Alguma coisa de vigoroso deveria ser feito para que nenhum magistrado pudesse mais repetir a frase da autoridade gaúcha que liberou os assassinos para responder em liberdade pelo crime, segundo a qual eles estavam ‘brincando’, queriam apenas acordar o índio a pontapés.

Você considera a imprensa fria ao noticiar tais atrocidades?

enviada por Moderador

08/01/2003 15:43

Clone em mingau perigoso

No artigo “Religião e ciência, mingau perigoso”, o escritor Deonísio da Silva acha que a imprensa brasileira está levando muito a sério os experimentos genéticos da seita que alega, sem provas, ter clonado os primeiros seres humanos. Para ele, as editorias brasileiras de ciência dirigem-se a chefes de departamento, diretores, autoridades, e não aos pesquisadores. “Seria como cobrir a Renascença, por exemplo, sem ouvir Leonardo Da Vinci, e pautar apenas o chefe dele.”

A nossa cobertura de ciência pode ser considerada satisfatória?

enviada por Moderador

08/01/2003 15:34

Posse e abobrinhas

No OI desta semana, Alberto Dines lamenta, em “Pernas da senadora, tênis do comandante”, ver confirmada sua previsão de que a mídia entra na Era das Irrelevâncias. Na cobertura da posse, dois exemplos: o “provinciano deslumbramento com o vestido curto da senadora Heloísa Helena (PT-AL)” e a “perversa” fixação nos tênis de Fidel Castro. “Nos dois casos, o desbunde é evidentemente pequeno-burguês”, diz o editor do OI.

Qual sua opinião sobre esse apego da mídia às abobrinhas?

enviada por Moderador

08/01/2003 00:15

Demissão na Cásper

Professores e alunos da Faculdade Cásper Líbero, de São Paulo, enviaram ao

Observatório, após o fechamento da edição, manifesto de protesto contra a demissão sumária do coordenador de Jornalismo, Marco Antonio Araújo, sob a alegação de “quebra de confiança” – embora o cargo seja eletivo (no caso, pela unanimidade de votos dos professores), e não “de confiança”. Em maio próximo, Marco Antonio completaria 11 anos como funcionário da Fundação Cásper Líbero. Era professor titular de Jornalismo Opinativo. “As razões para esse ato de arbítrio e violência não são segredo para os que acompanham os bastidores da política casperiana”, prossegue o manifesto. “Nos últimos sete anos, a coordenadoria tem sido um foco de luta contra o pacto da mediocridade no ensino superior brasileiro e, em particular, na Cásper Líbero. Nesse período, foi implantado um projeto de excelência, fundado em severos padrões de exigência mútua entre alunos e professores, hoje reconhecido nacionalmente.”

No ensino público, não podem ser demitidos funcionários eleitos pela maioria. Em sua opinião essa prática deveria ser seguida pelas escolas particulares?

enviada por Moderador